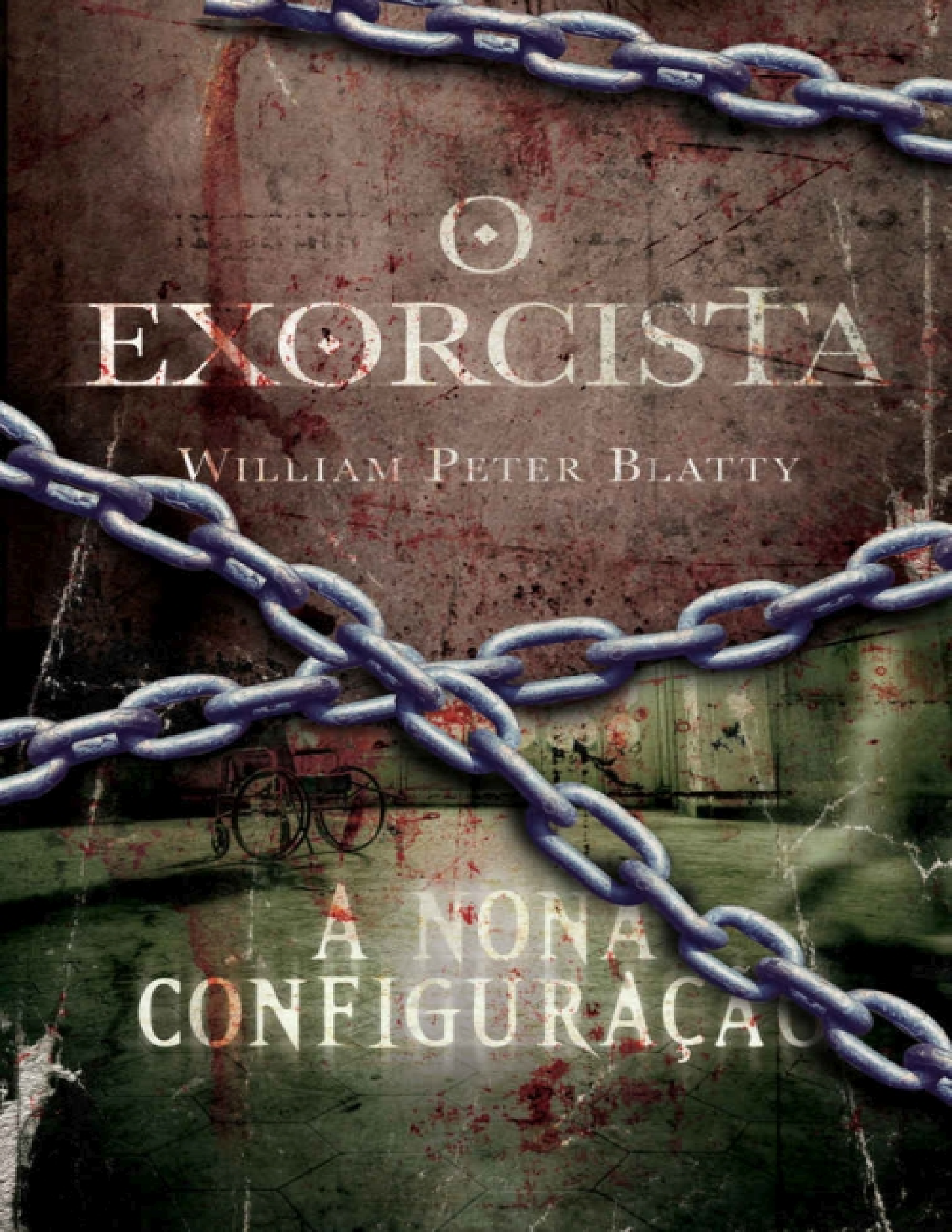

O
EXORCISTA
WILLIAM PETER BLATTY
A NONA
CONFIGURAÇÃO

Título original: THE EXORCIST
Copyright © 2013 by William Peter Blatty

Título original: THE NINTH CONFIGURATION
Copyright © 1978 by William Peter Blatty. By arrangement with the author. All rights reserved.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

HARPERCOLLINS BRASIL
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B583e Blatty, William Peter
O exorcista / William Peter Blatty ; tradução Carolina Caires Coelho. – 2. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

Tradução de: The exorcist

1. Ficção de terror americana. 2. Exorcismo – Ficção. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

13-00236 CDD: 813
CDU: 821.111(81)-3

B583n Blatty, William Peter
A nona configuração / William Peter Blatty ; tradução Alyne Azuma. – 2. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

Tradução de: The ninth configuration

1. História de suspense. 2. Ficção americana. I. Azuma, Alyne. II. Título.

13-00236 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

O EXORCISTA

Prólogo

Parte I: O começo
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro

Parte II: A beira
- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis

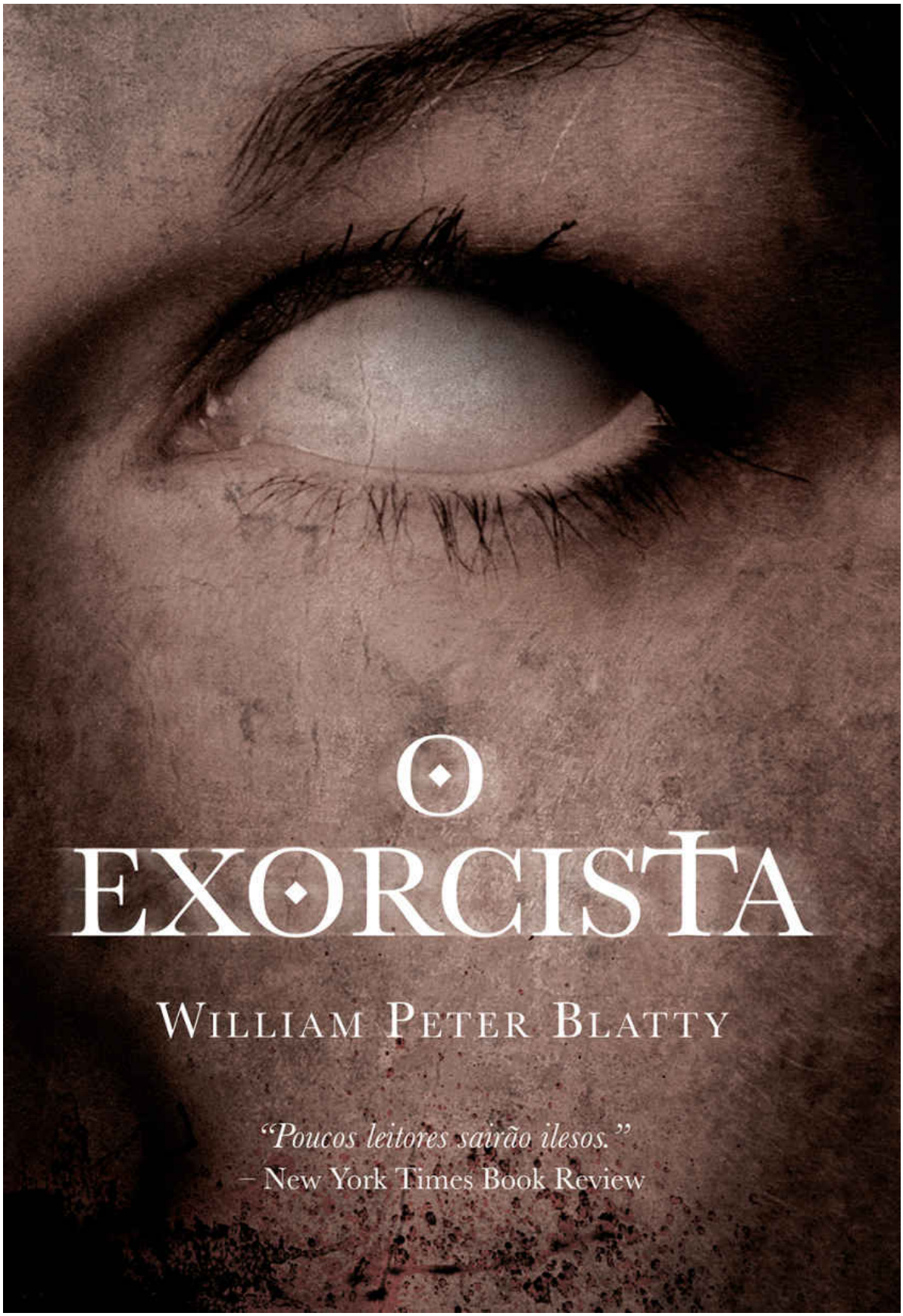
Parte III: O abismo
- Capítulo Um
- Capítulo Dois

Parte IV: “E que meu apelo chegue a Ti...”
- Capítulo Um

Epílogo
Nota do autor
Créditos

NONA CONFIGURAÇÃO

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze


O
EXORCISTA
WILLIAM PETER BLATTY
"Poucos leitores sairão ilesos."
– New York Times Book Review

O EXORCISTA

Tradução
Carolina Caires Coelho

WILLIAM PETER BLATTY

Harper Collins

Para Julie

Mal saltou em terra, veio-lhe ao encontro um homem dessa região, possuído de muitos demônios [...] Há muito tempo que se apoderaram dele, e guardavam-no preso em cadeias e com grilhões nos pés, mas ele rompia as cadeias e era impelido pelo demônio para os desertos. Jesus perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Ele respondeu: Legião!

— LUCAS 8:27-30

JAMES TORELLO: Jackson foi pendurado naquele gancho de carne. O cara era tão pesado que entortou o gancho. Ficou naquela coisa por três dias antes de morrer.

FRANK BUCCIERI (rindo): Jackie, você devia ter visto o cara. Ele parecia um elefante. Quando Jimmy o acertou com aquela vara elétrica...

TORELLO (animado): Ele estava se contorcendo naquele gancho, Jackie. Jogamos água nele para aumentar a carga elétrica, e ele gritava...

— Trecho da conversa telefônica da Cosa Nostra, gravada pelo FBI, a respeito do assassinato de William Jackson

Não há outra explicação para algumas das coisas que os comunistas fizeram. Como o padre que teve oito pregos enfiados na cabeça... E também as sete crianças e a professora. Eles estavam rezando o pai-nosso quando soldados os atacaram. Um soldado sacou a baioneta e arrancou a língua da professora. O outro pegou *hashis* e os enfiou nos ouvidos das sete crianças. Como tratar casos assim?

— Dr. Tom Dooley
Dachau
Auschwitz
Buchenwald

PRÓLOGO

Norte do Iraque

O sol forte fazia com que gotas de suor aparecessem na testa do velho, mas, ainda assim, ele envolveu o copo de chá quente com as mãos como se quisesse esquentá-las. Não conseguia esquecer a premonição. Ela se prendeu às costas dele como folhas frias e molhadas.

A escavação havia terminado. A terra que cobria o túmulo havia sido peneirada, extrato por extrato, suas entranhas foram examinadas, rotuladas e despachadas: contas e pingentes; itens de glíptica; falos; morteiros manchados de ocre; vasos queimados. Nada incomum. Uma caixa assíria de marfim. E gente. Ossos de gente, um homem. Os restos do tormento cósmico que já havia feito o homem se perguntar se a matéria seria Lúcifer subindo até seu Deus. E agora ele sabia o que era. O cheiro do alcaçuz e do tamarisco atraíam seu olhar para os montes tomados por papoulas; para as planícies de junco, para a estrada incerta e cheia de pedras que serpenteava para dentro do nada. A noroeste estava Mossul; a leste, Erbil; ao sul, estavam Bagdá, Kirkuk e a fogueira de Nabucodonosor. Ele mudou a posição das pernas embaixo da mesa, alocada à frente da *chaykhana* solitária à beira da estrada, e olhou para a grama em suas botas e calça cáqui. Bebericou seu chá. A escavação estava finalizada. O que estava começando? Ele limpou o pensamento como uma descoberta nova, mas não conseguiu defini-lo.

Alguém respirou de modo sibilante dentro da *chaykhana*; o velho proprietário caminhou na direção dele, levantando poeira com

sapatos de fabricação russa que ele usava achinelados, rangendo as tábuas com seus passos. Sua sombra escura cobriu a mesa.

— *Kaman chay, chawaga?*

O homem de calça cáqui negou com um movimento de cabeça, olhando para os sapatos sem cadarços, sujos, cobertos por destroços da dor de viver. A matéria do cosmos, ele refletiu: matéria — mas, de alguma forma, finalmente espírito. Os espíritos e os sapatos eram, para ele, apenas aspectos de algo mais fundamental, algo essencial e totalmente outro.

A sombra se moveu. O curdo permaneceu parado como uma antiga dívida. O velho de calça cáqui olhou para os olhos dele, que eram manchados, como se a membrana de um ovo tivesse sido colada sobre as íris. Glaucoma. Ele não poderia ter amado aquele homem. Pegou a carteira e procurou por uma moeda entre todos aqueles papéis amassados: alguns dinares; uma carteira de habilitação iraquiana; um puído calendário católico de plástico, 12 anos atrasado. Trazia uma inscrição no verso: O QUE DAMOS AOS POBRES É O QUE LEVAMOS CONOSCO NA MORTE. Ele pagou pelo chá e deixou uma gorjeta de cinquenta fils numa mesa lascada de cor triste.

Caminhou até seu jipe. O som metálico da chave entrando na ignição cortou o silêncio. Por um momento, ele parou e olhou para a frente, incomodado. À distância, brilhando em meio às ondas de calor que subiam, deixando-o parecido a uma ilha flutuante no céu, viu o topo plano da cidade de Erbil, com os telhados quebrados contra as nuvens parecendo uma bênção arruinada, suja de lama.

As folhas grudaram ainda mais em suas costas.

Algo estava à espera.

— *Allah ma'ak, chawaga*.

Dentes podres. O curdo sorria e acenava um adeus. O homem de cáqui buscou um pouco de simpatia dentro de seu ser e acenou, abrindo um sorriso amarelo que desapareceu quando ele desviou o olhar. Ele ligou o motor, fez um retorno estreito e seguiu em direção a Mossul. O curdo ficou olhando, confuso com a triste sensação de perda ao ver o jipe ganhar velocidade. O que havia partido? O que ele sentira na presença do desconhecido? Algo como segurança, ele lembrou; uma sensação de proteção e profundo bem-estar.

Agora, tal impressão desaparecia com o jipe, que se afastava depressa. Ele se sentiu estranhamente sozinho.

Mas, às 6h10, o relatório foi finalizado. O curador de antiguidades, um árabe de bochechas flácidas, estava anotando uma observação final no livro sobre a mesa. Por um momento, ele parou e olhou para o amigo enquanto enfiava a ponta da pena no vaso de tinta. O homem de cáqui parecia perdido em pensamentos. Estava de pé ao lado de uma mesa, com as mãos nos bolsos, olhando para um vestígio do passado. Curioso, sem se mover, o curador olhou o homem por alguns instantes, e então voltou a escrever com uma letra muito pequena e legível até que, por fim, suspirou e pousou a caneta ao ver a hora. O trem para Bagdá partia às oito. Passou o mata-borrão na página e ofereceu chá.

Seus olhos ainda estavam fixos em algo sobre a mesa, e o homem de cáqui balançou a cabeça. O árabe o analisava, vagamente confuso. O que estava no ar? Havia algo no ar. Ele ficou de pé e se aproximou; então, sentiu um leve formigar na nuca quando seu amigo finalmente se mexeu para pegar um amuleto de pedra verde e mantê-lo nas mãos, pensativo. Era uma cabeça do demônio Pazuzu, personificação do vento sudoeste. Seu poder era a doença e os males. A cabeça estava furada. O dono do amuleto o usara como escudo.

— O mal contra o mal — disse o curador, abanando-se languidamente com uma publicação científica francesa, que tinha uma marca de dedo feita com azeite de oliva na capa.

O amigo não se moveu; não fez qualquer comentário. O curador inclinou a cabeça.

— Alguma coisa errada? — perguntou.

Nenhuma resposta.

— Padre Merrin?

O homem de cáqui pareceu ainda não ouvir, absorto no amuleto, sua última descoberta. Depois de um instante, ele o abaixou, e então olhou para o árabe de forma inquisitiva. Ele havia dito alguma coisa?

— Não, padre. Nada.

Eles murmuraram adeus.

Na porta, o curador apertou a mão do senhor com mais firmeza do que o normal.

— Meu coração tem um desejo: que o senhor não vá.

O amigo respondeu suavemente, falando sobre o chá, sobre o tempo, sobre algo a fazer.

— Não, não, não! Eu quis dizer para casa!

O homem de cáqui parou e observou um pequeno pedaço de grão de bico cozido no canto da boca do árabe, mas seus olhos estavam distantes.

— Para casa — Ele repetiu.

A palavra soou como um fim.

— Os Estados Unidos — O curador árabe acrescentou, tentando imaginar, no mesmo momento, por que o fizera.

O homem de cáqui viu a preocupação do outro. Nunca tivera dificuldade para amar aquele homem.

— Adeus — disse ele, com a voz baixa, e virou-se rapidamente em direção à rua, de volta para casa, cuja extensão parecia, de certo modo, indeterminada.

— Nós nos vemos daqui a um ano! — O curador gritou da porta. Mas o homem de cáqui não se virou. O árabe observou o homem atravessar uma rua estreita na diagonal, quase colidindo com uma charrete que passou apressada. Dentro dela, havia uma mulher árabe corpulenta e idosa, seu rosto apenas uma sombra atrás do véu de renda preta caído como um sudário sobre sua face. Ele imaginou que ela se dirigia a um compromisso. Logo perdeu de vista o amigo apressado.

O homem de cáqui caminhou, compelido. Afastando-se da cidade, chegou aos subúrbios, atravessou o Tigre com passos rápidos, mas, ao se aproximar das ruínas, diminuiu o ritmo, já que, a cada passo, o vago pressentimento ganhava uma forma mais firme e aterrorizante.

Mas, ainda assim, ele tinha que saber. Teria que se preparar.

Uma prancha de madeira, que servia de ponte sobre o lamacento rio Khosr, rangeu com seu peso. E então, ali estava, sobre o ponto onde antes se localizava Nínive, com seus 15 portões, o local das temidas hordas assírias. Agora, a cidade se espalhava na poeira sangrenta de sua predestinação. E, ainda assim, ali estava ele, o ar

ainda carregado de seu cheiro, daquele Outro que invadia seus sonhos.

O homem de cáqui observou as ruínas. O Templo de Nabu. O Templo de Ishtar. Sentiu vibrações. No palácio de Ashurbanipal, ele parou e olhou para uma descomunal estátua de calcário *in situ*. Asas desgrenhadas e garras nos pés. Um pênis inchado, grande, ereto, e a boca aberta num sorriso feroz. O demônio Pazuzu.

De repente, o homem de cáqui se curvou.

Abaixou a cabeça.

Ele sabia.

Estava chegando.

Olhou para a poeira e para as sombras que se assomavam depressa. O sol começava a escorregar abaixo da borda do mundo, e ele conseguiu ouvir os latidos distantes de matilhas às margens da cidade. Desenrolou a manga da camisa e a abotoou ao sentir uma brisa fria que vinha do sudoeste.

Ele se apressou em direção a Mossul e a seu trem, o coração apertado com a certeza gélida de que, em breve, seria procurado por um antigo inimigo cujo rosto ele nunca vira.

Mas ele sabia seu nome.

Parte I
O começo

CAPÍTULO UM

Assim como o brilho breve dos raios de sol não é notado pelos olhos de homens cegos, o começo do horror passou despercebido; com o guincho do que ocorreu em seguida, o início foi, na verdade, esquecido e talvez não relacionado de forma alguma ao horror. Era difícil saber.

A casa era alugada. Sombria. Séria. Uma construção colonial tomada por heras na região de Georgetown, Washington D.C. Do outro lado da rua, havia um anexo do campus pertencente à universidade de Georgetown; atrás, um monte íngreme que levava à movimentada rua M e, logo mais à frente, ao rio Potomac. Na manhã de 1º de abril, a casa estava silenciosa. Chris MacNeil estava sentada na cama, decorando as falas da filmagem do dia seguinte; Regan, sua filha, dormia no quarto ao final do corredor; e, adormecidos no andar de baixo, num quarto perto da despensa, estavam os empregados de meia-idade, Willie e Karl. Aproximadamente à 0h25, Chris desviou os olhos do roteiro, franzindo o cenho. Ouviu sons parecidos com batidas. Estranhos. Abafados. Fortes. De ritmo constante. Códigos desconhecidos feitos por um morto.

Que estranho...

Por um momento, ela ficou escutando, e então os ignorou; mas, com a insistência do ruído, ela não conseguia se concentrar. Largou o roteiro sobre a cama.

Minha nossa, isso está me irritando!

Ela se levantou para investigar.

Foi até o corredor e olhou ao redor. As batidas pareciam vir do quarto de Regan.

O que ela está fazendo*?*

Atravessou o corredor e, de repente, os ruídos ficaram mais altos, mais rápidos, e quando ela abriu a porta e entrou no quarto, eles cessaram abruptamente.

Que merda está acontecendo?

Sua linda filha de 11 anos estava dormindo, aconchegada a um panda de pelúcia de olhos arregalados. Pookey. Desbotado por anos de adulação; anos de abraços e beijos quentes e úmidos.

Chris caminhou com cuidado até a beira da cama da menina, inclinou-se e sussurrou:

— Rags? Você está acordada?

Respiração regular. Pesada. Profunda.

Chris olhou ao redor do quarto. A luz fraca do corredor empalidecia os quadros e as esculturas de Regan, e também os bichinhos de pelúcia.

Certo, Rags. Sua mãe está morrendo de medo. Vamos, diga que isso é brincadeira de 1º de abril!

Mas Chris sabia que Regan não fazia brincadeiras como aquela. A menina tinha uma natureza tímida e reservada. Então, quem estava aprontando? Uma mente sonolenta tentando encontrar ordem nos sons da tubulação de água e do sistema de aquecimento? Certa vez, nas montanhas do Butão, ela passara horas olhando um monge budista sentado no chão, meditando. Por fim, pensou tê-lo visto levitar, mas, quando contava a história a alguém, invariavelmente acrescentava um “talvez”. E talvez agora, pensou ela, sua mente — aquela fábrica incansável de ilusões — estivesse exagerando os ruídos.

Que nada! Eu ouvi!

De repente, ela olhou de relance para o teto.

Ali! Batidas leves.

Ratos no sótão, minha nossa! Ratos!

Ela suspirou. *É isso. Ratazanas. Tum, tum!* Sentiu-se estranhamente aliviada. E notou o frio. O quarto. Estava congelante.

Chris caminhou em direção à janela. Fechada. Em seguida, checou o aquecedor. Quente.

É mesmo?

Confusa, ela se aproximou da cama e tocou o rosto de Regan. Sentiu a pele macia e um pouco suada.

Devo estar doente!

Chris olhou para a filha, para o nariz arrebitado e o rosto cheio de sardas, e, num impulso, inclinou-se sobre a cama e beijou seu rosto.

— Amo você demais — Ela sussurrou. Depois disso, voltou para seu quarto, sua cama e seu roteiro.

Por algum tempo, Chris conseguiu estudar. O filme era uma comédia musical, um *remake* de *A mulher faz o homem*. Uma trama secundária havia sido acrescentada, a respeito de insurreições num campus. Chris atuaria naquela parte, interpretando uma professora de psicologia que defendia os rebeldes. Ela detestava o papel. *Essa cena é absurda!*, pensou. *Que idiota!* Sua mente, embora inculta, não aceitava tudo que lia como verdade, e, como um gaio-azul, ela bicava incansavelmente entre a verborragia para encontrar o reluzente fato escondido. Assim, a causa rebelde não fazia sentido algum para ela. *Mas como?*, questionava-se. *Conflito de gerações? Que bobagem. Tenho 32 anos. Que idiotice, é uma...!*

Calma. Só mais uma semana.

Eles finalizariam as cenas internas em Hollywood e só restavam poucas gravações externas a serem feitas no campus da universidade de Georgetown, começando no dia seguinte.

Pálpebras pesadas. Estava ficando sonolenta. Virou uma página rasgada de modo estranho. Seu diretor, o inglês Burke Dennings. Quando ficava tenso, rasgava, com os dedos trêmulos, uma faixa estreita do canto da página mais próxima do roteiro e a mastigava, centímetro a centímetro, até transformá-la numa bolinha molhada na boca.

Burke é maluco, pensou Chris.

Ela conteve um bocejo e olhou com carinho para a lateral do roteiro. As páginas estavam desgrenhadas. Ela se lembrou dos ratos. *Os malditos têm ritmo*, pensou. Decidiu que, de manhã, pediria a Karl que espalhasse ratoeiras para pegá-los.

Dedos relaxando. Roteiro escorregando. Ela o deixou cair. *Idiota*, pensou. *Que idiota!* Levou a mão ao botão do abajur. *Pronto*. Suspirou e, por um momento, permaneceu imóvel, quase adormecida; depois, afastou preguiçosamente os cobertores com a perna.

Quente demais! Muito quente! Ela pensou de novo no frio estranho do quarto de Regan e se lembrou de um trabalho realizado com Edward G. Robinson, o lendário ator dos filmes de gângster dos anos 1940. Lembrou-se de que, em todas as cenas que faziam juntos, ela estava sempre tremendo de frio, até perceber que o velho veterano fazia de tudo para permanecer sob a luz de seu holofote. Chris esboçou um sorriso e, com a névoa do orvalho cobrindo as janelas, adormeceu. E sonhou com a morte e todas as suas particularidades assombrosas, a morte como se ainda fosse algo desconhecido; enquanto algo ressoava, ela arfou, rendendo-se, escorregando num vão enquanto não parava de pensar, não existirei mais, vou morrer, deixarei de existir para sempre. Ah, Pai, não permita, ah, não permita que eles façam isso, não permita que eu vire um nada para sempre, desfazendo-se, soltando-se, ressoando, o toque...

O telefone!

Ela acordou com o coração aos pulos, com a mão no telefone e uma sensação de vazio no estômago; o vazio por dentro e o telefone tocando.

Ela atendeu. Era o diretor-assistente.

— Maquiagem às seis, querida.

— Tudo bem.

— Como você está?

— Como se tivesse acabado de dormir.

O diretor-assistente riu.

— Até mais.

— Até.

Chris desligou o telefone e permaneceu imóvel, sentada, pensando no sonho. Um sonho? Tinha sido algo mais parecido com pensamentos num período insone: aquela claridade horrorosa. O reluzir do crânio. O não ser. Irreversível. Ela não conseguia imaginar aquilo.

Meu Deus! Não pode ser!

Desanimada, abaixou a cabeça.

Mas é.

Ela foi ao banheiro, vestiu um roupão e rapidamente desceu os degraus de madeira até a cozinha, onde escutou o som de bacon

sendo frito.

— Ah, bom dia, sra. MacNeil!

Willie, pálida e desanimada, espremendo laranjas, olheiras fortes. Um vestígio de sotaque. Suíço. Como o de Karl. Ela limpou as mãos na toalha de papel e caminhou em direção ao forno.

— Eu pego, Willie — disse Chris, sempre sensível, ao ver a expressão de cansaço da empregada. Enquanto Willie resmungava e se virava de novo para a pia, a atriz serviu-se de café e se sentou à mesa da copa, onde, ao olhar para o próprio prato, sorriu com carinho ao ver uma rosa vermelha contrastando-se com o branco. *Regan. Que anjo!* Muitas manhãs, quando Chris estava trabalhando, Regan saía discretamente do quarto, descia até a cozinha, colocava uma flor no prato vazio da mãe e, com os olhos semicerrados, sonolenta, voltava para a cama. Naquela manhã, em especial, Chris balançou a cabeça com pesar ao lembrar que pensara em dar à filha o nome Goneril. *Claro. Teria sido ótimo. Eu poderia me preparar para o pior*. Chris esboçou um sorriso com a lembrança. Bebericou seu café e, ao olhar para a rosa de novo, sua expressão tornou-se levemente triste, os olhos verdes pesarosos no rosto abatido. Lembrou-se de outra flor. Um filho. Jamie. Ele morrera muito tempo antes, aos três anos de idade, quando Chris era muito jovem, uma dançarina desconhecida na Broadway. Jurou que nunca mais se dedicaria como se dedicou a Jamie, como se dedicou ao pai dele, Howard MacNeil; e, quando seu sonho sobre a morte se misturou ao vapor de seu café quente e puro, ela olhou para a rosa e afastou esses pensamentos quando Willie colocou o suco à sua frente.

Chris lembrou-se dos ratos.

— Onde está Karl?

— Estou aqui, senhora!

Ele apareceu, ágil e sorrateiro, saindo de uma das portas da despensa. Enérgico porém respeitoso, tinha um pedaço de lenço de papel grudado no queixo, no local em que havia se cortado ao fazer a barba.

— Sim?

Musculoso e alto, ele parou, ofegante, ao lado da mesa, com olhos brilhantes, nariz aquilino e careca.

— Ei, Karl, há ratos no sótão. Acho melhor arrumar umas ratoeiras.

— Ratos?

— Foi o que eu disse.

— Mas o sótão está limpo.

— Certo, tudo bem, há ratos *limpos*!

— Não tem ratos.

— Karl, escutei o barulho que eles fizeram ontem à noite.

— Talvez encanamento — disse Karl —, talvez tábuas.

— Talvez *ratos*! Pode comprar as malditas ratoeiras e parar de discutir?

— Sim! Vou agora! — disse Karl, afastando-se.

— *Agora* não, Karl! As lojas estão fechadas!

— Estão fechadas! — Willie repetiu, gritando para ele.

Mas ele já havia partido.

Chris e Willie se entreolharam. Balançando a cabeça, Willie voltou a prestar atenção ao bacon. Chris bebericou o café. *Estranho. É mesmo um homem estranho*, pensou ela. Era como Willie, trabalhador; muito leal, muito discreto. Mas, ainda assim, algo nele fazia com que ela se sentisse levemente inquieta. O que podia ser? Aquele ar sutil de arrogância? Não. Algo mais. Mas ela não sabia o quê. Os empregados já estavam com ela havia quase seis anos, mas, ainda assim, Karl continuava sendo um mistério — um hieróglifo falante, ambulante, sem tradução, realizando as tarefas com agilidade. No entanto, por trás da máscara, algo se movia; ela conseguia escutar o mecanismo dele clicando como uma consciência. A porta da frente se abriu e fechou.

— Estão fechadas — disse Willie.

Chris mordiscou o bacon e voltou ao quarto, onde vestiu a blusa de lã e a saia do figurino. Olhou no espelho e observou com seriedade os cabelos ruivos e curtos, que pareciam sempre despenteados; as sardinhas no rosto pequeno e limpo; e então, envesgando os olhos e abrindo um sorriso idiota, disse: *Ah, olá, queridíssima vizinha! Posso falar com seu marido? Seu amante? Seu cafetão? Ah, seu cafetão está no asilo? Que triste!* Ela mostrou a língua para si mesma. E desanimou. *Ah, caramba, que vida!*

Pegou a caixa com a peruca, desceu a escada e saiu para a rua fria e arborizada.

Parou, por um momento, do lado de fora da casa, sentindo o cheiro fresco do ar da manhã, os abafados sons rotineiros da vida desperta. Lançou um olhar pensativo para a direita, onde, ao lado da casa, um escadão íngreme de degraus de pedra levava à rua M lá embaixo; um pouco adiante ficavam os antigos torreões de tijolos de estilo rococó e o telhado em estilo mediterrâneo da entrada de cima do estacionamento da oficina Car Barn. *Divertido. Bairro divertido*, pensou ela. *Caramba, por que não fico? Compro a casa? Começo a viver?* Um sino começou a tocar alto. Era o relógio da torre do campus da universidade de Georgetown. A ressonância melancólica ecoou na superfície do rio sujo e adentrou o coração cansado da atriz. Ela caminhou em direção ao trabalho, para aquela piada simplória e grotesca.

Quando adentrou os portões principais do campus, sentiu a depressão diminuir; diminuiu ainda mais quando ela olhou para a fileira de trailers que serviam de camarins ao longo da rua próxima ao muro, ao sul. Às oito da manhã, primeira filmagem do dia, ela já se sentia quase bem: começou a discutir o roteiro.

— Ei, Burke. Pode dar uma olhadinha nesta porcaria?

— Ah, você *tem* um roteiro. Que ótimo! — disse o diretor Burke Dennings, atento e malicioso, com um tique nervoso no olho esquerdo, rasgando com cuidado uma fina faixa de uma página do roteiro com dedos trêmulos e dando uma risada áspera. — Acho que vou comer um pouco.

Estavam sentados na esplanada em frente ao prédio da administração da universidade e envolvidos com figurinistas, atores e a equipe principal do filme, enquanto, aqui e ali, havia alguns espectadores no gramado, a maioria deles do departamento jesuíta. O cinegrafista, entediado, pegou o jornal *Daily Variety* enquanto Dennings enfiava o papel na boca e ria, com o hálito denunciando levemente o cheiro do primeiro drinque da manhã.

— Ah, sim, estou *muitíssimo* contente por você ter recebido um roteiro!

Era um homem astuto e magro, de cerca de cinquenta anos, e falava com um sotaque britânico tão charmoso e correto que fazia

as piores obscenidades parecerem elegantes. Quando bebia, parecia estar sempre prestes a gargalhar; passava a impressão de estar sempre se esforçando para retomar a compostura.

— Diga-me, então, querida. O que foi? O que há de errado?

A cena em questão era a do diretor da famosa universidade do roteiro abordando um grupo de alunos na tentativa de acabar com uma manifestação pacífica. Chris subiria correndo os degraus da esplanada, pegaria o megafone da mão do diretor e, apontando para o prédio da administração, gritaria: “Vamos destruir tudo!”

— Não faz o menor sentido — disse Chris.

— Olha, está totalmente claro — Dennings mentiu.

— É mesmo? Então, por favor, explique. Por que eles têm que destruir o prédio? Para quê? Qual sua ideia?

— Você está rindo da minha cara?

— Não, estou perguntando “para quê?”.

— Porque *está escrito*, linda!

— No roteiro?

— Não, no *cenário*!

— Qual é, Burke? Não tem nada a ver. Não é do feitio dela. Ela não faria isso.

— Faria, sim.

— Não faria.

— Quer chamar o roteirista? Acho que ele está em Paris!

— Se escondendo?

— Trepando!

Ele disse aquilo com uma dicção tão impecável, com os olhos espertos brilhando, e a palavra reverberou nas torres góticas do campus. Chris começou a rir, perdendo as forças e apoiando-se nos ombros dele.

— Caramba, Burke, você é impossível!

— Sim. — Ele disse isso como César diria ao confirmar modestamente relatos de sua tripla rejeição à Coroa. — Agora, podemos seguir adiante?

Chris não ouviu o que ele disse. Prestando atenção para ver se ele havia escutado a obscenidade, ela lançou um olhar furtivo e envergonhado a um jesuíta de cerca de quarenta anos, de pé entre os espectadores. Seu rosto era moreno, enrugado. Como o de um

boxeador. Marcado. Seus olhos expressavam certa tristeza, certo pesar, e ainda assim eram calorosos e tranquilos quando se fixaram nos dela, e ele assentiu, sorrindo. Ele havia escutado. Olhou para o relógio e se afastou.

— Podemos seguir?

Chris voltou à conversa após a breve distração.

— Sim, claro, Burke. Vamos em frente.

— Graças a Deus.

— Não, espere!

— Ai, santo Deus!

Ela reclamou sobre o final da cena. Acreditava que o ponto alto era sua fala, e não ela correndo pela porta do prédio imediatamente depois.

— Nada acrescenta — disse Chris. — É ridículo.

— Pois é, querida, é, sim. — Burke concordou, com sinceridade. — No entanto, o editor insiste para que a façamos, então vamos lá. Entende?

— Não, não entendo.

— Não, claro que não entende, querida, porque você tem toda a razão, *é* ridículo. Veja, por exemplo, a cena logo depois — disse Dennings rindo —, como ela começa com Jed *entrando* na cena pela porta, o editor acredita que será o máximo se a cena anterior acabar com você *saindo* pela porta.

— Está de brincadeira?

— Ah, concordo com você, querida. É uma bela de uma porcaria! Mas por que não gravamos logo? Pode confiar em mim, tirarei essa parte do corte final. Vai ficar bem mais interessante.

Chris riu. E concordou. Burke olhou na direção do editor, que era conhecido como um egocêntrico temperamental que não perdia tempo com discussões. Ele estava falando com o cinegrafista. O diretor suspirou aliviado.

Esperando no gramado, no fim da escada, enquanto as luzes ainda eram acesas, Chris olhou na direção de Dennings quando ele gritou um palavrão a um desafortunado maquinista e irradiou satisfação. Ele parecia muito à vontade em sua excentricidade. Mas Chris sabia que, em determinado ponto de sua bebedeira, ele poderia ter um acesso repentino e, quando isso acontecia às três ou

quatro da manhã, era capaz de telefonar para pessoas importantes e ofendê-las gravemente sem qualquer motivo. Chris lembrou-se de um chefe de estúdio cujo erro fora fazer um comentário simples, numa exibição, a respeito da camisa de Dennings, dizendo que as mangas pareciam um pouco puídas. Isso fez Dennings acordá-lo por volta das três da manhã para dizer que ele era um "caipira desgraçado", cujo pai, o fundador do estúdio, era "provavelmente psicótico!" e que havia "dado em cima de Judy Garland várias vezes" durante as filmagens de *O mágico de Oz*. No dia seguinte, fingia não se lembrar de nada e mostrava-se radiante quando os ofendidos descreviam com detalhes o que ele fizera. No entanto, quando lhe era conveniente, ele se lembrava. Chris sorriu e balançou a cabeça ao se recordar de quando destruiu os escritórios do estúdio num acesso de raiva cega provocado pela bebida, e que, mais tarde, ao ser confrontado pelo chefe de produção do estúdio com uma conta detalhada dos estragos e fotos de polaroide da destruição, negou tudo, dizendo que as imagens "eram claramente falsas", uma vez que o estrago tinha sido "muito, muito pior do que aquilo!". Chris não acreditava que ele fosse um alcoólatra nem um beberrão inveterado, mas que bebia e agia de modo ousado porque era o esperado: estava fazendo jus à sua fama.

Bem, pensou ela. *Acho que se trata de um tipo de imortalidade.*

Ela virou-se para trás, olhando para o jesuíta que sorriu quando Burke disse o palavrão. Ele estava se afastando, com a cabeça baixa, melancólico, uma nuvem preta solitária à procura de chuva. Ela nunca gostou de padres. Tão firmes. Tão confiantes. Mas aquele...

— Tudo pronto, Chris?

— Tudo.

— Certo, silêncio absoluto! — O assistente de direção gritou.

— Vamos gravar — Burke também gritou.

— Gravando!

— Depressa!

— Agora, *ação*!

Chris subiu a escada correndo enquanto os figurantes gritavam e Dennings a observava, tentando adivinhar o que ela estava pensando. Havia desistido da discussão depressa demais. Ele olhou

para o treinador de diálogos, que imediatamente se aproximou e entregou a ele o roteiro aberto, como um coroinha entrega o missal ao padre durante uma missa.

Eles trabalharam sob sol apenas intermitente, e, às quatro da tarde, o céu escureceu e nuvens escuras e pesadas surgiram.

— Burke, estamos perdendo a luz — disse o assistente com preocupação.

— Sim, ela está indo para o outro lado da porra do mundo!

Cumprindo uma ordem de Dennings, o assistente de direção dispensou a equipe, e Chris começou a caminhar em direção à sua casa, olhando para a calçada e sentindo-se muito cansada. Na esquina da rua 36 e da O, parou para dar um autógrafo para o atendente italiano idoso de um mercado que a havia chamado na porta da loja. Ela escreveu seu nome e “Tudo de bom” num saco de papel pardo. Enquanto esperava um carro passar antes de atravessar a rua na N, olhou para o outro lado, para uma igreja católica. Sagrada alguma coisa. Dos jesuítas. John F. Kennedy casou-se com Jackie ali, pelo que sabia, e também comparecia às missas. Tentou imaginar: John F. Kennedy entre as velas de sete dias e as mulheres beatas e enrugadas; John F. Kennedy de cabeça baixa, rezando; *Creio....* num acordo com os russos; *Creio, creio...* Apollo IV no desfiar das contas do rosário; *Creio na ressurreição e na vida eterna...*

Isso. É isso. É esse o chamariz.

Chris observou quando um caminhão da cerveja Gunther passou na rua de paralelepípedos com um som sacolejante de promessas agradáveis e refrescantes.

Ela atravessou, e enquanto descia a rua O e passava pelo auditório da Santíssima Trindade, um padre saiu dali correndo, com as mãos nos bolsos de uma jaqueta de náilon. Jovem. Muito tenso. Com a barba por fazer. Ali à frente, ele dobrou à direita, entrando num corredor que levava ao pátio atrás da igreja.

Curiosa, Chris parou na entrada do corredor, observando. Ele parecia estar se dirigindo para uma casinha branca. Uma velha porta de tela foi aberta e outro padre saiu. Ele assentiu de leve para o jovem e, olhando para baixo, moveu-se rapidamente em direção a uma porta que levava à igreja. Mais uma vez, a porta da casa foi

aberta do lado de dentro. Mais um padre. Parecia... *Sim, ali está ele! Aquele que estava sorrindo quando Burke disse "trepando"!* Mas, agora, ele parecia sério ao cumprimentar a pessoa que havia chegado, abraçando-o pelo ombro num gesto gentil e, de certo modo, parental. Ele o levou para dentro e a porta de tela se fechou com um rangido lento e fraco.

Chris olhou para os próprios sapatos. Estava confusa. *O que está acontecendo?* Tentou imaginar se os jesuítas se confessavam.

Um breve barulho de trovão. Ela olhou para o céu. Será que choveria?... A ressurreição e a vida...

Sim. Sim, claro. Na próxima terça-feira. A luz de raios à distância. *Não telefone para nós, garoto, nós telefonaremos.*

Ela levantou a gola do casaco e voltou a caminhar devagar.

E torceu para que chovesse.

Um minuto depois, estava em casa. Foi diretamente ao banheiro. Depois, para a cozinha.

— Oi, Chris. Como foi?

Uma bela loira na casa dos vinte anos estava sentada à mesa. Sharon Spencer. Nova. De Oregon. Já fazia três anos que ela era professora de Regan e secretária de Chris.

— Ah, normal como sempre. — Chris sentou-se e começou a separar as correspondências. — Alguma novidade?

— Você quer jantar na Casa Branca na próxima semana?

— Ah, não sei, Marty. O que *você* está a fim de fazer?

— Comer doce até enjoar.

— Onde está Rags?

— Lá embaixo, no quarto de brinquedos.

— Fazendo o quê?

— Esculpindo. Está fazendo um pássaro, acho. Para você.

— Sim, preciso de um — disse Chris. Caminhou até o fogão e encheu uma xícara de café. — Você estava brincando sobre o jantar?

— Não, claro que não — respondeu Sharon. — É na quinta.

— Jantar grande?

— Não, creio que seja para apenas cinco ou seis pessoas.

— Puxa! Que bacana!

Ela ficou contente, mas não se surpreendeu. Todos queriam sua companhia: motoristas de táxi, poetas, professores, reis. O que ela tinha que eles tanto gostavam? Vida?

Chris sentou-se à mesa.

— Como foi a aula?

Sharon acendeu um cigarro, franzindo o cenho.

— Teve dificuldade com matemática de novo.

— É mesmo? Que estranho.

— Sim, eu sei. É a matéria preferida dela.

— Bem, é essa "nova matemática". Nossa, eu não conseguia nem contar o troco para o ônibus se...

— Oi, mãe!

Com os braços magros esticados, a filha de Chris atravessou a porta em direção à mãe. Laços vermelhos no cabelo. O rosto delicado, cheio de sardinhas.

— Oi, linda! — Sorrindo, Chris a abraçou e beijou-lhe com amor o rosto corado. Não conseguiu controlar o grande amor que sentia. — *Mmm-mmmm-mmmm!* — Mais beijos. Então, afastou Regan de seus braços e observou seu rosto. — O que você fez hoje? Alguma coisa legal?

— Ah, coisas.

— Como assim, *coisas*? Coisas legais?

— Hmm, deixe-me ver. — Seus joelhos estavam encostados nos de sua mãe, mexendo-os de um lado a outro. — Bom, é claro que estudei.

— Aham.

— E pintei.

— O que você pintou?

— Flores, sabe? Margaridas. Só que cor-de-rosa. E também... ah, sim! O *cavalo*! — Ela mostrou-se animada de repente, com os olhos arregalados. — Um homem estava com um *cavalo*, perto do rio. Estávamos conversando, sabe, mãe? E então, esse cavalo se aproximou, era *lindo*! Ai, mãe, você tinha que ter visto, e o homem me deixou subir no cavalo! *Sério!* Por quase um minuto!

Chris olhou para Sharon disfarçando o riso.

— *Ele?* — perguntou, erguendo uma sobrancelha. Na mudança para Washington para as filmagens, a secretária loira, que agora era

praticamente da família, estava morando na casa, ocupando um quarto extra no andar de cima. Isto até conhecer o “cavaleiro” num estábulo próximo dali, quando Chris decidiu que Sharon precisava de um local onde tivesse privacidade, mandou-a para uma suíte num hotel caro e insistiu que pagaria a conta.

— Sim, ele — respondeu Sharon, com um sorriso.

— Era um cavalo *cinza*! — disse Regan. — Mãe, podemos comprar um cavalo? *Podemos?*

— Veremos, querida.

— Quando?

— Veremos. Onde está o pássaro que você fez?

A princípio, Regan não respondeu, mas virou-se para Sharon e sorriu, mostrando os dentes com aparelho, de modo timidamente reprovador.

— Você contou! — disse ela, e virou-se para a mãe, rindo. — Era para ser surpresa.

— Era?

— Com o bico comprido e engraçado, como você queria!

— Ah, Rags, que lindo. Posso vê-lo?

— Não, ainda tenho que pintá-lo. Que horas vamos jantar, mãe?

— Está com fome?

— *Morrendo.*

— Nossa, mas ainda não são nem cinco da tarde. Que horas foi o almoço? — perguntou Chris a Sharon.

— Ah, perto do meio-dia — respondeu Sharon.

— Quando Willie e Karl vão voltar?

Chris havia dado a tarde de folga aos dois.

— Acho que às sete — disse Sharon.

— Mãe, podemos ir ao Hot Shoppe? — perguntou Regan. — Podemos?

Chris levantou a mão da filha, sorriu com carinho, beijou-a e respondeu:

— Corra lá para cima, troque de roupa e vamos.

— Ah, eu *amo* você!

Regan saiu correndo da sala.

— Querida, coloque o vestido novo! — Chris gritou quando ela saiu.

— Não seria ótimo ter 11 anos de novo? — perguntou Sharon.

— Não sei. — Chris pegou as correspondências e começou a separá-las apressadamente conforme a bajulação. — Com a memória que tenho agora? Todas as lembranças?

— Claro.

— De jeito nenhum.

— Pense bem.

Chris largou as cartas e pegou um roteiro com uma carta de seu agente, Edward Jarris, presa com um clipe na capa.

— Pensei que tivesse avisado a eles que não queria receber roteiros por um tempo.

— Você devia dar uma lida — disse Sharon.

— Ah, é?

— Sim, eu o li hoje de manhã.

— Muito bom?

— Achei ótimo.

— E eu vou interpretar uma freira que descobre ser lésbica, certo?

— Não, você não interpreta papel algum.

— Caramba, os filmes estão *melhores* do que nunca! De que merda você está falando, Sharon? Por que está sorrindo?

— Eles querem que você dirija o filme — disse Sharon, soltando o ar juntamente com a fumaça do cigarro.

— *O quê?*

— Leia a carta.

— Ai, minha nossa. Shar, você só pode estar brincando!

Chris passou os olhos pela carta com rapidez, lendo-a salteadamente:

— ...Novo roteiro... uma trilogia... o estúdio quer *sir* Stephen Moore... aceita o papel desde que...

— *Eu dirija o segmento dele!*

Chris abriu os braços, gritando de alegria. E então, com as duas mãos, levou a carta ao peito.

— Ah, Steve, que anjo, você se lembrou!

Filmando na África, embriagados e em cadeiras dobráveis, observando os tons vermelhos e dourados do fim do dia. “Ah, os negócios estão perdidos. Para o ator, é uma droga, Steve!” “Ah, eu

gosto.” “É horrível! Sabe o que vale a pena nesse negócio? Dirigir. Assim, você faz algo, algo que é seu; eu me refiro a algo com vida!” “Bem, então dirija, minha cara! Faça isso!” “Ah, já tentei, Steve, já tentei. Eles não aceitam.” “Por que não?” “Ah, vamos, você sabe o motivo. Acham que eu não conseguiria.” “Bom, eu acho que você conseguiria.”

Sorriso caloroso. Lembrança agradável. Steve querido...

— Mãe, não consigo encontrar o vestido! — Regan avisou do andar de cima.

— No armário! — respondeu Chris.

— Já olhei!

— Já vou subir! — Chris gritou. Folheou o roteiro e parou, pensativa, murmurando: — Aposto que não presta.

— Ah, não acho, não, Chris! Não! Acho que é bom!

— Ah, você achava que *Psicose* precisava de risadas de fundo.

— Mãe?

— Estou indo!

— Tem um encontro hoje, Shar?

— Tenho.

Chris assentiu, indicando as cartas.

— Pode ir, então. Cuidamos disto amanhã cedo.

Sharon se levantou.

— Ah, não, espere — disse Chris. — Não, sinto muito, tem uma carta que precisa ser respondida hoje à noite.

— Ah, tudo bem.

Sharon pegou o bloco de anotações.

— Mãããe! — Regan se queixou, impaciente.

Chris suspirou, ficou de pé e disse:

— Volto já. — Mas hesitou ao ver Sharon olhar para o relógio. — O que foi?

— Nossa! Está na hora da minha meditação, Chris!

Chris apertou os olhos, irritada. Nos últimos seis meses, ela havia visto a secretária transformar-se numa pessoa que “busca a serenidade”. Tudo começara em Los Angeles, com a auto-hipnose, que abriu caminho para o cântico budista. Durante as últimas semanas que Sharon passara no quarto do andar de cima, a casa recendera a incenso, e murmúrios sem graça de “*Nam myoho renge*

kyo” (“Veja, fique entoando só isso, Chris, só isso, e você alcançará seu desejo, conseguirá o que quiser...”) eram ouvidos em horários improváveis, normalmente quando Chris estava estudando suas falas. “Você pode ligar a televisão”, Sharon teve a gentileza de dizer a sua patroa numa dessas ocasiões. “Não tem problema, consigo entoar em meio a todos os *tipos* de barulho.”

Agora, era a meditação transcendental.

— Você acha mesmo que esse tipo de coisa vai lhe fazer bem, Shar?

— Isso me dá paz de espírito — respondeu ela.

— Certo — disse Chris, e se virou e começou com o murmúrio de *“Nam myoho renge kyo*”.

— Continue com isso por cerca de quinze ou vinte minutos — disse Sharon a ela. — Talvez funcione para você.

Chris parou e pensou numa resposta adequada. Mas desistiu. Subiu para o quarto de Regan, aproximando-se imediatamente do armário. Regan estava de pé, no meio do quarto, olhando para o teto.

— O que você está fazendo? — perguntou a Regan enquanto procurava o vestido no guarda-roupa. Era de algodão azul-claro. Ela o havia comprado na semana anterior, e se lembrava de tê-lo pendurado no armário.

— Ouvi uns barulhos estranhos — disse Regan.

— Sim, eu sei. Temos companhia.

Regan olhou para ela.

— Como assim?

— Esquilos, querida. Esquilos no sótão. — A filha morria de medo de ratos. Mesmo se fossem pequenos.

A procura pelo vestido foi inútil.

— Viu, mãe? Não está aqui.

— Sim, eu vi. Talvez Willie o tenha colocado para lavar.

— Não está aqui.

— Bem, vista o azul-marinho. É lindo.

Depois de assistirem ao filme *A queridinha do vovô*, com Shirley Temple, na matinê de um cinema em Georgetown, elas atravessaram a Key Bridge até o Hot Shoppe, em Rosslyn, Virginia, onde Chris comeu uma salada e Regan, sopa, dois pães, frango

frito, um milk-shake de morango e torta de mirtilo com cobertura de sorvete de chocolate. *Para onde vai essa comida toda?*, pensou Chris. *Para os punhos?* A menina era tão esguia quanto uma esperança passageira.

Chris acendeu um cigarro enquanto tomava o café e olhou pela janela à direita, para as torres da universidade de Georgetown, e depois observou, de modo pensativo, a superfície aparentemente plácida do Potomac, que não deixava transparecer as correntes fortes e perigosas que nele se movimentam. Chris se remexeu um pouco. À luz fraca da noite, o rio, com sua aparente calma e tranquilidade, deu a ela de repente a impressão de que algo se formava.

E esperava.

— Adorei o jantar, mãe.

Chris virou-se e viu o sorriso alegre de Regan. Como sempre acontecia, deu um suspiro breve e repentinamente surgiu a pontada, a dorzinha que às vezes sentia ao ver a imagem de Howard no rosto da filha. Era o ângulo da luz, ela sempre pensava. E olhou para o prato de Regan.

— Vai deixar essa torta?

Regan olhou para baixo.

— Mãe, eu comi doce antes.

Chris apagou o cigarro e sorriu.

— Vamos, Rags, vamos para casa.

Elas voltaram antes das sete. Willie e Karl já tinham retornado. Regan correu para a sala de brinquedos no sótão, disposta a terminar a escultura para a mãe. Chris foi à cozinha para pegar o roteiro. Encontrou Willie séria, passando café. Ela parecia irritada e brava.

— Oi, Willie, como foi? Vocês se divertiram?

— Nem pergunte. — Willie acrescentou uma casca de ovo e uma pitada de sal ao conteúdo da panela. Eles tinham ido ao cinema, Willie explicou. Ela queria ver os Beatles, mas Karl insistira em assistir a um filme sobre Mozart. — Um horror — disse ela ao diminuir o fogo. — Aquele tolo!

— Sinto muito. — Chris colocou o roteiro embaixo do braço. — Willie, você viu aquele vestido que comprei para Rags semana

passada? De algodão azul?

— Sim, eu o vi no armário dela hoje de manhã.

— Onde você o colocou?

— Está lá.

— Será que você não o pegou, sem querer, e o misturou às roupas para lavar?

— Está lá.

— Com as roupas para lavar?

— No armário.

— Não está, não. Eu procurei.

Prestes a falar, Willie contraiu os lábios e fez uma careta. Karl havia entrado.

— Boa noite, senhora.

Ele foi até a pia para pegar um copo d'água.

— Você colocou as ratoeiras? — perguntou Chris.

— Nada de ratos.

— Você as *armou*?

— Eu as armei, claro, mas não há nada no sótão.

— E então, Karl, como foi o filme?

— Interessante — disse ele. Seu tom de voz, assim como seu rosto, era inexpressivo.

Murmurando uma canção famosa dos Beatles, Chris começou a sair da cozinha, mas virou-se.

Só mais uma tentativa!

— Você teve dificuldade para encontrar as ratoeiras, Karl?

De costas para ela, Karl respondeu:

— Não, senhora. Nenhuma dificuldade.

— Às seis da manhã?

— Loja 24 horas.

Chris bateu uma das mãos na testa, olhou para as costas de Karl por um momento e se virou para sair da cozinha, murmurando baixinho:

— Merda!

Depois de um banho demorado e caprichado, Chris foi até o armário de seu quarto para pegar o roupão, e encontrou o vestido perdido de Regan. Estava enrolado no chão do guarda-roupa.

Chris o pegou. A etiqueta ainda estava pendurada.

O que ele está fazendo aqui?

Chris tentou pensar no que podia ter acontecido, e lembrou que, no dia em que comprara o vestido, também comprara duas ou três coisas para si.

Devo ter colocado tudo junto, pensou ela.

Chris levou o vestido para o quarto de Regan, pendurou-o no cabide e o devolveu ao armário. Com as mãos nos quadris, Chris observou o armário de Regan. *Bacana. Roupas bonitas. É, Rags, preste atenção nisso, e não no papai que nunca escreve nem telefona.*

Quando se virou, Chris bateu o dedo do pé contra a base da penteadeira. *Minha nossa, que dor!* Levantando o pé e massageando o dedo, Chris notou que a penteadeira estava deslocada em cerca de um metro.

Não é à toa que bati o pé. Willie deve ter passado o aspirador.

Ela foi ao escritório com o roteiro de seu agente.

Ao contrário da enorme sala de estar com janelas gigantescas e a vista para a Key Bridge sobre o Potomac rumo à costa da Virginia, o escritório tinha um ar pesado, de segredos trocados entre homens ricos: uma lareira de tijolos, painéis de cerejeira e treliças de madeira firme que pareciam ter sido feitas de uma ponte levadiça antiga. Os poucos indícios do tempo presente no cômodo eram um bar com aparência moderna com cadeiras de veludo e cromo à sua volta, e almofadas Marimekko coloridas num sofá onde Chris se aconchegou e se esticou com o roteiro de seu agente. Presa entre as páginas estava a carta dele. Ela a pegou e leu de novo. *Fé, esperança e caridade*: um filme com três segmentos distintos, cada um deles com um elenco e diretor diferentes. O dela seria “Esperança”. Ela gostou do título. Talvez meio sem graça, pensou, mas refinado. *Eles provavelmente o mudarão para algo como* Abalando as virtudes*.*

A campainha tocou. Burke Dennings. Por ser solitário, ele sempre a visitava. Chris sorriu, balançando a cabeça, quando escutou Burke dizer um palavrão a Karl, alguém que ele parecia detestar e atormentar o tempo todo.

— Oi, tudo bem? Onde tem bebida? — perguntou ele irritado, entrando no escritório e aproximando-se do bar sem olhar para

ninguém, com as mãos nos bolsos da capa de chuva amassada.

Com uma expressão irritada, sentou-se num banquinho, remexendo os olhos, levemente desapontado.

— À caça de novo?

— Que diabos você quer dizer com isso? — perguntou Dennings, fungando.

— Você está com aquela cara. — Ela já conhecia aquela cara de quando eles trabalharam juntos em Lausanne. Na primeira noite deles lá, num bom hotel com vista para o lago de Genebra, Chris teve dificuldades para dormir. Um pouco depois das cinco da manhã, ela saiu da cama e decidiu vestir-se e ir para a recepção à procura de café ou companhia. Enquanto esperava um elevador no corredor, espiou por uma janela e viu o diretor caminhando com dificuldade à beira do lago, com as mãos nos bolsos do casaco, contra o vento glacial de fevereiro. Quando ela chegou à recepção, ele estava entrando no hotel. “Não estou vendo nenhuma prostituta!”, disse ele com amargura enquanto passava por Chris sem nem olhá-la, e entrou num elevador que o levou a seu andar, a seu quarto e à sua cama. Quando Chris, de modo brincalhão, mencionou o incidente posteriormente, o diretor ficou furioso e a acusou de disseminar “alucinações nojentas” em que as pessoas podiam “acabar acreditando só porque você é uma estrela!”. Ele também havia se referido a ela como “louca de pedra”, mas em seguida disse, numa tentativa de aliviar as coisas, que “talvez” ela realmente tivesse visto alguém, e que apenas havia confundido esta pessoa com Dennings. “Não está descartado”, disse ele, “minha tataravó, por acaso, era suíça.”

Chris foi até o bar e lembrou-lhe o incidente.

— É, *essa* cara mesmo, Burke. Quantos gins-tônicas já foram até agora?

— Ah, não seja tola! — Dennings rebateu. — Acontece que passei a noite toda numa casa de chá, no maldito *chá do corpo docente*!

Chris cruzou os braços e os apoiou sobre o bar.

— Você estava *onde*? — perguntou ela, sem acreditar.

— Certo, pode rir!

— Você se embriagou no chá da tarde com uns jesuítas?

— Não, os jesuítas estavam sóbrios.

— Eles não bebem?

— Você *enlouqueceu*? Eles *entornaram* todas! Nunca vi quem bebesse tanto assim em *toda* a minha vida!

— Ei, pare com isso, fale baixo, Burke! Regan pode ouvir!

— Sim, Regan — disse Dennings, reduzindo o volume a um sussurro. — Claro! Agora, pelo amor de Deus, onde está minha *bebida*?

Balançando a cabeça em desaprovação, Chris se levantou e pegou uma garrafa e um copo.

— Quer me dizer que merda você estava fazendo numa casa de chá?

— As malditas relações públicas. Algo que *você* deveria estar fazendo. Afinal, meu Deus, a bagunça que fizemos no espaço deles — disse o diretor. — Ah, sim, pode rir! Sim, você só serve para isso, e para mostrar um pouco do traseiro!

— Só estou aqui sorrindo de modo inocente.

— *Alguém* tinha que fazer um bom show.

Chris esticou o braço e passou o dedo delicadamente ao longo de uma cicatriz acima dos cílios esquerdos de Dennings, resultado de um soco dado no último dia de filmagens por Chuck Darren, o astro musculoso de filmes de ação e de aventura que atuara no filme anterior de Dennings.

— Está ficando branca — disse Chris de modo carinhoso.

Dennings franziu o cenho.

— Cuidarei para que ele não seja chamado para nenhum filme importante. Já espalhei por aí.

— Ah, pare com isso, Burke. Só por causa disso?

— O cara é um *louco*, querida! É sanguinário e perigoso! Meu Deus, ele é como um cachorro velho que está sempre dormindo ao sol, tranquilamente, e um dia, do nada, pula e morde a perna de alguém!

— E é claro que o ataque dele nada teve a ver com o fato de você ter dito a ele, na frente de todo o elenco e equipe, que seu modo de atuar era “um puta constrangimento, mais parecido com uma luta de sumô”, certo?

— Querida, não diga isso — respondeu Dennings enquanto pegava um copo de gin-tônica das mãos dela. — Minha querida, é normal que eu diga “puta”, mas não a queridinha da América. Agora, diga-me, como você está, minha estrelinha cantante e dançante?

Chris respondeu dando de ombros e com um olhar cansado ao se recostar e apoiar o corpo nos braços dobrados sobre o bar.

— Vamos, diga, minha linda, você está triste?

— Não sei.

— Diga ao titio.

— Caramba, acho que vou beber um pouco. — Chris se ergueu abruptamente e pegou uma garrafa de vodca e um copo.

— Ah, sim, excelente! Ideia *esplêndida*! Então, o que foi, minha preciosa? O que há de errado?

— Você já pensou em morrer? — perguntou Chris.

Dennings franziu o cenho.

— Você disse “morrer”?

— Sim, morrer. Já pensou nisso *de verdade*, Burke? O que quer dizer? O que realmente quer dizer?

Ela despejou vodca no copo dele.

Um tanto alterado agora, Dennings disse:

— Não, amor, não pensei! Não *penso* nisso, apenas *morro*. Por que diabos falar em *morrer*, pelo amor de Deus?

Chris deu de ombros e colocou um cubo de gelo dentro do copo.

— Não sei. Eu estava pensando nisso hoje de manhã. Bem, não estava pensando, exatamente. Eu meio que sonhei com isso um pouco antes de acordar, e fiquei arrepiada, Burke, o sonho me pegou de jeito; o sentido. Digo, o *fim*, Burke, o *fim* realmente assustador, como se eu nunca tivesse sequer *ouvido* falar em morrer antes! — disse, desviando o olhar e balançando a cabeça. — *Nossa!* Cara, aquilo me assustou! Parecia que eu estava caindo da droga do planeta a uma velocidade de duzentos milhões de quilômetros por hora. — Chris levou o copo aos lábios. — Acho que vou beber este aqui puro — disse ela. E deu um gole.

— Ah, bobagem — disse Dennings, fungando. — A morte é um conforto.

Chris abaixou o copo.

— Não para mim.

— Vamos, você viverá para sempre pelos trabalhos que vai deixar para trás, ou pelos seus filhos.

— Ah, isso é besteira! Meus filhos não são eu!

— Sim, graças a Deus. Uma só já basta.

Chris se inclinou para a frente, segurando o copo na altura da cintura e com o rosto delicado retorcido numa careta de preocupação.

— Digo, pense bem, Burke! Não existir! Não existir para sempre e...

— Ah, pare com isso! Pare com essa bobagem e considere a ideia de desfilar suas pernas compridas e adoradas no chá da próxima semana! Talvez aqueles *padres* possam lhe dar consolo!

Dennings bateu o copo no bar.

— Vamos mais uma!

— Olha, eu não sabia que eles bebiam.

— Bem, você é idiota — disse o diretor, mal-humorado.

Chris olhou para ele. Estaria ele chegando a um ponto sem volta? Ou será que ela havia, de fato, tocado num ponto sensível dele?

— Eles se confessam? — perguntou ela.

— Quem?

— Padres.

— Como *eu* vou saber? — perguntou Dennings.

— Bem, você não me disse, certa vez, que havia estudado para ser um...

Dennings bateu a mão aberta sobre o bar, interrompendo-a ao gritar:

— Vamos lá, *onde está a maldita bebida*?

— Por que não bebe um café?

— Não seja chata, querida! Quero um drinque!

— Você vai beber café.

— Vamos, lindinha — Dennings começou a falar com uma voz repentinamente delicada. — Só mais uma, a saideira?

— E sair daqui dirigindo?

— Não, isso é feio, amor. De verdade. Não combina com você. — Fazendo um bico, Dennings empurrou o copo para a frente. — A condição da piedade não muda — disse ele —, não, se caído do

céu como o gentil gim Gordon's, então vamos lá, só mais um e eu vou embora, prometo.

— Promete mesmo?

— Palavra de honra.

Chris observou Dennings e, balançando a cabeça, pegou a garrafa de gim.

— Sim, aqueles padres — disse ela de modo distraído enquanto servia a bebida no copo dele. — Acho que deveria convidar um ou dois deles para virem aqui.

— Eles nunca iriam embora — Dennings resmungou, com os olhos avermelhados que ficaram menores de repente, cada um deles um inferno particular. — São saqueadores malditos! — Chris pegou a garrafa de tônica, mas Dennings fez um gesto para recusá-la. — Não, pelo amor de Deus, quero *puro*, você não lembra? O terceiro é *sempre* puro! — Chris o observou pegar o copo, beber o gim, colocar o copo de novo no bar e, com a cabeça baixa, olhando para ele, murmurar: — Filha da mãe distraída!

Chris olhou para ele preocupada. *Sim, ele está começando a perder o controle*. Ela parou de falar de padres e passou a falar sobre o convite para dirigir.

— Bem, muito bem — Dennings resmungou, ainda olhando para o copo. — Bravo!

— Mas, para ser sincera, isso me assusta um pouco.

Dennings olhou para ela no mesmo instante, e sua expressão agora era boa e paternal.

— Bobagem! — disse ele. — Veja, minha querida, o mais difícil de dirigir é fazer *parecer* que a coisa foi difícil. Eu não tinha a menor ideia da primeira vez, mas aqui estou, olhe para mim. Não há mágica, amor, apenas trabalho duro e ter sempre a consciência, desde o primeiro dia de filmagens, de que há um tigre siberiano em sua cola.

— Sim, sei disso, Burke, mas agora que a coisa está virando realidade, agora que eles me ofereceram uma chance, não tenho mais tanta certeza de que conseguiria sequer dirigir minha avó atravessando a rua. Sabe, todas aquelas coisas técnicas!

— Calma, sem histeria! Deixe toda essa bobagem com o seu editor, o seu diretor de fotografia e o continuísta. Consiga bons

profissionais e, eu prometo, eles farão você sorrir sem parar. O importante é que você saiba lidar bem com o elenco, com as atuações, e nisso você será *maravilhosa*, minha linda. Você não precisará apenas *dizer* o que quer, poderá *mostrar* a eles.

Chris pareceu confusa.

— Ah, mas ainda assim — disse ela.

— Ainda assim o quê?

— Bem, a parte técnica. Sabe, preciso entendê-la.

— Como o quê? Dê um exemplo ao seu guru.

A partir daquele momento, e por quase uma hora, Chris falou ao aclamado diretor sobre as partes mais difíceis, os detalhes. Os segredos técnicos da direção de filmes estavam disponíveis em diversos textos, mas ler sempre acabava com a paciência de Chris. Então, em vez disso, ela lia as pessoas. Naturalmente curiosa, ela mergulhava nas pessoas, torcia as pessoas. Mas os livros não eram torcíveis. Os livros eram superficiais. Diziam “deste modo” e “claramente” quando não havia nada claro, e os circunlóquios não podiam ser desafiados; eles não podiam ser interrompidos por algo irresistível e enternecedor como: “Ei, calma, espera. Sou idiota. Pode explicar melhor?” Os livros não podiam ser explorados, desafiados, dissecados.

Os livros eram como Karl.

— Querida, você precisa mesmo é de um editor muito bom — disse Dennings por fim. — Um editor que saiba bem o que faz.

Ele se tornara charmoso e falante, e parecia ter passado do ponto perigoso. Até ouvirem a voz de Karl.

— Com licença. Deseja alguma coisa, senhora?

Ele estava de pé, atento, à porta do escritório.

— Ah, opa. Thorndike! — Dennings o cumprimentou, rindo. — Ou seria Heinrich? — perguntou ele. — Não consigo lembrar o nome certo.

— É Karl, senhor.

— Sim, claro. Eu me esqueci. Diga-me, Karl, você fazia relações *públicas* para a Gestapo, ou seriam relações *comunitárias*? Creio que existe uma diferença.

Karl respondeu educadamente:

— Nenhum dos dois, senhor. Sou suíço.

O diretor resmungou.

— Ah, sim, claro, Karl! Certo! Você é suíço! E nunca jogou boliche com Goebbels, creio eu!

— Pare com isso, Burke! — Chris o repreendeu.

— Nunca voou com Rudolph Hess? — Dennings prosseguiu.

Calmo e sem qualquer alteração, Karl virou-se para Chris e perguntou com gentileza:

— Deseja alguma coisa, senhora?

— Burke, o que acha de beber aquele café, hein? O que me diz?

— Ah, que se dane! — disse o diretor de modo revoltado, levantando-se do bar e saindo da sala com a cabeça escondida entre as mãos, fechadas em punhos. Momentos depois, a porta da frente se fechou com força. Sem expressão, Chris virou-se para Karl e disse:

— Desligue todos os telefones.

— Sim, senhora. Mais alguma coisa?

— Bem, prepare um café descafeinado.

— Eu o trarei.

— Onde está Rags?

— Na sala de brinquedos. Devo chamá-la?

— Sim, está na hora de dormir. Ah, não, espere um pouco, Karl! Não se preocupe. Eu mesma vou buscá-la lá embaixo. — Ela se lembrou do pássaro e andou em direção à escada para se dirigir ao porão. — Tomarei o café quando subir.

— Sim, senhora, como quiser.

— E, pela milésima vez, eu peço desculpas pelo sr. Dennings.

— Não dou atenção.

Chris parou e virou-se.

— Sim, eu sei. É exatamente isso que o faz ficar louco da vida.

Voltando a virar-se, Chris caminhou até a entrada da casa, abriu a porta do porão e começou a descer.

— Ei, sua fedida! O que está fazendo aí embaixo? Já acabou o pássaro?

— Ah, sim, mamãe! Venha ver! Desça aqui! Já acabei!

A sala de brinquedo tinha painéis de madeira na parede e era muito colorida. Havia cavaletes. Quadros. Um toca-discos. Mesas para jogos e uma mesa para esculturas. Bandeirolas vermelhas e

brancas que restaram de uma festa do filho adolescente do dono anterior.

— Nossa, querida, que lindo! — Chris exclamou quando Regan entregou a ela sua obra, que não estava totalmente seca. Estava pintada de laranja, menos o bico, que tinha listras verdes e brancas. Havia um tufo de penas grudado na cabeça.

— Você gostou mesmo? — perguntou Regan, abrindo um sorriso.

— Ah, querida, gostei muito, de verdade. Ele tem um nome?

Regan balançou a cabeça.

— Não, ainda não.

— Qual seria um bom nome?

— Não sei — respondeu Regan, erguendo as mãos e dando de ombros.

Batendo de leve as unhas nos dentes, Chris franziu o cenho de modo exagerado.

— Deixe-me ver, deixe-me ver — disse ela delicadamente, pensando. Então, de repente, teve uma ideia: — Ei, o que acha de "Pássaro bobo"? Hein? O que acha? "Pássaro bobo"!

Num reflexo, cobrindo a boca com a mão e escondendo o aparelho nos dentes, Regan riu alto e assentiu.

— Tudo bem, vai ser "Pássaro bobo" por unanimidade! — Chris declarou de modo triunfante ao levantar a escultura. Quando voltou a abaixá-la, disse: — Vou deixá-lo aqui para secar por um tempo e então o guardarei em meu quarto.

Ao pôr o pássaro numa mesa de jogos a alguns metros, Chris viu um tabuleiro Ouija em algum lugar. Ela havia esquecido que tinha aquilo. Tão curiosa em relação a si mesma quanto era em relação aos outros, ela o havia comprado como uma forma possível de expor dúvidas de seu subconsciente. Não havia dado certo, apesar de tê-lo usado uma ou duas vezes com Sharon, e alguma outra vez com Dennings, que tinha empurrado a palheta de propósito ("É você que está mexendo isso, querida? É?"), de modo que todas as "mensagens dos espíritos" se tornassem obscenas, e culpou os "desgraçados espíritos do mal!" depois.

— Você andou brincando com o tabuleiro Ouija, Rags?

— Sim.

— Você sabe brincar?

— Ah, sim. Claro. Veja, vou mostrar.

Regan se adiantou para se sentar diante do tabuleiro.

— Bem, acho que são necessárias *duas* pessoas, querida.

— Não, mamãe. Faço isso o tempo todo.

Chris puxou uma cadeira.

— Bem, vamos brincar nós duas, tudo bem?

Uma hesitação. E então, a resposta:

— Tudo bem, combinado. — A menina manteve as pontas dos dedos posicionadas sobre a palheta, e quando Chris esticou o braço para posicionar a mão, a palheta fez um movimento repentino para a posição no tabuleiro onde estava a palavra NÃO.

Chris sorriu para a filha.

— Não quer mesmo que eu brinque, não é?

— Não, eu *quero*! Foi o Capitão Howdy que disse "não".

— Capitão *o quê*?

— Capitão Howdy.

— Quem é o Capitão Howdy?

— Sabe, eu faço as perguntas, e ele dá as respostas.

— Ah, sim, claro.

— Ele é muito legal.

Chris procurou não aparentar que começou a sentir uma leve mas persistente preocupação. Regan amava o pai profundamente, mas, ainda assim, não demonstrara a menor reação diante do divórcio dos pais. Talvez Regan chorasse em seu quarto; como saber? Mas Chris temia que a filha estivesse reprimindo raiva e pesar e que, um dia, a barragem fosse derrubada e suas emoções acabassem aparecendo de um modo desconhecido e prejudicial. Chris contraiu os lábios. Um companheiro de brincadeiras imaginário. Não parecia saudável. E por que o nome "Howdy"? Por causa de Howard, seu pai? *Bem parecido.*

— Como você nem conseguiu dar um nome ao pássaro, se fez isso com esse "Capitão Howdy"? Por que você o chama assim, Rags?

Regan riu.

— Porque é o *nome* dele, claro.

— Quem disse?

— *Ele.*
— Ah. Claro.
— *É, claro.*
— E o que mais ele diz a você?
— Coisas.
— Que coisas?
Regan deu de ombros e desviou o olhar.
— Sei lá. Só coisas.
— Por exemplo?
Regan voltou a olhar para a mãe e disse:
— Certo, então, vou mostrar. Farei algumas perguntas a ele.
— Boa ideia.
Pousando as pontas dos dedos das duas mãos na palheta de plástico em forma de coração e da cor bege, Regan fechou os olhos e se concentrou.
— Capitão Howdy, você acha a minha mãe bonita? — perguntou ela.
Cinco segundos se passaram. Depois, mais dez.
— Capitão Howdy?
Nenhum movimento. Chris ficou surpresa. Ela pensou que a filha escorregaria a palheta para a palavra SIM. *Ah, e agora?*, pensou ela. Seria uma hostilidade inconsciente? Ela me culpa por ter perdido o pai?
Regan abriu os olhos, com cara séria.
— Capitão Howdy, isso não é legal — disse ela.
— Vai ver ele está dormindo — disse Chris.
— Você acha?
— Acho que *você* deveria estar dormindo.
— Aaaah, mãe!
Chris ficou de pé.
— Sim, vamos, querida. Subindo! Diga boa-noite ao Capitão Howdy!
— Não, não vou dizer. Ele é um chato — disse ela, fazendo bico.
Regan se levantou e subiu a escada atrás de Chris.
Chris pôs a filha na cama e se sentou à beirada.
— Querida, não trabalho no domingo. Você quer fazer alguma coisa?

— Claro, mãe. Como o quê?

Quando chegaram a Washington, Chris procurou encontrar amiguinhas para Regan. Conseguiu apenas uma, uma menina de 12 anos, chamada Judy. Mas a família de Judy estava viajando no feriado da Páscoa, e Chris estava preocupada, agora que Regan poderia não ter amigas de sua idade.

Chris deu de ombros.

— Olha, *eu* não sei — disse ela. — Alguma coisa. — Se você quiser podemos passear pela cidade para ver os monumentos e tal. As cerejeiras, Rags! Isso, elas estão florindo cedo este ano! Quer vê-las?

— *Quero*, mãe!

— Ótimo! E amanhã à noite, eu levo você ao cinema!

— Ah, eu amo você!

Regan abraçou a mãe, e Chris abraçou a filha com ainda mais força, sussurrando:

— Eu amo você, linda.

— Pode chamar o sr. Dennings, se quiser.

Chris afastou-se dos braços da filha e olhou para ela desconfiada.

— O sr. Dennings?

— É, mãe, tudo bem.

— Ah, não — disse Chris, rindo. — Querida, por que eu chamaria o sr. Dennings?

— Bem, você gosta dele, não gosta?

— Bem, claro que gosto. Você não gosta?

Desviando o olhar, Regan não respondeu. Sua mãe olhou para ela com preocupação.

— Querida, o que foi? — perguntou Chris.

— Você vai casar com ele, né, mãe?

Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Chris começou a rir.

— Ah, minha filha, *claro que não*! Do que você está falando? O sr. Dennings? De onde tirou essa ideia?

— Mas você gosta dele, você disse.

— Gosto de pizza, mas não vou me casar com uma! Regan, ele é um amigo, apenas um amigo maluco!

— Você não gosta dele como gosta do papai?

— Eu *amo* seu pai, querida. Sempre amei seu pai. O sr. Dennings está sempre por perto porque está sozinho, só isso. Ele não passa de um amigo solitário e brincalhão.

— Bem, fiquei sabendo...

— Você soube do quê? Quem contou?

Dúvida em seus olhos, hesitação. Em seguida, deu de ombros.

— Não sei — disse Regan, suspirando. — Eu só pensei...

— Bem, isso é bobagem, esqueça.

— Está bem.

— Agora, hora de dormir.

— Não estou com sono. Posso ler?

— Sim, leia aquele livro novo que comprei.

— Obrigada, mamãe.

— Boa noite, linda. Durma bem.

— Boa noite.

Chris mandou um beijo da porta e a fechou, e então desceu a escada até seu escritório. *Crianças! De onde tiram suas ideias?* Ela tentou imaginar se Regan havia relacionado Dennings, de alguma forma, ao divórcio. Howard quisera se separar. Períodos prolongados de separação. Erosão do ego como marido de uma estrela de cinema. Ele havia conhecido outra pessoa. Mas Regan não sabia disso, só sabia que Chris decidira pedir o divórcio. *Ah, pare de bancar a psicanalista de araque e procure passar mais tempo com ela. Pronto!*

No escritório, Chris sentou-se para ler o roteiro de “Esperança”, quando, no meio da leitura, escutou passos e viu Regan caminhando em sua direção, sonolenta, esfregando os olhos.

— Ei, querida! O que foi?

— Uns barulhos muito estranhos, mamãe.

— No seu quarto?

— Sim, no meu quarto. São batidas e eu não consigo dormir.

Onde estão as malditas ratoeiras?

— Querida, durma no meu quarto e eu verei o que está acontecendo.

Chris levou Regan à suíte e punha a filha na cama quando ela perguntou:

— Posso assistir um pouco de televisão até pegar no sono?

— Onde está seu livro?

— Não consigo encontrá-lo. Posso ver TV?

— Ah, tudo bem. Claro.

Chris pegou o controle remoto do criado-mudo e sintonizou num canal.

— O volume está bom?

— Sim, mamãe, obrigada.

Chris colocou o controle remoto sobre a cama.

— Certo, querida. Assista apenas até sentir sono. Está bem? Depois, desligue.

Chris apagou a luz e atravessou o corredor, onde subiu a escada estreita forrada com carpete verde que levava ao sótão, abriu a porta, procurou o interruptor, acendeu a luz e entrou no sótão com obras ainda por fazer. Deu alguns passos e parou, olhando ao redor. Havia recortes de jornais e cartas em caixas empilhadas de maneira organizada no piso de madeira. Ela não viu mais nada ali. Apenas as ratoeiras. Seis delas. Armadas. Mas o local parecia impecável. Até mesmo o ar era fresco e tinha um bom cheiro. O sótão não tinha aquecedor. Nem canos. Nem aparelhos. Nenhum buraquinho no telhado por onde pudessem entrar bichos. Chris deu um passo à frente.

— Não há nada! — disse alguém atrás dela.

Chris se sobressaltou.

— Ai, *santo Deus*! — Ela exclamou, virando-se depressa e levando a mão ao coração, que pulava. — *Meu Deus*, Karl! Não faça isso!

Ele estava na escada, a dois degraus do sótão.

— Sinto muito. Mas está vendo, senhora? Está tudo limpo.

Ainda um pouco sem fôlego, Chris respondeu:

— Obrigada por me dizer isso, Karl. Sim, está limpo. Obrigada. Que maravilha.

— Senhora, talvez um gato seja melhor.

— Um gato seja melhor para quê?

— Para pegar os ratos.

Sem esperar pela resposta, Karl se virou para descer a escada e logo sumiu de vista. Por um momento, ela ficou olhando a porta

aberta, analisando se Karl havia sido levemente insolente. Não teve certeza. Virou-se de novo, procurando uma causa para as batidas. Olhou para o telhado. A rua era coberta por enormes árvores, a maioria delas com galhos retorcidos, e os galhos de uma delas, uma enorme tília americana, roçava a parte da frente da casa. *Seriam esquilos, afinal?*, pensou Chris. *Deve ser. Ou talvez até mesmo os galhos.* Havia ventado muito nas últimas noites.

"*Talvez um gato seja melhor.*"

Chris virou-se e olhou para a porta de novo. *Que espertinho, não é, Karl?*, pensou. E então, de repente, sua expressão tornou-se vivamente zombeteira. Foi até o quarto de Regan, pegou algo, levou ao sótão e, depois de um minuto, voltou ao quarto. Regan dormia. Chris levou a filha para o quarto dela, colocou-a na cama e voltou para seu quarto, desligou a televisão e dormiu.

Naquela noite, a casa estava especialmente quieta.

Enquanto tomava o café da manhã no dia seguinte, Chris disse a Karl, de modo distraído, que acreditou ter escutado uma das ratoeiras se fechando durante a noite.

— Pode dar uma olhada? — Chris sugeriu, bebericando o café e fingindo estar entretida lendo o *Washington Post*, enquanto, sem qualquer comentário, Karl foi ao sótão para investigar. Quando voltou, alguns minutos depois, Chris passou por ele no corredor do segundo andar. Ele olhava para a frente, caminhando sem qualquer expressão, segurando um boneco grande do Mickey Mouse cujo focinho ele arrancara de uma ratoeira. Ao se cruzarem, ela ouviu quando ele murmurou:

— Alguém está de brincadeira.

Chris entrou no quarto e, enquanto tirava o roupão para se vestir para o trabalho, murmurou baixinho:

— Sim, talvez um gato seja melhor... *muito* melhor.

O sorriso de Chris se espalhou pelo rosto todo.

As filmagens aconteceram tranquilamente naquele dia. Sharon chegou mais tarde, e nos intervalos entre as cenas, no camarim, ela e Chris cuidaram de assuntos de trabalho: uma carta ao agente dela (ela pensaria no roteiro); "sim" para a Casa Branca; uma ligação para Howard para que ele se lembrasse de telefonar no aniversário de Regan; uma ligação a seu assessor perguntando se ela poderia

tirar um ano de folga; e, então, planos para uma festa no dia 23 de abril.

No começo da noite, Chris levou Regan ao cinema e, no dia seguinte, elas foram conhecer pontos importantes da cidade no Jaguar XKE vermelho de Chris. O Capitólio. O Monumento a Lincoln. As cerejeiras. Pararam para comer e depois atravessaram o rio até o Cemitério Nacional de Arlington e o Túmulo do Soldado Desconhecido, onde Regan ficou séria e, mais tarde, diante do túmulo de John F. Kennedy, pareceu tornar-se distante e triste. Olhou para a "chama eterna" por um momento e, segurando a mão da mãe, perguntou de modo inexpressivo:

— Mãe, por que as pessoas têm que morrer?

A pergunta tocou a alma da mãe. *Ah, Rags, você também? Você também? Ah, não!* O que podia responder? Mentiras? Não, não podia mentir. Olhou para o rosto triste da filha, cujos olhos estavam marejados. Será que Regan havia percebido seus pensamentos? Muitas vezes, ela percebia o que ia à mente da mãe.

— Querida, as pessoas se cansam — disse ela, delicadamente.

— Por que Deus permite isso?

Olhando para a menina, Chris ficou em silêncio. Confusa. Perturbada. Por ser ateia, nunca ensinara religião à Regan. Acreditava que seria desonesto de sua parte.

— Quem tem falado com você sobre Deus? — perguntou ela.

— Sharon.

— Ah.

Teria que conversar com a secretária.

— Mãe, por que Deus *permite* que nos cansemos?

Vendo dor naqueles olhos sensíveis, Chris se entregou. Não podia dizer à filha em que realmente acreditava. Não acreditava em nada.

— Bem, depois de um tempo, Deus sente saudade de nós, Rags. E nos quer de volta.

Regan retraiu-se em silêncio. Ficou muito calada durante o trajeto de volta para casa; continuou assim ao longo daquele dia e, estranhamente, ao longo de toda a segunda-feira.

Na terça-feira, aniversário de Regan, o feitiço do silêncio estranho e da tristeza pareceu se desfazer. Chris levou a filha às

gravações e, quando o trabalho terminou, um bolo enorme com 12 velas acesas foi trazido, e o elenco e a equipe do filme cantaram “Parabéns para você”. Sempre gentil e educado quando sóbrio, Dennings pediu para que as luzes voltassem a ser acesas e, dizendo se tratar de um “teste de cena”, filmou Regan soprando as velas e cortando o bolo, e prometeu que a transformaria numa estrela. Regan pareceu contente, até feliz. Mas depois do jantar e de abrir os presentes, o bom humor desapareceu. Howard não havia telefonado. Chris ligou para ele em Roma, e soube, pela recepcionista do hotel, que ele não aparecia já fazia alguns dias e que não havia deixado número algum para recados. Estava num iate em algum lugar.

Chris inventou desculpas.

Regan assentiu, resignada, e recusou a sugestão da mãe de que fossem ao Hot Shoppe tomar um milk-shake. Sem nada dizer, desceu para a sala de brinquedos e ficou lá até a hora de dormir.

Na manhã seguinte, quando Chris abriu os olhos, encontrou Regan na cama com ela, meio desperta.

— Bem, mas o que... Regan, o que você está fazendo aqui? — perguntou Chris, rindo.

— Mãe, minha cama estava sacudindo.

— Ah, sua maluquinha! — disse Chris, beijando a filha e ajeitando as cobertas. — Durma. Ainda está cedo.

O que parecia uma manhã era o começo de uma noite sem fim.

CAPÍTULO DOIS

Ele estava de pé na ponta da plataforma vazia do metrô, para escutar o barulho de um trem que acalmasse a dor que convivia com ele. Como sua pulsação. Ouvida apenas em silêncio. Ele segurou a bolsa com a outra mão e olhou para o túnel. Pontos de luz se estendiam no escuro como guias rumo à desesperança.

Alguém tossiu. Ele olhou para a esquerda. Um mendigo de barba cinza estava sentado numa poça de sua própria urina, impassível, com um rosto triste e marcado, os olhos amarelos fixos no padre.

O padre desviou o olhar. Ele viria. Ele resmungaria. *Será que você poderia ajudar um ex-coroinha, padre? Podia?* A mão suja de vômito pressionando seu ombro. A procura, dentro do bolso, pela medalhinha. O fedor do hálito de mil confissões, com vinho, alho e pecados mortais reunidos, sufocando... sufocando...

O padre percebeu que o mendigo se levantava.

Não venha!

Escutou um passo.

Ai, meu Deus, deixe-me em paz!

— Ei, padre.

Ele fez uma careta, desanimado. Não podia se virar. Não aguentaria procurar Cristo de novo em meio ao fedor e aos olhos vazios; o Cristo de pus e excrementos, o Cristo que não poderia ser. Num gesto distraído, tocou a manga do casaco como se procurasse uma fita de luto. Ele se lembrou de outro Cristo.

— Sou católico, padre!

O barulho distante de um trem que se aproximava. O som de passos. O padre se virou e olhou. O mendigo cambaleava, prestes a desmaiar. Com uma pressa rápida e cega, o padre se aproximou e o segurou; arrastou-o para o banco contra a parede.

— Sou católico — disse o homem. — Sou católico.

O padre o acalmou; deitou-o, viu seu trem. Com pressa, tirou um dólar de dentro de sua carteira e o pôs no bolso do casaco do mendigo. E então concluiu que ele poderia perder o dinheiro. Pegou a nota, enfiou-a num bolso da calça, molhado de urina, pegou sua bolsa e entrou no trem, sentando-se a um canto, e fingiu dormir até o fim da linha, onde foi para a rua e começou a longa caminhada até a universidade Fordham. O dólar era o dinheiro com que pagaria o táxi.

Quando chegou ao salão para visitantes, assinou seu nome no livro de registros. *Damien Karras*, escreveu. E observou. Algo estava errado. Exausto, ele se lembrou e acrescentou "*S.J.*", a abreviatura de *Society of Jesus*. Pediu um quarto no Weigel Hall e, depois de uma hora, finalmente dormiu.

No dia seguinte, participou de uma reunião na Associação Norte-americana de Psiquiatria. Como principal palestrante, apresentou um trabalho intitulado "Aspectos psicológicos do desenvolvimento espiritual", e, no fim do dia, tomou alguns drinques e comeu algo com os outros psiquiatras. Eles pagaram a conta. Ele os deixou cedo. Precisava visitar a mãe.

Ao sair do metrô, caminhou até o prédio de tijolinhos aparentes na rua 21 Leste, em Manhattan. Ao parar perto dos degraus que levavam à porta de carvalho escuro, olhou para as crianças nos degraus. Desgrenhadas. Malvestidas. Sem ter aonde ir. Ele se lembrou dos despejos, das humilhações: caminhar em direção à casa com a namorada da sétima série e encontrar a mãe vasculhando as latas de lixo do canto da rua. Karras subiu os degraus devagar. Sentiu cheiro de comida sendo preparada. Um cheiro doce, quente, úmido. Lembrou-se das visitas à sra. Choirelli, a amiga de sua mãe, em seu minúsculo apartamento, dentro do qual havia 18 gatos. Segurou-se no corrimão e subiu, tomado por um cansaço repentino que ele sabia ser causado pela culpa. Não devia tê-la deixado. Não sozinha. No quarto andar, procurou a chave no bolso e a enfiou na fechadura: 4C, o apartamento de sua mãe. Abriu a porta como se fosse uma ferida ainda não cicatrizada.

A recepção dela foi alegre. Um grito. Um beijo. Ela apressou-se em fazer café. Pele escura. Pernas finas e tortas. Ele se sentou à

mesa da cozinha, ouvindo a mãe falar, e as paredes sujas e o chão empoeirado entravam em seus ossos. O apartamento era uma choça. Aposentadoria e, todo mês, alguns dólares do irmão dela.

Ela se sentou à mesa. Sra. Fulana, tio Sicrano. Ainda com sotaque estrangeiro. Ele evitava aqueles olhos, que eram poços de pesar, que passavam dias olhando pela janela.

Eu não devia tê-la deixado.

Ela não sabia ler nem escrever em inglês, por isso, mais tarde, ele escreveu algumas cartas por ela, e depois consertou o botão de um rádio velho de plástico. O mundo dela. As notícias. O prefeito Lindsay.

Ele foi ao banheiro. Jornais amarelados espalhados pelo chão. Manchas de ferrugem na banheira e na pia. No chão, um velho corselete. As sementes da vocação. Com elas, ele havia chegado ao amor, mas, agora, o amor havia se tornado frio e, durante a noite, ele o ouvia assobiar pelas câmaras de seu coração como um vento perdido, uivando com suavidade.

Às 10h45, ele se despediu com um beijo; prometeu voltar assim que pudesse.

Partiu com o rádio ligado no noticiário.

De volta a seu quarto no Weigel Hall, Karras pensou em escrever uma carta ao diretor dos jesuítas da província de Maryland. Ele já havia falado sobre o assunto com ele antes: queria pedir transferência para a província de Nova York para poder ficar mais perto da mãe; queria pedir uma vaga de professor e dispensa de suas atividades de conselheiro. Ao pedir isto, ele havia citado “inadequação” para o trabalho como motivo.

O superior da província de Maryland havia entrado em contato com ele durante o decorrer de sua visita de inspeção anual à universidade de Georgetown, uma função bem parecida com a de um inspetor general de exército, ouvindo as confissões de quem sofria ou tinha reclamações. No que dizia respeito à mãe de Damien Karras, o supevisor concordara e expressara sua solidariedade; mas a questão da “inadequação”, acreditava ele, era contradita pelo histórico de Karras. Ainda assim, Karras havia tentado, havia procurado Tom Bermingham, reitor da universidade de Georgetown:

— É mais do que psiquiatria, Tom. Você sabe disso. Alguns dos problemas deles se resumem à vocação, ao sentido de suas vidas. Tom, nem sempre é o sexo que está envolvido, mas sim a fé, e eu não consigo lidar com tudo isso. É demais. Eu preciso sair.

— Qual é o problema?

— Tom, acho que perdi minha fé.

Bermingham não o pressionou para saber os motivos de sua dúvida. Karras sentiu-se grato por isso. Ele sabia que suas respostas teriam parecido malucas. *A necessidade de rasgar comida com os dentes e então defecar. As sextas-feiras com a minha mãe. Meias fedidas. Bebês da talidomida. Uma nota no jornal sobre um jovem coroinha esperando num ponto de ônibus, abordado por desconhecidos, que espalharam querosene sobre seu corpo e o incendiaram*. Não. Não, emocional demais. Vago. Existencial. Mais enraizado na lógica estava o silêncio de Deus. No mundo, havia maldade, e grande parte dela resultava da dúvida, de uma confusão real entre homens de boa vontade. Um Deus razoável se recusaria a eliminá-la? Não a revelaria Ele mesmo, por fim? Não falaria?

“Senhor, dê-nos um sinal...”

A ressurreição de Lázaro tornou-se um passado distante.

Nenhum ser vivo havia escutado sua risada.

Então, por que não um sinal?

Em diversos momentos, Karras desejava ter vivido com Cristo: queria tê-lo visto, queria tê-lo tocado, queria ter visto seus olhos. *Ah, meu Deus, deixe-me vê-lo! Faça-me compreender! Venha em meus sonhos!*

O desejo o consumia.

Ele se sentou à mesa com a caneta sobre o papel. Talvez não tivesse sido o tempo a silenciar o supervisor da província. Talvez ele soubesse, pensou Karras, que a fé era finalmente uma questão de amor.

Bermingham havia prometido analisar os pedidos, tentar influenciar o supervisor, mas, por enquanto, nada havia sido feito. Karras escreveu a carta e foi dormir.

Acordou às cinco, foi à capela em Weigel Hall para pegar a hóstia para a missa e voltou a seu quarto.

— *Et clamor meus ad te veniat.* — Ele rezou, com angústia sussurrada. — E que meu grito chegue a Ti... — Levantou a hóstia em consagração, lembrando-se da alegria que ela lhe dava; sentiu de novo, como todas as manhãs, o susto de um olhar inesperado de longe e de um amor perdido e não notado. Quebrou a hóstia acima do cálice. — A paz eu deixo com você. Eu lhe dou a minha paz. — Enfiou a hóstia na boca e engoliu o gosto seco de desespero. Quando a missa terminou, limpou o cálice com cuidado e o colocou dentro de sua bolsa. Correu para pegar o trem das 7h10, de volta a Washington, carregando a dor numa maleta preta.

CAPÍTULO TRÊS

No início da manhã de 11 de abril, Chris telefonou a seu médico em Los Angeles para pedir a indicação de um psiquiatra da região, ao qual pudesse levar Regan.

— É mesmo? O que houve?

Chris explicou. Começando no dia depois do aniversário de Regan — e depois de Howard não ter telefonado —, ela notara uma mudança repentina e drástica no comportamento e no humor da filha. Insônia. Irritabilidade. Acessos de raiva. Regan chutava objetos. Jogava coisas. Gritava. Recusava-se a comer. Além disso, sua força parecia anormal. Estava sempre em movimento, pegando e virando objetos, tamborilando, correndo e saltando. Tinha preguiça na hora de fazer a lição de casa. Brincava com amigos imaginários. Usava táticas excêntricas para chamar a atenção.

— Quais táticas? — perguntou o médico.

Chris começou contando sobre as batidas. Desde a noite em que checara o sótão, ela as havia escutado de novo duas vezes, e, nos dois momentos, percebera que Regan estava presente no quarto e os barulhos cessavam assim que Chris chegava. Em seguida, disse que Regan “perdia” coisas no quarto: um vestido, a escova de dente, livros, sapatos. Reclamava que “alguém estava arrastando” os móveis. Por fim, na manhã seguinte ao jantar na Casa Branca, Chris viu Karl no quarto de Regan, empurrando de volta ao lugar uma cômoda que estava no meio do quarto. Quando ela perguntou o que ele estava fazendo, ele repetiu “Alguém está de brincadeira” de modo formal, e se recusou a dizer algo além disso; mas logo depois, na cozinha, Chris viu Regan reclamando que alguém havia mudado a posição de todos os móveis enquanto ela dormia à noite,

e foi esse incidente, explicou Chris, que acabou por reforçar suas suspeitas. Estava claro que a filha estava fazendo tudo aquilo.

— Você está falando de sonambulismo? Ela está fazendo isso enquanto dorme?

— Não, Marc, está fazendo acordada. Para chamar a atenção.

Chris contou sobre a cama que chacoalhou, o que ocorrera duas outras vezes, depois das quais Regan insistira para dormir com a mãe.

— Isso pode ser um problema físico — disse o médico.

— Não, Marc, eu não disse que a cama *estava* chacoalhando. O que eu disse é que Regan *disse* que estava chacoalhando.

— Você tem certeza de que *não estava*?

— Não, não tenho.

— Bem, podem ser espasmos clônicos — disse ele.

— Como é?

— Espasmo clônico. Ela está com febre?

— Não. Escute, o que você acha? — perguntou Chris. — Devo levá-la a um psiquiatra ou o quê?

— Chris, você falou do dever de casa. Como ela está em matemática?

— Por quê?

— Como ela está? — Ele insistiu.

— Mal. Digo, *de repente* ficou ruim.

— Entendo.

— Por que está perguntando? — perguntou ela.

— Bem, faz parte da síndrome.

— Síndrome? Síndrome do quê?

— Nada sério. Prefiro não dizer nada ao telefone. Tem papel e caneta?

Ele queria dar o nome de um médico de Washington.

— Marc, você não pode vir para examiná-la? — Ela estava pensando em Jamie e em sua longa infecção. O então médico de Chris prescrevera um antibiótico novo de amplo espectro. Ao comprar o remédio numa farmácia da região, o farmacêutico alertara: “Não quero assustá-la, senhora, mas este... bem, é um antibiótico muito novo no mercado, e na Geórgia descobriram que ele tem causado anemia aplástica em crianças pequenas.” Jamie.

Morto. Desde então, Chris deixou de confiar em médicos. Apenas Marc, e, mesmo assim, só depois de anos. — Você não pode vir, Marc?

— Não, não posso, mas não se preocupe. Esse médico que estou recomendando é brilhante. É o melhor. Agora, anote.

Hesitação. E então:

— Pronto, peguei um lápis. Qual é o nome?

Ela escreveu o nome e o número de telefone.

— Telefone e peça a ele para examiná-la e telefonar para mim — disse o médico. — E não pense em psiquiatra por enquanto.

— Tem certeza?

Ele disse algo breve sobre a rapidez com que as pessoas, de modo geral, reconheciam uma doença psicossomática, mas não disse nada sobre o contrário: que a doença do corpo geralmente era a causa de uma doença que parecia ser mental.

— Agora, o que você diria se fosse minha médica, Deus me livre, e eu lhe dissesse que sinto dores de cabeça, tenho pesadelos frequentes, náusea, insônia e visão turva? E que eu sempre me sinto desconectado da realidade e preocupado em excesso com o trabalho? Você diria que estou neurótico?

— Sou suspeita para falar, Marc. Eu *sei* que você é neurótico.

— Esses sintomas que citei são os mesmos de um tumor cerebral, Chris. Examine o corpo. É por onde começamos. Depois, veremos.

Chris telefonou ao especialista e marcou uma consulta para aquela tarde. Ela tinha tempo agora. As gravações haviam se encerrado, pelo menos para ela. Burke Dennings continuava trabalhando, supervisionando de modo inconstante o trabalho da segunda unidade, uma equipe especial que filmava cenas de menor importância, geralmente cenas feitas por helicóptero de diversas paisagens da cidade, além do trabalho dos dublês e cenas das quais os protagonistas não participavam. Dennings queria que todas as cenas saíssem perfeitas.

O médico atendia em Arlington. Samuel Klein. Deixando Regan sentada, emburrada, numa sala de exames, Klein levou a mãe para o consultório e pediu uma descrição breve do caso. Ela contou. Ele escutou, assentiu, fez anotações longas. Quando ela mencionou

que a cama havia chacoalhado, ele franziu o cenho, confuso, mas Chris prosseguiu:

— Marc pareceu achar que fazia sentido o fato de Regan estar se saindo mal em matemática. Por quê?

— A senhora se refere ao dever de casa?

— Sim, ao dever de casa, mas o de matemática, em especial. O que quer dizer?

— Bem, vamos esperar até que eu a examine, sra. MacNeil.

Então, ele pediu licença e fez um exame completo em Regan, que incluiu exames de urina e de sangue. A urina era para o exame das funções renais e hepáticas; o sangue, para vários outros: diabetes, tireoide, contagem de glóbulos vermelhos em busca de uma possível anemia, e contagem de glóbulos brancos para doenças raras de sangue.

Quando terminou, Klein sentou-se e conversou com Regan, observando seu comportamento, voltou ao consultório e começou a escrever a prescrição.

— Parece que ela tem um transtorno hipercinético — disse ele a Chris enquanto escrevia.

— Um o quê?

— Um distúrbio dos nervos. Pelo menos, acreditamos ser isso. Não sabemos ao certo como funciona, mas é detectado geralmente no início da adolescência. Ela apresenta todos os sintomas: a hiperatividade, a irritabilidade, o mau desempenho em matemática.

— Sim, a matemática. Por quê?

— Porque afeta a concentração. — Ele arrancou a folha da prescrição do pequeno bloco azul e a entregou a Chris. — Aqui está a receita para Ritalina.

— O quê?

— Metilfenidato.

— Ah, sim, isso.

— Dez miligramas, duas vezes por dia. Eu recomendaria dar às oito da manhã e às duas da tarde.

Chris estava lendo a prescrição.

— O que é isso? Um calmante?

— Um estimulante.

— Estimulante? Ela *já está* totalmente elétrica!

— O problema dela não é bem o que parece — Klein explicou. — É uma forma de supercompensação, uma reação forte à depressão.

— Depressão?

Klein assentiu.

— Depressão — Chris repetiu, olhando para o lado e para o chão, pensativa.

— Bem, você me contou sobre o pai dela.

Chris olhou para a frente.

— Você acha que eu deveria levá-la ao psiquiatra, doutor?

— Ah, não. Eu esperaria para ver o que a Ritalina fará. Eu acho que ela vai nos trazer a solução. Vamos esperar duas ou três semanas.

— Então, o senhor acredita ser um problema de nervos.

— Suspeito que sim.

— E as mentiras que ela vem contando? Elas vão deixar de ocorrer?

A resposta dele deixou Chris confusa. Ele perguntou se ela sabia se Regan xingava ou dizia obscenidades.

— Que pergunta estranha. Não, nunca vi.

— Bem, veja, são coisas bem parecidas com o fato de ela estar mentindo. Não são comuns, pelo que a senhora me disse, mas em certos distúrbios dos nervos isso pode...

— Espere um pouco, calma — Chris interrompeu. — De onde o senhor tirou a ideia de que ela diz obscenidades? Foi o que disse ou eu não entendi bem?

Klein olhou para ela com atenção por um momento e respondeu cautelosamente:

— Sim, eu diria que ela diz obscenidades. A senhora não sabia?

— Eu *ainda* não sei! De que você está falando?

— Bem, ela soltou vários palavrões enquanto eu a examinava, sra. MacNeil.

— Está brincando, doutor? Como o quê?

Klein pareceu incomodado.

— Digamos apenas que o vocabulário dela é bem extenso.

— Bem, como o quê? Dê um exemplo!

Klein deu de ombros.

— Está se referindo a “merda”? Ou “foda-se”?

Klein relaxou.

— Sim, ela usou essas palavras — disse ele.

— E o que mais ela disse? Especificamente?

— Bem, especificamente, sra. MacNeil, ela me aconselhou a manter meus malditos dedos longe da vagina dela.

Chris arquejou, chocada.

— Ela disse isso?

— Bem, não é incomum, sra. MacNeil, e eu não me preocuparia muito com isso. Como disse, é um sintoma do distúrbio.

Olhando os próprios sapatos, Chris balançou a cabeça.

— É tão difícil de acreditar — disse ela, baixinho.

— Veja bem, duvido que ela soubesse o que estava dizendo.

— Sim, eu também — disse Chris. — Pode ser.

— Vamos tentar a Ritalina — Klein aconselhou —, e veremos o que acontece. E gostaria de examiná-la de novo em duas semanas.

Ele consultou um calendário sobre a mesa.

— Vejamos. Podemos marcar para quarta-feira, dia 27. Está bem?

— Sim, está. — Chocada e séria, Chris levantou-se da cadeira, pegou a receita e a enfiou no bolso do casaco. — Claro. Dia 27 está ótimo.

— Sou fã de seu trabalho — disse Klein quando ela abriu a porta que dava para o corredor.

Com o dedo indicador nos lábios, cabeça baixa, Chris parou na porta, preocupada. Olhou para o médico.

— Doutor, o senhor não acha que um psiquiatra...

— Não sei. Mas a melhor explicação é sempre a mais simples. Vamos esperar. Esperar e ver — disse ele, sorrindo de modo encorajador. — Procure não se preocupar.

— Como?

Enquanto Chris dirigia para casa, Regan perguntou o que o médico havia dito a ela.

— Ele disse apenas que você está nervosa.

— Só isso?

— Só isso.

Chris havia decidido não falar sobre os palavrões.

Burke. Ela deve ter ouvido Burke dizer alguma coisa.

Mais tarde, porém, Chris conversou com Sharon, e perguntou se ela já tinha visto Regan usar palavras daquele tipo.

— Meu Deus, não — disse Sharon, levemente assustada. — Não, nunca. Nem mesmo ultimamente. Mas, olha, acho que a professora de educação artística comentou algo a respeito.

— Recentemente, Sharon?

— Semana passada. Mas aquela mulher é muito impertinente. Imagino que Regan tenha dito “droga” ou “que saco”. Algo assim, sabe?

— Ah, a propósito, você tem falado sobre religião com a Rags, Shar?

Sharon corou.

— Bem, um pouco. É que é difícil evitar. Chris, ela faz tantas perguntas, e... bem... — disse, dando de ombros. — É difícil. Afinal, como responder sem dizer algo que considero uma grande mentira?

— Dê a ela múltiplas escolhas.

Nos dias que antecederam à festa em sua casa, Chris teve extremo cuidado para que a filha tomasse a Ritalina nos horários certos. Mas até a noite da festa, no entanto, ela não havia notado melhora alguma. Na verdade, percebeu sinais sutis de piora gradual: maior esquecimento, desorganização e uma reclamação, quando Regan disse que sentia náuseas. Quanto às táticas para chamar a atenção, apesar de as mais familiares não terem ocorrido, outras apareceram: a menina disse sentir um “cheiro” desagradável no quarto. Por sua insistência, Chris tentou senti-lo um dia, mas não conseguiu.

— Você não está sentindo? — perguntou Regan, confusa.

— Você está sentindo o cheiro agora?

— Puxa! Com certeza!

— Como é esse cheiro, querida?

Regan enrugou o nariz.

— Cheiro de algo queimado.

— É mesmo?

Chris tentou sentir de novo, respirando mais profundamente.

— Não está sentindo?

— Ah, sim, *agora* senti. Por que não abrimos a janela um pouco, para deixar o ar entrar?

Na verdade, Chris não havia sentido nada, mas decidiu temporizar, pelo menos até a consulta com o médico. Também estava preocupada com outras coisas. Uma delas era a festa que daria em sua casa. Outra era o roteiro. Apesar de ainda estar animada com a ideia de dirigir um filme, sua prudência inata a impedira de tomar uma decisão rápida. Enquanto isso, seu agente telefonava todos os dias. Ela disse que havia dado o roteiro a Dennings para saber a opinião dele, e esperava que ele o estivesse lendo.

E a terceira preocupação, e mais importante, eram os prejuízos de dois investimentos: a compra de debêntures conversíveis por meio de juros pré-pagos e um investimento num projeto de extração de petróleo no sul da Líbia. Ambos tinham entrado para a faixa de renda que estaria sujeita a uma grande tributação. Mas algo ainda pior havia ocorrido: os poços haviam secado e as taxas de juros exorbitantes tinham causado a desvalorização das ações. Foi para discutir esses problemas que seu consultor de negócios veio à cidade. Ele chegou numa quinta-feira. Chris encontrou-se com ele na sexta-feira, quando, finalmente, decidiu seguir um plano que ele julgava inteligente, apesar de não ter demonstrado entusiasmo quando ela tocou no assunto de comprar uma Ferrari.

— Uma nova?

— Por que não? Olha, eu dirigi uma num filme, certa vez. Se escrevermos para a empresa e dissermos isso, pode ser que eles façam um bom preço. Não acha?

O consultor não concordou. E alertou que tal compra seria improvidente.

— Ben, eu ganhei mais de oitocentos mil ano passado e você está me dizendo que não posso comprar um bendito *carro*! Não acha isso ridículo? Para onde foi todo o dinheiro?

Ele lembrou que a maior parte do dinheiro dela estava investido. E então relacionou diversos gastos: o imposto de renda; o imposto estadual; a tributação estimada para a renda futura; a tributação sobre propriedades; o pagamento do salário do empresário, do assessor e dele próprio, que somava 20% de sua renda; mais 1,25% ao Fundo de Auxílio ao Cinema; roupas da moda; salários de

Willie, Karl e Sharon e do caseiro da casa de Los Angeles; diversos gastos com viagens; e, por fim, as despesas mensais.

— Você fará mais um filme este ano? — perguntou ele.

Chris deu de ombros.

— Não sei. Deveria fazer?

— Sim, acho que deveria.

Com os cotovelos apoiados nos joelhos, Chris fez uma cara triste e, olhando para o consultor, perguntou:

— Que tal um Honda?

Ele não respondeu.

Mais tarde, Chris tentou deixar as preocupações de lado. Procurou ocupar-se com os preparativos para a festa da noite seguinte.

— Vamos dispor o curry num bufê, e não na mesa — disse ela a Willie e a Karl. — Podemos montar uma mesa no canto da sala de estar, certo?

— Sem problemas, senhora — respondeu Karl rapidamente.

— O que você acha, Willie? Uma salada de frutas para sobremesa?

— Sim, excelente ideia, senhora! — respondeu Karl.

— Obrigada, Willie.

Ela havia convidado um grupo interessante. Além de Burke (“Vá sóbrio, caramba!”) e o jovem diretor da segunda unidade do filme, ela convidara um senador (e a esposa), um astronauta da Apollo (e a esposa), dois jesuítas de Georgetown, os vizinhos, e Mary Jo Perrin e Ellen Cleary.

Mary Jo Perrin era uma psíquica de Washington, rechonchuda e de cabelos grisalhos. Chris a havia conhecido no jantar da Casa Branca e passara a gostar muito dela. Pensou que ela seria contida e séria, mas posteriormente tivera a oportunidade de dizer: “Você não é *nada* disso!”; Mary era uma mulher simpática e despretensiosa. Ellen Cleary era uma secretária de meia-idade do Departamento de Estado que havia trabalhado na Embaixada dos Estados Unidos em Moscou quando Chris foi à Rússia. Ela se esforçou muito para tirar Chris de várias dificuldades e contratempos ao longo de suas viagens, a maioria deles causados pela

sinceridade da atriz ruiva. Chris sempre se lembrava de Ellen com carinho, e voltara a procurá-la quando chegou a Washington.

— Ei, Shar, os padres virão?

— Ainda não tenho certeza. Convidei o presidente e o reitor da faculdade, mas acredito que o presidente enviará um representante. A secretária dele telefonou no fim da manhã e disse que talvez ele tenha que viajar.

— Quem ele pretende mandar? — perguntou Chris, curiosa.

— Deixe-me ver — disse Sharon, procurando em suas anotações. — Sim, aqui está. É o assistente dele, o padre Joseph Dyer.

— Ah.

Chris parecia desapontada.

— Onde está Rags? — perguntou ela.

— Lá embaixo.

— Olha, talvez você possa começar a deixar sua máquina de escrever lá embaixo, que tal? Assim, você pode observá-la enquanto digita. Pode ser? Não gosto que ela passe tanto tempo sozinha.

— Boa ideia.

— Certo, até mais. Vá para casa, Shar. Medite. Brinque com os cavalos.

O planejamento e os preparativos estavam arranjados, e Chris começou a se preocupar com Regan mais uma vez. Tentou ver televisão. Não conseguiu se concentrar. Sentia-se inquieta. Havia um clima estranho na casa. Como uma calmaria se assentando. Um peso.

À meia-noite, a casa toda estava em silêncio.

Não houve perturbações. Naquela noite.

CAPÍTULO QUATRO

Ela recebeu os convidados com um conjunto verde-limão de calça e blusa de mangas compridas e boca de sino. Os sapatos eram confortáveis e refletiam sua esperança para a noite.

A primeira a chegar foi a famosa psíquica, Mary Jo Perrin, que estava acompanhada de seu filho adolescente, Robert, e o último foi o padre Dyer, de rosto corado. Ele era jovem e baixo, com olhos espertos atrás de óculos de aros grossos. Na porta, ele se desculpou pelo atraso.

— Não estava conseguindo encontrar a gravata adequada — disse ele a Chris, de modo inexpressivo. Ela olhou para ele sem entender, mas acabou rindo. A depressão que a acompanhara ao longo do dia começava a se dissipar.

As bebidas fizeram efeito. Às 21h45, todos estavam espalhados pela sala de estar, jantando e envolvidos em animadas conversas.

Chris serviu-se do bufê e procurou a sra. Perrin pela sala. Ali. Num sofá ao lado do padre Wagner, o reitor jesuíta. Chris havia conversado com ele brevemente. Ele era careca, tinha pintas na cabeça e uma atitude gentil porém séria. Chris se aproximou do sofá, na frente da mesa de centro, enquanto a psíquica ria com júbilo.

— Ah, pare com isso, Mary Jo! — disse o reitor, enquanto levava uma garfada de curry à boca.

— Sim, pare com isso — Chris repetiu.

— Oi! O curry está delicioso! — disse o reitor.

— Não está apimentado demais?

— Não, de jeito algum. Está no ponto certo. Mary Jo está me contando que havia um jesuíta que também era médium.

— E ele não acredita em mim! — disse ela, sorrindo.

— Ah, *distinguo* — O reitor a corrigiu. — Eu só disse que era difícil de acreditar.

— Está dizendo que era um médium *de verdade*? — perguntou Chris.

— Claro que sim — disse Mary Jo. — Ele até levitava!

— Ah, eu faço isso todas as manhãs — disse o jesuíta, baixinho.

— Está dizendo que ele realizava sessões espíritas? — perguntou Chris à sra. Perrin.

— Pois é — respondeu ela. — Ele era muito, muito famoso no século XIX. Na verdade, talvez tenha sido o único espiritualista de seu tempo que nunca foi acusado de fraude.

— Como eu disse, ele não era um jesuíta. — O reitor comentou.

— Ah, era, sim! — disse a psíquica, rindo. — Quando completou 22 anos, ele se uniu aos jesuítas e prometeu não trabalhar mais como médium, mas foi expulso da França — disse, rindo ainda mais — logo depois de uma sessão espírita que realizou nas Tulherias. Sabe o que ele *fez*? No meio da sessão espírita, ele contou à imperatriz que ela estava prestes a ser tocada pelas mãos do espírito de uma criança que estava por um triz de se materializar totalmente, e quando eles acenderam todas as luzes de repente, viram-no encostando o pé descalço no *braço* da imperatriz! Dá para imaginar uma coisa dessas?

O jesuíta sorria ao pousar o prato sobre a mesa.

— Não me peça descontos nas indulgências, Mary Jo.

— Ah, vamos, toda família tem sua ovelha negra.

— Compensamos com os papas Médici.

— Sabem, tive uma experiência espírita certa vez — Chris começou.

Mas o reitor a interrompeu.

— Está fazendo uma confissão?

Chris sorriu e disse:

— Não, não sou católica.

— Bem, os jesuítas também não são. — Perrin provocou com um sorriso.

— Calúnia dominicana — disse o reitor. E então disse a Chris: — Sinto muito, minha cara. O que você dizia?

— Bem, só pensei ter visto alguém levitar uma vez. No Butão.

Ela contou a história.

— Vocês acham possível? — perguntou ela. — De verdade?

— Quem sabe? — respondeu o reitor jesuíta. — Como saber como funciona a gravidade? Ou a matéria, nesse caso.

— Quer minha opinião? — perguntou a sra. Perrin.

— Não, Mary Jo — disse o reitor. — Fiz voto de pobreza.

— Eu também — Chris murmurou.

— O que é? — perguntou o reitor, inclinando-se para a frente.

— Ah, nada. Digamos que há algo que quero perguntar a você. Sabe aquela casinha que há atrás da igreja? — disse Chris, apontando na direção.

— A Santíssima Trindade? — perguntou ele.

— Sim, esta. O que acontece ali?

— Bem, é onde ocorre a missa negra — disse a sra. Perrin.

— Missa *o quê*?

— Missa negra.

— O que é isso?

— Ela está brincando — disse o reitor.

— Sim, eu sei — disse Chris —, mas eu sou idiota. O que é a missa negra?

— Bem, basicamente, é uma imitação da missa católica — O reitor explicou. — Está ligada à adoração ao mal.

— Minha nossa! Existe algo assim?

— Não sei bem. Mas já soube de uma estatística de que cerca de cinquenta mil missas negras são realizadas todos os anos em Paris.

— Está dizendo que isso acontece *atualmente*? — perguntou Chris.

— Foi algo que eu soube.

— Sim, claro, foi revelado pelo serviço secreto jesuíta — A sra. Perrin brincou.

— Não, nada disso — disse o reitor. — Minhas vozes me disseram.

As mulheres riram.

— Olha, em Los Angeles — disse Chris —, ouvimos muitas histórias a respeito de cultos das bruxas. Sempre fico tentando imaginar se ocorrem mesmo.

— Bem, como eu disse, não há como saber — disse o reitor. — Mas vou dizer quem deve saber: Joe Dyer. Onde está ele?

O reitor olhou ao redor.

— Ah, bem ali — disse ele, com um aceno de cabeça na direção do padre, que estava de pé perto do bufê, de costas para eles, servindo-se novamente. — Joe?

O jovem padre se virou, com o rosto impassível.

— O senhor me chamou, grande reitor?

O reitor fez um gesto com os dedos.

— Só um segundo — respondeu Dyer, virando-se para voltar a atacar o curry e a salada.

— Esse é o único duende do clero — disse o reitor, com simpatia. Bebericou o vinho. — Eles viram alguns casos de profanação na Santíssima Trindade na semana passada, e Joe disse algo a respeito de um deles, relembrando algumas coisas que eles faziam na missa negra. Por isso, acredito que ele saiba algo sobre o assunto.

— O que aconteceu na igreja? — perguntou Mary Jo Perrin.

— Puxa, é nojento — disse o reitor.

— Vamos, já terminamos de comer.

— Não, por favor, é muito ruim — disse ele.

— Vamos, conte.

— Está dizendo que não consegue ler a minha mente, Mary Jo? — perguntou ele.

— Ah, eu poderia fazer isso — respondeu ela, sorrindo —, mas acredito que não sou digna de entrar nesse templo *tão* sagrado!

— Bem, é realmente terrível — disse o reitor.

Ele descreveu as profanações. No primeiro dos incidentes, o sacristão idoso da igreja havia encontrado um monte de excremento humano na toalha do altar, bem diante do templo.

— Nossa! Isso *é* nojento — disse a sra. Perrin, fazendo uma careta.

— Bem, a outra é ainda pior — O reitor comentou. E então, empregou indiretas e um ou dois eufemismos para explicar como um enorme falo esculpido em argila havia sido encontrado colado à estátua de Cristo no lado esquerdo do altar.

— Nojento, não? — Ele concluiu.

Chris percebeu que a psíquica estava realmente enojada quando disse:

— Ah, já basta. Já me arrependi de ter perguntado. Vamos mudar de assunto.

— Não, estou fascinada — disse Chris.

— Sim, claro. Eu sou um ser humano fascinante — disse alguém.

Era Dyer. Segurando um prato cheio de comida, ele se aproximou de Chris ao dizer solenemente:

— Escutem, esperem um minuto, já volto. Acredito que algo está acontecendo com o astronauta.

— Como o quê? — perguntou o reitor.

Dyer olhou para ele, seus olhos inexpressivos atrás dos óculos, e respondeu:

— Primeiro missionário na lua?

Todos, menos Dyer, começaram a rir.

Sua técnica para arrancar risos consistia em manter a seriedade.

— O senhor tem o tamanho certo — disse a sra. Perrin. — Eles poderiam colocá-lo dentro da ogiva.

— Não, *eu* não — disse o jovem padre, corrigindo a mulher de modo sério. — Estou tentando ajeitar as coisas para Emory ir — disse ele ao reitor, e se virou para as mulheres para explicar. — É o reitor da disciplina no campus. Não tem ninguém lá em cima e é assim que ele gosta. Prefere as coisas tranquilas.

Ainda sério, Dyer olhou para o outro lado da sala, onde estava o astronauta.

— Com licença — disse, e se afastou.

A sra. Perrin disse:

— Gosto dele.

— Eu também — Chris concordou. E então, ela se virou para o reitor. — Você não me disse o que acontece naquela casa. Um grande segredo? Quem é o padre que sempre vejo ali? Que parece um boxeador? Sabe de quem estou falando?

O reitor assentiu, abaixando a cabeça.

— É o padre Karras — disse ele com a voz baixa e um sinal de arrependimento. Pousou a taça na mesa e a girou. — Recebeu um baque ontem à noite, coitado.

— O que houve? — perguntou Chris.

— Bem, a mãe dele faleceu.

Chris teve uma sensação estranha de pesar, que não conseguia explicar.

— Puxa, sinto muito — disse ela, baixinho.

— Parece que ele está passando por momentos terríveis — O jesuíta continuou. — Aparentemente ela estava morando sozinha, e creio que já estava morta havia vários dias quando a encontraram.

— Nossa! Que horror! — disse a sra. Perrin.

— Quem a encontrou? — perguntou Chris, franzindo o cenho.

— O dono do prédio onde ela morava. Acho que talvez ela não tivesse sido encontrada até agora se... bem, se os vizinhos não tivessem reclamado do rádio ligado o tempo todo.

— Que triste — disse Chris.

— Com licença, senhora.

Chris olhou para a frente e viu Karl. Ele estava segurando uma bandeja na qual havia licores e taças finas.

— Claro, coloque-as aqui, Karl. Aqui está ótimo.

Chris sempre oferecia licor a seus convidados, e ela própria os servia. Assim, ela garantia um toque de intimidade, que poderia estar faltando.

— Bem, vejamos, vou começar com vocês — disse ela ao reitor e à sra. Perrin. Ela serviu os dois, e então caminhou pela sala, perguntando o que os convidados queriam beber. Quando terminou, os grupos haviam se mesclado, menos Dyer e o astronauta, que pareciam interessados na conversa.

— Não, não sou um padre de verdade — Chris ouviu Dyer dizer com seriedade, com o braço no ombro do astronauta. — Sou, na verdade, um terrível rabino de vanguarda.

Chris estava de pé ao lado de Ellen Cleary, conversando sobre Moscou, quando ouviu uma voz estridente vinda da cozinha.

Ai, meu Deus, Burke!

Ele estava gritando obscenidades a alguém.

Chris pediu licença e foi correndo para a cozinha, onde Dennings estava agarrando Karl, enquanto Sharon tentava separá-los, em vão.

— Burke! — Chris exclamou. — Pare!

O diretor a ignorou e continuou a briga, com saliva acumulada nos cantos da boca, enquanto Karl se recostava na pia, sem nada dizer, braços cruzados e expressão séria, os olhos fixos em Dennings.

— Karl! — Chris gritou. — Pode sair daqui? *Saia!* Não está vendo como ele *está*?

Mas o suíço só se mexeu quando Chris o empurrou na direção da porta.

— *Porco* nazista! — Dennings gritou quando Karl se afastou, e então se virou para Chris e, esfregando as mãos, perguntou: — E aí, o que tem de sobremesa?

— *Sobremesa?*

Chris bateu na testa com a palma da mão.

— Olha, estou com fome — Dennings resmungou de modo petulante.

Chris virou-se para Sharon e disse:

— Dê comida a ele! Preciso colocar Regan na cama. E pelo amor de Deus, Burke, pode se comportar? Há padres aqui!

Dennings franziu o cenho e demonstrou um repentino e aparentemente verdadeiro interesse no olhar.

— Ah, você percebeu isso também? — perguntou ele sem malícia.

Chris inclinou a cabeça e suspirou, dizendo:

— Para mim, chega! — E saiu da cozinha.

Ela foi ver como Regan estava na sala de brinquedos, onde a filha havia permanecido o dia todo, e a viu brincando com o tabuleiro Ouija. Parecia triste, distraída, distante. *Bem, pelo menos, não está agressiva*, pensou Chris, e, na esperança de distraí-la, levou Regan para a sala de estar e começou a apresentá-la a seus convidados.

— Puxa! Ela é linda! — disse a esposa do senador.

Regan agiu de modo estranhamente bem-comportado, exceto com a sra. Perrin, pois recusou-se a falar com ela ou apertar sua mão. Mas a psíquica fez graça da situação.

— Ela sabe que sou uma fraude — disse, sorrindo e piscando para Chris. Mas então, como se checasse sua pulsação, ela segurou o braço de Regan com delicadeza. A menina se afastou e olhou para a mulher com raiva.

— Ah, querida, ela deve estar cansada — disse a sra. Perrin de modo casual. Mas continuou a olhar para Regan de modo intenso e com uma ansiedade que não conseguia compreender.

— Ela está um pouco incomodada — disse Chris, desculpando-se. Olhou para Regan. — Não é mesmo, linda?

Regan não respondeu. Permaneceu olhando para o chão.

Não havia mais ninguém para Regan conhecer, exceto o senador e Robert, o filho da sra. Perrin, e Chris considerou que seria melhor não a apresentar a eles. Levou Regan para a cama e a cobriu.

— Você acha que vai conseguir dormir? — perguntou Chris.

— Não sei — respondeu Regan, distraída. Estava deitada de lado e olhava a parede com o olhar distante.

— Quer que eu leia um pouco para você?

A menina negou com um movimento de cabeça.

— Certo. Tente dormir.

Chris se inclinou para a frente e a beijou, caminhou até a porta e apagou a luz.

— Boa noite, querida.

Chris estava quase fora do quarto quando Regan a chamou com muita delicadeza.

— Mãe, o que há de errado comigo?

Parecia assombrada. O tom de voz era tão desesperado, exagerado para sua situação. Por um momento, Chris sentiu-se abalada e confusa, mas logo se recompôs.

— Bem, eu já disse, Rags, são os nervos. Você só precisa tomar aquele remédio por algumas semanas e sei que vai melhorar. Agora, procure dormir, querida, está bem?

Não recebeu resposta. Chris esperou.

— Está bem? — Ela repetiu.

— Está bem — Regan sussurrou.

Chris sentiu, de repente, os braços arrepiados. Passou a mão por eles, olhando ao redor. *Nossa, como está frio aqui! De onde está vindo essa corrente de ar?*

Ela se aproximou da janela e conferiu as bordas. Não encontrou nada. Virou-se para Regan.

— Você está com frio, amor?

Não obteve resposta.

Chris caminhou até a cama.

— Está dormindo? — Sussurrou.

Olhos fechados. Respiração profunda.

Chris saiu do quarto na ponta dos pés.

Do corredor, ouviu uma cantoria e, enquanto descia a escada, viu com alegria que o jovem padre Dyer estava tocando piano perto da janela da sala de estar e animava um grupo que havia se reunido ao redor dele para cantar. Quando ela chegou, eles tinham acabado de cantar “Till We Meet Again”.

Chris se aproximou do grupo, mas foi logo interrompida pelo senador e sua esposa, que seguravam seus casacos e pareciam ansiosos.

— Já vão embora, tão cedo? — perguntou Chris.

— Ah, sinto muito. Tivemos uma noite *maravilhosa*, minha querida — disse o senador. — Mas Martha está com dor de cabeça.

— Sinto muito, estou *mesmo* me sentindo péssima — A esposa do senador resmungou. — Não se chateie, Chris. A festa está excelente.

— Que pena que tenham que ir — disse Chris a eles.

Acompanhando o casal à porta, Chris ouviu o padre Dyer, ao fundo, perguntando:

— Mais alguém sabe a letra da música “I’ll Bet You’re Sorry Now, Tokyo Rose?”.

No caminho de volta à sala de estar, Sharon saiu em silêncio do escritório.

— Onde está Burke? — perguntou Chris.

— Aqui — respondeu Sharon, indicando o escritório. — Ele está dormindo para curar a embriaguez. O que o senador disse a você?

— Nada, eles simplesmente foram embora.

— Que bom.

— Por que, Shar? O que houve?

— Bem, Burke... — disse Sharon, suspirando. Baixinho, ela descreveu uma conversa entre o senador e Dennings, este dizendo que parecia haver “um pelo pubiano estranho flutuando na minha bebida”. Então, ele se virou para a esposa do senador e acrescentou com um tom de voz levemente acusador: — Nunca tinha visto um na vida. *E você?*

Chris se assustou e riu, gargalhando quando Sharon descreveu como a reação embaraçada do senador havia despertado o lado quixotesco de Dennings, quando ele expressou sua "gratidão sem limites" pela existência de políticos, já que, sem eles para comparar aos outros, "não seria fácil distinguir quem seriam os *homens de estado*, sabe?". E quando o senador deixou de dar atenção a ele, o diretor virara-se a Sharon para dizer, de modo orgulhoso: "Viu só? Eu não disse nenhum palavrão. Você não acha que eu lidei bem com a situação?"

Chris deu risada.

— Bem, deixe-o dormir. Mas é melhor você ficar ali, para o caso de ele acordar — disse ela. — Você se importa?

— Não, claro que não.

Na sala de estar, Mary Jo Perrin estava sentada sozinha numa cadeira do canto. Parecia preocupada. E confusa. Chris começou a caminhar em sua direção, mas mudou de ideia e se aproximou de Dyer e do piano. Dyer interrompeu o que estava tocando e olhou para ela para recepcioná-la.

— Sim, minha jovem — disse ele —, e então, o que podemos oferecer a você hoje? Na verdade, estamos realizando um especial de novenas.

Chris riu com os outros reunidos ali.

— Pensei que fosse ouvir o que tocam na missa negra — disse ela. — O padre Wagner disse que o senhor é um especialista.

O grupo ao redor do piano ficou calado, curioso.

— Não, não sou — disse Dyer, tocando as teclas levemente de novo. — Por que você falou da missa negra?

— Bem, alguns de nós estávamos falando sobre... Bem, sobre outras coisas que eles encontraram na igreja, na Santíssima Trindade, e...

— Ah, você se refere às profanações? — Dyer interrompeu.

O astronauta se intrometeu.

— Ei, alguém pode explicar sobre o que vocês estão falando? Estou perdido.

— Eu também — disse Ellen Cleary.

Dyer ergueu as mãos do piano e olhou para eles.

— Bem, foram encontradas profanações na igreja no fim da rua — Ele explicou.

— Puxa! Como o quê? — perguntou o astronauta.

— Esqueça — O padre Dyer aconselhou. — Digamos que foram algumas obscenidades e pronto.

— O padre Wagner disse que o senhor disse a ele que foi algo parecido com o que ocorre na missa negra — disse Chris —, por isso fiquei tentando imaginar o que acontece nessas missas.

— Olha, não sei muita coisa — disse Dyer. — Na verdade, a maior parte do que sei foi o que ouvi de outro jes no campus.

— O que é um jes? — perguntou Chris.

— Uma maneira de dizer jesuíta. O padre Karras é nosso especialista em todas essas coisas.

Chris sentiu-se alerta, de repente.

— Ah, o padre de pele morena da Santíssima Trindade?

— A senhora o conhece? — perguntou Dyer.

— Não, só de nome.

— Bem, acho que ele escreveu um artigo sobre isso, certa vez. Sabe como é, do ponto de vista psiquiátrico.

— Como assim? — perguntou Chris.

— Como assim, *como assim*?

— Está me dizendo que ele é psiquiatra?

— Ah, sim, claro. Puxa, sinto muito. Pensei que a senhora soubesse.

— Alguém *conte* alguma coisa, por favor! — O astronauta pediu, de bom humor. — O que, *afinal*, acontece numa missa negra?

Dyer deu de ombros.

— Digamos que ocorrem perversões. Obscenidades. Blasfêmias. É uma imitação malvada da missa na qual, em vez de adorarem Deus, eles adoram Satã e, às vezes, realizam sacrifícios com seres humanos.

Ellen Cleary sorriu brevemente, balançou a cabeça e afastou-se, dizendo:

— Isto está ficando assustador demais para mim.

Chris não deu atenção a ela.

— Mas como o senhor *sabe* disso? — perguntou ela ao jovem jesuíta. — Ainda que exista algo como a missa negra, quem saberia

o que ocorre nela?

— Bem — disse Dyer —, acredito que as informações foram dadas por pessoas que foram flagradas lá e então se confessaram.

— Ah, por favor — disse o reitor. Ele havia acabado de se unir ao grupo. — Essas confissões não valiam nada, Joe. As pessoas foram torturadas.

— Não, apenas as prepotentes — disse Dyer com calma.

As pessoas riram de modo nervoso. O reitor olhou para o relógio.

— Bem, preciso ir — disse ele a Chris. — Tenho uma missa às seis na capela Dahlgren.

— Tenho a missa do banjo — disse Dyer, sorrindo. E então se mostrou chocado ao ver algo atrás de Chris, e, no mesmo instante, ficou sério. — Bem, acho que temos visita, sra. MacNeil — disse ele, apontando com a cabeça.

Chris se virou. E se assustou ao ver Regan, de camisola, urinando no tapete enquanto, olhando fixamente para o astronauta, dizia com os olhos fixos e a voz sem vida:

— Você vai morrer lá em cima.

— Ah, minha querida! — Chris gritou ao correr em direção à filha com os braços esticados. — Ah, Rags, meu amor. Venha. Vamos subir!

Ela pegou Regan pela mão e, ao afastar-se com a filha, olhou para trás e viu o astronauta pálido.

— Sinto muito — disse Chris, desculpando-se. — Ela está doente, deve estar sofrendo de sonambulismo! Ela não sabe o que diz!

— Bem, acho que devemos ir — Ela ouviu Dyer dizer a alguém.

— Não, não, fiquem! — disse Chris. — Está tudo bem. Voltarei num minuto!

Chris parou perto da porta aberta da cozinha, instruindo Willie a cuidar do tapete antes que a mancha não saísse mais, e levou a filha ao banheiro de seu quarto, onde deu-lhe um banho e trocou sua camisola.

— Querida, por que você disse aquilo? — perguntou Chris várias vezes, mas Regan parecia não compreender e, com os olhos vagos, murmurou coisas sem sentido.

Chris a colocou na cama, e Regan pareceu adormecer quase imediatamente. Chris esperou, ouvindo sua respiração por um momento, e então saiu do quarto em silêncio.

Quando desceu a escada, viu Sharon e o jovem diretor da segunda unidade ajudando Dennings a sair do escritório. Eles haviam chamado um táxi e iam acompanhá-lo de volta a sua suíte no Georgetown Inn.

— Vá com calma — Chris aconselhou quando eles saíram da casa com Dennings, com os braços sobre os ombros dos dois. Quase inconsciente, ele murmurou:

— Merda — E foi para fora, em direção ao táxi que aguardava.

Chris voltou para a sala de estar, onde os convidados restantes expressaram sua compreensão quando ela deu um relato breve da doença de Regan. Quando falou sobre as batidas e sobre tudo o que fazia para "chamar a atenção", percebeu que a psíquica a observava de modo fixo. Em determinado momento, Chris olhou para ela, esperando que dissesse algo, mas Perrin permaneceu calada e Chris prosseguiu.

— Ela sempre foi sonâmbula? — perguntou Dyer.

— Não, hoje foi a primeira vez. Ou, pelo menos, a primeira vez que *vi*, então acho que tem a ver com a hiperatividade. O senhor não acha?

— Ah, eu não sei — disse o padre. — Ouvi dizer que o sonambulismo é comum na puberdade, mas... — Ele deu de ombros e hesitou. — Não sei. Melhor consultar um médico.

Ao longo do restante da discussão, a sra. Perrin permaneceu calada, observando a dança das chamas na lareira da sala de estar. Igualmente abalado, notou Chris, estava o astronauta, que olhava para a bebida resmungando, um gesto que mostrava interesse e atenção. Ele partiria em missão para a lua naquele mesmo ano.

— Bem, tenho a missa para celebrar amanhã — disse o reitor quando se levantou para partir. Com ele, todos se foram. Os convidados se levantaram e agradeceram pelo jantar e pela festa.

Na porta, o padre Dyer segurou a mão de Chris enquanto olhou em seus olhos e perguntou:

— Você acha que há um papel num de seus filmes para um padre muito baixo que sabe tocar piano?

— Bem, se não houver — disse Chris, rindo —, inventaremos um para o senhor, padre!

Chris se despediu dele com simpatia.

Os últimos a sair foram Mary Jo Perrin e seu filho. Chris demorou-se à porta com eles, conversando. Ela teve a sensação de que a psíquica tinha algo a dizer, mas não disse. Para atrasar a partida, Chris perguntou o que Mary Jo pensava sobre o fato de Regan sempre usar o tabuleiro Ouija e sobre sua fixação com o Capitão Howdy.

— Você acha que pode fazer mal? — perguntou ela.

Esperando uma resposta superficial, Chris ficou surpresa quando a sra. Perrin franziu o cenho e olhou para o chão. Ela parecia estar pensando, quando saiu e ficou perto de seu filho, que estava esperando.

Quando finalmente levantou a cabeça, seus olhos estavam sérios.

— Eu o tiraria dela — disse com a voz baixa.

Ela entregou a chave do carro ao filho.

— Bobby, ligue o carro — disse ela. — Está frio.

Ele pegou a chave, disse a Chris, com timidez, que adorava todos os seus filmes, e se afastou para seguir em direção a um Mustang velho estacionado mais para baixo na rua.

Os olhos de sua mãe permaneciam sérios.

— Não sei o que você acha de mim — disse ela, devagar e em voz baixa. — Muitas pessoas me associam ao espiritismo. Mas isso não está certo. Sim, acredito que tenho um dom, mas não é oculto. Na verdade, para mim, ele parece perfeitamente natural. Por ser católica, acredito que todos temos um pé nos dois mundos. Aquele do qual temos consciência está preso ao tempo, mas de vez em quando uma maluca como eu vê um pouco o pé do outro mundo, e este, acredito, está na eternidade, onde o tempo não existe, e, assim, o futuro e o passado são o presente. Então, às vezes, quando sinto um formigamento no outro pé, acredito que estou vendo o futuro. Mas quem sabe? Talvez não — disse, dando de ombros. — Bem, tanto faz. Mas agora, o oculto... — Ela parou, escolhendo as palavras com cuidado. — O oculto é algo diferente.

Eu me mantive longe disso. Acredito que mexer com ele pode ser perigoso. E isso inclui mexer num tabuleiro Ouija.

Até aquele momento, Chris considerara Mary Jo uma mulher de bom senso. Mas algo em seu comportamento naquele momento fez Chris ter um pressentimento assustador. Ela tentou afastar aquilo.

— Ah, por favor, Mary Jo — disse ela, sorrindo. — Você não sabe como esses tabuleiros funcionam? Não é nada além do subconsciente da pessoa, só isso.

— Sim, talvez — respondeu Perrin. — Talvez. Poderia ser uma sugestão. Mas em muitas histórias que já ouvi sobre centros espíritas, os tabuleiros Ouija, *todos* eles, Chris, parecem apontar para a abertura de uma porta de algum tipo. Ah, eu sei que você não acredita no mundo dos espíritos, Chris. Mas eu acredito. Se estou certa, talvez a ponte entre os dois mundos seja o que você mesma acabou de mencionar, o subsconsciente. Só sei que coisas parecem acontecer. E, minha querida, há hospícios no mundo todo repletos de pessoas que mexeram com o oculto.

— Vamos, você está brincando, Mary Jo. Não está?

Silêncio. E então ela começou a falar de novo.

— Havia uma família na Bavária, em 1921. Não me lembro do nome, mas havia 11 pessoas na família. Você pode procurar no jornal, acho. Pouco tempo depois de terem tentado fazer uma sessão espírita, eles enlouqueceram. Todos os 11. Eles incendiaram a casa, e, quando destruíram os móveis, começaram a queimar o bebê de três meses de uma das filhas mais novas. Foi quando os vizinhos entraram e os impediram — disse, concluindo: — A família toda foi internada no hospício.

— Minha nossa! — disse Chris ao pensar no Capitão Howdy, que agora passava a ser uma ameaça. Doença mental. O que era aquilo? Alguma coisa. — Eu sabia que devia ter levado Rags a um psiquiatra!

— Ah, por favor! — disse a sra. Perrin, dando um passo à frente para a luz. — Não ligue para o que eu digo. Ouça seu médico. — Ela parecia estar tentando acalmar Chris, mas sem muita convicção. — Sou ótima com o futuro — disse Perrin sorrindo —, mas, com o presente, sou péssima. — Ela procurava algo dentro da bolsa. — Onde estão meus óculos? Olhe só para isso! Eu os guardei no lugar

errado. Ah, pronto, aqui estão. — Ela os encontrou num bolso do casaco. — Que casa linda — disse ela ao colocar os óculos e olhar para a fachada da casa. — Dá uma sensação de conforto.

— Que alívio! — disse Chris. — Por um segundo, pensei que você fosse me dizer que a casa é assombrada!

A sra. Perrin olhou para ela, sem sorrir.

— Por que eu diria algo assim? — perguntou ela.

Chris estava pensando numa amiga, uma famosa atriz de Beverly Hills que havia vendido sua casa por insistir que nela havia um fantasma. Sorrindo sem graça, Chris deu de ombros.

— Não sei — disse. — Estou brincando.

— É uma casa boa e agradável — A sra. Perrin garantiu de modo firme. — Já vim aqui antes, você sabe. Muitas vezes.

— Verdade?

— Sim, um amigo meu morava aqui, um almirante da Marinha. Eu recebo cartas dele de vez em quando. Está embarcado de novo, coitado. Não sei bem se eu sinto falta dele ou desta casa — disse, sorrindo. — Mas pode ser que você me convide para vir de novo.

— Mary Jo, eu *adoraria* que você voltasse. De verdade. Você é uma pessoa fascinante. Olha, liga para mim. Pode me ligar semana que vem?

— Sim, adoraria saber como sua filha está.

— Você tem meu número?

— Sim.

O que havia de errado?, Chris ficou tentando imaginar.

O tom de voz da psíquica estava estranho.

— Bem, boa noite — disse a sra. Perrin —, e obrigada de novo pela noite incrível.

E antes que Chris pudesse responder, a psíquica estava descendo a rua com pressa. Chris a observou e, lentamente, fechou a porta da frente quando uma letargia se abateu sobre ela. *Que noite*, pensou ela. *Que noite.*

Foi até a sala de estar e parou perto de Willie, que estava ajoelhada perto da mancha de urina. Esfregava um pano no tapete.

— Apliquei vinagre branco — disse Willie. — Duas vezes.

— Está saindo?

— Talvez agora saia. Não sei. Vamos ver.

— Não dá para saber antes de secar.

Que observação maravilhosa. Incrível. Vá para a cama, sabichona.

— Vamos, deixe assim por enquanto, Willie. Vá dormir.

— Não, vou terminar.

— Está bem. E obrigada. Boa noite.

— Boa noite, senhora.

Chris começou a subir a escada com passos desanimados.

— O curry estava delicioso, Willie — disse ela. — Todo mundo adorou.

— Obrigada, senhora.

Chris foi ao quarto de Regan e viu que ela ainda dormia. E então lembrou-se do tabuleiro Ouija. Deveria escondê-lo? Deveria jogá-lo no lixo? *Caramba, a Perrin fica séria quando fala dessas coisas.* Ainda assim, Chris sabia que o amigo imaginário era algo mórbido e nada saudável. *Sim, acho que preciso me livrar dele.* No entanto, estava hesitante. Ao lado da cama e olhando para Regan, ela se lembrou de um incidente quando a filha tinha três anos, na noite em que Howard decidiu que ela já estava grande demais para continuar a dormir com a mamadeira ao lado, algo a que ela já estava acostumada. Ele tirara a mamadeira dela naquela noite, e Regan chorou até às quatro da manhã, e comportou-se de modo histérico durante dias. Chris temia que uma situação parecida ocorresse agora. *Melhor esperar até contar tudo a um psicólogo.* Além disso, pensou, a Ritalina ainda não havia dado efeito, então decidiu, por fim, esperar para ver.

Chris foi a seu quarto, deitou-se na cama e caiu no sono quase imediatamente. Acordou ao som dos gritos da filha.

— Mãe, venha *aqui*! Venha depressa, estou com *medo*!

— Estou indo, Rags! Estou indo!

Chris atravessou correndo o corredor até o quarto de Regan. Gritando. Chorando. Um som de molas da cama se movendo rapidamente.

— Ah, minha querida, o que houve? — perguntou Chris.

Ela acendeu a luz.

Deus todo-poderoso!

Com o rosto banhado em lágrimas, contorcido pelo medo, Regan estava deitada de barriga para cima, segurando-se nas laterais da cama estreita.

— Mãe, por que a cama está *chacoalhando*? — gritava ela. — *Faça parar! Estou com medo!* Faça *parar*! Mãe, por favor, faça *parar*!

O colchão da cama sacodia violentamente de um lado para o outro.

Parte II
A beira

Em nosso sono, a dor, que não se esquece, cai gota a gota no coração até que, em nosso desespero, contra a nossa vontade, venha a sabedoria por meio da enorme graça de Deus.

ÉSQUILO

CAPÍTULO UM

Eles a levaram para um canto num cemitério cheio, onde os túmulos imploravam por espaço.

A missa fora tão solitária quanto a vida dela. Seus irmãos do Brooklyn. O dono de mercearia de esquina, que havia aumentado seu crédito. Observando os homens descerem sua mãe na escuridão de um mundo sem janelas, Damien Karras chorou com um pesar que há muito não sentia.

— Ah, Dimmy, Dimmy...

Um tio o abraçava pelo ombro.

— Não fique triste, ela está no céu agora, Dimmy. Está feliz.

Ah, meu Deus, que assim seja. Ah, Deus, por favor! Permita que seja assim!

Eles esperaram no carro enquanto ele permanecia ao lado do túmulo. Não suportava o fato de deixá-la sozinha.

Ao dirigir para a Pennsylvania Station, ele escutou os tios falarem de suas doenças com seus sotaques estrangeiros.

— Enfisema... preciso parar de fumar... quase morri ano passado, sabia?

A raiva tentava explodir de seus lábios, mas ele se conteve e sentiu-se envergonhado. Olhou pela janela: eles estavam passando pela Home Relief Station, onde, nas manhãs de sábado, no meio do inverno, ela ia buscar o leite e os sacos de batatas enquanto ele ficava na cama; o zoológico do Central Park, onde ela o deixava no verão enquanto pedia dinheiro às pessoas ao lado da fonte que ficava em frente ao Plaza. Ao passar pelo hotel, Karras começou a chorar, mas controlou as lembranças e secou as lágrimas dos arrependimentos. Ele se perguntava por que o amor havia esperado por aquela distância, esperado pelo momento em que ele não

precisava tocar, quando os limites de contato e de entrega humana haviam se resumido a um cartão impresso enfiado em sua carteira: *In Memoriam...* Ele sabia. Essa dor era antiga.

Ele chegou a Georgetown a tempo de jantar, mas estava sem fome. Entrou em seu quarto. Os amigos jesuítas se aproximaram com condolências. Permaneceram por pouco tempo. Prometeram rezar.

Logo depois das dez, Joe Dyer apareceu com uma garrafa de uísque. Ele a exibiu com orgulho:

— Chivas Regal!

— Onde conseguiu dinheiro para isso, na caixinha das doações?

— Não seja idiota, isso seria quebrar meu voto de pobreza.

— Então, onde a conseguiu?

— Eu a roubei.

Karras sorriu e balançou a cabeça ao pegar um copo e uma caneca de café e lavá-los na pequena pia do banheiro.

— Acredito em você — disse ele com a voz rouca.

— Nunca vi fé maior.

Karras sentiu uma dor familiar. Ele a afastou e voltou a falar com Dyer, que estava sentado na cama, abrindo o lacre da garrafa de uísque. Sentou-se ao lado dele.

— Quer me absolver agora ou mais tarde? — perguntou Dyer.

— Sirva a bebida e vamos absolver um ao outro.

Dyer encheu o copo e a xícara.

— Reitores de faculdade não devem beber — disse ele. — Isso seria dar um mau exemplo. Achei que isso fosse livrá-lo de uma enorme tentação.

Karras engoliu o uísque, mas não a história. Ele sabia como o reitor agia. Um homem de tato e sensibilidade, sempre fazia as coisas de modo indireto. Dyer havia chegado como amigo, ele sabia, mas também como representante pessoal do reitor.

Dyer era bom para ele, fazia com que ele risse; falou sobre a festa e sobre Chris MacNeil; contou notícias a respeito do Departamento Jesuíta de Disciplina. Bebeu muito pouco, mas não parava de encher o copo de Karras, e, quando achou que ele estava anestesiado o bastante para dormir, levantou-se da cama e fez

Karras se deitar. Sentou-se à mesa e continuou falando até os olhos de Karras se fecharem e seus comentários se tornarem resmungos.

Dyer ficou de pé, desamarrou os sapatos de Karras e os tirou.

— Vai roubar meus sapatos? — perguntou Karras, com a voz arrastada.

— Não, eu adivinho o futuro lendo as linhas dos pés. Agora, cale-se e durma.

— Você é um ladrãozinho habilidoso.

Dyer riu e cobriu o amigo com um casaco que pegou de um armário.

— Olha, alguém tem que se preocupar com as contas neste lugar. Vocês só tecem o rosário para os bebuns da rua M.

Karras não fez comentário algum. Sua respiração estava regular e profunda. Dyer caminhou rapidamente até a porta e apagou a luz.

— Roubar é pecado — Karras murmurou na escuridão.

— *Mea culpa* — disse Dyer.

Durante um tempo, ele esperou, e então concluiu que Karras estava dormindo. Saiu do quarto.

No meio da noite, Karras acordou em prantos. Havia sonhado com a mãe. De pé diante de uma janela em Manhattan, ele viu a mãe surgindo de uma estação de metrô do outro lado da rua. Ela ficou parada na calçada com uma sacola de papel e procurava o filho, chamando seu nome. Karras acenou. Ela não o viu. Vagou pelas ruas. Ônibus. Caminhões. Multidões. Ela estava ficando assustada. Voltou para a estação e começou a descer a escada. Karras sentiu-se desesperado, correu para a rua e começou a chorar e a dizer seu nome, mas não a encontrava. Ele a imaginava impotente e desesperada em meio a um labirinto de túneis embaixo da terra.

Ele esperou o choro acalmar e procurou o uísque. Sentou-se na cama e bebeu no escuro. E as lágrimas vieram. Não cessariam. Aquela dor era como a infância.

Ele se lembrou de um telefonema de seu tio:

“Dimmy, o edema afetou o cérebro dela. Ela não deixa o médico se aproximar. Fica gritando um monte de coisas. Dimmy, ela até fala com o maldito rádio. Acho que ela precisa ir para o Bellevue, Dimmy. Um hospital normal não vai lidar com isso. Acredito que

daqui a alguns meses ela estará bem de novo. E então a tiraremos de lá. Tá? Olha, Dimmy, já fizemos isso. Eles deram uma injeção nela e a levaram de ambulância hoje cedo. Não queríamos perturbar você, mas vai ter uma audiência no tribunal e você precisa assinar os papéis. O quê? Hospital particular? Quem tem dinheiro para isso, Dimmy? Você?"

Karras não se lembrava de ter adormecido.

Acordou num torpor, com a lembrança da perda deixando-o zonzo. Foi ao banheiro, tomou um banho, barbeou-se, vestiu um hábito. Eram 5h35. Destrancou a porta da Santíssima Trindade, vestiu as roupas e celebrou a missa do lado esquerdo do altar.

— *Memento etiam...* — Ele rezou com desespero. — Lembre de tua serva, Mary Karras...

Na porta, ele viu o rosto da enfermeira do Bellevue; escutou de novo os gritos da sala de isolamento.

"O senhor é filho dela?"

"Sim, sou Damien Karras."

"Bem, eu não iria lá. Ela está tendo um acesso."

Ele olhou pela abertura para a sala sem janela, com uma lâmpada pendurada no teto; paredes acolchoadas, nenhum móvel, exceto a cama na qual ela se debatia.

— Dê a ela, oramos a Ti, um local de sossego, luz e paz...

Quando ela o viu e seus olhares se cruzaram, ela se calou de repente. Então, saiu da cama e lentamente foi ao espaço de observação, pequeno, redondo, de vidro, assustada e magoada.

"Por que você está fazendo isso, Dimmy? Por quê?"

Seus olhos estavam tão tristonhos quanto os de um carneiro.

— *Agnus Dei*... — Karras murmurou ao baixar a cabeça e dar um murro no peito. — Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, dá-nos a paz... — Momentos depois, ele fechou os olhos e elevou a hóstia, viu sua mãe na sala de confissão, com as mãozinhas encolhidas no colo, a expressão doce e confusa enquanto o juiz explicava para ela o relatório do psiquiatra do Bellevue.

"Você entendeu, Mary?"

Ela assentiu. Não podia abrir a boca; sua dentadura havia sido removida.

“Bem, o que me diz sobre isso, Mary?”

Ela respondeu a ele, com orgulho: “Meu filho, ele fala por mim.”

Karras gemeu angustiado ao baixar a cabeça em direção à hóstia. Ele bateu no peito como se este fosse os anos para os quais ele queria retornar, e murmurou:

— *Domine, non sum dignus.* Dizei uma só palavra e serei salvo.

Contra toda a razão, contra tudo o que sabia, ele rezou para que Alguém ouvisse sua prece.

Mas não acreditava.

Depois da missa, voltou ao quarto e tentou dormir.

Não conseguiu.

Mais tarde, um jovem padre que ele nunca vira antes chegou inesperadamente. Bateu na porta e espiou pela abertura.

— Está ocupado? Podemos conversar um pouco?

Nos olhos, o peso incansável; na voz, o forte apelo.

Por um instante, Karras o odiou.

— Entre — disse ele delicadamente. E, por dentro, revoltou-se com aquele lado de si mesmo que sempre o tornava impotente diante do apelo de alguém; que ele não conseguia controlar; que vivia encolhido dentro dele como uma corda, sempre pronta para se lançar ao resgate de alguém em necessidade. Não lhe dava paz. Nem mesmo enquanto dormia. Em seus sonhos, sempre ouvia um som como o choro distante de alguém desesperado, e durante alguns minutos, depois de despertar, ele sentia a ansiedade de uma tarefa não cumprida.

O jovem padre hesitou, demorou-se, parecia tímido. Karras o guiou com paciência. Ofereceu cigarros. Café instantâneo. E forçou-se a parecer interessado enquanto o jovem visitante revelava um problema familiar: a terrível solidão dos padres.

De todas as ansiedades encontradas por Karras na comunidade, esta havia se tornado a mais comum. Afastados da família e também das mulheres, muitos dos jesuítas tinham medo de expressar afeição pelos outros padres; de construir amizades profundas e amorosas.

— Por exemplo, tenho vontade de abraçar outro homem, mas logo temo que ele pense que sou veado. Sabe, nós ouvimos tantas histórias sobre enrustidos atraídos ao sacerdócio. Então, não

abraço. Nem sequer vou ao quarto de alguém para escutar música, nem para conversar ou fumar. Não é que eu tenha medo *dele*; só fico preocupado com o fato de ele se preocupar *comigo*.

Karras sentiu que o peso saía lentamente das costas do jovem padre e recaía sobre ele. Permitiu que isso acontecesse; permitiu que o rapaz falasse. Sabia que ele retornaria muitas vezes para aliviar sua solidão, para fazer de Karras um amigo, e, quando percebesse que havia feito aquilo sem medo nem desconfianças, talvez conseguisse fazer amizade com os outros padres.

Cansado, Karras viu-se tomado por um pesar particular. Olhou para uma placa que alguém havia dado a ele no Natal anterior: MEU IRMÃO SOFRE. COMPARTILHO DE SUA DOR. ENCONTRO DEUS DENTRO DELE. Um encontro que não ocorreu. Ele culpou a si mesmo. Havia mapeado os caminhos do sofrimento de seu irmão, mas não os percorrera; ou, pelo menos, era o que acreditava. Pensava que a dor que sentia era a sua própria dor.

Finalmente, o visitante olhou para o relógio. Hora do almoço no refeitório do campus. Ele se levantou e, quando começou a sair, olhou para a capa do livro que Karras estava lendo, sobre a mesa.

— Ah, você está lendo *Shadows* — disse ele.

— Você já leu? — perguntou Karras.

O jovem padre balançou a cabeça.

— Não, não li. Devo ler?

— Não sei. Acabei de terminar, e não sei bem se entendi — disse Karras, mentindo. Ele pegou o livro e o entregou ao padre. — Quer levá-lo? Gostaria de saber a opinião de outra pessoa.

— Ah, claro — disse o jesuíta, analisando a capa do livro. — Tentarei devolvê-lo dentro de alguns dias.

Seu humor pareceu melhorar.

Quando a porta de tela rangeu com a saída do jovem padre, Karras sentiu-se aliviado. E em paz. Ele pegou seu breviário e foi ao quintal, onde caminhou devagar e fez suas orações diárias.

À tarde, recebeu mais um visitante, o pastor idoso da Igreja Santíssima Trindade, que se sentou numa cadeira perto da mesa e ofereceu condolências pelo falecimento da mãe de Karras.

— Celebrei algumas missas por ela, Damien, e uma por você também — disse ele com seu sotaque irlandês.

— Muito gentil de sua parte, padre. Muito obrigado.

— Quantos anos ela tinha?

— Setenta.

— Ah, bem, uma idade avançada.

Karras sentiu uma pontada de raiva. *É mesmo?*

Ele se virou para olhar o cartão que o pastor levava com ele. Um dos três usados na missa era plastificado e nele havia algumas das orações feitas pelo padre.

Karras ficou pensando por que o pastor o havia trazido. A resposta veio logo.

— Bem, Damien, encontramos mais uma daquelas coisas aqui hoje. Na igreja, sabe? Outra profanação.

Uma estátua da Virgem Maria, do lado esquerdo do altar, havia sido pintada de modo a parecer uma prostituta, disse o pastor. Então, ele entregou o cartão a Karras.

— E isto foi encontrado no meio da manhã, logo depois de sua partida para Nova York. Foi no sábado? Sim. Foi, sim. Bem, dê uma olhada, tá? Acabei de conversar com um sargento da polícia, e... Ah, bem, não importa. Dê uma olhada no cartão para mim, Damien, tudo bem?

Enquanto Karras analisava o cartão, o pastor explicava que alguém havia enfiado uma folha datilografada entre o cartão original e sua capa. O texto, apesar de conter algumas correções de letras e diversos erros tipográficos, era escrito em latim fluente e compreensível, e descrevia, com detalhes vívidos e eróticos, uma relação homossexual imaginada envolvendo Maria Madalena e a Virgem Maria.

— Já basta, não precisa ler tudo — disse o pastor, pegando o cartão, como se temesse que aquilo pudesse ser um pecado. — O latim é excelente. Tem estilo, um estilo de igreja. Bem, o sargento afirma ter conversado com um rapaz, um psicólogo, e ele diz que a pessoa que está fazendo tudo isso... poderia ser um padre, sabe? Um padre muito doente. Será que ele tem razão?

Karras pensou por um momento. E assentiu.

— Sim, sim, poderia. Agindo por rebeldia, talvez, num estado de total sonambulismo. Não sei. Mas pode ser. Talvez.

— Consegue pensar em alguém, Damien?

— Não entendi.

— Bem, agora, mais cedo ou mais tarde, eles podem vir a *você*, não acha? Os doentes, se houver algum, do campus. Você conhece algum assim, Damien? Com esse tipo de doença?

— Não, não conheço, padre.

— Não, não achei que você fosse me dizer.

— Não, não diria, mas, acima disso, padre, sonambulismo é uma maneira de resolver muitas situações conflituosas, e a forma comum de solução é simbólica. Então, não sei. E se for um sonâmbulo, ele provavelmente teria total amnésia acerca do que fez após o ato; nem mesmo *ele* saberia.

— E se você pudesse dizer a ele? — perguntou o pastor, com cuidado. Ele apertou um lóbulo da orelha levemente, um gesto comum, notou Karras, que ele repetia sempre que acreditava estar sendo capcioso.

— Não conheço ninguém que se encaixe na descrição — disse Karras.

— Sim, compreendo. Bem, foi como esperei. — O pastor ficou de pé e começou a caminhar em direção à porta.

— Sabe como vocês são? São como padres!

Enquanto Karras ria baixinho, o pastor voltou e colocou o cartão sobre sua mesa.

— Acredito que você possa estudar isto, não? Vá em frente — disse ele, virando-se e se afastando, com os ombros curvados pela idade.

— Já examinaram as impressões digitais? — perguntou Karras a ele.

O pastor idoso parou e olhou para trás.

— Ah, duvido. Afinal, não estamos atrás de um criminoso, certo? É mais provável que seja apenas um membro doente da paróquia. O que acha disso, Damien? Você acha que pode ser alguém da paróquia? Sabe, estou pensando que pode ser o caso. Não, não foi um padre; foi algum paroquiano. — Ele começou a apertar a orelha de novo. — Não acha?

— Não tenho como saber, padre.

— Não. Não achei que fosse me dizer.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Karras foi dispensado de suas tarefas como conselheiro e se inscreveu no Departamento de Medicina da universidade de Georgetown como professor de psiquiatria. Com ordens para “repousar”.

CAPÍTULO DOIS

Regan estava deitada de barriga para cima na maca de exames do doutor Klein, com os braços e pernas esticados. Segurando um dos pés, Klein o flexionou em direção ao tornozelo, e o manteve ali, tensionando-o, até que de repente o soltou. O pé voltou à posição normal. Ele repetiu o procedimento diversas vezes, mas sem qualquer variação no resultado. Ele pareceu insatisfeito. Quando Regan sentou-se de repente e cuspiu em seu rosto, ele instruiu a enfermeira a permanecer na sala e voltou ao escritório para conversar com Chris.

Era dia 26 de abril. Ele havia passado o domingo e a segunda-feira fora de casa e Chris só conseguira conversar com ele naquela manhã, quando contou sobre o ocorrido na festa e o chacoalhar repentino da cama.

“Ela estava mesmo se mexendo?”

“Estava se mexendo, sim.”

“Por quanto tempo?”

“Não sei. Talvez por dez, quinze segundos. Foi só o que vi. Depois disso, ela ficou rígida e urinou na cama. Ou talvez já tivesse urinado antes. Não sei. Mas ela caiu num sono profundo de repente, e só acordou na tarde do outro dia.”

Klein entrou pensativo no escritório.

— Bem, o que foi? — perguntou Chris. Ela demonstrava ansiedade no tom de voz.

Quando ela chegou, ele dissera suspeitar de que o chacoalhar da cama havia sido causado por um acesso de contrações clônicas, e a alternância de contração e relaxamento dos músculos. A forma crônica de uma doença dessas, segundo ele, era o clônus, que costumava indicar uma lesão no cérebro.

— Bem, o exame deu negativo — disse ele, e descreveu o procedimento, explicando que, no clônus, o flexionar e relaxar alternados do pé poderia ter acionado uma onda de contrações clônicas. Mas quando ele se sentou à mesa, ainda parecia preocupado. — Ela já sofreu alguma queda? — perguntou ele.

— Como cair e bater a cabeça?

— Pode ser.

— Não que eu saiba.

— Doenças na infância?

— Só as de sempre. Sarampo, caxumba e catapora.

— Tem histórico de sonambulismo?

— Não até hoje.

— Hoje? Ela não caminhou enquanto dormia durante a festa?

— Sim, acho que já contei isso. Mas ainda não sabe o que fez naquela noite. E há mais coisas de que ela não se lembra também.

Regan dormia. Um telefonema de Howard, do exterior.

"Como está Rags?"

"Muito obrigada por telefonar no dia do aniversário dela."

"Fiquei preso num iate. Pelo amor de Deus, pare com isso! Eu telefonei para ela assim que voltei para o hotel!"

"Sim, claro."

"Ela não contou?"

"Você conversou com ela?"

"Sim. Por isso achei melhor telefonar para você. Que merda está havendo com ela, Chris?"

"Como assim?"

"Ela me chamou de 'filho da puta' e desligou o telefone."

Ao contar o ocorrido a Klein, Chris explicou que, quando Regan finalmente acordou, não se lembrava de conversa telefônica alguma nem do que havia acontecido na noite da festa.

— Talvez ela não estivesse mentindo quando disse sobre os móveis estarem sendo arrastados — disse Klein.

— Não entendo o que quer dizer.

— Bem, digamos que ela própria tenha arrastado os móveis, mas num estado de automatismo, talvez. Como se fosse um transe. A pessoa não sabe ou não se lembra do que está fazendo.

— Mas há uma cômoda bem grande e pesada no quarto dela, de madeira maciça. Deve pesar meia tonelada. Como ela poderia tê-la movido?

— Uma força enorme é algo bem comum nessa patologia.

— É mesmo? Por quê?

Klein deu de ombros.

— Não se sabe. Agora, além do que me contou, você notou algum outro comportamento bizarro?

— Bem, ela se tornou bastante desleixada.

— Bizarro — Ele repetiu.

— Doutor, para Regan, isso é bizarro. Ah, espere! Espere! Sim, tem uma coisa: o senhor se lembra daquele tabuleiro Ouija com o qual ela estava brincando? Do Capitão Howdy?

— O amigo imaginário — disse o médico, assentindo.

— Bem, agora ela consegue escutar o que ele diz.

O médico se inclinou para a frente, cruzando os braços sobre a mesa, estreitando os olhos, alerta.

— Ela o escuta?

— Sim. Ontem de manhã, escutei Regan conversando com Howdy no quarto. Digo, ela falava, e parecia esperar, como se estivesse brincando com o tabuleiro Ouija, mas, quando espiei dentro do quarto, não havia nenhum tabuleiro ali. Ela balançava a cabeça, doutor, como se estivesse concordando com o que ele dizia.

— Ela o viu?

— Acho que não. Ela estava com a cabeça um pouco inclinada para o lado, como faz quando escuta música.

O médico assentiu, pensativo.

— Sim, sim, compreendo. Algum outro fenômeno como esse? Ela vê coisas? Sente cheiros?

— Sim, cheiros — Chris lembrou. — Ela não para de dizer que tem algo cheirando mal em seu quarto.

— Cheiro de queimado?

— Sim, isso mesmo! Como sabe?

— Bem, esse é geralmente o sintoma de um tipo de perturbação na atividade químico-elétrica do cérebro. No caso de sua filha, no lobo temporal. — Ele levou o dedo indicador à frente do crânio. —

Aqui, na parte da frente do cérebro. É raro, mas causa alucinações bizarras, normalmente antes de uma convulsão. Acredito que seja por isso que costuma ser confundida com esquizofrenia. Mas *não é* esquizofrenia. É causada por uma lesão no lobo temporal. Como o exame para detectar o clônus não foi conclusivo, acho melhor pedir um eletroencefalograma. Ele vai nos mostrar como estão as ondas cerebrais dela. É um exame muito bom para detectar funções anormais.

— Mas o senhor acha que é isso, então? O lobo temporal?

— Bem, ela tem a síndrome, sra. MacNeil. Por exemplo, o desleixo, a rebeldia, o comportamento antissocial constrangedor, o automatismo e, claro, os espasmos que fizeram a cama chacoalhar. Normalmente, tal comportamento é seguido por xixi na cama ou vômito e, então, por um sono profundo.

— Quer fazer o exame agora? — perguntou Chris.

— Sim, acredito que deveríamos realizá-lo de imediato, mas ela vai precisar de sedação. Se ela se mexer, os resultados serão comprometidos. Devo dar a ela, digamos, 25 miligramas de Librium.

— Meu Deus, faça o que tiver que ser feito — disse Chris, abalada.

Ela o acompanhou até a sala de exames e, quando Regan o viu analisando as seringas, gritou e preencheu o ar com uma série de obscenidades.

— Ah, querida, isto é para *ajudar* você! — disse Chris. Ela segurou Regan enquanto Klein aplicava a injeção.

— Volto já — disse Klein, e, enquanto uma enfermeira empurrava o carrinho do equipamento de eletroencefalograma para dentro da sala, ele saiu para atender outro paciente. Quando voltou, pouco tempo depois, o efeito do Librium ainda não tinha ocorrido. Klein parecia surpreso. — Foi uma dose bem forte — disse ele a Chris.

Injetou mais 25 miligramas, e saiu. Voltou e, ao ver Regan dócil e tranquila, colocou eletrodos em seu couro cabeludo.

— Colocamos quatro de cada lado — Ele explicou a Chris. — Assim, conseguimos fazer uma análise das ondas cerebrais dos lados direito e esquerdo do cérebro e compará-las. Isso porque as diferenças podem ser significativas. Por exemplo, tive um paciente que sofria de alucinações. Ele via e ouvia coisas. Bem, encontrei

uma discrepância na comparação dos exames dos lados direito e esquerdo de suas ondas cerebrais e descobri que, na verdade, o homem estava tendo alucinações em apenas um lado da cabeça.

— Que impressionante! — disse Chris, espantada.

— É mesmo impressionante. O olho e o ouvido esquerdos funcionavam normalmente; apenas o lado direito sofria de alucinações e ouvia coisas. Bem, vamos ver — disse Klein, ligando a máquina de eletroencefalograma e apontando para as ondas na tela fluorescente. — Veja que os dois lados estão juntos — explicou.

— Estou procurando ondas com picos — disse, fazendo o desenho da onda no ar com o dedo indicador —, principalmente as ondas de amplitude muito alta, aparecendo de quatro a oito por segundo. Se existirem, é o lobo temporal.

Ele analisou o padrão da onda cerebral com cuidado, mas não percebeu disritmia, nenhum pico, nenhum *plateau*. E quando fez as comparações, os resultados também foram negativos. Klein franziu o cenho. Não conseguia entender. Repetiu o procedimento.

E não viu mudança.

Klein chamou uma enfermeira para cuidar de Regan e voltou ao escritório com a mãe. Chris sentou-se e disse:

— Então, qual é a história?

Pensativo, com os braços cruzados diante do peito, Klein estava sentado no canto da mesa.

— Bem, o eletroencefalograma teria provado que ela tem o problema — disse ele —, mas, para mim, a ausência de disritmia não comprova em definitivo que ela não o tenha. Pode ser histeria, mas o padrão antes e depois da convulsão dela foi muito claro.

Chris franziu o cenho.

— O senhor não para de dizer isso, doutor: “convulsão”. Qual é, exatamente, o nome da doença?

— Bem, não é uma doença — disse Klein de modo sério.

— Então como o senhor a chama? Especificamente.

— As pessoas a conhecem como epilepsia.

— Ah, santo Deus!

— Calma, vamos aguardar — disse Klein. — Percebo que, como a maioria das pessoas, sua ideia de epilepsia é exagerada e provavelmente muito errada.

— Não é hereditário? — perguntou Chris, fazendo uma careta.

— É um dos mitos — disse Klein, com calma. — Pelo menos é o que a maioria dos médicos parece pensar. Olha, quase qualquer pessoa pode ser levada à convulsão. Sabe, a maioria de nós nasce com um limiar muito alto de resistência às convulsões, mas algumas pessoas têm pouca resistência. Assim, a diferença entre você e um epiléptico é uma questão de nível. Só isso. Apenas nível. Não é uma doença.

— Então o que é, uma maldita alucinação?

— Trata-se de um distúrbio. Um distúrbio *controlável*. E existem muitos, muitos tipos dele, sra. MacNeil. Por exemplo, a senhora está sentada aqui e por um segundo parece perder a consciência, digamos que a senhora perca um pouco do que estou dizendo. Este é um tipo de epilepsia. É um verdadeiro ataque epiléptico.

— Bem, não é o que ocorre com Regan, doutor. Não acredito que seja. E por que motivo está acontecendo de repente?

— Veja, a senhora está certa. Ainda não temos certeza de que é o que ela tem, e afirmo que talvez a senhora estivesse certa desde o princípio. É muito possível que seja psicossomático. Mas duvido. E, para responder à sua pergunta, qualquer mudança na função do cérebro pode causar uma convulsão no epiléptico: preocupação, fadiga, estresse emocional, até determinada nota de um instrumento musical. Tive um paciente que só tinha convulsões dentro do ônibus, quando estava a um quarteirão de casa. Bem, finalmente descobrimos o que estava causando o problema: a luz de uma cerca branca que se refletia na janela do ônibus. Em outro momento do dia, ou quando o ônibus estava a uma velocidade diferente, ele não sofria convulsões, entende? Ele tinha uma lesão, uma cicatriz no cérebro que foi causada por uma doença na infância. No caso de sua filha, a cicatriz seria na frente, na frente do lobo temporal, e, quando ela é afetada por determinado impulso elétrico de certa duração e periodicidade, ela aciona uma série de reações anormais dentro do foco no lobo. Entende?

— Aceito o que está dizendo — disse Chris, suspirando desanimada. — Mas direi a verdade, doutor. Não compreendo como a personalidade dela pode ter mudado.

— No lobo temporal, é extremamente comum, e pode durar dias ou até semanas. Não é raro perceber um comportamento destrutivo ou até criminoso. É uma mudança tão grande, na verdade, que, duzentos ou trezentos anos atrás, as pessoas com distúrbios no lobo temporal eram tidas como possuídas pelo demônio.

— Elas eram *o quê*?

— Possuídas por um demônio. Sabe, um tipo de versão supersticiosa de personalidade dupla.

Cerrando os olhos, Chris apoiou a testa nas mãos fechadas.

— Olha, diga alguma coisa boa — Ela murmurou.

— Bem, não se assuste. Se *for* uma lesão, ela tem sorte, de certa forma. Se for o caso, só teremos que remover a cicatriz.

— Minha nossa.

— Ou pode ser apenas a pressão no cérebro. Olha, gostaria que alguns raios-X fossem feitos do crânio dela. Há um radiologista aqui no prédio, e talvez eu possa chamá-lo para que faça esse exame agora mesmo. Quer que eu o chame?

— Caramba, mas é claro. Vamos fazer isso.

Klein ligou para o radiologista e arranjou tudo. Eles levariam Regan imediatamente. Ele desligou o telefone e começou a escrever uma prescrição.

— Sala 21 do segundo andar. É provável que eu entre em contato amanhã ou na quinta-feira. Gostaria de pedir a opinião de um neurologista. Enquanto isso, vou tirar a Ritalina. Vamos tentar administrar o Librium por um tempo.

Ele arrancou a folha da prescrição do bloco e a entregou a ela.

— Eu ficaria perto dela, sra. MacNeil. Nesses transes de sonambulismo, se forem isso mesmo, pode acontecer de ela se ferir. O seu quarto é próximo do dela?

— Sim, é.

— Ótimo. No térreo?

— Não, no segundo andar.

— Há janelas grandes no quarto?

— Sim, uma. Por quê?

— Bem, eu procuraria mantê-las fechadas, até mesmo trancadas. Num estado de transe, pode ser que ela caia pela janela. Certa vez, tive um...

— Paciente — disse Chris, completando a frase com um leve sorriso.

Klein sorriu.

— Pelo visto, tenho muitos pacientes, não é?

— Sim, muitos.

Ela apoiou a cabeça na mão e se inclinou para a frente, pensativa.

— Olha, pensei em outra coisa agora.

— O quê?

— É que, depois de um acesso, você disse que ela cairia num sono profundo. Como no sábado à noite. Não disse isso?

— Sim — disse Klein, assentindo. — Disse, sim.

— Bem, então por que nas outras vezes em que disse que a cama estava chacoalhando ela estava sempre muito desperta?

— A senhora não me disse isso.

— Bem, mas é verdade. Ela parecia bem. Entrava no meu quarto pedindo para dormir na minha cama.

— Urinava? Vomitava?

Chris negou, balançando a cabeça.

— Ela estava bem.

Klein franziu o cenho e mordiscou o lábio.

— Bem, vamos ver o que os raios-X vão mostrar — disse ele, por fim.

Sentindo-se esgotada, Chris guiou Regan até o radiologista. Ficou ao lado dela enquanto os raios-X eram realizados; levou-a para casa. Regan havia permanecido estranhamente calada durante a segunda injeção, e Chris agora fazia um esforço para conversar com ela.

— Quer jogar Banco Imobiliário ou outra coisa, querida?

Balançando a cabeça devagar, em recusa, Regan olhava para a mãe com os olhos sem foco, um olhar extremamente distante.

— Estou com muito sono — disse ela. A voz era tão remota quanto os olhos. E então, virou-se e subiu a escada em direção ao quarto.

Observando a filha com preocupação, Chris pensou: “Deve ser o Librium.”

Então, por fim, suspirou e entrou na cozinha. Serviu-se de café e sentou-se à mesa com Sharon.

— Como foi a consulta? — perguntou Sharon.

— Ah, meu Deus!

Chris colocou a prescrição sobre a mesa.

— Melhor ligar para a farmácia e pedir este remédio — disse ela, e explicou o que o médico havia dito. — Se eu estiver ocupada ou fora de casa, fique de olho nela, está bem, Shar? Klein pediu isso... — E, de repente, lembrou-se. — Aliás!

Chris levantou-se da mesa e subiu a escada até o quarto de Regan, onde encontrou a filha adormecida embaixo dos cobertores. Foi até a janela, trancou-a e olhou para baixo, pelo vidro. Na lateral da casa, a janela dava vista direta para a enorme escadaria que levava à rua M.

Meu Deus, preciso chamar um chaveiro o mais rápido possível!

Chris voltou para a cozinha e incluiu a tarefa de arranjar um chaveiro à lista de Sharon, entregou a Wilie o cardápio do jantar e retornou uma ligação para seu agente, a respeito do filme que havia sido convidada a dirigir.

— E o roteiro? — Ele quis saber.

— Sim, é ótimo, Ed. Vamos fazer. Quando começa?

— Bem, sua parte começa em julho, por isso você precisa começar a se preparar desde já.

— Já?

— Sim, já. Não é atuação, Chris. Você está envolvida em grande parte da pré-produção. Terá que trabalhar com o cenógrafo, com o figurinista, com o maquiador, com o produtor. E terá que escolher um cinegrafista e um editor, com quem vai detalhar as cenas. Vamos, Chris, você sabe como é o esquema.

— Ai, droga! — disse ela, desanimada.

— Algum problema?

— Tem, sim, Ed. É a Regan. Ela está muito, muito doente.

— Puxa! Sinto muito, menina.

— Claro.

— Chris, o que ela tem?

— Os médicos ainda não sabem. Estou esperando os resultados de alguns exames. Olha, Ed, não posso deixá-la.

— Quem disse que você deve deixá-la?

— Não, você não entendeu, Ed. Preciso ficar em casa com ela. Regan precisa de minha atenção. Olha, não posso explicar, é complicado demais. Por que não esperamos um tempo?

— Não podemos. Eles querem que apresentemos no Music Hall, perto do Natal, Chris, e acho que eles estão falando sério.

— Ah, por favor, Ed, eles podem esperar duas semanas. Vamos!

— Olha, você me atormentou dizendo que queria dirigir, e agora de repente...

— Sim, eu sei, eu sei. Eu quero dirigir, Ed, quero muito, mas você só terá que dizer a eles que preciso de um pouco mais de tempo.

— Se eu fizer isso vamos estragar tudo. É a minha opinião. Olha, eles não querem você, não é novidade. Só estão fazendo isso pelo Moore, e acho que se eles falarem com ele que você ainda não está muito certa de que quer fazer isso, *ele* sairá da jogada. Olha, faça o que quiser, não me importo. Não há dinheiro envolvido, a menos que seja um sucesso. Mas, se quiser, estou dizendo: se eu pedir mais tempo, acho que eles ficarão irados. Então, o que devo dizer a eles?

Chris suspirou.

— Puxa vida!

— Sim, sei que não é fácil.

— Não, não é. Certo, olha só, Ed, talvez se... — disse Chris, pensando. E então balançou a cabeça. — Deixa para lá, Ed. Eles terão que esperar. Não tem jeito.

— A decisão é sua.

— Conte-me o que eles disserem.

— Claro. Sinto muito por sua filha.

— Obrigada, Ed.

— Cuide-se.

— Você também.

Chris desligou o telefone num estado de depressão, acendeu um cigarro e disse a Sharon:

— Conversei com Howard. Eu contei para você?

— Ah, quando? Você contou a ele sobre Regan?

— Sim, disse que ele precisa vir vê-la.

— Ele vem?

— Não sei. Acho que não — respondeu Chris.

— Seria de esperar que ele fizesse um esforço.

— Sim, eu sei — disse Chris, suspirando. — Mas precisamos entender o lado dele, Shar.

— Como assim?

— A história toda de ser "O sr. Chris MacNeil"! Rags fez parte disso. Ela chegava, e ele saía. Éramos sempre eu e Rags juntas nas capas das revistas; eu e ela nas fotos, tal mãe, tal filha. — Ela bateu as cinzas do cigarro com um dedo. — Ah, que loucura, quem é que sabe? É tudo confuso, uma bagunça. Mas é difícil me indispor com ele, Shar. Não consigo. — Ela pegou um livro próximo ao cotovelo de Sharon. — O que você está lendo?

— Ah, eu me esqueci, é para você. A sra. Perrin o entregou.

— Ela veio aqui?

— Sim, hoje pela manhã. Disse que foi uma pena não a ter encontrado em casa e que teve que viajar, mas que telefonará assim que voltar.

Chris assentiu e viu o título do livro: *Um estudo sobre a adoração ao demônio e fenômenos ocultos relacionados*. Ela o abriu e encontrou um bilhete escrito à mão:

Querida Chris,

Fui à livraria da biblioteca da universidade de Georgetown e peguei este livro para você. Tem alguns capítulos sobre a missa negra. Mas é melhor você ler tudo. Acredito que você vai considerar as outras seções especialmente interessantes. Até breve.

Mary Jo

— Que moça simpática — disse Chris.

— Sim, ela é.

Chris mexeu nas folhas do livro.

— O que acontece na missa negra? É muito pesado?

— Não sei — disse Sharon. — Não li.

— Seu guru disse para você não ler?

Sharon se espreguiçou.

— Ah, esse assunto me cansa.

— É mesmo? Então o que aconteceu com seu complexo de Jesus?

— Ah, pare com isso!

Chris escorregou o livro sobre a mesa, em direção a Sharon.

— Aqui está. Leia e me conte o que acontece.

— Para eu ter pesadelos?

— Por que você acha que eu pago um salário a você?

— Para eu passar mal.

— Isso eu mesma posso fazer — disse Chris ao pegar o jornal. — Basta engolir o conselho de seu empresário que você passa uma semana vomitando sangue. — Chris deixou o jornal de lado, de repente. — Pode ligar o rádio, Shar? Para ouvirmos as notícias.

Sharon jantou com Chris e saiu para um encontro. Esqueceu-se do livro. Chris o viu sobre a mesa e pensou que deveria lê-lo, mas, por fim, sentiu-se muito cansada. Ela o deixou onde estava e subiu a escada. Conferiu como Regan estava, deitada e coberta, aparentemente pronta para dormir a noite toda. Checou a janela de novo. Trancada. Ao sair do quarto, Chris tomou o cuidado de deixar a porta bem aberta, e, antes de ir para a cama, deixou aberta a porta do próprio quarto. Assistiu a uma parte de um filme que estava passando e dormiu. Na manhã seguinte, o livro de adoração ao demônio havia desaparecido misteriosamente da mesa. Ninguém percebeu.

CAPÍTULO TRÊS

O neurologista observou os raios-X de novo, procurando marcas que dariam a impressão de que o crânio havia sido batido por um martelinho. O dr. Klein estava atrás dele, de braços cruzados. Os dois procuraram lesões e acúmulo de fluido; uma alteração possível da glândula pineal. Estavam tentando encontrar indícios de crânio lacunar, a suposta depressão que indicaria a ocorrência de pressão intracraniana crônica. Eles não encontraram nada. A data era 28 de abril, quinta-feira.

O neurologista tirou os óculos e os guardou com cuidado no bolso esquerdo de seu avental.

— Não há nada aqui, Sam. Nada que eu esteja vendo.

Klein franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Não faz sentido — disse ele.

— Quer mais uma bateria?

— Não. Eu acho que farei uma punção lombar.

— Boa ideia.

— Enquanto isso, gostaria de examiná-la.

— Pode ser hoje?

— Bem, estou... — O telefone tocou. — Com licença. — Ele atendeu. — Sim?

— Sra. MacNeil ao telefone. Diz que é urgente.

— Qual é a linha?

— Ela está na três.

Ele apertou o botão.

— Aqui é o dr. Klein.

A voz de Chris estava alterada, beirando a histeria.

— Ah, meu Deus, doutor, é Regan. Pode vir agora?

— O que houve?

— Não sei, doutor, não consigo descrever. Por favor, venha logo! Venha!

— Estou indo!

Ele desligou e chamou a recepcionista.

— Susan, diga a Dresner para atender meus pacientes. — Ele desligou o telefone e começou a tirar o avental. — É ela, Dick — disse ele. — Quer ir comigo? É logo depois da ponte.

— Tenho cerca de uma hora.

— Certo, vamos.

Eles chegaram dentro de minutos e, à porta, onde Sharon os recebeu, com cara de medo, eles ouviram os gemidos e gritos de terror vindos do quarto de Regan.

— Sou Sharon Spencer — disse ela. — Vamos. Ela está lá em cima.

Sharon os levou até o quarto de Regan, entreabriu a porta e disse:

— Chris, os médicos!

Chris aproximou-se da porta no mesmo instante, com o rosto contorcido de medo.

— Meu Deus, entrem! — disse ela com a voz trêmula. — Entrem e vejam o que ela está fazendo.

— Este é o doutor...

No meio da apresentação, Klein parou ao ver Regan. Gritando de forma histérica e balançando os braços, seu corpo parecia estar se erguendo horizontalmente no ar, acima da cama, e batendo com força de volta no colchão. Isso estava acontecendo muito depressa, muitas e muitas vezes.

— Mãe, faça com que ele *pare*! — Regan gritava. — *Pare!* Ele está tentando me *matar*! Não deixe! Faça com que ele *paaaaareeee, mããããeeee*!

— Minha filha! — Chris gritou, que levou a mão à boca e a mordeu. Ela olhou para Klein. — O que está *acontecendo*, doutor? O que *é isso*?

Klein balançou a cabeça, olhos grudados em Regan, enquanto o fenômeno prosseguia. Ela se erguia cerca de trinta centímetros e caía na cama, como se mãos invisíveis a estivessem levantando e derrubando. Chris levou as duas mãos à boca, observando

fixamente, quando os movimentos cessaram de forma abrupta e Regan começou a se virar de um lado para o outro, revirando os olhos, de modo que apenas as partes brancas ficassem à vista.

— Ai, ele está me queimando... *queimando*! — Ela gemeu quando suas pernas começaram a se cruzar e se descruzar rapidamente.

Os médicos se aproximaram, cada um de um lado da cama, e Regan, que ainda se retorcia, jogou a cabeça para trás, mostrando a garganta inchada e protuberante ao murmurar em um tom gutural:

— Nowonmai... Nowonmai...

Klein checou sua pulsação.

— Vamos ver o que está acontecendo, querida — disse ele delicadamente.

E, de repente, ele voou pelo quarto, lançado para trás pela força de um golpe do braço de Regan, desferido quando ela se sentou, com o rosto contorcido de ódio.

— A porca é *minha*! — Ela gritou com uma voz rouca e forte. — Ela é *minha*! Fique longe dela! Ela é *minha*!

Gritou muito alto, e então caiu de costas como se alguém a tivesse empurrado.

Ergueu a camisola, expondo a genitália.

— *Me come! Me come!* — Ela gritou aos médicos, e com as duas mãos começou a se masturbar sem parar. Momentos depois, Chris saiu correndo do quarto aos prantos, depois de Regan levar os dedos aos lábios e lambê-los.

Impressionado, observando em choque, Klein se aproximou da cama de novo, dessa vez com medo, enquanto Regan parecia se proteger, com os braços cruzados, acariciando-os com as mãos.

— Ah, sim, minha pérola... — disse ela com aquela voz rouca e de olhos fechados, como se estivesse em êxtase. — Minha menina... minha flor... minha pérola... — E, mais uma vez, retorceu-se de um lado a outro, gemendo sílabas sem sentido repetidas vezes, até que, de repente, sentou-se, arregalando os olhos, impotente e aterrorizada.

Miou como um gato.

E então latiu.

Em seguida, relinchou.

E, inclinando-se para a frente, começou a girar o torso em círculos rápidos. Tentava puxar o ar.

— Faça-o *parar*! — disse ela, chorando. — Por favor, faça com que ele *pare*! Está doendo! Faça-o *parar*! Faça-o *parar*! Não consigo *respirar*!

Klein já vira o bastante. Pegou sua bolsa de remédios, levou-a até a janela e rapidamente começou a preparar uma injeção.

O neurologista continuou ao lado da cama e viu Regan cair para trás, revirando os olhos de novo, e, com o corpo rolando de um lado a outro, murmurou rapidamente em gemidos guturais. O neurologista se aproximou e tentou entender o que era dito. Então, viu Klein chamando, endireitou-se e aproximou-se do colega.

— Vou administrar Librium — disse Klein a ele, segurando a seringa à luz da janela. — Mas você terá que segurá-la.

O neurologista assentiu, mas pareceu preocupado, inclinando a cabeça de um lado a outro, como se quisesse ouvir os murmúrios vindos da cama.

— O que ela está dizendo? — perguntou Klein.

— Não sei. Apenas bobagens. Palavras sem sentido. — Mas sua própria explicação pareceu deixá-lo insatisfeito. — Ela *diz* o que diz como se significasse alguma coisa. Tem cadência.

Klein assentiu em direção à cama e os homens se aproximaram dos dois lados. Com a chegada deles, a atormentada criança ficou rígida, como numa contração muscular causada por tétano, e os médicos, que tinham parado ao lado da cama, viraram-se e se entreolharam. Então, observaram mais uma vez Regan arquear o corpo para cima, numa posição impossível, curvando-se para trás, na forma de um arco, até a ponta da cabeça tocar seus pés. Ela gritava de dor.

Os médicos se entreolharam assustados, sem entender. Klein fez um sinal ao neurologista, mas, antes que ele pudesse segurá-la, Regan desmaiou e urinou na cama.

Klein se aproximou e levantou sua pálpebra. Conferiu sua pulsação.

— Ela ficará desacordada por um tempo — disse ele. — Acho que ela teve uma convulsão. Concorda?

— Sim, creio que sim.

— Bem, vamos nos precaver.

Ele aplicou a injeção.

— Bem, o que acha? — perguntou Klein ao pressionar um curativo no local da injeção.

— Lobo temporal. Claro, talvez a esquizofrenia seja uma possibilidade, Sam, mas o início foi muito repentino. Ela não tem histórico, certo?

— Não, não tem.

— Neurastenia?

Klein balançou a cabeça, negando.

— Histeria, então?

— Já pensei nisso — disse Klein.

— Claro. Mas ela teria que ser uma aberração para conseguir retorcer o corpo como fez de modo voluntário, não acha? — disse, balançando a cabeça. — Não, creio ser patológico, Sam... Sua força, as paranoias, as alucinações. Esquizofrenia, tudo bem; esses sintomas explicam. O lobo temporal também explicaria as convulsões. Mas tem uma coisa que me incomoda... — Ele hesitou, franzindo o cenho.

— O que é?

— Bem, não tenho certeza, mas acredito ter ouvido sinais de dissociação: “Minha pérola”, “minha menina”, “minha flor”, “a porca”. Tive a sensação de que ela falava sobre si mesma. Foi a impressão que você teve também ou estou imaginando coisas?

Enquanto pensava na pergunta, Klein tocou o lábio inferior com um dedo, e respondeu:

— Olha, sinceramente, naquele momento, não me ocorreu, mas agora que você disse... — Ele fez um som na garganta, e pareceu pensativo. — Pode ser. Sim, acho que pode ser — disse, dando de ombros. — Farei uma punção lombar agora, enquanto ela está apagada, e talvez descubramos algo. Concorda?

O neurologista assentiu.

Klein procurou na maleta, encontrou um comprimido e, quando o enfiou no bolso, perguntou ao neurologista:

— Você pode ficar?

O neurologista olhou o relógio.

— Sim, claro.

— Vamos conversar com a mãe.

Eles saíram do quarto e foram para o corredor.

Com a cabeça baixa, Chris e Sharon estavam recostadas na balaustrada da escada. Quando os médicos se aproximaram, Chris secou o nariz com um lenço úmido e amassado. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar.

— Ela está dormindo — disse Klein — e fortemente sedada. Imagino que vá dormir até amanhã.

Assentindo, Chris respondeu, desanimada:

— Que bom... Ouçam, sinto muito por ter sido tão fraca.

— A senhora está indo bem — disse Klein. — É uma situação assustadora. A propósito, este é o dr. Richard Coleman.

Chris sorriu para ele, sem jeito.

— Obrigada por ter vindo.

— O dr. Coleman é neurologista.

— É mesmo? E o que o senhor acha? — perguntou ela ao transferir o olhar de um homem para o outro.

— Bem, ainda acreditamos ser um problema no lobo temporal — respondeu Klein. — E...

— Meu Deus, de que diabos estão *falando*? — Chris alterou-se de repente. — Ela tem agido como uma maluca, como se tivesse dupla personalidade ou algo assim... — Em seguida, recompôs-se e cobriu o rosto com as mãos. — Ah, acho que estou abalada demais — disse ela, baixinho, ao olhar para Klein. — Sinto muito. O que o senhor estava dizendo?

Foi o neurologista quem respondeu.

— Sra. MacNeil — disse ele, com delicadeza —, não houve mais do que cem casos comprovados de dupla personalidade em toda a história da medicina. É um problema raríssimo. Sei que a psiquiatria parece muito tentadora neste momento, mas qualquer psiquiatra responsável excluiria as possibilidades somáticas em primeiro lugar. É o procedimento mais seguro.

— Bem, certo. O que virá em seguida?

— Faremos uma punção lombar — disse Coleman.

— Na espinha? — perguntou Chris, com um olhar de desespero.

Ele assentiu.

— O que não localizamos nos raios-X e no eletroencefalograma pode aparecer nesse exame. No mínimo, eliminaria outras possibilidades. Gostaria de realizá-lo agora, enquanto ela está dormindo. Darei uma anestesia local, claro, mas estou tentando evitar os movimentos.

— Como ela pôde pular na cama daquele jeito? — perguntou Chris, estreitando os olhos, sem conseguir compreender.

— Bem, acho que já falamos sobre isso — disse Klein. — Estados patológicos podem induzir à força anormal e ao desempenho motor acelerado.

— Mas o senhor disse que não sabe o motivo.

— Bem, parece ter algo a ver com motivação — respondeu Coleman. — Mas é só o que sabemos.

— Certo, e a punção? — perguntou Klein a Chris. — Podemos seguir em frente?

Retraindo-se, Chris olhou para o chão.

— Sim, podem. Façam o que tiverem que fazer. Qualquer coisa, desde que ela fique boa.

— Posso usar seu telefone? — perguntou Klein.

— Claro. Venha. Há um no escritório.

— Ah — disse Klein quando Chris se virou para guiá-los —, a roupa de cama precisa ser trocada.

Afastando-se depressa, Sharon disse:

— Farei isso agora mesmo.

— Aceitam um café? — perguntou Chris enquanto descia a escada com os médicos. — Dei a tarde de folga ao casal de empregados, por isso terá que ser instantâneo.

Eles recusaram.

— Vi que a senhora ainda não arrumou a janela — Klein comentou.

— Mas já telefonamos para o chaveiro — respondeu Chris. — Ele virá amanhã com novas fechaduras.

Eles entraram no escritório, onde Klein telefonou para seu consultório e instruiu a assistente a entregar os equipamentos e remédios necessários na casa.

— E prepare o laboratório para as análises — disse ele. — Eu mesmo as farei após o procedimento.

Quando terminou o telefonema, Klein perguntou a Chris o que havia acontecido desde que ele vira Regan pela última vez.

— Vamos ver, desde terça-feira — disse Chris, pensando —, não, na terça não aconteceu nada. Ela foi direto para a cama e dormiu até tarde na manhã seguinte e... Ah, não, espere. Não, não dormiu. Isso mesmo. Willie disse que ouviu Regan na cozinha muito cedo. Eu me lembro de ter ficado feliz por ela ter recuperado o apetite. Mas, depois, ela voltou para a cama, acho, porque passou o resto do dia lá.

— Ela estava dormindo? — perguntou Klein.

— Não, acho que ela estava lendo. Eu comecei a me sentir um pouco melhor em relação a tudo. Parecia que o Librium seria a solução. Ela parecia um pouco distante, e isso me incomodou, mas, ainda assim, era um grande progresso. E então, ontem à noite, nada novamente — Continuou. — E hoje de manhã, tudo começou. *Nossa!* E *como* começou!

Ela estava sentada na cozinha, relatou Chris, quando Regan desceu a escada correndo em sua direção, encolhendo-se defensivamente atrás da cadeira enquanto agarrava o braço de Chris e dizia com a voz estridente e assustada que o Capitão Howdy a estava perseguindo, que a estava beliscando, batendo, empurrando, dizendo obscenidades, ameaçando matá-la. “Ele está aqui!”, ela gritara, apontando para a porta da cozinha. E caiu no chão, com o corpo se sacodindo em espasmos; ela chorava e gritava, dizendo que Howdy a estava chutando. Então, de repente, Regan ficara de pé no meio da cozinha, com os braços esticados, e começara a girar depressa, “como um pião”, e manteve-se assim por quase um minuto até cair exausta no chão.

— E então, de repente — disse Chris, finalizando o relato —, vi que havia... *ódio* em seus olhos, um *ódio* enorme, e ela disse que eu... ela me chamou de... ah, Deus!

Chris começou a chorar.

Klein caminhou até a pia, encheu um copo d’água e caminhou de volta em direção a Chris. Os soluços já haviam cessado.

— Droga, preciso de um cigarro — disse ela, secando os olhos com os dedos.

Klein deu a ela a água e um pequeno comprimido verde.

— Experimente isto — disse ele.

— É um tranquilizante?

— Sim.

— Quero dois.

— Um basta.

Chris desviou o olhar e deu um sorriso amarelo.

— Eu não gosto de economizar.

Ela engoliu o comprimido e devolveu o copo vazio ao médico.

— Obrigada — disse ela baixinho, apoiou a testa nos dedos trêmulos e balançou a cabeça. — Sim, foi quando tudo começou. Todas as outras coisas. Ela parecia outra pessoa.

— Como o Capitão Howdy, talvez? — perguntou Coleman.

Chris olhou para ele, surpresa. Ele a observava com atenção.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Foi só uma pergunta.

Ela olhou de modo distraído para a lareira.

— Não sei. Parecia outra pessoa qualquer. Alguém diferente.

Fez-se um momento de silêncio. Coleman ficou de pé. Tinha outro compromisso, disse aos dois, e, após algumas frases vagamente confortadoras, despediu-se.

Klein o acompanhou até a porta.

— Você vai checar o açúcar? — perguntou Coleman.

— Não, sou um idiota inexperiente.

Coleman sorriu.

— Estou um pouco apreensivo com tudo isso — disse ele. Desviou o olhar, pensativo, passando os dedos nos lábios. — Um caso estranho — disse ele, baixinho. — *Muito* estranho. — Virou-se para Klein. — Diga-me o que descobrir.

— Você estará em casa?

— Sim, estarei. Ligue para mim, está bem?

— Sim.

Coleman acenou e partiu.

Quando o equipamento chegou, pouco tempo depois, Klein anestesiou a região da espinha de Regan com novocaína e, enquanto Chris e Sharon observavam, tirou o fluido da espinha enquanto observava um manômetro com atenção.

— A pressão está normal — Murmurou. Quando terminou, caminhou até a janela para ver se o líquido era claro ou escuro. Estava claro.

Guardou os tubos de fluido na maleta.

— Duvido que ela desperte — disse Klein —, mas, se despertar no meio da noite e causar algum problema, seria bom ter uma enfermeira pronta para aplicar um sedativo.

— Não posso fazer isso sozinha? — perguntou Chris.

— Por que não uma enfermeira?

Chris deu de ombros. Não quis mencionar a falta de confiança que tinha em médicos e enfermeiros.

— Só prefiro fazer isso eu mesma — disse.

— Bem, é complicado aplicar uma injeção — disse Klein. — Uma bolha de ar pode ser muito perigosa.

— Eu sei aplicar — disse Sharon. — Minha mãe tinha uma casa de repouso em Oregon.

— Ah, você aplicaria, Shar? — perguntou Chris. — Ficaria aqui esta noite?

— Bem, teria que ser mais do que só uma noite — disse Klein. — Pode ser que ela precise de alimentação intravenosa, dependendo de como ficar.

— Pode me ensinar a aplicar? — perguntou Chris a ele. Olhava para ele com muita ansiedade. — Preciso fazer isso.

Klein assentiu e disse:

— Claro. Creio que posso.

Ele fez uma prescrição para torazina e seringas descartáveis, e entregou a Chris.

— Compre isto agora mesmo.

Ela a entregou a Sharon.

— Sharon, cuide disto para mim, pode ser? Telefone e eles enviam. Quero acompanhar o doutor enquanto ele faz os exames. — disse Chris, virando-se para o médico. — O senhor se importa?

Klein notou a ansiedade em seus olhos, a impotência, a confusão.

— Claro que não, sei como se sente. Sinto a mesma coisa quando converso com o mecânico sobre meu carro.

Chris olhou para ele sem saber o que dizer.

Eles saíram de casa exatamente às 18h18.

No laboratório, no prédio Rosslyn, Klein realizou uma série de exames. Primeiro, analisou as proteínas.

Normal.

Em seguida, a contagem de células sanguíneas.

— Há muitos glóbulos vermelhos — Klein explicou —, o que significa hemorragia. Ter muitos brancos significaria infecção.

Ele estava à procura de uma infecção por fungos, que normalmente era a causa do comportamento bizarro e crônico. E, mais uma vez, tudo normal.

Por fim, Klein examinou o açúcar no fluido.

— Por quê? — perguntou Chris.

— Bem, o açúcar na espinha deve representar dois terços da quantidade de açúcar no sangue. Qualquer mudança para menos dessa proporção indicaria uma doença na qual a bactéria começa a comer o açúcar do fluido espinhal e, se for o caso, poderia explicar os sintomas de sua filha.

Mas não havia alteração.

Chris cruzou os braços e balançou a cabeça.

— E lá vamos nós, pessoal — Ela murmurou de forma sombria.

Durante um tempo, Klein pensou. Finalmente, virou-se e olhou para Chris.

— Você tem drogas em casa?

— Quê?

— Anfetaminas? LSD?

Chris balançou a cabeça e disse:

— Não. Olha, posso garantir. Não há nada do tipo.

Klein assentiu, olhou para os sapatos e voltou a olhar para Chris, dizendo:

— Acho que está na hora de procurarmos um psiquiatra.

Chris chegou em casa exatamente às 19h21. À porta, chamou:

— Sharon?

Não obteve resposta. Sharon não estava ali.

Chris subiu a escada para o quarto de Regan e a encontrou dormindo profundamente, sem qualquer mudança. Chris sentiu um cheiro de urina no quarto. Olhou da cama para a janela. *Meu Deus, está escancarada!* Ela pensou que Sharon devia ter aberto a janela

para arejar o quarto. Mas onde estava ela? Aonde tinha ido? Chris se aproximou, fechou e trancou a janela, depois desceu de novo e viu Willie entrando na casa.

— Oi, Willie. Vocês se divertiram hoje?

— Fizemos compras, senhora. E fomos ao cinema.

— Onde está Karl, Willie?

Willie balançou a mão num gesto de frustração.

— Ele me deixou assistir aos Beatles dessa vez. Sozinha.

— Que bom!

— Sim, senhora.

Willie ergueu dois dedos, fazendo o "V" de vitória.

Eram 19h35.

Às 20h01, enquanto Chris estava no escritório, ao telefone com seu agente, ouviu a porta da frente sendo aberta e fechada, ouviu passos de salto se aproximando e viu Sharon entrar no escritório com diversos pacotes nos braços e colocá-los no chão. A secretária sentou-se numa poltrona estofada e esperou Chris terminar a conversa.

— Onde você estava? — perguntou Chris quando desligou.

— Ah, ele não disse?

— *Quem* não me disse o quê?

— Burke. Ele não está aqui?

— Ele esteve aqui?

— Quer dizer que ele não estava quando você chegou em casa?

— Olha, comece do começo — disse Chris.

— Ai, aquele maluco — disse Sharon, balançando a cabeça. — Não consegui fazer com que a farmácia entregasse o pedido, então, quando Burke chegou, pensei que ele poderia ficar aqui com Regan enquanto eu saía para buscar a torazina. — Ela balançou a cabeça de novo. — Eu já devia saber.

— É, eu acho que devia. E então, o que você comprou?

— Bem, como pensei que teria tempo, comprei um lençol de borracha para colocar na cama de Regan.

— Você comeu?

— Não, pensei em preparar um sanduíche. Quer um?

— Boa ideia.

— O que houve com os exames? — perguntou Sharon enquanto caminhavam até a cozinha.

— Todos deram negativo — respondeu Chris. — Vou ter que procurar um psicólogo.

Depois dos sanduíches e do café, Sharon mostrou a Chris como aplicar uma injeção.

— As duas maiores preocupações ao aplicar uma injeção são cuidar para que não haja nenhuma bolha de ar e para não acertar uma veia. Veja, puxar um pouco, assim — disse, prosseguindo a demonstração —, e ver se há sangue na seringa.

Durante um tempo, Chris praticou o procedimento numa toranja, e pareceu conseguir. E então, às 21h28, a campainha tocou. Willie atendeu. Era Karl. Enquanto atravessava a cozinha, a caminho de seu quarto, ele disse boa-noite e comentou que havia esquecido sua chave.

— Não acredito — disse Chris a Sharon. — É a primeira vez que ele admite ter cometido um erro.

Elas passaram a noite assistindo televisão no escritório.

Às 23h46, Sharon atendeu o telefone e o passou a Chris, dizendo:

— É Chuck.

O jovem diretor da segunda unidade. Ele estava sério.

— Você soube o que aconteceu, Chris?

— Não. O quê?

— É uma notícia ruim.

— Ruim?

— Burke morreu.

Estava bêbado. Havia tropeçado. Havia caído da escadaria atrás da casa até o chão, onde um pedestre que passava na rua M o viu, caindo em direção à escuridão sem fim. Pescoço quebrado. Uma cena horrorosa.

Chris soltou o telefone chorando e levantou-se sem firmeza. Sharon correu até ela e a segurou, desligou o telefone e a levou ao sofá.

— Chris, o que foi? O que houve?

— Burke morreu!

— Meu Deus, Chris! Não! O que aconteceu?

Mas Chris balançou a cabeça. Não conseguia falar. E chorou.

Mais tarde, elas conversaram. Por horas. Chris bebeu. Lembrou-se de Dennings. Riu. E chorou.

— Ah, meu Deus — Ela não parava de sussurrar. — Coitado do maluco do Burke... Coitado do Burke...

A ideia da morte não se afastava.

Um pouco depois das cinco da manhã, Chris estava de pé atrás do bar, com os cotovelos sobre a superfície, a cabeça baixa e os olhos muito tristes enquanto esperava Sharon voltar da cozinha com um balde de gelo. Então, por fim, Sharon voltou e, ao entrar não escritório, disse:

— Ainda não acredito.

Chris olhou para a frente. Depois, para o lado. E ficou paralisada.

Caminhando como uma aranha, rapidamente, logo atrás de Sharon, com o corpo arqueado para trás e a cabeça quase tocando os pés, estava Regan, mexendo a língua sem parar enquanto sibilava e mexia a cabeça levemente para a frente e para trás, como uma cobra.

Com o olhar grudado na filha, Chris disse:

— Sharon?

Sharon parou. Regan também. Sharon virou-se e não viu nada. E então gritou e sobressaltou-se ao sentir a língua de Regan em seu tornozelo.

Chris levou a mão ao rosto pálido.

— Telefone para aquele médico e o tire da cama! *Agora!*

Aonde Sharon ia, Regan a seguia.

CAPÍTULO QUATRO

Sexta-feira, 29 de abril. Enquanto Chris esperava no corredor, fora do quarto, o dr. Klein e um famoso neuropsiquiatra examinavam Regan, observando-a por quase meia hora. Remexendo-se, debatendo-se. Puxando os cabelos e, de vez em quando, fazendo caretas e levando as mãos às orelhas, como se quisesse bloquear um som repentino e ensurdecedor. Berrava obscenidades. Gritava de dor. E, por fim, jogou-se de frente na cama e, com as pernas encolhidas embaixo da barriga, passou a gemer baixo e sem qualquer coerência.

O psiquiatra fez um sinal para que Klein se aproximasse dele.

— Dê a ela um tranquilizante — disse ele. — Talvez eu consiga conversar com ela.

O médico assentiu e preparou uma injeção de cinquenta miligramas de torazina. No entanto, quando os doutores se aproximaram da cama, Regan pareceu notar a presença deles e se virou com agilidade. Quando o neuropsiquiatra tentou segurá-la, ela começou a gritar, furiosa. A mordê-lo. A lutar contra ele. A afastá-lo. Só quando Karl foi chamado para ajudar que eles conseguiram manter Regan parada o suficiente para que Klein conseguisse aplicar a injeção.

A dosagem não foi adequada e mais cinquenta miligramas foram injetados. Eles esperaram. E logo Regan ficou dócil. E, então, distraída. Passou a olhar os médicos com uma confusão repentina.

— Onde está minha mãe? Quero a mamãe! — dizia ela, chorosa e assustada.

Com um sinal do neuropsiquiatra, Klein saiu do quarto.

— Sua mãe vai chegar daqui a pouco, querida — disse o psiquiatra a Regan. Ele se sentou na cama e acariciou sua cabeça.

— Pronto, pronto, está tudo bem, querida. Sou médico.

— *Quero a minha mãe!*

— Sua mãe está vindo. Está vindo. Está com dor, querida?

Enquanto as lágrimas escorriam de seu rosto, Regan assentiu.

— Onde dói? Onde está doendo?

— Dói o corpo todo — disse Regan, chorando.

— Ah, minha querida!

— *Mãe!*

Chris correu até a cama e a abraçou. E beijou. Tentou consolá-la e confortá-la. Chris começou a chorar de alegria.

— Ah, você voltou, Rags! Você voltou! É você mesma!

— Ai, mãe, ele me machucou! — disse Regan a ela, fungando. — Por favor, faça com que ele pare de me machucar. Está bem, mamãe? Por favor?

Chris olhou para a filha, confusa, e se virou para os médicos, com dúvida nos olhos.

— O quê? O que é isto?

— Ela está muito sedada — disse o psiquiatra gentilmente.

— Está dizendo que...

— Veremos — disse ele, interrompendo-a.

Ele se virou para Regan.

— Pode dizer o que está acontecendo, querida?

— *Não sei!* — respondeu ela, chorando. — Não sei! Eu não sei por que ele faz isso! Ele sempre foi meu amigo!

— Quem é ele?

— O Capitão Howdy! Parece que tem outra pessoa dentro de mim, que me faz fazer coisas!

— O Capitão Howdy?

— Não sei!

— Uma pessoa?

Regan assentiu.

— Diga quem é.

— Eu não *sei*!

— Bem, certo. Vamos tentar uma coisa, Regan. O que acha de fazermos uma brincadeira? — disse, enfiando a mão no bolso do avental e tirando uma bola brilhante presa a uma corrente de prata.

— Já viu filmes em que as pessoas são hipnotizadas? — perguntou ele.

Com os olhos arregalados, Regan assentiu.

— Bem, sou um hipnotizador, Regan. Sim, sou mesmo! Eu hipnotizo as pessoas o tempo todo. De verdade! Claro, se elas deixarem. Mas acho que se eu hipnotizar você, Regan, conseguirei ajudá-la a melhorar. Sim, essa pessoa dentro de você vai sair. Você quer ser hipnotizada? Veja, sua mãe está bem aqui, do seu lado.

Regan olhou para Chris de modo confuso.

— Vá em frente, querida. Faça isso — disse Chris.

Regan olhou para o psiquiatra e assentiu.

— Tudo bem — disse, baixinho. — Mas só um pouco.

O psiquiatra sorriu e olhou rapidamente para trás quando ouviu o som de um vaso se quebrando. Era um vaso delicado que havia despencado da estante onde Klein apoiava o braço. Klein olhou para o braço e para os cacos sem entender, e então se pôs a recolhê-los.

— Não se preocupe, doutor. Willie pode juntá-los — disse Chris.

— Pode fechar as janelas para mim, Sam? — O psiquiatra pediu. — E as cortinas também?

Quando o quarto ficou escuro, o psiquiatra pegou a corrente e começou a balançar o pêndulo de um lado a outro com um movimento rápido. Ele acendeu uma pequena lanterna na direção dele. O pêndulo brilhou.

Ele começou a entoar o ritual hipnótico.

— Observe isto, Regan, fique olhando, e logo sentirá suas pálpebras cada vez mais pesadas...

Dentro de pouco tempo, Regan pareceu entrar em transe.

— Extremamente sugestionável — O psiquiatra murmurou. E então perguntou: — Você está confortável, Regan?

— Sim — respondeu a menina com uma voz baixa e suave.

— Quantos anos você tem, Regan?

— Doze.

— Tem alguém dentro de você?

— Às vezes.

— Quando?

— Em momentos diferentes.

— É uma pessoa?
— Sim.
— Quem é?
— Não sei.
— É o Capitão Howdy?
— Não sei.
— Um homem?
— Não sei.
— Mas ele está aí.
— Sim, às vezes.
— Ele está agora?
— Não sei.
— Se eu pedir a ele que me conte, você permitirá que ele responda?
— *Não!*
— Por que não?
— Estou com medo!
— Do quê?
— Não sei!
— Se ele conversar comigo, Regan, acho que sairá de você. Você quer que ele saia de você?
— Sim.
— Então, deixe-o falar. Vai deixar?
Um longo silêncio. E então:
— Sim.
— Estou falando com a pessoa que está dentro de Regan agora — disse o psiquiatra de maneira firme. — Se estiver aí, você também está hipnotizado e deve responder a todas as minhas perguntas. — Por um momento, ele pausou para permitir que a sugestão entrasse na corrente sanguínea de Regan. E repetiu: — Se estiver aí, você também está hipnotizado e deve responder a todas as minhas perguntas. Manifeste-se e responda agora. Você está aí?

Silêncio. Então, algo curioso aconteceu. O hálito de Regan tornou-se fétido, de repente. E denso. O psiquiatra conseguiu sentir o odor a meio metro. Virou a lanterna para o rosto de Regan e, chocada e com os olhos arregalados, Chris cobriu a boca com a

mão para abafar um grito, ao observar o rosto de Regan se contorcer numa máscara de ira, os lábios repuxados em direções opostas, e a língua túmida serpenteando para fora da boca.

— Você é a pessoa que está dentro de Regan? — perguntou o psiquiatra.

Regan assentiu.

— Quem é você?

— Nowonmai — respondeu ela, com um som gutural.

— É o seu nome?

Mais uma confirmação.

— Você é um homem?

— Diga — disse ela.

— O que respondeu?

— Diga.

— Se isso for um “sim”, confirme com a cabeça.

Regan confirmou.

— Está falando outro idioma?

— Diga.

— De onde você veio?

— Cachorro.

— Está dizendo que veio de um cachorro?

— Cãomorfomoção — respondeu Regan.

O psiquiatra parou, e, depois de pensar um pouco, decidiu tentar outra abordagem:

— Quando eu fizer perguntas a partir de agora, você responderá mexendo a cabeça: “sim” para cima e para baixo, e “não” para um lado e para o outro. Entendeu?

Regan assentiu.

— Suas respostas tiveram sentido? — perguntou ele. *Sim.*

— Você é alguém que Regan conheceu? *Não.*

— Que já viu? *Não.*

— É alguém que ela inventou? *Não.*

— Você existe? *Sim.*

— Faz parte de Regan? *Não.*

— Fez parte de Regan em algum momento? *Não.*

— Você gosta dela? *Não.*

— Você desgosta dela? *Sim.*

— Você a odeia? *Sim.*
— Por algo que ela fez? *Sim.*
— Você a culpa pelo divórcio dos pais? *Não.*
— Tem algo a ver com os pais dela? *Não.*
— Com um amigo? *Não.*
— Mas você a odeia. *Sim.*
— Está punindo Regan? *Sim.*
— Deseja feri-la? *Sim.*
— Matá-la? *Sim.*
— Se ela morresse, você também morreria? *Não.*

A resposta pareceu inquietá-lo e ele abaixou a cabeça, pensativo. As molas da cama rangeram quando ele se ajeitou. Naquele silêncio, a respiração de Regan se tornou forte, como se viesse de recôncavos podres. Ali. Mas, ainda assim, distante. E sinistra.

Quando ele olhou de novo para aquele rosto horroroso e contorcido, os olhos do psiquiatra brilharam quando ele perguntou:

— Tem alguma coisa que ela possa fazer para que você a deixe? *Sim.*
— Pode me dizer o que é? *Sim.*
— Vai me dizer? *Não.*
— Mas...

Repentinamente, o psiquiatra começou a gritar de dor ao ver, horrorizado, que Regan estava apertando seu escroto, com uma força além do comum. Com os olhos arregalados, ele tentou se livrar, mas não conseguiu.

— Sam! Sam, me ajude! — Ele gritou desesperado.

Tumulto.

Chris correu para acender a luz.

O dr. Klein se lançou para a frente.

Regan, com a cabeça jogada para trás, rindo de modo demoníaco, uivava como um lobo.

Chris deu um tapa no interruptor, virou-se e viu um pesadelo digno de um filme preto e branco, granulado, em câmera lenta: Regan e os médicos agarrados na cama, uma confusão de braços e pernas, caretas, gritos, palavrões, berros, urros e aquela risada assustadora. Regan roncando como um porco, Regan relinchando

como um cavalo, e a cena ganhando velocidade com a cama chacoalhando e batendo de um lado a outro, enquanto os olhos da menina reviravam dentro das cavidades, e ela soltou um berro cru e sangrento de terror vindo da base de sua espinha.

Regan contorceu-se e caiu inconsciente.

Algo indescritível deixou o quarto.

Por um momento, ninguém se mexeu. Lenta e cuidadosamente, os médicos se desenrolaram. Levantaram-se e olharam para Regan, que não conseguia falar. Klein, inexpressivo, aproximou-se da cama, checou a pulsação da menina e, satisfeito, cobriu-a delicadamente com o cobertor; assentiu para Chris e para o psiquiatra. Eles saíram da sala e foram ao escritório, onde, durante um tempo, ninguém disse nada. Chris estava no sofá, com Klein e o psiquiatra próximos a ela, nas cadeiras de frente. O psiquiatra estava pensativo, apertando o próprio lábio enquanto olhava para a mesa de canto, então suspirou e olhou para Chris, que também olhou para ele.

— O que diabos está acontecendo? — perguntou ela com um sussurro.

— A senhora reconheceu o idioma que ela estava falando?

Chris negou, balançando a cabeça.

— Tem alguma crença religiosa?

— Não, não tenho.

— E sua filha?

— Não.

A partir de então, o psiquiatra fez uma série de perguntas relacionadas ao histórico psicológico de Regan, e, quando finalmente terminou, parecia perturbado.

— O que foi? — perguntou Chris, apertando o lenço amarrotado na mão. — Doutor, o que ela tem?

O psiquiatra agiu de maneira evasiva.

— Bem, é meio confuso — disse ele —, e, para dizer a verdade, seria muito irresponsável de minha parte tentar dar um diagnóstico após um exame tão curto.

— Bem, o senhor deve ter uma ideia — Chris insistiu.

Passando o dedo pela sobrancelha e olhando para baixo, o psiquiatra suspirou, olhou para a frente e disse:

— Certo. Sei que a senhora está ansiosa, então direi algumas impressões que tive. Mas são apenas impressões, certo?

Chris inclinou-se para a frente, assentindo de modo tenso.

— Tudo bem. O que foi? — disse, remexendo os dedos com o lenço no colo, contando os pontos na bainha como se fossem contas de um rosário.

— Para começar — disse o psiquiatra —, é bastante improvável que ela esteja fingindo. Certo, Sam? — Klein assentiu, concordando. — Acreditamos nisso por diversos motivos — disse o psiquiatra. — Por exemplo, as contorções anormais e dolorosas. E principalmente, creio eu, pela mudança nos traços dela enquanto conversávamos com a suposta pessoa que ela acredita estar dentro dela. Um efeito psíquico como este não ocorre, a menos que ela *acreditasse* nessa pessoa. Compreende?

— Sim, acho que sim — respondeu Chris. — Só não entendo de onde vem essa pessoa. Sabe, sempre ouvimos falar de “dupla personalidade”, mas nunca vi nenhuma explicação.

— Bem, ninguém nunca explicou. Usamos conceitos como “consciência”, “mente”, “personalidade”, mas não sabemos bem o que eles são. Quando eu começo a falar sobre algo, como personalidades múltiplas ou dupla, só temos algumas teorias que geram mais perguntas do que respostas. Freud acreditava que certas ideias e certos sentimentos são, de algum modo, reprimidos pela mente consciente, mas permanecem vivos no subconsciente de uma pessoa. Na verdade, eles continuam muito fortes, e continuam buscando expressão por meio de diversos sintomas psiquiátricos. Mas quando o material reprimido... ou, digamos, dissociado, e aqui a palavra “dissociação” significa uma separação do fluxo de consciência. Está acompanhando meu raciocínio?

— Sim, prossiga.

— Certo. Bem, quando esse tipo de material se torna forte o bastante, ou onde a personalidade da pessoa for desorganizada e fraca, o resultado pode ser uma psicose esquizofrênica. Mas isso não é a mesma coisa que dupla personalidade. Esquizofrenia significa *dilaceramento* da personalidade. Mas onde o material dissociado é forte o suficiente para, de certo modo, se unir e se organizar no subconsciente do indivíduo... Bem, sabe-se que às

vezes age de modo independente, como uma personalidade separada. Em outras palavras, assume as funções corporais.

— E é isso o que o senhor acredita que está acontecendo com Regan?

— Bem, é apenas uma teoria. Há diversas outras. Algumas que envolvem a ideia de fuga dentro da inconsciência; a fuga de um problema emocional ou de um conflito. Sua filha não tem histórico de esquizofrenia e o eletroencefalograma não mostrou o padrão de ondas cerebrais que geralmente acompanha tal quadro. Assim sendo, ficamos com o campo geral da histeria.

— Não estou entendendo mais nada — Chris murmurou.

O psiquiatra deu um sorriso amarelo.

— A histeria é uma forma de neurose em que os distúrbios emocionais são transformados em distúrbios físicos. Em certos casos, existe a dissociação. Na psicastenia, por exemplo, a pessoa perde a consciência de seus atos, mas vê a si mesma agindo e atribui suas atitudes a outra pessoa. A ideia que tem da segunda personalidade é vaga, no entanto, e a de Regan parece específica. Então, chegamos ao que Freud chamava de forma de “conversão” da histeria, que parte dos sentimentos inconscientes de culpa e da necessidade de ser punido. A dissociação é a característica principal aqui, até mesmo personalidades múltiplas. E a síndrome também deve incluir convulsões parecidas com ataques epilépticos, alucinações e descontrole motor anormal.

Chris escutava com atenção, os olhos arregalados e o rosto sério, esforçando-se para tentar entender.

— Bem, tudo isso parece descrever o caso de Regan — disse ela. — Não acha? Bem, exceto pela parte da culpa. Afinal, de que ela sentiria culpa?

— Veja, uma resposta clichê seria o divórcio. As crianças geralmente sentem que *elas* foram rejeitadas e às vezes assumem total responsabilidade pela partida de um dos pais; no caso de sua filha, pode ser isso. Estou pensando nos sintomas da tanatofobia, uma depressão neurótica com a ideia da morte. — Chris passou a prestar mais atenção. — Nas crianças — disse o psiquiatra — percebemos esta depressão acompanhada pela culpa, que está relacionada ao estresse familiar, e muitas vezes pelo medo de

perder um dos pais. Ela causa ira e frustração profunda. Além disso, a culpa, nesse tipo de histeria, não precisa ser conhecida pelo consciente. Pode até ser a culpa que chamamos de “livre”, que não se relaciona a nada em especial.

— Então, esse medo da morte...

— A tanatofobia.

— Sim, certo, o que *você* disse. Ela é passada dos pais para o filho?

Desviando o olhar levemente para evitar exibir a curiosidade que a pergunta despertou, o psiquiatra disse:

— Não, não. Creio que não.

Chris abaixou e balançou a cabeça.

— Não consigo entender — disse ela. — Estou confusa. — Ela olhou para a frente, franzindo o cenho. — Quero saber onde entra essa nova personalidade.

O psiquiatra virou-se para ela.

— Bem, repito que é apenas uma opinião — disse ele —, mas imaginando que *seja* a histeria de conversão originada da culpa, a segunda personalidade é apenas o agente que aplica o castigo. Se a própria Regan se punisse, seria como *reconhecer* sua culpa. Mas ela quer fugir dessa noção. Por isso existe a segunda personalidade.

— E é isso, então, o que o senhor acha que ela tem?

— Como eu disse, não sei — disse o psiquiatra, que parecia estar escolhendo as palavras com cuidado, como se pisasse em ovos. — É extraordinário, para uma criança da idade dela, reunir e organizar os componentes de uma nova personalidade. E certas coisas... bem, outras coisas são confusas. O desempenho dela com o tabuleiro Ouija, por exemplo, indicaria enorme sugestionabilidade. E, ainda assim, parece que eu não a hipnotizei de fato. — Ele deu de ombros. — Talvez ela tenha resistido. Mas o mais assustador é a aparente precocidade da nova personalidade. Não é de uma criança de 12 anos, de jeito nenhum. É de alguém muito mais velho. E ainda o idioma que ela estava falando... — Ele hesitou, enquanto olhava para a lareira, pensativo. — Há um estado similar, claro, mas não sabemos muito sobre ele.

— Qual é?

O psiquiatra se virou para ela.

— Bem, é um tipo de sonambulismo no qual, de uma hora para a outra, o indivíduo manifesta conhecimento ou habilidades que nunca aprendeu, e no qual a intenção da segunda personalidade é... — Então se interrompeu. — Bem, é extremamente complicado — disse, resumindo —, e eu simplifiquei as coisas de modo muito arriscado.

Ele também não havia completado seu raciocínio, com medo de chatear Chris além do necessário: a intenção da segunda personalidade, ele teria dito, era destruir a primeira.

— Então, qual é a conclusão?

— É um pouco complicada. Ela precisa de um exame cuidadoso realizado por uma equipe de especialistas, duas ou três semanas de estudo muito concentrado num ambiente clínico. Um lugar como a clínica Barringer, em Dayton.

Chris se virou e olhou para baixo.

— Algum problema? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça e disse baixinho:

— Não, é só que perdi a “Esperança”, só isso.

— Não entendi.

— É uma longa história.

O psiquiatra telefonou para a clínica Barringer. Eles concordaram em admitir Regan no dia seguinte. Os médicos partiram.

Chris engoliu a dor da saudade de Dennings. Pensou de novo na morte, no vazio e na solidão inexplicável, na quietude, no silêncio e na escuridão que esperavam escondidos: não, nenhum movimento; nenhuma respiração, nada. *Demais... Demais.* Chris abaixou a cabeça e chorou por um momento. E então secou as lágrimas.

Arrumando a mala para a viagem, Chris estava de pé em seu quarto, escolhendo uma peruca para usar em Dayton, quando Karl apareceu na porta. Havia alguém ali para falar com ela, disse o empregado.

— Quem?

— O detetive.

— Detetive? E ele quer falar *comigo*?

— Sim, senhora.

Karl entrou e deu a Chris um cartão de visita. WILLIAM F. KINDERMAN, era o que estava escrito, CHEFE DE INVESTIGAÇÃO. As palavras estavam impressas na fonte Tudor, maiúscula, que poderia ter sido escolhida por um vendedor de antiguidades. No canto, como se não tivessem muita relação, estavam as palavras menores *Divisão de homicídios*.

Chris olhou para Karl com desconfiança.

— Ele está trazendo algo que possa ser um roteiro? Sabe como é, um envelope grande de papel pardo, ou algo assim?

Chris havia se dado conta de que não havia pessoa no mundo que não tivesse um romance ou um roteiro ou uma ideia de um dos dois guardada numa gaveta ou na mente. Ela parecia atrair essas pessoas assim como padres atraem bandidos e bêbados.

Karl balançou a cabeça, negando.

— Não, senhora.

Detetive. Será que ele tinha alguma coisa a ver com Burke?

Chris o encontrou na saleta, com a aba de seu chapéu mole e amassado presa por dedos curtos e gorduchos, cujas unhas tinham o brilho de uma recente ida à manicure. Rechonchudo, com sessenta e poucos anos, ele tinha faces coradas e brilhantes. Usava uma calça amassada, marcada e larga, por baixo de um sobretudo cinza de lã, comprido, largo e fora de moda. Quando Chris se aproximou, o detetive disse com uma voz rouca e fraca:

— Eu reconheceria esse rosto em qualquer relação de suspeitos, sra. MacNeil.

— Eu *estou* numa relação de suspeitos? — perguntou ela.

— Meu Deus! Não, não, não. Claro que não! É apenas um procedimento de rotina — disse ele. — Escute, a senhora está ocupada? Posso voltar amanhã. Sim, voltarei amanhã.

Ele estava se virando, como se pretendesse partir, quando Chris disse ansiosamente:

— O que foi? É sobre Burke? Burke Dennings?

A atitude calma do detetive havia, de algum modo, aumentado sua tensão. Ele se virou e voltou-se para ela, com olhos castanhos e úmidos, caídos nos cantos, que pareciam estar sempre relembrando o passado.

— Que horror — disse ele. — Uma tristeza.

— Ele foi *morto*? — perguntou Chris abruptamente. — Afinal, o senhor cuida de homicídios. É por isso que está aqui? Burke foi morto?

— Não, como eu disse, é apenas algo de rotina — O detetive repetiu. — Um homem tão importante, não poderíamos simplesmente deixar passar. Não poderíamos — repetiu, com um olhar perdido, dando de ombros. — Pelo menos, uma ou duas perguntas. Ele caiu? Foi empurrado? — Enquanto falava, balançava de um lado a outro com uma das mãos erguida, a palma para a frente. Então, deu de ombros e sussurrou: — Quem sabe?

— Ele foi *assaltado*?

— Não, não foi assaltado, sra. MacNeil, de jeito nenhum. Mas quem precisa de uma motivação nos dias de hoje? — As mãos do detetive estavam sempre em movimento, como luvas flácidas manipuladas pelos dedos de um ventríloquo desanimado. — Afinal, hoje em dia, uma motivação é um estorvo, talvez até um impedimento. — Ele balançou a cabeça. — Essas drogas — Ele murmurou. — Todas essas drogas. — Ele bateu no peito com as pontas dos dedos. — Pode acreditar, sou pai, e, quando vejo o que está acontecendo, fico com o coração partido. A senhora tem filhos?

— Sim, uma filha.

— Que Deus a proteja.

— Venha ao escritório — disse Chris a ele ao se virar, muito ansiosa para saber o que ele tinha a dizer sobre Dennings.

— Sra. MacNeil, posso lhe incomodar um pouco?

Chris parou e se virou para olhá-lo, imaginando que ele fosse pedir um autógrafo para seus filhos. Nunca era para a própria pessoa. Era sempre para os filhos.

— Sim, claro — disse ela de modo amável, num esforço de esconder sua impaciência.

O detetive fez um gesto e uma careta.

— Meu estômago — disse ele. — A senhora teria um pouco de água com gás? Se for atrapalhar, não se preocupe.

— Não, não atrapalha em nada — respondeu Chris com um sorriso forçado. — Sente-se no escritório — disse, apontando para o cômodo, e então se virou na direção da cozinha. — Creio que há uma garrafa na geladeira.

— Não, eu posso ir à cozinha — disse o detetive, seguindo-a com um jeito de andar que lembrava um gingado. — Detesto atrapalhar.

— Não atrapalha.

— Não, a senhora está ocupada, eu a acompanharei. Tem filhos? — perguntou o detetive enquanto eles caminhavam. — Não, esqueça — Ele se corrigiu imediatamente. — Sim, você tem uma filha. Você me contou. Isso mesmo. Só uma. Quantos anos ela tem?

— Acabou de completar 12.

— Ah, então não precisa se preocupar. Não, ainda não. Mas, mais tarde, cuidado — disse, balançando a cabeça. — Quando se vê toda a loucura do mundo todos os dias. Incrível! Inacreditável! Insano! Sabe, olhei para a minha esposa há alguns dias, ou semanas, talvez, e disse: “Mary, o mundo... o *mundo inteiro*...” — Ele havia erguido as mãos num gesto abrangente — “...está tendo um ataque de nervos.”

Eles haviam entrado na cozinha, onde Karl estava limpando e polindo o interior de um forno. Ele não se virou nem olhou para o detetive.

— Isto é muito vergonhoso — disse o detetive enquanto Chris abriu a porta da geladeira. Mas olhava para Karl, observando a nuca do empregado com olhos rápidos e curiosos, como um passarinho esquadrinha um lago de perto. — Encontro uma atriz famosa de cinema e peço um pouco de água. Que piada.

Chris havia encontrado a garrafa e procurava um abridor.

— Quer gelo? — perguntou ela.

— Não, normal. Sem gelo está ótimo.

Chris abriu a garrafa, encontrou um copo e serviu a água.

— Sabe aquele filme que fez, chamado *Anjo*? — perguntou o detetive com um olhar leve e terno, avivando lembranças. — Eu vi seis vezes.

— Se ficou procurando o culpado, prenda o diretor.

— Ah, não, não, foi excelente... Sério. Eu adorei! Só um pouco...

— Venha, podemos nos sentar aqui — disse Chris, interrompendo-o. Ela estava apontando para a mesa da copa, perto da janela. Era uma mesa de pinheiro encerado, com almofadas forradas com tecido florido.

— Sim, claro — disse o detetive.

Eles se sentaram, e Chris deu a água a ele.

— Ah, sim, obrigado — disse ele.

— De nada. O que o senhor estava dizendo?

— Bem, o filme... Foi adorável, de verdade. Muito emocionante. Mas talvez tenha apenas uma coisinha — disse o detetive. — Um errinho pequeno, quase minúsculo. E, por favor, sei que sou um leigo nesses assuntos. Certo? Apenas como espectador. Não sei de nada, não é? No entanto, me pareceu que a trilha sonora estava atrapalhando um pouco certas cenas. Intrusiva demais. — Chris tentou não demonstrar sua impaciência enquanto o detetive falava sem parar, envolvido no calor da discussão. — Fez com que eu me lembrasse o tempo todo de que aquilo era um filme. Sabe? Tantas cenas filmadas em ângulos esquisitos. Distraem muito. Falando nisso, a música... Será que o compositor a roubou de Mendelssohn?

Chris havia começado a tamborilar sobre a mesa, mas conteve-se. *Que detetive era aquele?*, perguntou-se ela. E por que não parava de olhar para Karl?

— Não chamamos isso de roubo, mas sim de homenagem — disse Chris, sorrindo levemente —, mas fico feliz que tenha gostado do filme. Melhor beber sua água — disse ela, apontando para o copo. — Vai perder o gás.

— Sim, claro. Sou tão falastrão. Perdoe-me.

Erguendo o copo num brinde, o detetive virou o conteúdo, com o mindinho levantado.

— Ah, ótimo, isso é ótimo — disse ele. Quando pousou o copo na mesa, olhou com carinho para a escultura de pássaro feita por Regan. Ocupava agora o ponto central da mesa, com o bico comprido acima do saleiro e do pimenteiro. — É muito pitoresco — disse, sorrindo. — Muito gracioso. — Ele olhou para Chris. — Quem fez?

— Minha filha.

— Muito bom.

— Olha, odeio interromper...

— Sim, sim, eu sei. A senhora está muito ocupada. Olha, só uma ou duas perguntas e irei embora. Na verdade, apenas uma pergunta e, pronto, irei. — Ele estava olhando para o relógio em seu braço

como se estivesse ansioso para outro compromisso. — Como o pobre sr. Dennings realizou as filmagens nesta área, gostaríamos de saber se ele visitou alguém na noite do acidente. Além da senhora, claro, ele tinha outros amigos nesta região?

— Ah, ele esteve aqui naquela noite — disse Chris.

— Ah, é mesmo? — disse o detetive, erguendo as sobrancelhas. — Próximo ao horário do acidente?

— A que horas o acidente ocorreu?

— Às 19h05.

— Sim, creio que sim.

— Ah, isso explica, então. — O detetive assentiu, virando-se na cadeira como se estivesse se preparando para levantar. — Ele estava embriagado, estava indo embora e caiu da escada. Sim, isso explica. Sem dúvida. Mas, ouça, apenas para registrar, pode me dizer aproximadamente o horário em que ele saiu da casa?

Inclinando a cabeça para o lado, Chris olhou para o detetive. Ele estava tateando a verdade como alguém escolhe legumes e verduras na feira.

— Não sei — respondeu ela. — Eu não o vi.

O detetive mostrou-se confuso.

— Não compreendo.

— Bem, ele veio e foi embora enquanto eu estava fora. Eu estava no consultório de um médico, em Rosslyn.

O detetive assentiu.

— Ah, entendo. Sim. Claro. Mas, então, como a senhora sabe que ele esteve aqui?

— Sharon me disse...

— Sharon? — Ele a interrompeu.

— Sharon Spencer. É minha secretária.

— Ah.

— Ela estava aqui quando Burke chegou. Ela...

— Ele veio para ver *Sharon*?

— Não, ele veio para me ver.

— Sim, continue, por favor. Perdoe-me por interromper.

— Minha filha estava doente e Sharon o deixou aqui enquanto foi à farmácia buscar uns remédios. Quando voltou, Burke já havia saído.

— E a que horas foi isso, por favor? A senhora se lembra?

Chris deu de ombros.

— Talvez 19h15, mais ou menos; 19h30.

— E a que horas a senhora havia saído daqui?

— Às 18h15, aproximadamente.

— E a que horas a srta. Spencer saiu?

— Não sei.

— Entre o momento em que a srta. Spencer saiu e o momento em que a senhora voltou, quem ficou aqui na casa com o sr. Dennings, além de sua filha?

— Ninguém.

— Ninguém? Ele deixou uma criança doente sozinha?

Chris assentiu, inexpressiva.

— Nenhum empregado?

— Não, Willie e Karl estavam...

— Quem são eles?

Chris repentinamente sentiu o chão faltar sob seus pés ao ver que as perguntas informais haviam se tornado um interrogatório sério.

— Bem, Karl está ali — disse Chris, movimentando a cabeça, com o olhar fixo nas costas do empregado enquanto ele continuava a limpar e a polir o forno. — E Willie é a esposa dele. São meus empregados. — *Polindo. Polindo. Por quê?* O forno tinha sido totalmente limpo e polido na noite anterior. — Eles estavam de folga naquela tarde e quando cheguei em casa, eles ainda não tinham retornado. Mas então, Willie... — Chris parou, com os olhos ainda fixos nas costas de Karl.

— Willie o quê? — perguntou o detetive.

Chris virou-se para ele e deu de ombros.

— Bem, nada — disse. Pegou um cigarro. Kinderman o acendeu.

— Então, somente a sua filha saberia quando Burke Dennings saiu da casa?

— Foi mesmo um acidente?

— Ah, claro. É um procedimento de rotina, sra. MacNeil. Sem dúvida. Seu amigo Dennings não foi roubado, então qual seria a motivação?

— Burke sabia irritar as pessoas — disse ela com seriedade. — Talvez alguém na escada o tenha empurrado.

— Esse pássaro tem um nome? Não consigo me lembrar. Acho que tem... — disse o detetive, tocando a escultura de Regan. Ao notar o olhar de Chris, ele afastou a mão, mostrando-se vagamente envergonhado. — Perdoe-me, a senhora está ocupada. Bem, só mais um minuto e terminaremos. Sua filha... saberia quando o sr. Dennings partiu?

— Não, não saberia. Estava fortemente sedada.

— Ah, que pena, que pena — disse ele, parecendo preocupado. — É grave?

— Sim, temo que sim.

— Posso perguntar...? — Ele ergueu a mão num gesto delicado.

— Ainda não sabemos.

— Cuidado com as correntes de ar — disse o detetive com seriedade. — Uma corrente de ar no inverno, quando a casa está quente, é um tapete mágico para as bactérias. Minha mãe dizia isso. Talvez seja mito. Talvez. Não sei. Mas, para ser sincero, para mim, um mito é como o cardápio de um restaurante francês de luxo, uma camuflagem glamorosa e complicada de um fato que você não aceitaria de outra forma, como, talvez, as ervilhas sempre nos servem quando pedimos um filé.

Chris sentiu-se relaxar. A digressão estranha e simpática fez com que ela se acalmasse. O cão são-bernardo, inofensivo, estava de volta.

— Aquele é o quarto dela, sra. MacNeil? O de sua filha? — disse o detetive, apontando para o teto. — Aquele com a janela grande que dá vista para aquela escadaria?

Chris assentiu.

— Sim, é o quarto de Regan.

— Mantenha a janela fechada e ela vai melhorar.

Tensa um momento antes, Chris teve que se esforçar para não rir.

— Sim, farei isso — disse ela. — Na verdade, ela sempre fica fechada e coberta.

— Sim, só uma dica de prevenção — disse o detetive. Ele enfiou a mão gorducha no bolso de seu sobretudo quando viu Chris

tamborilar sobre a mesa de novo. — Ah, sim, a senhora está ocupada — disse ele. — Bem, terminamos. Era só para deixar registrado... É rotina, já acabou. — Do bolso, ele havia retirado uma programação mimeografada e amassada de uma produção de *Cyrano de Bergerac*, de ensino médio, e agora procurava, no bolso de fora, um toco de lápis grafite número 2, amarelo, cuja ponta parecia ter sido apontada com uma faca ou uma tesoura. Desamassando o papel sobre a mesa, ele segurou o lápis e disse: — Só um ou dois nomes, nada mais. Spencer com *c*?

— Sim, com *c*.

— *C* — O detetive repetiu, escrevendo o nome num canto da folha. — E os empregados? Joseph e Willie...?

— Não. São Karl e Willie Engstrom.

— Karl. Sim, isso mesmo. Karl Engstrom — disse, escrevendo os nomes com letra grossa. — Eu me lembro dos horários — suspirou enquanto virava a folha à procura de espaço em branco. — Ah, não, espere. Eu me esqueci! Sim, os empregados. A senhora disse que eles chegaram em casa às...?

— Eu não disse. Karl, a que horas você chegou ontem à noite? — perguntou Chris para ele. O suíço virou a cabeça, inescrutável.

— Cheguei exatamente às 21h30.

— Ah, sim, isso mesmo. Você se esqueceu da chave — disse, voltando a olhar para o detetive. — Eu me lembro de ter olhado no relógio da cozinha quando escutei a campainha tocar.

— Vocês assistiram a um bom filme? — perguntou o detetive. — Eu nunca vou pelas críticas — disse ele com a voz baixa. — Vou pelo que as *pessoas* pensam, o *público*.

— Paul Scofield, em *Rei Lear* — Karl informou ao detetive.

— Ah, eu vi esse! Excelente!

— Eu o assisti no cinema Gemini — Karl prosseguiu. — Na sessão das 18h. E então, logo depois, peguei o ônibus na frente e...

— Por favor, não é necessário — disse o detetive levantando a mão, com a palma virada para a frente. — Não, não, *por favor*!

— Não me incomodo.

— Se o senhor insiste.

— Desci na esquina da avenida Wisconsin com a rua M. Eram 21h20, acho. Então, caminhei até a casa.

— Olha, o senhor não precisava ter me contado — disse o detetive —, mas, mesmo assim, obrigado, muito gentil de sua parte. A propósito, o senhor gostou do filme?

— Foi bom.

— Sim, também achei. Excepcional. Bem, agora... — disse, virando-se para Chris e para os rabiscos do papel. — Desperdicei seu tempo, mas tenho um trabalho a fazer. É o lado ruim. Existem os dois lados. Bem, só mais um instante e vai terminar — disse ele. — Trágico, trágico — disse, enquanto anotava coisas nas margens. — Burke Dennings era um homem muito talentoso. E um homem que conhecia as pessoas, tenho certeza, e como lidar com elas. Com tantas pessoas que podem falar bem dele ou talvez falar mal, como o cinegrafista, o rapaz do som, o compositor, sem contar, me perdoe, os atores. Por favor, corrija-me se eu estiver enganado, mas parece que, hoje em dia, um diretor de importância também tem que ser quase um psicólogo com o elenco. Estou errado?

— Não, não está, porque somos todos inseguros.

— Até mesmo a senhora?

— *Principalmente* eu. Mas Burke era bom nisso, em manter nosso moral alto — disse Chris, dando de ombros acanhadamente. — Mas, claro, ele tinha um gênio difícil.

O detetive mudou a posição do papel.

— Ah, sim, talvez sim, com os astros e estrelas. Pessoas do nível dele. — Mais uma vez, ele começou a rabiscar. — Mas o segredo são as pessoas menores, aquelas que lidam com detalhes menos importantes, porque, se não fizerem as coisas certas, criam *grandes* problemas. Não concorda?

Chris olhou para as próprias unhas e balançou a cabeça.

— Quando Burke tinha seus acessos — disse ela —, ele não fazia distinção. Mas só se tornava mau quando bebia.

— Bem, terminamos. Pronto. — Kinderman estava fazendo o pingo final de um *i* quando, de repente, lembrou-se de algo. — Ei, espere. Os Engstrom. Eles saíram e voltaram juntos?

— Não, Willie foi assistir a um filme dos Beatles — respondeu Chris, enquanto Karl se virara para responder. — Ela chegou alguns minutos depois de mim.

— Ah, bem, por que eu perguntei isso? — perguntou-se Kinderman. — Não tem nada a ver com nada. — Ele dobrou o papel e o guardou com o lápis, no bolso de dentro de seu sobretudo. — Bem, é só isso — disse ele, satisfeito. — Quando eu voltar ao escritório, sem dúvida me lembrarei de algo que deveria ter perguntado. Sim, isso sempre acontece comigo. Bem, que seja. Talvez eu telefone para a senhora, se precisar. — Ele ficou de pé e Chris levantou-se com ele.

— Bem, passarei algumas semanas fora daqui — disse ela.

— Posso esperar — disse o detetive. — Posso esperar. — Ele estava olhando para a escultura com carinho, sorrindo. — Ah, que bonitinho, muito, muito bonitinho. — Ele a pegou e passou o dedo pelo bico, e então a colocou de novo sobre a mesa e começou a sair da casa. — A senhora encontrou um bom médico? — perguntou ele enquanto Chris o acompanhava até a porta. — Para a sua filha?

— Bem, já consegui vários — disse ela com seriedade. — Bem, vou interná-la numa clínica que é ótima em investigação, como o senhor, mas eles investigam vírus.

— Vamos torcer para que eles sejam muito melhores, sra. MacNeil. Essa clínica fica em outra cidade?

— Sim, em Ohio.

— É boa?

— Vamos ver.

— Mantenha sua filha longe de correntes de ar.

Eles chegaram à porta da frente da casa.

— Bem, eu diria que foi um prazer — disse o detetive de modo sério enquanto segurava o chapéu pela aba com as duas mãos —, mas sob essas circunstâncias... — Ele abaixou a cabeça levemente e a balançou, e voltou a olhar para a frente. — Sinto muitíssimo.

Com os braços cruzados, Chris abaixou a cabeça e disse baixinho:

— Obrigada. Muito obrigada.

Abrindo a porta, o detetive saiu, colocou o chapéu e virou-se para olhar Chris.

— Bem, boa sorte com sua filha — disse ele.

Chris deu um sorriso amarelo.

— Boa sorte com o mundo.

O detetive assentiu com simpatia e tristeza, virou-se para a direita e, sem fôlego, desceu a rua lentamente. Chris observou quando ele se dirigiu a uma viatura estacionada perto da esquina. Levou a mão ao chapéu quando uma rajada repentina de vento soprou do lado sul e fez a barra de seu sobretudo esvoaçar. Chris olhou para baixo e fechou a porta.

Quando acomodou-se no lado do passageiro da viatura, Kinderman virou-se para olhar de novo para a casa, pois teve a impressão de que vira uma movimentação na janela de Regan, alguém movendo-se rapidamente para o lado, fora de vista. Não teve certeza. Havia visto a imagem de esguelha e tão brevemente que logo pensou que tinha sido apenas impressão. Ficou olhando e percebeu que as persianas da janela estavam abertas. Estranho. Chris dissera que elas sempre ficavam fechadas. Durante um tempo, o detetive continuou observando. Ninguém apareceu. Franzindo o cenho, ele olhou para baixo e balançou a cabeça, abriu o porta-luvas da viatura, tirou dali um canivete e um saco de prova e, com a ajuda da menor lâmina do canivete, manteve o polegar dentro do envelope e tirou de debaixo da unha fragmentos microscópicos da argila de cor verde que sorrateiramente raspara da escultura de Regan. Quando terminou, selou o envelope e o colocou no bolso de dentro do sobretudo.

— Certo — disse ele ao motorista —, podemos ir. — Eles partiram e, enquanto desciam a rua Prospect, ao ver o trânsito intenso mais à frente, Kinderman alertou o motorista: — Vá devagar. — E então, abaixando a cabeça, ele fechou os olhos, suspirando ao passar a mão pelo nariz. — Ah, meu Deus, que mundo. Que vida.

Mais tarde naquela noite, enquanto o dr. Klein injetava cinquenta miligramas de promazina para garantir a tranquilidade de Regan durante a viagem a Dayton, Ohio, Kinderman estava refletindo em seu escritório, com as palmas das mãos pressionadas sobre a mesa enquanto analisava cuidadosamente os intrigantes dados coletados, sem qualquer outra luz na sala além do feixe estreito de uma antiga luminária de mesa que iluminava uma série de artigos. Ele acreditava que, daquela forma, conseguia diminuir o foco de sua concentração. Sua respiração estava forte na escuridão; seu olhar ia de um lado a outro. Ele respirou fundo e fechou os olhos. *Limpeza*

mental!, instruiu a si mesmo, como sempre fazia quando queria esvaziar a mente para pensar num ponto de vista distinto. *Tudo deve sair!* Ele abriu os olhos e voltou a analisar o relatório do legista sobre Dennings:

...Rompimento da espinha com crânio e pescoço fraturados, além de diversas contusões, lacerações e arranhões; rompimento da pele do pescoço; equimose da pele do pescoço; corte do platisma, esternomastoide, esplênio, trapézio e diversos músculos menores do pescoço, com fratura da espinha e das vértebras e rompimento dos ligamentos anteriores e posteriores...

Ele olhou para a escuridão da cidade pela janela. O domo do Capitólio brilhava, num sinal de que o Congresso estava trabalhando até tarde, e mais uma vez o detetive fechou os olhos, relembrando a conversa que teve com o legista às 23h55 na noite da morte de Dennings.

“Isso pode ter ocorrido na queda?

“Veja, é muito improvável. Os esternomastoides e o trapézio bastam para impedir algo assim. Além disso, temos também as diversas articulações da coluna cervical e os ligamentos que unem os ossos.”

“Ou seja, é possível?”

“Sim. O cara estava embriagado e esses músculos estavam, de certo modo, relaxados. Talvez se a força do impacto inicial tivesse sido forte o suficiente e...”

“Caindo cerca de nove, dez metros, antes de bater?”

“Sim, isso. E se, imediatamente depois do impacto, a cabeça dele ficasse presa em algo. Em outras palavras, se houvesse uma interferência imediata com a rotação normal da cabeça e do corpo juntos, talvez, e eu digo talvez, fosse possível termos esse resultado.”

— Outra pessoa poderia ter feito isso?

— Sim, mas teria que ser um homem excepcionalmente forte.

Kinderman havia checado o relato de Karl Engstrom a respeito de seu paradeiro no momento da morte de Dennings. Os horários dos filmes batiam, assim como os horários dos ônibus daquela

noite. Além disso, o motorista do ônibus em que Karl afirmava ter subido, perto da entrada do cinema, terminou seu trabalho na Wisconsin com a M, onde Karl afirmara ter descido, aproximadamente às 21h20. Uma mudança de motoristas ocorreu, e o motorista dispensado havia registrado o momento de sua chegada no ponto de transferência: exatamente às 21h18. Sobre a mesa de Kinderman, porém, havia um boletim de ocorrência contra Engstrom, de 27 de agosto de 1963, atestando que ele havia roubado uma quantidade de narcóticos ao longo de meses da casa de um médico em Beverly Hills, onde ele e Willie trabalhavam à época.

...Nascido a 20 de abril de 1921, em Zurique, Suíça. Casado com Willie (nome de solteira: Braun), no dia 7 de setembro de 1941. Filha: Elvira, nascida na cidade de Nova York, em 1943, endereço atual desconhecido. Defensor...

O detetive considerou o restante surpreendente:

O médico, cujo testemunho havia sido considerado *sine qua non* para uma acusação formal, repentinamente, e sem qualquer explicação, retirou a queixa. *Por que ele havia feito isso*? E como os Engstrom tinham sido contratados por Chris MacNeil apenas dois meses antes, o médico havia dado a eles uma referência favorável.

Por que faria isso?

Engstrom certamente havia furtado as drogas e, apesar disso, as investigações médicas na época da acusação não conseguiram dar indício algum de que o homem era viciado, nem sequer de que era usuário.

Por que não?

Com os olhos ainda fechados, o detetive recitou o início de "Jaguadarte", um poema de Lewis Carroll: "*Era briluz. As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos...*" Era outro truque usado por Kinderman para limpar a mente, e quando terminou de recitar o verso, abriu os olhos e fixou o olhar na rotunda do Capitólio. Estava tentando manter a mente vazia, ainda que, como sempre, percebesse que seria algo impossível. Suspirando, olhou para o relatório do psicólogo da polícia a respeito das recentes profanações

na Santíssima Trindade: "*...estátua... falo... excremento humano... Damien Karras*", ele havia sublinhado de vermelho. Com a respiração audível no silêncio total, ele pegou um trabalho acadêmico sobre bruxaria e abriu numa página que havia marcado com um clipe de papel.

Missa Negra (...) uma forma de adoração ao demônio, e o ritual consiste, principalmente, em (1) exortação (o "sermão") para a prática do mal na comunidade; (2) coito com o demônio (reconhecidamente doloroso, e o pênis do demônio é invariavelmente descrito como "gélido"); e (3) uma variedade de profanações que eram amplamente sexuais por natureza. Por exemplo, hóstias de tamanho incomum eram preparadas (feitas de farinha, fezes, sangue de menstruação e pus), e então cortadas e usadas como vaginas artificiais com as quais os padres copulariam ferozmente enquanto alucinavam que estavam estuprando a Virgem Mãe de Deus ou sodomizando Cristo. Em outro momento de tal prática, uma estátua de Cristo era penetrada fundo na vagina de uma menina, e no ânus era inserida a hóstia, que o padre amassava ao gritar blasfêmias e sodomizar a menina. Imagens de tamanho real de Cristo e da Virgem Maria também desempenhavam um papel frequente no ritual. A imagem da Virgem, por exemplo — normalmente pintada de modo a lhe dar uma aparência dissoluta ou vulgar —, tinha seios que os cultores chupavam e também uma vagina dentro da qual o pênis podia ser inserido. As estátuas de Cristo tinham um falo para felação praticada por homens e por mulheres, e também para ser inserido nas vaginas das mulheres e nos ânus dos homens. Às vezes, em vez de uma imagem, uma figura humana era presa a uma cruz e passava a fazer as vezes da estátua, e, no momento da ejaculação, o sêmen era coletado num cálice blasfemamente consagrado e usado na preparação da hóstia, que deveria ser consagrada num altar coberto por excrementos. Esse...

Kinderman virou as páginas até encontrar um parágrafo sublinhado a respeito de assassinato ritualístico, e o leu lentamente enquanto mordia a ponta de um dos dedos indicadores. Quando

terminou, franziu o cenho e balançou a cabeça, e então olhou para a luminária, pensativo. Apagou a luz e saiu de seu escritório.

Dirigiu até o necrotério.

O jovem atendente à mesa comia um sanduíche de presunto e queijo no pão de centeio e afastou as migalhas de cima de um jogo de palavras cruzadas quando Kinderman se aproximou dele.

— Dennings — disse o detetive, com a voz rouca.

O atendente assentiu, terminou de escrever uma palavra de cinco letras na horizontal, levantou com seu sanduíche e percorreu o corredor.

— Por aqui — disse ele de modo lacônico. Kinderman o seguiu, com o chapéu na mão, seguindo o cheiro fraco de sementes de alcaravia e mostarda até chegar às fileiras de refrigeradores, às gavetas tristes usadas para colocar olhos que não mais viam.

Eles pararam diante da gaveta 32. O atendente a puxou, inexpressivo. Mordeu seu sanduíche, e um pedaço da casca melada de maionese caiu no lençol. Kinderman olhou. Lenta e delicadamente, afastou o lençol para expor o que ele já tinha visto e não conseguia aceitar: a cabeça de Dennings estava totalmente virada para trás.

CAPÍTULO CINCO

Cercado por um gramado no campus da universidade de Georgetown, Damien Karras corria sozinho na pista de corrida oval de asfalto, usando um short cáqui e uma camiseta de algodão molhada de suor. Mais à frente, num outeiro, o domo cor de gelo do observatório astronômico pulsava com a batida de sua passada, e, atrás dele, o departamento de medicina era deixado para trás com a terra e as preocupações. Desde que tinha sido dispensado de suas tarefas, ele ia ali todos os dias, percorrendo quilômetros e procurando cansar-se para dormir. Quase conseguia, quase suavizava o pesar que oprimia seu coração com a força de uma tatuagem profunda. Ao correr até sentir vontade de cair, exausto, tal força diminuía e, por vezes, desaparecia. Por um tempo.

Vinte voltas.

Sim, melhor. Muito melhor. Mais duas.

Com os músculos fortes da perna irrigados, ardendo e aparentes com uma graça leonina, Karras fez uma curva quando notou que havia alguém sentado num banco, perto de onde ele havia deixado sua toalha, blusa e calça de moletom. Era um homem corpulento, de meia-idade, com um sobretudo largo e um chapéu de feltro amassado. Parecia observá-lo. Estaria, de fato? Sim. Não desviava o olhar quando Karras passava.

O padre acelerou, completando a última volta com passadas fortes. Parou e começou a andar, recuperando o fôlego. Passou pelo banco sem olhar para ele, com as duas mãos pressionadas nas têmporas pulsantes. O movimento de seu peito e ombros musculosos fazia sua camiseta se esticar, distorcendo a palavra FILÓSOFOS escrita na frente, com letras que já tinham sido pretas, mas que agora estavam desbotadas devido a várias lavagens.

O homem de sobretudo se levantou e começou a se aproximar dele.

— Padre Karras? — Kinderman chamou com a voz rouca.

O padre se virou e assentiu com seriedade, cerrando os olhos à luz do sol enquanto esperava o detetive de homicídios alcançá-lo, e então fez um movimento para que o homem o acompanhasse, quando começou a caminhar de novo.

— O senhor se importa? Preciso continuar para não ter cãibras — disse ele, ofegante.

— De jeito nenhum — respondeu o detetive, assentindo sem entusiasmo e com as mãos nos bolsos do sobretudo. A caminhada desde o estacionamento o havia cansado.

— Nós... nos conhecemos? — perguntou o jesuíta.

— Não, padre, não nos conhecemos. Mas me disseram que o senhor se parece com um boxeador. Foi um padre que me contou, eu me esqueci — disse, pegando a carteira. — Sou péssimo com nomes.

— E qual é o seu?

— Tenente William F. Kinderman, padre — disse, mostrando a identificação. — Homicídios.

— É mesmo? — disse Karras, observando o distintivo e o cartão de identificação com interesse pueril. Corado e suado, seu rosto tinha um toque de inocência quando se virou ao detetive e disse: — O que houve?

— Ei, sabe de uma coisa, padre? — perguntou Kinderman repentinamente enquanto observava os traços do jesuíta. — É verdade, o senhor *se parece* com um boxeador. Com licença, mas essa cicatriz ali, acima de seu olho? — disse, apontando. — Como a de Marlon Brando em *Sindicato de ladrões*, padre. Sim, quase *igual* a Marlon Brando! Eles fizeram uma cicatriz nele — Ele estava ilustrando, puxando o canto do olho —, que fez com que seu olho parecesse um pouco fechado, um pouco pensativo naquele filme, um pouco triste. Bem, parece o senhor. Marlon Brando. As pessoas lhe dizem isso, padre?

— As pessoas dizem que o senhor se parece com Paul Newman?

— Sempre. E, pode acreditar, dentro deste corpo, o sr. Newman luta para sair. Está cheio de gente aqui. Também está Clark Gable.

Sorrindo levemente, Karras balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Já praticou boxe? — perguntou o detetive.

— Ah, um pouco.

— Onde? Na faculdade? Aqui na cidade?

— Não, em Nova York.

— Ah, foi o que pensei! Luvas Douradas! É isso mesmo?

— Exato — disse Karras com um sorriso tímido. — Bem, em que posso ajudá-lo, detetive?

— Caminhe mais devagar — disse o detetive, apontando para a própria garganta. — Enfisema.

— Ah, sinto muito. Claro.

— O senhor fuma?

— Sim.

— Não deveria fumar.

— Escute, o que o senhor quer? Podemos ir direto ao ponto, detetive?

— Sim, claro. Estou falando demais. Por acaso, o senhor está ocupado? Não estou interrompendo?

Mais uma vez, Karras olhou Kinderman de soslaio, com um sorriso no olhar.

— Interrompendo o quê?

— Bem, orações mentais, talvez.

— Acho que você será promovido a capitão em breve, sabia?

— Padre, perdoe-me. Perdi alguma coisa?

Karras balançou a cabeça.

— Duvido que o senhor perca alguma coisa.

— O que quer dizer, padre? O quê?

Kinderman parou e se esforçou para parecer confuso, mas, ao ver os olhos perscrutadores do jesuíta, abaixou a cabeça e riu.

— Ah, bem, claro... um psiquiatra. Quem quero enganar? Veja, é normal para mim, padre. *Sentimentalismo*, é este o método Kinderman. Bem, vou falar de uma vez sobre o que quero falar.

— As profanações — disse Karras.

— Pois então, desperdicei meu sentimentalismo — disse o detetive, baixinho.

— Sinto muito.

— Não faz mal, padre, eu mereço. Sim, os acontecimentos na igreja — Ele confirmou. — Isso mesmo. Mas outra coisinha também, padre.

— Você está se referindo a um assassinato?

— Sim, acertou de novo, padre Karras.

Karras deu de ombros.

— Bem, se o senhor é da Divisão de Homicídios...

— Tudo bem, Marlon Brando. As pessoas já lhe disseram que, para um padre, o senhor é muito espertalhão?

— *Mea culpa* — Karras murmurou. Apesar de estar sorrindo, ele sentiu um arrependimento porque talvez tivesse diminuído a autoestima do detetive. Não tinha sido sua intenção. Agora, sentia-se alegre com a oportunidade de parecer perplexo. — Qual é a relação? — perguntou ele, cuidando para franzir o cenho. — Não compreendo.

Kinderman aproximou o rosto do padre.

— Ouça, padre, podemos manter isso apenas entre nós? Confidencial? Como uma confissão, por assim dizer?

— Sim, claro — respondeu Karras. — O que é?

— O senhor conhece o diretor que estava filmando aqui, padre? Burke Dennings?

— Sim, eu o vi por aí.

— O senhor o viu — disse o detetive, assentindo. — E já sabe como ele morreu?

Karras deu de ombros.

— Eu li os jornais...

— Mas é só parte da história.

— É mesmo?

— Sim, parte. Apenas uma parte. O que o senhor sabe sobre bruxaria?

Karras fez uma careta, confuso.

— *O quê?*

— Ouça, paciência. Vou chegar aonde quero.

— Espero que sim.

— Bem, sobre bruxaria, o senhor entende desse assunto? Refiro-me à bruxaria, e não à caça às bruxas.

Karras sorriu.

— Já escrevi um artigo sobre isso. Pelo ângulo psiquiátrico.

— É mesmo? Que ótimo. Excelente! Melhor ainda, padre Brando! O senhor pode me ajudar muito mais do que pensei. Escute... — Ele segurou o braço do jesuíta enquanto faziam uma volta e se aproximavam do banco. — Eu sou um leigo e não tenho muito conhecimento. Formalmente, quero dizer, padre. Mas leio bastante. Sei o que eles dizem sobre os homens que aprendem sozinhos, que eles são péssimos exemplos de trabalho não qualificado. Mas quanto a mim, falarei com sinceridade, não me sinto tão envergonhado. Nem um pouco, eu... — De repente, ele interrompeu o que dizia e, olhando para baixo, balançou a cabeça. — *Sentimentalismo.* Não consigo evitar. Olha, me perdoe. O senhor está ocupado.

— Sim, estou rezando.

Diante da resposta séria e inexpressiva do jesuíta, o detetive interrompeu a caminhada.

— Está falando sério? — perguntou Kinderman, e respondeu à própria pergunta: — Não. — Olhou para a frente de novo e eles voltaram a caminhar. — Vou direto ao ponto. As profanações. Elas fazem o senhor se lembrar de algo relacionado à bruxaria?

— Sim, talvez. Alguns rituais realizados na Missa Negra.

— Nota dez. Agora, Dennings, o senhor leu sobre como ele morreu?

— Sim, numa queda na “Escadaria de Hitchcock”.

— Vou lhe contar. E, por favor, é *confidencial*!

— Claro.

O detetive pareceu desapontado quando viu que Karras não tinha intenção de se sentar no banco. Ele parou e o padre parou com ele.

— O senhor se importa? — perguntou ele.

— Com o quê?

— Podemos parar? Talvez nos sentarmos?

— Ah, claro. — Eles começaram a caminhar de volta ao banco.

— Não terá cãibras?

— Não, já estou bem.

— Tem certeza?

— Sim, tenho.

Kinderman soltou seu peso no banco com um suspiro profundo de satisfação.

— Ah, sim, bem melhor, bem melhor — disse ele. — A vida não é só sofrimento.

— Certo, agora me diga: Burke Dennings. O que tem ele?

O detetive olhou para os sapatos.

— Ah, sim, Dennings, Burke Dennings, Burke Dennings... — disse, olhando para Karras, que secava o suor da testa com a ponta da toalha.

— Burke Dennings, caro padre, foi encontrado no fim da escadaria, exatamente às 19h05, com a cabeça totalmente virada para trás.

Gritos pungentes vinham do distante campo de beisebol, onde a equipe universitária estava treinando. Karras abaixou a toalha e olhou para o detetive.

— E isso não aconteceu na queda?

Kinderman deu de ombros.

— É possível — disse ele.

— Mas improvável — O padre concluiu com seriedade.

— Então, o que vem à sua mente no contexto da bruxaria?

Desviando o olhar de modo pensativo, Karras sentou-se no banco ao lado de Kinderman.

— Era assim que, supostamente, os demônios quebravam o pescoço das bruxas — disse, virando-se para o detetive. — Pelo menos, é o que diz a lenda.

— É uma lenda?

— Claro — respondeu o padre —, apesar de as pessoas de fato morrerem assim, creio eu... Provavelmente membros de um conciliábulo que desertavam ou revelavam segredos — disse, olhando para o lado. — Não sei. É só uma suposição. — Ele voltou a olhar para o detetive. — Mas eu sei que era uma marca registrada de assassinos demoníacos.

— Exatamente, padre Karras! Exatamente! Eu me lembro da relação com um assassinato em Londres. E é do *presente* que estamos falando, padre. Quatro ou cinco anos atrás, apenas. Eu me lembrei de ter lido nos jornais.

— Sim, eu também li isso, mas acho que era mentira.

— Sim, verdade. Mas, nesse caso, pelo menos talvez seja possível ver alguma relação entre isso e as coisas da igreja. Talvez algum maluco, padre, alguém com raiva da igreja. Uma rebelião inconsciente, quem sabe...

Inclinado para a frente, com as mãos unidas, o padre virou a cabeça para observar o detetive.

— O que o senhor está dizendo? Um padre desequilibrado? É isso?

— Ouça, padre, o senhor é um psiquiatra. *Você* me diga.

Karras virou a cabeça, desviando o olhar.

— Sim, claro, as profanações são claramente patológicas — disse ele. — E se Dennings foi assassinado... bem, acredito que o assassino seja doente também.

— E quem sabe tivesse conhecimento sobre bruxaria?

Pensativo, Karras assentiu.

— Sim, talvez.

— Então, quem se encaixa no perfil também mora no bairro e tem acesso à igreja à noite?

Karras virou-se e ficou olhando para Kinderman. Com o som de um bastão contra uma bola, ele se virou para ver um jogador magricela pegar um lançamento.

— Um padre desequilibrado — disse Karras. — Talvez.

— Ouça, padre, isto é difícil para você. Por favor, eu compreendo. Mas para os padres aqui do campus, o senhor é o psiquiatra, certo?

Karras virou-se para ele.

— Não. Mudei de função.

— É mesmo? No meio do ano?

— Essa é a Ordem.

— Ainda assim, o senhor saberia quem estava doente e quem não estava, certo? *Esse* tipo de doença. O senhor *saberia*.

— Não, não necessariamente, detetive. Não mesmo. Seria apenas uma coincidência, se eu soubesse. Não sou psicanalista. Só aconselho. E, além disso, não conheço ninguém que se encaixe nessa descrição.

Kinderman levantou o queixo.

— Ah, sim — disse ele —, ética médica. Não contaria nem se soubesse.

— Não, talvez não dissesse.

— Aliás, e só digo isso por curiosidade, essa ética tem sido considerada ilegal. Não quero aborrecê-lo com bobagens, padre, mas um psiquiatra da Califórnia foi preso por não contar à polícia o que sabia sobre um paciente.

— Isso é uma ameaça?

— Não seja paranoico. Não passa de um comentário.

Karras ficou de pé e olhou para o detetive.

— Eu poderia dizer ao juiz que se tratava de uma confissão — disse ele com seriedade. E acrescentou: — Por assim dizer.

O detetive olhou para ele incrédulo.

— Então é assim que vai ser, padre? — perguntou, e olhou para a equipe que treinava no campo de beisebol. — "Padre"? Que "padre"? O senhor é um judeu que está tentando se passar por um, mas vou dizer algo. O senhor passou dos limites.

Afastando-se do banco, Karras riu.

— Sim, ria — disse o detetive ao olhar para Karras. — Divirta-se, padre. Ria o quanto puder. — Ele sorriu, mostrando-se muito satisfeito consigo mesmo, olhou para Karras e disse: — Isso me faz lembrar do exame para ser aprovado como policial. Quando o fiz, uma pergunta do exame era: "O que são rabinos e o que você faria por eles?", e alguém respondeu: "Rabinos são padres judeus e eu faria qualquer coisa que pudesse por eles." — disse Kinderman, levantando a mão. — É sério! Aconteceu! Juro por Deus!

Karras sorriu com simpatia para ele.

— Vamos, acompanharei o senhor até seu carro. Está no estacionamento?

O detetive olhou para ele, relutante.

— Então terminamos? — perguntou ele com decepção.

O padre apoiou um pé no banco, inclinando-se com um braço sobre o joelho.

— Olha, não estou escondendo nada — disse ele. — De verdade. Se eu soubesse de algum padre como esse que o senhor procura, o mínimo que eu faria seria dizer que há um homem assim, ainda que não desse o nome. Acredito que, depois, relataria o caso

à Ordem. Mas não sei de ninguém que sequer se aproxime desse perfil.

— Bem — disse Kinderman, olhando para baixo com as mãos dentro dos bolsos do sobretudo de novo. — Não achei que pudesse ser um padre, de qualquer forma. Não mesmo. — Ele olhou para a frente e fez um gesto com a cabeça na direção do estacionamento do campus. — Meu carro está estacionado ali — disse ele. Levantou-se e os dois começaram a caminhar, seguindo um caminho até os prédios do campus principal. — Mas o que suspeito de verdade — disse o detetive —, se eu dissesse, o senhor me consideraria um maluco. Não sei. Não sei. Há tantos grupos e cultos em que as pessoas matam sem qualquer motivo... Isso me dá ideias. Para nos mantermos em sintonia com os dias de hoje, parece que temos que ser um pouco malucos. — Ele se virou para Karras. — O que é isso em sua camiseta? — perguntou ele, movimentando a cabeça em direção ao peito do jesuíta.

— Como assim?

— Na camiseta. A palavra que está escrita. “Filósofos.” O que é isso?

— Ah, fiz alguns cursos na faculdade de Woodstock, em Maryland, durante um ano — respondeu Karras. — Joguei num time reserva de beisebol enquanto estava por lá e nós tínhamos o nome de Filósofos.

— Ah, compreendo. E qual era o nome do time principal?

— Teólogos.

Sorrindo, o detetive olhou para o chão.

— Teólogos, três, filósofos, dois — disse ele.

— Não. *Filósofos*, três, *Teólogos*, dois.

— Sim, claro, foi o que quis dizer.

— Claro.

— Coisas estranhas — disse o detetive, de modo pensativo. — Muito estranhas. Escute, padre — disse ele, virando-se para Karras. — Escute, *doutor*. Estou louco, ou será que, no momento, pode haver um conciliábulo de bruxas aqui em Washington? Hoje.

— Ah, por favor — disse Karras.

— Arrá! Então *pode* existir!

— “Então pode existir.” Como assim?

— Tudo bem, padre, *eu* serei o médico — disse o detetive como se desse o bote, erguendo o dedo indicador. — O senhor não disse não, mas, em vez disso, tentou ser espertalhão de novo. É uma atitude defensiva. Tem medo de parecer ingênuo, talvez. Um padre supersticioso na frente de Kinderman, o racional, a Idade da Razão em carne e osso e caminhando ao seu lado! Certo, olhe nos meus olhos e diga que estou errado! Vamos, olhe! O senhor não consegue!

Karras virou a cabeça para olhar para o detetive com curiosidade e respeito crescentes.

— Bem, isso é muito esperto — disse ele. — Muito bem!

— Certo — disse Kinderman. — Então, perguntarei de novo: poderia existir um conciliábulo de bruxas?

Karras olhou para o chão, pensativo.

— Eu não sei — disse ele —, mas há cidades na Europa onde são realizadas Missas Negras.

— Hoje em dia?

— Sim, hoje em dia. Na verdade, o centro de adoração a Satã na Europa fica em Turim, na Itália. Estranho.

— Por quê?

— Porque é onde o Santo Sudário de Cristo é mantido.

— O senhor está falando sobre adoração a Satã como no passado, padre? Já li sobre essas coisas, aliás, aquela coisa de sexo, de estátuas e de tudo o mais. Não quero enojá-lo, mas eles faziam todas essas coisas? De verdade?

— Não sei.

— Apenas a sua opinião, padre. Fique tranquilo, não estou gravando nossa conversa.

Karras lançou um sorriso amarelo para o detetive e voltou a olhar para o chão.

— Certo — disse ele. — Acredito que seja verdade, ou digamos que eu suspeito que seja, e grande parte de minha opinião se baseia na patologia. Ok. Missa Negra. Ela ocorre. Mas quem faz tais coisas é um ser humano bem perturbado, e perturbado de um modo muito especial. Existe um nome clínico para esse tipo de perturbação, na verdade. Chama-se satanismo, ou seja, pessoas

que não conseguem obter prazer sexual que não esteja ligado a uma atitude blasfema. Então, eu acho...

— O senhor quer dizer “suspeito”.

— Sim, eu suspeito que a Missa Negra era usada apenas como justificativa.

— *É* usada.

— Era e é.

— Era e é — disse o detetive. — E o nome psiquiátrico da doença em que as pessoas precisam ter sempre a última palavra?

— Karrasmania — disse o padre, sorrindo.

— Obrigado. Isso era uma lacuna em meu amplo conhecimento a respeito de coisas estranhas e exóticas. Enquanto isso, por favor, perdoe-me, mas e as coisas com as estátuas de Jesus e Maria?

— O que têm elas?

— São verdadeiras?

— Bem, eu acho que isso pode lhe interessar, como policial. — Com seu interesse acadêmico em ação, o comportamento do jesuíta tornou-se muito animado. — Nos registros da polícia de Paris ainda consta o caso de alguns monges de um mosteiro próximo... Vejamos... — Ele coçou a nuca enquanto tentava se lembrar. — Sim, talvez um em Crépy — disse ele, finalmente, e deu de ombros. — Bem, não sei. Em alguma cidade próxima. De qualquer modo, os monges chegaram a um hotel e insistiram de modo aguerrido por um quarto para três: para os dois e para uma estátua da Virgem Maria em tamanho real que eles levavam.

— Ah, isso é chocante — disse Kinderman.

— Não estou brincando. Mas é um bom indício de que o que o senhor tem lido se baseia em fatos.

— Talvez consiga entender o sexo. Mas esta é uma história totalmente diferente. Não importa. Mas e os assassinatos ritualísticos, padre? É verdade? Por favor! Usar sangue de bebês recém-nascidos? — O detetive estava se referindo a outra coisa que ele lera no livro sobre bruxaria, descrevendo como o padre expulso às vezes cortava o pulso de um recém-nascido de modo que o sangue escorresse para dentro de um cálice e mais tarde fosse consagrado e consumido em Comunhão na Missa Negra. — São como as histórias que se contavam sobre os judeus — disse o

detetive. — Que eles roubavam os bebês cristãos e bebiam seu sangue. Escute, me perdoe, mas *o seu* povo contava todas essas histórias.

— Se contávamos, *perdoe-me*.

— Vá e não peque mais. O senhor está absolvido.

A sombra de uma dor breve, de algo obscuro, triste, passou rapidamente pelo olhar inexpressivo do padre. Ele virou a cabeça e olhou para a frente.

— Sim, certo.

— O que o senhor estava dizendo?

— Bem, não sei sobre assassinatos ritualísticos — disse Karras. — Sobre isso, eu não tenho a menor ideia. Mas sei que uma parteira na Suíça, certa vez, confessou ter matado trinta ou quarenta bebês para serem usados na Missa Negra. Bem, talvez ela tenha sido torturada até dizer isso — disse ele, dando de ombros. — Mas ela certamente contou uma história convincente. Descreveu que escondia uma agulha comprida e fina na manga da blusa, de modo que, quando estava realizando o parto, pegava a agulha e a enfiava no topo da cabeça do bebê, quando ela começava a aparecer, e voltava a esconder a agulha. Sem marcas. — Ele se virou para Kinderman. — A impressão que dava era a de que o bebê era natimorto. O senhor já ouviu sobre o preconceito que os católicos europeus tinham contra as parteiras? Bem, foi como tudo começou.

— Ah, meu Deus!

— Sim, este século não tem um pingo de sanidade. Mas...

— Espere um pouco, espere! — O detetive o interrompeu. — Essas histórias, como o senhor disse, foram contadas por pessoas que provavelmente foram torturadas, certo? Então, elas não são confiáveis. Elas assinaram as confissões e, mais tarde, os maldosos preencheram as lacunas. Afinal, não havia *habeas corpus* naquela época, certo? Nenhuma ordem judicial de “Soltem meu povo”.

— Isso mesmo, mas muitas confissões foram voluntárias.

— Quem seria voluntário para coisas assim?

— Sem dúvida, pessoas com perturbações mentais.

— Ah, *mais uma* fonte confiável!

— Bem, o senhor provavelmente também tem razão em relação a isso, detetive. Só estou sendo o advogado do diabo.

— O senhor faz isso muito bem.

— Veja, uma coisa de que geralmente nos esquecemos é que pessoas psicóticas o bastante para confessar tais coisas também podem ser psicóticas o bastante para tê-las feito. Por exemplo, os mitos sobre lobisomens, digamos. Tudo bem, eles são absurdos: ninguém pode se transformar em lobo. Mas e se uma pessoa fosse tão perturbada a ponto de, não apenas *pensar* ser um lobisomem, mas também *agir* como um?

— Isso é teoria, caro padre, ou fato?

— Fato. Havia um homem chamado William Stumpf, por exemplo. Ou talvez seu nome fosse Karl. Não me lembro. Foi um alemão no século XVI. Ele acreditava ser um lobisomem e matou por volta de vinte ou trinta crianças.

— O senhor quer dizer que ele, abre aspas, confessou os crimes, fecha aspas?

— Sim, confessou, e creio que a confissão foi válida. Quando foi pego, estava comendo o cérebro de suas duas enteadas.

No campo de beisebol, com a brisa suave, à luz do sol de abril, ouviram-se os gritos e o som do taco contra a bola. “Vamos, Price, vamos virar isso, vamos vencer!”

Eles haviam chegado ao estacionamento e, por um breve momento, caminharam em silêncio até que, por fim, ao alcançarem a viatura, o detetive olhou com pesar para o padre.

— Então, o que devo procurar, padre?

— Um maluco viciado, talvez — respondeu Karras.

Olhando para a calçada, o detetive pensou naquilo e assentiu.

— Sim, padre. Talvez. — Olhou para a frente, com a expressão agradável. — Escute, padre, aonde vai? Quer uma carona?

— Não, obrigado, detetive. É perto.

— Não. Entre, por favor! — disse o detetive, fazendo um sinal para Karras entrar no banco de trás. — Assim, o senhor pode dizer a seus amigos que andou numa viatura da polícia. Assinarei um registro para provar. Eles vão sentir inveja do senhor. Vamos, entre!

— Certo — disse o padre, assentindo e exibindo um sorriso amarelo. Acomodou-se no banco traseiro enquanto o detetive se sentava ao lado dele, pelo outro lado do carro.

— Muito bem — disse o detetive, levemente sem fôlego. — E a propósito, caro padre, *nenhuma* caminhada é curta. Sim, *nenhuma*! — Ele se virou para o policial ao volante e disse: — *Avanti!*

— Para onde, senhor?

— Rua 36, na altura da Prospect, lado esquerdo da rua.

O motorista assentiu e começou a dar marcha a ré para sair do estacionamento. Karras olhou de modo questionador para o detetive.

— Como o senhor sabe onde moro? — perguntou.

— Não é no centro residencial dos jesuítas? O senhor não é um jesuíta?

Karras virou a cabeça e olhou pelo vidro enquanto a viatura seguia lentamente para os portões do campus.

— Sim, correto — disse ele, baixinho. Ele havia deixado a morada na Santíssima Trindade para viver no centro residencial alguns dias antes, na esperança de que os homens a quem havia aconselhado continuassem motivados a buscar ajuda com ele.

— O senhor gosta de cinema, padre Karras?

— Sim, gosto.

— Já viu *Rei Lear*, com Paul Scofield?

— Ainda não.

— Eu já vi. Ganhei ingressos.

— Que bom.

— Recebo ingressos para os melhores shows, mas minha esposa se cansa muito cedo e nunca quer ir.

— Que pena.

— Sim, e detesto ir sozinho. Sabe, adoro falar sobre o filme depois. Discutir, criticar.

Calado, Karras assentiu e olhou para as mãos grandes e fortes que mantinha unidas entre as pernas. Momentos se passaram até que Kinderman perguntou:

— O senhor gostaria de ir ao cinema comigo? É de graça.

— Sim, eu sei. O senhor ganha ingressos.

— Gostaria de ir?

— Como Elwood P. Dowd diz em *Meu amigo Harvey*, “quando?”.

— Ah, eu ligo para o senhor! — disse o detetive, sorrindo.

— Tudo bem, combinado. Eu gostaria de ir.

Eles tinham passado pelos portões do campus, entrado à direita e saído na rua Prospect, chegando ao centro de residência, e estacionaram. Karras abriu a porta e, olhando para o detetive, disse:

— Obrigado pela carona. — Ele saiu do carro, fechou a porta e, apoiando os braços na janela aberta, continuou: — Sinto por não ter ajudado muito.

— Não, o senhor ajudou — disse o detetive. — E obrigado. Enquanto isso, telefonarei para falarmos sobre o cinema.

— Ficarei à espera — disse Karras. — Cuide-se.

— Sim, e o senhor também.

Karras se afastou do carro, endireitou as costas, virou-se e já caminhava quando ouviu:

— Padre, *espere*!

Ele se virou e viu Kinderman saindo do carro, gesticulando para que ele se aproximasse de novo. Karras foi ao encontro dele, na calçada.

— Ouça, padre, eu me esqueci — disse o detetive. — Eu me esqueci totalmente do cartão. Sabe, o cartão com as palavras em latim? Aquele que foi encontrado na igreja?

— Sim, o cartão bíblico.

— Isso. Você ainda o tem?

— Sim, está no meu quarto. Eu estava conferindo o latim, mas já terminei. O senhor quer o cartão?

— Sim, ele poderia revelar algo. Pode me dar?

— Claro. Espere, já vou buscá-lo.

— Agradeço.

Enquanto Kinderman se recostava na viatura e esperava, o jesuíta dirigiu-se rapidamente a seus aposentos no térreo, encontrou o cartão, colocou-o dentro de um envelope de papel pardo e voltou à rua. Entregou o envelope a Kinderman.

— Aqui está.

— Obrigado, padre — disse Kinderman ao observar o envelope. — Creio que possa haver algumas impressões digitais. — Ele olhou para Karras de modo surpreso e disse: — *Ai!* O senhor mexeu no cartão, Kirk Douglas, reinterpretando seu papel em *Chaga de fogo*? Sem luvas? Com as próprias mãos.

— Falha minha.

— E sem uma explicação — disse Kinderman. Balançando a cabeça e olhando para Karras com desânimo, ele acrescentou: — Você não é o Padre Brown. Não importa, ainda podemos encontrar algo. — Ele levantou o envelope. — Por acaso, o senhor disse que analisou este cartão, certo?

Karras assentiu.

— Sim, analisei.

— E qual foi sua conclusão? Aguardo com ansiedade.

— Não sei ao certo — disse Karras a ele —, só sei que o motivo deve ter sido ódio pelo catolicismo, talvez. Quem sabe? Mas é certo que o cara que fez isso é profundamente perturbado.

— Como o senhor sabe que foi um homem?

Karras deu de ombros e desviou o olhar, acompanhando um caminhão de cerveja Gunther que passava pelos paralelepípedos da rua.

— Bem, eu não sei — disse ele.

— E não poderia ter sido um adolescente?

— Não, não poderia — disse Karras, virando-se para olhar para Kinderman de novo. — É o latim.

— O latim? Ah, sim, está se referindo ao cartão bíblico.

— Sim. O latim é perfeito, detetive, e, mais do que isso, tem um estilo definido extremamente individual.

— É mesmo?

— Sim, é. Parece que quem o escreveu consegue *pensar* em latim.

— Os padres conseguem?

— Ah, por favor — disse Karras.

— Apenas responda à pergunta, por favor, padre Paranoia.

Karras voltou a olhar para Kinderman e, depois de uma pausa, admitiu:

— Tudo bem, sim. Atingimos um momento de nossa formação em que todos conseguimos. Pelo menos os jesuítas, e talvez algumas outras ordens. Na faculdade de Woodstock, nossos cursos de filosofia são *ensinados* em latim.

— E por quê?

— Pela precisão de pensamento. Ele expressa nuances e distinções sutis que não existem no inglês.

— Sim, entendo.

Mostrando-se repentinamente sério, com o olhar intenso, o padre aproximou o rosto ao do detetive.

— Detetive, posso dizer quem eu *realmente* acho que fez isso?

O detetive franziu as sobrancelhas, interessado.

— Sim, por favor!

— Os dominicanos. Vá encher a paciência deles.

Karras sorriu e, quando se virou e se afastou, o detetive o chamou:

— Eu menti! O senhor se parece com Sal Mineo!

Karras virou sorrindo, acenou de modo simpático, abriu a porta para o centro de residência e entrou, enquanto, do lado de fora, o detetive continuou imóvel, observando enquanto dizia:

— Ele vibra como um diapasão dentro d'água.

Por mais alguns segundos, ele ficou observando a porta do centro de residência. E então, abruptamente, ele se virou e, abrindo a porta direita da viatura, sentou-se no banco do passageiro, fechou a porta e disse ao motorista:

— Vamos voltar à sede. Depressa. Infrinja as leis.

Os novos aposentos de Karras no centro jesuíta tinham pouca mobília: estantes numa parede, uma cama de solteiro, duas cadeiras confortáveis, além de uma mesa com uma cadeira de madeira de espaldar reto. Sobre a mesa, havia uma foto antiga de sua mãe, e na parede do lado da cama, em reprimenda silenciosa, havia um crucifixo de metal cor de bronze. Para Karras, o quarto estreito era um mundo suficiente. Ele não se importava muito com posses, desde que as coisas que tinha fossem limpas.

Ele tomou um banho, esfregando o corpo com pressa, vestiu uma camiseta branca e uma calça cáqui, e foi jantar no refeitório dos padres. Lá, viu Dyer, de faces coradas, sentado sozinho a uma mesa do canto, vestindo um moletom desbotado do Snoopy. Karras se aproximou dele.

— Oi, Damien.

— Oi, Joe.

De pé em frente a sua cadeira, Karras se benzeu e fechou os olhos enquanto murmurava, de modo inaudível, uma prece. Sentou-se à mesa e abriu um guardanapo sobre o colo.

— Como vai o preguiçoso? — perguntou Dyer.

— Como assim? Estou trabalhando.

— Uma aula por semana?

— O mais importante é a qualidade. O que tem para jantar?

— Não está sentindo o cheiro?

Karras fez uma careta.

— Ah, droga, é dia de cão?

Salsicha e chucrute.

— O mais importante é a quantidade — disse Dyer. E então, enquanto Karras pegava uma garrafa de leite, o jovem padre disse, baixinho: — Eu não faria isso. — E continuou passando manteiga numa fatia de pão integral. — Está vendo as bolhas? Salitre.

— Preciso disso. — Quando Karras inclinou o copo para enchê-lo, ouviu uma cadeira sendo arrastada, pois alguém havia chegado e se unia a eles à mesa.

— Finalmente li aquele livro — disse o recém-chegado.

Karras olhou para a frente e sentiu um desânimo repentino, o peso leve porém esmagador, a pressão de chumbo, a pressão de ossos, ao reconhecer o jovem padre que o havia procurado recentemente em busca de conselhos, aquele que não conseguia fazer amigos.

— Ah, e o que você achou? — perguntou Karras como se estivesse interessado. Pousou a garrafa de leite na mesa como se fosse o folheto de uma novena.

O jovem padre começou a falar e, meia hora depois, Dyer pulava de mesa em mesa, fazendo piadas, infestando o refeitório com sua risada. Karras olhou para o relógio.

— Quer pegar um casaco e ir para o outro lado da rua? — perguntou ele ao jovem padre. — Gosto de ver o pôr do sol sempre que posso.

Em pouco tempo, eles estavam recostados no alto da escadaria que levava à rua M. Fim do dia. Os raios brilhantes do sol que se punha flamejavam glória às nuvens do céu do Ocidente antes de se partirem em respingos dourados e vermelhos nas águas cada vez mais escuras do rio. Certa vez, Karras encontrou Deus naquela vista. Muito tempo antes. Como um amante abandonado, ele ainda guardava aquele encontro.

Encantado com o que via, o jovem padre disse:

— Muito bonito. Mesmo.

— Sim, é bonito.

O relógio da torre do campus marcava 19h.

Às 19h23, o detetive Kinderman estava examinando uma análise espectrográfica que mostrava que a tinta da escultura de Regan combinava com a tinta da estátua profanada da Virgem Maria; e, às 20h47, num casebre no lado nordeste da cidade, um impassível Karl Engstrom saiu de um prédio residencial infestado de ratos, caminhou por três quarteirões em direção ao sul, até um ponto de ônibus, onde esperou por um minuto, inexpressivo, e segurou-se a um poste com as duas mãos, recostando-se nele, chorando copiosamente.

Naquele momento, o detetive Kinderman estava no cinema.

CAPÍTULO SEIS

Na quarta-feira, 11 de maio, eles voltaram para casa. Colocaram Regan na cama, instalaram uma trava na janela e tiraram todos os espelhos do quarto e do banheiro dela.

"...com cada vez menos momentos lúcidos, e sinto dizer que agora a consciência dela fica completamente obliterada durante os acessos. Isso é novo e pareceria eliminar a histeria real. Enquanto isso, um ou dois sintomas na fronteira do que chamamos fenômeno parapsíquico têm..."

Dr. Klein chegou e Chris o recebeu com Sharon enquanto ele ensinava os procedimentos adequados para administrar as doses de Sustagen a Regan durante seus períodos de coma. Ele inseriu a sonda nasogástrica.

— Primeiro...

Chris forçou-se a observar e ainda assim não ver o rosto da filha; forçou-se a apegar-se às palavras que o médico estava dizendo e a afastar outras que tinha ouvido na clínica.

"A senhora disse que 'não tem religião', sra. MacNeil. É isso mesmo? Não há qualquer educação religiosa aqui?

"Bem, talvez apenas 'Deus'. Sabe, de um modo geral. Por quê?"

"Bem, em primeiro lugar, porque, quando não são bobagens, as coisas que ela diz são relacionadas em grande parte à religião. De onde a senhora acredita que ela possa ter aprendido?"

"Bem, primeiro, preciso de um exemplo."

"Certo: 'Jesus e Maria, 69', por exemplo."

Klein guiou a sonda para dentro do estômago de Regan.

— Em primeiro lugar, a senhora confere se o líquido entrou nos pulmões — disse ele, apertando a sonda para soltar o fluxo de Sustagen. — Se...

"...síndrome de um tipo de distúrbio que raramente se vê mais, exceto entre culturas primitivas. Nós a chamamos de possessão sonambuliforme. Para ser sincero, não sabemos muito sobre ela, apenas que começa com um conflito ou culpa que acaba levando o paciente à ilusão de que seu corpo foi invadido por uma inteligência externa; um espírito, podemos dizer. No passado, quando a crença no mal era relativamente forte, a entidade de possessão era geralmente um demônio. Mas, em casos mais modernos, é mais comum que seja o espírito de alguém morto, normalmente alguém que o paciente conhece ou já viu e que é capaz de imitar de forma inconsciente, na voz e nos trejeitos; até mesmo os traços do rosto, em casos mais raros."

Quando o dr. Klein, melancólico, saiu da casa, Chris telefonou para seu agente em Beverly Hills e disse a ele, desanimada, que com certeza não poderia dirigir "Esperança". Depois, telefonou para a sra. Perrin, que não estava em casa. Chris desligou o telefone com um receio que só crescia. *Quem poderia ajudá-la?*, pensou de modo desesperado. Havia alguém? Algo? O quê?

"...Casos nos quais é mais fácil lidar com os espíritos dos mortos; não se vê a ira na maioria deles, nem a hiperatividade nem a excitação motora. No entanto, no outro tipo principal de possessão sonambuliforme, a nova personalidade é sempre má, sempre hostil em relação à primeira. Seu principal objetivo na vida é prejudicar e, às vezes, até matá-la."

Um conjunto de amarras havia sido entregue à casa na rua Prospect e Chris permaneceu observando, cansada, enquanto Karl as prendia, primeiro à cama e, depois, aos pulsos de Regan. Enquanto Chris movia um travesseiro num esforço para centrá-lo em relação à cabeça de Regan, o suíço ajeitava e olhava com piedade para o rosto alterado da criança.

— Ela vai ficar bem? — perguntou ele.

Chris não respondeu. Enquanto Karl falava, ela tirou um objeto de baixo do travesseiro de Regan e o observava, incrédula. Então, olhou para Karl com seriedade:

— Karl, quem colocou este crucifixo aqui?

"A síndrome é apenas a manifestação de algum conflito, de alguma culpa, então tentamos chegar a ela, descobrir o que ela é. Bem, o melhor procedimento num caso como este é a hipnoterapia. No entanto, não conseguimos hipnotizá-la. Então, nós tentamos a narcossíntese, mas parece que também não deu resultado."

"O que faremos, então?"

"Temos que dar tempo ao tempo. Devemos continuar tentando e esperando que haja uma mudança. Enquanto isso, ela terá que ser hospitalizada."

Chris encontrou Sharon na cozinha, montando sua máquina de escrever sobre a mesa. Ela havia acabado de trazer a máquina do quarto de brinquedos do sótão. Willie fatiava cenouras na pia, para preparar um ensopado.

Com a voz tensa e embargada, Chris perguntou:

— Foi você quem colocou o crucifixo embaixo do travesseiro dela, Shar?

Sharon mostrou-se confusa.

— Do que você está falando?

— Não colocou?

— Chris, nem sei do que você está falando! Já lhe disse isso antes, Chris, já disse no avião, tudo o que disse a Rags sobre religião foram coisas como "Deus fez o mundo", e talvez coisas sobre...

— Tudo bem, Sharon, tudo bem. Acredito em você, mas...

— Não fui eu! — Willie resmungou de modo defensivo.

— Droga! *Alguém* colocou isto aqui! — disse Chris de repente. E então ela foi atrás de Karl, que havia entrado na cozinha e aberto a porta da geladeira. — *Karl!* — disse, chamando-a.

— Sim, senhora — respondeu Karl com calma, sem se virar. Ele estava colocando cubos de gelo numa toalha de rosto.

— Bem, vou perguntar mais uma vez — disse Chris com raiva, a voz falhando e quase aguda. — Você colocou aquele maldito crucifixo embaixo do travesseiro de Regan?

— Não, senhora. Eu, não. Não faço isso — respondeu Karl, pondo mais um cubo de gelo na toalha.

— Aquele maldito crucifixo não andou até lá, inferno! — Chris gritou ao se virar para Willie e Sharon. — *Qual de vocês está mentindo? Digam!*

Karl parou o que estava fazendo e se virou para observar Chris. Sua raiva repentina havia assustado a todos, e agora, abruptamente, ela se sentou numa cadeira, chorando a ponto de soluçar, com as mãos trêmulas.

— Ah, sinto muito. Não sei o que estou fazendo! — disse ela, chorando. — Ah, meu Deus, eu não sei!

Enquanto Willie e Karl observavam em silêncio, Sharon aproximou-se por trás de Chris e começou a massagear seu pescoço e seus ombros com mãos delicadas.

— Tudo bem, tudo bem.

Chris secou o rosto com a manga da blusa.

— Bem, acho que quem fez isso — disse, encontrando um lenço num bolso e assoando o nariz, e continuou: —, quem fez isso estava tentando ajudar.

“Ouçam, estou dizendo e vou repetir, e é melhor vocês acreditarem, eu não vou colocá-la num hospício!”

“Senhora, não é um...”

“Não me importa como vocês se referem àquele lugar! Não permitirei que ela saia de perto de mim!”

“Sinto muito. Todos nós sentimos muito.”

“Sim, claro. Minha nossa, 88 médicos e vocês só me dizem besteiras...!”

Chris rasgou o celofane de um pacote azul de Gauloises Blondes, um cigarro francês importado, tragou profundamente algumas vezes, apagou-o depressa num cinzeiro e subiu a escada para ver Regan. Quando abriu a porta, na escuridão do quarto, viu um homem sentado ao lado da cama de Regan, numa cadeira de

madeira de espaldar reto, com o braço estendido e a mão sobre a testa de Regan. Chris se aproximou. Era Karl. Quando Chris se aproximou da cama, ele não olhou para ela nem disse nada, mas manteve o olhar voltado para o rosto da menina. Segurava algo. O que era? Ela viu que se tratava de uma bolsa de gelo improvisada.

Surpresa e comovida, Chris olhou para o suíço impassível com um olhar carinhoso; mas ele não se moveu nem reconheceu sua presença, ela deu meia-volta e saiu do quarto sem fazer barulho. Desceu até a cozinha, sentou-se à mesa da copa, bebeu café e ficou olhando para o nada, até que, de repente, levantou-se e caminhou rapidamente em direção ao escritório repleto de móveis de cerejeira.

"A possessão tem certa relação com a histeria porque a origem da síndrome é quase sempre autossugestiva. Sua filha deve ter tomado conhecimento da possessão, acreditou no assunto, e possivelmente soube de alguns dos sintomas, e agora seu subconsciente está produzindo a síndrome. Entende? Se isso puder ser de fato estabelecido, e se a senhora continuar não concordando com a hospitalização, pode ser que queira tentar algo que vou sugerir. A chance de cura é pequena, na minha opinião, mas ainda assim é uma chance."

"Pelo amor de Deus. O que é?"

"A senhora já ouviu falar de exorcismo, sra. MacNeil?"

Chris não conhecia os livros do escritório — eles faziam parte da mobília que já existia na casa — e, agora, ela começou a analisar os títulos com atenção.

"Trata-se de um ritual estilizado bem antigo, em que rabinos e padres tentavam expulsar um espírito do mal. Apenas os católicos ainda não o descartaram, mas eles mantêm a prática escondida, por vergonha, creio eu. Mas para alguém que realmente se considera possuído, eu diria que o ritual é muito impressionante, e geralmente funciona, na verdade, ainda que não pelo motivo imaginado; era apenas uma sugestão. A crença da vítima na possessão ajudava a causá-la, e, da mesma maneira, sua crença no poder do exorcismo

pode fazer com que ela desapareça. É... estou vendo que a senhora está franzindo o cenho. Sim, claro. Sei que é difícil de acreditar. Então, deixe-me dizer algo parecido que sabemos ser verdade. Tem a ver com os aborígenes australianos. Eles acreditam que se um mago lançar um 'raio da morte' neles à distância, sem dúvida eles morrerão. E a verdade é que eles morrem *mesmo*! Apenas se deitam e morrem lentamente! E a única coisa que os salva, na maior parte das vezes, é uma forma parecida de sugestão: um 'raio' contraposto por outro mago."

"Está me dizendo que devo levar minha filha a um bruxo?"

"Como uma medida desesperada, como um último recurso... bem, sim. Acredito que estou dizendo exatamente isso. Leve-a a um padre católico. É um conselho meio bizarro, eu sei, e talvez seja até um pouco perigoso, a menos que consigamos determinar com certeza se sua filha sabia algo sobre possessão, e principalmente exorcismo, antes de os sintomas aparecerem. A senhora acha que ela pode ter lido sobre isso em algum lugar?"

"Não."

"Pode ter visto num filme? Algo no rádio? Na televisão?"

"Não."

"Será que ela leu o evangelho? O Novo Testamento?"

"Não, não leu. Por que o senhor está perguntando isso?"

"Existem alguns relatos de possessão e de exorcismos realizados por Cristo nesses textos. As descrições dos sintomas, na verdade, são os mesmos da possessão hoje, então..."

"Olha, não adianta. Certo? Esqueça! Era só o que me faltava o pai dela saber que eu chamei um...!"

Os dedos de Chris se moviam de livro a livro, procurando, mas nada encontrou até que... *Espere!* Seus olhos se voltaram a um título na estante baixa. Era o livro sobre bruxaria que Mary Jo Perrin havia enviado a ela. Chris o pegou e abriu no índice, correndo o dedo pela lista até que, de repente, parou e pensou: "Aqui! Está aqui!". Sentiu uma onda de ansiedade. Será que os médicos da clínica Barringer estavam certos, afinal? Seria isso? Será que Regan havia desenvolvido o distúrbio e seus sintomas por meio da autossugestão das páginas desse livro?

O título de um capítulo era “Estados de possessão”.

Chris caminhou até a cozinha, onde Sharon estava sentada lendo suas anotações de um bloquinho enquanto datilografava uma carta. Chris levantou o livro.

— Você leu isto, Shar?

Ainda datilografando, Sharon perguntou:

— Li o quê?

— Este livro sobre bruxaria.

Sharon parou de datilografar, olhou para Chris e para o livro e disse:

— Não, não li. — E voltou a trabalhar.

— Nunca o viu? Nunca o colocou numa estante no escritório?

— Não.

— Onde está Willie?

— No mercado.

Chris assentiu e permaneceu pensativa, em silêncio, e subiu ao quarto de Regan, onde Karl ainda mantinha vigília à menina, ao lado de sua cama.

— Karl!

— Sim, senhora.

Chris mostrou o livro.

— Você por acaso encontrou este livro pela casa e o colocou junto com os outros livros do escritório?

O empregado se virou para Chris, inexpressivo, olhou para o livro e de volta para ela.

— Não, senhora — disse ele. — Eu, não. — E voltou a olhar para Regan.

Certo, então talvez Willie.

Chris voltou para a cozinha, sentou-se à mesa e, abrindo o livro no capítulo sobre possessão, começou a procurar algo relevante, qualquer coisa que os médicos da clínica Barringer acreditavam que podia ter causado os sintomas de Regan.

E encontrou.

Diretamente derivado da crença prevalente em demônios, o fenômeno conhecido como possessão era um estado no qual muitos indivíduos acreditavam que suas funções físicas e mentais tinham

sido invadidas e estavam sendo controladas por um demônio (mais comum no período discutido) ou pelo espírito de alguém morto. Não existe período na história ou localidade no mundo em que esse fenômeno não tenha sido relatado, e em termos razoavelmente constantes, e mesmo assim ele ainda precisa ser explicado de forma adequada. Desde o estudo conclusivo de Traugott Oesterreich, publicado pela primeira vez em 1921, pouco foi acrescentado ao que se sabe, apesar dos avanços da psiquiatria.

Chris franziu o cenho. Ainda não tinha sido totalmente explicado? Ela tivera uma impressão diferente dos médicos da Barringer.

O que se sabe é que diversos indivíduos, em diversas épocas, passaram por transformações enormes e tão completas que as pessoas ao redor deles sentiam como se estivessem lidando com outra pessoa. Não apenas a voz, os trejeitos, as expressões faciais e os movimentos característicos são, por vezes, alterados, mas o indivíduo acredita ser totalmente diferente da pessoa que era e acredita ter um nome — humano ou demoníaco — e uma história à parte, diferente da sua. No arquipélago malaio, onde a possessão é, até hoje, uma ocorrência comum e corriqueira, o espírito possuidor de alguém morto geralmente faz com que o possuído imite seus gestos, voz e trejeitos de modo tão parecido que os parentes dos falecidos acabam em prantos. Mas além da famosa quase possessão — os casos que podem ser atribuídos à mentira, à paranoia e à histeria —, o problema tem sido interpretar o fenômeno, e a interpretação mais antiga é a espírita, uma impressão que tem chance de ser fortalecida pelo fato de que a personalidade penetrante pode ter efeitos bem diferentes da primeira. Na forma demoníaca da possessão, por exemplo, o "demônio" pode falar em línguas desconhecidas à primeira pessoa.

Isso! As coisas ditas por Regan! Seria uma tentativa de falar outro idioma? Chris leu rapidamente.

...ou manifesta diversos fenômenos parapsíquicos, como telecinesia, por exemplo: o movimento de objetos sem a aplicação

de força física.

As batidas? A cama chacoalhando?

...Nos casos de possessão por mortos, ocorrem manifestações, como o relato de Oesterreich a respeito de um monge que, repentinamente, enquanto possuído, tornou-se um talentoso e brilhante dançarino, apesar de nunca ter dançado um passo sequer antes da possessão. Essas manifestações são por vezes tão impressionantes que Jung, o psiquiatra, depois de estudar um caso em primeira mão, conseguiu oferecer apenas uma explicação parcial para o que ele tinha certeza de que "não podia ser mentira"...

Chris franziu o cenho. O tom do texto era preocupante.

...e William James, o psicólogo mais importante dos Estados Unidos, propôs "a plausibilidade da interpretação espírita do fenômeno", depois de estudar a famosa "Watseka Wonder", uma adolescente de Watseka, Illinois, que tornou-se totalmente indistinguível, em personalidade, de uma menina chamada Mary Roff, que morrera num manicômio estadual 12 anos antes da possessão....

Distraída, Chris não ouviu a campainha tocar; não ouviu Sharon parar de datilografar e atender à porta.

Acredita-se que a forma demoníaca de possessão teve origem no início do cristianismo; mas, na verdade, tanto a possessão quanto o exorcismo nasceram antes da era de Cristo. Os egípcios antigos, e também as primeiras civilizações do Tigre e Eufrates, acreditavam que os distúrbios físicos e espirituais eram causados pela invasão de demônios ao corpo. A fórmula a seguir, por exemplo, serve para o exorcismo contra doenças de crianças no Egito antigo: "Vais embora, tu que vens em escuridão, cujo nariz está virado ao contrário, cujo rosto está de cabeça para baixo. Tens que vir beijar essa criança? Não permitirei..."

— Chris?

— Shar, estou ocupada.

— Um detetive de homicídios quer falar com você.

— Ah, meu Deus, Sharon, diga a ele para... — Chris parou abruptamente, olhou para a frente e disse: — Ah, sim, claro, Sharon. Peça a ele que entre.

Sharon saiu e Chris olhou para as páginas do livro, sem nada ler, tomada por uma sensação de receio difusa porém crescente. Ouviu uma porta se fechando. Ouviu passos em sua direção. Uma sensação de espera. *Espera? Pelo quê?* Como um sonho vívido de que alguém nunca se lembra, Chris sentiu uma ansiedade que parecia conhecida e, ainda assim, indefinida.

Com o chapéu amassado nas mãos, ele entrou com Sharon, resfolegando, cumprimentando-a.

— Sinto muito — disse ele ao se aproximar. — Sim, a senhora está ocupada. Dá para ver. Sou inconveniente.

— Como está o mundo? — perguntou Chris.

— Muito ruim. E como está sua filha?

— Nenhuma mudança.

— Sinto muito. — Respirando com dificuldade, Kinderman parou ao lado da mesa, com os olhos de cachorro pidão parecendo preocupados. — Veja, não gostaria de atrapalhar. Sei que sua filha é uma preocupação no momento. Só Deus sabe, quando minha pequena Julie pegou... o quê, mesmo? Qual era a doença? Não me lembro. Era...

— Sente-se — Chris o interrompeu.

— Ah, sim, muito obrigado — disse o detetive enquanto se sentava numa cadeira diante de Sharon, que, aparentando indiferença, continuou a datilografar.

— Desculpe. O que o senhor estava dizendo? — perguntou Chris.

— Bem, minha filha, ela... Bem, não. Não importa. Lá vou eu, contando toda a história da minha vida, talvez fosse possível fazer um filme com ela. É sério! É incrível! Se a senhora soubesse *metade* das coisas que aconteceram na minha família, iria... Não, não importa. Certo, só *uma*! Contarei *uma*! Toda sexta-feira, minha mãe preparava peixe recheado, certo? Mas durante a semana toda,

a semana toda, ninguém conseguia tomar banho porque minha mãe mantinha a carpa na banheira, nadando de um lado a outro, para lá e para cá, porque minha mãe dizia que isso tirava o veneno do organismo. Imagine só! Quem via aquela carpa o tempo todo pensava coisas terríveis e maldosas, vingativas! Bem, já chega. Sério. Só uma risada de vez em quando para não chorarmos.

Chris o observou. E esperou.

— Ah, a senhora está lendo! — O detetive estava olhando para o livro sobre bruxaria. — Para um filme?

— Não, só estou me distraindo.

— É bom?

— Acabei de começar.

— Bruxaria — Kinderman murmurou, com a cabeça inclinada enquanto lia o título do livro no topo de uma página.

— Então, o que houve? — perguntou Chris.

— Sim, sinto muito. A senhora está ocupada. Vou concluir. Como disse, eu não a perturbaria, a menos que...

— A menos que o quê?

Aparentando repentina seriedade, o detetive uniu as mãos sobre a mesa de pinheiro.

— Bem, parece que Burke...

— Droga! — disse Sharon com irritação ao tirar uma carta do rolo da máquina de datilografar, amassá-la com as mãos e jogá-la no cesto de papel aos pés de Kinderman. Ele e Chris viraram a cabeça para olhá-la, e, quando a secretária os viu, disse: — Ah, sinto muito. Não percebi que vocês estavam aqui!

— É a srta. Fenster? — perguntou Kinderman.

— Spencer — Sharon o corrigiu ao arrastar a cadeira para trás e levantar-se para pegar a carta amassada do chão, murmurando: — Eu nunca disse que era Julius Erving.

— Não importa, não importa — disse o detetive ao abaixar-se e pegar o papel amassado.

— Ah, obrigada — Sharon se deteve e voltou à cadeira.

— Com licença, a senhorita é a secretária? — perguntou Kinderman.

— Sharon, este é... — Chris virou-se para Kinderman. — Desculpe — disse. — Qual é seu nome, mesmo?

— Kinderman. William F. Kinderman.

— Esta é Sharon. Sharon Spencer.

Com um movimento cortês de cabeça, o detetive disse a Sharon:

— É um prazer. — Sharon agora estava inclinada para a frente, olhando para ele com curiosidade, o queixo apoiado sobre os braços dobrados em cima da máquina de datilografar. — E talvez a senhorita possa me ajudar.

Com os braços ainda dobrados, Sharon se ajeitou e disse:

— Eu?

— Sim, talvez. Na noite do falecimento do sr. Dennings, a senhorita foi a uma farmácia e o deixou sozinho na casa, estou certo?

— Bem, não exatamente. Regan estava aqui.

— É minha filha — Chris explicou.

— Soletre o nome dela, por favor.

— R-e-g-a-n — disse Chris.

— Lindo nome — disse Kinderman.

— Obrigada.

O detetive se virou para Sharon.

— Dennings veio aqui naquela noite para ver a sra. MacNeil?

— Sim, isso mesmo.

— Ele pensou que ela voltaria em pouco tempo?

— Sim, eu disse a ele que acreditava que ela voltaria logo.

— Muito bem. E a senhorita saiu a que horas? Consegue se lembrar?

— Vejamos... Eu estava assistindo ao noticiário, então acho que... Ah, não, espere. Sim, isso mesmo. Eu me lembro de ter ficado irritada, porque o farmacêutico dissera que o menino da entrega havia ido para casa e eu disse: “Ah, não acredito”, ou algo a respeito de serem apenas seis e meia. Então, Burke chegou dez, talvez vinte minutos depois.

— Então — disse o detetive —, ele chegou aqui aproximadamente às 18h45. Certo?

— Do que se trata tudo isso? — disse Chris.

A tensão que ela sentira havia aumentado.

— Bem, isso levanta uma pergunta, sra. MacNeil. Para chegar aqui às, digamos, 18h45, e sair apenas vinte minutos depois...

Chris deu de ombros.

— Bem, era Burke — disse ela. — Ele era assim.

— Ele também frequentava os bares da rua M? — perguntou Kinderman.

— Não. De jeito nenhum. Não que eu saiba.

— É, eu logo pensei que não. Conferi. Então, ele não teria tido um motivo para estar no topo daquela escadaria ao lado de sua casa depois de ter saído daqui naquela noite. E ele também não andava de táxi? Não chamava um táxi para ir embora de sua casa?

— Sim, chamava. Pelo menos, sempre chamou.

— Então, é de se perguntar por que ou como ele foi parar na escadaria aquela noite. E é de se perguntar também por que as empresas de táxi não mostram nenhum registro de ligações desta casa naquela noite, exceto aquela realizada pela srta. Spencer para sair daqui, exatamente às 18h47.

Sem entusiasmo, Chris respondeu:

— Não sei.

— É, duvidei que a senhora soubesse — disse o detetive. — Nesse meio-tempo, a questão se tornou um tanto séria.

Chris ofegava.

— De que modo?

— O relatório do legista — disse Kinderman —, parece mostrar que a possibilidade de que Dennings tenha morrido acidentalmente ainda é grande. Mas...

— Você está dizendo que ele foi assassinado?

— Bem, parece que a posição... — disse Kinderman, hesitando. — Sinto muito, isto será difícil.

— Vá em frente.

— A posição da cabeça de Dennings e um corte nos músculos do pescoço sugerem...

Fechando os olhos, Chris retraiu-se e disse:

— Ah, meu Deus!

— Sim, como eu disse, é difícil. Sinto muito. De verdade. Mas, veja, essa situação... Acho que podemos pular os detalhes, talvez. Isso não teria acontecido se o sr. Dennings não tivesse caído de certa altura antes de bater nos degraus. Por exemplo, talvez de seis ou nove metros antes de rolar até a base. Então, uma clara

possibilidade, falando de modo simples, é que talvez... — Kinderman se virou para Sharon. Com os braços cruzados no peito, ela estava prestando atenção, assustada e de olhos arregalados. — Bem, deixe-me perguntar algo, srta. Spencer. Quando a senhorita saiu, onde estava o sr. Dennings? Com a menina?

— Não, ele estava aqui embaixo, no escritório, preparando um drinque.

— Será que sua filha pode se lembrar? — disse, virando-se para Chris. — Se o sr. Dennings esteve no quarto dela naquela noite?

— Por que pergunta?

— Sua filha poderia se lembrar?

— De que forma? Como eu disse, ela estava muito sedada e...

— Sim, sim, a senhora me contou, é verdade, eu me lembro. Talvez ela tenha acordado.

— Não, ela não acordou — disse Chris.

— Ela também estava sedada quando nos falamos pela última vez?

— Sim, estava...

— Acredito tê-la visto na janela aquele dia.

— Bem, o senhor está enganado.

— Pode ser. Talvez. Mas não tenho certeza.

— Ouça, por que está perguntando tudo isso?

— Bem, uma clara possibilidade, como eu estava dizendo, é que talvez o falecido estivesse tão bêbado que tenha caído da janela do quarto de sua filha. Entende?

— De jeito nenhum. Em primeiro lugar, aquela janela sempre fica fechada e, além disso, Burke *sempre* estava bêbado, mas nunca deixou de ser safo. Burke *trabalhava* quando estava embriagado. Como ele iria cair de uma janela?

— A senhora estava esperando mais alguém naquela noite?

— Mais alguém? Não, não estava.

— Tem amigos que aparecem sem avisar?

— Só Burke.

O detetive abaixou a cabeça e a balançou.

— Que estranho — disse ele, suspirando. — Confuso. — Então, ele olhou para Chris. — O falecido vem visitar, fica apenas vinte minutos sem sequer vê-la, e deixa uma menina sozinha em casa?

E, para ser sincero, como a senhora disse, não é possível que ele tenha caído de uma janela. Além disso, uma queda não faria com o pescoço dele o que vimos; talvez num caso a cada cem, a cada mil. — Ele movimentou a cabeça em direção ao livro de bruxaria. — A senhora leu neste livro algo sobre assassinatos ritualísticos?

Com a ansiedade aumentando, Chris respondeu:

— Não.

— Talvez não neste livro — disse Kinderman. — No entanto... Perdoe-me. Digo isso apenas para que a senhora pense um pouco mais... O pobre sr. Dennings foi encontrado com o pescoço virado da mesma maneira que ocorre nos assassinatos ritualísticos supostamente cometidos por demônios, sra. MacNeil.

O rosto de Chris tornou-se vividamente pálido.

— Algum maluco matou o sr. Dennings e... — Kinderman parou. — Alguma coisa errada? — perguntou ele. Notara a tensão nos olhos dela, a palidez repentina.

— Não, nada de errado. Continue.

— Obrigado. Não disse nada no começo para poupá-la. Além disso, tecnicamente, ainda poderia ser um acidente. Mas eu não acho que tenha sido. Quer minha opinião? Acredito que ele foi morto por um homem forte: primeiro ponto. E, segundo ponto, a fratura de seu crânio, além das várias coisas que mencionei, tornaria muito provável — provável, não certo — que seu diretor tenha sido morto e *depois* empurrado da janela de sua filha. Mas não havia ninguém aqui *além* de sua filha. Então, como pode ser? Bem, poderia ser desta forma: se alguém veio entre o momento em que a srta. Spencer saiu e o momento em que a senhora voltou. Não seria possível? Agora, pergunto: quem pode ter vindo?

Chris abaixou a cabeça.

— Meu Deus, espere um pouco!

— Sim, sinto muito. É doloroso. E talvez eu esteja totalmente enganado. Mas a senhora pode pensar em quem poderia ter vindo, por favor?

Com a cabeça ainda abaixada, Chris franziu o cenho por um momento e olhou para a frente.

— Não, sinto muito. Não consigo pensar em ninguém.

Kinderman olhou para Sharon.

— Talvez a senhorita, então? Alguém vem aqui para vê-la?

— Ah, não, ninguém.

— O cavaleiro sabe onde você trabalha? — perguntou Chris. Kinderman ergueu as sobrancelhas.

— O cavaleiro?

— É o namorado de Sharon — explicou Chris.

Sharon balançou a cabeça.

— Ele nunca veio aqui. Além disso, ele estava em Boston naquela noite, numa convenção.

— Ele é um vendedor? — perguntou Kinderman.

— Advogado.

— Ah. — O detetive se virou para Chris. — Os empregados? Eles recebem visitas?

— Não, nunca. Jamais.

— A senhora esperava receber um pacote aquele dia? Alguma entrega?

— Por quê?

— O sr. Dennings era, e não quero falar mal do falecido, mas como a senhora mesma disse, ele era meio... Bem, impulsivo, irritante, capaz de provocar uma discussão ou discórdia, e, nesse caso, talvez até possa ter tido um problema com algum entregador. A senhora estava esperando alguma coisa? A lavanderia, talvez? Mercado? Uma encomenda?

— Não sei. Karl cuida de tudo isso.

— Ah, claro.

— Quer conversar com ele? Fique à vontade.

O detetive deu um longo suspiro. Afastando-se da mesa, enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo enquanto olhava o livro de bruxarias.

— Deixe para lá, deixe para lá. Sua filha está muito doente e... Bem, já chega. — disse, balançando a mão. — Pronto. Fim da reunião. — Ele se levantou. — Obrigado por me receber — disse a Chris, e para Sharon: — Um prazer conhecê-la, srta. Spencer.

— O prazer foi meu — respondeu Sharon, distraída e com o olhar distante.

— Estranho — disse Kinderman, balançando a cabeça. — Que estranho, muito estranho. — Estava concentrado em algum

pensamento. Olhou para Chris quando ela se levantou e disse: — Bem, sinto muito. Eu a perturbei em vão.

— Por aqui, vou levá-lo à porta — disse Chris.

A expressão e a voz dela estavam sérias.

— Ah, por favor, não se incomode!

— Não é incômodo algum.

— Já que insiste...

— Ah, por acaso — disse o detetive enquanto ele e Chris saíam da cozinha —, só uma chance em um milhão, mas se por acaso sua filha... A senhora poderia perguntar se ela viu o sr. Dennings no quarto aquela noite?

— Olha, para começo de conversa, ele não teria um bom motivo para estar lá em cima.

— Sim, eu sei disso. Sei que é verdade, mas, se determinados médicos britânicos nunca tivessem perguntado “O que é este fungo?”, não teríamos a penicilina hoje em dia. Estou certo? Por favor, pergunte. A senhora pode perguntar?

— Quando ela estiver bem, perguntarei.

— Mal não vai fazer.

Eles estavam na porta da frente da casa.

— Enquanto isso... — O detetive continuou. Mas hesitou e, levando dois dedos aos lábios, disse com seriedade: — Odeio pedir isto, por favor, me perdoe.

Esperando um novo choque, Chris ficou tensa e sentiu novamente o ardor em sua corrente sanguínea.

— O quê? — perguntou ela.

— Para a minha filha... A senhora poderia me dar um autógrafo? — O rosto do detetive ficou corado. Depois de um momento de surpresa, Chris quase riu aliviada: de si mesma, do desespero e da situação.

— Ah, claro! Tem uma caneta?

— Aqui está! — respondeu Kinderman no mesmo instante, tirando uma caneta do bolso enquanto enfiava a outra mão no bolso do sobretudo e, dali, tirava um cartão telefônico. Ele os entregou a Chris. — Ela vai adorar.

— Qual é o nome dela? — perguntou Chris, pressionando o papel contra a porta enquanto segurava a caneta. Hesitou quando

ouviu um suspiro atrás de si. Virou-se e, nos olhos de Kinderman e em suas faces coradas, ela viu a tensão de um grande conflito interno.

— Eu menti — disse, enfim, com os olhos desesperados e desafiadores. — O autógrafo é para mim. Escreva “Para William”, William F. Kinderman; está escrito na parte de trás.

Chris olhou para ele com inesperada afeição, checou a grafia de seu nome e escreveu: “Para William F. Kinderman, com amor! Chris MacNeil”, e lhe entregou o cartão, que ele guardou no bolso sem ler o que havia sido escrito.

— A senhora é muito gentil — disse ele, timidamente.

— Obrigada. O senhor é muito gentil.

Ele pareceu corar ainda mais.

— Não, não sou. Sou inconveniente. — Ele estava abrindo a porta. — Não se preocupe com o que eu disse aqui hoje. Esqueça. Pense apenas em sua filha. Sua *filha*!

Chris assentiu, sentindo o desânimo voltar quando Kinderman passou pelo portão baixo e amplo de ferro forjado. Ele se virou, e, à luz do dia, conseguiu ver com mais facilidade as olheiras da estrela de cinema. Ele colocou o chapéu.

— Mas pode perguntar a ela? — perguntou ele.

— Perguntarei — disse ela. — Prometo.

— Bem, adeus, então. E cuide-se.

— O senhor também.

Chris fechou a porta e recostou-se nela, fechando os olhos; abriu-os quase instantaneamente ao ouvir o toque da campainha. Ela se virou e abriu a porta, encontrando Kinderman. Ele sorriu, como se pedisse desculpas.

— Sou um chato. Sinto muito. Eu esqueci minha caneta.

Chris olhou para baixo e viu a caneta ainda em sua mão. Ela sorriu sem graça e a entregou ao detetive.

— E mais uma coisa — disse ele. — Sim, não faz sentido, eu sei. Mas sei que não vou conseguir dormir esta noite, pensando que pode haver um maluco ou um drogado à solta se eu não cuidar de todos os detalhes. A senhora acha que eu poderia... Não, não, é tolice, é... Não, perdoe-me, mas eu acho que eu realmente deveria...

Acha que posso dar uma palavrinha com o sr. Engstrom? É para falar sobre as entregas.

Chris abriu a porta ainda mais.

— Claro, entre. Pode conversar com ele no escritório.

— Não, a senhora está ocupada. É muito gentil, mas já basta. Posso conversar com ele aqui. Aqui está bom.

Ele havia se inclinado para trás e estava recostado na grade de ferro.

— Se o senhor insiste — disse Chris, sorrindo discretamente. — Acho que ele está lá em cima com Regan. Pedirei a ele que desça.

— Agradeço.

Chris fechou a porta e, pouco tempo depois, Karl a abriu. Ele desceu o degrau da entrada com a mão na fechadura, deixando a porta entreaberta. Com as costas retas, ele olhou diretamente para Kinderman com olhos claros e calmos.

— Pois não? — perguntou sem expressão.

— O senhor tem o direito de permanecer calado — disse Kinderman, com o olhar intenso nos olhos de Karl. — Se o senhor abrir mão de seu direito de permanecer calado — disse rapidamente —, qualquer coisa que disser poderá ser usada contra o senhor num tribunal. O senhor tem o direito de falar com um advogado e de ter a presença deste durante o interrogatório. Se assim desejar, e não puder contratar um profissional, um advogado lhe será designado, gratuitamente, antes do interrogatório. O senhor compreende cada um desses direitos que expliquei?

Os pássaros assobiavam nos galhos da árvore antiga ao lado da casa enquanto os sons do trânsito na rua M chegavam a eles baixinhos, como o zunir de abelhas num campo distante.

— Sim — disse Karl, não desviando o olhar ao responder.

— O senhor deseja abrir mão de seu direito de permanecer em silêncio?

— Sim.

— O senhor deseja abrir mão de conversar com um advogado para que ele esteja presente durante o interrogatório?

— Sim.

— O senhor disse, anteriormente, que no dia 28 de abril, na noite da morte do diretor inglês Burke Dennings, o senhor assistiu a um

filme exibido no cinema Belas Artes?

— Sim.

— E a que horas o senhor entrou no cinema?

— Eu não me lembro.

— O senhor afirmou, anteriormente, que compareceu à sessão das seis da noite. Isso o ajuda a se lembrar?

— Sim, o filme das seis da noite. Estou me lembrando.

— E o senhor assistiu ao filme desde o começo?

— Sim.

— E saiu quando o filme terminou?

— Sim.

— Não saiu antes?

— Não, assisti ao filme todo.

— E, ao sair do cinema, o senhor entrou no ônibus da D.C. Transit na frente do cinema, e desembarcou na esquina da rua M com a avenida Wisconsin às 21h20 aproximadamente?

— Sim.

— E caminhou até a casa?

— Caminhei até a casa.

— E o senhor chegou a esta residência aproximadamente às 21h30?

— Cheguei *exatamente* às 21h30 — respondeu Karl.

— O senhor tem certeza?

— Sim, olhei em meu relógio. Tenho certeza.

— E o senhor viu o filme todo até o fim?

— Sim, foi o que disse.

— Suas respostas estão sendo eletronicamente gravadas, sr. Engstrom. Assim, quero que tenha absoluta certeza a respeito do que responde.

— Eu tenho.

— O senhor viu a briga que ocorreu entre o porteiro e um cliente embriagado nos últimos cinco minutos do filme?

— Sim, eu me lembro.

— Pode me dizer a causa da briga?

— O homem estava embriagado e causando problemas.

— E o que acabaram fazendo com ele?

— Eles o colocaram para fora.

— Isso não aconteceu. O senhor também sabia que durante a exibição do filme na sessão das seis, um problema técnico, que durou cerca de 15 minutos, causou uma interrupção na exibição do filme?

— Não sabia.

— O senhor se lembra de a plateia ter vaiado?

— Não, não me lembro de nada, de nenhuma interrupção.

— Tem certeza?

— Não houve nada disso.

— Houve a informação, conforme ficou atestado no registro do projetista, de que o filme não terminou às 20h40 naquela noite, mas sim aproximadamente às 20h55, o que significa que o primeiro ônibus a sair do cinema deixaria o senhor na esquina da rua M com a avenida Wisconsin não às 21h20, mas às 21h45, e que, assim, o senhor não poderia ter chegado em casa antes de 21h55, aproximadamente, não 21h30, como foi relatado também pela sra. MacNeil. O senhor poderia fazer a gentileza de comentar essa discrepância intrigante?

Nem por um momento, Karl perdeu a compostura. Continuou calmo ao responder:

— Não, não poderia.

O detetive olhou para ele em silêncio, suspirou e olhou para baixo ao desligar o dispositivo que mantinha no bolso de seu casaco. Ele manteve os olhos focados no chão por um momento, e depois olhou para Karl.

— Sr. Engstrom... — Ele começou num tom de voz carregado de compreensão. — Um crime sério pode ter sido cometido. O senhor está sob suspeita. O sr. Dennings o agrediu. Eu soube disso por meio de outras fontes. E, ao que parece, o senhor mentiu sobre seu paradeiro no momento da morte dele. Agora, acontece que... somos seres humanos, certo? Às vezes, um homem casado vai a um local onde diz não ter ido. O senhor percebeu que cuidei para que conversássemos a sós? Longe dos outros? Longe de sua esposa? Não estou gravando no momento. O senhor pode confiar em mim. Se aconteceu de o senhor estar com outra mulher, que não fosse sua esposa, naquela noite, pode me contar, eu averiguarei, o senhor

ficará livre de problema, e sua esposa não saberá. Agora, diga-me, onde o senhor estava quando Dennings morreu?

Um brilho discreto passou pelos olhos de Karl, mas desapareceu assim que ele disse, quase sem abrir os lábios.

— No cinema!

O detetive olhou para ele com firmeza, sem se mover, sem qualquer som além de sua respiração conforme os segundos passaram.

— Vai me prender? — perguntou Karl com uma voz levemente trêmula.

O detetive não respondeu, mas continuou a olhar para ele, sem piscar, e, quando Karl parecia prestes a falar de novo, Kinderman se afastou da grade, andando na direção de sua viatura e do motorista, sem pressa, com as mãos nos bolsos, olhando para a direita e para a esquerda, como um turista interessado na cidade. Da porta, Karl observou, seus traços firmes e imperturbáveis, quando Kinderman abriu a porta da viatura, pegou uma caixa de lenços de papel no painel, tirou um lenço e assoou o nariz enquanto olhava para o outro lado do rio, como se estivesse decidindo se almoçaria no Marriott Hot Shoppe ou não. Então, entrou na viatura sem olhar para trás.

Quando o carro se afastou e dobrou a esquina na rua 35, Karl olhou para a mão que não estava na fechadura.

Ela tremia.

Quando ouviu a porta da frente sendo fechada, Chris estava no bar de seu escritório, servindo-se de uma dose de vodca com cubos de gelo. Passos. Karl subindo a escada. Chris pegou o copo, deu um gole e voltou devagar para a cozinha, o olhar distraído enquanto remexia a bebida com o dedo indicador. Havia algo muito errado. Como a luz que vaza por baixo da porta em direção a um corredor escuro em algum lugar perdido, o brilho do medo vindouro havia se embrenhado ainda mais profundamente em sua consciência. O que havia atrás da porta?

Ela estava com medo de abrir e olhar.

Entrou na cozinha, sentou-se à mesa, bebericou sua vodca e lembrou-se de modo pensativo: “*Acredito que ele foi morto por um homem forte*.” Ela olhou para o livro sobre bruxaria. Havia algo sobre ele ou nele. O quê? E então, ouviu passos trôpegos descendo

a escada, Sharon voltando do quarto de Regan. Entrando. Sentando-se à mesa e colocando uma folha nova no rolo da máquina de escrever IBM.

— Muito assustador — Ela murmurou, com as pontas dos dedos repousando de leve no teclado e os olhos atentos às anotações a seu lado.

Olhando para o nada, Chris bebeu sua vodca de modo distraído, pousou o copo no balcão e voltou a olhar para a capa do livro.

Uma sensação de intranquilidade pairava no ar.

Ainda de olho nas anotações, Sharon rompeu o silêncio com a voz baixa e embargada.

— Há muitas espeluncas hippies pela rua M e pela avenida Wisconsin. Muitos maconheiros, ocultistas e coisas assim. A polícia os chama de baderneiros. Será que o Burke pode...

— Ah, não é possível, Shar! — Chris gritou de repente. — Esqueça tudo isso, sim? Já estou preocupada demais com Rags. Você se *importa*?

Fez-se uma pausa, e Sharon começou a datilografar muito depressa, enquanto Chris apoiava os cotovelos na mesa e cobria o rosto com as mãos. Abruptamente, Sharon afastou a cadeira fazendo barulho no piso, levantou-se e saiu da cozinha.

— Chris, vou sair para dar uma volta! — disse ela, com frieza.

— Ótimo! E mantenha distância da rua M! — Chris gritou, com as mãos no rosto.

— Pode deixar!

— E da N também!

Chris percebeu que a porta da frente foi aberta e fechada, e, suspirando, abaixou as mãos e olhou para cima. Sentiu uma onda de arrependimento. A explosão emocional havia liberado a tensão. Mas não toda: apesar de ter ficado menos forte, continuava ali, à beira de sua mente. *Acabe com isso!* Chris respirou fundo e tentou se concentrar no livro. Conseguiu se controlar e, cada vez mais impaciente, começou a virar as páginas rapidamente, analisando e procurando descrições específicas que combinassem com os sintomas de Regan. “...Síndrome da possessão demoníaca... caso de uma menina de oito anos... anormal... quatro homens fortes para prendê-la...”

Virando uma página, Chris ficou paralisada.

E então, sons: Willie entrando na cozinha com compras.

— Willie? — Chris a chamou, com os olhos grudados ao livro.

— Sim, senhora? Estou aqui — respondeu ela. Estava colocando as sacolas de compra em cima de um balcão de azulejos brancos. Distraída e inexpressiva, com a voz calma e os dedos levemente trêmulos marcando a página, Chris levantou o livro parcialmente fechado e perguntou:

— Willie, foi você que colocou este livro no escritório?

Willie deu alguns passos adiante, olhou para o livro, assentiu brevemente e, quando se virou e começou a caminhar de volta para onde estavam as compras, respondeu:

— Sim, senhora. Sim. Sim, eu o guardei.

— Willie, onde você o encontrou? — perguntou Chris, com a voz séria.

— No quarto — respondeu a empregada ao começar a tirar os produtos de dentro das sacolas para colocá-los sobre o balcão da cozinha.

Chris olhou fixamente para as páginas do livro, que agora estava de novo sobre a mesa.

— *Qual* quarto, Willie?

— O quarto da srta. Regan, senhora. Eu o encontrei embaixo da cama enquanto fazia a limpeza.

Com a voz séria, os olhos arregalados e observadores, Chris olhou para a frente e perguntou:

— *Quando* você o encontrou?

— Quando todos foram ao hospital, senhora. Enquanto eu passava aspirador no quarto de Regan.

— Willie, você tem certeza absoluta?

— Tenho.

Chris olhou para as páginas do livro e, por um tempo, não se mexeu, não piscou, não respirou, enquanto a imagem da janela aberta no quarto de Regan na noite do acidente com Dennings invadiu sua mente com as garras de uma ave de rapina que sabia seu nome; ao reconhecer uma imagem familiar; ao olhar para a página do lado direito do livro aberto onde uma faixa estreita tinha sido arrancada da borda.

Chris levantou a cabeça. Alvoroço no quarto de Regan: batidas, altas e rápidas, com um eco horroroso e muito forte e, de certo modo, abafado, como uma marreta batendo numa parede de calcário dentro de uma tumba antiga.

Regan gritando angustiada, aterrorizada, implorando!

Karl gritando com Regan, com ódio e com medo.

Chris saiu correndo da cozinha.

Santo Deus! O que está acontecendo? O quê?

Assustada, Chris correu para a escada, subiu até o segundo andar; na direção do quarto de Regan, ouviu uma pancada, alguém gritando, alguém caindo no chão e sua filha chorando.

— *Não!* Ah, não, *não*! *Por favor, não!*

E Karl urrando! Não! Não era Karl! Era outra pessoa com uma voz grave, ameaçadora e irada!

Chris atravessou o corredor, adentrou o quarto e se sobressaltou e ficou paralisada pelo choque enquanto as batidas soavam fortes, chacoalhando as paredes. Karl estava inconsciente no chão perto da cômoda, e Regan, com as pernas erguidas e abertas na cama que balançava e tremia com força, os olhos arregalados de medo, o rosto manchado com o sangue que escorria de seu nariz, de onde a sonda nasogástrica havia sido arrancada com violência, enquanto ela olhava para um crucifixo branco, que segurava e mirava diretamente na vagina.

— Ah, por favor! Ah, não, *por favor*!

Ela gritava enquanto suas mãos aproximavam o crucifixo, contra sua vontade.

— Você fará o que eu *mandar*, sua imunda! Você *fará*!

O grito ameaçador, as palavras, vinham de Regan, com a voz rouca, gutural e cheia de veneno, e de repente sua expressão e seus traços se transformaram, de modo aterrorizante, nos da personalidade demoníaca que havia aparecido ao longo da hipnose, e Chris observou, assustada, os dois rostos e as vozes se intercalando rapidamente:

— *Não!*

— Você vai me obedecer!

— *Não!* Por favor, não!

— Você *vai*, sua putinha, ou vou matá-la!

E Regan retorna, com os olhos arregalados e o medo estampado no rosto, como se um fim terrível se aproximasse, gritando com a boca bem aberta até a personalidade demoníaca possuí-la, preenchê-la mais uma vez, tomando o quarto com um odor fétido, com um frio gélido que parecia vir das paredes; então as batidas cessam e o grito aterrorizado e estridente de Regan se funde a uma risada gutural de triunfo malevolente, enquanto ela enfia o crucifixo em sua vagina, várias vezes seguidas, masturbando-se de modo feroz, urrando com a voz profunda, rouca, ensurdecedora.

— Agora você é *minha*, sua vagabunda, sua puta nojenta. Isso, deixe Jesus *foder* você, *foder* você, *foder* você!

Chris parecia plantada no chão, horrorizada, com as mãos pressionando as bochechas enquanto a risada alta e demoníaca explodia com satisfação mais uma vez, e o sangue escorria da vagina de Regan, sujando os lençóis brancos. Repentinamente, com um grito forte e profundo, Chris correu em direção à cama e agarrou o crucifixo, enquanto Regan, furiosa e com os traços totalmente desfigurados, esticou o braço, agarrou os cabelos de Chris e empurrou a cabeça dela para baixo, pressionando o rosto dela contra sua vagina, manchando-o de sangue, enquanto Regan remexia a pelve.

— Ah, mamãe porca! — disse Regan com uma voz lasciva e ainda gutural. — *Me lambe, me lambe, me lambe!* Aahhhhh!

A mão que segurava a cabeça de Chris a afastou de Regan e a outra aplicou-lhe um golpe no peito, que fez Chris voar para o outro lado do quarto, onde bateu numa parede com uma força muito grande, enquanto Regan ria e se divertia.

Chris se encolheu no chão, desnorteada de medo, diante de imagens e sons desorientadores, sua visão embaçada, sem foco, seus ouvidos assaltados por distorções caóticas, enquanto, sem forças, tentava se levantar, erguendo-se do chão com as mãos; trôpega, olhou na direção da cama, para Regan, que estava de costas para ela, enfiando o crucifixo de modo delicado e sensual na vagina, dentro e fora, com a voz grossa e grave dizendo de forma suave:

— Ah, essa é a minha porquinha, sim, minha doce porquinha, minha...

Chris começou a engatinhar com dificuldade em direção à cama, com o rosto sujo de sangue, a visão ainda sem foco, os membros doloridos. Retraiu-se, encolhendo-se de pavor ao acreditar ter visto, naquela confusão, como se fosse uma névoa pesada, a cabeça da filha virando para trás lenta e inexoravelmente, uma volta completa, enquanto seu torso se mantinha imóvel, até que, por fim, Chris estava olhando diretamente para os olhos ladinos e irados de Burke Dennings.

— Você sabe o que ela *fez*, a desgraçada da sua filha?

Chris gritou até desmaiar.

Parte III
O abismo

Perguntaram eles: “Que milagre fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti?”

— JOÃO 6:30

Vós me vedes e não credes...

— JOÃO 6:36

CAPÍTULO UM

Ela estava de pé na passagem de pedestres da Key Bridge, com os braços apoiados no parapeito, remexendo as mãos, esperando, enquanto o trânsito em direção aos bairros seguia intenso, carros buzinando em fila, como acontecia todos os dias, com a indiferença de sempre. Ela havia telefonado para Mary Jo. E contado mentiras.

"Regan está bem. A propósito, tenho pensado em fazer outro jantar aqui. Qual era mesmo o nome daquele psiquiatra jesuíta? Pensei em convidá-lo..."

Os risos ressoavam abaixo de onde ela estava. Um jovem casal de calça jeans numa canoa alugada. Com um gesto rápido e nervoso, ela bateu as cinzas do cigarro, o último do maço, e olhou para a frente, em direção a Washington. Alguém se apressava em sua direção: calça cáqui e casaco azul. Não era um padre, não era ele. Ela voltou a olhar para o rio, para a sua impotência remoinhando após a passagem da canoa vermelha. Conseguiu ler o nome na lateral da embarcação: *Caprice*.

Passos: o homem de blusa e calça se aproxima, diminuindo o passo ao chegar perto dela. De soslaio, ela o viu apoiar o braço em cima do parapeito e rapidamente olhou na direção de Virginia. Mais um fã querendo autógrafo? Ou coisa pior?

— Chris MacNeil?

Jogando a bituca de cigarro no rio, Chris disse com frieza:

— Vá embora, ou juro que chamo a polícia!

— Sra. MacNeil? Sou o padre Karras.

Chris se assustou e corou, virando-se repentinamente para o padre de rosto enrugado.

— Ah, meu Deus! Sinto muito! — disse, tirando os óculos escuros, assustada, e voltando a colocá-los ao ver os olhos escuros

e tristes do padre a examinando.

— Eu deveria ter dito que não estaria de batina. — A voz era consoladora, suavizando o pesar que ela sentia. O padre unira as mãos no parapeito, mãos sensíveis e grandes. — Pensei que seria muito menos óbvio — continuou ele. — A senhora parecia muito preocupada, desejando manter tudo isto em segredo.

— Acredito que eu deveria ter me preocupado em não fazer papel de idiota — disse Chris. — Pensei que o senhor fosse...

— Humano? — Karras completou com um sorriso discreto.

Chris olhou para ele e, sorrindo em retribuição, disse:

— Sim, sim. Eu soube disso assim que o vi.

— Quando foi isso?

— No campus, um dia, enquanto filmávamos. O senhor tem um cigarro, padre?

Karras procurou dentro do bolso de sua camisa.

— Pode fumar um sem filtro?

— Eu fumaria até um pedaço de corda neste momento.

— Com o que eu ganho, é o que geralmente faço.

Sorrindo com dificuldade, Chris assentiu.

— Sim, claro. O voto de pobreza — disse ela ao tirar um cigarro do maço que o padre lhe oferecia. Karras procurou um fósforo no bolso da calça.

— Um voto de pobreza tem suas vantagens — disse ele.

— É mesmo? Qual, por exemplo?

— Faz com que a corda passe a ter um gosto melhor. — Mais uma vez, um sorriso contido enquanto ele observava a mão de Chris, tremendo tanto que chegava a sacodir o cigarro. Ele o pegou dos dedos dela, levou-o à boca e, com as mãos ao redor do fósforo, acendeu o cigarro, tragou e entregou-o a Chris, dizendo:

— Esses carros passando fazem muito vento.

Chris olhou para ele com simpatia, gratidão e até esperança. Ela sabia o que ele havia feito.

— Obrigada, padre — disse ela, e o observou acendendo um Camel para si. Ele se esqueceu de proteger o fósforo com as mãos. Quando soltou a fumaça, os dois apoiaram um cotovelo no parapeito.

— De onde o senhor é, padre Karras? Sua terra natal?

— Nova York — disse ele.

— Eu também. Mas nunca mais voltaria para lá. E o senhor?

Karras engoliu o nó na garganta.

— Não, não voltaria. — Forçou um leve sorriso. — Mas não tenho que tomar essas decisões.

Chris balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Meu Deus, como sou tola — disse ela. — O senhor é um padre. Precisa ir aonde mandam.

— Isso mesmo.

— Como um psiquiatra chegou a se tornar um padre?

Ele estava ansioso em saber qual era a questão urgente que ela mencionara quando telefonou para ele em sua residência. Ela analisava o terreno, ele percebeu, mas para quê? Ele não deveria apressá-la. Ela falaria.

— Foi o contrário — disse ele, corrigindo-a com delicadeza. — A Sociedade...

— Quem?

— A Sociedade de Jesus. *Jesuíta* significa isso.

— Ah, entendo.

— A Sociedade quis que eu estudasse medicina e fizesse especialização em psiquiatria.

— Onde?

— Em Harvard, no hospital Johns Hopkins. Lugares assim.

De repente, ele percebeu que queria impressioná-la. *Por quê?*, perguntou a si mesmo. E imediatamente viu a resposta na penúria de sua adolescência; nos assentos dos cinemas do Lower East Side. O jovem Dimmy com uma estrela de cinema.

Chris assentiu, aprovando.

— Nada mal — disse ela.

— Não fazemos votos de pobreza *intelectual*.

Ela percebeu a irritação, deu de ombros e virou-se, olhando para o rio.

— Veja, é que não conheço o senhor e... — Ela tragou, longa e profundamente, e soltou a fumaça, amassando a bituca no parapeito e jogando-a no rio. — O senhor é amigo do padre Dyer, certo?

— Sim, sou.

— Íntimo?

— Íntimo.
— Ele falou sobre a festa?
— Que ocorreu na sua residência?
— Isso.
— Sim, ele disse que a senhora parecia humana.
Ela não entendeu, ou ignorou.
— Ele falou sobre minha filha?
— Não sabia que tinha uma filha.
— Ela tem 12 anos. Ele não a mencionou?
— Não.
— Ele não contou o que ela fez?
— Não disse nada sobre ela.
— Os padres são muito reservados, não é?
— Depende — respondeu Karras.
— Depende do quê?
— Do padre.

O jesuíta se lembrou de um alerta a respeito de mulheres que sentiam uma atração neurótica por padres, mulheres que desejavam, inconscientemente e sob o disfarce de algum outro problema, seduzir o inalcançável.

— Veja, estou falando do que as pessoas dizem em confissão. O senhor não pode falar sobre essas coisas, certo?

— Sim, certo.

— E fora da confissão? — perguntou ela. — Quero dizer, e se... — Suas mãos estavam agitadas, remexiam-se. — Estou curiosa. Eu... Eu gostaria muito de saber. Quero dizer, e se alguém fosse, digamos, um criminoso, talvez um assassino ou coisa assim, sabe? Se essa pessoa o procurasse para obter ajuda, o senhor a denunciaria?

Ela queria orientação? Estaria esclarecendo dúvidas a respeito de conversão? Havia pessoas, e Karras sabia disso, que se aproximavam da salvação como se estivessem na ponta de uma ponte pairando sobre um abismo.

— Se ela procurasse ajuda espiritual, não — respondeu ele.
— O senhor não a denunciaria?
— Não, não denunciaria. Mas tentaria convencê-la a se entregar.
— E como o senhor age em relação a um exorcismo?

Fez-se uma pausa enquanto o padre Karras a observava.

— O que disse? — perguntou, finalmente.

— Se uma pessoa estiver possuída por um tipo de demônio, como o senhor faz para conseguir um exorcismo?

Karras desviou o olhar, respirou fundo e voltou a olhar para ela.

— Bem, em primeiro lugar, a senhora teria que pôr essa pessoa numa máquina do tempo e enviá-la de volta ao século XVI.

Confusa, Chris franziu o cenho.

— Como assim?

— É que essas coisas não acontecem mais.

— É mesmo? Desde quando?

— Desde quando? Desde que aprendemos sobre as doenças mentais e sobre a esquizofrenia e o transtorno de dupla personalidade. Todas essas coisas que eles me ensinaram em Harvard.

— O senhor está brincando?

A voz de Chris estava embargada, parecendo impotente, confusa, e Karras se arrependeu de sua indelicadeza no mesmo instante. *De onde aquilo havia surgido?*, tentou entender. Ele havia dito aquilo sem pensar.

— Muitos católicos estudados — disse ele, de maneira mais gentil — não acreditam mais no Diabo. E no que tange à possessão, desde o dia em que me uni aos jesuítas, nunca vi um padre que já tenha realizado um exorcismo. Nenhum.

— Ah, o senhor é mesmo um padre ou é um ator? — perguntou Chris com repentina amargura, decepcionada. — Afinal, e todas aquelas teorias na Bíblia sobre Cristo expulsar todos os demônios?

— Veja, se Cristo tivesse dito que aquelas pessoas que supostamente estavam possuídas tinham esquizofrenia, e eu imagino que tinham, ele provavelmente teria sido crucificado três anos antes — respondeu Karras, de modo espontâneo e alterado.

— É mesmo? — Chris levou a mão trêmula aos óculos, engrossando a voz num esforço para se controlar. — Bem, acontece, padre Karras, que alguém muito próximo a mim provavelmente está possuído e precisa de um exorcismo. O senhor pode realizá-lo?

De repente, tudo pareceu surreal para Karras: a Key Bridge, carros, o Hot Shoppe com milk-shakes do outro lado do rio e, ao lado dele, uma estrela de cinema pedindo um exorcismo. Enquanto olhava para ela, pensando numa resposta, ela tirou os óculos escuros grandes e Karras ficou chocado ao ver os olhos dela tão vermelhos e cansados, aquele apelo desesperado. E, de repente, percebeu que a mulher estava falando a sério.

— Padre Karras, é a minha filha — disse ela. — Minha *filha*!

— Então, é mais um motivo para se esquecer do exorcismo e...

— *Por quê?* — perguntou Chris de repente, com uma voz estridente, desesperada e irritada. — Diga *por quê*! Meu Deus, não consigo *entender*!

Karras segurou seu braço com o intuito de acalmá-la.

— Em primeiro lugar — disse ele —, isso poderia piorar as coisas.

Incrédula, Chris fez uma careta e disse:

— *Piorar?*

— Sim, piorar. Isso mesmo. Porque o ritual de exorcismo é perigosamente sugestivo. Poderia implantar a ideia de possessão onde antes não havia, ou ainda poderia torná-la mais forte, se existisse.

— Mas...

— E em segundo lugar — disse Karras —, antes de a Igreja Católica aprovar um exorcismo, ela realiza uma investigação para saber se é verdade, e isso demora. Enquanto isso, a sua...

— O senhor não poderia fazer isso sozinho? — Naquele momento, o lábio inferior de Chris tremia de leve, e seus olhos estavam marejados.

— Veja, todo padre tem o poder de exorcizar, mas precisa ter a aprovação da Igreja e, para ser sincero, ela raramente é dada, então...

— O senhor não pode nem mesmo *examiná-la*?

— Bem, como psiquiatra, sim, poderia, mas...

— Ela precisa de um *padre*! — Chris gritou de repente, com o rosto contorcido de raiva e de medo. — Eu já a levei a todos os malditos médicos e psiquiatras do mundo, e eles me mandaram para o *senhor*. E o senhor quer me mandar de volta a *eles*?

— Mas sua...

— Jesus Cristo, ninguém pode me *ajudar*?

O grito estridente ressoou acima do rio, fazendo com que bandos sobressaltados de aves voassem das barrancas, num estardalhaço de asas batendo.

— Ai, meu Deus, alguém me ajude! — disse Chris, gemendo e soluçando sem parar, agarrada ao peito de Karras. — Ah, por favor, me ajude! Por favor! Por favor, me ajude!

O jesuíta olhou para ela e acariciou sua cabeça enquanto motoristas de dentro dos carros presos no trânsito os observavam sem interesse.

— Está tudo bem — disse Karras.

Ele só queria acalmá-la, diminuir sua histeria. "*Minha filha?*" Não, era *Chris* que precisava de ajuda psiquiátrica, na opinião dele.

— Tudo bem, vou vê-la — disse ele. — Eu a verei agora mesmo. Vamos.

Com aquela sensação de irrealidade ainda no ar, Karras a levou para casa em silêncio, pensando na aula do dia seguinte na faculdade de medicina em Georgetown. Ainda tinha que preparar suas observações.

Enquanto eles subiam os degraus da entrada, Karras olhou seu relógio. Eram dez para as seis. Olhou para a rua, em direção ao centro de residência jesuíta, quando se deu conta de que perderia o jantar.

— Padre Karras? — O padre se virou para olhar para Chris. Prestes a virar a chave na fechadura, ela hesitou e olhou para ele. — O senhor acha que deveria estar vestindo sua batina?

Karras olhou para ela com pena, mas tentou disfarçar. Havia algo de infantil no rosto e na voz de Chris.

— Seria perigoso demais — disse ele.

— Tudo bem.

Chris virou-se e começou a abrir a porta, e foi então que Karras sentiu: um aviso forte e arrepiante. Passou por sua corrente sanguínea como pedacinhos de gelo.

— Padre Karras?

Ele olhou para a frente. Chris havia entrado.

Por um momento, hesitante, ele permaneceu parado; lenta e conscientemente, como se tivesse tomado a decisão, deu um passo à frente, entrando na casa com uma sensação estranha de finalidade.

Karras ouviu barulhos. No andar de cima. Uma voz profunda e reverberante gritava obscenidades, ameaçando com ira, ódio e frustração. Assustado, ele olhou para Chris. Ela olhava para ele sem nada dizer. E continuou avançando. Ele a seguiu escada acima e pelo corredor até onde Karl estava, com a cabeça baixa sobre os braços dobrados, de frente para a porta do quarto de Regan. Ali, tão perto, a voz que ressoava do quarto era tão alta que quase parecia eletronicamente amplificada. Quando Karl levantou a cabeça, o padre percebeu medo e desespero em seus olhos, enquanto o empregado dizia a Chris com a voz extenuada, pasma:

— Ele não quer as amarras.

Chris olhou para Karras.

— Volto já. — As palavras eram de uma alma esgotada. Karras a observou virando-se e atravessando o corredor até seu quarto. Deixou a porta aberta.

Karras olhou para Karl. O empregado olhava para ele intensamente.

— O senhor é padre? — perguntou ele.

Karras assentiu e olhou rapidamente para a porta do quarto de Regan. A voz irada havia sido abruptamente substituída pelo berro estridente de um animal, que poderia ser um bezerro. Karras sentiu algo na mão. Olhou para baixo.

— Essa é ela — disse Chris. — É Regan. — Ofereceu a ele uma foto, e ele a pegou. Menina. Muito bonita. Sorriso doce. — Foi tirada há quatro meses — disse Chris, distraída. Pegou a foto de volta e fez um movimento de cabeça em direção à porta do quarto. — Agora, vá dar uma olhada nela. — Chris se recostou na parede ao lado de Karl, e olhando para baixo, com os braços cruzados, disse com desânimo: — Esperarei aqui.

— Quem está ali dentro com ela? — perguntou Karras.

Chris olhou para ele, inexpressiva.

— Ninguém.

O padre a olhou por alguns instantes, virou-se, franzindo o cenho, para a porta do quarto, e, quando segurou a maçaneta, os sons de dentro cessaram abruptamente. No silêncio, Karras hesitou e adentrou o quarto devagar, quase se retraindo com o fedor pungente de excremento que invadiu suas narinas como um golpe. Enojado, ele fechou a porta e, assombrado, viu o que era Regan, a criatura que estava deitada de barriga para cima na cama, com a cabeça recostada no travesseiro, os olhos arregalados e fundos nas órbitas, com um brilho de loucura e inteligência, interesse e ódio, fixos nele, observando-o com atenção, ardentes no rosto que parecia uma máscara esquelética de impensável maldade. Karras olhou para os cabelos desgrenhados e molhados; para as pernas e os braços feridos, a barriga protuberante de formato grotesco; observou os olhos, que o esquadrinhavam... analisavam... em movimento para acompanhá-lo enquanto ele se dirigia a uma mesa e cadeira perto da ampla janela. Karras procurou parecer calmo, até caloroso e amigável.

— Olá, Regan — disse ele. Pegou a cadeira e a levou às proximidades da cama. — Sou um amigo de sua mãe — disse ele —, e ela me disse que você está muito, muito doente. — Ele se sentou. — Que tal você me dizer o que houve? — perguntou ele. — Gostaria de ajudá-la.

Os olhos de Regan brilhavam forte, sem piscar, e a saliva amarelada escorria de um canto da boca até o queixo, seus lábios esticados num sorriso ferino de desprezo.

— Ora, ora, ora — disse ela com sarcasmo, e Karras sentiu os pelos de seu pescoço eriçados ao ouvir aquela voz profunda e grave, tomada de ameaça e poder. — Então, é você... Eles mandaram *você*! — Ela continuou, como se estivesse satisfeita. — Bem, não precisamos temer você.

— Sim, isso mesmo — Karras concordou. — Sou seu amigo e gostaria de ajudá-la.

— Pode soltar as amarras, então — disse Regan. Ela mostrou os pulsos para que Karras visse que estavam amarrados com dois conjuntos de amarras de couro.

— As amarras estão desconfortáveis?

— Extremamente. São um incômodo. Um incômodo *infernal*.

Os olhos brilharam, ela se divertia.

Karras viu os arranhões no rosto de Regan; os cortes em seus lábios onde, aparentemente, ela os havia mordido.

— Receio que você possa se ferir, Regan — disse ele.

— Não sou Regan — Ela resmungou, ainda mantendo o sorriso assustador no rosto, que Karras desconfiava ser sua expressão permanente. O aparelho em seus dentes não parecia nada coerente, pensou ele.

— Ah, compreendo — disse ele, assentindo. — Bem, então talvez devamos nos apresentar. Sou Damien Karras. Quem é você?

— Eu sou o Diabo!

— Ah, ótimo — disse Karras, assentindo de modo aprovador. — Agora podemos conversar.

— Quer bater papo?

— Se você quiser.

— Sim, eu quero — disse Regan, babando um pouco pelo canto da boca. — Mas você verá que não consigo conversar livremente preso a estas amarras. Como sabe, passei grande parte do meu tempo em Roma e estou acostumado a gesticular, Karras. Agora, faça a gentileza de soltar as amarras.

Tamanha precocidade de linguagem e pensamento, pensou Karras. Ele se inclinou para a frente na cadeira com uma mistura de surpresa e interesse profissional.

— Você disse que é o Diabo? — perguntou ele.

— Eu garanto que sim.

— Então, por que não faz as amarras desaparecerem?

— Veja, seria uma demonstração vulgar demais de minha força. Afinal, eu sou um príncipe! “O príncipe deste mundo”, como uma pessoa muito estranha disse a meu respeito, certa vez. Não me lembro bem quem foi. — Uma risada baixa. E então: — Prefiro a persuasão, Karras; a união, o envolvimento comunitário. Além disso, se eu soltar as amarras sozinho, eu nego a você a oportunidade de realizar um ato caridoso.

Incrível!, pensou Karras.

— Mas um ato caridoso — disse ele — é uma virtude, e é isto o que o Diabo tentaria evitar. Então, na verdade, eu estaria *ajudando* você agora se eu *não* soltasse as amarras. A menos, claro... —

disse Karras, dando de ombros —, a menos que você *não seja* o demônio, e, nesse caso, eu provavelmente *soltaria* as amarras.

— Que esperteza de raposa, Karras. Se o caro Herodes estivesse aqui, ele se divertiria.

Karras olhou para ela com os olhos quase cerrados e até com mais interesse. “O que será que ela quis dizer ao chamar Herodes de raposa?”

— Que Herodes? — perguntou ele. — Há dois. Está falando do rei da Judeia?

— Não, estou falando do tetrarca da Galileia! — Regan gritou para Karras com a voz alterada para atingi-lo com seu desprezo. De repente, ela voltou a sorrir e disse com aquela voz baixa e sinistra: — Viu como essas amarras odiosas me afetaram? Solte-me. Solte-me e eu lhe direi o futuro.

— Muito tentador.

— Meu forte.

— Mas como saber se você *realmente* consegue ver o futuro?

— Porque sou o Diabo, seu idiota!

— Sim, você diz isso, mas não me dá provas.

— Você não tem fé.

Karras parou, tenso.

— Não tenho fé em *quê*?

— Em *mim*, meu caro Karras, em *mim*! — Algo malicioso se escondia naqueles olhos. — Todas essas provas, todos os sinais no céu!

Karras tentou se recompor ao responder:

— Bem, algo muito simples pode resolver a questão. Por exemplo, o Diabo sabe de tudo, certo?

— Não, na verdade, eu sei de *quase* tudo, Karras. Viu? Eles dizem que sou orgulhoso. Não sou. E agora o que pretende, espertinho? Diga!

— Bem, pensei que pudéssemos testar o tamanho de seu conhecimento.

— Muito bem, então. Como é? O maior lago da América do Sul — disse a coisa em forma de Regan, com os olhos arregalados — é o lago Titicaca no Peru! Isso basta?

— Não, terei que perguntar algo que apenas o Diabo saberia.

— Ah, entendo. Como o quê?

— Onde está Regan?

— Ela está aqui.

— Onde é “aqui”?

— No chiqueiro.

— Quero vê-la.

— Por quê, Karras? Você quer comê-la? Solte essas amarras e eu deixarei você fazer isso.

— Quero ver se está me dizendo a verdade. Deixe-me vê-la.

— Uma boceta muito suculenta — disse Regan, remexendo-se, passando a língua pilosa nos lábios secos e rachados. — Mas ela não sabe conversar, meu amigo. Recomendo que continue conversando comigo.

— Bem, está claro que você não sabe onde ela está — disse Karras, dando de ombros —, então, ao que parece, você não é o Diabo.

— Eu *sou*! — Regan vociferou com um solavanco para a frente, o rosto retorcido de ódio. Karras estremeceu quando a voz assustadora reverberou nas paredes do quarto. — Eu *sou*!

— Bem, então, deixe-me ver Regan. Assim, você provaria.

— Existem maneiras muito melhores! Vou mostrar! Vou ler a sua mente! — disse a criatura Regan, sibilando furiosamente. — Pense num número entre um e cem!

— Não, isso não provaria nada. Eu teria que ver Regan.

Abruptamente, ela riu, recostando-se na cabeceira da cama.

— Não, nada provaria qualquer coisa que fosse a você, Karras. É por isso que adoro todos os homens razoáveis. Que esplêndido! Muito esplêndido mesmo! Enquanto isso, podemos tentar iludi-lo. Afinal, agora, nós não gostaríamos de perdê-lo.

— “Nós” quem? — perguntou Karras com interesse e atenção.

— Somos um bom grupo aqui no chiqueiro — Foi a resposta. — Ah, sim, tem bastante gente. Mais tarde, posso pensar nas apresentações. Enquanto isso, estou sentindo uma coceira enlouquecedora que não consigo alcançar. Pode soltar uma das amarras por um instante? Só uma?

— Não, diga-me onde coça e posso ajudá-lo.

— Ah, que esperto! Muito esperto!

— Mostre-me Regan e talvez eu solte uma amarra — disse Karras. — Contanto que ela...

Bruscamente, o padre se retraiu chocado, ao ver olhos repletos de terror e uma boca escancarada, num grito mudo por socorro. No entanto, em pouco tempo, a identidade de Regan desapareceu numa nova transformação da fisionomia.

— Por caridade, retire essas malditas amarras! — Uma voz aduladora pediu com um forte sotaque britânico, um pouco antes de a personalidade demoníaca reaparecer num piscar de olhos. — Será que você poderia ajudar um ex-coroinha, padre? — E então a criatura jogou a cabeça para trás, rindo de modo estridente e descontrolado.

Assustado, Karras se retraiu, e sentiu as mãos gélidas em sua nuca mais uma vez, mais palpáveis agora, algo mais claro do que uma impressão.

A criatura Regan interrompeu o riso e olhou para ele com olhos assustadores.

— Está sentindo as mãos geladas? Ah, por acaso sua mãe está aqui conosco, Karras. Gostaria de deixar um recado? Cuidarei para que ela o receba. — Risos. E então, de repente, Karras saltou da cadeira ao desviar de um jato de vômito lançado em sua direção. Sujou uma parte de seu casaco e uma de suas mãos.

Pálido, o padre olhou para a cama, para Regan, que ria, enquanto da mão dele escorria vômito no tapete.

— Se isso é verdade — disse ele —, você deve saber o primeiro nome de minha mãe.

— Ah, eu sei.

— E qual é?

A criatura silvou para ele, com os olhos brilhando de loucura, e a cabeça se mexendo de um lado a outro, como a de uma cobra.

— O que é isso? — perguntou Karras.

Com os olhos revirando dentro das órbitas, Regan gritou como bezerro, um urro irado que reverberou no vidro das amplas janelas. Durante um momento, Karras observou; depois, olhou para a própria mão e saiu do quarto.

Chris se afastou rapidamente da parede ao ver, assustada, o casaco do jesuíta.

— O que aconteceu? Ela vomitou?

— Tem uma toalha? — perguntou Karras.

— Tem um banheiro aqui! — disse Chris depressa, apontando para uma porta do corredor. — Karl, entre e dê uma olhada nela! — disse, olhando para trás, enquanto seguia o padre para dentro do banheiro. — Sinto muito! — Ela exclamou.

O jesuíta caminhou até a pia.

— A senhora a mantém sob o efeito de tranquilizantes?

Chris abriu a torneira e respondeu:

— Sim, Librium. Tire o casaco e lave-o aqui.

— Qual é a dosagem? — perguntou Karras ao tirar o casaco com a mão esquerda, que estava limpa.

— Vou ajudá-lo. — Chris puxou a parte inferior do casaco para cima. — Bem, hoje ela tomou quatrocentos miligramas, padre.

— *Quatrocentos?*

Chris levantou o casaco até o peito dele.

— Sim, foi assim que conseguimos amarrá-la. Todos nós juntos tivemos que...

— A senhora deu quatrocentos miligramas *de uma vez*?

— Ela está muito forte, o senhor não acreditaria. Levante os braços, padre.

— Certo.

Ele levantou os braços e Chris tirou o casaco, abriu a cortina do chuveiro e o jogou na banheira.

— Pedirei a Willie que lave seu casaco, padre. — Ela se sentou à beira da banheira e pegou uma toalha cor-de-rosa de um suporte, cobrindo com a mão, sem querer, a palavra *Regan* bordada em azul-marinho. — Peço desculpas — disse ela.

— Não tem problema. Não precisa se desculpar — disse Karras, que desabotoou a manga direita de sua camisa branca e a rolou, expondo pelos castanhos num braço musculoso. Então, perguntou: — Ela tem se alimentado? — E colocou a mão embaixo do jato de água quente para limpar o vômito.

— Não, padre. Apenas Sustagen quando está dormindo. Mas ela arrancou a sonda.

— Arrancou? Quando?

— Hoje.

Atordoado, Karras lavou as mãos com sabonete e, após uma pausa, disse com seriedade:

— Sua filha precisa realmente estar num hospital.

Chris abaixou a cabeça.

— Não posso fazer isso, padre — disse ela com a voz baixa.

— Por que não?

— Não posso — Ela sussurrou. — Ela... Ela fez algo, padre, e não posso correr o risco de mais alguém descobrir. Nem um médico... Nem uma enfermeira... Ninguém.

Franzindo o cenho, Karras fechou a torneira. "*E se alguém, digamos, fosse um criminoso.*" Perturbado, ele olhou para a pia, segurando as bordas.

— Quem tem dado Sustagen a ela? E o Librium? Os remédios?

— Nós mesmos. O médico dela nos ensinou como fazer.

— Vocês precisam de prescrições.

— Bem, o senhor pode resolver isso, não é, padre?

Com a cabeça rodando, Karras virou-se para ela, com as mãos erguidas, e viu o olhar assustado de Chris. Ele assentiu em direção às toalhas que ela segurava e disse:

— Por favor.

Chris olhou para ele de modo inexpressivo e perguntou:

— O quê?

— A toalha, por favor — disse ele, baixinho.

— Ah, sinto muito! — Muito rapidamente, Chris entregou a toalha a ele. E, enquanto o jesuíta secava as mãos, ela perguntou com curiosidade e ansiedade: — Então, padre, como ela está? O senhor acredita que ela está possuída?

— O que a senhora sabe sobre possessão?

— Apenas o pouco que li e algumas coisas que os médicos me disseram.

— Quais médicos?

— Da clínica Barringer.

— Compreendo — disse Karras, assentindo. Ele havia dobrado a toalha e agora a colocava com cuidado no suporte, e perguntou: — A senhora é católica?

— Não, não sou.

— E sua filha?

— Também não é.

— Qual religião, então?

— Nenhuma.

Karras olhou para ela com atenção.

— Por que a senhora me procurou, então? — perguntou ele.

— Porque eu estou desesperada! — respondeu Chris com a voz trêmula.

— Pensei que os psiquiatras a tivessem aconselhado a me procurar.

— Ah, eu não sei *o que* eu estava dizendo! Estou praticamente maluca!

Karras se virou e, dobrando os braços e recostando-se no balcão de mármore branco da pia, olhou para Chris e disse:

— Veja, a única coisa com que me preocupo é fazer o melhor para a sua filha. Mas direi desde já que, se a senhora está procurando um exorcismo como uma forma de cura autossugestiva, seria *melhor* se tivesse recorrido a atores, srta. MacNeil, porque as autoridades da Igreja Católica não acreditarão nisso e a senhora terá perdido um tempo precioso.

Karras sentiu as mãos tremerem levemente.

O que há de errado comigo?, pensou ele. *O que está acontecendo?*

— Na verdade, é *senhora* MacNeil — disse Chris, corrigindo-o com rispidez.

Karras suavizou seu tom.

— Sinto muito. Mas, seja um demônio ou um problema mental, farei o que for possível para ajudar sua filha. Mas preciso saber a verdade, toda a verdade. É importante. É importante para Regan. Sra. MacNeil, neste momento estou perdido. Estou totalmente assustado com o que acabei de ver e de ouvir no quarto de sua filha. Podemos sair deste banheiro e conversar lá embaixo? — Com um breve sorriso, Karras estendeu a mão para ajudar Chris a se levantar. — Eu aceitaria uma xícara de café.

— Eu aceitaria um drinque.

Enquanto Karl e Sharon cuidavam de Regan, Karras e Chris foram ao escritório, ela no sofá e Karras numa cadeira ao lado da lareira. Chris contou a história da doença de Regan, mas teve o

cuidado de não mencionar o fenômeno relacionado a Dennings. O padre escutou, dizendo poucas coisas. Fez apenas algumas perguntas, assentiu ou franziu o cenho, enquanto Chris admitia que, a princípio, considerou um exorcismo como um tratamento de choque.

— Mas, agora, não sei — disse, olhando para o padre. — O que o *senhor* acha, padre Karras?

Abaixando a cabeça, o padre respirou fundo, balançou a cabeça e disse em tom baixo:

— Também não sei. Comportamento compulsivo causado pela culpa, talvez intensificado pela dupla personalidade.

— *O quê?* — Chris parecia abismada. — Padre, como pode dizer isso depois do que viu lá em cima?

Karras olhou para ela.

— Se a senhora tivesse visto tantos pacientes de alas psiquiátricas como eu, poderia dizer isso com muita facilidade — disse ele. — Afinal, possuída por demônios? Certo, ouça: digamos que seja verdade e que isso aconteça às vezes. Acontece que sua filha não diz ser um demônio, ela afirma ser *o próprio Diabo*. É a mesma coisa que a senhora dizer que é Napoleão Bonaparte!

— Então, explique todas as batidas e as outras coisas.

— Eu não as ouvi.

— Bem, ouviram na clínica Barringer, padre, então não foi apenas aqui em casa.

— Talvez sim, mas não precisaríamos de um demônio para justificá-las.

— Então, explique-as!

— Bem, psicocinese, talvez.

— *O quê?*

— A senhora já ouviu falar do evento chamado *poltergeist*, certo?

— Fantasmas que jogam pratos e que agem como babacas?

— Não é tão incomum e costuma acontecer próximo a um adolescente emocionalmente perturbado. Acredita-se que uma forte tensão interna da mente possa acionar uma energia desconhecida que parece mover objetos à distância. Mas não há nada de sobrenatural nisso. A mesma coisa ocorre com a força anormal de Regan. Na patologia, é comum. Pode dizer que é a mente em poder

da matéria, se quiser, mas, de qualquer modo, acontece fora da possessão.

Chris desviou o olhar, balançando a cabeça suavemente.

— Nossa! Que cena linda — disse ela com ironia. — Sou uma ateia e o senhor é um padre e...

— A melhor explicação para qualquer fenômeno — Karras interrompeu gentilmente — é sempre a mais simples que acomode todos os fatos.

— É mesmo? — respondeu Chris, com os olhos vermelhos, demonstrando desespero e confusão. — Bem, talvez eu seja burra, padre Karras, mas dizer que um ser dentro da mente de alguém joga pratos contra a parede me parece uma burrice maior! Então, o que *é*? Pode me dizer o que é? E o que é "personalidade dupla", afinal? *Explique.* O que *é*? Será que sou tão burra assim? Pode me dizer o que é de um modo que eu finalmente consiga entender?

— Veja, ninguém finge compreender isso. Tudo o que sabemos é que acontece, e qualquer coisa além do fenômeno em si é pura especulação. Mas pense dessa maneira, se quiser.

— Sim, vá em frente.

— O cérebro humano contém cerca de 17 bilhões de células, e, quando nós as analisamos, vemos que elas lidam com um milhão de sensações que bombardeiam o nosso cérebro a cada segundo. O cérebro, além de integrar todas as mensagens, faz isso com eficácia, sem falhas nem interceptações. Mas como seria possível que isso acontecesse sem um tipo de comunicação? Bem, não seria possível, então cada uma dessas células aparentemente tem uma consciência, talvez própria. Está entendendo?

— Sim, um pouco — disse Chris, assentindo.

— Ótimo. Agora, imagine que o corpo humano é um navio enorme, e que todos os neurônios são a tripulação. Um desses neurônios da tripulação está na ponte. Ele é o capitão. Mas ele nunca sabe *exatamente* o que os outros estão fazendo; só sabe que o navio continua navegando sem problemas e que o trabalho está sendo realizado. Agora, o capitão é a senhora... É sua consciência desperta. E o que acontece na personalidade dupla, *talvez*, é que um desses neurônios da tripulação sobe na ponte e toma o

comando do navio. Em outras palavras, um motim. Isso ajuda a senhora a entender?

Chris estava olhando para ele, incrédula, sem piscar.

— Padre, isso é tão maluco que acho mais fácil acreditar na droga do Diabo!

— Eu...

— Veja, não sei sobre todas essas teorias — Chris o interrompeu com a voz firme e baixa —, mas direi algo, padre: se o senhor me mostrasse uma gêmea idêntica de Regan, mesmo rosto, mesma voz, mesmo cheiro, mesmo tudo, até a maneira com que ela faz o pingo da letra *i*, eu ainda assim saberia que não é ela! Eu simplesmente saberia, sei dentro de mim, e estou dizendo ao senhor que *aquela coisa lá em cima não é a minha filha*! Agora, diga-me o que fazer — disse ela, com a voz aumentando e estremecendo com leve emoção. — Diga com convicção que não há nada de errado com minha filha além de sua mente; que o senhor tem certeza absoluta de que ela não precisa de exorcismo, de que isso não a ajudaria! Vá em frente. Diga-me isso, padre. *Diga!*

A parte final da fala foi quase um grito.

Karras desviou o olhar e, por longos segundos, permaneceu parado. Então, olhou para Chris.

— Regan tem a voz estridente? — perguntou ele. — Quero dizer, em situações normais?

— Não. Na verdade, é bem suave, eu diria.

— A senhora a consideraria precoce?

— Nem um pouco.

— E o QI dela?

— Na média.

— Costuma ler?

— Nancy Drew e quadrinhos, na maior parte do tempo.

— E sua maneira de falar agora? Está muito diferente do que a senhora consideraria normal?

— Completamente. Ela nunca havia dito nem metade daquelas palavras.

— Não me refiro ao *conteúdo* do que ela diz. Eu me refiro ao *estilo*.

— Estilo?

— A maneira com que ela forma as frases.

Chris franziu o cenho.

— Ainda não entendi muito bem o que o senhor quer dizer.

— A senhora tem cartas que ela escreveu? Composições? Gravações com a voz dela poderiam...

— Sim. Tem uma fita em que ela está falando com o pai. Ela a estava preparando para enviar como carta, mas não chegou a terminar. O senhor quer ouvi-la?

— Sim, quero. E também vou precisar dos registros médicos dela, principalmente dos relatórios da clínica Barringer.

Chris desviou o olhar e balançou a cabeça.

— Ah, padre, eu já *vi* tudo isso e...

— Sim, sim, eu sei, mas terei que ver os relatórios.

— Então, o senhor ainda está se opondo ao exorcismo?

— Não, só estou me opondo ao risco de fazer mais mal do que bem a sua filha.

— Mas agora o senhor está falando estritamente como psiquiatra, certo?

— Não, estou falando também como padre. Se eu for à Ordem, ou aonde tiver que ir para conseguir permissão para um exorcismo, a primeira coisa que eu teria que ter seria um forte indício de que o problema de sua filha não é apenas psiquiátrico, além de provas, que a Igreja aceitaria como sinais de possessão.

— Como o quê?

— Não sei. Terei que ver.

— Está brincando? Pensei que o senhor fosse um especialista.

— *Não existem* especialistas. A senhora provavelmente sabe mais sobre possessão demoníaca no momento do que a maioria dos padres. Quando a senhora poderá me mostrar os relatórios feitos na Barringer?

— Fretarei um avião, se precisar!

— E a fita?

Chris se levantou.

— Verei se consigo encontrá-la.

— E só mais uma coisa.

— O quê?

— Aquele livro que a senhora mencionou com a seção sobre possessão. Você consegue se lembrar se Regan o leu *antes* da doença?

Olhando para baixo, Chris se concentrou.

— Nossa! Parece que me lembro de tê-la visto lendo *algo* um dia antes de a mer... do problema começar, mas não sei ao certo. Mas acredito que ela o leu, sim. Com certeza. *Certeza absoluta.*

— Gostaria de vê-lo.

Chris começou a se afastar.

— Claro, vou buscá-lo para o senhor, padre. E a fita também. Está no porão, acho. Vou até lá para ver.

Karras assentiu de modo distraído, observando a estampa no tapete oriental; depois de muitos minutos, levantou-se e caminhou lentamente até a porta de entrada, onde, com as mãos nos bolsos da calça, permaneceu imóvel no escuro, como se estivesse em outra dimensão, ouvindo os grunhidos de porcos no andar de cima e o uivo de um chacal, seguido por silvos parecidos com os de serpentes.

— Ah, o senhor está aqui. Fui procurar no escritório.

Karras se virou e viu Chris sob as luzes do corredor de entrada.

— O senhor está indo embora? — perguntou, ao se aproximar com o livro de bruxaria e a carta gravada em fita para o pai de Regan.

— Sim, preciso ir. Tenho que preparar uma aula para amanhã.

— É mesmo? Onde o senhor leciona?

— Na faculdade de medicina — respondeu Karras, pegando o livro e a fita das mãos de Chris. — Tentarei passar aqui amanhã na parte da tarde ou à noite. Enquanto isso, se alguma coisa urgente acontecer, telefone para mim, não importa o horário. Avisarei os atendentes para que passem sua ligação. Vocês precisam de remédios?

— Estamos bem. Temos as receitas.

— Não vai telefonar ao médico de novo?

A atriz abaixou a cabeça.

— Não posso — disse ela com um sussurro. — Simplesmente não posso.

— Veja, não sou um clínico geral — Karras explicou.

— Tudo bem.

Chris ainda olhava para baixo e Karras a analisou com atenção e preocupação. Quase ouviu a ansiedade dela pulsando.

— Bem, mais cedo ou mais tarde, terei que contar a um de meus superiores o que ando fazendo, principalmente se começar a vir aqui em horários incomuns, durante a noite — disse ele, com delicadeza

Chris olhou para ele, franzindo o cenho de preocupação.

— O senhor tem que fazer isso? Contar aos superiores?

— Bem, se eu não fizer isso, a senhora não acha que será um pouco estranho?

Chris olhou para baixo de novo, assentindo.

— Sim, entendo o que está dizendo.

— A senhora se importa? Direi a eles apenas o que tiver que dizer. E não se preocupe, a notícia não vai se espalhar.

Seu rosto expressava impotência e tormento, e os olhos do padre, força e tristeza. Ela viu a força, viu a dor.

— Tudo bem — disse ela.

Ela confiava na dor.

— Vamos nos falando — disse Karras.

Ele fez menção de sair, mas se deteve à porta, com a cabeça baixa e as costas das mãos encostadas nos lábios, como se estivesse pensando. A seguir, olhou para Chris.

— Sua filha sabia que um padre viria aqui esta noite?

— Não, ninguém sabia, só eu mesma.

— A senhora sabia que minha mãe morreu recentemente?

— Sim, sinto muito.

— Regan sabia?

— Por quê?

— Ela sabia disso?

— Não, de jeito nenhum. Por que está perguntando?

Karras deu de ombros.

— Não é importante — disse ele. — Eu só estava pensando. — Ele observou o rosto de Chris com um franzido de preocupação. — A senhora tem dormido?

— Bem, um pouco.

— Tome calmantes, então. Está tomando o Librium?

— Sim.

— Qual a dose?

— Dez miligramas, duas vezes por dia.

— Aumente para vinte. Enquanto isso, tente se manter afastada de sua filha. Quanto mais a senhora se expuser ao comportamento atual dela, maior a chance de ter seus sentimentos por ela afetados. Mantenha-se distante. E se acalme. A senhora não ajudará Regan em nada se tiver um colapso nervoso.

Com a cabeça e os olhos abaixados, Chris assentiu.

— Agora, vá para a cama — disse ele. — Pode se deitar agora?

— Sim, posso — disse ela com a voz baixa. — Prometo que farei isso. — Ela olhou para ele com simpatia e um leve sorriso.

— Boa noite, padre Karras. E obrigada. Muito obrigada.

Por um momento, Karras a observou com atenção, e então disse:

— Certo, boa noite.

Virando-se, ele se afastou depressa. Chris permaneceu na porta. Enquanto ele atravessava a rua, ela pensou que ele provavelmente havia perdido o jantar e se preocupou que ele estivesse com frio: ele estava descendo a manga da camisa. Enquanto passava pelo 1789 Restaurant, ele derrubou algo, provavelmente a fita com a gravação feita por Regan ou o livro de bruxaria. Ele se abaixou para pegá-lo, na esquina da rua 36 com a P, dobrou à esquerda e desapareceu de vista. Chris sentiu certo alívio.

Ela não viu Kinderman sentado sozinho num carro à paisana.

Meia hora depois, Damien Karras retornou apressado ao seu quarto no centro de residência jesuíta com vários livros e publicações que pegara nas estantes da biblioteca da universidade de Georgetown. Ele os colocou sobre uma mesa e abriu as gavetas à procura de um maço de cigarro; encontrou um maço de Camel pela metade, acendeu um, tragou profundamente e segurou a fumaça nos pulmões enquanto pensava em Regan. *Histeria*, pensou, *só podia ser isso.* Soltou a fumaça, enfiou os polegares nos passadores de cinto e olhou para seus livros. Pegara os livros *Possessão*, de Oesterreich; *Os demônios de Loudun*, de Huxley; *Parapraxis no caso Haizman,* de Freud; *Possessão demoníaca e exorcismo no início do cristianismo segundo opiniões modernas da doença mental*, de McCasland; e trechos de publicações

psiquiátricas de Freud intituladas “Uma neurose de possessão demoníaca no século XVII” e “A demonologia da psiquiatria moderna”.

“*Será que você poderia ajudar um ex-coroinha, padre?*”

O jesuíta passou a mão pela sobrancelha e olhou para o suor em seus dedos. Notou que havia deixado a porta aberta. Atravessou o quarto, fechou a porta e caminhou até a estante para pegar sua cópia de capa vermelha de *O ritual romano*, um compêndio de ritos e orações. Prendendo o cigarro entre os lábios, olhou através da fumaça enquanto procurava as “Regras gerais” para exorcistas, procurando sinais de possessão demoníaca. Passou os olhos rapidamente por elas e passou a ler com mais cuidado:

(...) O exorcista não deve acreditar prontamente que uma pessoa é possuída por um espírito do mal, mas deve se certificar dos sinais pelos quais uma pessoa possuída pode ser distinguida de outra que esteja sofrendo de alguma doença, principalmente de natureza psicológica. Alguns sinais de possessão são: a habilidade de falar com certa facilidade num idioma desconhecido ou compreendê-lo quando falado por outra pessoa; a capacidade de divulgar acontecimentos futuros e desconhecidos; a demonstração de poderes que estão além da idade do sujeito e de sua condição natural; e diversas outras condições que, reunidas, constroem a evidência.

Karras pensou por um tempo, recostou-se na estante e leu o que restava das instruções. Quando terminou, voltou para a instrução de número 8:

Alguns revelam um crime que foi cometido.

Alguém bateu levemente à porta.

— Damien?

Karras olhou para a frente e disse:

— Entre.

Era Dyer.

— Oi. Chris MacNeil está tentando falar com você — disse ele ao entrar no quarto. — Você chegou a falar com ela?

— Quando? Agora à noite?

— Não, no começo da tarde.

— Ah, sim, Joe. Obrigado. Já falei com ela.

— Ótimo. Só queria ter certeza de que você havia recebido o recado.

O padre olhava ao redor como se procurasse algo.

— De que você precisa, Joe? — perguntou Karras.

— Tem alguma bala de limão? Já olhei no corredor, mas ninguém tem e, *nossa!*, como eu queria uma, ou duas — disse Dyer, ainda observando. — Certa vez, passei um ano ouvindo confissões de crianças, e acabei me viciando em balas de limão. Os danadinhos *exalam* aquele hálito em você e acho que me viciei. — Dyer levantou a tampa do umidor de charuto que estava cheio de pistaches. — O que é isto? — perguntou ele. — Feijões mágicos mexicanos secos?

Karras virou-se para suas estantes, procurando um livro.

— Olha, Joe, estou meio ocupado no momento e...

— Ei, aquela Chris é muito legal, não é? — perguntou Dyer, deitando-se na cama de Karras e esticando-se com as mãos confortavelmente apoiadas atrás da cabeça. — Uma mulher muito gentil. Você a conheceu? Pessoalmente?

— Nós conversamos — respondeu Karras ao pegar um livro de capa vermelha com o título de *Satã*, uma coleção de textos e artigos católicos escritos por diversos teólogos franceses. Ele o levou em direção à mesa. — Agora...

— Simples. Pé no chão. Sem frescuras — Dyer continuou, enquanto olhava para o teto alto do quarto. — Ela pode nos ajudar com meu plano quando nós dois largarmos o sacerdócio.

Karras olhou para Dyer.

— *Quem* vai largar o sacerdócio?

— Os gays. Aos montes. O preto básico saiu de moda.

Karras balançou a cabeça, desaprovando porém achando graça, e colocou os livros sobre a mesa.

— Ah, vamos, Joe — disse Karras —, vá procurar o que fazer. Vamos, suma! Tenho uma aula para preparar para amanhã.

— Primeiro, vamos falar com Chris MacNeil — O jovem padre insistiu — sobre essa ideia que eu tenho para um roteiro baseado na vida de Santo Inácio de Loyola, que, por enquanto, nomeei de *Jesuítas corajosos em marcha*.

Apagando o cigarro num cinzeiro, Karras levantou a cabeça e olhou para Dyer, franzindo o cenho.

— Pode sair daqui, Joe? Tenho bastante trabalho a fazer.

— Quem o está impedindo?

— Você! — disse Karras, começando a desabotoar a camisa. — Vou tomar um banho e, quando sair, espero não encontrá-lo aqui.

— Ah, tudo bem — Dyer resmungou com relutância ao se sentar e passar as pernas para a lateral da cama. — Não vi você no jantar. Onde você comeu?

— Não comi.

— Que bobagem. Para que fazer dieta se você só veste túnicas?

— Há um gravador de fita por aqui?

— Não há sequer uma bala de limão por aqui. Vá ao laboratório de idiomas.

— Quem tem a chave? O padre Presidente?

— Não, o padre Zelador. Precisa dela hoje?

— Sim, preciso — respondeu Karras ao colocar a camisa nas costas da cadeira. — Onde posso encontrá-lo?

— Quer que eu a busque para você, Damien?

— Você faria isso, Joe? Estou realmente precisando.

Dyer se levantou.

— Sem problema!

Karras tomou um banho e vestiu uma camiseta e uma calça. Sentando-se a sua mesa, viu um maço de Camel sem filtro e, ao lado, uma chave com a etiqueta de LABORATÓRIO DE IDIOMAS e outra na qual estava escrito GELADEIRA DO REFEITÓRIO. Preso à etiqueta, havia um bilhete: *Antes você do que os ratos e os gatunos dominicanos*. Karras sorriu ao ver a assinatura: *O rapaz da bala de limão*. Deixou o bilhete de lado, tirou o relógio e o colocou diante de si, sobre a mesa. Eram 22h58.

Ele leu. Primeiro, Freud; depois, McCasland; partes de *Satã*; partes do amplo estudo de Oesterreich, e, pouco depois das quatro, ele havia terminado e estava esfregando o rosto e os olhos, que

latejavam. A fumaça pairava densa no ar e, no cinzeiro sobre a mesa de Karras, havia cinzas e um monte de bitucas de cigarro. Ele se levantou e caminhou até a janela. Abriu-a, sentiu uma rajada do vento frio da madrugada, e ficou ali, pensando em Regan. Sim, ela tinha a síndrome física da possessão. Sobre isso, ele não tinha dúvidas. Caso após caso, independentemente da geografia ou do momento histórico, os sintomas da possessão eram constantes. Alguns deles, Regan ainda não havia evidenciado: estigmas, o desejo por alimentos repugnantes, insensibilidade à dor, além de soluços frequentemente altos e incontidos; mas ela havia manifestado claramente alguns outros: a excitação motora involuntária, o hálito ruim, língua pilosa, a mudança no corpo, o estômago distendido, as irritações da pele e da membrana mucosa. E mais presentes ainda eram os sintomas básicos dos casos pesados que Oesterreich caracterizou como possessão "verdadeira": a enorme mudança na voz e na fisionomia, além da manifestação de uma nova personalidade.

Pela janela, Karras olhou para a rua. Por entre os galhos das árvores, conseguiu ver a casa de MacNeil e a enorme janela do quarto de Regan. Com suas leituras, ele aprendeu que, quando a possessão é voluntária, assim como acontece com os médiuns, a nova personalidade é geralmente benigna. *Como aconteceu com Tia*, pensou Karras, o espírito de uma mulher que havia possuído um homem, um escultor, algumas vezes e por cerca de apenas uma hora por episódio, até um amigo do escultor se apaixonar perdidamente por Tia e implorar ao escultor que permitisse que ela ficasse em posse de seu corpo em definitivo. *Mas no caso de Regan, não é uma Tia*, refletiu, pois a suposta "personalidade invasora" era maldosa e típica de casos de possessão demoníaca, em que a nova personalidade buscava destruir o corpo de seu hospedeiro.

E conseguia fazer isso, na maior parte das vezes.

Irritado, o jesuíta caminhou até sua mesa, pegou o maço de cigarros e acendeu um deles. *Pois bem, ela tem a síndrome física da possessão demoníaca. Mas como curá-la?* Ele sacou um fósforo. *Depende do que causou o problema.* Ele se sentou à beira da mesa e pensou no caso das freiras do convento de Lille na França do

início do século XVII. Supostamente possuídas, elas “confessaram” a seus exorcistas que, apesar de serem impotentes no estado de possessão, iam com frequência a orgias satânicas nas quais tinham um amplo repertório erótico: às segundas e terças, copulação heterossexual; às quintas, sodomia, felação e cunilíngua com parceiras homossexuais; aos sábados, bestialidade com animais domésticos e dragões. E *dragões*? O jesuíta balançou a cabeça. Quanto a Lille, ele acreditava que as causas de muitas possessões eram uma mistura de fraude e de mitomania, e ainda outras causadas por doença mental: paranoia, esquizofrenia, neurastenia, psicastenia. Por esse motivo, ele sabia, a Igreja havia, por muitos anos, recomendado que o exorcista atuasse com um psiquiatra ou com um neurologista presente durante o rito. Mas nem toda possessão tinha uma causa tão clara. Muitas haviam levado Oesterreich a caracterizar a possessão como um distúrbio à parte; a rejeitar o conceito explicativo de “personalidade dupla” da psiquiatria, considerando-o nada além de uma substituição igualmente oculta para os conceitos de “demônio” e de “espírito dos mortos”.

Karras esfregou um dedo indicador na lateral do nariz. A indicação da clínica Barringer, segundo Chris, era de que o distúrbio de Regan podia ter sido causado por sugestão; por algo relacionado, de certo modo, à histeria. E Karras também acreditava ser possível. Acreditava que, em sua maioria, os casos que havia estudado tinham sido causados por exatamente esses dois fatores. *Em primeiro lugar, ele atinge as mulheres, na maior parte dos casos. Em segundo lugar, por todos esses surtos epidêmicos de possessão. E então, aqueles exorcistas...* Karras franziu o cenho. Os próprios exorcistas, às vezes, se tornavam vítimas de possessão, como acontecera em 1634, no convento ursulino de freiras em Loudun, na França. Dos quatro exorcistas jesuítas que tinham sido mandados ao lugar para lidar com uma epidemia de possessão, três deles — padres Lucas, Lactance e Tranquille —, além de terem sido possuídos, morreram logo depois, vítimas de um aparente ataque cardíaco causado por hiperatividade psicomotora ininterrupta — os xingamentos e gritos de ódio constantes, os golpes na cama. O quarto, Père Surin, que na época das

possessões tinha 33 anos e era um dos principais intelectuais da Europa, enlouqueceu e foi internado numa instituição para doentes mentais pelos 25 anos seguintes de sua vida. Karras assentiu, abstraído. Se o problema de Regan estava ligado à histeria e o início dos sintomas de possessão fosse causado por sugestão, a única fonte possível de sugestão era o capítulo sobre possessão no livro de bruxaria. Ele observou as páginas. Será que Regan o havia lido? Havia fortes semelhanças entre os detalhes dele e o comportamento de Regan? Ele encontrou algumas correlações:

O caso de uma menina de oito anos que, conforme a descrição dada no capítulo, “berrava como um touro, com uma voz profunda e arrebatadora”. *Regan gritando como um bezerro.*

O caso de Helene Smith, que havia sido tratada pelo grande médico Flournoy. A descrição dada por ele a respeito da mudança da voz e dos traços dela com “rapidez intensa”, transformando-se em diversas personalidades. *Ela fazia isso comigo. A personalidade que falava com sotaque inglês. Mudança rápida. Instantânea.*

Um caso na África do Sul, relatado em primeira mão pelo famoso etnologista Junod. A descrição que ele fez de uma mulher que havia desaparecido de sua casa, certa noite, e que foi encontrada na manhã seguinte “amarrada ao topo” de uma árvore muito alta, por “cipós finos”, e que, depois, “desceu da árvore, a cabeça para baixo, silvando e remexendo a língua com rapidez, como uma serpente. Permanecera ali, pendurada, durante um tempo, e começou a falar num idioma que ninguém conhecia.” *Regan rastejando como uma cobra quando seguiu Sharon. As coisas confusas que dizia. Uma tentativa de falar um “idioma desconhecido”?*

O caso de Joseph e Thiebaut Burner, de oito e dez anos. Uma descrição dos dois “deitados de costas e se revirando com muita rapidez”. *Parece totalmente inventado ou enormemente exagerado, mas é muito próximo a Regan rodopiando como dervixe.*

Havia outras semelhanças, mais motivos para se suspeitar da sugestão. Uma menção à força anormal e à obscenidade no discurso, além dos relatos de possessão no evangelho, que talvez fossem a base, como Karras imaginava, do conteúdo curiosamente religioso do que Regan gritara na clínica Barringer. Além disso, no capítulo, havia menção do início da possessão em estágios: “O

primeiro, a infestação, consiste num ataque por meio do ambiente da vítima: barulhos, odores, o deslocar de objetos sem uma causa visível; o segundo, a obsessão, é um ataque pessoal à vítima, para causar terror por meio do tipo de lesão que uma pessoa pode infligir à outra com socos e chutes". *As batidas. O ato de atirar coisas. Os ataques realizados pelo Capitão Howdy.*

Certo, talvez... Talvez ela tenha lido, pensou Karras. Mas não se convenceu disso. *Não, de jeito nenhum!* Até mesmo Chris. Ela se mostrara muito incerta em relação a isso.

Karras caminhou na direção da janela de novo. *Qual é a resposta, então? Possessão, de fato? Um demônio?* Ele olhou para baixo e balançou a cabeça. *Ah, vamos lá! Não é possível!* Acontecimentos paranormais, então? *Claro. Por que não?* Muitos estudiosos competentes os haviam mencionado. Médicos. Psiquiatras. Homens como Junod. *Mas o problema é como interpretar o fenômeno.* Ele se lembrou de quando Oesterreich comentou sobre um xamã do Altai, na Sibéria, que havia aceitado a possessão como uma forma de realizar um "ato mágico". Examinado numa clínica pouco antes de realizar o ato de levitação, sua pulsação havia aumentado para cem batidas; depois, para incríveis duzentas, enquanto, ao mesmo tempo, ocorreram mudanças em sua temperatura corporal e respiração. *Sua ação paranormal estava ligada à fisiologia! Foi causada por uma energia ou força corporal!* Mas como prova de possessão, Karras aprendera, a Igreja queria fenômenos claros, exteriores e comprováveis que sugeriam... Ele havia se esquecido das palavras, mas ao passar um dedo pela página do livro *Satã* que estava sobre sua mesa, Karras as encontrou: "...fenômenos exteriores comprováveis que sugerem a ideia de que eles ocorreram devido à intervenção extraordinária de uma causa inteligente, não humana." *Seria este o caso do xamã? Não, não necessariamente. Seria o de Regan? Seria o caso dela?*

Karras leu um trecho que havia marcado a lápis em seu exemplar de *O ritual romano*: "O exorcista deve tomar cuidado para que nenhuma das manifestações dos pacientes passe sem explicação." Karras assentiu, pensativo. *Certo, tudo bem. Vamos ver.* Caminhando, ele pensou nas manifestações de Regan, juntamente com as possíveis explicações. Foi eliminando uma a uma:

A assustadora mudança na fisionomia de Regan.

Em parte, por causa de sua doença, e em parte, pela subnutrição, mas principalmente porque a fisionomia é uma expressão da constituição física de alguém, concluiu ele.

A assustadora mudança na voz de Regan.

Ele ainda precisava ouvir a voz dela "de verdade", pensou Karras. E ainda que fosse suave antes, como dissera a mãe, os gritos constantes engrossariam as cordas vocais e a voz se tornaria mais grave. O único problema seria o volume, inexplicável, pois, mesmo com o engrossamento das cordas, isso pareceria fisiologicamente impossível. E ainda assim, pensou, em estados de ansiedade ou patologia, demonstrações de força paranormal do potencial muscular eram comuns. Será que as cordas vocais e a laringe não poderiam ser sujeitas ao mesmo efeito misterioso?

O vocabulário e conhecimento de Regan, ampliados de uma hora para outra.

Criptomnésia: lembranças ocultas de palavras e dados aos quais ela já tinha sido exposta, mesmo na infância, talvez. Nos sonâmbulos — e muitas vezes nas pessoas à beira da morte —, os dados ocultos geralmente surgiam com fidelidade quase fotográfica.

O fato de Regan saber que ele era um padre.

Ela adivinhou. Se *tivesse* lido o capítulo sobre possessão, poderia esperar que receberia a visita de um padre. E, de acordo com Jung, o inconsciente e a sensibilidade de pacientes histéricos às vezes podiam ser cinquenta vezes maiores do que o normal, o que Jung acreditava ser explicado por "leituras de pensamentos" aparentemente verdadeiras realizadas por médiuns, por meio de batidas em mesas, nas quais o que o inconsciente do médium "lia" de fato eram as vibrações e os tremores criados na mesa pelas mãos da pessoa cujos pensamentos estavam sendo supostamente lidos. Os tremores formavam um padrão de letras e de números. Assim, Regan pode ter "lido" sua identidade apenas pelas suas atitudes ou até pelo cheiro de óleos bentos em suas mãos.

O fato de Regan saber sobre a morte de sua mãe.

Mais uma vez, ela adivinhou. Ele tinha 46 anos.

"*Será que você poderia ajudar um ex-coroinha, padre?*"

Os manuais usados nos seminários católicos aceitavam a telepatia tanto como uma realidade quanto como um fenômeno natural.

A precocidade intelectual de Regan.

Esse era, de longe, o fato mais difícil de explicar. Mas observando um caso de personalidades múltiplas envolvendo fenômenos supostamente ocultos, o psiquiatra Jung havia concluído que, em estados de sonambulismo histérico, as percepções inconscientes dos sentidos se tornavam mais fortes, assim como o funcionamento do intelecto, pois a nova personalidade no caso em questão parecia claramente mais inteligente do que a primeira. Mas a simples descrição do fenômeno o explicava?

Ele parou de caminhar de forma abrupta e se aproximou da mesa, percebendo que o fato de Regan ter citado Herodes era ainda mais complexo do que parecera, pois quando os fariseus contaram a Cristo a respeito das ameaças de Herodes, Cristo respondera: “Vá e diga àquela raposa que eu afugento os demônios!”

Karras olhou para a fita da gravação de Regan, sentou-se a sua mesa, onde acendeu mais um cigarro e soprou uma fumaça cinza-azulada enquanto pensava mais uma vez nos irmãos Burner e no caso da menina de oito anos que manifestara sintomas de possessão completa. Qual livro *esta* menina havia lido que permitiu que sua mente inconsciente simulasse os sintomas de possessão com tamanha perfeição? E como o inconsciente de vítimas na China comunicava os sintomas às diversas mentes inconscientes de pessoas possuídas na Sibéria, na Alemanha, na África e em todas as outras partes, em todas as culturas e eras, de modo que os sintomas fossem sempre os mesmos?

“Por acaso, sua mãe está aqui conosco, Karras.”

O jesuíta olhava para a frente, o olhar embaçado, e a fumaça do cigarro que ele segurava entre os dedos subia à vida e morria instantaneamente, como uma percepção equivocada ou uma lembrança de um sonho. Ele olhou para a gaveta inferior à esquerda em sua mesa, ficou em silêncio e imóvel por um tempo, até que se inclinou, abriu a gaveta e tirou um livro de exercícios em inglês para um curso de educação de jovens e adultos. Era de sua mãe. Ele o colocou sobre a mesa, esperou e folheou as páginas com muito

cuidado. A princípio, letras do alfabeto, sem parar. Depois, exercícios simples:

LIÇÃO VI
MEU ENDEREÇO COMPLETO

Entre as páginas, um esboço de uma carta:

Querido Dimmy,
Tenho esperado

Mais um começo. Incompleto. Ele desviou o olhar. Viu os olhos dela na janela... Esperando...

"*Domine, non sum dignus*."

Os olhos se tornaram os de Regan.

"*Não diga a palavra...*"

Karras olhou de novo para a fita de Regan.

Ele saiu do quarto e levou a fita ao laboratório de idiomas do campus, encontrou um gravador e se sentou; colocou a fita no compartimento, posicionou o fone de ouvido, virou um botão para ligar o aparelho. Exausto e atento, inclinou-se e ouviu. Por um tempo, apenas o zunido da fita. O mecanismo em funcionamento. De repente, um som mais forte do início da fita. Ruídos. "Alô?" Chris MacNeil sussurrando ao fundo: "Não fique tão perto do microfone, querida. Afaste-se." "Assim?" "Não, mais." "Assim?" "Sim, isso mesmo. Agora comece a falar." Risos. O microfone bateu na mesa. A voz meiga e clara de Regan MacNeil:

"Alô? Pai? Sou eu. Hmm..." Risos e um sussurro: "Mãe, não sei o que dizer!" "Ah, diga a ele como você está, querida. Conte o que você tem feito." Mais risos. "Hmm, pai, olha... Bom, espero que consiga me *ouvir* bem, e... Tá, vamos ver. Hmm, primeiro nós... Não, espere! Então, estamos em Washington, sabia, pai? É onde o presidente mora, e esta casa... Sabe? É... Puxa! Papai, espere. É melhor eu recomeçar. Pai, tem..."

Karras ouviu o restante da gravação com distanciamento e distração, como se escutasse tudo aquilo em meio ao fluxo de

sangue em seus ouvidos. Como se o fato de ele estar ali trouxesse uma forte intuição:

A coisa que vi naquele quarto não era Regan!

Karras voltou ao centro de residência jesuíta, onde encontrou um cubículo desocupado e rezou antes da movimentação da manhã. Ao erguer a hóstia em consagração, ela tremeu em seus dedos com uma esperança que ele ousava não ter, contra a qual lutava com toda a sua força.

— Este... é... Meu Corpo — disse ele com intensidade, num sussurro.

Não, é pão! Não passa de um pão!

Ele não ousava amar de novo e perder. Aquela perda era grande demais; a dor, forte demais. A causa de seu ceticismo e de suas dúvidas, de suas tentativas de eliminar as causas naturais no caso de possessão de Regan, era a ardente intensidade de seu desejo de ser capaz de acreditar. Ele abaixou a cabeça e levou a hóstia consagrada à boca, onde, em pouco tempo, ela grudaria na secura de sua garganta. E de sua fé.

Depois da missa, ele pulou o café da manhã, fez anotações para sua aula, e chegou à sala da classe na faculdade de medicina da universidade de Georgetown, onde conseguiu dar a aula malpreparada: "...E, ao analisar os sintomas dos distúrbios maníacos de humor, vocês devem..."

"*Pai, sou eu... Sou eu...*"

Mas quem era "eu"?

Karras dispensou os alunos mais cedo e voltou para seu quarto, onde se sentou à mesa imediatamente e analisou de novo, com atenção, a posição da Igreja a respeito dos sinais paranormais de possessão demoníaca. *Será que eu estava sendo muito teimoso?*, pensou. Analisou os pontos principais do livro *Satã*: "Telepatia... fenômeno natural... até a telecinese, o movimento de objetos à distância... nossos antepassados... a ciência... hoje em dia, devemos ser mais cautelosos, apesar da aparente evidência paranormal." Ao passar desse trecho, Karras diminuiu seu ritmo de leitura. "Todas as conversas com o paciente devem ser cuidadosamente analisadas, porque, se apresentarem o mesmo

sistema de associação de ideias e de hábitos lógico-gramaticais que ele demonstra no estado normal, deve-se questionar a possessão."

Karras balançou a cabeça devagar. *Não explica.* Ele olhou para a página à sua frente. Um demônio. Leu a legenda: "Pazuzu." Karras fechou os olhos e imaginou a morte do exorcista, o padre Tranquille; as agonias do fim: os gritos, os sibilos e o vômito, os tombos da cama para o chão causados por seus "demônios", que estavam enfurecidos porque ele logo morreria e se livraria do sofrimento. *E então Lucas! Meu Deus! O padre Lucas!* Lucas ajoelhado ao lado do leito de morte de Tranquille, rezando e, no momento de sua morte, assumindo instantaneamente a identidade dos demônios de Tranquille e chutando sem parar o cadáver ainda quente, o corpo destruído recendendo fortemente a excremento e a vômito, enquanto quatro homens fortes tentavam prendê-lo, porque ele só parou, segundo relatos, quando o corpo foi levado do quarto. *Poderia ser verdade?*, imaginou Karras. Será que a única esperança para Regan seria o ritual de exorcismo? Será que ele deveria mexer naquele vespeiro? Não poderia esquecer aquilo, tampouco não tomar providências. Deveria saber. Mas como? Karras abriu os olhos. "As conversas com o paciente devem ser cuidadosamente..." Sim. Sim, por que não? Se descobrisse que os padrões de fala de Regan e os do "demônio" eram muito diferentes, a possessão seria uma possibilidade, mas, se os padrões fossem os mesmos, ela seria descartada.

Karras se levantou e andou pela sala. *O que mais? O que mais? Algo rápido. Ela... Espere!* Karras parou, olhando para baixo, pensativo. *Aquele capítulo do livro de bruxaria. Ele havia mencionado...? Sim! Havia, sim!* Havia afirmado que os demônios invariavelmente reagiam com fúria diante da hóstia consagrada ou de objetos religiosos sagrados ou mesmo... Karras levantou a cabeça e olhou para a frente, uma compreensão súbita: *E água benta! Isso! Ela poderia determinar as coisas!* Rapidamente, ele procurou em sua maleta preta. Buscava o frasco de água benta.

Willie abriu a porta para ele, e, na entrada, ele olhou para cima, na direção do quarto de Regan. Gritos. Obscenidades. Mas não com a voz grave e reverberante do demônio. Muito mais leve. Rouca. Um

forte sotaque britânico... *Sim!* Era a manifestação que havia aparecido brevemente na última vez em que Karras vira Regan.

Karras olhou para Willie, que esperava. Ela olhava confusa para o colarinho clerical, para os trajes do padre.

— Onde está a sra. MacNeil, por favor?

Willie fez um gesto apontando o andar superior da casa.

— Obrigado.

Karras se aproximou da escada. Subiu. Viu Chris no corredor. Ela estava sentada numa cadeira perto do quarto de Regan, com a cabeça baixa, os braços cruzados diante do peito. Quando o jesuíta se aproximou, ela ouviu o resvalar dos tecidos, virou-se e o viu, rapidamente levantando-se.

— Olá, padre.

Karras franziu o cenho. Havia olheiras azuladas sob os olhos dela.

— A senhora dormiu? — perguntou ele, preocupado.

— Ah, um pouco.

Karras balançou a cabeça.

— Chris.

— Bem, não consegui — disse ela, fazendo um movimento com a cabeça em direção ao quarto de Regan. — Ela passou a noite toda fazendo isso.

— Ela vomitou?

— Não — disse Chris, segurando a manga de sua túnica, como se quisesse levá-lo dali. — Venha, vamos descer para podermos...

— Não, eu gostaria de vê-la — disse Karras com firmeza.

— Agora?

Tem alguma coisa errada aqui, pensou Karras. Chris parecia tensa. Temerosa.

— Por que não? — perguntou ele.

Ela olhou furtivamente para a porta do quarto da menina. Dali de dentro, vinha a voz rouca e irada, com sotaque britânico:

— Maldito nazista! Porco nazista!

Chris olhou para baixo, para os lados e disse:

— Vá em frente. Entre.

— Você tem um gravador aqui na casa? Dos pequenos, portátil — Karras pediu.

Chris olhou para a frente.

— Sim, tenho, padre. Por quê?

— Pode trazê-lo para o quarto com uma fita virgem, por favor?

Abruptamente, Chris franziu o cenho, assustada.

— Para quê? Ei, espere um pouco. O senhor quer gravar Regan?

— É importante.

— De jeito nenhum, padre. Não mesmo!

— Olha, preciso fazer comparações com os padrões de fala — disse Karras. — Isso poderia provar às autoridades da Igreja que sua filha está realmente possuída!

Os dois se viraram ao ouvir a série de obscenidades dirigidas a Karl quando o empregado abriu a porta do quarto de Regan e saiu com uma trouxa de roupas de cama sujas e com fraldas. Pálido, ele fechou a porta, abafando os palavrões.

— Trocou as roupas de cama, Karl? — perguntou Chris.

O empregado olhou de modo assustado para Karras e para Chris.

— Foram trocadas — respondeu ele com seriedade. Virou-se e atravessou o corredor com rapidez, em direção à escada.

Chris ouviu os passos apressados e, quando tudo se silenciou, virou-se para Karras e, com os ombros encolhidos, parecendo desanimada, disse de modo submisso:

— Certo, padre. Providenciarei o gravador e a fita.

De súbito, afastou-se rapidamente pelo corredor.

Karras a observou. *O que ela estava escondendo?*, pensou. Alguma coisa. Notando o repentino silêncio dentro do quarto, aproximou-se da porta, abriu-a, entrou, fechou-a em silêncio e virou-se. Fixou o olhar, horrorizado ao ver a criatura abatida e esquelética na cama, que o observava com olhos repletos de sarcasmo e de ódio e, o mais assustador, com um ar de autoridade.

Karras moveu-se devagar até o pé da cama, onde parou e ouviu o som do expelir das fezes na fralda.

— Olá, Karras — disse Regan, cordial.

— Olá — respondeu o padre com calma. — Como está se sentindo?

— No momento, muito feliz por vê-lo. Sim. Muito contente — disse, e uma comprida língua pilosa saiu de sua boca enquanto os

olhos observavam Karras com insolência explícita. — Está disposto, pelo que posso ver. Muito bem — disse, defecando mais. — Você não se importa com um pouco de mau cheiro, não é?

— Nem um pouco.

— Que mentiroso!

— Você não gosta de mentiras?

— Um pouco.

— Mas o Diabo *gosta* de mentirosos.

— Apenas dos bons, meu caro Karras. Apenas dos bons. Além disso, quem lhe disse que sou o Diabo?

— Não foi *você* mesmo?

— Ah, pode ter dito. Posso, sim. Não estou bem. A propósito, você acreditou em mim?

— Ah, acreditei, sim.

— Então, peço desculpas por tê-lo confundido. Na verdade, sou apenas um pobre demônio. *Um* demônio. Uma distinção sutil, mas que Nosso Pai do Inferno percebe. Que termo ruim, este: Inferno. Sempre falo que devemos pensar em trocá-lo por Dimensão Escocesa, mas ele não parece me dar atenção. Não mencione meu deslize a ele, Karras, certo? Hein? Quando encontrá-lo, digo.

— Quando encontrá-lo? Ele está aqui?

— No chiqueiro? Não tenho essa sorte. Somos apenas uma pobre família de almas ambulantes. Aliás, você não nos culpa por estarmos aqui, certo? Afinal, não temos lugar para onde ir. Não temos casa.

— E quanto tempo pretendem ficar?

Retorcendo o rosto com uma ira repentina, Regan ergueu-se do travesseiro e gritou furiosa:

— *Até a porquinha morrer!* — E, de modo igualmente repentino, voltou a se recostar nos travesseiros com um sorriso afetado, babando, e disse: — Que dia excelente para um exorcismo, aliás.

O livro! Ela deve ter lido isso no livro!

Os olhos sarcásticos estavam firmes.

— Faça isso logo, Karras. Logo.

— Você quer isso?

— Intensamente.

— Mas isso não o tiraria de dentro de Regan?

— Isso nos uniria.

— Você e Regan?

— Você e *nós*, seu idiota. Você e *nós*.

Karras olhou fixamente. Sentiu um frio intenso na nuca e um toque suave. De repente, a sensação desapareceu. *Seria o medo?*, pensou ele. Medo *do quê*?

— Sim, você fará parte de nossa pequena família — Regan continuou. — Sabe, o problema com os sinais no céu é que, depois de vê-los, a pessoa não tem mais desculpa. Você já notou os poucos milagres sobre os quais ouvimos falar nos últimos tempos? Não é *nossa* culpa, Karras. *Nós tentamos!*

Karras virou a cabeça ao ouvir uma batida alta, repentina. Uma gaveta do criado-mudo havia se aberto completamente, e o padre sentiu uma emoção crescente ao vê-la se fechando de forma abrupta. *Pronto! Um acontecimento paranormal que se podia provar!* Com a mesma rapidez, a emoção se desfez como uma casca apodrecida caindo de uma árvore velha, quando o padre se lembrou da psicocinese e de suas diversas explicações naturais. Ao ouvir uma risada baixa e contida, ele se virou para Regan. Ela estava sorrindo.

— Muito agradável conversar com você, Karras — disse ela com a voz gutural. — Eu me sinto livre. Como uma devassa, eu abro minhas grandes asas. Na verdade, posso dizer que isto servirá apenas para aumentar seu sofrimento, meu doutor, meu caro e inglório médico.

— Você fez aquilo? Fez a gaveta do criado-mudo se abrir agora?

A criatura chamada Regan não estava ouvindo. Ela havia olhado na direção da porta, ao ouvir o barulho de alguém se aproximando depressa pelo corredor, e os traços voltaram a mudar, voltando a ser da outra personalidade que havia aparecido antes.

— Maldito idiota! — Ela gritou com a voz rouca e com sotaque britânico. — Bárbaro sacana!

Pela porta, Karl entrou, caminhando rapidamente, segurando o gravador. Sem olhar para a cama, ele o entregou a Karras e, com o rosto pálido, logo saiu do quarto.

— *Para fora*, Himmler! Suma da minha frente! Vá visitar sua filha coxa! Leve *chucrute* a ela! Chucrute e *heroína*, Thorndike! Ela vai

adorar! Com certeza!

Karl havia fechado a porta ao sair, e a criatura dentro de Regan abruptamente se tornou cordial.

— Ah, sim, oi, olá, olá. O que foi? — disse alegremente enquanto observava Karras pousar o gravador sobre uma mesa redonda de canto ao lado da cama. — Vamos gravar alguma coisa, padre? Que divertido! Puxa, adoro essa brincadeira, sabe? Sim, imensamente!

— Que bom! — respondeu Karras, apertando o botão vermelho de gravar com o dedo indicador, o que fez acender uma luzinha vermelha. — Sou Damien Karras, a propósito. E quem é você?

— Está pedindo meus créditos agora, amigo? — disse a criatura, rindo. — Bem, eu interpretei Puck numa peça de teatro da escola. — Olhou ao redor. — Por acaso, posso beber alguma coisa? Estou sedento.

— Se me disser seu nome, tentarei encontrar algo.

— Sim, claro — disse, rindo de novo. — Daí vai beber sozinho, suponho.

— Por que não me diz seu nome? — perguntou Karras.

— Que safado!

Com isso, sua identidade com sotaque britânico desapareceu e foi instantaneamente substituída pela Regan demoníaca.

— E então, o que faremos agora, Karras? Ah, já sei. Estamos gravando. Que esquisito.

Karras aproximou uma cadeira da cama e se sentou.

— Você se importa? — perguntou ele.

— Nem um pouco. Leia seu Milton e você verá que *gosto* de mecanismos infernais. Eles bloqueiam todas aquelas malditas mensagens *dele*.

— “Dele” quem?

A criatura riu alto.

— Aqui está sua resposta.

De repente, um fedor forte envolveu Karras. Era um odor parecido com...

— Chucrute, Karras? Você notou?

Tem cheiro de chucrute, realmente, pensou o jesuíta, maravilhado. Parecia estar vindo da cama, do corpo de Regan, e

desapareceu, substituído pelo fedor de antes. Karras franziu o cenho. *Eu imaginei isso? Foi autossugestão?*

— Quem era a pessoa com quem eu estava falando antes? — perguntou Karras.

— Apenas alguém da família.

— Um demônio?

— Você dá crédito demais. A palavra *demônio* significa “sábio”. Ele é estúpido.

O jesuíta ficou alerta.

— É mesmo? Em qual idioma *demônio* quer dizer “sábio”? — perguntou ele.

— Em grego.

— Você fala grego?

— Muito fluentemente.

Um dos sinais!, pensou Karras com animação. *Falar num idioma desconhecido.* Era mais do que ele esperara.

— *Pos egnokas hoti piesbyteros eimi?* — perguntou ele rapidamente em grego clássico.

— Não estou com vontade agora, Karras.

— Ah, entendo. Então não sabe...

— Eu *disse* que não estou *com vontade*!

Karras desviou o olhar e perguntou de modo delicado:

— Foi você que fez a gaveta se abrir?

— Ah, pode apostar, Karras.

O padre assentiu.

— Que impressionante. Você deve ser um demônio muito poderoso.

— Sou, sim, meu caro. Sou. A propósito, você gosta de ver que eu, às vezes, falo como meu irmão mais velho, Fita Velha? — disse a criatura, soltando uma risada estridente e longa.

Karras esperou o riso diminuir para dizer:

— Sim, acho isso muito interessante, mas vamos falar do truque da gaveta.

— O que tem ele?

— É incrível. Queria que você fizesse de novo.

— Na hora certa.

— Por que não agora?

— Bem, devo dar a você *algum* motivo para duvidar! Sim, apenas o suficiente para assegurar o resultado final. — A personalidade demoníaca riu de modo malicioso. — Ah, que coisa mais diferente atacar por meio da verdade! Sim, “surpreso de alegria”, de fato!

Karras permaneceu olhando, sentindo de novo dedos frios tocarem sua nuca. *Por que sentia medo de novo?*, pensou ele. *Por quê?*

Sorrindo de modo assustador, Regan disse:

— Por minha causa.

Karras olhou para ela, surpreso mais uma vez, e rapidamente afastou o pensamento: *Nesse estado, ela deve estar telepática.*

— Pode dizer o que estou pensando agora, demônio?

— Meu caro Karras, seus pensamentos são chatos demais para entreter.

— Ah, então você *não consegue* ler minha mente. É o que está dizendo?

Regan desviou o olhar, segurando distraidamente o lençol, levantando e abaixando um pequeno cone de tecido.

— Pode pensar o que quiser — disse ela, desanimada —, o que quiser.

Silêncio. Karras escutou o barulho do mecanismo do gravador, a respiração pesada e ruidosa. Pensando que precisava de mais de uma amostra da fala da menina naquele estado, ele se inclinou para a frente, curvando-se, como se estivesse bastante interessado.

— Você é uma pessoa fascinante — disse ele com simpatia.

Regan virou-se para ele e disse com desdém:

— Mentiroso!

— Ah, não, é verdade. Adoraria saber mais de seu passado. Você nunca me disse quem é, por exemplo.

— Você está *surdo*? Eu disse! Sou um demônio!

— Sim, eu sei, mas *qual* demônio? Qual é o seu nome?

— Ah, por que você se importa tanto com um nome, Karras? Mas, tudo bem, pode me chamar de Howdy, se isso fizer com que se sinta mais confortável.

— Ah, claro! Você é o Capitão Howdy, amigo de Regan!

— Um amigo muito *íntimo*, Karras.

— É mesmo? Mas então por que você a atormenta?

— *Porque* sou amigo dela! A porquinha gosta de mim!

— Isso não faz o menor sentido, Capitão Howdy. Por que Regan gostaria de ser atormentada?

— Pergunte a *ela*!

— Você permitiria que ela respondesse?

— Não!

— Bem, então de que serviria perguntar?

— De nada! — disse, e os olhos brilharam com desprezo.

— Quem é a pessoa com quem eu falei antes? — perguntou Karras.

— Vamos, você já me perguntou isso.

— Sim, eu sei, mas você não respondeu.

— É só um outro bom amigo da porquinha.

— Posso falar com essa pessoa?

— Não. Ele está ocupado com a sua mãe. Ela está chupando o pau dele *até o fim*, Karras! Até o *talo*! — Uma risada profunda e baixa, e então: — Uma língua de primeira. Lábios macios.

Karras sentiu a ira tomando conta de si, e percebeu que seu ódio não era direcionado a Regan, mas sim ao demônio. *O demônio!* Tentou controlar-se, respirou fundo e, levantando-se, pegou um frasco fino de vidro de um dos bolsos e o abriu.

Regan olhou para ele com cautela.

— O que é isso em sua mão? — perguntou ela, afastando-se de modo tenso, o olhar apreensivo.

— Você não sabe? É água benta, demônio! — respondeu Karras, e, quando Regan começou a gritar e a lutar para se soltar das amarras, ele começou a lançar gotas da água sobre ela. — Ai, isso queima! Isso queima! — Regan gritou enquanto se remexia, uivando de terror e de dor. — Pare, pare, padre maldito! — disse ela. — Paaare!

Com os olhos inexpressivos, tanto o corpo quanto a alma de Karras começaram a se vergar. Ele parou de espirrar a água e abaixou o braço e a mão que segurava o frasco, lentamente. *Histeria*. *Sugestão. Ela* realmente *leu o livro!* Ele olhou para o gravador, abaixou-o e balançou a cabeça. *Por que se importar?* Agora, ele notava o silêncio, tão abafado, tão profundo, e olhou para Regan, franzindo a testa, perplexo. *O que é isso? O que está*

havendo?, pensou. A personalidade demoníaca havia desaparecido e, em seu lugar, estavam outras características, que eram parecidas, mas, ainda assim, diferentes, com olhos revirando nas órbitas de modo que apenas as partes brancas apareciam. Os lábios se moviam. Um tagarelar intenso. Karras se aproximou da lateral da cama e se inclinou para ouvir. *Não é nada, apenas sílabas sem sentido*, pensou, *e, ainda assim, tem cadência, como um idioma. Seria possível?*, perguntou-se Karras. Esperou. Sentiu um bater de asas no peito. Controlou-se rapidamente. Imobilizou a sensação. *Vamos, não seja um idiota, Damien!*

E mesmo assim...

Ele conferiu o monitor de volume do gravador, girou o botão de amplificação e escutou com atenção, com o ouvido perto dos lábios de Regan, quando o tagarelar cessou e foi substituído por uma respiração pesada, profunda e rouca. Algo novo. Não. *Alguém* novo. Karras se levantou e olhou para Regan, surpreso. Olhos revirando. Cílios em movimento.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Nowonmai — respondeu algo num sussurro doloroso. — Nowonmai. Nowonmai. — A voz sussurrada parecia vinda de longe, de algum espaço escuro e fechado à beira dos mundos, além do tempo, além da esperança, além até do conforto da resignação e do desespero.

Karras franziu o cenho.

— É o seu nome?

Os lábios se mexeram. Sílabas intensas. Lentas. Ininteligíveis.

De modo brusco, elas cessaram.

— Você consegue me entender? — perguntou Karras.

Silêncio. Apenas a respiração, comprida e profunda. O som do sono num respirador de hospital. Karras esperou. Queria mais.

Nada foi dito.

Karras pegou o gravador, observou Regan pela última vez, saiu do quarto e desceu a escada.

Encontrou Chris na cozinha, séria, sentada à mesa com uma xícara de café, conversando com Sharon. Quando viram sua aproximação, as duas mulheres olharam para ele com ansiedade, curiosas.

— Melhor você dar uma olhada em Regan — disse Chris a sua assistente.

— Sim, claro.

Sharon tomou um último gole de café, sorriu brevemente a Karras e saiu. O padre a observou e, quando ela se afastou, sentou-se à mesa. Chris o olhou nos olhos, ansiosa, e perguntou:

— Como foi?

Prestes a responder, Karras hesitou quando Karl entrou silenciosamente e caminhou até a pia para arear as panelas.

— Tudo bem — disse Chris. — Pode falar, padre Karras. O que aconteceu lá em cima? O que o senhor acha?

O padre uniu as mãos sobre a mesa.

— Há duas personalidades — disse ele. — Uma que nunca vi antes e outra que eu já posso ter visto. Um adulto, homem. Parece britânico. É alguém que a senhora conheça?

— Isso é importante?

Mais uma vez, Karras notou certa tensão no rosto de Chris.

— Sim, creio que sim — disse ele. — É muito importante.

Chris olhou para a xícara de porcelana azul sobre a mesa. E disse:

— Sim, eu o conhecia.

— Conhecia?

Chris olhou para ele e disse baixinho:

— Burke Dennings.

— O diretor?

— Sim.

— O diretor que...

— Sim.

Pensando na resposta, Karras olhou para as mãos dela. O dedo indicador esquerdo de Chris tremia levemente.

— Tem certeza de que não quer café ou qualquer outra coisa, padre? — disse.

Karras olhou para ela.

— Não, não quero. Obrigado. — Apoiando os braços cruzados sobre a mesa, ele se inclinou para a frente. — Regan o conhecia?

— Burke?

— Sim. Dennings.

— Bem...

Um barulho repentino, alto. Assustada, Chris se retraiu e viu que Karl havia derrubado uma travessa no chão; ao abaixar-se para pegá-la, ele voltou a derrubá-la.

— Meu Deus, Karl!

— Perdão, senhora! Perdão!

— Vá, saia daqui, Karl! Vá descansar! Vá ao cinema ou algo assim!

— Não, senhora, talvez seja melhor se...

— Karl, estou falando sério! — disse Chris com rispidez. — Saia! Saia da casa por um tempo! *Todos nós* precisamos começar a sair daqui. *Vá!*

— Sim, vá! — Willie repetiu ao entrar na cozinha e tirar a travessa da mão de Karl. Ela o empurrou com irritação em direção à despensa.

Karl olhou brevemente para Karras e Chris, e saiu.

— Sinto muito, padre — Chris murmurou. Ela pegou um cigarro. — Ele tem passado por coisas horríveis ultimamente.

— A senhora estava certa — disse Karras com gentileza. Pegou uma caixa de fósforos. — Vocês *todos* devem fazer um esforço de sair de casa. — Ele acendeu o cigarro, balançou o fósforo e o colocou num cinzeiro, e concluiu: — A senhora também.

— Sim, eu sei. E então, a criatura Burke, ou seja lá o que for, o que ela disse? — perguntou Chris, observando o padre com atenção.

Karras deu de ombros.

— Apenas obscenidades.

— Só isso?

O padre percebeu o medo discreto no tom de voz dela.

— Basicamente — disse ele. E passou a falar mais baixo: — Por acaso, Karl tem uma filha?

— Uma filha? Não. Não que eu saiba. Se ele tem, nunca me contou.

— A senhora tem certeza?

Chris virou-se para Willie, que estava esfregando a pia.

— Willie, vocês não têm uma filha, certo?

Willie manteve-se firme e respondeu:

— Tivemos, senhora, mas ela morreu há muito tempo.

— Ah, sinto muito, Willie.

— Obrigada.

Chris virou-se para Karras.

— É a primeira vez que escuto isso — disse ela. — Por que pergunta? Como sabia?

— Regan comentou.

Chris olhou para ele incrédula e sussurrou:

— *O quê?*

— Ela comentou. Ela nunca demonstrou sinais de... bem... percepção extrassensorial?

— Percepção extrassensorial, padre?

— Sim.

Hesitante, Chris desviou o olhar e franziu o cenho.

— Não sei. Não tenho certeza. Bem, muitas vezes ela parece estar pensando as mesmas coisas que *eu* estou pensando, mas isso não acontece com pessoas próximas?

Karras assentiu e disse:

— Sim, sim, acontece. Mas essa outra personalidade, a terceira que mencionei... Foi esta que apareceu quando ela foi hipnotizada?

— A que fala bobagens?

— Exato. Quem é?

— Não sei.

— Não é nem um pouco familiar?

— Não, nem um pouco.

— A senhora providenciou os relatórios médicos de Regan?

— Vão chegar à tarde. Estão vindo diretamente para o senhor, padre. Só assim consegui liberá-los, e mesmo assim precisei brigar.

— Sim, pensei que fosse haver problemas.

— Houve. Mas estão chegando.

— Ótimo.

Cruzando os braços, Chris se recostou na cadeira e olhou para Karras com seriedade.

— Certo, padre, como está a situação agora? Qual é a conclusão?

— Bem, sua filha...

— Não, o senhor sabe o que quero dizer — Chris o interrompeu. — Estou falando sobre a permissão para realizar o exorcismo.

Karras olhou para baixo e balançou a cabeça devagar.

— Não tenho muita esperança de conseguir convencer o bispo.

— O que quer dizer com “não tenho muita esperança”? Por quê?

Karras enfiou a mão no bolso, tirou um frasco de água benta e o mostrou a Chris.

— Está vendo isto? — perguntou ele.

— O que é que tem?

— Eu disse à Regan que era água benta — disse Karras delicadamente —, e quando comecei a espirrar a água nela, ela reagiu de modo muito violento.

— Ah, padre. Isso é bom, não é?

— Não. Não se trata de água benta. É apenas água da torneira.

— E daí? Qual é a diferença, padre?

— A água benta é abençoada.

— Bem, fico feliz, padre! De verdade! — respondeu Chris com frustração e irritação crescentes. — Então talvez alguns demônios sejam burros!

— A senhora realmente acredita que há um demônio dentro dela?

— Acredito que exista *algo* dentro dela que está tentando matá-la, e o fato de ele discernir ou não mijo de refrigerante não tem nada a ver com isso. Você não acha, padre Karras? Sinto muito, mas o senhor pediu a minha opinião! — Chris apagou o cigarro no cinzeiro com irritação. — Então, o que o senhor está me dizendo agora... Não haverá exorcismo?

— Veja, acabei de começar a estudar esse caso — respondeu ele, começando a igualar o tom com o de Chris. — Mas a Igreja tem critérios que precisam ser satisfeitos, e por motivos muito bons, como para não fazer mais mal do que bem, e também para tentar afastar o lixo supersticioso que as pessoas têm jogado em nós, ano após ano! Posso citar os “padres que levitam”, por exemplo, e as estátuas da Virgem Maria que supostamente choram sangue nas sextas-feiras santas e nos dias santos. Acho que consigo viver sem contribuir para isso!

— Quer um pouco de Librium, padre?

— Sinto muito, mas a senhora pediu a minha opinião.

— Acho que entendi.

Karras pegou o maço de cigarros.

— Eu também — disse Chris.

Karras ofereceu o maço à atriz, que pegou um cigarro; o padre acendeu os dois e, juntos, ambos tragaram e soltaram a fumaça com sopros audíveis de alívio pela volta da calma e da tranquilidade.

— Sinto muito — disse Karras, olhando para a mesa.

— Sim, esses cigarros sem filtro vão matá-lo.

Depois disso, fez-se silêncio; Chris olhou para o lado e, através de uma janela que ia do chão ao teto, viu o trânsito na Key Bridge. Ouviu o som de algo batendo suave e intermitentemente. Chris virou-se e viu Karras olhando para o maço de cigarro enquanto o girava sobre a mesa. De repente, ele olhou para a frente e viu os olhos úmidos e exigentes de Chris.

— Certo, ouça — disse ele. — Direi os sinais que a Igreja pode aceitar para autorizar um rito formal de exorcismo.

— Sim, ótimo. Quero saber.

— Um deles é falar num idioma que a pessoa não conhecia antes, que nunca tenha estudado. Estou analisando esse sinal. Veremos. Depois, temos a clarividência, ainda que hoje em dia talvez seja descartada como telepatia ou percepção extrassensorial.

— O senhor *acredita* nessas coisas?

Karras a observou, sua careta de descrença, seu cenho franzido. Ela estava falando a sério, concluiu ele.

— É inegável hoje em dia — disse ele —, mas, como eu disse, não é tão sobrenatural assim.

— Por favor!

— Bem, a senhora tem um lado cético.

— Quais são os outros sintomas?

— Bem, o maior que a Igreja pode aceitar é, como eles dizem, “poderes além da habilidade e da idade dela”. É uma descrição bem abrangente. Significa qualquer coisa inexplicavelmente paranormal ou oculta.

— É mesmo? Bem, então o que me diz daquelas batidas na parede e da maneira com que ela se debatia na cama?

— Isso, por si só, não significa nada.

— Certo, e aquelas coisas na pele dela, então?

— Que coisas?

— Não contei ao senhor?

— Contou o quê?

— Bem, aconteceu na clínica Barringer — Chris explicou. — Havia... bem... — Ela passou um dedo no peito. — Alguns escritos. Apenas letras. Elas apareciam no peito e desapareciam, de repente.

Karras franziu o cenho.

— A senhora disse “letras”. Não palavras?

— Não, não palavras. Apenas um *M* uma ou duas vezes. E um *L*.

— E a senhora *viu* isso? — perguntou Karras a ela.

— Bem, não, mas me contaram.

— *Quem* contou?

— Os médicos da clínica, droga! — disse Chris com irritação. — Enfim, sinto muito. O senhor verá nos registros. É verdade.

— Mas isso também poderia ser um fenômeno natural.

— Onde? Na Transilvânia? — disse Chris, alterando-se de novo, incrédula.

Karras balançou a cabeça.

— Veja, já encontrei casos assim nas publicações e o bispo pode usar isso contra nós. Houve um, eu me lembro, no qual um psiquiatra disse que um paciente, um dos internados, conseguia entrar em estado autoinduzido de transe e fazer os símbolos do zodíaco em sua pele. — Ele fez um gesto no próprio peito. — Fazia a pele subir.

— Minha nossa! O senhor não acredita mesmo em milagres, não é?

— O que posso dizer à senhora? Fizeram um experimento no qual a pessoa foi hipnotizada, colocada em transe. Incisões cirúrgicas foram feitas nos dois braços. Disseram à pessoa que o braço esquerdo iria sangrar, mas que o direito não iria. Bem, o braço esquerdo sangrou e o direito, não.

— Uau!

— Sim, uau! O poder da mente controlou o fluxo de sangue. Como? Não se sabe. Mas acontece. Em casos de estigmas, como aquele do paciente que mencionei, ou talvez até de Regan, a mente

inconsciente controla o diferencial de fluxo de sangue para a pele, enviando mais às partes que quer levantar. Então, formam-se letras, ou imagens, talvez até palavras. É misterioso, mas não sobrenatural.

— O senhor é um sujeito muito complicado, padre Karras, sabia disso?

— Não sou eu quem determina as regras.

— Bem, o senhor se dedica a reforçá-las.

Pensativo, o padre abaixou a cabeça e tocou os lábios com a ponta do polegar. Abaixou a mão e olhou para Chris.

— Ouça, talvez isso a ajude a entender — disse ele lenta e delicadamente. — A igreja, não eu, a Igreja, certa vez, publicou um aviso a possíveis exorcistas. Eu o li ontem à noite. Dizia que a maioria das pessoas que pensam estar possuídas ou que outros *consideram* possuídas, e agora direi tal como está escrito, “precisa muito mais de um médico do que de um padre”. A senhora consegue adivinhar quando esse alerta foi publicado?

— Não. Quando?

— No ano 1583.

Chris olhou para ele surpresa, mas desviou o olhar e disse:

— Sim, esse ano foi bem infernal. — Ela ouviu o padre se levantando da cadeira.

— Vou esperar para conferir os relatórios da clínica — disse ele —, e, enquanto isso, levarei a carta de Regan ao pai e a fita que acabei de gravar para o Instituto de Idiomas e Linguística da universidade de Georgetown. Pode ser que as palavras ditas sejam um idioma. Duvido. Mas pode ser. Enquanto isso, pode haver muita coisa a se comparar no padrão de fala de Regan em estado normal com o que acabei de gravar. Se forem a mesma coisa, você saberá com certeza que ela não está possuída.

— E depois disso? — perguntou Chris.

O padre olhou nos olhos dela. Eles expressavam grande tumulto. *Meu Deus*, pensou Karras, *ela está preocupada com o fato de a filha* não *estar possuída!* A sensação irritante de que havia um problema ainda mais profundo, algo escondido, retornou:

— Posso pegar seu carro emprestado por um tempo? — perguntou ele.

Chris desviou o olhar de maneira inexpressiva.

— O senhor poderia pegar minha *vida* emprestada por um tempo. Devolva-o até quinta-feira. Nunca se sabe. Pode ser que eu precise dele.

Retraindo-se, Karras olhou para ela, a cabeça baixa e indefesa. Desejou poder segurar a mão de Chris e dizer que tudo ficaria bem. Mas não podia. Não acreditava que as coisas ficariam bem.

— Vou buscar as chaves — disse Chris, levantando-se.

Ela se afastou desanimada.

Karras voltou para seu quarto no centro de residência, onde deixou o gravador de Chris, pegou a fita com a gravação de Regan e voltou para a rua, que atravessou até chegar ao carro de Chris, estacionado. Enquanto se acomodava no banco do motorista, ouviu Karl Engstrom chamando da porta da casa de Chris:

— Padre Karras!

O padre olhou. Karl estava correndo em direção a ele. Vestia uma jaqueta preta de couro e acenava.

— Padre Karras, só um momento, por favor! — Ele chamou enquanto corria até o carro de Chris.

Karras se inclinou e desceu o vidro do lado do passageiro, onde Karl se abaixou para olhar para o padre e perguntar:

— Para que direção vai, padre Karras?

— Para DuPont Circle.

— Ah, sim, que bom! Pode me deixar lá, padre? O senhor se importaria?

— Fico feliz em fazer isso, Karl. Entre.

— Agradeço, padre!

Karl entrou e fechou a porta. Karras ligou o carro.

— A sra. MacNeil está certa, Karl — disse ele. — Você faz bem em sair.

— Sim, eu acho que sim. Vou ver um filme, padre.

— Perfeito.

Karras engatou a primeira marcha e partiu com o carro.

Durante um tempo, eles permaneceram em silêncio. Karras estava preocupado, procurando respostas. *Possessão? Impossível! A água benta!*

Mas ainda assim...

— Karl, você conhecia o sr. Dennings muito bem?

Remexendo-se com firmeza e olhando resoluto através do vidro da frente, Karl disse:

— Sim. Sim, eu o conheço.

— Quando Regan... Quero dizer, quando ela parece ser Dennings... Você tem a impressão de que ela realmente *é* ele?

Silêncio desconfortável.

E então, uma resposta simples e inexpressiva:

— Tenho.

— Entendo — Karras murmurou, assentindo.

Depois disso, eles não conversaram mais, até chegarem a DuPont Circle, onde pararam num semáforo. Karl abriu a porta.

— Fico aqui, padre Karras.

— É mesmo? Aqui?

— Sim, daqui eu pego o ônibus. — Ele saiu do carro e, com uma das mãos segurando a porta aberta, inclinou-se e disse: — Obrigado, padre Karras. Muito obrigado.

— Tem certeza de que não quer que eu o leve até lá? Tenho tempo.

— Não, não, padre. Aqui está bom! Muito bom!

— Tudo bem, então. Bom filme.

— Obrigado, padre!

Karl fechou a porta e ficou de pé na calçada, onde esperou o semáforo ficar verde. Quando Karras se afastou, ele ficou observando o Jaguar vermelho desaparecer ao dobrar a esquina da avenida Massachusetts. Karl olhou para o semáforo, agora vermelho, e correu em direção a um ônibus que partia do ponto. Ele entrou, pegou outro ônibus e finalmente desembarcou num ponto a nordeste da cidade, onde caminhou por mais três quarteirões e entrou num prédio antigo. No começo de uma escada escura, ele parou, sentiu aromas acres vindo de cozinhas, ouviu o choro baixo de um bebê vindo de algum andar de cima enquanto uma barata saía correndo em ziguezague de um rodapé; naquele momento, o corpo do corajoso empregado pareceu se retrair e perder o vigor. Recompondo-se, ele subiu a escada, apoiou a mão no balaústre e lentamente começou a subir os degraus de madeira, velhos e rangentes. Para ele, cada passada tinha o som de uma repreensão.

No segundo andar, Karl caminhou até uma porta num corredor soturno, e se deteve ali por um momento, com a mão no batente. Olhou para a janela: tinta descascada, pichações; *Petey e Charlotte* num garrancho feito a lápis e, abaixo dele, uma data e um desenho de um coração dividido por uma linha fina e torta de gesso rachado. Karl apertou a campainha e esperou, de cabeça baixa. De dentro do apartamento, ele ouviu o rangido de molas da cama. Murmúrios. Alguém se aproximou com um som irregular — o arrastar de um sapato ortopédico. De repente, a porta se entreabriu, a corrente da trava de segurança se esticou totalmente, e uma mulher com um travesseiro envolto numa manchada fronha cor-de-rosa espiou pela abertura, com um cigarro pendurado no canto da boca.

— Ah, é você — disse ela com rouquidão. Ela soltou a corrente.

Karl olhou para seus olhos sérios, poços de dor e de culpa. Analisou os lábios tortos e dissolutos e o rosto afetado, com a juventude e a beleza enterradas vivas em milhares de quartos de motel, em milhares de noites maldormidas, das quais se acordava com um grito abafado diante da graça rememorada.

— Vamos, diz pr'ele se mandar!

Uma voz rouca de um homem vinda de dentro do apartamento.

Enrolada. O namorado.

A menina virou a cabeça.

— Cala a boca, idiota, é o pai! — Ela o repreendeu e se virou de novo para Karl. — Olha, ele está bêbado, pai. Melhor você não entrar.

Karl assentiu.

Os olhos fundos da menina se voltaram para a mão dele quando Karl pegou a carteira no bolso de trás da calça.

— Como está a mãe? — perguntou ela, tragando o cigarro, com os olhos fixos nas mãos que vasculhavam a carteira, nas mãos que contavam notas de dez dólares.

— Ela está bem — disse Karl, assentindo com tensão. — Sua mãe está bem.

Quando entregou o dinheiro a ela, a menina começou a tossir sem parar. Levou uma das mãos à frente da boca.

— Malditos cigarros! — Ela reclamou. — Preciso parar, inferno!

Karl olhou para as cicatrizes em seu braço, sentiu as notas escorregarem de seus dedos.

— Valeu, pai.

— Caramba, depressa com isso! — O namorado de dentro gritou.

— Olha, pai, melhor acabarmos logo com isso. Tá? Você sabe como ele fica de vez em quando.

— Elvira...! — Karl, de repente, enfiou a mão pela abertura da porta e segurou o braço dela. — Agora tem uma clínica em Nova York! — Ele sussurrou, implorando a ela, que fazia uma careta e se esforçava para se livrar de Karl.

— Pai, solta!

— Vou mandar você para lá! Eles vão ajudar você! Você não vai para a prisão! É...

— Caramba, pai! Deixa disso! — Elvira gritou ao se livrar.

— Não, não, por favor!

A filha bateu a porta.

De pé, em silêncio e sem se mover naquela tumba úmida e toda pichada de suas esperanças, o empregado suíço manteve o olhar perdido durante longos minutos, até lentamente abaixar a cabeça, pesaroso.

De dentro do apartamento, ele conseguiu ouvir uma conversa abafada que terminava com uma risada cínica e ressoante de uma mulher, seguida por um acesso de tosse. Karl se virou.

E sentiu um choque repentino.

— Talvez possamos conversar agora — disse Kinderman, sem fôlego, com as mãos nos bolsos do casaco, os olhos tristes. — Sim, acho que podemos conversar agora.

CAPÍTULO DOIS

Karras colocou uma fita num compartimento vazio sobre a mesa do escritório de Frank Miranda, o diretor rechonchudo e de cabelos grisalhos do Instituto de Idiomas e Linguística. Depois de editar partes das duas fitas em compartimentos separados, Karras ligou o gravador, e os dois escutaram com fones de ouvido a voz irada vociferando coisas sem sentido. Quando terminou, Karras escorregou o fone para os ombros e perguntou:

— Frank, o que *é* isto? Poderia ser um idioma?

Também sem o fone de ouvido, Miranda estava sentado à beira de sua mesa, com os braços cruzados, olhando para o chão e franzindo o cenho, confuso.

— Não sei — disse ele, balançando a cabeça. — Muito estranho. — Ele olhou para Karras. — Onde conseguiu isso?

— Estou trabalhando num caso de dupla personalidade.

— Está brincando? Um padre?

— Não posso contar.

— Sim, claro. Eu compreendo.

— Bem, e quanto a isso, Frank? O que você acha?

Olhando para o nada, Miranda tirou seus óculos de leitura de aros grossos, fechou-os distraidamente e os colocou dentro do bolso da lapela de seu blazer.

— Não, não é um idioma que *eu* conheça — disse ele. — Mas... — Franzindo o cenho levemente, olhou para Karras. — Quer tocar de novo?

Karras rebobinou a fita, tocou-a de novo, desligou o gravador e perguntou:

— Alguma ideia?

— Bem, devo dizer que tem cadência.

O jesuíta sentiu uma pontada de esperança, o que iluminou seus olhos por um instante; o brilho diminuindo ao combater a esperança.

— Mas não o reconheço, padre — disse ele. — É antigo ou moderno?

— Não sei.

— Bem, por que não deixa isso comigo? Posso conferir com mais cuidado com alguns dos rapazes. Talvez um deles saiba do que se trata.

— Poderia, por gentileza, fazer uma cópia dela, Frank? Gostaria de manter o original.

— Ah, sim, claro.

— Enquanto isso, tenho outra fita. Você tem tempo?

— Sim, claro. Uma fita de quê?

— Deixe-me perguntar algo antes.

— Claro. O que é?

— Frank, e se eu desse a você amostras de discursos comuns de duas pessoas diferentes, aparentemente? Você poderia me dizer, por meio de uma análise semântica, se uma única pessoa seria capaz de realizar os dois modos de discurso?

— Ah, acho que sim. Sim, com certeza. Uma avaliação “tipo-símbolo” seria uma boa maneira de descobrir isso, e, com amostras de mil palavras ou mais, seria possível conferir apenas a frequência da ocorrência das diversas partes do discurso.

— E você consideraria isso conclusivo?

— Sim. Veja, esse tipo de teste descartaria qualquer mudança no vocabulário básico. Não são as palavras, mas a *expressão* das palavras, o estilo. Nós chamamos isso de “índice de diversidade”. Muito confuso para o leigo, o que, claro, é o que desejamos. — O diretor sorriu de modo seco. Em seguida, assentiu em direção à fita nas mãos de Karras. — Então, a voz dessa outra pessoa está sobre aquela outra?

— Não é bem isso.

— Não é bem isso?

— As vozes e as palavras das duas fitas foram ditas por uma única pessoa.

O diretor ergueu as sobrancelhas.

— Pela *mesma* pessoa?

— Sim. Como eu disse, é um caso de dupla personalidade. Pode compará-los para mim, Frank? Quero dizer, as vozes parecem totalmente diferentes, mas ainda gostaria de ver o que uma análise comparativa pode mostrar.

O diretor se mostrou intrigado, até satisfeito. E disse:

— Fascinante! Sim. Sim, faremos a análise. Estou pensando que talvez eu a dê ao Paul, meu principal instrutor. Uma mente brilhante. Acredito que ele sonhe em “códigos” indígenas.

— Mais um favor. Muito importante.

— Qual?

— Preferiria que você mesmo fizesse a comparação.

— É mesmo?

— Sim. E o mais depressa possível. Há como?

O diretor percebeu a urgência na voz e nos olhos de Karras.

— Tudo bem — disse ele, assentindo. — Vou cuidar disso.

Ao voltar para seu quarto no centro de residência jesuíta, Karras encontrou uma mensagem que havia sido deixada embaixo da porta: os relatórios de Regan, feitos pela clínica Barringer, haviam chegado. Karras foi até a recepção, assinou para pegar o pacote, e voltou ao quarto, sentou-se a sua mesa e começou a ler sem parar. Mas, no fim, enquanto lia a conclusão da equipe psiquiátrica da clínica, sua ansiedade e sua esperança haviam se transformando em decepção e em derrota: “...indícios de obsessão pela culpa resultando em sonambulismo histérico...” Sentindo que não precisava continuar a leitura, parou, apoiou os cotovelos na mesa e, suspirando, cobriu o rosto com as mãos. *Não desista. Há espaço para a dúvida. Interpretação.* Mas quanto aos estigmas na pele de Regan, que, de acordo com os relatórios, tinham ocorrido várias vezes enquanto a menina permanecera em observação na Barringer, o resumo da análise afirmava que Regan tinha pele hiper-reativa e poderia, sozinha, ter produzido as letras misteriosas riscando-as na pele com um dedo um pouco antes do aparecimento delas, por meio de um processo conhecido como dermatografia, uma teoria suportada pelo fato de que, assim que as mãos dela tinham sido imobilizadas por amarras, o fenômeno misterioso desapareceu.

Karras levantou a cabeça e olhou para o telefone. Frank. Será que havia, de fato, necessidade de realizar uma comparação das vozes nas fitas? Deveria ele telefonar e pedir para que não fizesse nada? *Sim, eu deveria fazer isso*, concluiu o padre. Pegou o telefone. Discou. Ninguém atendeu. Deixou um recado para que o diretor do instituto telefonasse e, exausto, levantou-se e caminhou lentamente até o banheiro, onde jogou água fria no rosto. "*O exorcista deve tomar cuidado para que nenhuma das manifestações do paciente passe sem explicação*." Karras olhou para o próprio rosto no espelho, com preocupação. Havia deixado algo escapar? *O quê? O cheiro de chucrute?* Virou-se, puxou uma toalha do porta-toalhas e secou o rosto. Não, a autossugestão justificaria isso, ele se lembrou, assim como os relatórios que expunham que, em certos momentos, os doentes mentais pareciam capazes de direcionar seu corpo de modo inconsciente para emitir uma variedade de odores.

Karras secou as mãos. As batidas. As gavetas se abrindo e fechando. Isso seria a psicocinese? De verdade? "*O senhor acredita nessas coisas?*" De súbito, consciente de que não estava pensando com clareza, Karras voltou a pendurar a toalha. *Cansado. Cansado demais*. Mas seu ser recusava-se a desistir, a entregar aquela criança a teorias e a especulações tortuosas, à história sangrenta de traições da mente humana.

Ele saiu do centro de residência e subiu rapidamente a rua Prospect, até as paredes de pedra da biblioteca Lauinger da universidade de Georgetown. Entrou no recinto e procurou no *Guia de literatura periódica*, correndo um dedo por assuntos que começavam com a letra *P*, e, quando encontrou o que procurava, sentou-se a uma mesa comprida de carvalho com uma publicação científica que continha um artigo a respeito do fenômeno *poltergeist*, escrito pelo famoso psiquiatra alemão, dr. Hans Bender. *Sem dúvida*, concluiu o jesuíta quando terminou de ler o texto: depois de anos sendo documentado, filmado e observado em clínicas psiquiátricas, o fenômeno psicocinético era real. *Havia um porém!* Em nenhum dos casos relatados no artigo havia uma conexão com a possessão demoníaca. Em vez disso, a hipótese favorita para explicar o fenômeno era a "energia direcionada pela mente", inconscientemente produzida, e geralmente — e de modo

significativo, percebeu Karras — por adolescentes em estágios de "tensão, ira e frustração internas extremamente altas".

Karras passou os dedos devagar nos cantos dos olhos úmidos e cansados, e, ainda sentindo-se negligente, repassou os sintomas de Regan, tocando em cada um deles como um menino que derruba todos os dominós de uma fila. Karras queria saber qual sintoma havia deixado de abordar.

Nenhum, concluiu ele com desânimo.

Ele caminhou de volta à casa de Chris MacNeil, onde Willie o atendeu e permitiu sua entrada até o escritório, que estava fechado. Willie bateu à porta.

— É o padre Karras — disse ela, e de lá de dentro Karras escutou um abafado "Entre".

O padre entrou e fechou a porta em seguida. De costas para ele, Chris mantinha o cotovelo apoiado sobre o balcão e a testa sustentada na mão. Sem se virar, ela o cumprimentou:

— Olá, padre. — Com a voz rouca, porém baixa e desesperada.

Preocupado, o padre se aproximou.

— A senhora está bem?

— Sim, padre. Estou, sim.

Karras franziu o cenho, cada vez mais apreensivo: a voz de Chris estava tensa, e a mão com que ela cobria o rosto tremia. Abaixando o braço, ela se virou e olhou para o padre, revelando um rosto banhado em lágrimas, os olhos vermelhos.

— Como estão as coisas? — perguntou ela. — Quais são as novidades?

Karras a observou antes de responder.

— Bem, a última notícia é que analisei os registros da clínica Barringer e...

— Sim? — perguntou Chris, tensa.

— Bem, eu acredito...

— Em que o senhor acredita, padre Karras? Em quê?

— Bem, minha opinião sincera neste momento é que Regan se beneficiaria mais com um intenso cuidado psiquiátrico.

Chris olhou para Karras sem nada dizer e com os olhos um pouco mais arregalados enquanto balançava a cabeça, recusando aceitar.

— De jeito nenhum!

— Onde está o pai dela? — perguntou Karras.

— Na Europa.

— A senhora contou a ele o que está acontecendo?

— Não.

— Bem, acho que ajudaria se ele estivesse aqui.

— Ouça, nada vai ajudar, a menos que seja algo *diferente*! — respondeu Chris com a voz alta e vacilante.

— Acredito que a senhora deveria chamá-lo.

— *Por quê?*

— Seria...

— Pedi ao senhor que *tirasse* um demônio, inferno, não que *trouxesse* um! — Chris gritou, seus traços contorcidos pela angústia. — O que houve com o exorcismo, de uma hora para outra?

— Veja...

— O que diabos eu posso querer com *Howard*?

— Podemos falar sobre isso mais tarde, quando...

— Vamos conversar *agora*, caramba! Que diabos *Howard* faria de bom neste momento?

— Bem, existe uma grande probabilidade de que o distúrbio de Regan tenha raízes em sua culpa por...

— Culpa pelo *quê*? — Chris gritou com os olhos arregalados.

— Poderia...

— Pelo *divórcio*? Toda aquela *bobagem* psiquiátrica?

— Veja...

— Regan sente culpa porque ela *matou Burke Dennings*! — Chris vociferou, pressionando as têmporas com seus punhos. — Ela *o matou*! Ela o matou e será internada. Ela será internada! Ah, meu Deus, ah, meu...

Karras a segurou quando ela se encolheu, soluçando, e a levou em direção ao sofá.

— Está tudo bem — dizia ele baixinho —, está tudo bem.

— Não, eles vão... interná-la. — Chris não parava de soluçar. — Eles vão... vão...!

— Está tudo bem.

Karras acalmou Chris e a ajudou a se deitar no sofá, e então se sentou na beirada e segurou sua mão. Os pensamentos não

paravam. Pensou em Kinderman. Em Dennings. Em Chris soluçando. Irrealidade.

— Está tudo bem... Está tudo bem.. Calma... Vai ficar tudo bem...

Em pouco tempo, o choro diminuiu e ele a ajudou a se sentar. Trouxe água e uma caixa de lenços que ele havia encontrado numa estante atrás do bar, e se sentou ao lado dela.

— Ah, estou feliz — disse Chris, assoando o nariz.

— A senhora está *feliz*?

— Sim, estou feliz por ter colocado isso para fora.

— Ah, bem, sim. Sim, sim, isso é bom.

E agora, mais uma vez, o peso recaía nos ombros do jesuíta. *Chega! Não diga mais nada!*, tentou alertar a si mesmo. No entanto, perguntou a Chris:

— Quer dizer mais alguma coisa?

Chris assentiu, sem nada dizer.

— Sim, sim, quero — disse ela, desanimada. Secou um dos olhos e começou a falar de modo entrecortado, em espasmos: a respeito de Kinderman; a respeito das faixas estreitas cortadas das bordas do livro de bruxaria e da certeza que tinha de que Dennings estivera no quarto de Regan na noite de sua morte; da força anormal da menina e do fato de Chris acreditar ter visto a personalidade de Dennings quando a filha virou completamente a cabeça para trás. Ao terminar, exausta, ela esperou pela reação de Karras, e, quando ele estava prestes a dizer o que pensava, ele olhou para a expressão suplicante de seus olhos.

— A senhora não pode ter *certeza* de que ela fez isso — disse ele.

— Mas e a cabeça virada, como a de Burke? E as coisas que ela diz?

— A senhora tinha acabado de bater a cabeça com força na parede — respondeu Karras. — Estava em choque. Deve ter imaginado isso.

Mantendo o olhar inexpressivo nos olhos de Karras, Chris disse baixinho:

— Não. Foi Burke que disse que ela fez isso. Ela o empurrou da janela e o matou.

Momentaneamente abalado, o padre permaneceu olhando para ela sem qualquer expressão, mas voltou a se recompor.

— A mente de sua filha está perturbada — disse ele —, por isso as frases dela não significam nada.

Chris abaixou a cabeça e a balançou.

— Não sei — disse ela, quase sem ser ouvida. — Não sei se estou fazendo o que é certo. Acredito que ela fez isso e que talvez pudesse matar mais alguém. Não sei. — Ela olhou desesperançosa para Karras e, num sussurro rouco, perguntou: — O que devo fazer?

Karras se retraiu por dentro. O peso agora era concreto, que, ao secar, havia se moldado a suas costas.

— A senhora já fez o que deveria fazer — disse ele. — Já contou a alguém, Chris. Já contou para *mim*. Então deixe que eu decida o melhor a fazer. Pode fazer isso, por favor? Deixe comigo.

Secando um dos olhos com as costas da mão, Chris assentiu e disse:

— Sim, sim, claro. Isso seria o melhor. — Tentando sorrir, ela disse sem ânimo: — Obrigada, padre. Muito obrigada.

— Está se sentindo melhor agora?

— Sim.

— Pode me fazer um favor?

— Claro, qualquer coisa. O que é?

— Saia de casa e vá ver um filme.

Por um momento, Chris olhou para ele sem qualquer expressão, depois sorriu e balançou a cabeça.

— Detesto filmes.

— Então vá visitar um amigo.

Chris o observou com ternura.

— Tenho um amigo bem aqui.

— Pode apostar. Descanse um pouco. Promete?

— Sim, prometo.

Karras pensou em algo, outra pergunta:

— A senhora acha que Dennings levou o livro para o andar de cima ou o volume já estava lá?

— Acredito que já estava lá.

Olhando para o lado, Karras assentiu.

— Compreendo — disse ele discretamente. E levantou-se abruptamente. — Bem, certo. A senhora precisa do carro de volta?

— Não, pode ficar com ele.

— Certo. Voltarei mais tarde.

Abaixando a cabeça, Chris respondeu:

— Tudo bem.

Karras saiu da casa e foi para a rua com pensamentos tomando sua mente. Regan matara Dennings? Que loucura! Ele a imaginou lançando-o pela janela do quarto na escadaria comprida e íngreme, rolando, caindo sem parar até que seu mundo chegasse a um fim repentino. *Impossível!*, pensou Karras. *Não!* E, ainda assim, Chris estava praticamente convicta de que era o que havia acontecido. Histeria dela! *E é exatamente o que é!*, tentou dizer a si mesmo. *Não passa de imaginação histérica!* E ainda assim...

Karras perseguiu certezas como se fossem folhas caídas numa ventania.

Enquanto passava pela escadaria ao lado da casa, Karras ouviu um som vindo de baixo, perto do rio; parou e olhou na direção do Canal C&O. Uma gaita. Alguém tocando “Red River Valley”, a canção favorita do jesuíta desde sua juventude. Ele parou e ficou ouvindo até o semáforo ficar verde e a melodia melancólica ser abafada pelo barulho do tráfego recomeçando na rua M, estilhaçada rudemente por um mundo que estava agora, naquele momento, em meio à tormenta, pingando sangue na fumaça dos escapamentos, enquanto gritava por socorro. Olhando para a escada, Karras enfiou as mãos nos bolsos, pensando mais uma vez no dilema de Chris MacNeil e de Regan e em Lucas chutando o cadáver de Tranquille. Devia fazer algo. O quê? Podia tentar fazer melhor do que os médicos na Barringer? “*Ah, o senhor é mesmo um padre ou é um ator?*” Karras assentiu de modo distraído, lembrando-se do caso de possessão de um francês chamado Achille, que, assim como Regan, havia dito ser um demônio, e, como Regan, seu distúrbio estava ligado à culpa, no caso dele, ao remorso por ter sido infiel em seu casamento. A grande psicóloga Janet havia realizado uma cura sugerindo, de modo hipnótico, a presença da esposa, que apareceu diante dos olhos alucinados de Achille e o perdoou solenemente. Karras assentiu. Sim, a sugestão *poderia* funcionar para Regan.

Mas não por meio da hipnose. Eles haviam tentado a hipnose na Barringer. A sugestão contraposta para Regan, acreditava ele, era a de que sua mãe insistira desde o começo. Era o ritual de exorcismo. Regan sabia o que era e qual era seu efeito desejado. *Sua reação à água benta. Ela havia lido a respeito naquele capítulo do livro e, na passagem em questão, também havia descrições de exorcismos bem-sucedidos. Poderia dar certo! Poderia mesmo!* Mas como conseguir permissão da Ordem? Como formar um caso sem mencionar Dennings? Karras não podia mentir para o bispo. Mas que fatos ele tinha que poderiam convencê-lo? Suas têmporas começaram a latejar, e Karras levou uma mão à sobrancelha. Sabia que precisava dormir. Mas não poderia. Não naquele momento. *Quais eram os fatos?* As fitas do Instituto? O que Frank descobriria? Havia alguma coisa que ele *pudesse* descobrir? Não. Mas como saber? Regan não diferenciava água benta de água da torneira. *Claro. Mas, se ela supostamente consegue ler minha mente, por que não soube a diferença entre elas?* Karras, mais uma vez, levou a mão à testa. A dor de cabeça. Confusão. *Vamos, rapaz! Tem alguém morrendo! Acorde!*

De volta a seu quarto, Karras telefonou para o Instituto. Não encontrou Frank. Pensativo, ele desligou. *Água benta. Água da torneira. Alguma coisa.* Ele abriu o *Ritual* para ver “Instruções para exorcistas”: “...espíritos do mal... respostas enganosas... de modo a parecer que a vítima não está possuída de modo algum.” *Seria aquilo?*, pensou Karras. Instantaneamente, ele perdeu a paciência com aquela ideia. *De que diabos você está falando?* Que *“espírito do mal”?*

Ele fechou o livro e releu os registros médicos, analisando-os de modo apressado e ansioso, em busca de qualquer coisa que pudesse ajudá-lo a criar um caso justificável para o exorcismo. *Aqui. Não há histórico de histeria. É algo. Mas é fraco. Também há outra coisa aqui*, lembrou-se, *uma discrepância. O que seria?* Ele se lembrou. *Não muito. Mas, ainda assim, é algo.* Ele telefonou para Chris MacNeil. Ela parecia grogue.

— Oi, padre.

— A senhora estava dormindo? Sinto muito.

— Não, tudo bem, padre. O que houve?

— Chris, onde posso encontrar... — disse Karras, correndo um dedo pelos registros. Parou. — Doutor Klein. Samuel Klein.

— O doutor Klein? Ah, do outro lado da ponte. Em Rosslyn.

— No prédio de consultórios?

— Sim, isso mesmo. Qual é o problema?

— Por favor, telefone para ele e avise que o doutor Karras vai visitá-lo e que eu gostaria de dar uma olhada no eletroencefalograma de Regan. Diga a ele que é o *doutor* Karras.

— Entendi.

Quando desligou o telefone, Karras soltou o botão da gola, tirou a batina e a calça preta, e rapidamente vestiu uma calça cáqui e um moletom, e, por cima dessa roupa, um sobretudo preto; observando-se no espelho, Karras franziu o cenho e pensou: *Padres e policiais!* Eles tinham auras identificáveis que não podiam disfarçar. Karras tirou o sobretudo e os sapatos, e calçou os únicos que tinha que não eram pretos, um par de tênis Tretorn brancos, surrados.

No carro de Chris, dirigiu em direção a Rosslyn. Enquanto esperava na rua M para que o semáforo abrisse na Key Bridge, olhou para a esquerda e viu Karl saindo de um sedã preto estacionado na frente da Dixie Liquor Store.

O motorista do carro era Kinderman.

O semáforo ficou verde. Karras avançou com o carro, entrou na ponte e olhou pelo espelho retrovisor. Será que eles o tinham visto? Achava que não. Mas o que os dois estavam fazendo juntos? Teria algo a ver com Regan? Com Regan e...?

Esqueça isso! Uma coisa de cada vez!

Ele estacionou no prédio de consultórios e subiu a escada até as salas do doutor Klein. O médico estava ocupado, mas uma enfermeira entregou o eletroencefalograma a Karras, e, em pouco tempo, ele estava dentro de uma baia estreita analisando um papel repleto de gráficos.

Klein entrou apressado, olhando brevemente para a roupa de Karras.

— O senhor é o doutor Karras?

— Sim.

— Sam Klein. Prazer em conhecê-lo.

Enquanto eles trocavam um aperto de mãos, Klein perguntou:

— Como está a menina?

— Melhorando.

— Fico feliz em saber.

Karras olhou de novo para o gráfico e Klein se aproximou dele para observar o exame, passando os dedos por cima das ondas.

— Aqui, está vendo? É muito regular. Não há flutuações — disse Klein.

— Sim, estou. É curioso.

— Curioso? De que modo?

— Bem, se levarmos em conta que estamos lidando com a histeria.

— O que o senhor quer dizer?

— Não acho que seja muito difundido — respondeu Karras, enquanto continuava passando o papel pelas mãos num fluxo constante —, mas um belga chamado Iteka descobriu que a histeria parecia causar um tipo de flutuação estranha no gráfico, um padrão muito pequeno, mas sempre idêntico. Estou procurando aqui e não o vejo.

— Aqui — disse Klein entre os dentes.

Karras parou de mexer no papel e olhou para ele.

— Ela certamente estava alterada quando vocês realizaram este exame, certo?

— Sim, eu diria que sim. Estava alterada, sim.

— Nesse caso, não é curioso que o exame tenha sido tão perfeito? Até mesmo indivíduos com estado mental normal podem influenciar suas ondas cerebrais pelo menos dentro da frequência normal, e, como Regan estava alterada na época, deveria haver *algumas* alterações. Se...

— Doutor, a senhora Simmons está ficando impaciente — disse uma enfermeira, interrompendo-os ao abrir a porta.

— Tudo bem, estou indo — disse Klein. Quando a enfermeira se afastou, ele deu um passo em direção ao corredor, mas se virou, com a mão segurando a porta. — Por falar em histeria... — comentou ele de modo seco. — Sinto muito, preciso ir.

Ele fechou a porta ao sair. Karras ouviu seus passos em direção ao corredor, a porta sendo aberta e o médico dizendo: “Bem, como a senhora está se sentindo hoje...” A porta fechada abafou o resto.

Karras voltou a analisar o gráfico, e, quando terminou, dobrou-o e o fechou, e voltou para onde estava a enfermeira, na recepção. *Algo.* Era algo que ele poderia usar com o bispo para argumentar que Regan não era histérica e, assim, poderia estar possuída. Mas, ainda assim, o eletroencefalograma havia trazido mais um mistério: nenhuma alteração, nenhuma mesmo?

Karras dirigiu de volta à casa de Chris, mas ficou paralisado ao volante ao parar num semáforo na esquina das ruas Prospect e 35: sentado ao volante de um carro estacionado entre Karras e o centro de residência jesuíta estava Kinderman, com o braço para fora da janela e o olhar fixo à sua frente. Karras dobrou à direita antes que o detetive o visse. Logo encontrou uma vaga, estacionou e deu a volta na esquina, como se fosse em direção ao centro de residência. *Será que ele está vigiando a casa?*, pensou Karras. O espectro de Dennings mais uma vez o assombrou. Seria possível que Kinderman acreditasse que Regan havia...?

Calma, rapaz! Devagar!

Ele se aproximou da lateral do carro e enfiou a cabeça pela janela do lado do passageiro.

— Olá, detetive! — disse ele com simpatia. — Veio me visitar ou está apenas relaxando um pouco?

O detetive se virou depressa, com cara de surpreso, e lançou um amplo sorriso a ele.

— Olá, padre Karras! *Aqui* está o senhor! Muito bom revê-lo!

Disfarçando, pensou Karras. *O que ele está aprontando? Não deixe que ele saiba que você está preocupado! Fique calmo!*

— Não sabe que vai acabar ganhando uma multa? — disse Karras, apontando para uma placa. — Nos dias de semana, não é permitido estacionar entre 16h e 18h.

— Não tem problema — Kinderman resmungou. — Estou conversando com um padre. Todos os guardas de trânsito em Georgetown são católicos.

— Como o senhor está?

— Para ser sincero, padre Karras, mais ou menos. E o senhor?

— Não posso reclamar. O senhor solucionou aquele caso?

— Qual?

— Aquele do diretor de filmes?

— Ah, aquele. — O detetive balançou a mão. — Nem me fale! Ei, o que vai fazer esta noite? Está ocupado? Tenho ingressos para o cinema Biograph, para assistir a *Otelo*.

— Depende do elenco.

— O elenco? John Wayne é Otelo e Doris Day interpreta Desdemona. Está satisfeito? É de graça, padre Irritantemente Parecido com Marlon Brando! É uma obra de William F. Shakespeare. Não importa quem está ou não está no elenco. O senhor vai ou não?

— Sinto muito, mas terei que recusar. Estou cheio de coisas para fazer.

— Estou vendo — disse o detetive enquanto olhava para o rosto do jesuíta. — O senhor está trabalhando até tarde? Sua cara está péssima.

— Minha cara *sempre* está péssima.

— Mas agora está mais do que o normal. Vamos! Saia apenas uma noite! O senhor vai gostar!

Karras decidiu testá-lo, tocá-lo num ponto fraco.

— O senhor tem certeza de que é este filme que está passando? — perguntou ele. Seu olhar estava firme no do detetive. — Eu poderia jurar que um filme de Chris MacNeil estava sendo exibido no Biograph.

O detetive hesitou e disse rapidamente:

— Não, o senhor está enganado. Está passando *Otelo*.

— Ah. E o que trouxe o senhor aqui?

— O senhor! Eu vim para convidá-lo para assistir ao filme!

— Bem, acho que é mais fácil dirigir do que usar o telefone, não é?

O detetive ergueu as sobrancelhas numa tentativa bastante inconvincente de parecer inocente.

— Seu telefone estava ocupado.

O jesuíta olhou para ele em silêncio e com seriedade.

— O que há de errado? — perguntou Kinderman. — O quê?

Karras enfiou a mão dentro do carro, levantou a pálpebra de Kinderman e analisou seu olho.

— Não sei — disse ele, franzindo o cenho. — O senhor está péssimo. Talvez esteja acometido por um caso de mitomania.

— Não sei o que isso quer dizer. É sério?

— Sim, mas não fatal.

— O que é? O suspense está me deixando maluco!

— Pesquise — disse Karras.

— Olha, não seja tão presunçoso. De vez em quando, é preciso dar a César o que é de César. Sou a lei. Eu poderia tê-lo deportado, sabia?

— Por quê?

— Um psiquiatra não deveria irritar as pessoas. Além disso, os *gentios*, para ser sincero, adorariam isso. O senhor os incomoda, padre. É sério, o senhor os envergonha. Quem precisa disso? Um padre que usa moletom e tênis!

Abrindo um sorriso amarelo, Karras assentiu.

— Preciso ir. Cuide-se — disse, batendo a mão na janela duas vezes em despedida, e se virou e caminhou lentamente em direção à entrada do centro de residência.

— Procure um analista! — disse o detetive com a voz rouca.

Então, olhou para ele com grande preocupação. Olhou para o centro pelo vidro da frente, ligou o carro e subiu a rua. Ao passar por Karras, buzinou e acenou. Karras acenou também, e quando o carro de Kinderman dobrou a esquina na rua 36, ele parou e permaneceu parado por um tempo, passando a mão trêmula na sobrancelha. Será que ela poderia realmente ter feito isso? Será que Regan poderia ter matado Burke Dennings de modo tão horrível? Com o olhar intenso, Karras se virou e olhou para a janela de Regan, pensando, *Pelo amor de Deus, o que há naquela casa?* E quanto tempo demorará até Kinderman exigir ver Regan? Até perceber nela a personalidade de Dennings? Ouvi-la? Quanto tempo demoraria até Regan ser internada? Ou até morrer?

Ele precisava levar o caso de exorcismo à Ordem.

Karras atravessou a rua depressa até a casa de Chris MacNeil, tocou a campainha e esperou Willie deixá-lo entrar.

— A senhora está cochilando agora — disse ela.

Karras assentiu.

— Ótimo. — Ele passou por ela e subiu a escada até o quarto de Regan. Ele procurava assimilar algo.

Ele entrou e viu Karl numa cadeira perto da janela. Silencioso e presente como uma árvore grande e escura, ele estava sentado com os braços cruzados e com os olhos fixos em Regan.

Karras se aproximou da cama e olhou para baixo. A parte branca dos olhos parecia uma névoa leitosa; os murmúrios, feitiços de outro mundo. Karras se inclinou lentamente e começou a soltar as amarras de Regan.

— *Não*, padre! *Não!*

Karl correu até a cama e agarrou o braço do jesuíta.

— Ela é muito má, padre! Forte! Muito forte!

Nos olhos de Karl havia um medo que Karras percebeu ser real. E agora ele sabia que a força de Regan era real. Ela poderia ter feito aquilo, poderia ter torcido o pescoço de Dennings. *Vamos, Karras! Depressa! Encontre uma evidência! Pense!*

Ele ouviu uma voz vinda de baixo. Na cama.

— *Ich möchte Sie etwas fragen, Herr Engstrom!*

Com surpresa e esperança, Karras virou a cabeça e olhou para a cama, onde viu o rosto demoníaco de Regan olhando para Karl.

— *Tanzt Ihre Tochter gern*? — perguntou ela, e começou a rir de modo sarcástico. Alemão. Havia perguntado se a filha coxa de Karl gostava de dançar! Exaltado, Karras virou-se para Karl e viu que seu rosto estava muito vermelho. Com as mãos em punhos, ele olhava para Regan com fúria enquanto ela continuava a rir.

— Karl, é melhor você sair — disse Karras.

O suíço balançou a cabeça.

— Não, vou ficar!

— Saia, por favor! — disse o jesuíta com firmeza, olhando implacavelmente para Karl até que, depois de um momento de resistência, o empregado se virou e saiu correndo do quarto. Quando a porta se fechou, a risada parou de forma abrupta e foi substituída pelo silêncio pesado.

Karras olhou para a cama. O demônio o observava. Parecia satisfeito.

— Então, você voltou — disse ele. — Estou surpreso. Pensei que o embaraço com a água benta pudesse ter feito você mudar de ideia e não voltar mais. Mas eu me esqueci de que um padre não tem vergonha.

Karras respirou fundo algumas vezes para se forçar a se concentrar, a pensar com clareza. Ele sabia que o exame de línguas para comprovar a possessão exigia uma conversa inteligente como prova de que o que fosse dito não estivesse ligado a lembranças linguísticas escondidas. *Fácil! Acalme-se! Você se lembra daquela menina?* Uma empregada adolescente e parisiense, supostamente possuída, enquanto delirava, havia balbuciado num idioma que acabou sendo reconhecido como sírio. Karras forçou-se a pensar na agitação que isso havia causado, em como finalmente se descobriu que a menina havia trabalhado numa pensão na qual um dos moradores era estudante de teologia que, na noite anterior às provas, caminhava pelo quarto e descia e subia as escadas enquanto repassava sua lição em sírio em voz alta. E a menina o ouvira.

Vá com calma. Não se precipite.

— *Sprechen Sie deutsch?* — perguntou Karras.

— Mais brincadeiras?

— *Sprechen Sie deutsch*? — O jesuíta repetiu, com o coração acelerado de ansiedade.

— *Natürlich* — respondeu o demônio, olhando-o com malícia. — *Mirabile dictu*, não acha?

O jesuíta sentiu o coração aos pulos. Ele falava não apenas alemão, mas também latim! E dentro do contexto!

— *Quod nomen mihi est?* (Qual é o meu nome?) — perguntou ele rapidamente.

— Karras.

E o padre se animou.

— *Ubi sum?* (Onde estou?)

— *In cubiculo.* (Num quarto.)

— *Et ubi est cubiculum?* (E onde fica o quarto?)

— *In domo.* (Numa casa.)

— *Ubi est Burke Dennings?* (Onde está Burke Dennings?)

— *Mortuus.* (Ele está morto.)

— *Quomodo mortuus est?* (Como ele morreu?)

— *Inventus est capite reverso.* (Ele foi encontrado com a cabeça virada.)

— *Quis occidit eum?* (Quem o matou?)

— Regan.

— *Quomodo ea occidit ilium? Dic mihi exacte!* (Como ela o matou? Conte-me em detalhes.)

— Bem, já chega de emoção por enquanto — disse o demônio sorrindo. — Sim, já basta, eu diria. Mas creio que você certamente vai perceber, você sendo você, que, enquanto você fazia as perguntas em latim, estava formulando as *respostas* mentalmente em latim. — O dêmonio riu. — Tudo inconsciente, claro. Sim, o que faríamos sem o inconsciente, Karras? Está entendendo aonde quero chegar? Não sei falar nada em latim! Eu li sua mente! Simplesmente arranquei as respostas de sua mente!

Karras sentiu um desânimo no mesmo instante, diante da falta de certeza. Sentiu-se atormentado e frustrado pela dúvida perturbadora que havia sido plantada em sua mente.

O demônio riu.

— Sim, eu sabia que isso aconteceria com você, Karras. É por isso que gosto tanto de você, meu caro. Sim, é por isso que adoro todos os homens razoáveis.

O demônio jogou a cabeça para trás, rindo.

A mente do jesuíta estava desesperada, formulando perguntas para as quais não havia uma resposta correta, mas sim muitas. *Mas talvez eu fosse pensar em todas elas!*, ele percebeu. *Então faça uma pergunta cuja resposta você não sabe!*, raciocinou. Ele poderia conferir a resposta mais tarde para ver se estava correta.

Esperou o riso diminuir e falou:

— *Quam profundus est imus Oceanus Indicus*? (Qual é a profundidade máxima do oceano Índico?)

Os olhos do demônio brilharam.

— *La plume de ma tante.*

— *Responde Latine.*

— *Bon jour! Bonne nuit!*

— *Quam...*

Karras parou quando os olhos reviraram dentro das órbitas, para cima, e a entidade dos balbucios ininteligíveis apareceu. Impaciente e frustrado, Karras exigiu:

— Deixe-me falar com o demônio de novo!

Nenhuma resposta. Apenas a respiração de um lugar desconhecido.

— *Quis es tu?* — disse ele com a voz rouca.

Apenas silêncio. A respiração.

— Deixe-me falar com Burke Dennings!

Um soluço. Uma respiração forte. Um soluço.

— Deixe-me falar com Burke Dennings!

O soluço, constante e forte, continuou. Karras abaixou a cabeça, balançou-a e caminhou até uma poltrona acolchoada, onde se sentou, recostou-se e fechou os olhos. Tenso. Atormentado. E esperou...

O tempo passou. Karras cochilou. Depois olhou para a frente. *Fique acordado!* Em seguida, piscando, com as pálpebras pesadas, olhou para Regan. Não mais soluçou. Olhos fechados. Ela estava dormindo?

Ele ficou de pé, caminhou até a cama, abaixou-se e sentiu a pulsação de Regan. Inclinando-se para a frente, examinou seus lábios. Eles estavam ressecados. Ele se endireitou e esperou um pouco, até que finalmente saiu da sala e foi até a cozinha, à procura de Sharon. Encontrou-a à mesa, tomando sopa e comendo um sanduíche.

— Gostaria de comer alguma coisa, padre Karras? — perguntou ela. — O senhor deve estar faminto.

— Não, não estou — respondeu ele. — Obrigado. — Sentando-se, ele pegou um lápis e um bloquinho de anotações que estavam ao lado da máquina de datilografar de Sharon. — Ela está soluçando — disse ele. — Vocês têm Compazina?

— Sim, temos um pouco.

Ele estava escrevendo no bloco de anotações.

— Então, esta noite, dê a ela metade de um frasco de 25 miligramas.

— Tudo bem.

— Ela está começando a desidratar — Karras continuou —, então mudarei a alimentação intravenosa. Logo de manhã, ligue para uma empresa de equipamentos médicos e peça a eles para entregarem os alimentos logo. — Ele escorregou o bloco sobre a

mesa até Sharon. — Enquanto isso, ela está dormindo, portanto você pode começar a alimentá-la com Sustagen.

Sharon assentiu.

— Sim, pode deixar. — Pegando a sopa com a colher, ela virou o bloco e olhou para a lista.

Karras a observava. Ele franziu o cenho, concentrado, e perguntou:

— Você é a professora dela?

— Sim, isso mesmo.

— Você ensinou latim a ela?

— Latim? Não, não sei nada de latim. Por quê?

— E alemão?

— Apenas francês.

— Que nível? *La plume de ma tante?*

— Basicamente.

— Mas não ensinou latim nem alemão?

— Não.

— Mas os Engstrom... Eles não falam alemão às vezes?

— Ah, sim, certamente.

— Perto de Regan?

Sharon ficou de pé e deu de ombros.

— Bem, às vezes, creio que sim. — Ela começou a caminhar em direção à pia da cozinha levando os pratos, quando disse: — Na verdade, estou certa de que sim.

— Você já estudou latim? — perguntou Karras.

Sharon riu ao responder:

— Eu? Latim? Não, nunca.

— Mas você reconheceria os sons?

— Sim, creio que sim.

Ela enxaguou a tigela de sopa e a colocou no escorredor.

— Ela já falou latim com você?

— Regan?

— Sim. Desde que adoeceu.

— Não, nunca.

— Algum outro idioma?

Sharon fechou a torneira, pensativa.

— Bem, acho que posso ter imaginado, mas...

— Mas o quê?

— Bem, eu acho... — disse Sharon, franzindo o cenho. — Bem, poderia jurar que eu a ouvi falando russo, certa vez.

Karras ficou olhando, com a garganta seca.

— Você fala russo? — perguntou ele.

— Mais ou menos. Fiz dois anos na faculdade, e só.

Karras ficou desanimado. *Então, Regan pegou o latim de meu cérebro!* Olhando para a frente, inexpressivo, ele levou a mão à sobrancelha, em dúvida. *A telepatia é mais comum em estados de grande tensão: falar sempre num idioma conhecido por alguém no ambiente: "...pensa as mesmas coisas que estou pensando...", "Bon jour...", "La plume de ma tante...", "Bonne nuit..."* Com pensamentos como esses, Karras observou com tristeza o sangue voltando a ser vinho.

O que fazer? *Dormir um pouco. Voltar e tentar de novo... tentar de novo...* Ele ficou de pé e olhou para Sharon. Ela estava recostada de costas para a pia, com os braços cruzados enquanto o observava de modo pensativo e curioso.

— Vou ao centro de residência — disse ele. — Assim que a Regan acordar, gostaria que você me avisasse.

— Sim, avisarei.

— E a Compazina, está bem? Não vai se esquecer?

Ela balançou a cabeça.

— Não, vou cuidar disso agora mesmo.

Karras assentiu e, com as mãos nos bolsos, olhou para baixo, tentando se lembrar do que poderia ter se esquecido de dizer a Sharon. Sempre algo a ser feito; sempre algo de que se esquecia quando tudo já tinha sido feito.

— Padre, o que está havendo? — Ele ouviu a secretária perguntar. — O que foi? O que de fato está ocorrendo com Rags?

Karras olhou para a frente com os olhos assombrados.

— Não sei — disse ele. — Não sei mesmo.

Ele se virou e saiu da cozinha.

Enquanto passava pelo corredor, Karras ouviu passos vindo apressadamente atrás dele.

— Padre Karras!

Karras se virou e viu Karl com sua blusa.

— Sinto muito — disse o empregado ao entregar a peça. — Pensei que terminaria muito antes. Mas eu me esqueci. — Entregou a blusa ao padre. As manchas de vômito haviam desaparecido e o cheiro estava agradável.

— Muito gentil de sua parte, Karl — disse o padre com delicadeza. — Obrigado.

— *Eu* é que agradeço, padre Karras — disse Karl com a voz trêmula, os olhos marejados. — Obrigado por ajudar a srta. Regan. — Então, virando a cabeça, Karl virou-se e afastou-se rapidamente.

Enquanto Karras o observava, ele se lembrou dele no carro de Kinderman. Por quê? Mais mistério agora; mais confusão. Cansado, Karras se virou e abriu a porta. Estava escuro. Era noite. Aflito, ele saiu da escuridão e entrou na escuridão.

Atravessou a rua até o centro de residência, com sono, mas decidiu parar no quarto de Dyer. Bateu à porta, ouviu um “Entre e será convertido!” do lado de dentro e, ao entrar, encontrou Dyer datilografando em sua máquina IBM Selectric. Karras sentou-se à beira da cama enquanto o jesuíta mais jovem continuava a datilografar.

— Oi, Joe!

— Sim, estou ouvindo. O que foi?

— Você conhece alguém que tenha feito um exorcismo formal?

— Joe Louis, Max Schmeling, em 22 de junho de 1938.

— Joe, é sério.

— Não, *você* precisa falar a sério. Exorcismo? Está de brincadeira?

Karras não respondeu e, durante alguns momentos, observou inexpressivo enquanto Dyer datilografava, até que, por fim, levantou-se e caminhou até a porta.

— Sim, Joe — disse ele. — Eu estava brincando.

— Foi o que pensei.

— Nós nos vemos por aí.

— E volte com piadas mais engraçadas.

Karras atravessou o corredor e, ao entrar em seu quarto, olhou para baixo e viu uma mensagem no chão num papel cor-de-rosa. Ele o pegou. De Frank. Um número de telefone. “Por favor, telefone para...”

Karras pegou o telefone e solicitou que uma chamada fosse feita ao número do diretor do Instituto, e, enquanto esperava, olhou para a mão livre, à direita. Estava tremendo de ansiedade.

— Alô? — Uma voz estridente. Um menininho.

— Posso falar com seu pai, por favor?

— Sim, só um minuto. — O garoto repousou o telefone sobre alguma superfície. E então voltou a pegá-lo. — Quem é?

— O padre Karras.

— Padre Karits?

— Karras. Padre Karras.

E o telefone foi pousado de novo.

Karras levantou a mão trêmula, tocando a sobrancelha com a ponta dos dedos.

Barulho na linha.

— Padre Karras?

— Sim, alô, Frank. Estou tentando falar com você.

— Ah, sinto muito. Tenho trabalhado com as suas fitas aqui em casa.

— Já terminou?

— Sim, terminei. A propósito, o conteúdo é bem esquisito.

— Sim, eu sei — disse Karras enquanto se esforçava para diminuir a tensão em sua voz. — Como estamos até agora? O que descobrimos?

— Bem, esse tipo-símbolo, primeiro...

— Sim, Frank?

— Não tive uma amostra suficiente para ter certeza, mas diria que está bem perto, ou pelo menos que está o mais perto do que conseguimos chegar com essas coisas. Bem, de qualquer modo, eu diria que as duas vozes diferentes nas fitas são provavelmente de personalidades distintas.

— Provavelmente?

— Bem, eu não juraria no tribunal, porque a variação é de fato muito pequena.

— Pequena... — Karras repetiu. *Bem, fim de jogo.* — E o falatório? — perguntou ele. — É algum idioma?

Frank riu.

— Qual é a graça? — perguntou o jesuíta, impaciente.

— Isso foi um exame psicológico disfarçado, padre?

— O que quer dizer?

— Bem, acho que você confundiu suas fitas ou algo assim. É...

— Frank, é um idioma ou não? — Karras interrompeu.

— Ah, eu diria que é um idioma, sim.

Surpreso, Karras ficou tenso.

— Está brincando?

— Não, não estou.

— Qual é o idioma?

— Inglês.

Por um momento, Karras ficou perplexo, e, quando voltou a falar, estava mais irritado.

— Frank, acho que não estamos nos entendendo muito bem. Ou quer me contar qual é a piada?

— Você está com seu gravador aí?

Estava sobre a mesa.

— Sim, estou.

— Tem um botão de tocar de modo reverso?

— Por quê?

— *Tem* ou não?

— Só um segundo. — Irritado, Karras soltou o telefone e abriu a tampa do gravador para ver. — Sim, tem. Frank, por que essa pergunta?

— Coloque a fita no tocador e toque ao contrário.

— *O quê?*

— Você não entende — disse Frank, rindo com bom humor. — Olha, toque ao contrário e nos falamos amanhã. Boa noite, padre.

— Boa noite, Frank.

— Divirta-se.

— Sim, claro.

Karras desligou. Parecia estupefato. Pegou a fita com o falatório e a colocou no tocador. Primeiro, ele a tocou normalmente e assentiu. Nenhum engano. Eram apenas resmungos.

Ele deixou que ela fosse até o fim e, depois, tocou de trás. Ouviu sua voz falando de trás para para frente. E então a voz de demônio de Regan: *Marin marin karras nos deixe nos deixe...*

Inglês! Sem sentido! Mas, ainda assim, inglês!

Como ela conseguiu fazer isso?, perguntou-se Karras.

Ouviu tudo, rebobinou a fita e a tocou de novo. E mais uma vez. E percebeu que a ordem do discurso estava invertida. Parou a fita, rebobinou e, com um lápis e um bloco de anotações na mão, sentou-se a sua mesa e começou a tocar a fita do começo, esforçando-se para transcrever as palavras, com diversas pausas e retomadas no processo. Quando finalmente terminou, fez mais uma transcrição numa segunda folha de papel e trocou a ordem das palavras. Então, recostou-se e leu:

> ...perigo. Ainda não. [ininteligível] morrerá. Pouco tempo. Agora o [ininteligível]. Deixe-a morrer. Não, não, deliciosa! Deliciosa no corpo! Eu sinto! Há [ininteligível]. Melhor [ininteligível] do que o vazio. Temo o padre. Dê-nos tempo. Temo o padre! Ele é [ininteligível]. Não, não este: o [ininteligível], aquele que [ininteligível]. Ele está doente. Ah, o sangue, sinta o sangue, como ele [canta?].
>
> Karras perguntou na gravação: “Quem é você?” E a resposta:
>
> Eu sou ninguém. Eu sou ninguém.
>
> E então, Karras: “Este é seu nome?” E a resposta:
>
> Não tenho nome. Eu sou ninguém. Muitos. Deixe-nos. Deixe-nos esquentar no corpo. Não [ininteligível] do corpo no vazio, no [ininteligível]. Deixe-nos. Deixe-nos. Deixe-nos. Karras. Merrin. Merrin.

Karras releu a transcrição muitas vezes, assombrado pelo tom, pela sensação de que mais de uma pessoa falava, até finalmente a repetição em si mesclar as palavras e ele deixar a transcrição e esfregar o rosto, os olhos, seus pensamentos. Não era um idioma desconhecido. E escrever de trás para a frente não era paranormal

nem mesmo incomum. Mas *falar* de trás para a frente, ajustar e alterar a fonética de modo que, ao ouvir as palavras de trás para a frente, elas fosse inteligíveis; tal ato não estava além do alcance até mesmo de um intelecto superestimulado, do inconsciente acelerado ao qual Jung se referiu? Não, algo... Algo à beira da lembrança. Ele se lembrou. Caminhou até as estantes para pegar um livro: *Psicologia e patologia dos supostos fenômenos ocultos*. *Há algo parecido aqui*, pensava ele enquanto pesquisava rapidamente pelas páginas do livro. O que era?

E encontrou: um relato de uma experiência com escrita automática em que o inconsciente do indivíduo parecia capaz de responder suas perguntas com anagramas. *Anagramas!*

Ele abriu o livro sobre a mesa, inclinou-se para a frente e leu um relato de uma parte do experimento:

TERCEIRO DIA

O que é homem? *Tefi hasl esble lies.*
É um anagrama? *Sim.*
Quantas palavras tem? *Cinco.*
Qual é a primeira palavra? *Ver.*
Qual é a segunda palavra? *Eeeee.*
Viu? Posso interpretá-la como quiser? *Tente!*

O indivíduo encontrou esta solução: "*The life is less able"* [A vida é menos capaz"]. Ficou estupefato com esse pronunciamento intelectual, que parecia provar a existência de uma inteligência independente da dele. Por este motivo, ele continuou a perguntar:

Quem é você? *Clelia.*
É uma mulher? *Sim.*
Você viveu na Terra? *Não.*
Você ganhará vida? *Sim.*
Quando? *Em seis anos.*
Por que está conversando comigo? *E if Clelia el.*

O indivíduo interpretou essa resposta como um anagrama para "*I, Clelia, feel*" [Eu, Clelia, sinto].

QUARTO DIA

Sou eu quem responde às perguntas? *Sim.*
Clelia está aqui? *Não.*
Quem está, então? *Ninguém.*
Clelia existe? *Não.*
Então, com quem eu estava conversando ontem? *Com ninguém.*

Karras parou de ler e balançou a cabeça. Não havia nada de paranormal ali, pensou, apenas prova das habilidades ilimitadas da mente. Ele pegou um cigarro, sentou-se e o acendeu. *"Eu sou ninguém. Muitos.*" De onde vinha aquilo, perguntou-se Karras, aquele conteúdo misterioso do discurso de Regan? Do mesmo lugar de onde vinha Clelia? Personalidades emergentes?

"*Merrin... Merrin...*" "*Ah, o sangue...*" "*Ele está doente...*"

Assustado, Karras olhou para seu exemplar de *Satã* e folheou o livro até a inscrição inicial. "*Que o dragão não seja meu líder...*" Fechando os olhos ao soltar a fumaça, Karras levou a mão à boca e tossiu; percebendo que a garganta estava dolorida e inflamada, apagou o cigarro num cinzeiro. Exausto, lenta e desajeitadamente, ele se levantou, apagou a luz do quarto, fechou as cortinas, tirou os sapatos e deitou-se de bruços em sua cama estreita. Cenas intensas e fragmentadas tomaram sua mente: Regan. Kinderman. Dennings. O que fazer? Ele precisava ajudar! Tinha que ajudar! Mas como? Tentar convencer o bispo com o pouco que tinha? Não acreditava que devesse. Nunca conseguiria convencê-lo do caso.

Pensou em se despir, em se enfiar embaixo dos cobertores.

Cansado demais. Que fardo. Ele queria se libertar.

"*...Deixe-nos*!"

Na lenta passagem para um sono pesado, os lábios de Karras se mexerem quase imperceptivelmente, formando a expressão "Deixe-me", inaudível. De repente, ele estava levantando a cabeça, desperto por uma respiração ofegante e pelo som suave de celofane sendo amassado, e, ao abrir os olhos, viu um estranho em seu

quarto, um padre um pouco acima do peso, de meia-idade e com o rosto coberto por sardas, com mechas finas de cabelos ruivos penteados para trás na cabeça calva. Sentado a uma poltrona estofada no canto do quarto, ele observava Karras e rasgava a embalagem de um pacote de cigarros Gauloises. O padre sorriu.

— Ah, olá.

Karras jogou as pernas para fora da cama e sentou-se.

— Olá e adeus — Karras resmungou. — Quem é você e que merda está fazendo no meu quarto?

— Olha, sinto muito, mas bati e você não atendeu. Daí vi que a porta estava destrancada, por isso pensei que seria melhor entrar e esperar. E aqui está você! — O padre apontou para duas bengalas encostadas na parede perto da cadeira. — Eu não poderia esperar muito tempo no corredor, sabe? Posso permanecer de pé por um tempo, mas logo preciso me sentar. Espero que me perdoe. Sou Ed Lucas, a propósito. O presidente sugeriu que eu viesse falar com o senhor.

Franzindo o cenho, Karras inclinou a cabeça.

— Você disse “Lucas”?

— Sim, é Lucas o tempo todo — disse o padre, e seu sorriso revelou dentes compridos e manchados pela nicotina. Ele havia tirado um cigarro do maço e procurava um isqueiro dentro do bolso. — Você se importa se eu fumar?

— Não, vá em frente. Eu também fumo.

— Ah, sim — disse Lucas ao olhar para algumas bitucas de cigarro num cinzeiro na mesa de canto ao lado de sua cadeira. O padre ofereceu o pacote de cigarros a Karras. — Quer um Gauloise?

— Não, obrigado. Você disse que Tom Bermingham o mandou aqui?

— O velho Tom. Sim, somos “camaradas”. Éramos da mesma turma de ensino médio na Regis, e depois disso estudamos juntos na St. Andrews, em Hudson. Sim, Tom recomendou que eu viesse, então peguei um ônibus em Nova York. Estou em Fordham.

Karras ficou mais animado de repente.

— Ah, Nova York! Tem a ver com meu pedido de transferência?

— Transferência? Não, não sei de nada sobre isso. É um assunto pessoal — disse o padre.

Os ombros de Karras se encolheram junto com suas esperanças.

— Bem, tudo bem — disse ele com um tom mais contido. Ficou de pé e caminhou até uma cadeira de madeira de espaldar reto, virou-a, sentou-se e começou a observar Lucas com atenção. Para Karras, ali, mais perto, o terno preto do padre estava amassado e largo, até surrado. Havia caspa nos ombros. O padre havia pegado um cigarro do maço e agora o acendia com uma chama grande de um isqueiro Zippo, que tirou do bolso tão discretamente que pareceu um truque de mágica, e então soltou uma fumaça cinza-azulada, que observou com o que parecia ser uma profunda satisfação enquanto dizia:

— Ah, nada como um Gauloise para os nervos!

— Está nervoso, Ed?

— Um pouco.

— Bem, relaxe. Vá em frente e me conte tudo. Como posso ajudá-lo?

Lucas observou Karras com um olhar de preocupação.

— Você parece exausto — disse ele. — Talvez fosse melhor se a gente se encontrasse amanhã. O que me diz? — E logo acrescentou: — Sim, sim, com certeza amanhã! Pode me passar as bengalas, por favor?

Ele estendeu o braço em direção às bengalas.

— Não, não, não! — disse Karras. — Estou bem, Ed. Muito bem! — Inclinando-se para a frente com as mãos unidas entre os joelhos, Karras observou o rosto do padre enquanto dizia: — A procrastinação é o que chamamos de “resistência”.

Lucas ergueu uma sobrancelha, e seu olhar parecia levemente intrigado.

— Ah, é mesmo?

— Sim, é mesmo.

Karras olhou para as pernas de Lucas.

— Isso o deprime? — perguntou ele.

— Como assim? Ah, minhas pernas! Ah, às vezes, creio eu.

— Congênito?

— Não, não. Aconteceu numa queda.

Por um momento, Karras observou o rosto do visitante. Aquele sorriso leve e secreto. Será que o vira de novo?

— Que pena — disse Karras de modo solidário.

— Bem, é o mundo que herdamos, certo? — respondeu Lucas, com o Gauloise ainda pendurado no canto da boca. Ele o tirou dos lábios entre os dois dedos e lamentou em meio a uma nuvem de fumaça. — Bem...

— Certo, Ed, vamos ao ponto. Está bem? Você certamente não saiu de Nova York para vir aqui e ficar brincando comigo, então vamos abrir o jogo. Diga tudo. Certo? Cartas na mesa.

Lucas balançou a cabeça devagar e olhou para o lado.

— Bem, é uma longa história — Ele começou, mas teve de levar a mão à boca quando um novo acesso de tosse teve início.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Karras.

Com os olhos marejados, o padre negou, balançando a cabeça.

— Não, não, tudo bem — disse ele, meio engasgado. — De verdade! — E os espasmos foram diminuindo. Ele olhou para baixo e afastou as cinzas do cigarro da frente de seu blazer. — Vício nojento! — Ele resmungou, enquanto Karras notava o que parecia uma mancha de gema de ovo na camisa preta por baixo do blazer.

— Certo, o que houve? — perguntou Karras.

Lucas olhou para ele e disse:

— Você.

Karras hesitou e perguntou:

— Eu?

— Sim, Damien, você. Tom está muitíssimo preocupado com você.

Karras olhou fixamente para Lucas, começando a entender as coisas, porque havia uma profunda compaixão em seus olhos e em seu tom de voz.

— Ed, o que você faz em Fordham? — perguntou Karras.

— Eu aconselho — disse o padre.

— Aconselha.

— Sim, Damien. Sou um psiquiatra.

Karras olhou para ele.

— Um psiquiatra — Ele repetiu, inexpressivo.

Lucas olhou para o lado.

— Bem, por onde começo? — disse, suspirando de modo relutante. — Não sei bem. É tão complicado. *Muito* complicado. Bem, deixe-me ver o que podemos fazer — disse baixinho, inclinando-se para a frente e batendo as cinzas de seu Gauloise no cinzeiro. — Mas você é especialista — disse ele, olhando para a frente —, e às vezes é melhor colocar as cartas sobre a mesa de uma vez. — O padre voltou a tossir, levando a mão à boca. — Droga! Sinto muito! — A tosse parou, Lucas olhou para Karras com seriedade. — Olha, é essa confusão com você e as MacNeil.

Karras reagiu com surpresa.

— MacNeil? — perguntou ele. — Como pode saber disso? Não haveria como Tom lhe contar isso. Não, de jeito nenhum. Seria prejudicial à família.

— Há fontes.

— Que fontes? Como quem? Como o quê?

— Isso importa? — perguntou o padre. — Não, nem um pouco. Tudo o que importa é sua saúde e sua estabilidade emocional. E as duas estão claramente em perigo, e essa história com as MacNeil apenas vai piorar a situação, então a Ordem exige que você se afaste. Afaste-se pelo seu bem, Karras, e também pelo bem da Ordem! — disse o padre, franzindo as sobrancelhas volumosas, que quase se tocavam, e abaixou a cabeça de modo que seu olhar parecesse ameaçador. — Afaste-se! Antes que ocorra uma catástrofe maior, antes que as coisas fiquem piores, *muito* piores! Não queremos mais profanações, certo, Damien?

Karras olhou surpreso para o homem, chocado.

— Profanações? Ed, de que está falando? O que minha saúde mental tem a ver com *elas*?

Lucas se recostou na cadeira.

— Ah, vamos! — disse ele com sarcasmo. — Você se une aos jesuítas e deixa sua pobre mãe morrer sozinha e em total pobreza? E então o que se odiaria inconscientemente por tudo isso senão a Igreja Católica? — O padre voltou a se inclinar para a frente, encurvando-se ao sussurrar: — Não seja obtuso! *Mantenha-se longe das MacNeil!*

Com os olhos estreitos, a cabeça inclinada, Karras se levantou e olhou para o padre, dizendo com a voz rascante:

— Quem diabos é você, amigo? *Quem é você?*

O toque baixo do telefone na mesa de Karras atraiu o olhar assustado do padre Lucas.

— Cuidado com Sharon! — disse com intensidade, alertando Karras; de repente, o telefone começou a tocar alto de modo que Karras despertou e percebeu que estivera sonhando. Ensonado, ele se levantou da cama, aproximou-se de um interruptor, acendeu a luz, caminhou até a mesa e pegou o telefone. Era Sharon. *Que horas eram?*, perguntou ele a ela. Três e pouco da madrugada. Ela perguntou se ele podia ir a casa naquele momento. *Ah, Deus!*, resmungou Karras por dentro, mas disse que poderia. Sim. Iria. E, mais uma vez, ele se sentiu preso; pressionado, enredado.

Entrou no banheiro de azulejos brancos, onde lavou o rosto com água, e, ao se secar, lembrou-se do padre Lucas e do sonho. Qual seria o significado? Talvez nenhum. Ele pensaria melhor mais tarde. Quando estava prestes a sair de seu quarto, parou na porta, virou-se e voltou para pegar uma blusa de lã preta, que vestiu; ao ajeitá-la no corpo, parou abruptamente, olhando para a mesa de canto. Respirando profundamente e dando um passo adiante, ele se abaixou na direção do cinzeiro, pegou uma bituca e ficou imóvel por um momento, surpreso. Era um Gauloise. Pensamentos a toda. Suposições. Uma sensação de frio. E, então, um pedido: "*Cuidado com Sharon!*" Karras deixou a bituca no cinzeiro, saiu do quarto, atravessou o corredor e chegou à rua Prospect, onde o ar estava ralo, fraco e úmido. Passou pela escada, atravessou diagonalmente para o outro lado e encontrou Sharon observando e esperando por ele na porta da casa de MacNeil. Parecendo assustada e perplexa, ela segurava uma lanterna com uma das mãos, e com a outra agarrava um cobertor ao redor do pescoço.

— Sinto muito, padre — disse ela quando o jesuíta entrou na casa —, mas acho que o senhor precisa ver isto.

— Ver o quê?

Sharon fechou a porta sem fazer barulho.

— Preciso mostrar ao senhor — Ela sussurrou. — Mas façamos silêncio. Não quero acordar Chris, não quero que ela veja.

Ela fez um sinal para que Karras a seguisse, subindo as escadas até o quarto de Regan na ponta dos pés. Ao entrar, o jesuíta sentiu

frio. O quarto estava gelado. Franzindo o cenho, ele olhou para Sharon de forma questionadora, e ela assentiu e disse:

— Sim, padre. O aquecedor está ligado.

Eles se viraram e olharam para Regan, para as partes brancas de seus olhos que brilhavam assustadoramente à luz fraca da luminária. Ela parecia estar em coma. Respiração pesada. Estava imóvel. A sonda nasogástrica levava o Sustagen lentamente para dentro de seu corpo.

Sharon caminhou em silêncio em direção à cama. Karras a seguiu, ainda assustado com o frio. Quando estavam ao lado da menina, ele viu gotas de suor na testa dela; olhou para baixo e viu seus braços presos pelas amarras de couro. Sharon inclinou-se sobre a cama, abriu a parte de cima do pijama branco e cor-de-rosa de Regan, e Karras se compadeceu profundamente ao ver o peito magro, com as costelas aparentes que sinalizavam que aquelas seriam suas últimas semanas ou dias de vida. Sentiu o olhar assustado de Sharon sobre ele.

— Não sei se parou — Ela sussurrou. — Mas observe: fique olhando para o peito dela.

Sharon acendeu a lanterna e a mirou no tórax nu da menina, e o jesuíta, confuso, seguiu o olhar dela. E, então, silêncio. A respiração levemente assobiante de Regan. Atenção. O frio. O jesuíta franziu o cenho ao ver algo acontecendo à pele do peito: uma vermelhidão fraca, mas com clara definição. Ele observou mais de perto.

— Aqui, está aparecendo! — Sharon sussurrou.

Abruptamente, o arrepio nos braços de Karras não foi causado pelo frio do cômodo, mas pelo que ele estava vendo no peito da menina; pelas letras em alto relevo, explícitas, cor de sangue. Duas palavras:

me ajuda

Sharon passou da longa observação às palavras, e um vapor gélido saiu de seus lábios quando murmurou:

— É a letra dela, padre.

Às nove da manhã, Karras procurou o presidente da universidade de Georgetown e pediu permissão para fazer um pedido de

exorcismo.

Conseguiu, e imediatamente procurou o bispo da diocese, que ouviu com muita atenção tudo o que Karras tinha a dizer.

— Tem certeza de que é real? — perguntou o bispo, por fim.

— Bem, fiz uma avaliação prudente e percebi que condiz com todas as condições estabelecidas no *Ritual* — respondeu Karras de modo evasivo. Ainda não ousava acreditar. Seu coração, e não sua mente, o havia guiado àquele momento: pena e a esperança de cura por meio da sugestão.

— Gostaria de realizar o exorcismo sozinho?

Karras sentiu júbilo. Viu a porta se abrindo para os campos, para a libertação do peso do cuidado para ir ao encontro de cada anoitecer com o que restava de sua fé. E ainda:

— Sim, Vossa Excelência — respondeu ele.

— Como está sua saúde?

— Minha saúde está bem, Vossa Excelência.

— Já esteve envolvido com esse tipo de coisa antes?

— Não, nunca.

— Bem, veremos. Pode ser melhor se tivermos um homem com experiência. Não existem muitos deles hoje em dia, mas talvez alguém de missões estrangeiras. Vou ver quem está por perto. Enquanto isso, espere, e telefonarei assim que soubermos.

Quando Karras partiu, o bispo entrou em contato com o presidente da universidade de Georgetown, e eles conversaram sobre Karras pela segunda vez naquele dia.

— Bem, ele conhece bem a história — disse o presidente em determinado ponto da conversa. — Duvido que exista algum risco em deixá-lo acompanhar apenas. De qualquer modo, deve haver um psiquiatra presente.

— E o exorcista? Alguma ideia? Não consigo pensar em ninguém.

— Bem, Lankester Merrin está por aqui.

— Merrin? Pensei que ele estivesse no Iraque. Acho que ele estava trabalhando numa escavação perto de Nínive.

— Sim, perto de Mossul. Isso mesmo. Mas ele terminou e voltou cerca de três ou quatro meses atrás, Mike. Está na faculdade de Woodstock.

— Lecionando?

— Não, está escrevendo outro livro.

— Deus nos ajude! Você não acha que ele é velho demais? Como está de saúde?

— Olha, deve estar bem. Do contrário, não estaria por aí escavando tumbas, não acha?

— Sim, creio que sim.

— Além disso, ele tem experiência, Mike.

— Não sabia disso.

— Bem, pelo menos é o que dizem.

— E quando foi isso? Essa experiência?

— Ah, talvez dez ou doze anos atrás, acho, na África. Supostamente, o exorcismo durou meses. Soube que quase o matou.

— Bem, nesse caso, duvido que ele gostaria de realizar outro.

— Aqui nós fazemos o que nos mandam fazer, Mike. Todos os rebeldes estão por aí com os mundanos.

— Obrigado por me lembrar.

— Então, o que você acha?

— Bem, terei que deixar essa decisão a você e à Ordem.

No começo daquela noite plácida, um jovem estudioso que se preparava para o sacerdócio percorria a propriedade da faculdade de Woodstock, em Maryland. Ele procurava um jesuíta magro de cabelos grisalhos. Encontrou-o num caminho, passeando por um bosque. Entregou a ele um telegrama. Com serenidade, o velho padre agradeceu e se virou para renovar a contemplação, para continuar caminhando pela natureza que amava. Às vezes, ele parava para ouvir o canto de um pintarroxo, para observar uma borboleta colorida sobre um galho. Não leu o telegrama, sequer o abriu. Sabia do que se tratava. Ele o havia lido na poeira dos templos de Nínive. Estava pronto.

Ele prosseguiu com suas despedidas.

Parte IV
“E que meu apelo chegue a Ti...”

Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

São João

CAPÍTULO UM

No escuro de seu escritório silencioso, Kinderman ruminava sentado à sua mesa. Ajustou o feixe de luz da luminária. Dentro das gavetas, havia registros, transcrições, fotos, arquivos da polícia, relatórios de crimes, anotações. De modo pensativo, ele os havia montado numa colagem na forma de uma rosa, como se quisesse desmentir a horrenda conclusão à qual eles o haviam levado e que ele não conseguia aceitar.

Engstrom era inocente. No momento da morte de Dennings, ele estava visitando a filha, para entregar a ela dinheiro para a compra de drogas. Ele havia mentido a respeito de onde estava naquela noite para proteger a filha e a esposa, que acreditava que Elvira estava morta e livre de todo o mal e degradação.

Kinderman não havia tomado conhecimento disso por meio de Karl. Na noite em que se encontraram no corredor do prédio de Elvira, o empregado havia se mantido calado. Só quando Kinderman alertou a filha a respeito do envolvimento do pai no caso de Dennings foi que ela decidiu dizer a verdade. Havia testemunhas para confirmar. Engstrom era inocente. Inocente e discreto quando o assunto eram os acontecimentos envolvendo as MacNeil.

Kinderman franziu o cenho diante da colagem: havia algo de errado com a composição. Ele mudou a ponta de uma pétala — o canto de uma deposição — um pouco mais para baixo e para a direita.

Rosas. Elvira. Ele a havia alertado com seriedade de que, se ela não se internasse numa clínica em duas semanas, ele ficaria em seu encalço até ter provas para justificar sua prisão. Ainda assim, ele não acreditava que ela iria. Havia momentos em que ele olhava para a lei sem piscar, como fazia com o sol do meio-dia, na

esperança de que ele o cegasse temporariamente enquanto uma presa escapasse. Engstrom era inocente. O que restava? Suspirando, o detetive se remexeu e, fechando os olhos, imaginou que estava entrando num banho quente. *Bota-fora de suposições!*, disse a si mesmo: *Vou me mudar para Novas Conclusões! Tudo deve partir!* Então, *Definitivamente!*, disse com seriedade, e, com isso, o detetive abriu os olhos e observou de novo os dados desnorteadores.

Item: A morte do diretor Burke Dennings parecia estar ligada às profanações da Santíssima Trindade. Ambos envolviam bruxaria e o profanador desconhecido podia muito bem ser o assassino de Dennings.

Item: Um padre jesuíta especialista em bruxaria vinha visitando a casa das MacNeil.

Item: A folha datilografada com o texto religioso repleto de blasfêmias descoberto na Santíssima Trindade havia sido investigada para a identificação de impressões digitais. E elas foram encontradas dos dois lados. Algumas eram de Damien Karras. Mas outro grupo foi encontrado e, pelo tamanho, acreditava-se ser de uma pessoa com mãos bem pequenas, possivelmente uma criança.

Item: A datilografia do cartão tinha sido analisada e comparada com as impressões datilografadas na carta não terminada que Sharon Spencer havia tirado da máquina de datilografar, amassado e jogado num cesto de lixo, não o acertando, enquanto Kinderman fazia perguntas a Chris. Ele pegou o papel e o levou da casa. A datilografia da carta e a do texto religioso tinham sido feitas na mesma máquina. Mas, de acordo com o relatório, o toque dos datilógrafos era diferente. A pessoa que havia datilografado o texto blasfemo tinha um toque bem mais pesado do que o de Sharon Spencer. A datilografia desta pessoa, no entanto, não era de quem ficava pescando letras no teclado, mas sim de alguém bastante competente, o que sugeria que o datilógrafo desconhecido do texto religioso era uma pessoa de grande força.

Item: Burke Dennings havia sido morto por uma pessoa de grande força — isso se a morte dele não tinha sido um acidente.

Item: Engstrom não era mais um suspeito.

Item: Uma averiguação das reservas de voos domésticos revelou que Chris MacNeil havia levado a filha a Dayton, Ohio. Kinderman sabia que a filha estava doente e que estava sendo levada a uma clínica. A clínica em Dayton teria que ser a Barringer. Kinderman havia checado e a clínica confirmou que a menina estivera em observação, mas eles se recusavam a explicar a natureza da doença, apesar de ter ficado claro se tratar de um distúrbio mental.

Item: Graves distúrbios mentais às vezes causam força fora do comum.

Kinderman suspirou, fechou os olhos e balançou a cabeça. Voltara à mesma conclusão. Então, abriu os olhos e olhou para o meio da rosa de papel: uma cópia antiga e gasta de uma revista. Na capa, estavam Chris e Regan. Ele analisou a filha: o rosto meigo e cheio de sardinhas e os rabos de cavalo com laço de fita, o dente da frente ausente no sorriso. Ele olhou através da janela para a escuridão, onde uma chuva constante começara a cair.

Ele foi à garagem, entrou em seu sedã preto e dirigiu pelas ruas molhadas e reluzentes da chuva até Georgetown, onde estacionou do lado leste da rua Prospect e passou vários minutos olhando em silêncio para a janela de Regan. Deveria bater à porta e exigir vê-la? Abaixando a cabeça, ele coçou a sobrancelha. *William F. Kinderman, você é doente!*, pensou. *Você está doente! Vá para casa! Tome um remédio! Durma! Melhore!* Olhou a janela de novo e balançou a cabeça. Aquele era o lugar aonde sua lógica assustada o levara. Ele observou quando um táxi parou perto da casa. Ligou o carro e acionou os limpadores de para-brisa a tempo de ver um senhor alto saindo do táxi. Ele pagou ao motorista, virou-se e ficou parado sob a luz meio apagada do poste de luz, olhando para uma janela da casa como um viajante melancólico paralisado no tempo. Quando o táxi se afastou e dobrou a esquina da rua 36, Kinderman rapidamente saiu atrás. Ao virar a esquina, piscou as lanternas, sinalizando para que o táxi parasse; do lado de dentro, na casa das MacNeil, Karras e Karl seguravam os braços marcados de Regan enquanto Sharon injetava Librium, chegando ao total de quatrocentos miligramas nas duas últimas horas, uma dosagem assustadora, Karras sabia; mas, depois de horas de torpor, a personalidade demoníaca havia acordado num acesso de fúria tão

grande que o organismo debilitado de Regan não toleraria por muito tempo.

Karras estava exausto. Após sua visita ao Escritório da Ordem naquela manhã, ele voltou para a casa a fim de contar a Chris o que havia acontecido, e, depois de aplicar a alimentação intravenosa em Regan, voltara para seu quarto no centro de residência jesuíta, onde se deitou de bruços na cama e caiu de imediato num sono profundo. Mas, depois de apenas duas horas, o toque estridente do telefone o despertou. Sharon. Regan ainda estava inconsciente e seu pulso vinha diminuindo gradualmente. Karras correu para a casa com a maleta de médico e beliscou o tendão de Aquiles de Regan, procurando reação à dor. Não houve nenhuma. Ele apertou uma de suas unhas. Mais uma vez, nenhuma reação. Ele ficou mais preocupado: apesar de saber que na histeria e em certos estados de transe pode haver, às vezes, insensibilidade à dor, temia o coma, um estado no qual Regan poderia evoluir para o óbito com facilidade. Ele conferiu a pressão sanguínea: nove por seis; depois, a frequência cardíaca: sessenta. Ficou esperando no quarto, e conferiu os sinais vitais outra vez a cada 15 minutos durante uma hora e meia antes de ter certeza de que a pressão sanguínea e a frequência cardíacas tinham se estabilizado, sinal de que Regan não estava em choque, mas sim num estado de torpor. Sharon foi instruída a continuar a checar o pulso de Regan de hora em hora. Karras voltou ao quarto e dormiu. Mas agora, de novo, um telefone o acordava. O exorcista, segundo o Escritório da Ordem, seria Lankester Merrin, e Karras o auxiliaria.

Ficou espantado com a notícia. Merrin! O paleontólogo-filósofo! O intelectual conhecido! Seus livros tinham causado agitação na Igreja, pois interpretaram sua fé como matéria que ainda estava se desenvolvendo e destinada a ser espírito que, no fim dos tempos, se uniria a Cristo, o “Ponto Ômega”.

Karras telefonara imediatamente para Chris para dar a notícia, mas descobriu que o bispo havia dito a ela que Merrin chegaria no dia seguinte.

— Eu disse ao bispo que ele poderia ficar aqui em casa — disse Chris. — Vão ser apenas um ou dois dias, certo?

Antes de responder, Karras parou e disse baixinho:

— Não sei. — Pausando de novo, disse: — A senhora não deve esperar muito.

— Se funcionar, o senhor quer dizer — disse Chris, com o tom de voz mais baixo.

— Eu não quis dizer que não funcionaria — disse o padre. — Só quis dizer que pode demorar.

— Quanto tempo?

— Varia.

Karras sabia que um exorcismo levaria semanas, até meses; sabia que, com frequência, dava totalmente errado. Acreditava que daria errado. Acreditava que o fardo, exceto pela cura por meio da sugestão, cairia mais uma vez e, por fim, sobre ele.

— Pode demorar dias ou semanas — disse ele.

— Quanto tempo ela tem, padre Karras? — respondeu Chris, anestesiada.

Quando desligaram o telefone, ele se sentiu pesado, atormentado; deitado na cama, pensou em Merrin. *Merrin!* Uma animação e uma esperança tomaram conta dele, apesar de uma sensação de tristeza ter vindo em seguida. Ele próprio havia sido a escolha natural para o exorcismo, mas, ainda assim, o Bispo o rejeitara. Por quê? Porque Merrin já tinha feito isso antes? Ao fechar os olhos, ele se lembrou de que os exorcistas eram escolhidos com base na “devoção” e nos “altos valores morais”; uma passagem no Evangelho de Mateus relatava que Cristo, ao ser indagado pelos discípulos do motivo pelo qual haviam fracassado numa tentativa de exorcismo, respondera: “Porque vocês têm pouca fé.” A Ordem tomara conhecimento de seu problema, assim como Tom Bermingham, o presidente da universidade de Georgetown. Será que um deles os havia relatado ao bispo?

Karras já havia se revirado na cama, desanimado; sentindo-se um pouco indigno, incompetente, rejeitado. Doía. De modo irracional, doía. Finalmente, o sono preencheu seu vazio, preencheu os espaços e as trincas de seu coração.

Mais uma vez, o telefone tocou: era Chris informando sobre o ataque repentino de Regan. De volta a casa, ele checou o pulso de Regan. Estava forte. Ele administrou Librium uma, duas vezes. Três. Por fim, foi até a cozinha e sentou-se à mesa da copa com Chris.

Ela estava lendo um livro, um que Merrin que havia comprado e mandado entregar em sua casa.

— Muito além da minha capacidade — disse ela a Karras com delicadeza; ainda assim, ela parecia comovida e profundamente emocionada. — Mas alguns trechos dele são muito bonitos... Maravilhosos. — Ela voltou à página de um trecho que havia marcado, e empurrou o livro a Karras. — Veja, dê uma olhada. Já o leu?

— Não sei. Deixe-me ver.

Karras pegou o livro e começou a ler:

> *Temos experiência familiar da ordem, da constância, da renovação perpétua do mundo material que nos cerca. Por mais frágeis e transitórias que sejam todas as partes, por mais incansáveis e migratórios que sejam seus elementos, ainda assim ele segue. Está unido por uma lei de permanência e, apesar de estar sempre morrendo, está sempre ganhando vida de novo. A dissolução apenas dá à luz modos novos de organização, e uma morte é a mãe de mil vidas. Cada hora, como vem, não passa de uma prova do quão efêmero (apesar de seguro e certo) é o todo. É como uma imagem nas águas, que é sempre a mesma, apesar de as águas continuarem fluindo. O sol desce, mas sobe de novo; o dia é engolido no escuro da noite, e nasce dela de novo, tão novo como se nunca tivesse sido suprimido. A primavera se transforma em verão, e atravessa o verão, o outono, e vira inverno, e volta mais certa, em um grande retorno, triunfando sobre a sepultura, apesar de seguir a passos apressados e firmes em direção à morte desde o início dos tempos. Lamentamos os desabrochares de maio porque eles morrem; mas sabemos que maio, um dia, vai se vingar de novembro com a revolução daquele ciclo solene que nunca para — que nos ensina em nosso ápice de esperança a sermos sempre sóbrios, e, na profundeza da desolação, a nunca nos desesperarmos.*

— Sim, é bonito — disse Karras baixinho, enquanto se servia de uma xícara de café, e os berros do demônio lá em cima aumentavam.

— *Desgraçado... escória... beato hipócrita!*

— Ela deixava uma rosa em meu prato... de manhã... Antes de eu ir trabalhar — disse Chris de modo distante.

Karras olhou para ela com o olhar questionador, e Chris respondeu:

— Regan. — Olhou para baixo. — Sim, certo. Eu me esqueci.

— Do que se esqueceu?

— Que o senhor não a conheceu. — Ela assoou o nariz e secou os olhos. — Quer um pouco de conhaque no café?

— Não, obrigado.

— O café está fraco — Chris sussurrou, trêmula. — Acho que vou pegar um pouco de conhaque. Com licença. — Ela se levantou e saiu da cozinha.

Karras ficou sozinho e bebericou o café. Sentiu-se aquecido com a blusa que vestia sob a batina; sentiu-se fraco por não conseguir confortar Chris. Então, uma lembrança da infância surgiu com tristeza, uma lembrança de Reggie, seu cachorro vira-lata, que ficou esquelético e desnorteado numa caixa no apartamento alugado e velho. Reggie tremia de febre e vomitava enquanto Karras tentava cobri-lo com toalhas, tentava fazer com que ele bebesse um pouco de leite morno, até que um vizinho passou, observou Reggie e disse, balançando a cabeça: “Seu cachorro tem cinomose. Ele precisa de injeções agora mesmo.” E então, numa tarde depois da escola... na rua... no poste da esquina... sua mãe ali para encontrá-lo... inesperado... com o semblante triste... entregou a ele uma moeda de cinquenta centavos... alegria... tanto dinheiro!... A voz dela, suave e delicada: “Reggie morreu...”

Ele olhou para o líquido quente e amargo em sua xícara e sentiu as mãos desprovidas de conforto e de cura.

— ...Desgraçado hipócrita!

O demônio. Ainda vociferando.

“*Seu cachorro precisa de injeções agora mesmo.*”

Karras se levantou e voltou para o quarto de Regan, onde ele a segurou enquanto Sharon aplicava uma injeção de Librium, que

totalizou a dosagem em quinhentos miligramas. Enquanto Sharon limpava o local furado pela seringa com um cotonete, preparando-se para colocar um band-aid ali, Karras olhou para Regan assustado, já que as obscenidades que lhe escapam da boca não pareciam direcionadas a alguém no quarto, mas sim para alguém invisível, ou que não estava presente.

Ele ignorou essa sensação.

— Volto já — disse ele a Sharon.

Preocupado com Chris, desceu até a cozinha, onde, mais uma vez, ele a encontrou sentada à mesa. Despejava conhaque no café.

— Tem certeza de que não quer um pouco, padre? — perguntou ela.

Balançando a cabeça, ele se aproximou da mesa, onde se sentou e cobriu o rosto com as mãos, apoiado nos cotovelos; ouviu os cliques de uma colher batendo na xícara de porcelana, enquanto mexia o café.

— Você conversou com o pai dela?

— Sim, ele telefonou — disse Chris. — Queria falar com Rags.

— E o que você disse a ele?

— Eu disse que ela estava numa festa.

Silêncio. Karras não ouviu mais cliques. Olhou para a frente e viu Chris olhando para o teto. Notou também que os gritos de obscenidades no andar de cima haviam cessado.

— Acho que o Librium fez efeito — disse ele, aliviado.

A campainha tocou. Karras virou-se na direção do som e para Chris, que olhou para ele com surpresa e dúvida, erguendo uma sobrancelha de modo apreensivo. Kinderman?

Segundos se passaram enquanto eles permaneceram ali, escutando. Ninguém tinha ido atender; Willie descansava em seu quarto, e Sharon e Karl ainda estavam no andar de cima. Tensa, Chris levantou-se abruptamente da mesa e foi para a sala de jantar, onde, ajoelhada no sofá, entreabriu a cortina e espiou pela janela para ver quem tocava. Não, não era Kinderman. *Graças a Deus!* Era um senhor alto com um sobretudo preto puído e um chapéu de feltro da mesma cor, segurando uma maleta preta, aguardando pacientemente com a cabeça baixa sob a chuva. Por um instante,

uma fivela prateada brilhou sob a luz do poste enquanto ele ajeitava a maleta. *Quem será este ser humano?*

Mais um toque.

Intrigada, Chris saiu do sofá e caminhou até o corredor. Entreabriu a porta da frente, espiando na escuridão enquanto a fina névoa da chuva passava por seus olhos. A aba do chapéu do homem encobria seu rosto.

— Olá, posso ajudá-lo?

— Sra. MacNeil? — disse a voz no escuro, delicada e polida, mas volumosa como uma colheita.

Chris assentia quando o estranho levou a mão à cabeça para tirar o chapéu, e de repente, ela viu olhos que a surpreenderam: brilhavam com inteligência e gentil compreensão, e a serenidade que saía deles fluía para dentro de Chris como as águas de um rio quente e curativo que nascia nele e, de algum modo, além dele; cujo fluxo era contido e, ainda assim, precipitado e infinito.

— Sou o padre Lankester Merrin — disse ele.

Por um momento, Chris olhou confusa para o rosto magro e ascético, para as faces esculpidas como pedra-sabão; abriu a porta.

— Ah, meu Deus, por favor, *entre*! *Entre!* Puxa, eu... *Que coisa!* Não sei onde está minha...

Ele entrou e ela fechou a porta.

— Eu pensei que o senhor só viesse amanhã! — disse ela.

— Sim, eu sei — disse ele.

Quando ela se virou para ele, viu que estava de pé com a cabeça inclinada para o lado, olhando para cima, como se tentasse escutar — não, como se tentasse *sentir*, pensou ela — alguma presença fora da vista; alguma vibração distante, conhecida e familiar. Confusa, Chris o observou. A pele dele parecia curtida por um sol que brilhava em outro lugar, algum lugar distante de seu tempo e espaço.

O que ele está fazendo?

— Posso pegar sua bolsa, padre?

— Não precisa — disse ele suavemente. Ainda tentava sentir. Ainda tentava perceber. — Ela é como se fosse parte de meu braço: muito velha... muito usada. — Ele olhou para baixo com olhos

simpáticos e cansados. — Estou acostumado com o peso. O padre Karras está aqui?

— Sim, está. Na cozinha. O senhor jantou, padre Merrin?

Merrin não respondeu. Apenas olhou para cima ao escutar uma porta sendo aberta.

— Sim, comi alguma coisa no trem.

— Tem certeza de que não quer mais nada?

Nenhuma resposta. O som da porta sendo fechada. Merrin voltou a olhar para Chris.

— Não, obrigado — disse ele. — A senhora é muito gentil.

Ainda surpresa, Chris disse:

— Puxa! Que chuva! Se eu soubesse que o senhor viria hoje, poderia tê-lo encontrado na estação.

— Tudo bem.

— O senhor teve que esperar muito tempo por um táxi?

— Alguns minutos.

— Deixe-me pegar isso, padre!

Karl. Ele havia descido a escada muito rapidamente, pegou a bolsa das mãos do padre e a levou para o corredor.

— Preparamos uma cama no escritório para o senhor, padre — disse Chris. — É muito confortável e imaginei que o senhor fosse gostar da privacidade. Mostrarei onde fica. — Ela começou a se mexer, mas parou. — Ou o senhor quer conversar com o padre Karras?

— Eu gostaria de ver sua filha antes.

— Agora, padre? — perguntou Chris, em dúvida.

Merrin olhou para cima de novo com um ar de atenção.

— Sim, agora. Acredito que agora.

— Tenho certeza de que ela está dormindo.

— Acho que não.

— Bem, se...

De repente, Chris se retraiu com o som vindo de cima, com a voz do demônio. Reverberante e, ainda assim, abafada, rouca, como se estivesse enterrada, ele chamou: “Merriiinnnnn!” E o uivo alto e estremecedor de um golpe de marreta contra a parede do quarto.

— *Deus todo-poderoso!* — Chris gritou ao levar a mão pálida contra o peito. Assustada, ela olhou para Merrin. O padre não havia

se mexido. Ainda estava olhando para cima, com o olhar intenso porém sereno, e em seus olhos não havia qualquer sinal de surpresa. Era como se aquilo lhe fosse familiar, pensou Chris.

Mais um golpe balançou as paredes.

— *Merriiiinnnnnnnn!*

O jesuíta começou a caminhar, alheio a Chris, que estava boquiaberta; a Karl, que saiu incrédulo do escritório; a Karras, que saía perplexo da cozinha enquanto as batidas e os roncos assustadores continuavam. Merrin subiu a escada calmamente, com a mão magra e pálida deslizando corrimão acima. Karras se aproximou de Chris e, juntos, eles observaram Merrin entrar no quarto de Regan e fechar a porta. Por um momento, fez-se silêncio. De repente, o demônio riu de modo assustador e Merrin logo saiu do quarto, fechou a porta e atravessou o corredor rapidamente enquanto, atrás dele, a porta do quarto se abriu de novo e Sharon colocou a cabeça para fora, olhando para ele com uma expressão estranha.

Merrin desceu a escada rapidamente e pousou a mão no ombro de Karras.

— Padre Karras!

— Olá, padre.

Merrin segurou a mão de Karras; ele se aferrava a ela, observando o rosto do jovem padre com um olhar de seriedade e preocupação, enquanto, no andar de cima, a risada assustadora transformou-se em obscenidades direcionadas a Merrin.

— O senhor parece extremamente cansado — disse Merrin. — Está cansado mesmo?

— Não.

— Que bom. Tem uma capa de chuva aqui?

— Não, não tenho.

— Bem, tome, pegue a minha — disse o jesuíta de cabelos grisalhos, desabotoando a capa respingada. — Gostaria que você fosse ao centro de residência, Damien, e pegasse uma batina para mim, duas sobrepelizes, uma estola roxa, um pouco de água benta e duas cópias de *O ritual romano*, o grande. — Entregou a capa de chuva a Karras, que parecia confuso. — Creio que podemos começar.

Karras franziu o cenho.

— O senhor quer dizer agora? Agora mesmo?

— Sim, creio que sim.

— Não quer conhecer o histórico do caso antes?

— Por quê?

Karras se deu conta de que não sabia responder. Desviou o olhar daqueles olhos desconcertantes.

— Certo, padre — disse ele, vestindo a capa de chuva e virando-se. — Vou buscá-los.

Karl atravessou a sala, caminhou na frente de Karras e abriu a porta da frente para ele. Os dois trocaram um rápido olhar, e Karras saiu na chuva. Merrin olhou para Chris.

— Eu deveria ter perguntado. A senhora não se importa se começarmos agora?

Ela estava observando, aliviada com a atitude decidida e direcionada que entrava na casa como um dia ensolarado.

— Não, fico contente — disse ela com gratidão. — Mas o senhor deve estar muito cansado, padre Merrin.

O velho padre viu que ela olhava com ansiedade para cima, na direção dos gritos do demônio.

— Quer uma xícara de café? — perguntou ela, com uma voz insistente e levemente suplicante. — Está quente, foi feito agora mesmo. Quer um pouco?

Merrin observou as mãos dela se abrindo e fechando levemente; seus olhos fundos.

— Sim, aceito — disse ele com simpatia. — Obrigado. — Algo pesado havia sido deixado de lado de forma gentil, mandado esperar. — Se não for dar trabalho.

Chris o levou para a cozinha e logo ele estava recostado ao fogão com uma xícara de café puro na mão. Chris pegou uma garrafa de conhaque.

— Quer um pouco de conhaque, padre?

Merrin abaixou a cabeça e olhou de modo inexpressivo para dentro da xícara.

— Bem, os médicos dizem que eu não deveria — disse ele —, mas, graças a Deus, minha vontade é fraca.

Chris hesitou e olhou para ele sem saber como reagir por não entender o que ele queria dizer, até ver a expressão de simpatia do padre ao levantar a cabeça e a xícara.

— Sim, obrigado, aceito.

Sorrindo, Chris serviu a bebida.

— Que belo nome você tem — disse Merrin a ela. — Chris MacNeil. Não é nome artístico?

Despejando conhaque no próprio café, Chris balançou a cabeça.

— Não, meu nome não é Sadie Glutz.

— Agradeça a Deus por *isso* — disse Merrin olhando para baixo.

Com um sorriso simpático, Chris sentou-se.

— E o nome Lankester, padre? Tão incomum. O senhor foi batizado em homenagem a alguém?

— Acho que talvez em homenagem a um navio de carga — disse Merrin ao desviar o olhar. Levando a xícara aos lábios, ele bebericou o café, refletiu e disse: — Ou uma ponte. Sim, creio que foi uma ponte.

Olhando para Chris, sua expressão era de diversão.

— Mas “Damien” — disse ele —, como eu queria ter um nome assim. Lindo.

— De onde vem esse nome, padre?

— Foi o nome de um padre que dedicou a vida a cuidar dos leprosos na ilha de Molokai. Ele acabou pegando a doença. — Merrin olhou para o lado. — Lindo nome — disse ele de novo. — Acredito que, com um nome como Damien, eu ficaria até feliz se o sobrenome fosse Glutz.

Chris riu. Sentiu-se mais leve, mais tranquila. Durante alguns minutos, ela e Merrin trocaram amenidades. Por fim, Sharon apareceu na cozinha, e só então Merrin se levantou para sair. Parecia que ele esperava pela chegada dela, pois imediatamente levou a xícara à pia, lavou-a e a colocou no escorredor com cuidado.

— Estava ótimo, exatamente o que eu queria — disse ele.

— Levarei o senhor a seu quarto — disse Chris, levantando-se.

Merrin agradeceu e a acompanhou à porta do escritório, onde ela lhe disse:

— Se precisar de qualquer coisa, é só dizer, padre.

Ele colocou a mão no ombro dela e apertou com suavidade, e Chris sentiu um calor, uma força adentrando seu corpo, além de uma sensação de paz e de algo parecido com... *O quê?*, perguntou-se. Segurança? Sim, algo assim.

— O senhor é muito gentil — disse.

— Obrigado — respondeu ele, com os olhos sorrindo.

Tirou a mão e, enquanto a observava se afastando, um nó doloroso pareceu tomar seu rosto. Entrou no escritório e fechou a porta. De um dos bolsos da calça, tirou uma latinha na qual se lia *Aspirina*, abriu-a, tirou um comprimido de nitroglicerina e o colocou cuidadosamente sob a língua.

Ao entrar na cozinha, Chris parou na porta e olhou para Sharon, que estava perto do fogão, com a palma da mão contra o batente enquanto esperava o café esquentar de novo. Parecia confusa e olhava para o nada. Preocupada, Chris se aproximou dela e disse:

— Querida, por que não descansa um pouco?

Por um momento, não houve resposta. De repente, Sharon virou-se e olhou inexpressivamente para Chris.

— Desculpe. O que você disse?

Chris observou a seriedade em seu rosto, o olhar distante.

— O que aconteceu lá em cima, Sharon? — perguntou ela.

— Onde?

— Quando o padre Merrin entrou no quarto de Regan.

— Ah, sim... — Franzindo o cenho levemente, Sharon pareceu dividida entre a dúvida e a lembrança. — Sim. Foi engraçado.

— Engraçado?

— Estranho. Eles apenas... — disse, hesitando. — Eles apenas se entreolharam por um momento, e Regan, aquela coisa, disse...

— O quê?

— “Desta vez, você vai perder.”

Chris olhou para ela, esperando.

— E então?

— Foi isso — respondeu Sharon. — Ele se virou e saiu do quarto.

— E como ele estava? — perguntou Chris.

— Com uma cara engraçada.

— Ah, pelo amor de Deus, Sharon, pense em outra palavra! — Chris disse, e estava prestes a dizer outra coisa quando percebeu que Sharon havia inclinado a cabeça um pouco para o lado, distraída, como se estivesse ouvindo. Seguindo seu olhar, Chris também ouviu: o silêncio; a pausa nas vociferações do demônio; mas algo mais... algo além... que crescia.

As mulheres se entreolharam.

— Está sentindo também? — perguntou Sharon.

Chris assentiu. Algo na casa. Uma tensão. Um pulsar gradual e o peso no ar, como energias opostas crescendo lentamente. A campainha tocou e pareceu surreal.

Sharon virou-se.

— Vou atender.

Ela caminhou pelo corredor e abriu a porta. Era Karras. Ele carregava uma caixa de papelão.

— Padre Merrin está no escritório — disse Sharon.

— Obrigado.

Karras caminhou apressadamente ao escritório, bateu de leve à porta e entrou com a caixa.

— Sinto muito, padre — disse ele. — Eu tive um pequeno...

Karras parou. Merrin, de calça e camiseta, estava ajoelhado, rezando ao lado da cama, com as mãos na testa, e por um momento Karras ficou parado, como se, de repente, tivesse encontrado a si mesmo na infância, com uma roupa de coroinha no braço, passando por ele com pressa e sem qualquer sinal de reconhecimento.

Karras olhou para a caixa aberta, para as gotas de chuva que a haviam molhado. Caminhou até o sofá, onde, sem qualquer barulho, deixou o conteúdo da caixa. Quando terminou, tirou a capa de chuva e a pôs com cuidado em cima de uma cadeira. Olhando para Merrin, ele viu o padre se benzendo e rapidamente desviou o olhar. Pegou a sobrepeliz maior, de algodão branco, e começou a colocá-la sobre a batina quando ouviu Merrin se levantando e caminhando em sua direção. Ajeitando sua sobrepeliz, Karras virou-se para olhá-lo quando o velho padre parou diante do sofá, observando com afeição os itens da caixa.

Karras pegou uma blusa.

— Trouxe isto para o senhor vestir embaixo da batina, padre — disse ele ao entregar a peça. — O quarto dela fica muito frio às vezes.

Ao olhar para a blusa, Merrin a tocou com os dedos.

— Muito gentil de sua parte, Damien. Obrigado.

Karras pegou a batina de Merrin do sofá e o observou vestir a blusa. Muito repentinamente, ao ver este gesto prosaico e trivial, sentiu o imenso impacto do homem, do momento, da pesada calma na casa, pesando sobre ele, sufocando sua respiração e sua impressão de que o mundo era sólido e real. Voltou à realidade ao sentir a batina sendo tirada de suas mãos. Merrin. Ele a vestiu.

— Conhece as leis do exorcismo, Damien?

— Sim.

Merrin começou a abotoar a batina.

— É especialmente importante o alerta para que se evite conversar com o demônio.

O demônio!, pensou Karras.

Ele dissera aquilo de modo tão banal. Isso o abalou.

— Podemos perguntar o que for relevante — Merrin continuou. — Mas ir além disso é perigoso... Muito perigoso. — Ele pegou a sobrepeliz das mãos de Karras e começou a vesti-la sobre a batina. — Acima de tudo, não dê ouvidos a nada do que ele disser. O demônio é um mentiroso. Vai mentir para nos confundir, mas também misturará mentiras e verdades para nos atacar. O ataque é psicológico, Damien. E poderoso. Não dê ouvidos. Lembre-se disso. Não dê ouvidos.

Enquanto Karras entregava a estola, o exorcista acrescentou:

— Quer me perguntar alguma coisa, Damien?

Karras negou, balançando a cabeça.

— Não, mas creio que seria útil se eu desse ao senhor informações sobre as diferentes personalidades que Regan tem manifestado. Até agora, parece que são três.

Ao colocar a estola sobre os ombros, Merrin disse baixinho:

— Só há uma. — Em seguida, pegou os exemplares de *O ritual romano* e entregou um deles a Karras. — Pularemos a Ladainha dos Santos. Você está com a água benta, Damien?

Karras pegou o frasco arrolhado de dentro de seu bolso. Merrin o segurou e assentiu em direção à porta.

— Vá na frente, por favor, Damien.

No andar de cima, perto da porta do quarto de Regan, Sharon e Chris esperavam. Tensas. Agasalhadas com blusas e casacos grossos, elas se viraram ao ouvir a porta se abrindo e olharam para Merrin, com Karras atrás dele, aproximando-se da escada de forma lenta e séria. Os dois tinham a aparência muito impressionante, pensou Chris; Merrin tão alto e Karras com o rosto marcado em contraste com o branco inocente da sobrepeliz. Ela os observou subindo os degraus sem parar, e, ainda que sua razão lhe dissesse que eles não tinham superpoderes, ela se sentiu profunda e estranhamente emocionada quando algo suspirou à sua alma que talvez eles os tivessem, sim. Ela sentiu o coração começar a bater com mais força.

À porta do quarto, os jesuítas pararam. Karras franziu o cenho ao ver a blusa e o casaco que Chris vestia.

— A senhora vai entrar?

— O senhor acha que eu não deveria?

— Por favor, não entre — Karras pediu. — Não entre. Seria um erro.

Chris virou-se confusa para Merrin.

— O padre Karras sabe o que está dizendo — disse o exorcista de modo discreto.

Chris voltou a olhar para Karras. Abaixou a cabeça.

— Tudo bem — disse ela com desânimo. Recostou-se na parede. — Esperarei aqui fora.

— Qual é o segundo nome de sua filha? — perguntou Merrin.

— É Teresa.

— É um lindo nome — disse o padre, de modo simpático. Olhou para Chris por um momento, de modo a confortá-la, e, quando virou a cabeça e olhou para a porta do quarto de Regan, Chris sentiu aquela tensão, a escuridão pesando atrás dela. Dentro do quarto.

Além daquela porta.

Merrin assentiu.

— Certo — disse com suavidade.

Karras abriu a porta, e quase caiu para trás com o fedor e o vento frio que sentiu ao entrar. Num canto do quarto, abrigado numa jaqueta grossa de pelo de carneiro, Karl estava encolhido numa cadeira. Ele se virou para Karras, que rapidamente olhara para o demônio na cama. Os olhos brilhantes dele estavam voltados na direção do corredor. Fixos em Merrin.

Karras caminhou em direção aos pés da cama enquanto Merrin, de pé e com a coluna reta, andou lentamente para o lado da cama, onde parou e viu o ódio. Agora, um silêncio pesado tomava conta do quarto. Regan passou a língua escura pelos lábios rachados e inchados. O som emitido parecia o de uma mão alisando um pergaminho amassado.

— Pois bem, sua escória orgulhosa! — A voz demoníaca vociferou. — Finalmente! Você veio!

O velho padre ergueu a mão e fez o sinal da cruz acima da cama e repetiu o gesto na direção de todos no quarto. Virando-se, tirou a rolha do frasco de água benta.

— Ah, sim! A urina benta agora — disse a voz demoníaca. — O sêmen dos santos!

Merrin ergueu o frasco e a face demoníaca tornou-se lívida e contorcida enquanto a voz dizia:

— Ah, *vai fazer isso*, desgraçado? *Vai?*

Merrin começou a jogar gotas de água benta, e o demônio levantou a cabeça, com os músculos da boca e do pescoço tremendo de ódio.

— Sim, espirre! Espirre, Merrin! Molhe-nos! Afogue-nos em seu suor! Seu suor é santificado, santo Merrin! Incline-se e peide nuvens de incenso! Incline-se e mostre a sua bunda sagrada para que todos possamos adorar, Merrin! *Beijar!* Faça...

— *Cale-se!*

As palavras foram ditas como trovões. Karras se retraiu e inclinou a cabeça surpreso para Merrin, que olhava implacavelmente para Regan. E o demônio ficou calado. Olhando para o padre.

Mas os olhos agora estavam hesitantes. Piscavam. Assustados.

Merrin tampou o frasco de água benta e o devolveu a Karras. O psiquiatra o guardou no bolso e observou Merrin ajoelhar-se ao lado da cama, fechar os olhos e murmurar uma oração:

— “Pai nosso...” — Ele começou.

Regan cuspiu e acertou um monte de muco amarelo no rosto de Merrin. A gosma escorreu devagar pelo rosto do exorcista.

— “...Venha a nós o Vosso reino...” — Com a cabeça ainda baixa, Merrin continuou a rezar sem parar enquanto enfiava a mão no bolso para pegar um lenço e limpar sem pressa o catarro — “...e não nos deixeis cair em tentação” — Finalizou.

— “Mas livrai-nos do mal”— respondeu Karras.

Ele olhou para para a frente rapidamente. Os olhos de Regan rolavam para dentro das órbitas até a esclera ficar exposta. Karras sentiu-se inseguro. Sentiu algo no quarto se solidificar. Voltou à oração com Merrin:

— “Senhor Deus, pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, intercedo a vós, a seu santo nome, e imploro por sua bondade, que o Senhor me conceda ajuda contra o espírito que agora atormenta essa criatura Sua; por Cristo, nosso Senhor.”

— Amém — respondeu Karras.

Merrin colocou-se de pé e continuou rezando.

— “Deus, Criador e defensor da raça humana, olhai com piedade para esta serva, Regan Teresa MacNeil, agora presa nas garras do velho inimigo do homem, inimigo de nossa raça, que...”

Karras olhou para a frente ao ouvir Regan silvando, viu que ela estava sentada ereta com a esclera à vista, enquanto a língua saía de sua boca com rapidez, remexendo a cabeça lentamente como uma cobra, e, mais uma vez, ele sentiu uma inquietação. Olhou para seu livro.

— “Salve sua serva” — Merrin rezou, lendo o *Ritual*.

— “Que em Ti crê, meu Deus” — respondeu Karras.

— “Deixe-a encontrar no Senhor uma torre fortificada.”

— “Na face do inimigo.”

Enquanto Merrin continuava na linha seguinte — “Não permita que o inimigo tenha poder sobre ela” —, Karras ouviu Sharon assustar-se atrás dele e, virando com rapidez, viu seu rosto estupefato. Confuso, ele voltou a olhar para a cama, e se chocou.

A parte da frente da cama estava se erguendo do chão!

Karras olhou para a cama, incrédulo e atordoado. Dez centímetros. Quinze. Trinta. As pernas de trás começaram a subir.

— *Gott in Himmel!* — Karl sussurrou, amedrontado. Mas Karras não o ouviu nem viu quando ele fez o sinal da cruz no momento em que a parte de trás da cama ficou no mesmo nível que a da frente.

Isso não está acontecendo!, pensou ele.

A cama se ergueu mais trinta centímetros e ali permaneceu, balançando de leve como se fosse um barco num lago calmo.

— Padre Karras?

Regan ondulava e silvava.

— Padre Karras?

Karras virou-se. O exorcista olhava para ele com serenidade, e assentiu em direção ao exemplar de *O ritual romano* nas mãos de Karras.

— A resposta, por favor, Damien.

Karras estava inexpressivo e parecia não compreender, sem perceber que Sharon havia saído correndo do quarto.

— “Não permita que o inimigo tenha poder sobre ela” — Merrin repetiu.

Rapidamente, Karras voltou a olhar para o texto e, com o coração acelerado, leu a resposta:

— “E que o filho da iniquidade seja impotente para prejudicá-la.”

— “Senhor, ouça minha prece” — Merrin continuou.

— “E que meu apelo chegue a Ti.”

— “Que o Senhor esteja contigo.”

— “E com seu espírito.”

Merrin deu início a uma oração comprida, e Karras mais uma vez se concentrou na cama, na esperança que tinha em seu Deus e no movimento sobrenatural do móvel pairando no ar. Sentiu uma emoção tomar seu ser. *Está ali! Bem ali! Bem na minha frente!* Olhou para trás de repente quando ouviu a porta sendo aberta, e Sharon entrando com Chris, que parou, sem acreditar, e disse:

— *Jesus Cristo!*

— “Pai poderoso, Deus eterno...”

O exorcista levantou a mão de maneira comum e fez o sinal da cruz rapidamente, três vezes diante do rosto de Regan, enquanto continuava a ler o texto do *Ritual*:

— “...que enviou Vosso amado Filho ao mundo para destruir o leão que ruge...”

Os silvos cessaram e, da boca de Regan, que estava aberta em formato de O, foi emitido um grunhido.

— “...livre da destruição e das garras do demônio esse ser humano feito à vossa imagem, e...”

O grunhido ficou mais alto, rasgando a carne e estremecendo os ossos.

— “Deus e Senhor de toda a criação...” — Merrin levantou a mão e pressionou uma parte da estola no pescoço de Regan enquanto continuava a rezar: — “...por quem Satanás caiu do céu como um raio, afaste a fera que agora devasta vossa vinha...”

O grunhido parou e, a princípio, um silêncio pesado tomou conta; em seguida, um vômito denso, fedorento e verde começou a sair da boca de Regan em rajadas lentas e regulares, escorrendo por seus lábios em ondas finas para as mãos de Merrin. Mas ele não se limpou.

— “Permita que vossa mão poderosa retire esse demônio cruel de Regan Teresa MacNeil, que...”

Karras percebeu que a porta estava sendo aberta, e que Chris saíra correndo do quarto.

— “Expulse esse perseguidor da inocente...”

A cama começou a balançar devagar, deu algumas batidas e, de repente, sacodia-se com violência. Com o vômito ainda saindo da boca de Regan, Merrin fez ajustes com calma e manteve a estola firme em seu pescoço.

— “Dê a vossos servos coragem para lutar contra o dragão que humilha aqueles que em Ti confiam, e...”

De repente, os movimentos diminuíram e, enquanto Karras observava assustado, a cama abaixou-se como uma pluma, com leveza em direção ao chão, onde se posicionou sobre o tapete com um som abafado.

— Senhor, dê a esta...

Atordoado, Karras desviou o olhar. A mão de Merrin. Não conseguiu vê-la, pois estava coberta de vômito verde e quente.

— Damien?

Karras olhou para a frente.

— “Senhor, escutai a minha prece” — disse gentilmente o exorcista.

Karras virou-se.

— “E que meu apelo chegue a Ti.”

Merrin levantou a estola, deu um passo para trás e gritou, ordenando:

— “Eu o expulso, espírito imundo, juntamente com todos os poderes do inimigo. Todas as sombras do inferno! Todo companheiro do mal!” — A mão de Merrin pingava vômito no tapete. — “É Cristo quem ordena, aquele que criou o vento, o mar e a tempestade! Que...”

Regan parou de vomitar e ficou sentada, calada e imóvel, com a esclera voltada para Merrin. Aos pés da cama, Karras a observou com atenção quando seu choque e excitação começaram a diminuir, enquanto sua mente se agitava sem parar, revirando compulsivamente os recôncavos da dúvida lógica: *poltergeists*, ação psicocinética, tensões adolescentes e força direcionada à mente. Ele franziu o cenho quando se lembrou de algo. Caminhou até a lateral da cama, inclinou-se para a frente, segurou o pulso de Regan. E encontrou o que temia. Como o xamã na Sibéria, o pulso de Regan batia a uma velocidade inacreditável. O fato o deixou desanimado e, olhando para o relógio, Karras contou os batimentos cardíacos, como argumentos contra sua vida.

— “É Ele que o obriga, Ele que o expulsou do céu!”

As palavras reverberantes de Merrin atingiram a consciência de Karras com golpes ressoantes e inexoráveis conforme a pulsação aumentava. E aumentava. Karras olhou para Regan. Ainda calada. Sem se mexer. Sob o vento gelado, névoas de vapor saíam do vômito como uma oferenda de mau cheiro. Os pelos dos braços de Karras começaram a se arrepiar, com lentidão assustadora, um pouco por vez, e a cabeça de Regan girava, como a de uma boneca, com o som de um mecanismo enferrujado, até que aqueles olhos assustadores se fixaram nos dele.

— “E, assim, trema de medo agora, Satanás...”

A cabeça virou lentamente de volta a Merrin.

— “Seu corruptor da justiça! Pai da morte! Traidor das nações! Ladrão da vida! Seu...”

Karras olhou de forma cautelosa ao redor, quando as luzes do quarto começaram a piscar, seu brilho diminuindo, e se tornaram

mais amareladas e sombrias. Karras estremeceu. O ambiente ficou ainda mais frio.

— “...Você, príncipe dos assassinos! Inventor de todas as obscenidades! Inimigo da raça humana! Você...”

Um baque abafado tomou o quarto. Depois, mais um. As paredes começaram a estremecer, pelo chão, pelo teto, rachando e batendo de modo constante, como a batida de um coração grande e doente.

— “Desapareça, seu monstro! Seu lugar é na solidão! Sua moradia é num ninho de víboras! Abaixe-se e rasteje como elas! É o próprio Deus quem o obriga! O sangue de...”

As batidas se tornaram mais fortes e cada vez mais rápidas.

— “Eu exijo, velha serpente...”

E mais rápidas...

— “...pelo juiz dos mortos e dos vivos, por seu Criador, pelo Criador de todo o universo, para...”

Sharon gritou, pressionando as mãos contra os ouvidos conforme as batidas se tornavam ensurdecedoras e, de repente, se aceleraram a um ritmo aterrorizante.

A pulsação de Regan estava extremamente alta, rápida demais para acompanhar. Do outro lado da cama, Merrin estendeu o braço com calma e, com a ponta do polegar, traçou o sinal da cruz no peito coberto de vômito da menina. As palavras de sua oração foram encobertas pelas batidas.

Karras sentiu a pulsação cair de repente, e, enquanto Merrin rezava e fazia o sinal da cruz na testa da menina, as batidas assustadoras pararam repentinamente.

— “Ó Deus, do céu e da terra, Deus dos anjos e dos arcanjos...” — Karras ouvia a oração de Merrin conforme a pulsação continuava caindo, caindo...

— Desgraçado orgulhoso, Merrin! Escória! Você vai perder! Ela vai morrer! *A porca vai morrer!*

As luzes se tornaram gradualmente mais claras e o demônio voltou a falar com ódio com Merrin.

— Maldito sem-vergonha! Herege velho que ousa acreditar que o universo um dia se tornará Cristo! Eu ordeno que você olhe para mim! Sim, olhe para mim, desgraçado! — O demônio se lançou

para a frente e cuspiu no rosto de Merrin, vociferando em seguida: — E *assim* seu mestre cura os cegos!

— “Deus e Senhor de toda criação” — Merrin rezou, pegando o lenço com calma para limpar o cuspe.

— Agora, siga os ensinamentos dele, Merrin! Faça isso! Coloque seu pênis santificado na boca da porca e *purifique-a*, esfregue-a com sua relíquia enrugada e ela será *curada*, Santo Merrin! Sim, um *milagre*! Um...

— “...ajude esta serva...”

— *Hipócrita!* Você não se importa *nem um pouco* com a porca. Não se importa *nada*! Você a tornou uma *disputa entre nós dois*!

— “Eu humildemente...”

— Mentiroso! Mentiroso desgraçado! Diga onde está sua humildade, Merrin? No deserto? Nas ruínas? Nas tumbas para onde você escapou para fugir do próximo? Para fugir de seus inferiores, dos doentes da cabeça? Você fala com *homens*, seu nojento?

— “...ajude...”

— Seu lar é num ninho de pavões, Merrin! Seu lugar é dentro de si mesmo! Volte para o topo da montanha e converse com seu único semelhante!

Merrin seguiu com as orações, inabalável, enquanto as ofensas continuavam.

— Está com fome, santo Merrin? Aqui, dou a você néctar e ambrosia, dou a você o pão de cada dia de seu Deus! — O demônio gritava de modo sarcástico enquanto Regan defecava. — Porque *este* é meu corpo! Agora, abençoe *isso*, Santo Merrin!

Enojado, Karras voltou sua atenção para o texto enquanto Merrin lia uma passagem de São Lucas:

— “‘Meu nome é Legião’, respondeu o homem, pois muitos demônios haviam entrado nele. E implorou a Jesus que não os mandasse para o abismo. Uma grande manada de porcos pastava ali, na encosta da montanha. E os demônios pediam a Jesus para entrarem nos animais. E Ele lhes deu permissão. E os demônios saíram do homem e entraram nos porcos, que se jogaram do abismo, para dentro do lago, e morreram afogados. E...”

— Willie, tenho boas notícias! — O demônio vociferou. Karras olhou para a frente e viu Willie perto da porta, parada com os braços

cheios de toalhas e lençóis. — Trago a você notícias de redenção! — disse ele. — Elvira *está viva*! Ela *vive*! Ela...

Willie ficou chocada e Karl virou-se e gritou para ela.

— Não, Willie! *Não!*

— ...Uma drogada, Willie, uma perdida...

— Willie, não ouça! — Karl gritou.

— Devo dizer onde ela mora?

— *Não ouça! Não ouça!* — disse Karl, empurrando Willie para fora do quarto.

— Vá visitá-la no dia das *mães*, Willie! Faça uma surpresa! Vá e...

De repente, o demônio parou e olhou para Karras. Mais uma vez, ele conferiu a pulsação de Regan e, ao ver que estava forte o bastante para lhe dar mais Librium, ele se dirigiu a Sharon para instruí-la a preparar mais uma injeção.

— Karras, você a quer? — perguntou o demônio. — Ela é sua! Sim, a vaca é sua! Pode montá-la o quanto quiser! Sabe, ela pensa em você todas as noites! Sim, em você e em seu pau grosso e grande!

Sharon corou e não olhou para Karras enquanto o padre lhe dizia que era seguro dar Librium a Regan.

— E um supositório de Compazina, para o caso de ela vomitar mais — disse ele.

Sharon assentiu, olhando para o chão, e se afastou. Ao passar pela cama, com a cabeça ainda baixa, Regan gritou para ela:

— *Vagabunda!* — Sentou-se e acertou seu rosto com uma rajada de vômito, e, enquanto Sharon permanecia paralisada e chocada, a personalidade de Dennings apareceu, vociferando: — Piranha! Puta!

Sharon saiu correndo do quarto.

A personalidade de Dennings fez uma careta de raiva, olhou ao redor e perguntou:

— Alguém pode abrir uma *janela*, por favor? Está *fedendo* aqui dentro. Simplesmente... Não, não, não! Não, pelo amor de *Deus*, não abram, ou *mais alguém* pode acabar morrendo! — E então ele riu, fazendo uma careta monstruosa a Karras, e desapareceu.

— “É Ele quem lhe expulsa...”

— É mesmo, Merrin? Ele expulsa?

A entidade demoníaca havia se virado e Merrin continuou as adjurações, a aplicação da estola e o traçar do sinal da cruz enquanto a entidade o atacava de modo obsceno.

Tempo demais, pensou Karras; o acesso estava demorando tempo demais.

— Agora, aqui está a leitoa! A mãe da porquinha!

Karras virou-se e viu Chris caminhando na direção dele com um chumaço de algodão e uma seringa descartável. Ela manteve a cabeça baixa enquanto o demônio gritava, e Karras prosseguiu, franzindo o cenho.

— Sharon está trocando de roupa — Chris explicou —, e Karl...

— Tudo bem — disse Karras, interrompendo-a de modo brusco.

Juntos, eles se aproximaram da cama.

— Ah, sim, venha ver seu trabalho, leitoa-mãe! Venha!

Chris tentou não ouvir, não olhar, enquanto Karras segurava os braços fortes de Regan.

— Veja o vômito! Veja a vaca acabada! — O demônio gritou. — Está feliz? Foi *você* quem fez isso! Sim, *você*, com sua carreira sempre antes de *qualquer coisa*, sua carreira antes de seu *marido*, antes *dela*, antes...

Karras olhou ao redor. Chris ficou paralisada.

— Continue! — disse ele com firmeza. — Não dê ouvidos! Continue!

— ...*de seu divórcio!* Procurou padres, não é? Padres não vão resolver! A porca está *louca*! Você entendeu? Você a levou à loucura e ao assassinato e...

— *Não consigo!* — Com o rosto contorcido, Chris olhava para a seringa na mão trêmula. Balançou a cabeça. — Não consigo fazer isso!

Karras tirou a seringa de sua mão.

— Tudo bem! Passe o algodão! Passe! Ali!

— ...ao *caixão* dela, sua vaca, ao...

— Não dê ouvidos! — Karras aconselhou Chris de novo.

A entidade demoníaca virou a cabeça, com os olhos vermelhos cheios de fúria.

— E *você*, Karras! Sim! *Você!*

Chris passou o algodão no braço de Regan.

— Agora, saia! — disse Karras ao enfiar a seringa na pele machucada.

Chris correu para fora.

— Sim, nós *sabemos* de sua gentileza com as *mães*, Karras! — disse o demônio. O jesuíta empalideceu e por um momento não se mexeu. Então, lentamente, tirou a agulha e olhou para as partes brancas dos olhos de Regan enquanto de sua boca saía um canto baixo, lento, com uma voz doce e clara, como a de um menino de coral. — "*Tantum ergo sacramentum veneremur cernui*..."

Era um hino entoado na missa católica. Karras continuou pálido. Estranho e assustador, o hino era um vácuo dentro do qual Karras sentiu o horror da noite ganhando uma forte claridade. Ele olhou para a frente e viu Merrin com uma toalha nas mãos. Com movimentos cansados, ele limpou o vômito do rosto e do pescoço de Regan.

— "*...et antiquum documentum...*"

O hino. *De quem era a voz?*, pensou Karras. E então, fragmentos: *Dennings... a janela...* Esgotado, viu Sharon voltar para o quarto e pegar a toalha das mãos de Merrin.

— Vou terminar isso, padre — disse ela. — Estou bem agora. Gostaria de mudar a roupa dela e limpá-la antes de administrar a Compazina. Tudo bem? Vocês dois podem esperar um pouco lá fora?

Os padres saíram do quarto, indo para o calor e para a claridade do corredor, onde se recostaram na parede, com a cabeça baixa e os braços dobrados enquanto escutavam o canto assustador e abafado de dentro. Foi Karras quem interrompeu o silêncio.

— Padre, o senhor disse mais cedo que havia apenas uma personalidade com a qual estávamos lidando.

— Sim.

Os tons de voz sussurrantes, as cabeças baixas, eram confessionais.

— Todas as outras são formas de ataque — Merrin prosseguiu. — Há uma... só uma. É um demônio. — Fez-se silêncio. E, então, Merrin disse simplesmente: — Sei que você duvida, mas eu já encontrei esse demônio antes. E ele é forte, Damien. Poderoso.

Silêncio. Karras voltou a falar.

— Dizemos que o demônio não pode mudar a vontade da vítima.

— Sim, é isso mesmo. Não existe pecado.

— Então, qual seria o *propósito* da possessão? Qual é o sentido?

— Como saber? — respondeu Merrin. — Quem pode saber? E ainda acho que o alvo do demônio não é o possuído. Somos nós... que observamos... Todas as pessoas desta casa. E eu acho... Acredito que o objetivo é fazer com que nos desesperemos, que rejeitemos nossa humanidade, Damien: que vejamos a nós mesmos como bestas, maus e podres; deploráveis; horrorosos, indignos. E talvez aí esteja o cerne da questão: na indignidade. Porque eu acho que a crença em Deus não é uma questão de razão; acredito que é, no fundo, uma questão de amor: de aceitarmos a possibilidade de que Deus possa nos amar.

Merrin parou e prosseguiu mais lentamente, com um ar de introspecção:

— Mas quem sabe? Está claro, pelo menos para mim, que o demônio sabe em que ponto tocar. Ah, sim, ele sabe. Há muito tempo, eu me desesperava por não amar o próximo. Certas pessoas... me repeliam. *Então, como eu poderia amá-las?*, pensava. Isso me atormentava, Damien, me levava a perder as esperanças em relação a mim mesmo e, em pouco tempo, em relação a meu Deus. Minha fé foi destruída.

Surpreso, Karras virou-se e olhou para Merrin com interesse.

— E o que aconteceu? — perguntou ele.

— Ah, bem... Pelo menos, eu percebi que Deus nunca me pediria algo para o qual eu soubesse ser psicologicamente incapaz; que o amor que Ele pedia estava na minha *vontade* e não devia ser sentido como emoção. Não. De jeito nenhum. Ele queria que eu *agisse* com amor; que eu *fizesse* pelos outros; e que eu devia fazer isso com quem me repelia, creio, pois seria um ato maior de amor do que qualquer outro. — Merrin abaixou a cabeça e falou ainda mais baixo. — Sei que tudo isso deve parecer muito óbvio para você, Damien, eu sei. Mas, na época, não conseguia ver isso. Uma cegueira estranha. Quantos maridos e esposas devem ter acreditado que não mais amavam porque seus corações não mais batiam acelerados quando viam seus amados. Ah, santo Deus! — Ele balançou a cabeça e assentiu. — Acho que é aí que está,

Damien... A possessão. Não nas guerras, como algumas pessoas acreditam, não tanto. E muito raramente em intervenções extraordinárias como aqui... Esta menina... Esta pobre criança. Não, costumo ver a possessão nas coisas pequenas, Damien. Nas picuinhas e nos desentendimentos; na palavra cruel e cortante que salta livre à língua entre amigos. Entre namorados. Entre marido e mulher. Temos muito disso e não precisamos de Satanás para criar nossas guerras. Conseguimos criá-las sozinhos... Sozinhos.

O hino no quarto ainda podia ser ouvido, e Merrin observou a porta com o olhar distante.

— E mesmo disto, do mal, finalmente virá o bem de alguma maneira. De alguma maneira que nunca poderemos entender ou até mesmo ver. — Merrin fez uma pausa, e continuou: — Talvez o mal seja a provação da bondade. E talvez até mesmo o Satanás sirva, de certa forma, para testar a vontade de Deus.

Merrin não disse mais nada e, por um tempo, permaneceu em silêncio enquanto Karras refletia, até que mais uma objeção lhe ocorreu.

— Quando o demônio for expulso — perguntou Karras —, o que o impedirá de voltar?

— Não sei — respondeu Merrin. — Mas, de todo modo, nunca acontece. Não, nunca. — Merrin levou a mão ao rosto, apertando os cantos dos olhos. — Damien... Que nome lindo — Ele murmurou. Karras percebeu a exaustão em sua voz. E mais alguma coisa. Ansiedade. Algo como uma dor reprimida.

De repente, Merrin se afastou da parede, e, com o rosto ainda coberto pelas mãos, pediu licença e atravessou o corredor até um banheiro. *O que havia de errado?*, pensou Karras. Ele sentiu uma inveja e admiração repentinas pela fé forte e simples do exorcista. Então, virou-se na direção da porta. O hino. Havia parado. Será que a noite, enfim, havia chegado ao fim?

Alguns minutos depois, Sharon saiu do banheiro com um monte de roupas e lençóis sujos.

— Ela está dormindo agora — disse ela, desviou-se o olhar rapidamente e se afastou.

Karras respirou fundo e voltou a entrar no quarto. Sentiu o frio. Sentiu o fedor. Caminhou devagar até o lado da cama. Regan.

Adormecida. Finalmente. E, finalmente, pensou Karras, ele poderia descansar. Esticou a mão, segurou o pulso fino de Regan e, erguendo o outro braço, observou seu relógio, o ponteiro dos segundos.

— Por que você faz isso comigo, Dimmy?

O coração do jesuíta parou.

— Por que você faz isso?

Karras não se mexeu, não respirou, não ousou olhar para aquela voz pesarosa para ver se aqueles olhos realmente estavam ali. Olhos de acusação. Olhos solitários. Os olhos de sua mãe. De *sua mãe*!

— Você me abandonou para ser padre, Dimmy, me mandou para a instituição...

Não olhe!

— E agora me expulsa?

Não é ela!

— Por que você faz isso?

Com a cabeça latejando, o coração na boca, Karras fechou os olhos com força enquanto a voz parecia mais suplicante, mais assustada e chorosa.

— Você sempre foi um bom menino, Dimmy. Por favor! Eu tenho medo! Por favor, não me expulse, Dimmy! *Por favor!*

Você não é a minha mãe!

— Lá fora não tem *nada*! Só escuridão, Dimmy! Solidão.

— Você não é a minha mãe — Karras sussurrou com firmeza.

— Dimmy, *por favor*!

— *Você não é a minha mãe!* — Karras gritou com angústia.

— Ah, *pelo amor de Deus*, Karras!

A personalidade de Dennings havia aparecido.

— Veja, não é justo nos tirarem daqui! — disse ele. — Falando por mim, admito ser uma injustiça o fato de eu estar aqui. Mas aquela vaca destruiu meu corpo e acho que é justo que eu fique no dela, não acha? Ah, *pelo amor de Deus*, *olhe* para mim, Karras, por favor? Vamos! Nem sempre consigo falar! Vire-se agora. Não vou morder, vomitar, nem nada dessas coisas nojentas. Sou eu agora.

Karras abriu os olhos e viu a personalidade de Dennings.

— Isso, bem melhor — Ele prosseguiu. — Olha, ela me matou. Não a nossa anfitriã, Karras... *Ela!* Ah, sim. — Ele assentia. — *Ela!* Eu estava no meu canto, no bar, sabe? E ouvi uns gemidos no andar de cima, vindos do quarto dela. Eu *tive* que ver o que ela tinha, então eu subi e, veja só, a malvada me pegou pela *garganta*, a safada! — A voz estava resmungando agora, ridícula. — Deus, nunca na *vida* vi alguém tão forte! Começou a gritar que eu estava pegando a mãe dela ou coisa assim ou que eu causei o divórcio. Não ficou claro. Mas, olha, querido, ela *me jogou da maldita janela*! — A voz tornou-se esganiçada e estridente. — Ela me matou, porra! Entendeu? Agora, você acha justo me tirar dela? Sinceramente, Karras! *Você acha?*

Karras hesitou, e falou com rouquidão.

— Bem, se você é realmente Burke Dennings...

— Eu estou dizendo que *sou*! Você é surdo, porra?

— Bem, se é ele, conte-me como sua cabeça foi virada.

— Jesuíta desgraçado! — Ele xingou baixinho.

— O que disse?

Ele olhou ao redor de modo evasivo.

— Bem, a cabeça. Assustador, não é? Sim. Bem assustador.

— Como aconteceu?

Ele se virou.

— Bem, francamente, quem se importa? Para a frente ou para trás são apenas detalhes, sabe? Coisinhas.

Olhando para baixo, Karras segurou o braço de Regan de novo e olhou para o relógio enquanto analisava a pulsação.

— Dimmy, por favor. Não me deixe sozinha!

Sua mãe.

— Se você fosse médico em vez de padre, Dimmy, eu ia viver numa casa boa. Não com baratas, não sozinha nesse apartamento ruim!

Olhando para o relógio, Karras se esforçou para bloquear todo o resto, quando mais uma vez ouviu som de choro.

— Dimmy, *por favor*!

— Você não é minha mãe!

— Ah, não vai encarar a verdade? — Era o demônio. Irado. — Você acredita no que Merrin diz, seu tolo? Acredita que ele é santo

e bom? Mas ele *não é*! Ele é orgulhoso e indigno! Vou provar a você, Karras. Vou provar *matando a porca*! Ela vai morrer, e nem você nem o Deus de Merrin vão salvá-la! Ela vai morrer por causa do orgulho de Merrin e por sua incompetência! *Incompetente! Não deveria ter dado Librium a ela!*

Assustado, Karras olhou para a frente, para olhos que brilhavam triunfantes e com ódio, e olhou para o relógio de pulso de novo.

— Está checando a pulsação dela, Karras? Está?

Karras franziu o cenho com preocupação. A pulsação estava rápida e...

— Fraca? — perguntou o demônio. — Ah, sim. Por enquanto, só um pouco. Só uma coisinha de nada.

Karras soltou o braço de Regan, levou sua maleta depressa até a cama, tirou o estetoscópio e pressionou a peça auscultatória contra o peito do demônio, que disse:

— Ouça, Karras! Ouça! Ouça com atenção!

Karras ouviu e ficou ainda mais preocupado. As batidas do coração de Regan estavam distantes e pareciam ineficientes.

— *Não permitirei que ela durma!*

Aterrorizado, Karras olhou para o demônio.

— Sim, Karras! — Ele resmungou. — Ela não vai dormir! Está me ouvindo? *Não permitirei que a porca durma!*

Enquanto o demônio jogava a cabeça para trás para rir, Karras observou, impassível. Só percebeu que Merrin voltara ao quarto quando o exorcista se colocou ao lado dele e observou o rosto de Regan com cuidado e preocupação.

— O que foi? — perguntou ele.

— O demônio — respondeu Karras — disse que não permitiria que ela dormisse. — Ele olhou para Merrin. — O coração dela começou a bater com fraqueza, padre. Se ela não descansar em breve, morrerá de exaustão cardíaca.

Merrin franziu o cenho, com a expressão séria.

— Não podemos administrar algum remédio? — perguntou ele. — Algo que a faça dormir?

— Não, seria perigoso. Ela pode entrar em coma. — Karras olhou para Regan. Ela cacarejava como uma galinha. — Se a pressão sanguínea cair mais...

O padre hesitou.

— O que podemos fazer? — perguntou Merrin.

— Nada — respondeu Karras. — Nada. — Ele olhou para Merrin com ansiedade. — Mas não sei. Não tenho certeza. Talvez tenha havido algum avanço recente. Vou telefonar para um médico cardiologista!

— Sim, seria bom — disse Merrin, assentindo.

Ele observou enquanto Karras fechava a porta e disse baixinho:

— E eu vou rezar.

Karras encontrou Chris de vigília na cozinha e no espaço da despensa, e ouviu Willie soluçando e a voz consoladora de Karl, enquanto explicava a necessidade urgente de consultar um médico e tomar o cuidado de não mencionar a situação de Regan em detalhes. Chris deu permissão, e Karras telefonou para um amigo, um especialista da escola de medicina da universidade de Georgetown, a quem acordou.

— Já estou indo — disse o especialista.

Em menos de meia hora, ele chegou a casa, e, no quarto de Regan, reagiu ao frio, ao fedor e à situação de Regan com susto, horror e compaixão. Quando ele entrou no quarto, Regan estava dizendo palavrões em voz baixa, e, enquanto ele a examinava, ela alternou músicas e ruídos animalescos. Dennings apareceu.

— Ah, que terrível — Ele resmungou ao especialista. — Que horror! Espero que você possa fazer alguma coisa! Há o que ser feito? Porque, caso contrário, não teremos aonde ir, e tudo porque... Ah, *que se dane* o demônio teimoso! — Enquanto o especialista arregalava os olhos e checava a pressão de Regan, Dennings olhou para Karras e reclamou: — Que diabos você está fazendo? Não vê que vaquinha deveria ser internada? O lugar dela é num hospício, Karras! Você *sabe* disso! Minha nossa, por que não para com essa enrolação? Se ela morrer, sabe, a culpa será sua! Sim, toda sua! Afinal, não é porque o autonomeado segundo filho de Deus está sendo teimoso que *você* tem que se comportar como um idiota! Você é médico! Deve ser sensato. Karras! Agora, vamos, seja bondoso, tenha compaixão. Há uma falta *terrível* de moradias atualmente!

E o demônio voltou, uivando como um lobo. Inexpressivo, o especialista tirou o medidor de pressão e, ainda assustado, assentiu para Karras. Havia terminado.

Eles foram até o corredor, onde o especialista olhou para a porta do quarto e, em seguida, para Karras, e perguntou:

— O que diabos está acontecendo aqui, padre?

O jesuíta desviou o olhar.

— Não posso contar — disse ele baixinho.

— Não pode ou não quer?

Karras olhou para ele.

— Talvez as duas coisas. Como está o coração dela?

A resposta foi séria.

— Ela precisa parar com isso. Precisa dormir... Dormir antes que a pressão caia.

— Há alguma coisa que *eu* possa fazer, Mike?

— Rezar.

Quando o especialista se afastou, Karras o observou, e todo o seu corpo implorava por descanso, esperança, milagres, apesar de ele ter certeza de que não teria nada disso. Fechando os olhos, fez uma careta ao se lembrar de "*Não deveria ter dado Librium a ela!*". Levou o punho cerrado à boca enquanto soluçava de arrependimento e de culpa. Respirou fundo uma, duas vezes; abrindo os olhos e caminhando para a frente, abriu a porta do quarto de Regan com mão menos pesada do que sua alma.

Merrin estava ao lado da cama, observando enquanto Regan relinchava como um cavalo. Ouviu Karras entrar e virou-se para ele, que apenas balançou a cabeça. Merrin assentiu. Havia tristeza em seu rosto; em seguida, aceitação; quando se virou de novo para Regan, viu uma sombria determinação.

Merrin ajoelhou-se ao lado da cama.

— Pai nosso... — Ele começou.

Regan cuspiu bile escura e fétida em seu rosto e rosnou:

— Você vai *perder*! Ela vai *morrer*! Ela vai *morrer*!

Karras pegou seu exemplar de *O ritual romano*. Ele a abriu. Olhou para a frente, manteve o olhar fixo em Regan.

— "Salve sua serva" — Merrin rezou.

— "Diante do inimigo."

Durma, Regan! Durma!, gritou a alma de Karras.

Mas Regan não dormiu.

Nem durante a madrugada.

Nem na hora do almoço.

Nem à noite.

Nem no domingo, quando sua pulsação estava a 140 e ainda mais fraca, enquanto os acessos continuavam sem parar. Karras e Merrin repetiam o ritual, sem dormir. Karras procurava meios de amenizar a situação: um lençol para amarrar os membros de Regan para que ela se mexesse o mínimo possível; manter todos fora do quarto por um tempo para ver se a falta de provocação podia pôr fim aos ataques. Nenhum método funcionou. Os gritos de Regan eram tão esgotantes quanto os movimentos. Ainda assim, a pressão sanguínea se mantinha. *Mas por quanto tempo mais?*, pensou Karras. *Deus, não permita que ela morra!* A oração fervorosa de sua mente foi repetida diversas vezes, quase como uma litania.

Não permita que ela morra! Deixe-a dormir! Deixe-a dormir!

Aproximadamente às 19h daquele domingo, Karras sentou-se em silêncio ao lado de Merrin no quarto, exausto e esgotado pelos ataques do demônio, por sua falta de fé, por sua incompetência como médico, por ter abandonado a mãe em busca de status. E Regan! Regan! Era culpa *dele*!

"*Não deveria ter dado Librium a ela!*"

Os padres tinham acabado um ciclo do ritual e estavam descansando, ouvindo Regan cantar "Panis Angelicus" com aquela mesma voz doce de menino de coral. Eles raramente saíam do quarto; Karras saiu uma vez, para trocar de roupa e tomar um banho. Mas era mais fácil permanecer desperto no frio, mesmo em meio ao fedor, que desde cedo havia se alterado, tornando-se mais próximo do cheiro de carne podre.

Olhando intensamente para Regan com olhos vermelhos, Karras acreditou ter ouvido um barulho. Algo rangendo. Acontecia sempre que ele piscava. Karras percebeu que o som era de suas pálpebras cheias de crostas. Virou a cabeça para olhar para Merrin. Ao longo das horas, o exorcista mais velho havia dito poucas coisas; alguma história de sua infância, de vez em quando. Lembranças. Coisinhas. Uma história sobre um pato que ele tinha, chamado Clancy. Karras

estava profundamente preocupado com ele. Por sua idade. Pela falta de descanso. Pelos ataques verbais do demônio. Quando Merrin fechou os olhos e encostou o queixo no peito, Karras olhou para Regan, levantou-se e caminhou até a cama, onde conferiu a pulsação dela e começou a aferir a pressão. Ao envolver seu braço com a faixa preta do medidor, piscou diversas vezes para afastar a visão borrada.

— Hoje é dia das mães, Dimmy.

Por um momento, o padre não conseguiu se mexer ao sentir o coração sendo arrancado do peito; lentamente, muito lentamente, ele fitou olhos que não mais pareciam ser de Regan, mas olhos que o repreendiam com tristeza. Os olhos de sua mãe.

— Não sou boa para você? Por que me deixou sozinha para morrer, Dimmy? Por que você...

— *Damien!* — Merrin segurou com força o braço de Karras. — Vá descansar um pouco, Damien.

— Dimmy, *por favor*!

— Não ouça, Damien! Vá! Vá agora!

Com um nó crescendo na garganta, Karras virou-se e saiu do quarto. Por um momento, deteve-se no corredor, fraco e irresoluto. Café? Queria beber um pouco. Mas queria um banho, acima de tudo. Mas, quando saiu da casa das MacNeil e voltou para seus aposentos no centro de residência, só precisou olhar para a cama para mudar de ideia. *Esqueça o banho*, *cara! Dormir! Meia hora!* Quando esticou o braço para pedir à recepção que o despertasse, o telefone tocou.

— Alô — Ele atendeu com a voz rouca.

— Tem alguém aqui para vê-lo, padre Karras. É o sr. Kinderman.

Karras prendeu a respiração por um momento e soltou o ar resignado.

— Certo, diga a ele que sairei num minuto — respondeu ele sem forças. Quando desligou o telefone, Karras viu um maço de cigarros Camel sem filtro em sua mesa. Havia um bilhete de Dyer preso.

Uma chave para o Playboy Club foi encontrada nos genuflexórios da capela, diante das velas de sete dias. É sua? Pode buscá-la na recepção.

Joe

Com expressão carinhosa, Karras colocou o bilhete sobre a mesa, trocou de roupa, saiu do quarto e foi para a recepção, onde Kinderman estava ao balcão do telefone, cuidadosamente organizando um vaso cheio de flores. Quando ele se virou e viu Karras, estava segurando o caule de uma camélia cor-de-rosa.

— Ah, padre! Padre Karras! — Kinderman o recebeu com alegria, mas sua expressão mudou rapidamente para preocupação quando viu o cansaço no rosto do jesuíta. Devolveu a camélia ao vaso e caminhou até ele. — O senhor está péssimo! O que houve? É isso o que acontece depois de correr tanto na pista? Pare com isso, padre, você vai morrer de todo jeito. Vamos! — Ele segurou o cotovelo de Karras e o levou adiante, em direção à saída. — O senhor tem um minuto? — perguntou enquanto passavam pela porta.

— E olhe lá — respondeu Karras. — O que houve?

— Queria conversar um pouco. Preciso de um conselho, nada mais. Apenas um conselho.

— Sobre o quê?

— Só um minuto. Por enquanto, vamos apenas conversar. Tomar um ar. Vamos aproveitar. — Ele deu o braço para o jesuíta e o levou diagonalmente para o outro lado da rua. — Ah, *sim*, veja só! Que lindo! Maravilhoso! — Ele estava apontando para o sol que se punha no Potomac, e, no silêncio, um riso repentino soou; o falatório de muitos alunos da Georgetown na frente de um bar perto da esquina da rua 36. Eles trocavam socos nos braços, e dois começaram a travar uma luta de brincadeira. — Ah, a faculdade... — disse Kinderman ao olhar para os jovens reunidos. — Não frequentei, mas gostaria... — Olhando para Karras, ele franziu o cenho com preocupação. — É sério, o senhor me parece péssimo. O que houve? Andou doente?

Quando Kinderman vai dizer o que quer, afinal?, pensou Karras.

— Não, apenas ando ocupado — respondeu o jesuíta.

— Acalme-se, então — disse Kinderman. — Devagar. O senhor viu o Balé Bolshoi, por acaso, no Watergate?

— Não.

— É, eu também não. Mas gostaria. Eles são tão graciosos... Tão bonitos!

Eles estavam diante do muro baixo do Car Barn, onde a vista para o pôr do sol era livre, e pararam, Karras apoiando o braço em cima do muro e deixando de olhar o poente para olhar para Kinderman.

— O que está pensando? — perguntou Karras.

— Ah, bem, padre — disse Kinderman, sussurrando. Ele se virou, apoiando as mãos no muro enquanto olhava para o outro lado do rio e dizia: — Infelizmente, tenho um problema.

— Profissional?

— Em parte. Apenas em parte.

— O que foi?

— Bem, é que... — Kinderman hesitou e prosseguiu: — Bem, em grande parte é algo relacionado à ética, podemos dizer, padre Karras. Uma pergunta... — Sua voz falhou, o detetive virou-se e, recostando-se no muro, olhou para a calçada e franziu o cenho. — É que não tenho ninguém com quem falar sobre isso. Não posso falar com meu chefe, sabe? Não poderia. Não poderia contar a ele. Então, eu pensei... — Ali, abruptamente, os olhos do detetive brilharam. — Tenho uma tia... O senhor precisa ouvir, é engraçado. Ela morria de medo, *morria* mesmo, do meu tio durante anos. A coitada nunca ousava dizer nada a ele, *nunca!*, muito menos levantar a voz. Sempre que se irritava com ele por algum motivo, ela saía correndo, entrava no armário de seu quarto e ali, no escuro, o senhor não vai acreditar!, no escuro, sozinha, com todas as roupas penduradas e as traças, ela xingava, *xingava!* meu tio e dizia tudo o que pensava dele durante uns vinte minutos! É sério! Ela *gritava*! Ela saía, sentindo-se melhor, e o beijava o rosto. O que acha, padre Karras? É uma boa terapia ou não é?

— É muito bom — respondeu Karras com um sorriso fraco. — E agora sou seu armário? É isso o que senhor quer dizer?

— De certo modo — respondeu o detetive com seriedade. — Só que mais sério. E o armário deve falar.

— Tem um cigarro?

Kinderman olhou para Karras de modo inexpressivo, incrédulo.

— Um problema como o meu e eu *fumaria*?

— Não, não fumaria — disse Karras ao se virar para olhar o rio e apoiar as mãos no muro. Era para fazer com que elas parassem de tremer.

— Que médico! Deus me livre de eu estar doente em alguma floresta e, em vez de Albert Schweitzer, eu me ver preso ao *senhor*! O senhor ainda cura verrugas com sapos, doutor Karras?

— Com pererecas — respondeu Karras, desanimado.

Kinderman franziu o cenho.

— Você não está sorrindo com alegria hoje, padre Karras. Tem alguma coisa errada. O que é? Vamos, conte.

Karras abaixou a cabeça e ficou em silêncio:

— Tudo bem — disse baixinho. — Pergunte ao armário o que quiser.

Suspirando, o detetive olhou para o rio.

— Eu estava dizendo... — Coçou a sobrancelha com a unha do polegar e continuou: — Eu estava dizendo... Bem, digamos que eu esteja trabalhando num caso, padre Karras. Um homicídio.

— Dennings?

— Não, o senhor não conhece, padre. É algo totalmente hipotético.

— Entendi.

— Como um ritual de assassinato na bruxaria, ao que parece — O detetive continuou, escolhendo as palavras lenta e cuidadosamente. — E digamos que nesta casa, a casa hipotética, morem cinco pessoas, e que uma deve ser o assassino. — Ele gesticulava para enfatizar. — Mas eu *sei* disso. *Sei* disso. Tenho *certeza*. — Então, ele parou, soltando o ar lentamente. — Mas o problema é que toda a evidência aponta que foi uma criança, padre Karras. Uma menininha que talvez tenha dez, doze anos... Uma criança. Talvez ela pudesse ser minha filha. Sim, eu sei. Parece impossível, ridículo... Mas é verdade. Mas aí, padre Karras, um padre católico famoso vai até essa casa, e como o caso é totalmente hipotético, padre, fico sabendo por meio de meu talento também hipotético que esse padre já havia curado um tipo de

doença muito específico. Uma doença mental, a propósito, um fato que menciono muito por acaso para o senhor tomar conhecimento.

Karras abaixou a cabeça com tristeza e assentiu.

— Sim, continue. O que mais?

— O que mais? Muito mais. Parece que há... Bem, satanismo envolvido nessa doença, além de força... Sim, uma força incrível. E essa... menina hipotética, digamos, conseguiu virar a cabeça de um homem para trás. — Com a cabeça baixa, o detetive assentia. — Sim... Sim, ela conseguiu. E então, a pergunta... — Hesitando, o detetive fez uma careta e continuou: — Veja... A menina não é responsável, padre. Ela é louca, padre, totalmente problemática, e é apenas uma criança, padre Karras! Uma *criança*! Mas, ainda assim, a doença que ela tem... poderia ser perigosa. Pode acabar matando mais alguém. Quem sabe? — E, mais uma vez, o detetive virou-se e olhou para o rio, dizendo de modo baixo e lento: — É um problema. O que fazer? Hipoteticamente, quero dizer. Apenas esquecer tudo? Esquecer e torcer para que ela... — Kinderman fez uma pausa — para que ela melhore? — Ele pegou um lenço com o qual assoou o nariz. — Bem, não sei. Não sei. É uma decisão horrorosa — disse, enquanto procurava uma parte limpa do lenço. — Sim, terrível. Péssima. Horrorosa. E detesto ser a pessoa a fazê-la. — Mais uma vez, ele assoou o nariz, limpou a narina de leve e voltou a colocar o pano no bolso. — Padre, o que seria certo fazer em tal caso? — perguntou ele, virando-se para Karras. — Hipoteticamente, quero dizer. O que o senhor acha que seria o mais certo a fazer?

Por um instante, Karras sentiu uma vontade de se revoltar, com a raiva forte aumentando o peso em cima dele. Deixou que ela se transformasse em calma e, olhando para o detetive com firmeza, respondeu:

— Eu deixaria o caso nas mãos de uma autoridade superior.

— Acredito que ela está lá neste momento.

— Sim, e eu deixaria as coisas assim, detetive.

Por alguns momentos, os dois se encararam. Kinderman assentiu, dizendo:

— Sim, padre. Sim, sim. Pensei que o senhor diria isso. — Ele se virou para observar o pôr do sol de novo. — Que lindo. O que nos faz pensar que tal cenário tem beleza enquanto a Torre de Pisa

não? A mesma coisa com lagartos e tatus. Outro mistério. — Ele puxou a manga para checar o relógio de pulso. — Ah, bem, preciso ir. A qualquer momento, a sra. K. vai gritar dizendo que o jantar está frio. — Ele se virou para Karras. — Obrigado, padre. Eu me sinto melhor... Bem melhor. Ah, por acaso poderia me fazer um favor? Pode mandar um recado? Se o senhor porventura encontrar um homem cujo sobrenome é Engstrom, diga a ele... Bem, apenas diga que “Elvira está numa clínica. Está tudo bem”. Ele vai entender. Poderia fazer isso? Digo, se por um acaso o senhor encontrá-lo.

Um pouco confuso, Karras respondeu:

— Farei isso.

— Olha, poderíamos ir ao cinema qualquer dia, padre?

Karras olhou para o chão e, assentindo, murmurou:

— Em breve.

— O senhor parece um rabino falando do Messias: sempre “em breve”. Ouça, faça-me mais um favor, sim? — Olhando para a frente, Karras viu que o detetive parecia muito preocupado. — Pare de correr na pista por um tempo. Apenas caminhe. Está bem, padre? Vá com calma. Pode fazer isso por mim, por favor?

Karras sorriu levemente e disse:

— Pode deixar.

Com as mãos no bolso do casaco, o detetive olhou para a calçada com resignação.

— Sim, eu sei — disse ele, assentindo. — Em breve, sempre em breve. — Quando começou a se afastar, parou, colocou a mão no ombro do jesuíta e apertou, dizendo: — Elia Kazan, seu diretor, manda lembranças.

Por um momento, Karras observou enquanto ele descia a rua; observou com afeição e surpresa as idas e vindas labirínticas e as redenções improváveis do coração. Olhou para cima, para as nuvens tingidas de rosa acima do rio, e além do oeste, onde elas se misturavam na beira do mundo, brilhando suavemente como uma promessa lembrada. Houvera um tempo em que ele via Deus em tais vistas, sentia a respiração Dele na cor das nuvens, e agora os versos de um poema que ele passara a amar voltavam para assombrá-lo:

Glória a Deus pelas coisas de cor variada —
Céu pintalgado como novilha malhada;
Pintas-rosa salpicando a truta que nada;
Castanhas que caem como carvões em brasa; asa de pintassilgo
(...)
Aquele cuja beleza é imutável os cria:
Louvai-o.

Karras pressionou a lateral de um punho nos lábios e olhou para baixo contra a tristeza e a dor da perda que inchavam em sua garganta em direção aos cantos dos olhos enquanto pensava numa frase de um salmo que antes o enchia de alegria.

— *Ah, Senhor* — Ele relembrou —, *tenho amado a beleza de Vossa morada.*

Karras esperou. Não arriscou olhar o pôr do sol de novo.

Em vez disso, olhou para a janela de Regan.

Sharon abriu a porta para ele e disse que nada havia mudado. Ela carregava um monte de roupas fedorentas. Pediu licença para se retirar.

— Preciso colocar isto na máquina de lavar.

Karras a observou. Pensou em tomar um café. Mas ouviu o demônio vociferando para Merrin. Caminhou em direção à escada, mas parou quando se lembrou do recado que devia dar a Karl. Onde ele poderia estar? Virou-se para perguntar a Sharon e viu que ela descia a escada para o porão. Procurou o empregado na cozinha. Não estava ali. Chris estava lá, sozinha. Com os cotovelos apoiados e as mãos nas têmporas, ela estava sentada à mesa da copa olhando para... O que era aquilo? Karras aproximou-se em silêncio. Parou. Um álbum de fotos. Pedaços de papel. Fotos coladas. Chris não o viu.

— Com licença, por favor — disse Karras com delicadeza. — Karl está aqui?

Chris olhou para ele e balançou a cabeça, negando.

— Ele precisou sair para fazer algo — respondeu, de modo rápido e suave. Karras ouviu seu suspiro: — Tem café aqui, padre. Deve estar quase pronto.

Quando Karras olhou para a frente, para a luz da cafeteira, ouviu Chris levantando-se da mesa; quando ele se virou, viu-a passando rapidamente por ele com o rosto virado. Ouviu um trêmulo “Com licença” e, num minuto, Chris havia deixado a cozinha. Karras olhou para o álbum de fotografias. Fotos espontâneas. Uma menina. Muito bonita. Com uma pontada de dor, Karras percebeu que estava olhando para Regan: ali, assoprando as velas de um bolo de aniversário coberto por chantili e velas; ali, sentada diante do lago de short e camiseta, acenando alegremente para a câmera. Havia algo escrito em sua camiseta: ACAMPAMENTO... Ele não conseguiu ler. Na página ao lado, uma folha de papel pautado trazia a caligrafia de uma criança:

Se em vez de massinha
Eu pudesse reunir todas as coisas mais lindas
Como um arco-íris,
Ou nuvens, ou o canto dos pássaros,
Talvez então, querida mamãe,
Se eu reunisse todos eles
Eu poderia fazer uma escultura sua.

Embaixo do poema: EU TE AMO! FELIZ DIA DAS MÃES! A assinatura, a lápis, era *Regs*.

Karras fechou os olhos. Não conseguia lidar com aquela descoberta. Virou-se desanimado e esperou que o café ficasse pronto. Com a cabeça baixa, segurou-se na ponta do balcão e fechou os olhos mais uma vez. *Esqueça!*, pensou. *Esqueça tudo!* Mas não conseguiu. Enquanto ouvia o barulho e o borbulhar da água fervendo, suas mãos começaram a tremer de novo quando a compaixão cresceu de repente e se transformou em ódio pela doença e pela dor, pelo sofrimento de crianças e pela fragilidade do corpo e da corrupção monstruosa e absurda da morte.

“*Se em vez de massinha...*”

A ira se transformou em pena e em frustração.

“*... todas as coisas mais lindas...*”

Não conseguiu esperar pelo café. Precisava ir. Devia fazer algo. Ajudar alguém. Tentar. Saiu da cozinha e, quando chegou à sala de

estar, olhou pela porta aberta e viu Chris no sofá, soluçando convulsivamente, enquanto Sharon tentava consolá-la. Ele desviou o olhar e subiu a escada, escutou o demônio vociferando a Merrin.

— ...Teria *perdido*! Você teria *perdido* e sabe disso! Seu *desgraçado*, Merrin! *Maldito! Volte!* Venha e...

Karras bloqueou tudo.

"...*ou o canto dos pássaros*."

Quando entrou no quarto de Regan, Karras notou que havia se esquecido de vestir a blusa. Tremendo de frio, ele olhou para Regan. A cabeça dela estava inclinada e a voz demoníaca continuava a vociferar.

Caminhou lentamente até sua cadeira, pegou um cobertor e, apenas naquele momento, em sua exaustão, notou a ausência de Merrin. Momentos depois, lembrando-se de que precisava conferir a pressão de Regan, Karras levantou-se de novo e caminhou cambaleante até ela, quando parou, chocado. Imóvel e desconjuntado, Merrin estava deitado de bruços no chão ao lado da cama. Karras ajoelhou-se, virou o padre e, ao ver o tom azulado de seu rosto, apressou-se em tentar sentir seu pulso. Num momento forte e pungente de angústia, percebeu que Merrin estava morto.

— Santíssima flatulência! *Morreu*, né? *Morreu?* Karras, *cure-o*! — vociferou o demônio. — Traga-o de volta e permita que terminemos, permita que...

Parada cardíaca. Artéria coronária.

— Ah, Deus! — Karras sussurrou. — Deus, *não*! — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça com incredulidade e desespero. Abruptamente, com uma onda de pesar, ele apertou o polegar com força no pulso pálido de Merrin, como se apertando suas veias a vida voltasse a fluir.

— ...hipócrita...

Karras se recostou e respirou fundo. Viu as pequenas pílulas espalhadas no chão. Pegou uma delas e, com pesar, viu que Merrin sabia. Nitroglicerina. Ele sabia. Com os olhos vermelhos, Karras olhou para o rosto de Merrin. "...*Vá descansar um pouco, Damien*."

— Nem mesmo *minhocas* vão comer seu cadáver, seu...!

Ao ouvir as palavras do demônio, Karras olhou para a frente e começou a tremer visivelmente com uma fúria incontrolável e

assassina.

Não ouça!

— ...bicha...

Não ouça! Não ouça!

Uma veia saltou na testa de Karras. Quando ele segurou as mãos de Merrin e começou a colocá-las em forma de cruz sobre o peito, ouviu o demônio dizer:

— Agora, coloque o *pau* nas mãos dele! — E uma gotícula de saliva fétida acertou o olho do padre morto. — Os ritos finais! — disse o demônio, rindo. Jogou a cabeça para trás e riu sem parar.

Karras observou paralisado o cuspe. Não se mexeu. Não conseguia ouvir acima do ruído de seu sangue. Lentamente, com reflexos trêmulos, olhou para a frente com o rosto transformado em ira, um espasmo forte de ódio.

— *Seu filho da puta!* — Karras vociferou num sussurro intenso, e, apesar de não ter se mexido, ele parecia estar se desenrolando, os músculos de seu pescoço tensos como cabos. O demônio parou de rir e olhou para ele com maldade. — Você estava perdendo! — disse Karras. — Você é um perdedor! *Sempre* foi um fracasso! — Regan o sujou com vômito. Ele ignorou. — Sim, você é muito bom com crianças! — disse entre os dentes. — Menininhas! Pois venha! Vamos ver se consegue em alguém maior! Venha! — Ele manteve as mãos grandes como ganchos, chamando, convidando lentamente. — Venha! Vamos, fracassado! *Entre em mim!* Deixe a menina e venha me pegar! Entre em *mim*!

No instante seguinte, Karras se ergueu repentinamente, com a cabeça jogada para trás, olhando o teto; em convulsões, os traços do jesuíta se contorceram numa máscara de ódio e ira impensáveis, enquanto suas mãos grandes e fortes se apertavam com movimentos espasmódicos, como se lutassem contra uma força invisível, enquanto iam em direção à garganta de Regan MacNeil, que gritava.

Chris e Sharon ouviram o barulho. Estavam no escritório. Chris estava sentada perto do bar e Sharon estava atrás do balcão, preparando um drinque, quando ambas olharam para o teto ao perceberem a movimentação no quarto de Regan: a menina gritava aterrorizada e Karras gritou muito alto:

— *Não!*

Em seguida, luta. Batidas fortes contra os móveis. Contra uma parede. Chris derrubou a bebida ao se retrair quando ouviu um barulho forte, barulho de vidro se quebrando. Um instante depois, ela e Sharon corriam escada acima em direção ao quarto de Regan, entraram, e viram as cortinas da janela no chão, arrancadas! E a janela! O vidro estava totalmente destruído!

Assustadas, elas correram em direção à janela e, ao fazerem isso, Chris viu Merrin no chão, perto da cama. Assustou-se e ficou parada em choque. Correu até ele, ajoelhando-se a seu lado.

— Ai, meu Deus! — disse ela. — Sharon! Shar, venha aqui! Rápido, venha...

O grito horrorizado de Sharon a interrompeu. Chris olhou para cima com o rosto pálido, boquiaberta, e viu Sharon na janela, olhando para a escadaria, com as duas mãos no rosto.

— Shar, o que foi?

— É Karras! O padre Karras! — Sharon gritou histericamente, correndo do quarto.

Com o rosto lívido, Chris levantou-se e caminhou depressa até a janela. Olhou para baixo. E sentiu o coração parar. No fim da escadaria da rua M, Karras estava jogado e ensanguentado, enquanto uma multidão se aglomerava ao redor dele.

Chris levou a mão ao rosto ao olhar para baixo aterrorizada, e tentou mover os lábios. Para falar. Não conseguiu.

— Mãe?

Uma voz frágil, fraca e chorosa atrás dela. Chris virou a cabeça levemente, olhos arregalados, sem conseguir acreditar no que ouvira. A voz a chamou de novo. Era a voz de Regan.

— Mãe, o que está acontecendo? Venha aqui! Estou com medo, mamãe! Por favor, mamãe! Por favor! Por favor, venha aqui!

Chris se virou, viu as lágrimas de medo e se precipitou em direção à cama, chorando:

— Rags! Ah, meu amor, meu amor! Ah, rags! É você mesma! É você mesma!

No andar de baixo, Sharon saiu correndo da casa em direção ao centro de residência jesuíta, onde pediu para ver Dyer com

urgência. Ele chegou depressa à recepção. Ela contou a ele. Ele olhou para ela, chocado.

— Chamaram uma ambulância? — perguntou ele.

— Ai, meu Deus! Não, não chamei! Nem sequer pensei!

Rapidamente, Dyer deu instruções ao atendente da recepção, e correu pelo corredor com Sharon. Eles atravessaram a rua. Desceram a escadaria correndo.

— Deixe-me passar, por favor! Quero passar!

Quando passou entre as pessoas da calçada, Dyer ouviu murmúrios indiferentes. “O que aconteceu?” “Um cara caiu da escada.” “Sim, devia estar bêbado. Está vendo o vômito?” “Vamos, queridos, ou vamos nos atrasar.”

Finalmente, Dyer conseguiu passar. Por um instante, ficou paralisado numa dimensão atemporal de pesar, num espaço onde respirar era doloroso demais. Karras estava deitado e desconjuntado, de costas, com a cabeça no meio de uma poça de sangue que se espalhava. Com a mandíbula torta, um brilho estranho nos olhos, olhava fixamente para cima como se esperasse, paciente, as estrelas de um horizonte misterioso. Mas seus olhos se voltaram para Dyer. Pareciam brilhar de alegria. De completude. De algo parecido com triunfo.

Expressaram um apelo. Algo urgente.

— Vamos, afastem-se! Afastem-se agora!

Um policial. Dyer ajoelhou-se e pousou a mão delicadamente, como que afagando, no rosto ferido. Tantos cortes. Um fio de sangue escorria de sua boca.

— Damien... — Dyer parou para engolir o nó em sua garganta, ao ver o brilho fraco e sôfrego nos olhos de Karras, o apelo caloroso. Inclinando-se para a frente, Dyer perguntou: — Consegue falar?

Lentamente, Karras levou a mão ao pulso de Dyer. Ele o segurou e apertou.

Afastando as lágrimas, Dyer se inclinou ainda mais perto e, aproximando os lábios do ouvido de Karras, perguntou baixinho:

— Quer fazer sua confissão agora, Damien?

Um aperto.

— Você se arrepende de todos os seus pecados em vida e por ter ofendido Deus todo-poderoso?

A mão estava se soltando aos poucos, mas voltou a apertar.

Afastando-se um pouco, Dyer lentamente traçou o sinal da cruz sobre Karras enquanto recitava as palavras de absolvição, muito emocionado:

— *Ego te absolvo...* — Uma lágrima enorme rolou do canto do olho de Karras, e Dyer sentiu o punho sendo apertado com ainda mais força, continuamente, enquanto finalizava a absolvição: — *...in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amen.*

Dyer se inclinou para a frente de novo, com os lábios próximos ao ouvido de Karras. Esperou. Forçou o nó de sua garganta a se desfazer. E murmurou:

— Você...?

Dyer parou. A pressão em seu punho havia desaparecido de repente. Ele levantou a cabeça e viu os olhos tomados pela paz; e por algo mais: como a alegria diante do fim do anseio do coração. Os olhos continuavam fixos. Mas em nada neste mundo. Nada aqui.

De modo lento e delicado, Dyer abaixou as pálpebras. Ouviu a sirene da ambulância ao longe. Começou a dizer: “Adeus”, mas não conseguiu terminar. Abaixou a cabeça e chorou.

A ambulância chegou. Eles puseram Karras numa maca, e, enquanto o levavam para dentro, Dyer entrou e sentou-se ao lado do enfermeiro. Esticou o braço e segurou a mão de Karras.

— Não há nada que o senhor possa fazer por ele agora, padre — disse o enfermeiro com uma voz gentil. — Não torne as coisas mais difíceis para si mesmo. Não venha conosco.

Com os olhos fixos naquele rosto marcado, Dyer balançou a cabeça devagar e disse:

— Não, eu vou junto.

O enfermeiro olhou para a porta de trás da ambulância, onde o motorista esperava pacientemente e espiava com as sobrancelhas erguidas, de modo questionador. O enfermeiro assentiu calado e a porta de trás foi fechada.

Da calçada, Sharon assistia a tudo, atordoada, enquanto a ambulância se afastava lentamente. Escutou os murmúrios das pessoas ao redor.

“O que houve?”

“Quem sabe?”

A sirene da ambulância tomou conta da noite. Repentinamente, calou-se.

O motorista se lembrou de que o tempo não mais importava.

EPÍLOGO

Raios finos do sol de junho atravessavam a janela do quarto de Chris enquanto ela dobrava uma blusa para guardá-la dentro de uma mala sobre sua cama, fechando-a em seguida. Caminhou rápido em direção à porta.

— Certo, acabou — disse ela a Karl.

Quando o suíço se aproximou para colocar o cadeado na mala, Chris foi até o corredor, em direção ao quarto de Regan.

— Ei, Rags, como estão as coisas? — perguntou ela.

Já fazia seis semanas desde a morte dos padres. Desde o choque, desde a investigação encerrada por Kinderman. E ainda não havia respostas. Havia apenas especulações assombrosas e um frequente despertar choroso no meio da noite. A morte de Merrin havia sido causada por uma doença da artéria coronária, mas a de Karras...

— Impressionante — dissera o investigador Kinderman, arfando. — Não. Não foi a menina — decidira. Ela não era a culpada: estava presa por amarras. Assim, Karras havia arrancado as cortinas e saltado da janela em direção à morte. Mas por quê? Uma tentativa de escapar de algo horrível? Kinderman já havia descartado essa hipótese, porque, se quisesse escapar, o padre poderia ter saído pela porta. Karras tampouco era o tipo de homem que fugiria. Mas, então, por que a queda fatal?

Para Kinderman, a resposta começou a tomar forma numa afirmação feita por Dyer, a respeito dos conflitos emocionais de Karras: a culpa que sentia em relação à mãe; a morte dela; sua falta de fé; e quando Kinderman acrescentou a tudo isso a falta de descanso por dias a fio; a preocupação e a culpa com a morte iminente de Regan; os ataques demoníacos na forma de sua mãe;

e, por fim, o choque pela morte de Merrin, concluiu com tristeza que, arrasado pela culpa que ele não conseguia mais tolerar, a mente de psiquiatra do jesuíta havia falhado. Além disso, durante a investigação da morte misteriosa de Burke Dennings, o detetive concluiu, com base no que lera sobre possessão, que os exorcistas se tornavam possuídos em alguns momentos, e em circunstâncias muito parecidas com as apresentadas ali: forte sensação de culpa e a necessidade de ser punido, somado à força da autossugestão. Karras havia atingido seu limite. Mas Dyer se recusava a aceitar aquilo. Muitas vezes, ele voltou à casa durante a convalescência de Regan para conversar com Chris, perguntando várias vezes se Regan conseguia se lembrar do que havia ocorrido no quarto naquela noite, mas a resposta era sempre não ou um balançar de cabeça, e, por fim, o caso foi encerrado.

Chris espiou para dentro do quarto de Regan. Segurando dois bichinhos de pelúcia, ela olhava para baixo, com cara braba, para a mala aberta sobre sua cama. Elas pegariam um voo à tarde para Los Angeles, deixando Sharon e os Engstrom para fecharem a casa. Karl dirigiria o Jaguar vermelho de volta para casa.

— Como está se saindo com a mala, querida? — perguntou Chris. Regan virou o rosto para ela. Um pouco fraca. Um pouco abatida. Olheiras suaves sob seus olhos.

— Não tem espaço nesta coisa! — disse ela, franzindo o cenho e fazendo bico.

— Bem, você não pode levar tudo, querida. Venha, deixe isso aí e Willie vai trazer o resto. Vamos, querida. Temos que correr para não perder o avião.

— Está bem, mamãe.

— Essa é a minha filhota.

Chris deixou a filha e desceu a escada com pressa. Quando chegou lá embaixo, a campainha tocou e ela foi até a porta, abrindo-a.

— Olá, Chris. — Era o padre Dyer, com uma expressão triste. — Vim me despedir.

— Entre. Eu ia telefonar para o senhor.

— Não, tudo bem, Chris. Sei que você está com pressa.

Ela segurou a mão dele e o puxou para dentro.

— Venha! Eu já ia tomar uma xícara de café. Tome comigo.

— Bem, se tem certeza...

Ela respondeu que tinha certeza, e eles foram para a cozinha, onde se sentaram à mesa, beberam café e trocaram amenidades, enquanto Sharon e os Engstrom se moviam de um lado a outro. Chris falou de Merrin: de como se sentiu surpresa e encantada ao ver as homenagens feitas no velório dele; eles permaneceram calados por algum tempo enquanto Dyer olhava com tristeza para sua xícara. Chris leu seus pensamentos.

— Ela ainda não consegue se lembrar — disse ela. — Sinto muito.

Ainda cabisbaixo, o jesuíta assentiu. Chris olhou para seu prato. Nervosa e ansiosa, não havia comido. A rosa continuava ali. Ela a pegou e a girou, pensativa, virando-a pelo caule.

— E ele nem a conheceu — Ela murmurou.

Segurou a rosa, mantendo-a parada, e olhou para Dyer. Ele olhava para ela com intensidade.

— O que a senhora acredita que aconteceu de fato? — perguntou ele. — Digo, como ateia. Acha realmente que ela foi possuída?

Chris pensou, olhando para baixo ao se distrair com a rosa de novo.

— Não sei, padre Dyer. Não sei mesmo. Buscamos Deus e temos que descobrir se ele existe, e ele deve precisar dormir um milhão de anos todas as noites ou fica irritado. Entende o que quero dizer? Ele não fala nunca. Mas quando o assunto é o Diabo... — Ela olhou para Dyer. — Bom, com o Diabo é diferente. Eu poderia acreditar nisso; na verdade, talvez eu acredite. Sabe por quê? Porque ele fica se promovendo.

Dyer olhou para ela com afeição por um momento e disse:

— Mas se todo o mal do mundo faz a senhora pensar que pode existir um Diabo, como explica todo o bem do mundo?

Chris olhou para ele por um momento. As palavras fizeram com que ela franzisse o cenho enquanto pensava e, por fim, desviou o olhar e assentiu.

— Nunca pensei nisso — disse ela. — Bom argumento. — A tristeza e o choque causados pela morte de Karras abalaram seu

humor como uma sombra de melancolia, mas ela tentou se concentrar naquele convite modesto à esperança e à leveza, lembrando o que Dyer havia dito a ela enquanto a acompanhava ao carro no cemitério jesuíta no campus após o enterro de Karras.

“Não pode ir a minha casa por um momento?”, perguntara ela.

“Ah, eu gostaria, mas não posso perder o banquete”, respondera ele.

Ela ficou confusa, então ele explicou:

“Quando um jesuíta morre, realizamos um banquete de comemoração. Para ele, é um começo.”

— O senhor disse que Karras tinha um problema com a fé.

Dyer assentiu.

Chris abaixou a cabeça e a balançou.

— Não acredito nisso — disse ela, distraída. — Nunca vi tamanha fé antes na minha vida.

— O carro chegou, senhora!

De volta ao momento, Chris disse:

— Certo, Karl! Estamos indo! — Ela e Dyer ficaram de pé. — Não, o senhor fica, padre. Vou só chamar Rags lá em cima.

Dyer assentiu, distraidamente.

— Tudo bem.

Ele estava pensando no grito de “Não!” de Karras e no barulho de passos antes de ele se jogar da janela. *Havia algo ali*, pensou ele. O que seria? As lembranças de Chris e Sharon eram vagas. Mas Dyer pensou de novo naquele misterioso olhar de alegria de Karras. E algo mais, ele se lembrava: um brilho forte... do quê? Não sabia, mas acreditava ser algo parecido com vitória. Triunfo. Inexplicavelmente, a ideia o deixou mais feliz. Sentiu-se mais leve. Caminhou até a entrada, com as mãos no bolso, inclinou-se para a frente, para a porta entreaberta, e observou Karl ajudando o motorista a acomodar a bagagem no porta-malas da limusine. Dyer secou a testa — o tempo estava quente e úmido. Virou-se quando escutou alguém descendo a escada; eram Chris e Regan, de mãos dadas. Elas se aproximaram dele. Chris beijou seu rosto. Quando notou os olhos tristes do padre, estendeu a mão ao rosto dele.

— Está tudo bem, Chris. Tenho a sensação de que está tudo bem.

— Que bom — disse Chris. Ela olhou para Regan. — Querida, este é o padre Dyer. Diga oi.

— Prazer em conhecê-lo, padre Dyer.

— O prazer é todo meu.

Chris olhou para seu relógio.

— Precisamos ir agora, padre.

— Tudo bem. Ah, espere! Eu quase me esqueci! — O padre enfiou a mão no bolso do casaco e tirou algo dali. — Isto era dele — disse. Chris olhou para a medalhinha com corrente que estava na mão aberta e erguida de Dyer. — São Cristóvão. Imaginei que a senhora gostaria de ficar com ela.

Por longos e silenciosos instantes, Chris olhou a medalhinha de modo pensativo, franzindo o cenho levemente como quem toma uma decisão. Bem devagar, estendeu a mão, pegou a medalha, colocou-a dentro de um bolso do casaco e disse:

— Obrigada, padre. Sim, sim, eu gostaria. — E então: — Vamos, querida — disse a Regan, mas, quando estendeu o braço para segurar a mão da filha, viu que a menina olhava fixamente para a gola romana da batina do padre, como se lembrasse de algo até então esquecido. De repente, ela abriu os braços para o padre. Surpreso, o jovem jesuíta se inclinou para a frente. Com as mãos nos ombros dele, Regan beijou seu rosto. Descendo os braços, ela desviou o olhar com o cenho franzido, como se não entendesse por que havia feito aquilo.

Com os olhos marejados, Chris desviou o olhar e, segurando a mão de Regan, disse baixinho:

— Bem, precisamos *mesmo* ir. Vamos, querida, diga adeus ao padre Dyer.

— Tchau, padre.

Sorrindo, Dyer ergueu os dedos de uma das mãos em despedida e disse:

— Adeus. Boa viagem de volta para casa.

— Padre, telefonarei de Los Angeles — disse Chris, olhando para trás. Só mais tarde ela tentaria entender a que ele se referia ao dizer “casa”.

— Cuide-se.

— O senhor também.

Dyer observou enquanto elas se afastavam. Quando o motorista abriu a porta para elas, Chris virou-se, acenou e mandou um beijo. Dyer acenou também e a observou acomodando-se no banco de trás da limusine, ao lado de Regan. Quando o carro partiu, Regan olhou para Dyer pelo vidro traseiro até o automóvel dobrar uma esquina e desaparecer de vista.

Dyer se virou e olhou para a esquerda, quando, do outro lado da rua, escutou um brecar forte: uma viatura da polícia. Kinderman saiu dela, deu a volta depressa pela frente do carro e correu na direção de Dyer, chamando.

— Vim me despedir.

— Elas acabaram de partir.

Desanimado, o detetive se deteve.

— É mesmo? Elas se foram?

Dyer assentiu.

Kinderman virou-se e olhou para a rua Prospect, virou-se de novo, abaixou a cabeça e a balançou.

— Puxa! — disse ele. E olhou para Dyer. Aproximou-se dele e perguntou com seriedade: — Como está a menina?

— Ela me pareceu bem. Muito bem.

— Que bom. É tudo o que importa. — Levantando um braço, o detetive olhou para seu relógio. — Bem, de volta à rotina, de volta ao trabalho. Adeus, padre. — Ele se virou e deu um passo em direção à viatura, mas parou, virou a cabeça e olhou com atenção para o padre. — O senhor vai ao cinema, padre Dyer? Gosta de ir?

— Ah, sim, claro.

Kinderman se aproximou de novo.

— Tenho ingressos. Na verdade, tenho ingressos para o cinema Biograph amanhã à noite. Gostaria de ir?

— O que está passando?

— *O morro dos ventos uivantes.*

— Quem atua?

— Quem atua? — O detetive franziu o cenho e respondeu: — Sonny Bono é Heathcliff e, no papel de Catherine Earnshaw, Cher. Quer ir ou não?

— Eu já vi.

O detetive olhou para o jesuíta desanimado e desviou o olhar, murmurando:

— Mais um! — Virou-se para Dyer sorrindo e, subindo na calçada, entrelaçou seu braço no do padre e começou a caminhar lentamente com ele pela rua. — Estou me lembrando de uma fala do filme *Casablanca* — disse com afeição. — No fim, Humphrey Bogart diz a Claude Rains: “Louie, acho que este é o começo de uma bela amizade.”

— Sabe, o senhor *se parece* um pouco com Bogart.

— O senhor notou.

No ato de esquecer, eles tentavam se lembrar.

NOTA DO AUTOR

Tomei certas liberdades com a geografia atual da universidade de Georgetown, principalmente no que diz respeito à localização do Instituto de Idiomas e Linguística. Além disso, a casa na rua Prospect não existe, tampouco o centro de residência jesuíta no local em que o descrevi. Finalmente, o trecho em prosa atribuído a Lankester Merrin não é criação minha, mas foi retirado de um sermão do cardeal John Henry Newman, intitulado “The Second Spring”.

PRODUÇÃO
Adriana Torres
Ana Carla Sousa
Thalita Ramalho

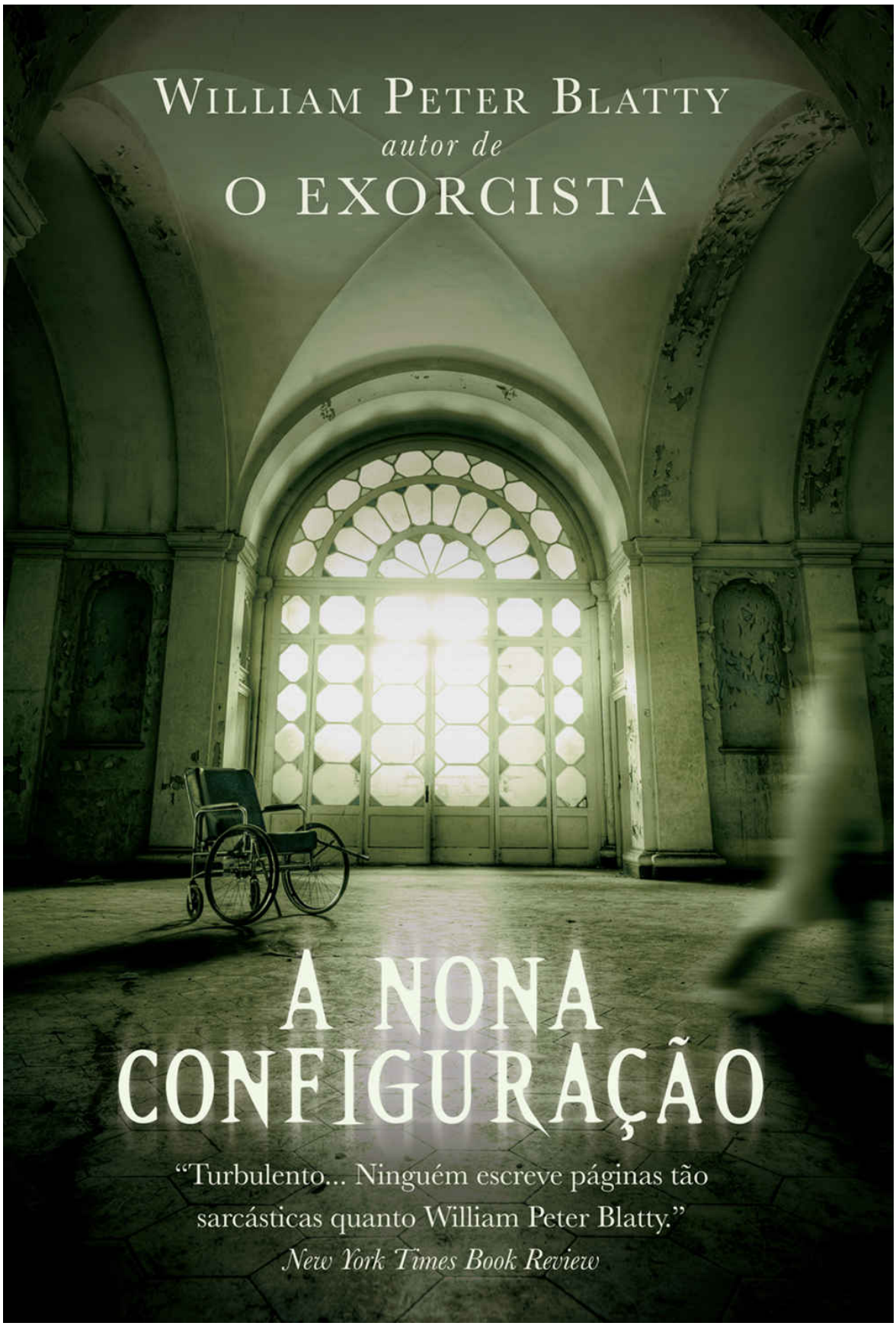
PRODUÇÃO EDITORIAL
Victor Almeida

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Guilherme Semionato

REVISÃO
Thaís Paiva
Frederico Hartje

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books


WILLIAM PETER BLATTY
autor de
O EXORCISTA
A NONA CONFIGURAÇÃO
"Turbulento... Ninguém escreve páginas tão sarcásticas quanto William Peter Blatty."
New York Times Book Review

A NONA CONFIGURAÇÃO

William Peter Blatty

Tradução
Alyne Azuma

Harper Collins

Para Linda

Para atender aos propósitos desta história, tomei algumas liberdades a respeito dos fatos; por exemplo: não existem nem psiquiatras, nem médicos na Marinha americana.

NOTA DO AUTOR

Quando eu era jovem e trabalhava impetuosamente e por necessidade, escrevi um romance chamado *Twinkle, Twinkle, "Killer" Kane*. Seu conceito básico foi, certamente, o melhor que já criei; mas o publicado, sem dúvida, não foi mais do que as anotações para um romance: alguns esboços, sem forma, sem acabamento, que careciam até de uma trama.

Mas a ideia era importante para mim; então, mais uma vez, escrevi um romance baseado nela. Desta vez sei que é o melhor que posso fazer.

Tenho neste reino alguns direitos jamais esquecidos.

— *Hamlet*, Ato V, cena 2

A nona configuração

UM

A mansão gótica era isolada, imensa, cercada por um bosque, grotesca. Incrustada sob as estrelas e o conjunto de pináculos como algo enorme e deformado, incapaz de se esconder, pronto para pecar. Suas gárgulas sorriam para a floresta densa, que cercava a propriedade por todos os lados, parecendo pressioná-la. Por um tempo nada se moveu. Veio o amanhecer. A luz fraca do sol de outono se infiltrou na manhã sepultada na melancolia das árvores, e a neblina surgiu das folhas mortas como almas moribundas, secas e fracas. Com a brisa, vinha o rangido de uma veneziana e o crocitar rouco de um corvo assombrado em uma planície longe dali. E, então, o silêncio. À espera.

A voz de um homem dentro da mansão soou com firme convicção, assustando uma pequena garça do fosso.

— Robert Browning teve gonorreia, e ele a pegou de Charlotte e Emily Brontë.

Um segundo homem, com raiva, gritou:

— Cutshaw, cale a boca!

— Ele pegou das *duas*.

— *Cale a boca, seu doente!*

— Você não quer ouvir a verdade.

— Krebs, toque de recolher! — ordenou o homem raivoso.

Então, um clarim militar rasgou o ar, atravessando a neblina, e uma bandeira americana, tremulando desafiadora, foi hasteada em um mastro, no alto de uma torre. Vinte e sete homens de farda verde irromperam como estilhaços da mansão e avançaram até o centro do pátio, murmurando e resmungando, dobrando o cotovelo, pela direita, perfilando-se, formando uma fila militar. Acima do brim, alguns traziam uma rapieira e brincos dourados; da cabeça de outro

vicejava um chapéu de pele de guaxinim. Xingamentos flutuavam como faíscas no vapor:

— Oh, oh, oh, rapazes! Vamos, vamos, vamos!

— Sabe, você podia tomar um banho, francamente.

— Vá para o *inferno*!

— Cuidado com o cotovelo!

Um homem com um vira-lata desgrenhado nos braços surgiu no centro da fila, e gritou:

— Minha capa! Vocês viram minha capa?

— Diabos, o que é uma capa? — rosnou o que trazia uma espada.

— Pano, porra.

— Pano?

— Pano puro, porra.

— Que país é este? — perguntou um homem no fim da fila.

Um sujeito loiro os confrontou de modo brusco. Ele usava um par de Keds pretos esfarrapados e sujos, com o dedão do pé esquerdo aparecendo por um buraco, e sobre o uniforme ele exibia um suéter da New York University: na manga de um braço, listras, e, na outra, um *patch* de astronauta da NASA.

— Atenção! — ordenou com autoridade. — Sou eu, Billy Cutshaw!

Os homens obedeceram e em seguida levantaram o braço com firmeza, fazendo a saudação da Roma antiga.

— Capitão Billy, deixe-nos servi-lo! — gritaram para a neblina; depois, baixaram o braço e ficaram imóveis, em silêncio, como condenados aguardando o julgamento.

O olhar de Cutshaw passou rapidamente por eles, imponente e misterioso, luminoso e profundo. Finalmente, falou:

— Tenente Bennish!

— S'or!

— Você pode dar três passos de gigante e beijar a barra da minha roupa!

— S'or!

— A barra, Bennish, lembre-se, a barra!

Bennish deu três passos pra frente e bateu os calcanhares ruidosamente. Cutshaw o mediu com reserva.

— Excelente forma, Bennish.

— Muito obrigado, senhor.

— Não infle a porra do seu ego. Não há nada pior do que *presunção*.

— Sim, senhor. O senhor já disse isso muitas vezes.

— Eu sei, Bennish.

Cutshaw o atravessava com o olhar, como se procurasse sinais de insolência e ultraje, quando o homem com a espada gritou:

— Aí vêm os *homi*!

Os homens começaram a vaiar quando, num passo furioso, veio marchando a figura militar engomada de um major fuzileiro naval. Cutshaw correu para a fila e, acima das vaias, o homem com a espada gritou para o major:

— Onde está meu anel decodificador de Ho Chi Minh? Eu mandei os malditos cupons, Groper; onde diabos está o…

— *Silêncio!* — reprimiu Groper. Seus pequenos olhos ardiam em um rosto que parecia carne martelada embelezada com um corte de cabelo militar. Era corpulento e tinha uma larga estrutura óssea.

— Esquisitos de merda, universitários amarelos imbecis metidos a espertos! — rosnou.

— É *assim* que se fala — murmurou alguém na formação.

Groper percorreu a fileira de homens, mantendo sua grande cabeça baixa, como se estivesse pronta para atacá-los.

— Quem diabos vocês acham que enganam com essa atuação espalhafatosa? Bem, más notícias, garotos. Que pena. Adivinhem quem vem assumir o comando semana que vem! Vocês conseguem adivinhar, garotos? Hein? Um *psiquiatra*!

De repente, ele estava urrando e tremendo com uma raiva incontrolável.

— Isso mesmo! O melhor! O melhor entre os fardados! O melhor filho da puta desde Jung! — pronunciou o “j”.

Começou a respirar pesadamente, reunindo ar e controle.

— Terapeutas de combate filhos da puta! Ele vem descobrir se vocês são maníacos de verdade! — Groper sorriu, com os olhos brilhando. — Não são ótimas notícias, garotos?

Cutshaw deu um passo à frente:

— Será que podemos parar com essa baboseira de “garotos”, major, por favor? Fica parecendo que somos *cocker spaniels* e o senhor é o pirata de *Tortilla Flat*. Podemos…

— *Volte para a fila!*

Cutshaw apertou uma buzina com a mão, que tinha o tamanho de uma bola de beisebol. Fez um barulho desagradável e estridente.

Groper chiou:

— Cutshaw, o que temos aqui?

— Uma sirene de nevoeiro — respondeu Cutshaw. — Juncos chineses foram vistos nesta área.

— Um dia eu vou quebrar sua coluna, eu juro.

— Um dia eu vou embora de Fort Zinderneuf, estou ficando cansado de carregar corpos.

— Eu queria que tivessem arrebentado você no espaço — disse Groper.

Os homens começaram a chiar.

— Quietos! Groper gritou.

Os chiados se tornaram mais altos.

— Nisso vocês são bons, não é, suas cobrinhas nojentas?

— Bra-*vo*! Bra-*vo*! — elogiou Cutshaw, liderando os homens em um aplauso educado. Outros se juntaram aos elogios:

— Bela imagem.

— Esplêndido, Groper! Esplêndido!

— Só mais uma coisa, senhor — Cutshaw começou a falar.

— O quê?

— Enfie um abacaxi no cu — Cutshaw desviou o olhar. E teve um pressentimento. — Alguém está chegando — disse.

Foi uma prece.

DOIS

Os problemas começaram com Nammack. Em 11 de maio de 1967, Nammack, um capitão da Força Aérea dos Estados Unidos, estava pilotando um B-52 em um bombardeio rumo a Hanói quando seu copiloto reportou um problema hidráulico. O piloto, em ato contínuo, levantou-se em silêncio, tirou seu capacete para grandes altitudes e disse, com calma e confiança:

— Parece um trabalho para o Super-Homem.

O copiloto assumiu o controle. Nammack foi hospitalizado e manteve sua ilusão de que tinha poderes sobre-humanos e não podia ser totalmente curado “sem kriptonita”. No entanto, testes e avaliações psiquiátricos chegaram à impressionante conclusão de que ele não podia ser considerado psicótico. Até o momento de se levantar no *cockpit*, aliás, todas as evidências sugeriam que sua psique e suas emoções eram bastante fortes.

Nammack foi o primeiro. Logo depois, muitos outros o seguiram: oficiais militares manifestando distúrbios mentais súbitos, geralmente envolvendo alguma forma de obsessão drástica e bizarra. Em nenhum dos casos havia um histórico de desequilíbrio mental ou emocional.

Autoridades do governo ficaram chocadas e cada vez mais preocupadas. Os homens estariam fingindo? Notou-se que o caso de Nammack ocorreu pouco depois que o capitão Brian Fay, um fuzileiro naval que se recusou a entrar na zona de combate, foi sentenciado a anos de trabalho forçado. A guerra era controversa, e a maior parte dos homens envolvidos estava em combate ou agendados para entrar em combate. A suspeita de que as doenças fossem fingimento era inevitável.

Mas havia problemas com tal conclusão. Alguns dos homens não estavam envolvidos em uma situação relacionada ao combate, e muitos dos que estavam haviam sido condecorados por bravura. Por que eram todos oficiais? Por que a maioria dos casos envolvia uma obsessão? A suspeita sombria de um ofício da Casa Branca sugeria um culto clandestino de oficiais cujos propósitos eram desconhecidos, mas potencialmente perigoso. Diante do enigma, não era difícil alimentar esse tipo de ideia.

Para investigar o mistério e — se indicado — buscar sua causa e sua cura, o governo estabeleceu o Projeto Freud, uma rede secreta de retiros militares nos quais os homens eram escondidos do público e estudados. O último desses foi o Centro Dezoito. De natureza altamente experimental, sua base era uma mansão nas profundezas de uma floresta de abetos e pinheiros perto da costa do estado de Washington. Construída para fazer jus ao castelo medieval que foi morada de seu marido alemão, o Conde de Eltz, a mansão pertencia a Amy Biltmore, que a abandonou muito antes de emprestá-la aos militares, no outono de 1968. Agora ela estava sendo ocupada por uma equipe mínima de fuzileiros e 27 internos, todos oficiais: alguns fuzileiros navais, outros antigos tripulantes de B-52 e um ex-astronauta, o capitão Billy Thomas Cutshaw, que abortara uma missão para a lua durante a contagem final de uma forma tão extraordinária que somente quem estava presente poderia acreditar.

Para Cutshaw e os demais no Centro Dezoito o Pentágono nomeou um brilhante psiquiatra fuzileiro conhecido por sua singular abertura mental e seu impressionante sucesso com métodos muitas vezes inovadores: o coronel Hudson Stephen Kane. Alguém que atendia por esse nome de fato apareceu no centro em 17 de março, apenas algumas semanas após a recaptura de Hué. O major Groper, ajudante no centro e temporariamente no comando, estava, naquele momento, confrontando os internos no pátio e, quando viu o carro oficial se aproximando, imaginando que o ocupante seria o coronel Kane, amaldiçoou o fato do homem ter chegado durante a formação matinal, quando os internos estavam sempre em seu pior momento. Como piolhos febris, eles haviam corrido para o centro do pátio da mansão — todos menos Fairbanks, aquele que tinha um

florete e que havia revisto suas opções naquela manhã e decidido descer para a formação com uma corda presa à torre da mansão. Agora estavam participando de um jogo inventado por Cutshaw chamado “Falar em línguas”, em que cada homem desembuchava alguma loucura críptica a plenos pulmões, exceto Reno, o interno com o cachorro. Reno olhava para frente em transe enquanto cantava “Let Me Entertain You”. O cachorro parecia amedrontado pelos gritos alienígenas.

— Meu Deus — reclamou Groper para a poeira a seus pés e, então, vociferou: — Atenção! Calem a boca, seus animais! Calem a boca e entrem em formação! *Formação*!

Os internos o ignoraram.

O carro parou próximo à entrada da mansão. O sargento motorista abriu a porta para o homem no banco de trás, um coronel fuzileiro que emergiu e ficou parado em silêncio, observando Groper e os outros internos. O coronel era alto e de robusta constituição, tinha feições duras que eram, de alguma forma, gentis. Só se via movimento em seus olhos: pontos esverdeados girando delicadamente em piscinas castanhas. Havia tristeza neles.

— Cavalheiros, posso ter a atenção dos senhores por um momento? — A voz rouca de Groper era untuosa.

Os internos continuaram o jogo. O coronel os observou, com o rosto indecifrável, e em seguida virou a cabeça para o lado. Ao seu lado, vestindo uma camisa de gabardine passada à perfeição e uma calça da farda B, estava um fuzileiro naval de aparência sombria com a insígnia dos médicos e as folhas de coronel no colarinho. Na sua mão havia um estetoscópio. Ele olhava para os internos e balançava a cabeça.

— Pobres idiotas — murmurou. Então, olhou para o coronel. — Kane?

O coronel assentiu com um meneio de cabeça.

— Sou o coronel Fromme, o médico-chefe. Muito feliz de tê-lo conosco. Toda ajuda que eu puder ter é bem-vinda. — Ele olhou para os internos que ainda estavam fora de controle. — Jesus, eles estão realmente fora de si.

— O senhor poderia me indicar meu alojamento? — perguntou Kane.

— É só seguir a estrada de tijolos amarelos.

Kane o encarou.

— Tenente Fromme, entre em *formação*! — rugiu Groper olhando para o homem com o estetoscópio.

— Fromme, seu maníaco! — Veio o grito de um homem sem calças saindo pela porta da frente da mansão. — Devolva minha calça e meu estetoscópio, merda!

O homem marchou na direção de Kane e Fromme.

Um sargento impassível, impecavelmente uniformizado, surgiu diante de Kane e o saudou com presteza.

— Sargento Christian se apresentando, senhor!

— Já não era sem tempo, Kildare! — Fromme cumprimentou o sargento secamente. E apontou um dedo para Kane. — Santo Pai! Leve este homem para cirurgia, ou você está planejando deixá-lo sangrar até a morte enquanto você e seus amigos brincam de soldado? Que diabos é isso, pelo amor de Deus, um hospital ou um manicômio?

Enquanto Fromme terminava de falar, o sargento Christian o escoltava à força. Nesse meio tempo, o homem sem calças chegou e, passando por Fromme, rapidamente pegou o estetoscópio enquanto gritava para o sargento Christian:

— Desta vez não o deixe amarrotar a calça!

Em seguida, virou para Kane e fez uma saudação.

Por um instante, uma expressão estranha passou pelo rosto de Kane, e o homem exclamou:

— Vincent!

Kane voltou à impassibilidade anterior:

— O que você disse? — perguntou.

— Você é idêntico ao Vincent van Gogh. Ou isso ou uma cotovia em um campo de trigo; não tenho certeza. É bem parecido. Sou o coronel Richard Fell. Sou o médico.

Kane o observou. Um homem atarracado na casa dos quarenta com olhos felizes e astutos em um rosto desanimado, ele oscilava de leve de um lado para o outro, e a mão que levantou para bater continência foi a que segurava o estetoscópio.

— Coronel Fell, o senhor andou bebendo? — A voz de Kane era suave e gentil, despida de qualquer vestígio de acusação.

— O quê? Fardado? — Fell olhou feio. — Ele está com minha última calça de gabardine — explicou. — Todas as outras estão na lavanderia, e, coronel, se estiver planejando que eu mantenha esta continência por muito mais tempo, por favor, telefone para o Hospital Memorial e diga que o doador do braço está pronto para o transplante. Estou esperando que o meu caia a qualquer…

Kane retribuiu a continência.

— Obrigado. O senhor é um príncipe neste reino, senhor, eu juro.

Outro sargento, repleto de sardas, surgiu diante de Kane e bateu continência.

— Sargento Krebs se apresentando, senhor.

— O senhor pode me levar ao meu alojamento?

— Provavelmente — murmurou Fell, arrotou e desviou o olhar. Então, inexplicavelmente, deu meia-volta e foi embora.

Por um instante, Kane o observou. Em seguida, ele acompanhou Krebs, que passou pelos internos e o levou para a entrada da mansão.

Os pacientes continuaram tagarelando. Groper implorou pela atenção deles. Ele havia sido preterido duas vezes para promoção; apenas se obtivesse o conceito “extraordinário” em sua próxima avaliação de eficiência teria alguma chance de não morrer nessa patente. Ele olhou feio para os internos.

— Pelo amor de Deus, *quietos*! — vociferou.

— Groper, você precisa dizer “o mestre mandou”! — instruiu Cutshaw.

Groper rosnou:

— O mestre mandou: atenção!

Os homens prestaram atenção instantaneamente e ficaram em silêncio, todos menos o que tinha um brinco e a espada, que começou a recitar os direitos de Groper:

— Você tem o direito de permanecer calado — começou a repetir.

A sondagem de Kane passou por todos os homens do grupo. Então seu olhar parou nos olhos azuis e fixos de Billy Cutshaw, que o encaravam com atenção.

Kane retribuiu a continência de Groper e foi até a entrada da mansão. Lá, ele virou. Os olhos do capitão Cutshaw ainda o

seguiam. Os dedos grandes e duros de Kane roçaram de leve o próprio rosto, recordando uma lembrança, algo feio, que um cirurgião plástico coreano havia eliminado anos antes: uma queimadura que ia do olho até a base do maxilar.

Ele entrou.

Mais tarde, Groper estava ruminando em seu escritório, indo da fúria até um desânimo sombrio. O 11° oficial americano mais condecorado na Segunda Guerra Mundial, premiado muitas vezes por bravura na Coreia, Groper ascendeu muitas vezes entre as patentes, começando com uma missão em campo durante a Batalha do Bulge. Sua carreira agora era uma promessa gasta, desbotada e não cumprida, e sua vida pessoal era um poço de rejeições. Nada dentro dele havia crescido, além da raiva. E agora ele odiava os internos. E Kane, diante de quem havia sido humilhado.

Kane. Havia algo estranho nele, pensava Groper. Mas não sabia dizer exatamente o quê. Algo deslocado, porém familiar.

Algo que o deixava desconfortável.

TRÊS

A clínica de Fell exalava desafio. Nas paredes, setas grossas feitas com giz de cera vermelho-vivo indicavam potes contendo “Aspirina”, “Band-Aids”, “fio dental” e “pastilhas de limão”. Outra indicava a “caixa de sugestões” e, acima de tudo, uma inscrição principal, em verde, anunciava: “*SELF-SERVICE*”.

Fell estava de pé ao lado de um esqueleto pendurado próximo à sua mesa. Ele virou uma garrafa de uísque que havia sido colocada na base do crânio para que o conteúdo passasse pelo espaço onde alguns dentes estavam faltando, despejando o líquido na caneca de café que ele segurava embaixo do gargalo.

— Não me culpe — murmurou. — Eu *disse* para não operarem.

Tomou um gole de café com uísque e fez uma careta; depois pegou uma pilha de pastas de sua mesa e foi para o *hall* principal da mansão.

Como o exterior, o *hall* era uma mistura de estilo tudoriano e gótico, enorme e imponente, com paredes de pedra e um teto com pé-direito alto que o fazia parecer uma catedral atravessada por vigas. Dando a volta no *hall* havia uma série de cômodos usados como escritório do comandante, do auxiliar, clínica, uma área de serviço e um dormitório para os internos. Colado em uma parede, ficava um pôster ampliado do filme *Drácula*, com a legenda “Terror sangrento da Transilvânia”. Do outro lado, uma escada em espiral levava a um andar superior, onde os funcionários estavam aquartelados. O centro do *hall* principal no andar de baixo era usado como sala de terapia para internos. Ele estava cheio de poltronas, tabuleiros de xadrez, mesas de pingue-pongue, um aparelho de som, um telão e projetores para exibir filmes, máquinas de café, refrigerantes e cigarros, escrivaninhas, revistas, telas penduradas

em cavaletes, cheias de vida com as pinturas dos internos. Nenhuma estava de fato finalizada. Cada uma era um conto de terror interrompido abruptamente no meio da narrativa. Uma delas trazia um indicador apontado para cima, atravessado por uma agulha, pingando sangue. Outra exibia uma árvore, com as extremidades de seus galhos metamorfoseados no corpo enrolado de uma jiboia esmagando a cabeça de um menino; o criador a chamou de *Amor materno*. Outras ainda eram infinitamente cheias de informações e detalhes caóticos, no entanto, executadas com uma precisão delicada, de modo que em uma única pintura fosse possível identificar uma britadeira, parte de um braço e um trem passando, as engrenagens de um torno mecânico, um olho sombrio, um Cristo negro, um machado ensanguentado, uma bala em movimento, uma criatura metade lagarto, metade homem. Uma pintura mostrava uma cidade em chamas, com nuvens de fumaça preta subindo, enquanto acima da cena, quase microscópico, passava um bombardeiro prateado atravessado por uma lança; na fuselagem, em vermelho, estava escrito “ME”, com letras pequenas.

Fell olhou ao redor do *hall*. Estava estranhamente quieto e vazio. Ele foi até o escritório de Kane, abriu a porta e entrou.

Kane estava desempacotando alguns livros de uma grande valise sobre a mesa. Estava de costas para Fell, mas, quando a porta se abriu discretamente, ele se virou com uma agilidade elegante.

— Como você está? — perguntou Fell, fechando a porta.

— Você planeja se vestir? — devolveu Kane a pergunta. Fell ainda estava sem calças.

— Como diabos eu posso me vestir se o tenente Fromme não entrega minha calça? — respondeu. — Você não quer que eu a recupere à *força*!

— Não, não podemos ser repressores — disse Kane.

— Não podemos amarrotar as calças!

— Claro.

A voz de Kane era gentil, como se todo ser vivo fosse seu paciente. Ele tirou mais livros da mala e foi até a estante na parede em que uma bandeira americana estava pendurada na diagonal onde antes havia uma lança medieval. A sala havia sido um gabinete. Estava coberta por pesados painéis de carvalho escuro, e

havia animais empalhados com expressão taciturna pendurados no alto. Só a bandeira parecia pertencer ao presente; ela e, na parede atrás da escrivaninha, fotos do presidente Lyndon Johnson e do chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, em molduras iguais e em poses que sugerem que os dois não estavam mais se falando.

— Aqui — disse Fell, jogando as pastas sobre a mesa. — Um presente para você: o histórico dos homens.

O olhar de Fell recaiu por acaso em um livro na valise de Kane. Era um Missal Romano. Por um breve instante ele ponderou suas implicações, então voltou a olhar para Kane.

— Posso lhe dar um conselho? — perguntou Fell.

A porta do escritório se abriu, se chocando contra a parede com tanta força que soltou gesso do teto.

— Posso entrar? — disse Cutshaw, o astronauta. Ele bateu a porta e marchou na direção de Kane. — Meu nome é Billy Cutshaw — anunciou com um tom ameaçador. — Então você é o garoto novo.

Kane terminou de colocar os livros nas prateleiras e virou.

— Sim. Sou o coronel Hudson Kane.

— Devo chamá-lo de Hud?

— Por que não me chamar de coronel?

— Você vai abrir um KFC aqui?

— O coronel Kane é psiquiatra — interveio Fell, desabando sobre um banco perto de uma grande janela saliente.

— Claro. E me disseram que você era médico — Cutshaw retrucou. E apontou para Fell: — Esse homem trata a acne dos crocodilos. Ouça, faça as malas e vá embora, Hud! Estou cagando se você é a Shirley MacLaine! Estou cumprindo a ordem de informar que você está de saída! Ande! Mexa seu traseiro!

Ele derrubou a mala de Kane da mesa.

Kane olhou calmamente.

— Alguém “deu ordens” a você? — perguntou. — *Quem* deu ordens a você, Cutshaw?

— Forças invisíveis numerosas demais para contar. Verifique o arquivo; está tudo no arquivo! — Cutshaw havia juntado os dossiês sobre a mesa e estava rapidamente lendo os nomes na capa,

jogando uma pasta após outra no chão. — Está tudo no arquivo — anunciou animado. — Sob o título “Vozes Misteriosas” Joana D’Arc *não* era louca, apenas tinha uma audição muito sensível. — Ele jogou todas as pastas menos uma. — Rá! Aqui está! O meu arquivo. Este aqui. Pronto, leia, Hud. Leia em voz alta. É a minha terapia.

— Por que nós não…

— Leia ou eu vou enlouquecer, merda! Eu juro! *E você será o responsável!*

— Certo, Cutshaw — disse Kane, tomando a pasta da mão do astronauta. — Sente-se.

Cutshaw se jogou sobre Fell e sentou em seu colo. Algo foi esmagado. Ele comentou:

— Acho que o fim do mundo acabou de chegar para o saco de salgadinhos fritos que estava no meu bolso.

Fell continuou olhando para sua caneca de café, com a expressão impassível.

— Você pode, por favor, dizer a Fromme que eu gostaria de ter minhas calças de volta? — pediu ao astronauta.

— Olhai os lírios do campo. — Em seguida, Cutshaw saltou do colo de Fell e foi direto para uma cadeira de madeira e encosto reto perto da mesa. E olhou fixamente para Kane.

— Estou esperando — anunciou.

Kane começou a ler:

— …Cutshaw, Billy Thomas, capitão, oficial dos fuzileiros navais americanos…

Cutshaw acompanhou em silêncio, formando as palavras com a boca enquanto Kane continuava lendo em voz alta:

— …Dois dias antes do lançamento espacial programado, o oficial paciente, enquanto ceava na base, foi visto pegando uma garrafa plástica de *ketchup*, formando uma linha vermelha e fina no pescoço, para em seguida cambalear e cair pesadamente sobre uma mesa ocupada pelo diretor da NASA gorgolejando: “Não… peça… o peixe-espada.”

Seguiu-se um silêncio de diversos segundos. Os olhos de Kane estavam fixos no arquivo. Fell tirava fiapos da própria camisa.

A mão de Cutshaw voou até a medalha pendurada no próprio pescoço.

— Você está olhando para minha medalha! — disparou para Kane. — Pare de olhar para a minha medalha!

— Não estou olhando.

— Está, sim! Você a quer!

Kane olhou para o arquivo. E, mais uma vez, começou a ler:

— Na manhã seguinte…

— Não é linda?

— É, sim…

— Filho da puta! Eu sabia. Você estava olhando para ela!

— Desculpe.

— Claro que você está se desculpando! De que adiantam "desculpas"? O dano está feito, seu porco invejoso! Como posso *comer* agora, como posso *dormir*?! Serei uma pilha de nervos agora, esperando um coronel cleptomaníaco e ganancioso aparecer sorrateiramente na beira da minha cama para levar minha medalha!

— Se eu fosse fazer isso — disse Kane, calmamente —, você estaria acordado.

— Drogas poderosas podem ser colocadas sorrateiramente na minha sopa.

Os olhos de Kane passearam por ele, em seguida voltaram para o dossiê.

— Na manhã seguinte, às 5h, o oficial paciente adentrou sua cápsula espacial, mas, ao receber instruções da torre de controle para começar a contagem, ouviu-se "Estou farto de ser usado!" Enquanto era removido da cápsula, o paciente oficial calmamente anunciou que, se "indicado", ele "não fugiria e, se eleito, passaria meu mandato no gabinete vomitando". Mais tarde, ele manifestou "sua profunda convicção" de que ir à lua era "perverso, tosco e, em todo caso, ruim para minha pele".

Os esforços de Fell para conter o riso atraíram um olhar furioso de Cutshaw.

— Qual é o problema? Você acha isso engraçado? — Cutshaw saltou da cadeira e começou a arrancar os livros das prateleiras e jogá-los no chão. — Faça as malas e vá embora, Hud! Para mim, chega! — Então ele parou e olhou para a capa do livro que tinha nas mãos. — Que diabos é isto: Teilhard de Chardin? — Olhou com surpresa para os demais títulos da prateleira. — *Douay Bible*,

Thomas à… — Cutshaw balançou a cabeça, foi até Kane e disse: — Onde vês um católico, vejo um viciado.

Em seguida, rasgou a manga da camisa do psiquiatra do punho até o ombro e inspecionou seu braço. Finalmente, virou para Fell e franziu a testa:

— Os buracos de agulha dele estão muito bem escondidos — acusou.

Kane indagou em voz baixa:

— Por que você não vai à lua?

— Por que camelos têm corcovas e cobras não? Santo Deus, homem, não peça razões ao coração! Razões são perigosas! A verdade é que Custer chamou Touro Sentado de *cucaracho*. E então, não está feliz em ter descoberto isso?

— Por que não vai? — Kane insistiu.

— Por que eu deveria? Que diabos tem lá?

— Quando Cristovão Colombo partiu de navio da Espanha, será que ele sonhou que encontraria a América?

— Tudo com que ele sonhava eram bússolas. O idiota começou procurando a Índia e acabou fincando a bandeira em Pismo Beach.

— É…

— Hud, eu *vi* as pedras lunares! Elas têm pequenos cacos de vidro dentro. Não é interessante?

— Você ainda não me deu uma razão, Cutshaw.

— Apenas imbecis dançam depois do jantar — entoou Cutshaw. — *Sheiks* dormem.

— O que isso quer dizer? — inquiriu Kane.

— Como *eu* vou saber? — gritou Cutshaw, na defensiva. — As *vozes* me mandaram dizer isso!

— Cutshaw…

— Espere um minuto, espere, espere, espere! — O astronauta sentou na cadeira de novo enquanto sua mão foi parar na sobrancelha. Ele apertou os olhos com força enquanto pensava. — Estou recebendo uma mensagem do plano astral. É Átila, o Huno. Ele quer saber se você aceita a ligação a cobrar.

— Não — respondeu Fell.

— Diga *você* para ele!

A porta se abriu.

— Dr. Fell, preciso de atenção.

Um interno de boina estava parado na porta. Em uma mão ele trazia uma paleta, na outra, um pincel.

— Qual é o problema? — perguntou Fell.

— Ninguém menos que Leslie! Sempre Leslie!

— Capitão Leslie Morris Fairbanks — informou Fell a Kane.

O boina tremeu de fúria.

— *Mais uma vez* ele me deu a maldita Marca de Fairbanks. Veja! — O homem fez uma careta e virou: — Estou sangrando!

Não estava. Mas nos fundilhos de suas calças havia um rasgo com um F bem visível.

— Esse ferimento foi autoinfligido? — perguntou Fell, mas o interno olhava para Kane.

— Você é o coronel Kane?

Kane assentiu.

— Encantado. Sou Michelangelo Gomez — disse e, chegando mais perto do psiquiatra, esfregou o pincel na paleta, emendando: — Suas cores são biliosas.

— Cuidado! — gritou Fell, mas era tarde demais: em um movimento ágil, Gomez passou tinta vermelha nas duas faces de Kane.

— Pronto! — exclamou Gomez satisfeito. — Não é um *O retrato de Jennie*, mas, pelo menos, não é mais *Dorian Gray*! — Em seguida, levantou o pincel numa saudação e disse: — *Ciao!* — E saiu.

Kane ouviu uma respiração pesada. Cutshaw estava parado a centímetros de distância, encarando-o com um olhar louco, brilhante e arregalado.

— Certo, agora estou pronto para meu teste de Rorschach — anunciou. Pegou a cadeira, e arrastou até a mesa, sentou e olhou ansioso. — Vamos lá.

— Você quer um teste de Rorschach? — perguntou Kane.

— Que diabos! Estou falando sozinho? Quero agora, enquanto você está com essas bochechas coradas.

Kane limpou o rosto com um lenço. — Não temos cartões de Rorschach.

— Como não? Dê uma olhada na gaveta — indicou Cutshaw.

Kane abriu a gaveta e pegou uma pilha de cartões de Rorschach. — Muito bem — disse, sentando atrás da mesa. — Sente-se.

Fell se aproximou da mesa para observar.

Kane mostrou um cartão, e o astronauta aproximou o rosto, com os olhos apertados de concentração enquanto analisava a mancha de tinta.

— O que você vê? — perguntou Kane.

— Minha vida toda passando por mim em um instante.

— Por favor.

— Certo, certo, certo... Eu vejo uma senhora muito idosa usando roupas engraçadas e atirando dardos envenenados em um elefante.

Kane substituiu o cartão por outro.

— E este?

— Kafka conversando com um inseto.

— Correto.

— Você é um merda, sabia disso?

— Achei que fosse Kafka — interveio Fell, observando o cartão com interesse.

— Você não saberia a diferença entre Kafka e Bette Davis — acusou Cutshaw. — E você é um doente mental — disse a Kane.

— Sim, talvez eu seja.

Cutshaw se levantou e disse:

— Bastardo servil. Você sempre puxa o saco dos malucos?

— Não.

— Eu gosto de você, Kane. Você é razoável.

Cutshaw arrancou a medalha e a corrente do pescoço e jogou sobre a mesa. — Aqui está, fique com a medalha. Eu fico com o livro.

Cutshaw pegou *A minha fé*, de Teilhard de Chardin.

— E você vai se comportar por uma semana? — perguntou Kane.

— Não. Sou um mentiroso incorrigível. — O astronauta foi até a porta e a abriu com tanta força que o impacto soltou gesso do teto. — Posso ir? — A voz dele tinha uma sinceridade infantil.

— Pode — respondeu Kane.

— Você é um homem muito sábio, Van Helsing, para alguém que viveu apenas uma vida — retrucou Cutshaw, em uma imitação do

Drácula. Então, atravessou a porta a passos largos e sumiu de vista.

Kane pegou a medalha.

— São Cristovão — murmurou.

— Que nos proteja — emendou Fell.

Kane virou a medalha e disse, com a voz impassível:

— Tem alguma coisa gravada na parte de trás.

— *Ora pro nobis*?

— "Sou budista. Em caso de acidente, chame um lama."

Fell não teve reação. E pegou um livro do chão.

— Qual é a religião de Cutshaw? — perguntou Kane.

— Não sei. Leia o arquivo; está tudo no arquivo. — Então Fell olhou para o título do livro que havia apanhado. *Psicologia elementar*. Folheou as páginas, notando algumas anotações nas margens e alguns grifos pesados.

Kane pegou o livro das mãos de Fell e o levou para a estante. De algum lugar da mansão, a voz de um interno gritou:

— Malditos venusianos! *Aprumem-se!*

— Você é um homem de sorte, Kane — suspirou Fell.

— Sou?

— Bem, você é um em um milhão, não acha? Um homem cujo serviço lhe foi designado corretamente?

— E você não?

— Sou pediatra.

— Entendo — comentou Kane, guardando os livros.

— Oh, não vamos nos empolgar, coronel. Vá com calma!

Fell abaixou para pegar alguns papéis.

— Estamos todos deslocados — murmurou Kane.

— O que você disse? Não entendi — disse Fell, olhando para cima.

Kane interrompeu a tarefa, o rosto nas sombras.

— Antes de Pearl Harbor, eu achava que ia me tornar padre. Estamos todos deslocados, de um jeito ou de outro. O simples fato de nascer neste lugar… — Ele deixou a frase no ar.

Fell esperou, alerta e observando com atenção; seu comportamento fanfarrão havia desaparecido. Uma inteligência aguda brilhou em seus olhos, um quê de solidariedade.

— Como? — instigou.

— Não sei — disse Kane, com o rosto ainda escondido. — Penso nas doenças, nos terremotos, nas guerras. — Então abaixou a cabeça. — Na morte dolorosa. Na morte das crianças. Crianças com câncer. Se são apenas partes de um ambiente natural, por que nos aterrorizam tanto? Por que pensamos nelas como o mal a menos que… estejamos programados. — Ele procurou a palavra. — Para outro… lugar. — A voz de Kane parecia distante. — Talvez a consciência seja nossa memória de como as coisas eram. Apenas imagine que não evoluímos; que estamos retrocedendo… cada vez mais alienados. — Nesse momento, Kane parou.

— Do quê?

— Psiquiatras não devem dizer “Deus”.

— Pode apostar que não; isso vai para o seu registro. Continue.

— Talvez todo o mal seja uma frustração, uma separação de onde deveríamos estar — continuou Kane. — E talvez a culpa seja só a dor da separação, aquela... aquela solidão em relação a Deus. Somos peixes fora d’água, Fell; talvez seja por isso que homens ficam loucos.

Por um tempo fez-se silêncio. Quando Kane falou de novo, sua voz foi um sussurro.

— Não acho que o mal surja da loucura. Acho que a loucura surge do mal.

Uma calça de gabardine entrou voando na sala e atingiu Fell no peito.

— Bem, aqui está minha calça — declarou, sem emoção.

Cutshaw estava parado na porta. — Fromme decidiu doar todos os seus bens para os pobres de mente.

Ele lançou um olhar feio para Fell e desapareceu.

Um vira-lata desgrenhado e de aparência duvidosa entrou animadamente na sala, foi até a mesa e a farejou.

— O que é isso? — perguntou Kane.

O cão levantou uma perna e urinou.

— Acho que é um cachorro — respondeu Fell.

O cão cravou os dentes na barra da calça de Fell, rangeu, puxou, e Fell puxou de volta.

— Porcaria, *a calça, não*! — gritou.

De repente, o cachorro soltou a mordida, disparou na direção de Kane e se escondeu atrás dele quando um interno com jeito travesso irrompeu na sala. Ele vestia uma capa preta e esfarrapada sobre sua farda verde e imunda. O homem foi na direção do cachorro.

— Então *aqui* está você, seu vagabundo!

Groper entrou correndo e segurou o interno. — Sinto muito, coronel Kane — disse. — É difícil controlar esses…

— Solte-o, por favor — pediu Kane.

— Senhor?

— Solte-o — repetiu. Sua voz estava tranquila, mas Groper se sentiu inexplicavelmente ameaçado. E relaxou a mão. Kane acrescentou: — Eles podem me ver sempre que precisarem.

— Ouviu? — disse Reno, satisfeito, fixando um olhar intenso em Groper.

— Como quiser, coronel Kane — murmurou Groper.

Então ele deu meia-volta e saiu rapidamente, feliz por ter escapado.

— Esse homem é um lunático e perigoso — resmungou Reno.

— Tenente David Reno, coronel Hudson Kane — os apresentou Fell, colocando um braço ao redor do ombro de Reno. — Reno é um navegador. B-52s. E, apertando o ombro com um gesto de camaradagem, emendou: — Certo, meu chapa?

— Vá se foder. — Reno encarou Fell com desdém.

— Esse cachorro é seu? — perguntou Kane, olhando para baixo.

— Ele parece ser minha zebra? Jesus, *que diabos* há de errado com vocês?

O cachorro estava lambendo o sapato do psiquiatra. Reno apontou:

— Olhe só, acho que ele gostou de você.

— Do que você o chama?

— Irresponsável. Ele está dez minutos atrasado para o ensaio. Agora, *fora*! — Reno deu a ordem para o cachorro com irritação.

O animal saiu da sala com um ar orgulhoso, e no fundo Kane viu de relance Fairbanks descendo habilmente do segundo andar por uma cortina.

Fell limpou a garganta. — Tenente, talvez o coronel queira ouvir sobre o seu trabalho.

Reno se encolheu olhando feio. — Navegação? Brincadeira de criança! Deixo para os corvos, para os falcões, para as andorinhas! Não sou um simples instrumento! Não sou um morcego albino! Por favor, cuidado com sua xícara, meu bem, está pingando.

— Navegação, não — corrigiu Fell. — Seu *trabalho*. Conte ao coronel.

— Ah! Você fala de matérias do coração!

— O tenente Reno — explicou Fell —, está adaptando as peças de Shakespeare para cães.

Reno endireitou a postura.

— Um labor do amor! Uma puta dor de cabeça! Pelo amor de Deus, *alguém* precisa fazê-lo! Você pode me dizer seu nome de novo?

— Hudson Kane.

— Judeu demais. Mudaremos isso. Quer vir para o ensaio?

— O que você está ensaiando?

— Estamos fazendo aquela cena intensa de *Júlio César* em que um dálmata de aparência nobre se enrola na toga… assim! — Com os olhos brilhando, ele demonstrou com a própria capa. — E então rosna: "*Et tu*, Canino Branco?"

Nem Kane nem Fell reagiram. Devagar, Reno tirou a capa do peito, o sorriso louco de triunfo derretendo de seu rosto.

— Você detestou.

— De maneira nenhuma — garantiu Kane imediatamente. — Achei interessante.

— Que bom. Vamos precisar discutir melhor mais tarde. Aliás, eu gostaria muito da sua opinião em um problema que estou tendo com o elenco de *Hamlet*. Sabe, se eu colocar um cão dinamarquês no papel, os malditos críticos vão me acusar de… — Reno parou de falar quando o cachorro latiu cheio de urgência do lado de fora da sala. — O tempo está fora do prumo — lamentou Reno. — Merda! Por que eu tenho de viver assim? Um papel, e ele acha que é a Barbra Streisand.

Então enrolou a capa no corpo e correu em direção à porta, gritando: — Esperem! Estou chegando, estou chegando, Rip Torn.

— Na porta, ele virou e disse a Kane: — Leia os clássicos. Melhora todo o sistema respiratório. — Ele então se foi. Dava para ouvi-lo repreendendo o cachorro. — Que modos são esses, Rip Torn? Onde você foi criado? Em um celeiro?

Kane esperou. Então, olhou para Fell. — São todos tão loucos assim?

— Ou tão criativos.

— Então, você acha que estão fingindo.

— Não sei. — Fell, que estava sentado na beira da mesa de Kane, puxou um cigarro, acendeu e tragou a fumaça. — Eu mesmo estou aqui faz só uma semana.

— Tão pouco tempo?

— Pois é. — Deu outro trago. — O maior mistério é Cutshaw, me parece.

— Por quê?

— Bem... ele não estava em combate. Por que precisaria fingir?

Kane abaixou a cabeça e disse suavemente.

— Exato.

Então foi até a janela e olhou para fora. Uma neblina densa cercava a mansão.

— Mas todos esses sujeitos têm Q.I. alto — cismou Fell. — Alguns são quase gênios, aliás; e a maior parte do fingimento que já vi em serviço recai na categoria de sair da formação diante de uma banca e depois urinar, de preferência na perna de um oficial de campo. — Kane Assentiu, e Fell continuou: — As obsessões deles são engenhosas demais. São extravagantes demais, oportunas demais. Mas como é possível que todos tenham obsessões? Estão mancomunados? Foram capturados por marcianos? Que diabos é isso? E como saber se um homem como Bennish está fingindo insanidade para sair de combate? Ele tem uma medalha de honra do Congresso. Não faz sentido. Não sei. O que *você* acha?

Kane virou para responder, mas, em vez disso, apenas olhou pela porta aberta. O olhar de Fell acompanhou. Krebs estava no saguão principal, se movendo com rapidez, seguindo Fairbanks, que estava vestido de freira; seu florete surgia por baixo de seu hábito, e usava óculos de sol com uma armação enorme e redonda. Ele

levava uma grande caneca de latão. Moedas balançavam lá dentro enquanto ele cercava Krebs.

— É uma das minhas múltiplas personalidades — grunhiu. — Sou a irmã Eve Black.

Krebs disse alguma coisa que nem Kane nem Fell conseguiram ouvir, mas a resposta de Fairbanks foi clara:

— A ordem Irmãzinhas dos Pobres é uma instituição de caridade reconhecida, Krebs. Vá se foder!

Fell fechou a porta e balançou a cabeça.

— Fairbanks. Esse é outro mistério — disse, sentando em um sofá na lateral da sala, alcançando um cinzeiro que estava sobre a mesa de apoio e apagando o cigarro. — Ninguém entende o que houve. Ele estava pilotando aquele avião que compramos dos ingleses, sabe, o que decola na vertical e voa reto? Vinte e quatro deles caíram sem razão; e, logo depois da queda do número 24, Fairbanks começou a confundir festas de formatura com árvores. Diabos, talvez devêssemos usar tratamento de eletrochoque em todos eles. Isso colocaria quem está fingindo para correr, você não acha?

Ele viu Kane olhando para a base de sua cueca *boxer*, onde as palavras “Bebidas Vendome” estavam bordadas em vermelho.

— Ou não? — acrescentou Fell.

Kane olhou para ele com atenção.

— Você me lembra alguém.

— Quem?

— Não sei. Você só me parece familiar. Vou me lembrar em algum momento, suponho.

— Assim como Ann Rutherford: é só mudar seu nome para Andy Hardy.

Por um momento Kane continuou a observá-lo, então, abaixou para pegar os livros e dossiês do chão.

— Você gostou da ideia do tratamento de eletrochoque? — perguntou Fell.

— Achei que você estivesse brincando.

— Eu, brincando? Você não está falando sério.

— Preciso pensar sobre isso.

— Isso, pense — disse Fell. — Pense bem. É para isso que você é pago. Quando pensar em uma resposta, me avise.

Kane meneou a cabeça distraído. Fell o observou por um instante, depois abriu a porta e saiu. Foi para seu quarto. Usando uma linha particular, ele discou o número de um telefone que tocou na mesa de um general no Pentágono. Quando a ligação foi atendida, Fell disse:

— Ele está aqui, senhor.

QUATRO

A maior parte da neblina havia diminuído, mas a noite estava se aproximando rápido, junto a nuvens de chuva ameaçadoras. Kane estava sentado à sua mesa, os olhos fundos em um rosto exaurido, um homem com uma tarefa urgente, diligente. Ele havia lido o histórico de todos os internos e estava absorto em livros de psiquiatria. Fazia grifos frequentes com um marcador amarelo. Era a noite de sua chegada.

Ele ajustou a luminária da mesa, direcionando a lâmpada para mais perto do livro. Em seguida, abaixou a cabeça e descansou os olhos, respirando profunda e ruidosamente, quase dormindo. Então, levantou abruptamente, esfregou os olhos e continuou lendo. Grifou um trecho do texto. Falava dos aspectos curativos do tratamento de choque. Estudou-o por um tempo. Em seguida olhou para a medalha de Cutshaw; ainda estava sobre a mesa.

A porta do escritório se abriu. Era Cutshaw, vestindo um calção de banho e levando uma toalha de praia sobre o ombro. Usava uma braçadeira preta e segurava a alça de um baldinho de criança com uma pá. Seus pés calçavam nadadeiras, e o calção e a toalha tinham a mesma estampa polinésia. Ele bateu a porta quando entrou.

— Vamos para a praia — exigiu.

Kane abaixou ainda mais o foco da luminária, para que seu rosto ficasse escondido pela escuridão.

— Caiu a noite e está começando a chover — respondeu, com cuidado.

Cutshaw avançou, com os pés de pato batendo ruidosamente no piso de carvalho. Suas sobrancelhas estavam juntas em uma careta.

— Estou vendo que você *quer* começar uma discussão! Certo, então vamos brincar de médico.

— Não.

— Então cinco marias. Quer jogar cinco marias?

— Não quero.

— Santo *Cristo*, você não quer fazer *nada*! — gritou Cutshaw. — Não tem nada para fazer neste lugar! Estou *enlouquecendo*!

— Cutshaw…

— O que eu preciso fazer para conseguir falar com você? Oferecer um sacrifício? Bem, aqui está. — Ele virou o baldinho sobre a mesa de Kane, levantou-o e o jogou longe, revelando um monte de terra úmida sobre um dossiê aberto. — Eu trouxe uma torta de lama para você; agora, podemos conversar?

— Você vai falar sobre a lua?

— Ouça, todo mundo *sabe* que a lua é queijo Roquefort; eu vim aqui para falar sobre o coronel Fell.

— O que tem ele?

— O que *tem ele*? Você é uma *pedra*? Jesus. O capitão Nammack o abordou hoje de manhã reclamando de uma doença estranha e impressionante, e sabe o que o charlatão receitou? Ele disse: “Aqui está, tome isto. É uma pílula de suicídio com um leve efeito colateral laxativo.” Que modos são esses?

— O que Nammack tem? — perguntou Kane gentilmente.

— Útero invertido.

— Entendo.

— Diga isso a Nammack e veja se isso o conforta em sua agonia. O que devo dizer a ele? “Escute, Nammack, tenha calma. Eu falei com o coronel Kane e, apesar de ser solidário a você, ele disse para encher a porra do útero com pílulas de suicídio e Aspirina, considerando que Fell é inconstante, mas correto”? E que ele também disse “Entendo”? — O astronauta mudou para um tom de súplica e repetiu: — Vamos para a praia. *Vamos*!

Tentou bater o pé em sinal de manha, e o pé de pato estalou como um chicote no piso.

— Está escuro e está chovendo — respondeu Kane.

O rosto de Cutshaw se contorceu de raiva. Ele pegou a pá de areia da mesa e a quebrou em duas partes, fazendo barulho. —

Pronto! Estou *quebrando* a flecha da paz! — Ele jogou os pedaços longe e continuou: — Filho da puta! Escute aqui, quem diabos é você? Estou começando a achar que você é Fairbanks com algum disfarce novo e esquisito. Uma vez ele apareceu com uma pele de caribu, mas nós reconhecemos aquele canalha. Sabe o que fizemos? Demos um gelo nele! Nem mesmo meneamos a cabeça para ele, aquele imbecil insolente e corno. Até que ele cedeu. — O astronauta apertou os olhos enquanto observava Kane e perguntou: — Você é católico de verdade?

— Sou.

— Grande merda. Sou um cavaleiro flamejante desvairado dos hussardos cristãos. Você gostaria de me perguntar em que eu acredito?

— Em que você acredita?

— Que o coronel se relaciona com alces. Agora saia daqui, Hud! Estou perdendo minha paciência com você rápido!

— Você quer que eu vá embora? — perguntou Kane.

Cutshaw avançou sobre a mesa e agarrou o pulso do psiquiatra.

— Você está louco? — Os olhos de Cutshaw se arregalaram de medo, e ele gritou: — E perder o único amigo que tenho? Meu Deus, não faça isso, Hud, por favor! Não vá embora! Não me deixe aqui sozinho nesta casa de horrores!

Os olhos do coronel se encheram de piedade.

— Não, eu não vou embora, prometo. Sente-se. Sente-se, e vamos conversar — disse, em um tom reconfortante.

— Sim! — berrou Cutshaw. — Eu quero conversar! Quero terapia! — Soltou o pulso e se acalmou imediatamente. Caminhou com seus pés de pato até o sofá encostado na parede, se jogou e deitou de costas, olhando para o teto. — Meu Deus, por onde começar?

— Livre associação — sugeriu Kane.

Cutshaw virou-se e o encarou com severidade. Em seguida, levantou-se do sofá, marchou até a mesa, recuperou sua medalha, voltou para o sofá e deitou de costas.

— E, agora, algumas palavras sobre minha infância. Eu nasci na Dakota do Norte em uma pequena…

— Seus registros dizem Brooklyn — disse Kane.

— Ouça, vamos trocar de lugar, tudo bem? Você deita aqui, eu vou até aí, e vamos ver como *você* se sai! De quem é esta terapia?

— Sua — respondeu Kane.

— Não posso fazer uma pergunta retórica sem algum escroto tentar *respondê-la*? Fique *quieto*! — gritou Cutshaw, para depois deitar de bruços. — Tive três tias solteiras — recitou calmamente. — Elas se chamavam Feia, Vulgar e Indecorosa, e todo Natal elas me davam um Banco Imobiliário de segunda mão, mas o tabuleiro estava sempre faltando; nunca tive uma porra de um tabuleiro. Claro, eu acabei fazendo um, mas você acha que "vá direto ao Bairro do Canivete e não ultrapasse o Brejo do Sapo" soa bem? Que diabos, nunca *vi* um tabuleiro de verdade até ter quase vinte anos, e tive de colocar *gelo* na nuca para parar de tremer! Ah, que se dane; então, eu nunca tive um tabuleiro. Mas nunca usei isso como muleta, Hud, aquela baboseira de Jack, o Estripador. Sim, claro: Jack, o Estripador, era um incompreendido. Aos seis anos ele tinha uma faca da sorte chamada *Rosebud*, que alguém roubou, então Jack passou o resto da vida procurando por ela, mas teve a ideia idiota de que a faca estava escondida na *garganta* de alguém. Agora, você *acredita* nessa baboseira? Pode responder.

— Não — disse Kane.

— Você é realmente engraçado. Alguns garotos na minha rua torturavam lagartas; eles as cortavam e ateavam fogo. E sabe por que faziam isso? Porque eram degenerados. Todo adulto degenerado mau e insensível *começou* como um degenerado. Onde você vê uma criança que tortura lagartas, eu vejo um filho da puta. Você aprova isso? Eu quero aprovação. Eu *preciso* de aprovação. Eu prefiro aprovação a rocambole com iogurte. Por acaso, você notou que Groper nunca toma banho? É porque veríamos sangue de lagarta nas pernas dele! Aquele degenerado odioso! É um típico Papai Noel: todo Natal ele sobe em seu trenó e entrega napalm para os pobres. Filho da puta. Um vira-lata com o rabo torcido apareceu, choramingou e lambeu o sapato dele um dia na ponte levadiça, e Groper sacou um canivete no mesmo instante e cortou o rabo do animal, bem rente ao corpo; e, enquanto o cachorro gritava e ficava louco, Groper disse que o ajudou a se livrar de pulgas; elas ficam no rabo. Meu Deus, ele está com sangue de lagarta até os *joelhos*!

Sabe, ele costumava escrever para a revista *Time* e por anos sempre falou em legendas; sempre dizendo “Depois do melão, uma uva” e coisas assim no maldito refeitório. Além disso, ele amava dizer “bafafá”. Mas isso era antigamente, Hud. Quero dizer, agora ele só diz isso quando bebe. O pobre desleixado foi coronel, sabia disso? Então disse “bafafá” na frente de MacArthur e foi rebaixado para major. Acorde. Está acordado?

O astronauta virou para olhar para Kane.

— Sim, estou acordado — respondeu o psiquiatra.

— Estou vendo; mas você estava apagando, Catherine Earnshaw. — Cutshaw deitou de costas de novo e perguntou:

— O que você acha de víboras?

— Víboras?

— Você é absolutamente incapaz de dar a um homem uma resposta direta!

Cutshaw tirou um pirulito do bolso e começou a lambê-lo ruidosamente.

— Cutshaw, por que você está usando essa braçadeira?

— Porque estou de luto.

— Por quem?

— Por Deus. — O astronauta sentou, tirou os pés de pato e os jogou no chão. — Isso mesmo. — Em seguida, jogou o pirulito. — Não pertenço ao Clube Deus Está Vivo e Morando na Argentina. — Então Cutshaw e começou a andar de um lado para o outro agitado. — *Basta*! Chega de falar de Deus! Finalize, é o suficiente. Vamos voltar para a psiquiatria. — Ele parou diante da mesa. — O que me faz lembrar: que belo psiquiatra! Você nem me perguntou se tenho obsessões.

— Você tem?

— Tenho. Odeio pés. Deus, não suporto *vê-los*. Como um Deus considerado belo nos dá coisas tão feias quanto pés!

— Para você poder andar.

— Eu não quero andar, quero voar! Pés são desfigurados e vergonhosos. — Cutshaw olhou para seus próprios pés nus, foi até o sofá, sentou e recolocou os pés de pato. — Se Deus existe — continuou ele —, ele é um pelego. Ou, o que é mais provável, um

pé: um Pé gigantesco, onisciente, onipotente. Você considera isso blasfêmia?

— Considero.

— Acredito que usei um *P* maiúsculo. — O astronauta observou Kane como se estivesse tentando avaliá-lo. Finalmente, perguntou: — Quantas vezes uma pessoa pode quebrar um espeto de *kebab* ao meio? — Em seguida, ele levantou do sofá, levantou a mão na direção da cabeça de javali pendurada e, segurando suas presas, começou a balançar para frente e para trás no ar. Então, na mesma postura, continuou: — Tudo tem partes. O espeto tem partes. Agora, quantas vezes posso parti-lo ao meio? Uma quantidade infinita ou apenas uma quantidade limitada de vezes? Se a resposta é uma quantidade infinita de vezes, então o espeto deve ser infinito. O que é balela, convenhamos. Mas se só posso cortar o espeto ao meio uma *limitada* quantidade de vezes… se eu chegar a um pedaço de espeto que não pode mais ser partido ao meio, quero dizer, supondo que eu fosse Pé e pudesse fazer o que quisesse, então estou segurando um pedaço de espeto que não tem partes. Mas, se não tem partes, ele não existe! Estou certo? Não. Estou vendo nos seus olhos. Você acha que sou um velho louco.

— De jeito nenhum — respondeu Kane. — Você apenas fracassou em distinguir entre as ordens real e mental. Mentalmente, ou teoricamente, não existe nenhum limite para quantas vezes você pode partir um espeto ao meio, mas na ordem real das contas, ou, em outras palavras, falando em termos práticos, você finalmente chegaria a um ponto em que, quando corta o espeto ao meio, as metades se convertem em energia.

— Pé, você é sábio! — suspirou o astronauta.

Alguma coisa cintilou nos olhos de Cutshaw, que se jogou no chão com um estalo elástico, foi até a mesa e substituiu a medalha diante de Kane.

— Você passou — ele anunciou. — Agora, consegue provar que existe um Pé?

— Eu apenas acredito — respondeu Kane.

— Você consegue *provar*?

— Existem alguns bons argumentos.

— Oh, essas são as mesmas coisas que usamos para justificar as bombas atômicas no Japão? Se forem, *que se fodam*! — Cutshaw se inclinou e espalhou o conteúdo do balde sobre a mesa de Kane. — Aqui, faça os diagramas na areia. — Em seguida, se jogou de bruços no sofá. — Mal posso esperar — ele alertou, com uma almofada abafando sua voz.

— Existe um argumento bioquímico — Kane começou hesitante. — Não é exatamente uma prova…

Cutshaw virou de lado, deu um bocejo exagerado e olhou para o relógio de pulso.

— Para que a vida pudesse aparecer espontaneamente na Terra — Kane retomou o raciocínio —, primeiro precisou existir uma molécula de proteína com uma certa configuração assimétrica, a configuração 0.9. Mas, de acordo com as leis da probabilidade, para que uma dessas moléculas apareça por acaso sozinha seria necessário um volume de matéria de mais de… bem… muitos trilhões e trilhões de vezes maior que o tamanho do universo inteiro; e pensando estritamente do ponto de vista do tempo…

— Falemos do tempo.

— Pensando estritamente do ponto de vista do tempo, e dado um volume de matéria equivalente ao da Terra, tal probabilidade precisaria de uma força de dez a duzentos e tantos bilhões de anos… um número com tantos zeros que não caberia em uma edição de *Os Irmãos Karamazov*. E isso é só uma molécula. Para que a vida surgisse, seriam necessárias *milhões* e *mais ou menos ao mesmo tempo*. O que eu considero mais fantástico do que simplesmente acreditar em um Deus.

Cutshaw se sentou.

— Você terminou?

— Terminei.

O astronauta se levantou, foi até a porta, deu meia volta e anunciou cripticamente:

— Indecoroso Groper come carne de cervo profana.

Então, deu meia volta novamente e desapareceu.

O barulho de um martelo batendo no gesso ecoou pela parede. Kane saiu de sua sala. Do lado direito da porta, viu Fairbanks, usando um capacete de altitude da Aeronáutica. Segurava uma

marreta de cabo curto e olhava feio para um buraco na parede. Groper correu até ele praguejando:

— Eu a *escondi*, maldição, eu a *escondi*! — E, arrancando a marreta da mão de Fairbanks, gritou: — Como diabos você a encontrou?

— Eu não *ousaria* lhe contar *isso* — disse Fairbanks. E, arrancando de volta a marreta da mão de Groper, pediu: — Faça a gentileza de sair do caminho.

— Seu pequeno…

Groper levantou um braço como se fosse golpeá-lo quando Kane interveio:

— Major Groper!

— Senhor, ele…

— Não me interessa *o que* ele fez; o senhor não vai usar de violência com nenhum desses homens em nenhuma ocasião, por nenhuma razão.

— Mas, coronel…

Groper estava prestes a falar mais, mas seus olhos encontraram os de Kane, e ele parou de falar, recuou um passo, prestou continência de forma tensa e se retirou para seu alojamento.

Kane olhou para o interno com gentileza.

— Você é o capitão Fairbanks — disse.

— Hoje não.

— Sinto muito. Eu tinha certeza de que você…

— Hoje não. Entendeu? Múltiplas personalidades. “Minha casa tem muitas moradas.”

— Entendi.

— Sou o dr. Franz von Pauli.

Kane passou um braço paternal ao redor do ombro dele. Do outro lado do *hall*, viu Cutshaw de relance encarando-os da porta do dormitório. Kane olhou para o buraco deixado na parede e disse:

— Por que fez isso, capitão Fairbanks?

— Como?

— Por que fez isso na parede?

— Achei que estivesse brincando. — Os olhos do interno eram de um azul intenso em um rosto rechonchudo e inocente que deveria estar em um baile vespertino de uma faculdade. Ele

respondeu: — Faço isso em nome da ciência e da nucleônica; porque estou *convencido* de que podemos atravessar paredes! Não somente eu. Estou falando de qualquer um. Policiais. Pessoas. Pessoas em Nashville. São os *espaços*! Os espaços vazios entre os átomos no meu corpo… ou no seu: você se importa se eu fizer uma pergunta pessoal? Não. Se ficar desconfortável, me avise.

— Vá em frente.

— Está com dor de cabeça?

Kane se encolhera como se tivesse sido acometido por uma dor aguda e súbita, abaixando a cabeça e apertando o arco do nariz. Seus olhos estavam fechados.

— Não — respondeu em voz baixa.

— Excelente. Veja, está tudo no tamanho dos espaços entre os átomos na parede: quando se olha para isso em relação ao tamanho dos próprios átomos, bem, o tamanho dos espaços é imenso! É como a distância, para ser franco, entre a Terra e o planeta Marte, e…

— Aonde quer chegar, por favor, capitão Fairbanks — pediu Kane, com uma voz que refletia sua irritabilidade, mas que não era indelicada.

— Qual é a pressa? — perguntou Fairbanks. — Os átomos não vão embora. Que diabos, não vão a lugar *nenhum*.

— De fato.

— Coronel, átomos podem ser *esmagados*, eles não podem *voar*!

De novo, Kane reagiu a algo que parecia dor.

— Você precisa usar o penico? — indagou Fairbanks. — Número dois?

Kane balançou a cabeça.

— Não fique com vergonha, você é humano.

O psiquiatra tirou o braço do ombro do interno.

— Me explique por que está acertando a parede.

— Você é persistente. Eu gosto disso: persistente, mas justo. Agora, ouça. Os espaços, os mesmos espaços vazios e imensos entre os átomos na parede existem entre os átomos no seu corpo! Então *atravessar* uma parede é simplesmente uma questão de

ajustar os buracos entre os átomos no meu corpo aos buracos entre os átomos na parede! Aquele maldito teimoso…

Fairbanks concluiu com outro golpe forte do malho. O gesso voou para todas as direções. Ele pareceu taciturno; olhando para o buraco que tinha acabado de criar. — Nada — murmurou. Em seguida, olhou para Kane. — Eu faço experimentos, sabe. Eu me concentro muito. Tento empregar toda a força da minha mente nos átomos do meu corpo para que se misturem e rearranjem, para que se encaixem *exatamente* nos espaços na parede. E enquanto uso o método experimental, tento atravessar a parede. Como agora. Peguei impulso na corrida e falhei… *terrivelmente*! — Ele golpeou novamente a parede, e outro buraco se formou. — Cuzões metidos — murmurou.

— Porque fez isso? — perguntou Kane.

— Estou punindo os átomos! Estou fazendo deles um exemplo! Uma lição! Uma coisa! Então quando os outros virem o que vai acontecer, quando virem que não estou para brincadeiras, ah, vão entrar na linha! Vão me deixar passar. — Fairbanks acompanhou o fim de sua declaração com outro golpe violento. — Malcriados independentes! — disse, olhando feio para a parede. — Entrem na linha ou caiam fora!

— Posso? — pediu Kane, pegando a marreta delicadamente do interno.

— Claro! — grunhiu Fairbanks. — Acerte! Aproveite! Talvez eles *escutem* um estranho!

— Eu tinha outra coisa em mente.

O interno pareceu ultrajado e tentou recuperar a marreta. Primeiro puxou, depois tentou arrancá-lo à força, mas a marreta não saiu da mão de Kane. Ele olhou para a ferramenta, depois para o psiquiatra, seus olhos um pouco aturdidos.

— Você é muito forte — disse finalmente.

— Acho que talvez seu problema esteja nas propriedades do martelo: um pouco de desequilíbrio nuclear afetando os íons.

— Teoria interessante — afirmou Fairbanks.

— Você se importa se eu ficar com o martelo para estudá-lo?

De repente, Fairbanks começou a gritar. E tentou furiosamente recuperar o martelo. Krebs e Christian apareceram e o imobilizaram.

Ele estava tendo um ataque histérico.

— Recomendo medicação nesse caso — declarou Kane.

— Preciso encontrar o coronel Fell — disse Krebs. — Eu não o vi.

— Quem mais tem a chave do armário dos remédios?

— Ninguém — respondeu Krebs.

Fairbanks continuava gritando. Seus olhos estavam esbugalhados.

— Nem mesmo um auxiliar médico? — perguntou Kane.

— Não, senhor. Não desde que tivemos um furto, senhor.

— Do armário de remédios? O que foi roubado?

— As barras Cadbury de cereal e as frutas do coronel, senhor. Ele as guarda ali. — Krebs fez uma pausa e acrescentou: — É a temperatura, senhor.

Kane soltou o martelo, e Fairbanks se acalmou.

— Pode haver uma reincidência — disse Kane com calma. — É melhor você ir procurá-lo.

— Sim, senhor.

Fairbanks parecia confuso.

— De onde diabos veio este martelo? — perguntou.

Kane tirou a marreta de seu poder com cuidado, e Krebs e Christian o levaram. O psiquiatra ficou imóvel, olhando para a ferramenta em suas mãos. Em seguida, segurou a própria cabeça.

Groper o vigiava do segundo andar, próximo à balaustrada. Kane olhou para cima como soubesse que estava sendo observado. O interno rapidamente foi para o quarto.

De volta à sua sala, Kane mergulhou de novo nos estudos. Lá fora estava chovendo, e em algum lugar um relógio deu nove horas. Ele olhou pela janela enquanto a chuva batia no vidro. Alguém entrou. Era Krebs.

— O capitão Fairbanks está bem, senhor.

— Que bom. Onde está o coronel Fell? Você o encontrou?

Krebs hesitou e respondeu:

— Não, senhor. Mas ele não assinou o registro de saída, então deve estar no recinto.

Kane ficou com o rosto tenso e marcado pela dor por um momento, então disse:

— Quando encontrá-lo, por favor, diga para vir imediatamente. Preciso falar com ele.

— Sim, senhor — respondeu Krebs, sem ir embora. Ele continuou olhando para Kane.

— Isso é tudo, Krebs. Obrigado — disse Kane, para encerrar a conversa.

— Sobre o coronel Fell, senhor... — ele continuou.

— Sim?

Krebs estava hesitante.

— Acho que ele disfarça, senhor.

— Como assim?

— Bem, acho que as coisas o machucam muito, senhor. Sabe, gente doente; pacientes morrendo sob os cuidados dele. Eu não gostaria que o senhor pensasse algo ruim dele. Acho que ele faz o que faz para não pensar nas coisas.

Kane encarou Krebs por um tempo, depois levantou a sobrancelha e disse:

— Entendo.

— Está com dor de cabeça, senhor? Posso ir buscar uma Aspirina, senhor, se isso ajudar.

— É muita gentileza sua, Krebs. Estou bem. Boa noite.

— Boa noite, senhor — disse Krebs.

— Por favor, feche a porta ao sair.

— Sim, senhor.

Kane voltou para sua leitura e suas anotações. Horas se passaram. Fell não apareceu. Chovia torrencialmente, castigando as janelas. Kane apertou os olhos diante das palavras que estava lendo, piscando, se esforçando para enxergar. Finalmente, não conseguiu mais manter os olhos abertos, encostou a cabeça nos braços cruzados. E dormiu.

E sonhou. Chuva. Uma selva. Ele estava sendo caçado. Havia matado alguém. Quem? Estava ajoelhado perto do corpo. Tinha virado o cadáver, mas a cabeça ficou virada para baixo, e o sangue jorrava do pescoço cortado. Então um homem com uma cicatriz em forma de Z na sobrancelha disse:

— Pelo amor de Deus, coronel, vamos sair daqui!

Ele pegou um rato branco do ar, e o rato se transformou em um lírio branco e puro manchado de sangue. Então, Kane estava na superfície da lua. Havia um módulo lunar pousado à direita, e um astronauta, Cutshaw, se movendo, flutuando, pela atmosfera, até estender o braço em súplica para um Cristo crucificado à esquerda. A figura do Cristo tinha o rosto de Kane. Então o sonho se tornou lúcido. Ele sonhou que tinha acordado em sua sala, e Billy Cutshaw estava sentado à sua mesa, observando-o atentamente enquanto acendia um cigarro. Kane perguntou:

— O que é isso? O que você quer?

— É o meu irmão, o tenente Reno. Você precisa ajudá-lo.

— Ajudar? Como?

— Reno está possuído por um demônio, Hud. Ele levita à noite e também conversa com cachorros, de uma maneira não natural. Quero que você expulse os demônios deles. Você é um coronel, católico e um padre destituído.

De repente, Reno estava na sala, flutuando a um metro do chão. Usava um macacão para altitude. Ele olhou para Kane, abriu a boca, e saíram os latidos de um cachorro.

Kane colocou um dedo no pescoço e percebeu que usava um colarinho romano. Em seguida, veio uma onda de empolgação.

Quando, mais uma vez, o sonho mudou de textura e pareceu não ser um sonho. Cutshaw o estava encarando atentamente, com o cigarro brilhando na penumbra.

— Está acordado? — perguntou a aparição.

Kane moveu os lábios e tentou dizer “sim”, mas nenhum som saía. Ele falou com a mente, pensando… dizendo… “sim?”

— Você acredita mesmo em vida após a morte?

— Acredito.

— Quero dizer, *para valer*.

— Acredito, sim.

— Por quê?

— Porque acredito.

— Fé cega?

— Não, nada disso. Não exatamente.

— Por que você *acredita*? — insistiu Cutshaw.

Kane fez uma pausa, procurando argumentos. Então, finalmente, disse (pensou?):

— Porque todo homem que já viveu foi tomado pelo desejo da felicidade perfeita. Mas, a menos que exista vida após a morte, a realização desse desejo é impossível. A felicidade perfeita, para ser perfeita, deve trazer a segurança de que não vai acabar, de que não será levada embora. Mas ninguém nunca teve essa garantia; o simples fato da morte serve para contradizê-la. No entanto, por que a natureza imbuiria todo mundo com o desejo de algo inatingível? Não consigo pensar em nada além de duas respostas: ou a natureza é totalmente louca e perversa; ou depois desta vida existe outra, uma vida em que esse desejo universal pela felicidade perfeita pode ser realizado. Mas em nenhum outro aspecto da criação a natureza demonstra esse tipo de perversidade, não quando se trata de um movimento básico. Um olho é sempre para ver, e um ouvido é sempre para ouvir. E qualquer vontade universal, estou falando de uma vontade sem exceções, precisa ser passível de realização. Ela não pode ser realizada *aqui*, então será realizada, acredito eu, em outro lugar, em outro *momento*. Faz algum sentido? É difícil. Acho que estou sonhando. Estou sonhando?

O cigarro de Cutshaw brilhou rapidamente.

— Se sonhar, não dirija — ele sussurrou.

Então Kane estava na ilha de Molokai, onde havia ido para curar os leprosos, mas, de alguma maneira, havia um orfanato onde um frei franciscano estava fazendo um sermão para crianças fardadas, com rosto impassível e erodido. De repente, o teto caiu sobre elas quando bombas atingiram Molokai.

— Saiam! Ainda dá tempo! Saiam — gritou o frei.

— Não, vou ficar com você — esbravejou o Kane do sonho.

A cabeça do franciscano se soltou do corpo, e Kane a pegou e beijou com fervor. Em seguida, ele a arremessou com repulsa. A cabeça disse:

— Alimente minhas ovelhas.

Kane acordou com um grito incipiente. Não estava em sua sala. Estava totalmente vestido, sentado no chão do canto de seu quarto. E não se lembrava de como havia chegado lá.

CINCO

Reno acordou ao amanhecer e olhou para a cama de Cutshaw. Estava vazia. Ele vestiu sua farda e passou pela fileira de camas e maletas, até sair do dormitório. Todos os outros internos dormiam.

Ele procurou por Cutshaw pela mansão, depois saiu da propriedade e caminhou pela neblina. Parou, olhou uma vez em volta no pátio desolado e resmungou, cheio de amargura:

— Raios!

Finalmente ele o viu. O astronauta estava à espreita nos galhos mais baixos de um abeto onde Groper costumava ficar antes da formação. Estava misturando uma lata de tinta equilibrada entre seus joelhos. Reno subiu pelo tronco da árvore e abriu um galho.

— Capitão Billy! — exclamou.

— Pelo amor de Deus, fale baixo! — pediu Cutshaw, cheio de cautela. — Que diabos você está fazendo aqui em cima?

— Kane! — sussurrou Reno, animado. Os olhos dele estavam brilhantes e selvagens. Estava hiperventilando.

— O que tem ele? — perguntou Cutshaw, tirando um pinho da tinta.

— Billy, nada nele é ele!

— E isso significa?

— Kane é Gregory Peck em *Quando fala o coração*, Billy! Ele veio assumir o controle de um hospício e, no fim das contas, ele mesmo é louco!

Cutshaw suspirou, tenso. Mesmo os internos da mansão em geral sabiam que Reno possuía uma série de obsessões mais magníficas que a maioria. Certa vez ele relatou que, enquanto caminhava “animadamente” pela propriedade em uma noite sem luar, detectou “um som sibilante vindo de cima” e, quando olhou, viu

o major Groper “agachado entre as frondes de uma palmeira”, imerso em uma conversa sussurrada com uma coruja preta e branca gigante. Nada o fazia esquecer essa história. Quando Cutshaw o fez lembrar que a propriedade estava visivelmente desprovida de qualquer variedade de palmeira, Reno o encarou com dó e respondeu com delicadeza:

— Qualquer um com dinheiro pode retirar uma árvore. E certas coisas podem cobrir o buraco com facilidade.

Desse dia em diante, Reno foi ignorado. Só havia uma forma de se livrar dele, e essa forma era sair andando. Cutshaw olhou para baixo. Era uma queda de seis metros.

— Kane é Gregory Peck — repetiu Reno. — Ontem, no meio da noite, eu acordo e tem biscoitos nos meus dentes, uvas-passas e tal, então vou até a clínica, sabe, para pegar fio dental, e quem eu vejo sentado como se estivesse em um tipo de transe ou algo assim?

Reno começou a reproduzir a cena, com as mãos fazendo movimentos confusos, mas definidos: pegando algo; jogando no chão; pegando algo; jogando no chão…

Cutshaw interrompeu a performance e apontou para o chão.

— Desça! Desça! Quero que você caia como uma manga madura!

— Também existe outra possibilidade, Billy. A porta do armário de remédios estava escancarada. Ele podia estar dopado com alguma coisa.

— Suma!

— Muitos médicos se viciam em drogas — argumentou Reno cheio de sensatez. — Muitos psiquiatras são profundamente perturbados. Você sabe disso. Eles têm o índice mais alto de suicídio do que qualquer outra profissão. Isso é um fato, e você pode checar, Billy.

Cutshaw parou nesse momento, levantando uma sobrancelha com cuidado.

— Quando foi isso? — perguntou.

— Umas três da madrugada, eu juro. Ouça, aqui está a evidência definitiva, a prova, é isto que ele faz! Igual a Gregory Peck em *Quando fala o coração*, Billy. Foi como no filme, exatamente! Fui

buscar um garfo. Entendeu? Fui pegar um garfo, e uma toalha de mesa também, no refeitório! Coloquei a toalha de mesa diante dele, com o garfo eu fiz umas trilhas de esqui nela, e ele desmaiou! Igual a Gregory Peck no filme!

Cutshaw apontou para o chão de novo, rangendo os dentes:

— Desça! Está ouvindo? Desç…

Então parou de repente, colocou um dedo nos lábios e cobriu a boca de Reno com a mão. Em seguida, olhou para baixo e inclinou a lata de tinta, fazendo o conteúdo derramar lentamente.

Do chão, a voz de Groper emergiu:

— Seu filho da puta!

— Posso falar agora? — perguntou Reno.

— Pode, vá em frente.

Cutshaw estava radiante, satisfeito.

— Esqueci de mencionar uma coisa: Kane estava com um gato de três cabeças no colo. Talvez ele o estivesse acariciando.

— Desça!

— Você tem razão, estava sobre a cabeça dele.

— *Desça!*

Reno olhou para Groper.

— Acho que vou subir.

* * *

FELL APARECEU PARA O CAFÉ DA MANHÃ no refeitório reservado para os funcionários: uma sala perto da cozinha, com uma lareira. E sentou-se de frente para Kane. Ainda não havia mais ninguém.

Fell estava animado, descansado, e estendeu sua caneca de café para Kane, que segurava a cafeteira.

— Ouvi dizer que você estava me procurando — disse ele.

— Isso mesmo, onde você estava?

— Caminhando por aí.

— Na chuva?

— Estava chovendo?

— O capitão Fairbanks precisou de sedativos ontem à noite. Por favor, faça uma cópia da chave do armário de remédios. Eu tive de

arrombá-lo.

SEIS

23 de março. Kane estava sentado em sua mesa quando Groper apareceu de repente, com uma carta na mão.

— Veja isto, senhor.

Groper entregou a carta para Kane, mantendo o envelope.

— Coronel, leia isso. Pode ler isso?

Kane olhou para a carta datilografada. E leu:

> Para meu querido, adorado, flamejante e secreto amor: Como eu anseio pelo momento em que eu possa tirar a máscara e me livrar do fardo de meu coração, que dói e sangra. Meu bem, vi você apenas um instante, um meio instante, no entanto, eu soube que era seu escravo. Criatura maravilhosa, te adoro! Você é o sândalo de Nínive, as trufas da lua! Nos meus sonhos, sou um louco! Sim! Eu arranco seu vestido, depois seu sutiã, em seguida seus óculos e…

Kane tirou os olhos da carta.

— O que significa isso, major Groper?

— Veja a assinatura, senhor — disse Groper, controlando o desconforto na presença de Kane.

A assinatura dizia “Major Marvin Groper”. Embaixo, havia um *postscriptum* que dizia: “Você sabe onde me encontrar, querida.” Em seguida, um número de telefone no centro.

— Senhor, recebi um telefonema depois do outro hoje de manhã de garotas que receberam cartas como esta — tagarelava Groper.

Kane segurou a carta.

— Onde você achou isso? — perguntou.

— Bem, algumas delas…

— Algumas de quem?

— Bem, quero dizer, essas mulheres, senhor.

— Que mulheres?

— Bem, por acaso, elas vieram para cá hoje e…

— “Por acaso”?

— Bem, não, senhor; eu as convidei… as que tinham voz bonita e…

— Groper?

— Elas são *feias*, senhor! *Feias* que nem o diabo! — ele disparou em um desabafo súbito de frustração e raiva. — E acho que o canalha que escreveu todas essas cartas precisa de algum tipo de punição e restrição!

— Quem as escreveu?

— Veja o envelope, coronel. — Groper o colocou diante de Kane. — Existe apenas uma mente aqui que teria feito isso!

O endereço no envelope tinha marcas de carbono, borrões e dava a impressão de fazer parte de uma mala direta comercial enviada em massa. O destinatário dizia apenas “Ocupante”.

— O senhor precisa *falar* com ele! — Groper estava extremamente perturbado.

Kane disse:

— Tudo bem. Vou falar com ele. Traga-o até mim.

* * *

OS DOIS LADOS DO DORMITÓRIO DOS INTERNOS estavam muito bem alinhados, com pias, camas e maletas. No corredor entre eles, Cutshaw andava de um lado para o outro nervoso, enquanto alguns dos homens escreviam mais cartas. Fairbanks se aproximou com uma carta na mão.

— Essa ficou clássica — anunciou. — A melhor ganha um prêmio?

— Leslie, o *céu* vai recompensar você — respondeu Cutshaw, mal-humorado.

— Acho que precisamos de algum tipo de incentivo.

— Leslie Morris, acabei de lhe dar um.

— Seu incentivo cheira a socialismo. O *maldito* socialismo.

A mão de Fairbanks voou delicadamente para sua espada.

— Você desembainharia sua espada para o capitão Billy?

— Estou meramente segurando o cabo.

Sem fôlego, Reno entrou correndo no dormitório e irrompeu entre eles.

— Capitão Billy, eu vi de novo!

— Viu o *que* de novo?

— A coruja que conversa com Groper. Ela usa um chapéu de festa; não dá para não ver.

— Vá para *Titus Andronicus* — rosnou Cutshaw. — Seja o astro. Faça a festa.

— Isso é blasfêmia!

Reno viu Groper se aproximando de Cutshaw por trás e, apontando com arrogância para Cutshaw, deu uma ordem a Groper:

— Guarda! *Prenda-o*!

— *O homem da máscara de ferro* — disparou Cutshaw.

Quando virou, e viu Groper, estava radiante de prazer.

— Já não era sem tempo — comentou.

Groper levou Cutshaw para o escritório, e Kane o confrontou com a carta endereçada a “Ocupante”.

— Foi você que escreveu? — perguntou ele.

— Vamos fazer uma cena, Hud? — Cutshaw abriu os braços em um gesto de sacrifício, acertando com o antebraço o rosto de Groper. — Sim! *Eu escrevi a carta!* Agora atire em mim por dar esperanças a uma solteirona! Amor aos desamados! Depravação aos depravados! Esqueça a corrida espacial, Hud! Sirva-me como ração para as formigas gigantes! Vá em frente! Transforme quinhentas amigas de correspondência em viúvas!

— Com o maior prazer — murmurou Groper.

Cutshaw inclinou o corpo chegando mais perto de Kane e baixou a voz para um sussurro.

— Senhor, notei um odor exótico aqui, e, como o senhor é um coronel, só pode ser o major…

Groper se aproximou dele ameaçadoramente, e Cutshaw pulou para trás de Kane gritando:

— Não o deixe encostar em mim! Sou louco!

— Você com certeza é louco! — Groper avançou na direção de Cutshaw novamente.

— Groper! — disse Kane com firmeza.

Groper parou.

— Sim, senhor!

Cutshaw se encurvou, na postura de um corcunda, e deixou escapar sua voz rouca e com sotaque eslavo:

— Rá! Eles tentam matarr Igorr! Mas Igorr ainda vive, e eles eston morrtos!

O astronauta oscilava de leve.

Groper avançou novamente.

— *Major Groper!*

— Sim, senhor! — Groper parou. Estava tremendo visivelmente. Seus olhos tinham raios vermelhos.

— Você bebeu? — perguntou Kane discretamente.

— *Sim!* — gritou Groper, histérico.

— Tente se controlar, major.

— Mas, meu *Deus*, você precisava ver aquelas mulheres! Feias! *Feias! Jesus Cristo!*

Kane se levantou.

— Major Groper…

A sala tremeu com a vibração de um golpe de martelo, e Groper ficou pálido.

— Onde ele o consegue? — gemeu ele. E virou com olhos furiosos para Cutshaw. — Você! *Você* o consegue para ele! — Groper viu a expressão nos olhos de Kane, a força. Sentiu um calafrio de impotência e frustração, e chegou à beira das lágrimas. — Pode ficar! — exclamou Groper, se afastando. — Está ouvindo? Pode ficar com essa *merda*! Pode ficar com ela!

E saiu da sala.

Cutshaw ficou olhando, com o cenho franzido.

— Bem, eu serei o filho da puta — disse, em voz baixa. Então se virou e ouviu Kane falando com Fell pelo telefone.

— Faça o que puder com ele — dizia Kane, enquanto se sentava. — Um sedativo, talvez. Mas fique de olho nele. — Então fez uma pausa e disse: — Não… não uma bolsa de gelo.

E desligou o telefone.

Cutshaw foi até a mesa.

— Você é Gregory Peck? — perguntou. — Conte tudo.

Kane não respondeu.

Os olhos de Cutshaw se apertaram até se transformarem em linhas.

— Boi orgulhoso, vamos ensiná-lo o erro do orgulho falso. — Então sacou um documento do bolso, alisou-o sobre a mesa diante de Kane e exigiu: — Aqui está! Assine esta confissão, Hud! Ou Greg! Ou Tab! Ou seja você quem for!

Kane olhou para o papel e comentou:

— Está em branco.

— Claro que está em branco — rosnou Cutshaw. — Ainda não tenho certeza de quem você é. Veja, estou fazendo isto por Reno — explicou. — Só assine, e vamos preencher depois. Vá em frente. Peça misericórdia para a corte. Cangurus podem ser gentis. Cangurus não são todos maus. Só assine para podermos mostrar para Reno e talvez todos nós possamos ter um pouco de paz.

— Se eu assinar, você também faz uma confissão?

— Estou ouvindo.

— Por que você não vai para…

Antes que pudesse terminar a pergunta, Cutshaw rugiu:

— Silêncio quando estiver falando comigo! — Então recuou um passo, ganhou uma expressão imponente e alertou: — Eu sei quem você é.

— Quem eu sou?

— Você é um padre destituído — Cutshaw se jogou no sofá e deitou de costas. — Quero que ouça minha confissão, padre Sem Rosto.

Kane disse em voz baixa:

— Eu não sou padre.

— Então quem diabos é você?

Por um momento, Kane ficou parado como um homem que se lembrou de algo inesperado. E tocou seu colarinho suavemente.

— Sou o coronel Kane.

— Você é Gregory Peck, seu imbecil. Não deixe ninguém convencê-lo do contrário! Sabe, se for capturado, vão tentar fazer aquela coisa de lavagem cerebral e fazer você pensar que é Adolphe Menjou ou talvez até Warren Beatty. Eu *adoraria* ser Warren Beatty!

— Não vejo por quê — disse Kane.

— Claro que você não vê por quê! Você é Gregory Peck!

— Entendo.

— Até parece. Seu esnobe condescendente. — De repente, Cutshaw se sentou no sofá. — Você não é Gregory Peck de jeito nenhum, é um padre destituído — acusou ele com desprezo. — Por acaso, velho padre, tenho notícias bastante alarmantes para você: posso provar que existe um Pé… Gostaria que eu fizesse isso agora ou prefere escrever para o papa antes que eu fale com a *Associated Press*? Porque quando isso acontecer, Hud, estou avisando, não vão sobrar batinas. Melhor vestir a sua agora para acharem que você é sincero.

— Eu gostaria de ouvir sua prova.

— Coloque a batina, Hud. Não quero ver você se machucar.

— Quero ouvir a prova.

— Hud, seu garoto louco e teimoso. Depois não me venha choramingando quando não conseguir um emprego limpando altares. — Cutshaw se levantou e começou a imitar saques de tênis. — Já ouviu falar em “entropia”? Diga que é uma corrida de cavalos, e eu mutilo você.

— É algo relacionado a uma lei da termodinâmica — respondeu Kane.

— Muito astuto, Hud. Talvez astuto demais. Agora, aonde estou indo? — indagou Cutshaw.

— Diga você.

— Para onde o *universo* está indo. Para uma morte térmica e totalmente final. Sabe o que é isso, Hud? Vou dizer. Sou Morris, o Explicador. É uma coisa básica da física, uma coisa básica e *irreversível*; um dia desses, no futuro, a festa toda vai acabar. Em cerca de três bilhões de anos toda partícula de matéria no universo inteiro vai ficar totalmente desorganizada. Aleatório, totalmente

aleatório. E como o universo é aleatório, ele mantém uma certa temperatura, uma certa temperatura *constante* que nunca, nunca muda. E como ela nunca muda, as partículas de matéria no universo não têm a menor chance de se reorganizar. O universo não pode se reconstruir. Aleatório; vai se manter sempre aleatório. Para todo o sempre. Isso não te dá um cagaço total, Hud? Hud, onde está sua batina? Você tem uma sobrando? Quero ficar com ela. Eu não deveria falar assim na minha frente. Eu juro, me dá calafrios.

Cutshaw parou de imitar saques e desabou no sofá, onde assumiu posição fetal.

— Por favor, continue — pediu Kane.

— Você aceita minha coisa da física?

— Sim, eu aceito isso.

Cutshaw fez uma careta, olhando para cima.

— Não chame de “isso”, pode ser? Chame de “coisa”. Diga “eu aceito sua coisa da física”.

— Eu aceito sua coisa da física — repetiu Kane.

— Bom. Agora acompanhe. — A fala de Cutshaw se tornou lenta e comedida. — É uma questão de *tempo* até acontecer, até chegarmos à morte térmica. E quando chegarmos à morte térmica, a vida não vai reaparecer nunca mais. Se isso parece claro, Hud, bata duas vezes no chão.

— Está claro.

— Certo. Agora, vamos fazer uma disjunção. Ou a matéria, matéria ou energia, é eterna e sempre existiu, ou *nem sempre* existiu e teve um início definitivo no tempo. Então vamos eliminar uma ou a outra. Vamos dizer que a matéria sempre existiu. E lembre-se que a morte térmica iminente, Hud, é puramente uma questão de tempo. Eu falei três bilhões de anos? Vamos dizer um *bilhão* de bilhões de anos. Não me importa *quanto* tempo leve, Hud. Seja quanto for, é limitado. Mas, se a matéria sempre existiu, você e eu não estamos aqui… está vendo? Nós simplesmente não existimos! A morte térmica já veio e já foi!

— Não estou acompanhando.

— Claro. Você prefere se confessar. Me dê a batina, e deixo você se confessar. Não deixe ninguém escrever “Obstinado” na minha lápide. Chame-me de flexível, Hud, e faça sua confissão.

— Capitão…

— Warren, então. Chame-me de Warren.

— Perdi o fio da meada dos seus argumentos — disse Kane.

— Minha próxima imitação: uma mosca humana. — Cutshaw levantou do sofá, voou até a parede e fez uma série de tentativas sérias de correr por ela. Depois da quinta tentativa fracassada, ele levantou e olhou feio para a parede. — Fairbanks está certo — resmungou, irritado. — Tem alguma coisa errada com essas malditas paredes. — Depois olhou feio para Kane. — Você perdeu o fio da meada por sua vida toda. Pé! Você é mais burro que um *dauphin* premiado. Veja bem: se a matéria sempre existiu e se a morte térmica é uma questão de tempo… como, digamos, um bilhão de bilhões de anos… então, Hud, deve ter *acontecido*! Um bilhão de bilhões de anos já passaram um trilhão de vezes, uma quantidade *infinita* de vezes! Antes e depois de nós há um número infinito de anos no caso da matéria que sempre existiu. Então a morte térmica já aconteceu e já passou! E quando acontecer, nunca mais vai haver vida! Nunca mais! Pela eternidade! Então como podemos estar conversando, hein? Como pode? Embora, perceba, estou falando *racionalmente*, enquanto você está aí sentado *babando*. Ainda assim, cá estamos. Por quê?

O interesse surgiu nos olhos de Kane.

— Ou a matéria não é eterna, eu diria, ou a teoria da entropia está errada.

— O quê? Você está rejeitando minha coisa básica?

— Não estou, não.

— Então só pode haver uma alternativa, Greg: a matéria sempre existiu. O que significa que, em algum momento… ou antes de o tempo existir… não havia absolutamente nada… *nada*… na existência. Então como pode existir alguma coisa *agora*? A resposta é óbvia até para as inteligências mais rasas e simples, e isso, claro, se refere a você. A resposta é que alguma *outra* coisa além da matéria teve de fazer a matéria começar a existir. Essa outra coisa é o que eu chamo de Pé. Que tal?

— É bastante convincente.

— Só tem uma coisa de errado — disse Cutshaw. — Não acredito nisso nem por um minuto. O que você acha que eu sou?

Um lunático? — O astronauta foi até a mesa. — Você é tão idiota, é adorável — afirmou. — Eu copiei essa prova de um mural privado dos Missionários de Maryknoll em Beverly Hills.

— Não convence você?

— Intelectualmente, sim, mas, do ponto de vista emocional… não. E *esse* — concluiu ele — é o problema. — Cutshaw marchou até a porta e virou, indagando: — Por falar nisso, o que você estava fazendo na clínica no meio da noite?

Ele ficou ali parado esperando alguma reação, mas não houve nenhuma; zero mudança de expressão.

— O que você está procurando, Cutshaw? — perguntou Kane.

— Joe DiMaggio — disse Cutshaw, saindo devagar.

Kane ficou no escritório por várias horas, deixando a porta aberta de propósito. Uma série de internos entrou, cada um com um pretexto absurdo. Kane observava, ouvia e acalmava. Fell colocou sua cabeça para dentro uma vez, mas acenou e foi embora quando viu que Reno estava ali: o interno que perguntou a Kane se ele achava que dois pequineses “ficariam ridículos” como Rosencrantz e Guildenstern.

Depois do jantar, Kane passeou pelo *hall* principal da mansão por um tempo, parecendo encorajar a aproximação dos internos. Observou algumas pinturas nos cavaletes. E esperou. Mas Cutshaw não apareceu. Às dez, Kane subiu para seu quarto e começou a se preparar para dormir. Mas havia visitantes constantes irrompendo por sua porta, internos com problemas e questões. Os últimos foram Fromme e o interno chamado Price.

— Posso falar com você por um momento? — perguntou Fromme, parado na porta.

— Claro.

— Quero estudar, senhor. Posso? Quero concretizar minhas ambições. Quando sair daqui, claro. Mas eu simplesmente não posso viver sem meu sonho, senhor. É meu sonho desde que eu era criança. Tenho 35, mas não é tarde demais para estudar. Posso fazer isso imediatamente? Talvez uma “Operação iniciativa própria”, coronel?

Kane perguntou a que grau de escolaridade ele tinha chegado e se suas notas seriam suficientes para uma faculdade de medicina.

— Faculdade de medicina? — Fromme piscou os dois olhos. — Não. Eu quero tocar violino. Quero tocar como John Garfield em *Humoresque*. Quero tocar aquela cena. Quero que as pessoas achem que sou só um garoto da periferia e, então, *bam!*: eu saco o violino e deixo Joan Crawford e seus amigos ricos e esnobes chocados. Quero tocar aquela cena o tempo todo.

Kane foi gentil.

Price foi mais difícil. Um homem de cabelos louros e espessos, com olhos profundos e intensos como raios mortais em um rosto esquálido e cadavérico, irrompeu no quarto.

— Quero meu cinto voador — exigiu.

— Como?

Price desviou o olhar com repulsa.

— Sei, sei, a mesma coisa, a mesma resposta pronta. Meu Deus! — Então virou para Kane e começou a falar como um homem reprimindo frustração e uma raiva terrível, com uma voz cada vez mais grave e bélica enquanto falava. — Então, quero meu cinto voador, pode ser? Sim, claro, você nunca ouviu falar dele. Certo? *Até parece!* Agora faça a gentileza de admitir que você é capaz de ler meus pensamentos! Que minha espaçonave caiu no planeta Vênus! Que *estamos* em Vênus e você é um venusiano e invadiu ilegalmente minha mente para tentar me fazer acreditar que ainda estou na Terra! Não estou na Terra, e você não é um terráqueo. Estou aqui parado com fungos até meu traseiro — gritou Price —, e você é um *cérebro* gigante! — De repente, assumiu um tom conciliatório: — Vamos lá, me devolva meu cinto voador. Não vou usá-lo para fugir, eu juro!

Kane perguntou por que ele queria o cinto, e Price voltou à hostilidade ácida:

— Quero brincar de Tinker Bell vestido de mulher em uma produção fungoide de *Peter Pan*. OK? Está satisfeito? Agora, onde diabos ele está?

— Está chegando — respondeu Kane com calma.

— Mas por que ele *sumiu*? — perguntou Price. Então, ele inclinou a cabeça em um gesto conspiratório, sussurrando: — Ouça! O cérebro chamado Cutshaw diz que você não é um cérebro de jeito nenhum. E disse que seu nome é Sibylline Books. É verdade?

— Não.

— Maldição! Em quem posso *acreditar*? — gritou Price. Depois, ele abaixou a voz: — Ouça, ele me fez uma proposta. Disse que se eu lhe desse as coordenadas da fábrica no meu planeta que produz todos aqueles rádios CB, ele me devolveria o cinto. Ele quer bombardear a maldita fábrica. Mas fui leal. Entendeu? Eu disse não, que você ficaria chateado. Agora retribua, seu canalha! — De novo, a voz de Price estava alta e aguda. — Me ajude, ou talvez eu encontre uma maneira de *matar* você, de fazer você ter a enxaqueca final! Onde está o *cinto*?

— Logo vamos receber um.

— O que você acha que eu sou, estúpido? Por que raios você acha que meu governo me escolheu? Por que eu vejo a verdadeira bondade no espaço? Já perdi a paciência para truques e baboseiras! Entendeu? Arranje o cinto em 24 horas, ou você está encrencado! Agora vá se enrolar em folhagem ou o que quer que você faça antes de dormir! Estou bloqueando minha mente!

A saída de Price deixou Kane exausto. Ele deitou na cama e cobriu os olhos com o cotovelo. E, de repente, estava dormindo profundamente e sonhando: Chuva. A selva. O homem com a cicatriz em forma de Z no cenho. Kane estava ajoelhado ao lado de um corpo de novo, o franciscano. E alguém o estava caçando, chegando cada vez mais perto a cada segundo. O homem com a cicatriz o olhava de cima. Ele olhou para as mãos, que seguravam as extremidades de um fio coberto de sangue.

— Coronel, vamos sair daqui, vamos sair daqui, vamos…

De repente, o sonho foi invadido pelo grito de agonia de outra pessoa, e Kane levantou de um sobressalto, desperto. Estava confuso. Alguém precisava dele. O psiquiatra se deu conta, subitamente, que havia amanhecido. E fechou os olhos de novo. Alguém batia de leve na porta. Ele se levantou cansado para atendê-la, esperando encontrar um interno. Era Fell.

— Entre — disse Kane.

Fell entrou.

— Alguma coisa errada?

— Errada?

— Sim, o que foi? Posso ajudar?

Fell o encarou com atenção, depois balançou a cabeça e sentou em uma poltrona perto da cama. — Não, nada de errado. Pensei em dar uma olhada em você, ver como você está.

Kane sentou na beira da cama perto de Fell, que usava uma camisa e calça de brim. Ele acendeu um cigarro. Abanando a fumaça, ele olhou para Kane. — Jesus, você parece exausto. Você não dormiu?

— Bem tarde. Havia sempre um interno na porta com algum problema.

— Então tranque a porta — disse Fell.

— Não — respondeu Kane com veemência. — Preciso estar disponível sempre que precisarem.

— Ei, posso dizer uma coisa? — perguntou Fell. — Tenho uma suspeita de que essa coisa de bater constantemente na sua porta faz parte de um plano de convencê-lo de que eles estão doentes e de que isso tudo é real. E quero que você preste atenção em uma coisa: esses caras fizeram a mesma coisa comigo no meu primeiro dia aqui; e depois relaxaram… até você chegar. Então começou tudo de novo com você.

— Entendo — murmurou Kane. — Sim, eu entendo.

— Cutshaw é o líder, o maldito cabeça do plano; resumindo, ele é a maior encheção de saco. Assim... é o que eu acho. Você acredita se quiser. Quer tomar café da manhã?

— O quê? — Kane parecia atordoado.

— Você quer tomar café da manhã?

Kane parecia distante. Estava olhando pela janela. Chovia forte novamente. O céu estava escuro, e trovões distantes reverberavam e crepitavam. Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça, segurando a junção dos olhos entre o polegar e o indicador.

— Há algo errado? — perguntou Fell.

Kane balançou a cabeça.

— Há algo certo?

— Esse sonho... — murmurou Kane.

— Qual?

— Me veio um flash de um sonho que se repete. Um pesadelo.

Fell levantou os pés e os apoiou no pufe. — Como Calpúrnia disse para Sigmund Freud, me conte seu sonho, e eu conto o meu.

— Não é meu sonho — disse Kane.

— Como assim?

— Eu disse que não é meu sonho — repetiu Kane em voz baixa. — Um paciente meu, um ex-paciente: um coronel que tinha acabado de voltar do Vietnã, ele tinha um pesadelo grotesco e recorrente. Algo que aconteceu com ele em combate, essa era a ideia central. E desde que ele me contou… — Kane fez uma pausa, e então encarou Fell com olhos atormentados. — Desde que ele me contou, fico tendo o mesmo sonho.

— Meu Deus — sussurrou Fell.

— Pois é. — Kane desviou o olhar. — É muito estranho.

— "Estranho" não é a palavra. Quero dizer, isso não seria levar a transferência longe demais?

Kane o fitou por um momento antes de responder. — Presumo que não haja problema em contar isto para você agora. — E olhou para o tapete no chão. — A esta altura, por que não? Ele era meu irmão.

— O paciente?

— Sim.

— Arram. Irmão *gêmeo*?

— Não.

— Bem, de qualquer modo é uma boa justificativa — comentou Fell. — Vocês estão sintonizados psiquicamente. Vocês são irmãos. São muito próximos.

— Não somos.

— Mas deveriam ser.

— Fell, você já ouviu falar do "Matador Kane"? — Kane o olhava nos olhos.

— Buck Rogers — grunhiu Fell.

— Não, não esse: Kane, o assassino da Marinha.

— Ah, sim, claro. Quem não ouviu falar nele? O guerrilheiro. Matou quarenta, cinquenta homens com as próprias mãos. Ou foram oitenta? Ei, espere um pouco! Você está dizendo que…

— É o meu irmão — disse Kane.

— Você está brincando!

Kane balançou a cabeça.

— Você está *brincando*! — Fell estava sentado com o corpo ereto e uma expressão de choque e satisfação simultâneos.

Kane desviou o olhar. — Adoraria estar.

— Ih... pelo visto, vocês não se dão bem, não é?

— Acertou.

— Quando vocês eram crianças, ele colocou rãs na sua cama à noite. Foi isso? Venha, deite e vamos fazer uma livre associação — disse Fell com ironia. — Fale do seu irmão.

— Ele é um assassino — disse Kane.

— Ele é um fuzileiro naval. Ele é jogado atrás das linhas inimigas e cumpre seu dever. Meu Deus, você está falando sério. — Fell franziu o cenho. — Qual é, cara, ele é um herói. — Então ele disparou: — Arrá! Rivalidade entre irmãos!

Kane disse: — Vamos esquecer isso.

— Tem certeza de que você sabe com o que está se envolvendo? Esses sargentos do centro de recrutamento podem ser sorrateiros.

Kane fechou os olhos e levantou a mão para Fell, com a palma para fora, um gesto que sugeria que Fell desistisse.

— Você é amigo de Jane Fonda? — pressionou Fell.

— Somos próximos.

— Você está de brincadeira.

— Estou.

Fell meneou a cabeça e levantou. — Quero um café. Você vem?

Kane continuou sentado. — Em um ou dois minutos. Preciso me trocar.

— Sim, claro. Como está seu irmão, a propósito? Sabe, eu o encontrei aquartelado na Coreia. Faz um tempo, mas eu me lembro dele. Um sujeito e tanto. Nós nos demos bem. Gostei dele. Aliás, gostei muito dele.

— Ele está morto — anunciou Kane.

— Oh, Deus. Ei, eu sinto muito. Sinto muito mesmo.

— Tudo bem. Foi por isso que contei sobre o sonho.

Fell parecia desolado. — Ouça, como que… — ele se interrompeu. — Esqueça. — Então, abriu a porta e apontou para abaixo. — Vejo você lá embaixo.

Kane assentiu.

Fell fechou a porta e procurou um cigarro com dedos trêmulos. Lágrimas escorriam por seu rosto.

SETE

Com o peito nu, Kane estava sentado na beira da mesa de exame da clínica. Fell continuou o check-up físico que Kane aceitara depois de muita insistência.

— Visão borrada? Sensação de descolamento em geral?

— Não.

Fell resmungou e levou o feixe de luz aos olhos de Kane. Depois, desligou a luz e a guardou no bolso do jaleco branco. Cruzando os braços, apoiou o corpo em uma parede e olhou para Kane.

— Se você não trancar a porta do quarto à noite nem atender os internos em horário comercial, vou recomendar descanso e transferência, doutor; e não vai demorar muito para que o processo corra, acredite em mim. Tenho todos os tipos de contatos, em locais estratégicos.

Nos últimos dez dias os internos, Cutshaw em especial, haviam submetido Kane a motins e ataques dia e noite.

— Estou falando sério — disse Fell. — Sendo franco, você está ultrapassando seus limites, simplesmente. Posso pedir sua transferência. Quer que eu peça?

As sobrancelhas de Kane se juntaram.

— O que eu tenho?

— Fadiga crônica, para começo de conversa. Taquicardia. Sua pressão está boa para um rinoceronte em investida. Que diabos você está tentando provar?

Kane abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Em seguida, murmurou:

— Talvez.

— Talvez o quê?

— Possamos fazer algumas restrições. Uma ou outra. Vou pensar nisso.

— Viva! Agora você está sendo racional.

Nenhum dos dois viu Cutshaw espiando no *hall*, ao lado da porta aberta da clínica. Ao ouvir passos descendo a escada, o astronauta saiu às pressas, pálido e incomodado.

— Algum *insight*? — perguntou Fell. — Alguma resposta?

Kane tirou a camisa de um cabide que estava pendurado em uma vara. — Talvez sobre Cutshaw — respondeu, parecendo pensativo.

— Que tem ele?

— Ele continua insistindo comigo sobre Deus, sobre questões metafísicas. — Vestiu a camisa e começou a abotoá-la. — Alguns de nós acham que a raiz de todas as neuroses é o fracasso de um indivíduo em encontrar algum significado na vida, ou no universo. Uma experiência religiosa é a resposta para isso.

— É isso que Cutshaw quer? Religião?

— Ele quer que seu pai seja Albert Einstein e que Albert Einstein acredite em Deus.

— Então os homens não estão fingindo. É nisso que você acredita? Quero dizer, é isso que seu instinto está dizendo?

Kane simplesmente disse:

— Não sei.

Os dois deixaram a conversa nisso.

No dia seguinte, Kane estava parado no *hall* sozinho, observando uma pintura de um dos internos, quando Fell surgiu a seu lado.

— Como vai, garoto?

— Estou bem — respondeu Kane com seus olhos ainda fixos na pintura; era a da agulha atravessando o dedo.

Fell apontou para ela com um meneio de cabeça.

— Significa alguma coisa?

— Todas significam. São indícios do inconsciente de um homem. Como sonhos.

Fell acendeu um cigarro.

— E o *seu* sonho? — perguntou ele. — Continua acontecendo?

Em vez de responder, Kane comentou:

— Cutshaw não pinta. É uma pena. — E lançou um olhar pensativo para Fell, observando-o com cuidado. Um olhar atormentado enrugou a pele ao redor de seus olhos. — Sonhei com *você* ontem à noite.

— É mesmo? O que você sonhou?

— Eu não me lembro — disse Kane, ainda incomodado. — Foi alguma coisa estranha.

Os olhos dos dois homens seguiram a direção de latidos.

— Coronel!

Reno e seu cachorro surgiram ao lado deles. Sem fôlego, Reno disse:

— Coronel, estou com um problema. Você precisa me ajudar.

Fell disse:

— Faça um enema e me procure amanhã de manhã.

Reno curvou as mãos ao redor da boca para fazer sua voz ressoar.

— Dr. Fell, o senhor está sendo chamado para cirurgia. Coloque algumas agulhas de acupuntura onde elas forem mais necessárias. — Depois, encarou Fell e balbuciou: — Idiota! — Então virou para Kane. — Quero dizer que estou com um problema motivacional, não médico. Estou falando do problema da loucura de Hamlet. Tive uma discussão, coronel, séria, e eu gostaria que você a encerrasse de uma vez por todas. — Reno franziu o cenho. O cachorro se sentou sobre as patas traseiras a seu lado. — Ouça, eis o quebra-cabeça, a perplexidade, o fandango inusitado e misterioso. Você se importa se eu me sentar, a propósito?

— Vá em frente — respondeu Kane.

Reno sentou no chão.

— Então, alguns… — Ele deixou a frase no ar e olhou feio para Fell, que estava rindo, cobrindo a boca com a mão. Reno disse sombriamente: — Por que você não vai vacinar um maldito tatu, Fell. Suma, parceiro. Desapareça.

— Vamos para a minha sala — disse Kane.

— Vamos, claro.

Enquanto caminhavam, Kane retomou a conversa com cuidado.

— Você estava dizendo...

— Um homem adorável. Eu falava que alguns estudiosos de Shakespeare afirmam que quando Hamlet está fingindo estar louco, está louco *de verdade*. Correto?

Kane virou para olhar para Reno.

— Pois é — respondeu.

— Mas outros estudiosos shakespearianos dizem que quando Hamlet está fingindo estar maluco, ele *não* está maluco de verdade. Dizem que é fingimento. Portanto, coronel, venho até você como psiquiatra e como um gatinho indefeso e amigável. Por favor, me dê *sua* opinião.

— Eu gostaria de ouvir a sua primeiro — propôs Kane.

— Um psiquiatra incrível! Quanta classe!

Chegaram à sala. Kane ficou em pé, e Fell sentou no sofá. Reno ficou perto da porta com o cachorro.

— Certo — começou. — Vamos olhar para o que Hamlet faz. Primeiro, ele fica *perambulando* vestindo sua roupa de baixo. Certo? E isso é só o começo. — Reno começou a enumerar os argumentos com os dedos. — Depois, ele chama o rei de mãe; diz a um bom senhor, um trabalhador, que está senil; faz um escândalo em um evento de teatro, e depois começa a falar obscenidades para a namorada enquanto ela está sentada vendo a peça. Ela está ali somente como *espectadora*; por que teve que lidar com a boca suja de Hamlet?

Kane começou a falar, mas Reno interrompeu.

— Suja como uma sarjeta, a boca de Hamlet! Meu Deus Todo-Poderoso, é a namorada dele!

— Ofélia — resmungou Fell, soprando fumaça.

— Muito bem — chiou Reno. — Seu sigilo médico já era.

— O problema — insistiu Kane.

— Sim, o problema. O problema é este. Preste atenção! Considerando como Hamlet está agindo, ele está de fato louco?

— Sim — respondeu Kane.

— Não — disse Fell ao mesmo tempo.

Reno decretou:

— Vocês *dois* estão errados!

Kane e Fell se entreolharam com uma expressão impassível: Reno correu até a mesa de Kane e saltou sobre ela, sentando na

beirada. E deu uma aula para Kane e Fell.

— Deem uma olhada no que acontece: o pai dele morre; a namorada o *abandona* de súbito; depois aparece o fantasma do pai. Já estava ruim o bastante, e aí o fantasma diz que foi assassinado. E por quem? Pelo tio de Hamlet! Que acabou de se casar com a *mãe* de Hamlet! Ouçam, *só* isso já é um gancho enorme; Hamlet, ele gostava da mãe… *muito*! Sabem, esqueçam isso: não quero falar *imundícies*. Só estou dizendo é que esse pobre coitado está, no *mínimo*, muito atormentado. E quando você vê que ele é um rapaz sensível, voluntarioso, todas essas coisas são o suficiente para fazê-lo enlouquecer. Em especial quando se considera que tudo isso aconteceu em um clima muito frio.

— Então Hamlet enlouqueceu — concluiu Kane.

— Não enlouqueceu, não — corrigiu Reno com rosto radiante. — Ele está fingindo. Mas… *mas!* … se ele não fingisse estar louco, *teria* ficado louco!

O comportamento de Kane se tornou cada vez mais intenso e alerta. Seu olhar se manteve fixo em Reno.

— Sabe... Hamlet não é maluco — continuou o interno. — No entanto, ele está na beira do precipício. Um pequeno empurrão, sabe, um cutucão de leve, e o rapaz já era! Pinel! Doido de pedra! E Hamlet sabe disso! Não conscientemente; ele sabe *inconscientemente*, então seu subconsciente o obriga a fazer o que o mantém são, ou seja, agir como se estivesse louco! Porque agir como maluco é uma válvula de escape, uma forma de deixar o vapor sair, de se livrar da porra da judiação, de todas as culpas e os medos e…

Fell começou a interromper, e Reno o cortou com veemência, alertando:

— Olhe lá! Não fale imundícies.

— Eu nunca falo…

— Quieto! Eu conheço você: uma mente suja em uma clínica suja! Até seu fio dental é sujo!

Avidamente, Reno voltou-se novamente para Kane.

— Meu bebê, Hamlet *evita* enlouquecer *fingindo* estar louco, fazendo coisas ridículas e terríveis. E quanto mais louco é seu comportamento, mais *são* ele se torna!

— Sim! — sussurrou Kane. Havia um lampejo em seus olhos.

— Terríveis mesmo — continuou Reno. — Mas, enquanto isso, ele está em segurança, entendeu? Veja, se eu fizesse o que Hamlet fez na peça, seria internado, entendeu? Eu seria colocado em uma instituição psiquiátrica. Mas ele? O príncipe real boca-suja? *Ele* sai impune de qualquer coisa. E por quê? Porque *loucos não são responsáveis por suas ações*!

— Sim! — Kane estava agitado.

— *Hamlet* acha que está louco? — perguntou Fell.

— Qual é... nenhum louco acha que está — respondeu Reno com desdém. — Cristo, que *imbecil*.

Nem Kane nem Fell falaram nada. Reno continuou:

— Quem cala consente?

— *O homem que n*ão *vendeu sua alma* — murmurou Fell.

Reno balançou a cabeça com descaso.

Os olhos de Kane estavam febris.

— Eu acho — disse — que concordo com a sua teoria.

Triunfante, Reno se voltou para o cachorro.

— Viu! Está *vendo*, seu idiota, burro, estúpido? De agora em diante vamos fazer a cena do meu jeito! — E, virando para Kane, disse: — Deus abençoe suas artérias, coronel. — E saiu da sala, ralhando: — Vamos! Rip Torn, você não sabe de nada!

Kane sentou à sua mesa e olhou para o telefone. Depois de um silêncio, Fell se manifestou.

— Quero que você me escute — disse. — Groper estabeleceu algumas regras hoje, como, por exemplo, não poder visitar mais você depois das sete…

— Groper não devia ter feito isso! — interrompeu Kane.

— Fui *eu* que mandei.

— Você não tinha esse direito!

— Eu avisei: você está exigindo demais de si mesmo! — A voz de Fell estava intensa.

— Quero que as restrições sejam canceladas — disse Kane.

— Excelente! — Fell balançou a cabeça. — Aposto um dinheiro que a teoria do Hamlet é um estratagema inventado por Cutshaw para *fazer* você cancelar as restrições.

O rosto de Kane estava cheio de vida, animado.

— Algum comentário sobre isso, meu bebê? — perguntou Fell.

— Eu só queria — comentou Kane com fervor — ter certeza de que é isso!

— Oh, você pode ter certeza, sim. Dê uma olhada no armário de Cutshaw e vai encontrar um livro chamado *A loucura em Hamlet*. E sabe o que ele diz? A teoria que Reno acabou de explicar.

— Tem *certeza*?

— Tenho certeza.

— Então Cutshaw manipulou Reno a fazer isso!

— O que mais seria?

— Que bom! Se encaixa! — disse Kane.

— Como assim?

— A teoria do Hamlet está correta. É exatamente a condição da maioria desses homens! E Cutshaw mandar Reno para explicá-la é igual às pinturas ali no *hall*: os gritos disfarçados e apavorados de alguém pedindo nossa ajuda… e *nos dizendo como*!

— E esse alguém é Cutshaw?

— O subconsciente dele! — Kane pegou o telefone e apertou o botão do interfone. Então olhou para Fell: — Por acaso você saberia qual é o armário de Cutshaw?

— Não posso dizer. “Sigilo médico.”

— Quero falar com Fort Lewis — ordenou Kane pelo telefone. Parecia animado. — Escritório do intendente. Obrigado.

Kane desligou e esperou a conexão.

— O que você está fazendo? — quis saber Fell.

— Vamos precisar de suprimentos.

— Para quê?

— Vamos dar a esses homens uma “válvula de escape”, o máximo que pudermos. Vamos satisfazê-los de um jeito monumental.

— E como, precisamente, você propõe fazer isso? — perguntou Fell.

Kane explicou.

Fell parecia incomodado.

— Faça por escrito — recomendou ele. — Não acha melhor?

— É?

— Isso é um pouco inusitado para a maioria das pessoas, ainda mais se tratando da mentalidade militar — concluiu Fell. — Se eu fosse você, colocaria os argumentos no papel.

— Você acha?

— Dê aos imbecis algo para ver. Pedaços de papel para deixá-los mais seguros.

Kane parou para pensar. Em seguida, cancelou a ligação, e Cutshaw surgiu do nada, exclamando:

— Queremos interpretar *Fugindo do inferno*! — Ele bateu o punho na mesa de Kane. — Queremos pás, picaretas e britadeiras!

Fell concluiu que Cutshaw devia estar espionando no *hall*, do lado de fora da sala, enquanto Kane explicava sua nova abordagem. Ele pediu licença, voltou para seu quarto, telefonou novamente para o general do Pentágono e teve uma discussão. E perdeu. Naquela noite, o médico foi de avião para Washington e, bem cedo no dia seguinte, retomou a discussão pessoalmente. Desta vez, saiu vitorioso.

Quando voltou, Kane perguntou por onde ele andou.

— Um tio meu está com problemas — explicou Fell.

— Posso ajudar?

— Você está ajudando. Todo pensamento bom é a esperança do mundo.

OITO

O major Groper segurou o corrimão da balaustrada do segundo andar e olhou com incredulidade para o andaime onde Gomez estava, que rangia devagar a caminho do teto. Em sua empreitada para “pintar o teto como a Capela Sistina”, Gomez misturava uma de diversas latas de tinta. Ele se ergueu perto do ajudante.

— Que tempo — comentou Gomez.

Groper disse:

— *Meu Deus do céu!*

Ele olhou para baixo. Uma matilha de cachorros de várias raças latia e uivava do lado de fora da área de serviço que dava para o *hall* principal. Krebs segurava a coleira deles. Groper viu Kane emergir de sua sala e ir até o sargento. A porta da área de serviço se abriu, revelando Reno agitado. Olhando em volta, ele ordenou:

— Fora! Saiam! Vão dar uma volta! — Um grande *chow chow* saiu da área de serviço, e Reno gritou atrás dele acidamente: — Diga ao seu maldito agente para nunca mais desperdiçar meu tempo! — Reno viu Kane e se aproximou dele, indignado. — Você pode imaginar? Ele *ceceia*! Aqui estou eu escalando o elenco de *Júlio César*, e os idiotas me mandam um cachorro que *ceceia*! — disse. Então virou e gritou para a área de serviço: — Você também, Nammack! Desapareça!

Nammack apareceu, vestindo uma nova fantasia azul e vermelha de Super-Homem.

— Mas por quê? — perguntou. — Diga *por quê*! Dê-me uma razão que faça algum…

Reno interrompeu, exasperado.

— Coronel Kane, pode me fazer um favor? Por favor? Você pode fazer a gentileza de explicar para este imbecil aqui que em nenhuma

peça de Shakespeare pode haver um papel para o Super-Homem?

— Poderia haver, como eu expliquei — disse Nammack, amuado.

— Como você *explicou*! — Incrédulo, Reno virou para Kane. — Sabe o que ele quer? Quer ouvir? Quando os conspiradores sacam suas facas, ele quer resgatar Júlio César! Pelo amor de Deus! Quer dar um rasante como um foguete, pegá-lo e depois transpor os templos em um único movimento inacreditável! Ele…

Tinta caiu aos bocados, e Reno olhou para cima e viu Gomez.

— Louco maldito — murmurou ele. — *Maluco!* — disse para o sargento. — Próximo! — Krebs soltou a correia de um afghan hound ansioso. Reno o escoltou para dentro da sala. — Você trouxe alguma fotografia? — perguntou ao fechar a porta.

Price surgiu diante deles. Estava usando um traje espacial da NASA, com um cinto de simulação de voo nas costas. E falou por um sistema de alto-falante portátil acoplado ao traje.

— Alguma notícia da Terra? — perguntou a Kane em uma voz que ressoava eletronicamente. Em seguida, diminuiu o volume. — Desculpe. Alguma carta?

— Seu planeta solicitou seu retorno — respondeu Kane.

— Foda-se. Algum pacote? Quando eu estava em Marte, minha mãe mandava um *cheesecake* todo mês. Ela costumava usar embalagem de pipoca para manter a umidade. Toda essa merda sobre canais em Marte é um mito. Vá por mim, Marte é mais seco do que um cu no inferno.

Lá fora, soou uma sirene de ambulância; Fromme a estava dirigindo pela propriedade, testando o equipamento. Estava usando seu próprio estetoscópio, um traje de cirurgião e trazia uma maleta médica.

— Sim, Marte é seco — concordou Kane.

— Temos belos fungos lá. Úmidos. Eu gosto de coisas úmidas.

— Vou verificar se o *cheesecake* chegou — disse Kane.

— Cérebro gigante, você é legal — disse Price. — Eu apertaria sua mão, mas não sei lidar com os tentáculos. Meu Deus, não posso nem comer lula. Oh, desculpe. Sinto muito. Não quis ofender.

— Não me ofendi.

— Nunca se sabe o que vai irritar as pessoas em diferentes planetas. Certa vez, em Urano, eu disse “tomate” e fui parar na

cadeia tão rápido que minha cabeça girava. O embaixador da Terra precisou me ajudar a fugir. As pessoas são sensíveis. Vocês, cérebros, usam roupas? Deixe para lá. Não responda. Não quero saber. Tabu. Isso é um perfume lá na Terra. Sabia disso? Vou dizer: este lugar é bom.

Groper observou e ouviu estupefato. Do lado de fora da propriedade, ele ouviu Fromme buzinando para Fairbanks, que estava vestido como Steve McQueen em *Fugindo do inferno* e estava andando de moto. Ele viu Kane andar lentamente até a porta do porão. Quando a abriu, o estardalhaço de uma britadeira se moveu pelo ar vindo de baixo, onde Cutshaw e a maior parte dos internos começaram de cavar um túnel.

No porão, Cutshaw gritou:

— Parem essa coisa por um minuto!

— Tudo bem.

Um interno desligou a britadeira.

Um silêncio forte e aveludado envolveu o grupo.

— Então, percebam — disse Cutshaw, que estava passando um sermão em alguns homens que estavam reunidos diante dele. Com uma varinha de madeira, ele bateu em um projeto preso a um cavalete. — O Túnel Um e o Túnel Dois são armadilhas. O Três é grande. O Três é de segurança máxima.

— Aonde ele dá, Grande X? — perguntou um interno ruivo chamado Caponegro.

O astronauta estava radiante.

— Meu filho, não vai a lugar nenhum. Curiosamente, esses túneis estão estritamente proibidos para Reno. Se o virem aqui, vão atrás dele imediatamente. Já vai haver deslizamentos suficientes sem a porra daqueles cachorros aqui embaixo. Vamos garantir que… — Cutshaw parou de falar quando notou Kane olhando para baixo pela porta no topo da escada. — Caribu divino, você é nosso! — gritou alegremente. — Apenas nosso e de mais ninguém!

Os homens começaram a gritar e a aplaudir. Groper não conseguiu mais ouvir.

— Jesus! — chiou. — Jesus Cristo! — E olhou para as próprias mãos. Estavam apertando o corrimão, e suas articulações estavam brancas.

Groper foi procurar o coronel Fell. Quando o encontrou na clínica, estava tremendo. Fell estava em sua mesa, conversando em voz baixa com Krebs, que estava sentado na beira da mesa de exames.

— Que diabos está *acontecendo*? — gritou o auxiliar, com a voz quase no limite. — Isso é *loucura*! Pelo amor de Deus, Fell, o que está acontecendo? Você sabia que eles estão cavando túneis no porão? Os filhos da puta estão *cavando* lá embaixo! Eles têm uma britadeira!

— Ah, bem, até onde podem chegar? — indagou Fell, que tinha uma bebida na mão.

— A questão não é essa! — gritou Groper.

— Qual é?

— Essa coisa toda é *loucura*!

Groper começara o serviço como voluntário prestes a completar 18 anos. Para um homem de origem humilde, o serviço militar significava uma fuga das constantes humilhações da pobreza. Ele havia lido e relido *Beau Geste* e, na Marinha, ansiou por uma vida em busca da "imensidão azul", uma postura baseada na honra e na coragem e em ideais românticos. Os eventos bizarros da mansão e seu papel parcial de zelador foram o golpe definitivo no que quer que ele valorizasse em si mesmo.

— Alguém precisa fazer Kane parar! Pelo amor de Deus, ele não sabe que diabos está fazendo! Ele não sabe *merda nenhuma* sobre o serviço militar! Fui ver os arquivos: ele é um maldito civil, recebeu uma porcaria de uma patente direta seis meses atrás! Que diabos ele está fazendo no comando? Que raios ele está fazendo?

— Ele tem uma ideia de que, se realizar todas as fantasias desses homens, vai provocar uma catarse acelerada neles. Em outras palavras, eles vão se curar.

— Mas isso é ridículo!

— Você tem uma ideia melhor?

— Mas esses homens não estão doentes; estão todos fingindo!

— Ah, vá se foder, Groper.

As narinas cheias de veias de Groper se abriram. Ele lançou um olhar feio para o copo na mão de Fell.

— Você está bêbado — recriminou.

O sargento Christian entrou na sala. Estava trazendo uma pilha de caixas de papelão cheias de roupas. Colocou uma delas na mesa de exames.

— Seu uniforme, senhor — informou a Fell. — Acabaram de chegar. — Em seguida, olhou para Groper. — Coloquei o do senhor em seu escritório. Sobre a mesa.

— *Que* uniforme?

Ninguém respondeu.

Mais tarde, naquela noite, Groper irrompeu no escritório de Kane, que estava em sua mesa, olhando para a chuva. Kane não se virou quando o homem entrou.

Groper estava sem fôlego.

— Senhor, por que preciso usar isto? — exigiu saber.

Kane se virou devagar e olhou para o auxiliar. Groper usava um uniforme da Gestapo alemã dos tempos da Segunda Guerra Mundial. Assim como Kane.

— O quê? — perguntou o coronel. Seu olhar estava entorpecido e distante, e ele se encolheu como se estivesse com dor. Uma mão trêmula lentamente foi para sua testa. Ele parecia deslocado, incapaz de entender. — O que você disse? — repetiu.

— Eu disse: por que preciso usar isto?

Kane moveu a cabeça devagar, como se estivesse clareando a visão embaçada.

— Isso se chama psicodrama, major. É uma ferramenta terapêutica mais ou menos aceita. Os internos estão interpretando o papel de prisioneiros de guerra dos aliados tentando cavar um túnel para se libertar. — Kane pareceu estar apertando os olhos. — Somos seus capturadores.

— Somos os *prisioneiros* deles! — gritou Groper furioso. Seu conhecimento recém-adquirido de que Kane não tinha formação militar, o que, portanto, o tornava um civil a seus olhos, havia libertado o auxiliar de seu antigo medo inexplicável. — Nada além de paspalhos covardes fazendo a festa lá fora! — disparou. — Quero dizer... Jesus! Por que eu preciso ajudar a diversão deles? Não sou *psiquiatra*! Sou um *fuzileiro*! Por Deus... é uma imposição injusta, e acho que tenho o direito de…

Groper parou de falar e deu um passo para trás. Fervendo de raiva, trêmulo, Kane se levantou e o interrompeu com uma voz sussurrada, rouca e gélida que ganhava mais fúria a cada palavra:

— Jesus! Jesus *Cristo*, homem! Por que você não ama alguém um pouco? Por que não *ajuda* alguém, para variar? Ajude-os! Ajude! Pelo amor de Deus! Seu cretino, torturador de lagartas, coberto em sangue verde, você vai usar esse uniforme, tomar banho com ele, dormir com ele. Tente tirá-lo, e você vai *morrer* com ele! *Está claro?* — Kane se inclinou sobre a mesa, apoiando seu peso em dedos trêmulos.

Os olhos de Groper estavam arregalados. Ele recuou devagar até a porta. — Sim, senhor. — Ele estava em choque.

Atrás dele, a porta se abriu e o jogou no chão. Cutshaw entrou discretamente, olhou para Groper, arrancou a bandeira americana e colocou um pé no pescoço do major, anunciando:

— Eu reivindico este pântano para a Polônia!

— Groper, saia daqui! — ordenou Kane, trêmulo.

— Imediatamente — acrescentou Cutshaw, enquanto o auxiliar afastava a bandeira e rapidamente tentava se levantar. — E mantenha esse uniforme limpo. Vou indicar você para o Melhores do Show — continuou.

Groper desviou os olhos e saiu. Cutshaw ficou olhando por um momento, depois se voltou para Kane.

— E então? O que está acontecendo?

Kane estava na mesa de novo. Tinha a cabeça entre as mãos.

— Nada — respondeu. E olhou para Cutshaw. A compaixão invadiu seus olhos. — O que foi? — perguntou com gentileza. — O que posso fazer por você?

— Bem, para começar, major Strasser, meus homens precisam de instalações sanitárias adequadas a cada 15 metros do túnel. Pode providenciar isso?

— Posso — disse Kane.

Cutshaw olhou rapidamente para a parede que havia tentado escalar.

— Por acaso, você já consertou a maldita parede?

— Não.

— Mas vai *consertar*.

— Vou.

— Quem é você?

O rosto de Kane estava na sombra. Ele não respondeu.

— Quem é você? — repetiu Cutshaw. — Você é humano demais para ser humano. — A expressão em seu rosto se tornou suspeita. Ele foi até a mesa. — Eu gostaria de um pirulito — anunciou, emburrado.

— O quê?

— Um pirulito, um doce num palito. Pode me dar um?

— Por quê?

— Certo, então você não é Pat O'Brien. Pat O'Brien teria me dado um pirulito sem fazer um interrogatório ou checar minhas malditas credenciais. Quem diabos é você? Todo esse suspense é um pé no saco. Talvez você seja P.T. Barnum — arriscou. — P.T. Barnum massacrava cordeiros. Ele montou uma jaula em sua performance de circo, sabe, e colocou uma pantera e um cordeiro juntos. E não aconteceu nada. Huddy, o público ficava louco! Diziam: "Veja, uma pantera e um cordeiro, e eles nem discutem! Nem *discutem*!" Mas, Hud, o que o público nunca soube é que nunca era o mesmo cordeirinho. E a maldita pantera comeu um cordeiro todo santo dia no intervalo por trezentos dias e então levou um tiro porque pediu molho de menta. Animais são inocentes. Por que devem sofrer?

— Por que os homens devem sofrer?

— Ah, qual é, isso é uma armadilha. Para a qual você já tem as respostas, como: a dor enobrece o homem e como um homem poderia ser mais do que um panda que fala e joga xadrez se não houvesse pelo menos a *possibilidade* de sofrimento? Mas e os animais, Hud? A dor enobrece os perus? Por que a criação toda é baseada em cão comendo cão, nos peixes pequenos sendo comidos pelos peixes grandes, animais gritando de dor; a criação toda, uma ferida aberta, um maldito abatedouro?

—Talvez as coisas não fossem assim no começo.

— É mesmo?

— Talvez "pecado original" seja apenas uma metáfora para uma terrível mutação genética em todos os seres vivos muito, muito tempo atrás. Talvez tenhamos causado essas mutações de alguma

forma: uma guerra nuclear que envolvesse o planeta inteiro, quem sabe? Eu não sei. Mas talvez seja o que queremos dizer com “Queda”; e o motivo pelo qual dizemos que bebês inocentes herdaram o pecado de Adão. Genética. Somos mutações; monstros, se preferir.

— Então por que o Pé simplesmente não nos *diz* isso? Por que, por Cristo, ele não pode apenas fazer uma aparição no alto do Empire State Building e nos pregar sua palavra? Então todos ficaríamos bem! Qual é a porra do problema dele? Faltam-lhe tabuletas de pedra? Meu tio Eddie é dono de uma pedreira; posso lhe conseguir por atacado.

— Você está pedindo milagres — observou Kane.

— Estou pedindo para que o Pé foda ou saia de cima! Deuses estranhos e excitados estão esperando na fila!

— Mas…

— Um ônibus cheio de órfãos caiu de um precipício hoje! Ouvi no noticiário.

— Talvez Deus não possa interferir em nossos problemas.

— Pois é, foi o que notei. — Cutshaw sentou no sofá.

— Talvez Deus não possa interferir porque fazê-lo estragaria o plano dele para algo no futuro — sugeriu Kane. Havia um cuidado na voz e nos olhos dele. — Alguma evolução do homem e do mundo — prosseguiu — que é tão inimaginavelmente linda que vale todas as lágrimas e toda a dor do sofrimento de cada ser que já viveu. E, talvez, quando chegarmos a esse momento, vamos olhar para trás e dizer: “Sim, sim, estou feliz que tenha sido assim.”

— Eu digo que isso é história da carochinha.

Kane se inclinou para frente.

— Você está convencido de que Deus está morto por causa do mal que há no mundo?

— Correto.

— Então por que você não acha que ele está *vivo* por causa de toda a *bondade* que há no mundo?

— Que bondade?

— Por toda parte! Está à nossa volta!

— Depois de um resposta tão entusiasmadamente iludida, sinto que devo encerrar esta discussão.

— Se não somos nada além de átomos, apenas estruturas moleculares que não são diferentes na essência desta mesa ou desta caneta, então como pode haver amor neste mundo? Estou falando de um amor como o amor de Deus. Como pode um homem dar a vida por outro?

— Nunca aconteceu — disse Cutshaw.

— Claro que aconteceu. Acontece o tempo todo.

Kane não estava argumentando sem paixão: ele estava envolvido no debate.

— Me dê um exemplo — exigiu Cutshaw.

— Mas é óbvio que é verdade.

— *Me dê um exemplo!* — Cutshaw estava de pé e havia marchado até a mesa, confrontando Kane.

— Um soldado se joga sobre uma granada sem pino para impedir que os outros homens de seu pelotão sejam atingidos.

— É um arco reflexo — disparou Cutshaw.

— Mas…

— Prove que não é!

Kane olhou para baixo e examinou seus pensamentos. Então olhou para Cutshaw e disse:

— Certo. Uma sobrevivente de naufrágio no meio do oceano descobre que está com meningite e deliberadamente se joga do bote salva-vidas, se afogando para impedir que os demais sejam contagiados pela doença. Agora, do que você chama isso? Arco reflexo?

— Não, eu chamo isso de suicídio.

— Suicídio e desistir da vida não são a mesma coisa.

— Você é tão burro que chega a ser adorável.

— A essência do suicídio é o desespero.

— A essência do suicídio — devolveu Cutshaw — é ninguém poder receber o seguro.

Kane começou a responder, mas o astronauta falou mais alto:

— Todos os exemplos que você está tentando me dar ou vai me dar podem ser explicados.

— Da mesma forma que você usou para explicar a mulher no bote salva-vidas?

— Ela podia ter filhos naquele bote, o que transforma sua ação em instinto materno. Talvez alguém a tenha empurrado.

— Não exatamente — disse Kane, com um movimento de cabeça.

— Como diabos *você sabe*? Você estava lá?

— Não, claro que não. É apenas um exemplo.

— Certo! É exatamente o que estou dizendo! É aonde quero chegar: Quem diabos pode dizer se todos os exemplos que estamos ouvindo são bobagem, ou se não têm alguma explicação ridícula e basicamente egoísta?

— *Eu* sei — declarou Kane com firmeza.

— Eu não sei! Agora me dê um, apenas um exemplo, que você conheça *pessoalmente*.

Kane ficou em silêncio; os olhos em Cutshaw, ardendo misteriosos.

— Apenas um! O sujeito da granada, talvez?

Kane olhou para a mesa.

O tom de Cutshaw se tornou desolado.

— Foi o que pensei — murmurou. Então subitamente ficou animado, maníaco. — Amanhã é domingo — anunciou. — Quero que você me leve para a missa.

— Mas seu Deus está morto — disse Kane.

— Isso mesmo. Mas tenho um interesse profundo e mordaz pelo estudo de cultos primitivos. Além do mais, amo adorar estátuas, contanto que não tenha que olhar para os pés delas. Você já viu alguma coisa mais indecorosa do que os pés de uma estátua do velho São José com pintura desbotada e o gesso vagabundo trincado nos dedos? É pura vulgaridade. Vou ficar quieto e me comportar, Hud, eu juro. Por favor! Vou só sentar e ter pensamentos devotos. Pode ser?

Kane estava em silêncio, pensando.

— Certo, frondes. Posso pensar em frondes? Ou então eu fico lá sentado quieto pensando em pianos! — Ele aproximou o rosto do de Kane. — Eu quero ir — disse com delicadeza. — Mesmo.

Kane concordou em levá-lo. Cutshaw deu passos largos pela sala, eufórico. Então saiu correndo pelo pátio, com os braços envolvendo o peito enquanto um vento frio corria e a esfera laranja

solar descia da linha das árvores para a escuridão. Groper estava parado na janela de seu escritório, observando-o. Ele viu Krebs e Christian irem para o pátio. Os dois sargentos usavam uniformes das tropas nazistas, cada um com um rifle no ombro e um pastor alemão a tiracolo. Montaram guarda a uma distância do perímetro externo do jardim e começaram a patrulhar. Quando Cutshaw os viu soltou um grito de entusiasmo. Groper balançou a cabeça. Iria checar o arquivo de Kane novamente. Ele se lembrou de um parágrafo que falava sobre seus métodos psiquiátricos. Uma palavra escapara. Seria “originais”? “Inconstantes”? Ele pediu para um auxiliar de escritório procurar o arquivo e colocar outro marcador no de Fell, que não apareceu. Ele folheou os papéis em sua mesa e notou que um novo interno iria chegar. Então chamou um atendente e lhe pediu para preparar uma cama.

Krebs e Christian patrulharam até as 11, quando as luzes se apagaram. Uma vez, mais cedo, eles se aproximaram um do outro vindo de cantos opostos do pátio, pararam brevemente no mesmo quadrante, e Krebs declarou:

— Aposto que meu cachorro selvagem consegue lamber *seu* cachorro selvagem.

Christian não ficou tentado a responder, e os sargentos continuaram caminhando sem serem vistos conversando pelo resto da noite.

Na manhã seguinte, pouco antes das sete, Kane estava sentado esperando seu carro oficial, depois de mandar Krebs buscar Cutshaw. Quando o astronauta finalmente apareceu, estava usando um uniforme cáqui limpo e engomado. Seu cabelo estava duro de vaselina e seu rosto bem barbeado, mas continuava usando tênis e seu paletó de faculdade surrado, e uma gola bebê exagerada, amarrada com um laço vermelho-vivo. No começo, Kane insistiu que ele tirasse a gola e os tênis, mas acabou cedendo quando Cutshaw argumentou:

— O Pé cagaria para o que eu visto.

Eles foram de carro até a igreja, uma construção modesta em forma de A na costa da cidade de Bly. Chegaram alguns minutos atrasados.

Quando saíram do carro oficial, de repente Cutshaw pareceu horrorizado e segurou a mão de Kane. E não soltou mais até depois de entrarem na igreja.

No vestíbulo, Kane parou para mergulhar a mão na fonte de água benta, e Cutshaw caminhou rapidamente na direção da parte da frente da igreja, andando com os pés para dentro e os ombros abertos. Quando chegou ao banco da frente, parou e chamou Kane com um sussurro alto;

— Hud, aqui! Vamos ver as estátuas!

Kane foi até o altar, ignorando os olhares curiosos dos fiéis. Ele genufletiu fora do banco, depois se levantou e se ajoelhou novamente ao lado do astronauta. Cutshaw estava de joelhos com o corpo rígido, olhando devotadamente para o padre, cujas mãos estavam levantadas, de costas para os fiéis.

— Aquele é Edgar Cayce? — perguntou, com uma voz que chegou até o altar.

O padre parou por um instante e olhou em volta, para depois retomar a missa.

Cutshaw ficou quieto até o sermão, que falava do bom pastor que estava disposto a “dar a vida por seu rebanho”. Sempre que o padre fazia algum comentário incisivo, Cutshaw aplaudia ou murmurava “Bravo!” O padre, um ex-missionário que havia passado boa parte da vida na China, supôs que Cutshaw estava bêbado e que certamente não seria um incômodo maior do que bebês berrando ou déspotas gritando. Quando o astronauta aplaudia, ele levantava um pouco a voz e fazia uma oferenda a Deus.

Quando chegou o momento do ofertório, Cutshaw pediu cinco centavos em voz alta. Kane lhe deu um dólar. Mas quando a cesta da coleta foi colocada nas mãos dele, Cutshaw a segurou com firmeza e enfiou o nariz nela, cheirando furiosamente. Em seguida, ele a dispensou. E guardou o dólar no bolso, amassando-o.

Kane virou para observá-lo quando se ajoelharam no momento da consagração. Cutshaw estava com as mãos unidas diante do corpo enquanto olhava para o altar, e sua cabeça pequena estava banhada pela luz do sol que entrava num feixe estreito pelo vitral. Parecia um desenho de coroinha saído de um cartão de Natal.

Cutshaw se comportou com decoro durante o restante da missa, com exceção de uma parte, quando se levantou e declarou:

— Bondade infinita é criar um ser que você sabe de antemão que vai reclamar.

Quando estavam caminhando para a saída, o astronauta mais uma vez segurou a mão de Kane. Do lado de fora, nos degraus, ele se virou e comentou:

— Curti.

Ficou em silêncio na viagem de volta até o carro para na porta da mansão. Então, disse em uma voz infantilizada:

— Obrigado.

— Por que você guardou o dólar? — perguntou Kane.

— Para pirulitos — respondeu Cutshaw e entrou na mansão. Para logo sair de novo. — Se você morrer primeiro, e se houver vida após a morte, você me manda um sinal? — pediu.

— Vou tentar.

— Você é sensacional.

Cutshaw agachou. Uma garoa começou a cair. Kane olhou na direção do trovão distante. Entrou no *hall* principal da mansão e encontrou Fell, que estava afivelando o cinto de seu *trench coat*.

— Cutshaw se comportou? — perguntou.

— Como sempre — respondeu Kane.

— Por que você o levou?

— Ele queria ir.

— Pergunta estúpida.

— Aonde você vai?

— Até a praia.

— Está frio e está chovendo — comentou Kane.

Fell o fitou de um jeito estranho.

— Estou indo lá para comer, não para nadar, meu velho. Tem um lugar com ótimos ovos Benedict. Que tal uma porção? Vamos lá.

— Não, acho que vou deitar um pouco. Estou cansado. — Fell lançou um olhar inquisidor. — Com licença — disse Kane. E passou por Fell na direção da escadaria.

— Claro, desculpe — respondeu Fell. — Eu esperava que você fosse e pagasse conta.

Kane, que parecia distraído, continuou caminhando. Fell balançou a cabeça. E mudou de ideia sobre sair. Foi para o refeitório em busca de café e não viu Krebs saindo do escritório de Kane. O sargento foi correndo atrás dele.

— Coronel? Coronel Kane, senhor?

Kane parou e deu meia-volta no alto da escada. Havia bolsas pesadas e escuras sob seus olhos. E dor. Esperou Krebs alcançá-lo.

— Coronel?

— O que foi?

— Bem... é o sujeito novo, senhor.

— O sujeito novo?

— O novo interno, coronel. Ele chegou mais ou menos meia hora atrás. Eu o coloquei no seu escritório. Achei que o senhor não fosse querer misturá-lo com os outros até… bem… até… lhe explicar as coisas. Ele parece… bem… bem normal, senhor. Apenas fadiga de combate, pelo jeito. É tudo o que sei.

— Chego lá em um minuto.

— Muito bem, senhor.

Krebs voltou pela escada.

Kane entrou no quarto. Trancou a porta e foi até o banheiro, onde pegou o vidro de Aspirina do espelho e balançou o conteúdo até alcançar os cem miligramas de Demerol que havia furtado do armário de remédios. Tomou três; nada menos do que isso aliviaria a dor.

Desceu para o escritório. Quando abriu a porta, Cutshaw se aproximou.

— Você pode, por favor, falar com Reno? — reclamou o astronauta. — Ele pode tirar os malditos cachorros dos túneis? Já tem deslizamentos suficientes lá embaixo.

— Sim, eu falo com ele — disse Kane. Sua voz parecia calma.

— Quero falar sobre a ressurreição de Cristo — anunciou Cutshaw. — Você acha que foi corpórea?

— Podemos falar sobre isso depois — disse Kane.

— Não, *agora*! — Cutshaw escancarou a porta.

O recém-chegado, um tenente fuzileiro chamado Gilman, estava sentado no sofá, com uma bolsa de lona úmida de chuva a seus

pés. Havia uma cicatriz em forma de Z em seu cenho, bem acima do olho direito. Olhou para Kane, assustado.

— Eu não acredito — pronunciou o tenente. — “Matador” Kane!

NOVE

No outono de 1967 ele estava no Vietnã no comando de um campo de Forças Especiais, ao sul de uma zona desmilitarizada e perigosa. Certa vez, ao final de uma missão especialmente arriscada, um segundo tenente o encontrou parado ao lado de uma árvore em um ponto de encontro. Estava olhando distraidamente para o anoitecer.

— Coronel Kane! — sussurrou o tenente. — Sou eu… Gilman!

A cabeça de Kane estava baixa. Ele não respondeu.

Gilman apertou os olhos na penumbra, se aproximou e notou o sangue fresco manchando a camuflagem de graxa que cobria o rosto de Kane. Ele acompanhou o olhar do coronel até o chão da mata e viu o corpo frágil e sangrando do vietcongue que vestia um pijama preto. Estava sem cabeça.

— Você tem um Charlie — disse Gilman, num tom impassível.

— É só um garoto. — A voz de Kane estava distante. Ele levantou os olhos para Gilman sem olhar. — Ele falou comigo, Gilman.

Gilman o encarou com desconforto. Kane estava com o corpo levemente afastado dele.

— Tudo bem, senhor?

— Eu cortei a cabeça dele, e o garoto continuou falando, Gilman. Ele falou comigo depois que o matei.

Gilman estava alarmado.

— Venha, senhor. Vamos embora — pediu. — Está ficando claro.

— Ele me disse que eu o amava — disse Kane sem entonação na voz.

— Jesus, esqueça isso, coronel! — O rosto de Gilman estava perto do de Kane. Ele apertou o braço do coronel com dedos pesados.

— Ele era só um garoto — continuou Kane. Então Gilman olhou horrorizado quando Kane levantou as mãos. Nelas ele embalava a cabeça cortada do que parecia ser um garoto de 14 anos. — Viu?

Gilman suprimiu um grito. E derrubou a cabeça das mãos do coronel com selvageria. Ela rolou pelo declive até finalmente bater contra uma árvore.

— Oh, meu Deus — gemeu Gilman.

Depois de um tempo, ele conseguiu fazer Kane voltar para a base. Mas quando foi colocado na cama, ele ainda estava em um estado parecido com um transe. Um auxiliar médico registrou o incidente, notando que Kane requereria mais observação.

Na manhã seguinte Kane se comportou de maneira normal e continuou suas tarefas. Ele parecia não se recordar da cabeça. E, nos dias seguintes, se perguntaria por que o tenente Gilman sempre o encarava com uma expressão estranha quando o via. Kane fez questão de que Gilman nunca mais o acompanhasse em uma missão. Mas não sabia identificar a razão para isso. De alguma forma, parecia mais eficiente.

Cerca de duas semanas depois do incidente, Kane estava parado perto da janela do barracão cheio de sacos de areia de seu auxiliar. Estava olhando para a chuva torrencial que não dava trégua havia quatro dias. O auxiliar, um capitão de olhos escuros chamado Robinson, estava perto de uma máquina de telex que cuspia mensagens, dois centímetros e meio por vez. O barulho estava num compasso agourento com a chuva.

De repente, Kane teve um sobressalto e voltou a relaxar. Pensou ter ouvido uma voz vinda da selva: um único grito que soava como “Kane!”. Então viu o pássaro levantar voo da copa das árvores e se lembrou do grito de sua espécie.

Havia um tremor inexplicável em seus dedos, uma contração em seus ossos: eles foram seus companheiros desde que tinha chegado ao Vietnã; junto com a insônia. E, quando dormia, era assombrado por sonhos, pesadelos assustadores, sempre esquecidos. Ele tentava se lembrar, mas não conseguia. Havia até mesmo vezes em que dizia para si mesmo no sonho que daquela vez se lembraria. Mas nunca o fez. O único legado de cada manhã úmida era o suor e o zumbido dos mosquitos. No entanto, os sonhos

nunca o deixaram. Ainda percorriam sombriamente sua corrente sanguínea. Atrás dele, podia notar rastros vagos, sentir olhos ameaçadores fixos em alguma presa fácil dentro dele. Ele estava movido pela premonição de um desastre.

A máquina de telex batia seus dentes sem pausa.

— Você não pode desligar essa porra?! — disparou Kane.

— Ordens especiais chegando, senhor — explicou Robinson.

A máquina ficou em silêncio. Robinson arrancou a mensagem.

Quando olhou para frente, o coronel havia desaparecido, e a chuva entrava pela porta aberta. Robinson saiu com a mensagem e viu Kane andando em direção à mata; estava sem casaco, sem chapéu, instantaneamente encharcado pela tempestade violenta. Robinson balançou a cabeça.

— Coronel Kane, senhor! — chamou.

Ele parou de súbito e, em seguida, deu meia-volta. Suas mãos estavam em concha na frente de seu corpo, como uma criança recolhendo chuva; Kane olhava para elas.

O auxiliar agitou a mensagem.

— É para o senhor!

Kane voltou devagar para o barracão e ficou parado em silêncio encarando Robinson. Gotas d'água pingavam da barra de sua calça e de suas mangas, formando uma poça no chão.

O telex recebera uma série de ordens especiais designadas para Kane pelo estado de Washington. Robinson parecia pesaroso quando as entregou.

— Meu Deus, é óbvio que foi um engano, senhor. Algum computador meia-boca deve ter cometido um erro. — O auxiliar apontou para as palavras. — Está vendo? Seu número de série está errado, e sua especialidade ocupacional militar aparece como "psiquiatra". Deve haver outro coronel Kane.

— Sim — murmurou Kane. Ele meneou a cabeça. Em seguida pegou a mensagem de Robinson e olhou para o conteúdo. Seus olhos estavam vívidos de resistência. Finalmente, amassou o pedaço de papel com a mão e saiu pela chuva de novo, caminhando até desaparecer de vista. Robinson ficou olhando para a tempestade. Seu coração estava pesado. O comportamento recente de Kane fora irregular. E não passou despercebido.

* * *

A NOITE CAIU DE REPENTE. O auxiliar andava por seu alojamento, nervoso e fumando sem parar. Kane havia sumido fazia horas. O que fazer? Mandar uma patrulha? Gostaria de evitar isso se pudesse, evitar a necessidade de explicar que “o coronel Kane foi caminhar na chuva sem chapéu, sem casaco, mas achei que condizia com seu comportamento recente, que estava frequentemente errante”. Ele sentia vontade de proteger o coronel. Todo mundo tinha por Kane uma mistura de reverência, desgosto e medo, mas ele tratava Robinson com gentileza, às vezes até com carinho, e o deixava ter um vislumbre, de tempos em tempos, da sensibilidade presa dentro dele.

Robinson esmagou um cigarro, pegou seu cachimbo e mastigou a haste. Então viu Kane parado e ensopado na entrada. Estava sorrindo ligeiramente para o auxiliar.

— Se conseguíssemos limpar o sangue, você acha que poderíamos encontrar onde escondemos nossas almas? — perguntou. Antes que Robinson pudesse responder, Kane foi embora e atravessou o corredor até seu quarto. O auxiliar ficou ouvindo os passos e o barulho abafado da porta abrindo e fechando.

Na manhã seguinte, Kane disse para Robinson que, apesar das discrepâncias nas ordens, achava que estavam corretas a respeito do conteúdo. Ele iria para Washington.

Robinson sabia que teria de relatar isso.

* * *

— QUANDO ELE CHEGOU AOS ESTADOS UNIDOS, tinham identificado o erro. — Fell estava sentado na beira da mesa de exames da clínica. Havia sacado um cigarro do maço e, com as mãos trêmulas, riscou um fósforo. Inspirou a fumaça e a expirou. — A essa altura estava claro que ele pretendia seguir em frente.

Fell segurou o palito apagado e olhou para um anúncio na caixa de fósforos amassada, uma escola técnica prometendo emprego.

Em seguida, virou devagar para o rosto sombrio e chocado de cada um dos homens que tinha reunido na clínica: Groper, Krebs, Christian, os auxiliares médicos — e Gilman.

— Tinham ouvido muitas histórias sobre o colapso dele. Parecia estar à beira de um surto muito grave. Mas aceitar este cargo foi a gota d'água. Ele atingiu seu limite. — Fell balançou a cabeça, em seguida continuou. — Mas como dar essa notícia a um homem com um histórico desses?

Groper olhou para baixo, para a série de ordens em sua mão. Balançou sua cabeça leonina, impressionado. Então, empurrou as ordens na direção de Fell. — Essas suas ordens — disse a ele — são reais?

Fell assentiu.

— Pode acreditar — respondeu com firmeza. Depois pegou um cigarro. — Esta não é a área de Kane. — As palavras saíram com gentileza, junto com a fumaça. — Na Segunda Guerra Mundial ele era um piloto de caça. Então, uma vez, teve de saltar de paraquedas atrás das linhas inimigas e teve de lutar para voltar. Nessa ocasião ele matou seis. Aconteceu de novo. E ele matou mais cinco. Então o quartel general viu que o homem tinha talento. Ele foi transformado em especialista. Ele era deixado atrás das linhas em missões secretas e tinha de voltar da melhor maneira que pudesse. Sempre voltava. E matava muitos inimigos. Muitos. Com uma faca. Com as mãos. Na maioria das vezes com um arame. E isso o devastou. Ele era bom. Um bom homem. Colocávamos aquele arame nas mãos dele e dizíamos: "Vá pegá-los, rapaz! Vá pegá-los por Deus e pelo país! É seu dever!" Mas parte dele não acreditava, a parte boa. Essa foi a parte que puxou a tomada. Então um computador cometeu um erro e deu ao pobre coitado uma meia saída: uma maneira de buscar ajuda sem enfrentar sua doença; uma forma de se esconder, de se esconder de si mesmo; e uma forma de lavar o sangue: uma forma de pagar sua penitência pelas mortes… curar. Sabe... no começo era só fingimento — continuou Fell. — Mas em algum momento na viagem de volta do Vietnã se tornou algo maior, muito maior. Seu ódio pelo Kane que matava se transformou em negação; e com o tempo a negação se tornou tão avassaladora que apagou totalmente a identidade de Kane: ele

suprimiu o Kane que matava e se tornou sua parte boa… completamente. Exceto quando ele sonhava. Em seu estado consciente, era Kane, o psiquiatra. E qualquer coisa que contrariasse essa crença era negada e incorporada ao seu sistema ilusório.

Fell olhou para as cinzas presas ao cigarro; estavam longas. Curvou a mão embaixo delas e bateu.

— Oh, meu Deus, ele tinha tudo — comentou, balançando a cabeça. — Estados de fuga, complexo de salvador, as enxaquecas. Todos vocês devem ter visto alguma coisa… a dor. Foi isso que o viciou nas drogas.

Krebs olhou para o chão como se estivesse constrangido.

— Krebs sabia — disse Fell.

Krebs assentiu, ainda de cabeça baixa, enquanto os outros se voltavam para ele.

— De qualquer modo, falei com eles para fazerem vista grossa — retomou Fell o relato. — Foi um experimento. Em parte; era parte do experimento. Então o deixaram continuar. Kane estava dentro do problema, olhando de fora… um interno agindo como psiquiatra e enfrentando o problema como nada já visto por nós antes. Esperamos que ele talvez tivesse algum *insight* novo. Estranhamente, acho que ele o fez. Acho que os outros internos estavam reagindo a ele. Mas hoje Kane teve um retrocesso. Um retrocesso bem ruim. Ruim de verdade. Sabe... sua grande esperança de curar a si mesmo era purgar sua culpa com um ato de heroísmo, curando os outros homens ou, pelo menos, ver uma melhora. Mas isso leva tempo… tempo e a ajuda de vocês.

Fell gesticulou para Groper.

— Você viu minhas ordens. Estou no comando. Mas quero que o coronel Kane continue sua atuação.

Depois, se voltou para Gilman:

— Gilman, quero que você tente convencer os outros internos de que se enganou. Não deve ser muito difícil fazer isso por aqui. Você pode fazer isso, Gilman, por favor? Pode fazer isso? — Havia um tom de súplica em sua voz.

— Ah, sim, claro — respondeu Gilman sem hesitar. — Claro. Sem dúvida.

— Obrigado. — Fell virou-se para o auxiliar. — Groper, você e o resto da equipe vão corroborar Gilman. Eu também.

Groper tirou os olhos das ordens, confuso.

— Coronel, vamos ver se eu entendi. Você esteve no comando aqui o tempo todo?

Fell assentiu. — Isso mesmo — respondeu. — Ele é Vincent Kane. Eu sou Hudson Kane. Eu sou o psiquiatra. Vincent é meu paciente. — Os olhos de Fell estavam marejados, e sua voz começando a oscilar. — Quando éramos crianças, eu sempre o fazia rir. Eu era um palhaço. E estou tentando ajudá-lo… a lembrar de mim. Mas ele não consegue.

E, não conseguindo mais conter as lágrimas, ele disse:

— Ele é meu irmão.

DEZ

Kane acordou em seu quarto. Estava deitado na cama, totalmente vestido. Sentou-se com a constatação de que alguma coisa estava errada. Viu seu irmão inclinado para frente em uma cadeira perto da cama, com uma estranha expressão de preocupação em seu rosto.

— Como você está se sentindo?

Vincent o encarou sem entender.

— O quê? O que está acontecendo? — perguntou. — O que aconteceu?

— Você desmaiou. Não lembra?

Vincent parecia perturbado. E balançou a cabeça.

— Do *que* você se lembra?

— De nada. Eu estava caminhando para o meu quarto e agora estou aqui. — Parecia confuso. — Eu desmaiei?

Hudson o encarou fixamente. — Você se lembra do novo interno?

— Novo interno?

— Não lembra.

— De que diabos você está falando? O que está acontecendo? — Ele parecia bravo.

O vidro da janela se quebrou, e uma pedra voou para dentro do quarto. Acertou uma parede, caiu em um criado-mudo e quicou para o chão. Furioso e histérico, Cutshaw gritou do pátio da mansão:

— Me fale tudo sobre Deus, seu canalha assassino! Me fale de novo sobre a bondade no mundo! Desça aqui com seu arame! Venha aqui!

O psiquiatra olhou ansiosamente para seu irmão. E viu a consternação em seu rosto.

— Krebs... imbecil maldito — murmurou. — Ele deixou um pacote da mãe de Cutshaw passar sem se dar ao trabalho de abrir. Eu *sabia* que era bebida.

— Desça aqui! — gritou Cutshaw. — Venha aqui com seu arame! — Então vieram prantos e um grito angustiante: — *Eu precisava de você!*

Vincent Kane observava anestesiado. O sangue estava começando a se esvair de seu rosto. Seu irmão se levantou e foi rapidamente até a janela. Ele viu Cutshaw fugindo. Fez um cone com as mãos e gritou:

— Fale para sua mãe mandar alguma mistura!

Então voltou para a cama e sentou ao lado de Vincent. Enquanto checava o pulso do irmão, comentou:

— Esse mijo de pantera da Califórnia vai matar você. Ouvi dizer que fez nascer pelo em um marisco uma vez. Juro.

Seu irmão o estava encarando, sem piscar.

— Ele estava bravo — disse Vincent. — Isso é muito estranho.

Lá fora, os dois ouviram o barulho de um motor de motocicleta. Alguém gritou:

— Cutshaw!

Groper. A motocicleta se afastou.

Vincent Kane se levantou da cama e foi até a janela a tempo de ver a moto atravessar a barreira de madeira no portão da guarda. Seu irmão parou atrás dele.

— Ele colidiu com o portão da guarda — disse Vincent, alarmado e confuso.

— Só mais uma parte do espetáculo da vida.

— Por que ele faria isso?

— É sábado à noite.

Vincent Kane parecia profundamente perturbado. Encostou o dedo na extremidade de um pedaço de vidro quebrado na janela. Seu irmão ficou olhando com olhos trágicos e murmurou com gentileza:

— Nada. Nenhuma lembrança. Nenhuma risada.

Vincent virou com olhar questionador.

— O quê?

— Descanse um pouco. — O psiquiatra foi na direção da porta. — Vou mandar uns dois ajudantes buscá-lo.

— Mas eles não vão saber onde encontrá-lo.

— Ele não vai muito longe. — Então abriu a porta e emendou: — Não se preocupe.

O psiquiatra foi para o *hall*. E decidiu que era melhor procurar Cutshaw pessoalmente. Levaria Gilman junto para ver se o astronauta aceitava a mudança na história do recém-chegado. Se não aceitasse, o psiquiatra decidiu, precisaria correr o risco de confiar nele. E desceu a escada correndo.

Vincent Kane sentou-se na cama e olhou para o vidro quebrado da janela. Sua cabeça latejava. Alguma coisa estava estranha. Alguma coisa estava errada. O que estava errado? Ele tivera lapsos de sonambulismo antes. Não era o caso. Então o que era? Cutshaw. Cutshaw. Sua respiração se tornou mais curta e acelerada. Sentiu um peso em seu estômago, uma sensação difusa de culpa. Ele se levantou.

Precisava ir procurar Cutshaw pessoalmente.

ONZE

Cutshaw irrompera pela cidade de Bly e chegara a uma velha taverna de beira de estrada, a uns dez quilômetros. E lá parou. Ensopado, entrou e ocupou uma mesa apertada nos fundos. Em menos de meia hora estava bêbado. A seu redor, gargalhadas se misturavam com o hard rock que tocava em uma *jukebox*. Uma gangue de motociclistas tinha o controle da taverna, que a enchiam de gritos e murmuravam obscenidades, usavam jaquetas de couro pretas, com as palavras “A Gangue da Corrente” costuradas nas costas. Alguns estavam inclinados sobre o bar. Alguns dançavam, com cabelos desgrenhados e unhas sujas se movendo pela fumaça de cigarro na penumbra do salão coberto de painéis de madeira. Cutshaw não notou. Ele levou o copo aos lábios e engoliu o conteúdo, um dedo de uísque. Fez uma careta, tomou um gole de cerveja e olhou sem expressão para as cinco doses alinhadas na mesa de madeira rústica à sua frente. Ele levantou os olhos quando a garçonete, que era jovem, passou.

— Ei, espere! — Cutshaw estendeu o braço e pegou a mão dela; tateou uma aliança de casamento simples. — Que tal outro uísque? — perguntou, com a fala enrolada.

A garota sorriu, e seu rosto ganhou um novo brilho.

— Tem cinco bem aí diante do senhor — disse, com bom humor.

Soltando a mão, ela foi na direção do bar. Cutshaw olhou para a mesa, desconsolado.

— Eu queria *seis* — murmurou com desânimo.

Dois motoqueiros inclinados sobre o bar estavam lançando olhares intensos para o astronauta. Um virou sua cerveja e o encarou. Seu rosto estava coberto com uma barba por fazer e óculos de armação grande e lentes amarelas.

— É ele, Rob — disse ele. — Eu *sei* que é ele.

— Você está louco — respondeu o outro com a fala arrastada. Ele usava um colete de couro aberto sobre uma camiseta de manga curta que revelava seus enormes braços musculosos. Tinha uma beleza degenerada e cabelo louro e espesso, ondulado com pomada. A arrogância afetava seus olhos. Estampadas em sua camiseta estavam as palavras “Eu Amo Foder”. Era o líder da gangue. — Você está vendo coisas, Jerry.

— Vai tomar no cu. Eu vi a foto dele nos jornais.

— Desde quando você lê jornal?

— Tá legal! Na TV!

A garçonete veio atender o balcão.

— Duas cervejas, dois *bourbons* com gelo — pediu a ela.

A garota olhou para os motoqueiros com nervosismo. A gangue não era local, e ela sentiu uma incômodo na presença deles.

— Olhe para ele! — disse Jerry. — Veja o rosto! É ele! O astronauta! O que ficou louco!

A garçonete virou a cabeça para olhar para Cutshaw.

— O que ele está fazendo em uma espelunca como esta? — indagou Rob.

— Como vou saber, porra? — respondeu Jerry. — Mas é ele. Eu juro! Tenho certeza!

— Ah, é? Aposta quanto?

— Uma cerveja.

— E um boquete da sua velha ou da minha.

Rob estava sorrindo.

Jerry esfregou o queixo enquanto olhava mais uma vez para Cutshaw. Então virou sua bebida e disse:

— Feito.

Os dois motoqueiros atravessaram a multidão até Cutshaw e pararam na mesa para olhar para ele. O astronauta estava levantando um copo de uísque quando os viu. Parou, observando um e depois o outro.

— Pois não?

— Qual é o seu nome, parceiro? — perguntou Rob.

— Rumpelstiltskin.

Rob arrancou o copo de uísque da mão de Cutshaw e olhou de canto de olho para Jerry.

— Engraçadinho — comentou.

Ignorando tudo, Cutshaw pegou outra dose.

De novo, o motoqueiro a arrancou dele, desta vez com força.

— Eu perguntei o seu nome. — Havia uma ameaça intensa em sua voz.

— Meu nome de solteiro ou de casado? — Cutshaw olhou para além dos dois motoqueiros e chamou: — Garçonete!

Jerry fez um movimento brusco, puxando uma dobra no cardigã de Cutshaw e revelando as iniciais “U.S.M.C.” bordadas acima do bolso no peito da farda. O motoqueiro apontou triunfante.

— Está vendo? U.S.M.C.: são os fuzileiros!

— Não, não, não, meu caro rapaz — respondeu Cutshaw, com a fala arrastada. — É União do Sexo para as Massas Compulsivas.

Rob jogou o conteúdo de um copo de uísque no rosto de Cutshaw.

— Foi alguma coisa que eu disse? — perguntou o astronauta com calma, lambendo a boca para sentir o gosto do uísque.

A garçonete apareceu.

— Pois não? — perguntou a Cutshaw.

O rosto dela estava franzido, confusa sobre sua identidade. Notando que o rosto dele estava molhado, ela lançou um olhar apreensivo para os motoqueiros.

— Um uísque e duas escarradeiras, meu bem — pediu Cutshaw. — Encha as escarradeiras com sangue de lagarta. É para os nossos amigos aqui. Talvez eles…

Jerry agarrou Cutshaw pela camisa de brim, puxou-o para frente e lhe deu um tapa feroz no rosto.

— Ei, parem com isso! — gritou a garçonete.

— Você quer dizer isto? — perguntou Rob, com um sorriso afetado, e rapidamente colocando a mão embaixo do vestido dela e apertando suas nádegas.

A garota virou o corpo com um grito e afastou o braço dele. O motoqueiro a agarrou pelo pulso e pressionou seu corpo contra o dela. Gemendo com um erotismo exagerado e falso, ele pressionou a garçonete contra a divisória entre as mesas.

— *Muito* melhor. — Ele sorriu. — Posição é tudo.

A garçonete fez uma careta de dor e repulsa e empurrou o peito dele.

— Oh, meu Deus, fique longe de mim!

Cutshaw ficou de pé.

— Pare com isso! — disse, se movendo para ajudá-la. Jerry o empurrou, fazendo-o sentar de novo e, com isso, sua cabeça bateu contra a parede. — Jesus Cristo — gemeu. Estava zonzo.

— Vamos lá, querida — disse Rob com malícia. Uma coroa prateada brilhou de um de seus dentes enquanto ele ondulava para frente e para trás com força.

— Eu estou grávida! Fique longe de mim! — gritou a garçonete. — Pare de me apertar. Pare! Por favor! Você está me machucando!

Jerry arrancou a corrente do pescoço de Cutshaw. Ele a examinou rapidamente e então chamou Rob:

— Ei, é ele! É ele mesmo! Eu peguei a placa de identidade dele, Rob! É *ele*!

Rob olhou para Jerry, surpreso! E pegou a placa de identificação. A garçonete escapou.

— Você está brincando! — grunhiu Rob, examinando o nome. Em seguida, olhou para Cutshaw. O astronauta estava segurando a cabeça. — Não acredito!

Rob deu alguns passos na direção do *jukebox*. E tirou o aparelho da tomada. No silêncio súbito ouviram-se grunhidos e reclamações.

— Ei, todo mundo quieto! *Quietos!* — Rob subiu em uma cadeira. — Ei, adivinhem o que temos aqui! Uma maldita celebridade, gente! Um astronauta covarde e maluco! As reações da multidão foram diversas. Rob apontou para a mesa onde Jerry prendia Cutshaw em seu assento.

— Aquele lá é o capitão Billy Cutshaw, gangue!

As pessoas estavam incrédulas, animadas. Alguns motoqueiros aplaudiram. Um gritou:

— Grande merda!

Rob desceu e voltou para a mesa, onde ele e Jerry fizeram o astronauta levantar.

— Pois é, eu sei — murmurou Cutshaw, com os olhos semicerrados. — Resistir é inútil. Meus amigos confessaram.

— Quer se juntar ao clube? — Rob sorriu.

— Vá se foder.

O sorriso de Rob se transformou em uma expressão de desprezo. Ele não conseguia identificar o que odiava no astronauta; era algo que sentia como uma dor quando respirava. O motoqueiro deu outro tapa violento em Cutshaw com as costas da mão, e a cabeça dele voltou para o lugar.

— Tudo bem — murmurou Cutshaw. — *Não* vá se foder.

Rob o agarrou pela parte da frente da farda e o arrastou até o meio do salão, onde a maioria dos motoqueiros se reuniu à sua volta. Um dos casais continuou dançando, mesmo não havendo mais música.

Rob estalou os dedos para Jerry.

— Cerveja!

— Uma cerveja saindo — respondeu Jerry, indo até o bar para pegá-la. — Cerveja — pediu ao *bartender*, um homem na casa dos sessenta, que era o proprietário da taverna.

Ele encheu o caneco e, ao colocá-la sobre o balcão, olhou de relance para o telefone da parede do lado de fora dos banheiros. Jerry acompanhou os olhos dele e balançou a cabeça para o dono do bar

— Nada disso — alertou. — Não foda com a festa. — Então pegou o caneco e o levou até Rob.

Os motoqueiros estavam reunidos em um círculo, murmurando, rindo, disparando perguntas para Cutshaw.

— O que foi? Você perdeu a coragem?

— Ei, te dão o que pra comer no hospício?

— Cadê seu enfermeiro?

— Você tem maconha?

Cutshaw estava parado timidamente, com a cabeça baixa. Ele não respondeu.

Rob pegou a cerveja com Jerry. Fez um movimento circular com o caneco e anunciou em voz alta:

— Primeiro nós batizamos o covarde filho da puta!

Uma tensão terrível, um desprezo gratuito disfarçado de brincadeira, tomou conta da multidão como um *sheepdog* malévolo, tocando-os, encostando o focinho neles, fazendo-os se agrupar.

— Agora quero ouvir uma contagem! — gritou Rob. — Vamos lá! Dez! — começou.

Os motoqueiros se juntaram a ele, gritando, com seus olhos brilhando enquanto contavam.

— Um!

E, então, Rob acrescentou:

— Zero! — disse, despejando lentamente o conteúdo do caneco sobre a cabeça de Cutshaw.

O motoqueiro sorriu.

— Tudo bem aí, seu bosta?

* * *

KANE INCLINOU A CABEÇA PARA FRENTE, apertando os olhos para enxergar através da chuva torrencial que castigava o para-brisa do carro oficial. Ele já havia ido em Bly. Em cada espaço público que via motocicleta estacionada, ele parava, entrava e procurava Cutshaw. Num dado momento, ele achou que havia passado por outro carro oficial, mas não teve certeza. Naquele momento, estava seguindo a estrada que levava para o norte, depois da cidade. Não foi uma decisão consciente pegá-la; a ação foi intuitiva, automática. Uma luz de neon brilhou acima dele. Kane saiu da estrada, parou o carro e abriu a janela. Era uma taverna. Viu motos estacionadas. Eram motos *chopper*, de guidão alto. Todas menos uma. Kane saiu do carro e entrou.

Os motoqueiros estavam reunidos em um círculo. Cantavam “Fly Me to the Moon” em um ritmo lento de valsa e, no compasso da música, estavam passando Cutshaw de um lado para o outro no círculo, empurrando-o, rindo. Cutshaw parecia uma boneca de pano, sem oferecer resistência, sem prestar atenção, sem se importar.

Kane parou na entrada da taverna. Encarou os motoqueiros. Então viu Cutshaw de relance, antes que o astronauta tropeçasse a caísse no chão, sumindo de seu campo de visão.

— Levante, lunático!

— Está procurando pedras?

Em meio às risadas, Kane entrou no círculo de lado e logo ajoelhou ao lado de Cutshaw, que estava prostrado. Então passou a mão pelas costas do astronauta e o ajudou a levantar.

— Ei, vejam *esse* merda — disse um motoqueiro.

— Acho que encontramos outra bola de praia — disse outra, uma garota com voz nasalada.

Cutshaw encarou Kane. Havia um hematoma arroxeado em seu rosto e manchas de sangue em seus lábios de um dente quebrado na parte da frente.

— Conheci sua família — comentou ironicamente.

O comentário não fez sentido para Kane, que colocou o astronauta de pé e começou a levá-lo na direção da porta. Mas Rob os interceptou, agarrando e apertando o braço de Cutshaw.

— Ei, é a minha bola de praia, cara — disse a Kane. — Largue.

— Deixe ele ir embora, por favor — pediu Kane com calma.

— Solta minha bola de praia.

— Mostre a ele, Rob!

— Chamem a polícia!

— A PM: é a Patrulha de Merda, cara. Ele é o líder! — Kane virou a cabeça e olhou para Cutshaw. O astronauta o estava encarando com um sorriso fino e amargo no rosto. — Eis a sua bondade humana — desafiou com ironia. Mas sua voz estava falhando. E então desviou os olhos.

O líder olhou para Cutshaw com uma surpresa fingida. — Você falou alguma coisa? Hein? Você falou? — Então olhou para Jerry. — Meu Deus, Jer, acho que esta bola de praia aqui acabou de falar! Juro por Deus! — E deu um tapa no rosto de Cutshaw. — Você fala?

— Este homem está doente — disse Kane. — Por favor, nos deixe ir.

Rob viu a súplica nos olhos dele, ouviu a docilidade, o tremor na voz de Kane.

Uma das garotas pediu:

— Deixe eles irem.

Rob olhou para ela, uma loira com penteado maria-chiquinha, e aproximou seu rosto cheio de desprezo do de Kane. Em seguida disse:

— Não peça “por favor”. Diga “Por favorzinho”. Quero ter certeza de que você está falando sério. Agora vamos lá, diga.

Kane, não compreendendo sua própria relutância, engoliu em seco com dificuldade.

— Por… favorzinho — disse finalmente, e começou a andar com Cutshaw. Mas Rob continuou segurando o braço do astronauta e o puxou de volta.

— Aposto que ele chupa pau — arriscou um motoqueiro com um começo de barba na dobra entre a boca e o queixo.

De repente, o líder se sentiu inspirado.

— Diga “Todo fuzileiro chupa pau” — instruiu a Kane, com animação.

Houve risos e gritos na multidão.

— Deixe eles irem — repetiu a garota de maria-chiquinha. Ela estava olhando para Kane.

O líder sorriu para ela com arrogância. Era sua namorada.

— Relaxe aí, amor — avisou. E voltou sua atenção para Kane. — Vamos lá, vamos lá, vamos acabar com isso. Diga, e vocês podem ir. Agora como vai ser? Você vai dizer? Que mal tem? Aí você podem ir embora. E fez uma expressão de sinceridade zombeteira.

O corpo de Kane começou a tremer de leve. Ele se virou para Cutshaw. O olhar do astronauta estava fixo no chão. Não havia expressão em seu rosto. Ele estava ouvindo. Kane virou e encarou Rob com os olhos arregalados e brilhantes. Sua boca se abriu de leve.

— Vamos, lá, vamos lá… você vai dizer?

Kane tentou mover a língua, formar palavras. Não conseguiu. Fez um esforço enorme.

— Todo… Todo fuzileiro… chupa… pau.

Um murmúrio surgiu da multidão.

A garota de maria-chiquinha se afastou do grupo.

— Agora só mais uma coisa — disse o líder. — Eu juro, só mais isso, e vocês podem ir. Meu Deus, essa é fácil. De verdade. Diga apenas que você é uma bola de praia. Simples. Vá em frente. “Sou uma bola de praia.”

Os olhos de Kane não se desgrudaram do motoqueiro líder. Estavam mais arregalados, mais brilhantes. Sua língua estava mais

pesada e mais seca quando pronunciou:

— Sou… uma bola de praia.

— Bem na hora! — gritou Rob. — Precisamos de uma nova!

Jerry colocou a perna atrás de Kane, e Rob empurrou seu peito. Kane se espatifou no chão. A gangue comemorou. A namorada de Rob ficou vendo do bar.

Kane levantou devagar, e a gangue começou a empurrá-lo pra frente e pra trás. Ele estava inerte, sem resistir. Continuou procurando Cutshaw com os olhos, mesmo depois que o astronauta desviou o olhar. Os gritos e as celebrações despertaram as dores de cabeça cortantes em seu crânio. Uma garota rechonchuda com uma verruga no queixo colocou o pé diante de Kane e o fez tropeçar. Ele caiu. O coronel ficou de joelhos e não se mexeu, os olhos fixos no chão, desorientado. O líder se aproximou com uma cerveja e despejou a maior parte do líquido sobre sua cabeça.

— Outro batismo, amigos. Glória ao Senhor.

— Glória ao Senhor! — celebraram. — Aleluia!

Jerry colocou a bota nas costas de Kane e o chutou para frente. O rosto de Kane bateu no chão. Rob se aproximou e despejou o resto da cerveja no piso diante dele. Seus lábios se abriram molhados e com uma expressão de desprezo.

— Porco maldito — disse. — Limpe essa bagunça.

Kane o encarou anestesiado. Jerry se aproximou e empurrou a cabeça dele até seu rosto quase tocar a poça espumante de cerveja no chão. Rob se apoiou em um joelho, ao lado de Kane.

— Agora é só lamber — ordenou. — Lamber tudo. — Os olhos de Rob estavam brilhando. Seu rosto estava radiante de animação.

— É só lamber, e eu deixo vocês irem. Desta vez eu falo sério.

Esquecido por um instante e confuso, Cutshaw cambaleou até o bar. Então deu meia-volta, com uma ansiedade repentina.

— Ei, parem com isso! — gritou. — O astronauta avançou, mas dois motoqueiros logo o imobilizaram.

— Comece a lamber!

Kane olhou para a cerveja. E tremeu quando uma escuridão tomou conta de sua corrente sanguínea, um segredo poderoso chamando seu nome, sussurrando, cada vez mais alto, afirmando, exigindo. Ela manteve a língua dentro de sua boca. Kane lutou. O

nome. Que nome? E a suprimiu, com repulsa e medo. Kane abriu a boca, e sua língua saiu aos poucos, para depois fazer movimentos súbitos. Ele lambeu a cerveja.

Um suspiro de surpresa emergiu da multidão.

— Meu Deus — suspirou a garota com a verruga. — Ele lambeu!

Rob sorriu com desdém, olhando para baixo. Kane usou as mãos e os joelhos para levantar, e Jerry o derrubou de novo com um chute de sua bota com pregos. Ele fez uma careta.

— Isso é por desgraçar a maldita farda!

Cutshaw lutou para se soltar.

— Seus canalhas! — gritou. — Seus filhos da puta!

Rob foi até lá acertou os dois lados do rosto do astronauta com uma mão furiosa.

— Abaixem ele — instruiu o motoqueiro os homens que o prendiam pelos braços.

Cutshaw foi forçado a deitar de costas no chão, os dois o seguraram, e Rob montou nele, com a virilha próxima do seu rosto. Abriu a braguilha e pôs o pênis para fora. Com dois dedos, ele o moveu, fazendo-o tocar os lábios do astronauta.

— Certo, agora me faça voar para a lua, agora, amigo — disse Rob, com malícia. — De um jeito ou de outro você vai decolar!

Ele sorriu para o grupo de motoqueiros, que murmuravam e riam. Alguns chegaram mais perto, com empolgação no rosto. Cutshaw fez uma careta e virou a cabeça para o lado.

— Se ele fizer isso vou ficar famoso — comemorou Rob.

Então tirou uma faca *switchblade* da bota, e clicou para exibir a reluzente lâmina retrátil, colocando a ponta no pescoço do astronauta.

— Vamos, vamos, ou, juro por Deus, vou cortar você! Estou falando sério!

Kane se levantou usando as mãos e os joelhos de novo e olhou para Cutshaw e Rob. De início, a cena não foi registrada, depois seus olhos se afastaram, dois infernos particulares. Ele olhou para Jerry, que estava sobre ele com outra caneca cheia.

— Acho que este imbecil precisa de outra cerveja — comentou Jerry com a fala arrastada. Despejou a cerveja na cabeça de Kane. E sorriu para a multidão. Mas não viu o lábio que se curvou, a fúria.

Kane levantou o braço e agarrou os dedos de Jerry que seguravam a caneca. Jerry olhou em volta e, com um tom infantilizado de zombaria, comentou:

— Ahhh, acho que ele quer mais.

De repente, sua boca se abriu rapidamente com um pequeno suspiro de horror. Ele tentou gritar, mas não conseguiu, enquanto a mão de Kane espremia a sua com uma força impensável. Os olhos do motoqueiro estavam arregalados. Então finalmente veio o grito quando o caneco quebrou, e seus dedos foram esmagados nos cacos de vidro. O grito se tornou uma expiração sem palavras, e ele caiu no chão inconsciente. O salão ficou paralisado.

— Jesus Cristo! — murmurou alguém.

Rob levantou, segurando o canivete ao lado do corpo, e encarou Kane, que estava agachado. Por um instante, ele ficou temeroso, indeciso. Então a ordem racional do universo se impôs: um defeito no caneco de cerveja, um acaso. Ele enfiou o canivete em uma coluna de madeira próxima, enfiou a mão no bolso, sacou e equipou-se com dois socos ingleses. Com as mãos na lateral do corpo, palma para cima, confiantes, sorridentes, prometendo castigar. Ele caminhou com empáfia até Kane. O punho do coronel voou sobre seu estômago com a força de uma máquina e, quando Rob dobrou o corpo, o joelho de Kane acertou e quebrou seu maxilar, fazendo barulho. A garota de maria-chiquinha soltou um grito aterrorizado e histérico. Então o caos se instalou. A garota com a verruga tirou o canivete da coluna de madeira, e um motoqueiro avançou sobre Kane com uma corrente de pneu. Kane desviou abaixando o corpo, agarrou o homem com a corrente e, em uma imobilização de jiu-jítsu, aplicou tração e quebrou o braço do homem com um aperto. Em seguida, virou quando a garota se aproximou com o canivete. Kane quebrou o pulso dela com um golpe poderoso e depois levantou os punhos fechados acima da cabeça; quando ela abaixou para segurar o pulso inerte, ele a golpeou com os punhos, fraturando o crânio da garota.

Os outros motoqueiros avançaram na direção de Kane.

DOZE

Groper estava andando de um lado para o outro. Hudson Kane olhava pela janela. Os dois estavam de olho no escritório do auxiliar desde que o psiquiatra tinha voltado de Bly sem encontrar Cutshaw. Era 01h23 da manhã. O telefone tocou. Kane atendeu e Groper parou de andar de repente e foi até a janela: os faróis de um carro brilhavam no portão da guarda.

— Alguém está chegando — anunciou Groper, e foi destrancar a porta de entrada da mansão. O psiquiatra o acompanhou com os olhos enquanto falava com o guarda por telefone. Seu rosto se tornou sombrio. Ele ouviu. Pareceu chocado.

Lá fora, o carro oficial parou na entrada da mansão. Cutshaw surgiu do lado do motorista, abriu a porta para Kane e anunciou com a voz tranquila:

— Estamos aqui, senhor.

Kane olhava para frente pelo para-brisa. E não se mexeu. Cutshaw colocou a cabeça para dentro do carro e, por um instante, olhou para o corte embaixo da maçã do rosto do coronel. Depois olhou nos olhos dele, que estavam fixos em uma dor infinita e distante.

— Estamos aqui, senhor — repetiu.

Kane virou a cabeça e olhou para Cutshaw, anestesiado, sem enxergar. Então desceu do carro devagar e rígido e caminhou até a mansão. Groper, que segurava a porta aberta, olhou para o uniforme de Kane. Estava rasgado e coberto de manchas.

— Estou vendo que você o encontrou, senhor — comentou o auxiliar no que esperava ser um tom normal.

Kane passou por Groper sem falar nada, sem notar seu irmão parado na porta da clínica. E subiu as escadas como um homem em

transe. O psiquiatra viu Cutshaw parado a seu lado, observando Kane subir os degraus e entrar em seu quarto, fechando a porta. O astronauta deu meia-volta e olhou nos olhos destruídos do psiquiatra.

— Está na hora de você entender algumas coisas — disse Hudson Kane. — Entre.

Ele fez um movimento com a cabeça indicando a clínica e deu um passo para trás para que Cutshaw entrasse. Entrou em seguida, fechou a porta e contou tudo.

Cutshaw ficou estático. Um peso recaiu sobre seu coração com a intensidade da perda de uma graça divina.

— Você pode ajudá-lo — disse o psiquiatra.

Cutshaw assentiu. Não havia nenhuma cor em seu rosto. Ele saiu da clínica, desceu a escada e bateu na porta do quarto de Kane. Não houve resposta. O astronauta bateu de novo. E pensou ter ouvido uma voz lá dentro. Algo indistinto. Ele girou a maçaneta e entrou. Kane estava sentado em uma cadeira perto de uma janela aberta, com um cobertor cáqui cobrindo seu peito. Estava olhando para o nada. Cutshaw fechou a porta discretamente. Kane não se moveu. Cutshaw chamou:

— Coronel?

Não houve resposta. O astronauta se aproximou.

— Coronel Kane, senhor?

— Eu gostaria de um chocolate quente agora — disse Kane. — Mais uma vez, ele ficou em silêncio por um tempo. Cutshaw esperou, perturbado. Então Kane continuou: — Estou com frio.

Cutshaw foi até a janela e a fechou. Havia um pedaço de papelão preso com fita adesiva sobre o vidro quebrado. Ele olhou para fora. A chuva tinha parado finalmente, e as estrelas brilhavam.

— Onde está Gilman? — ouviu Kane perguntar.

O astronauta se virou. Kane o olhava com uma expressão confusa no rosto. — Está lá embaixo, senhor.

— Ele está bem?

— Sim, senhor. Ele está bem.

Cutshaw ficou com os olhos marejados. E virou o rosto para a janela.

— Cutshaw.

— Sim, senhor.

— Por que você não quer ir para a lua?

— Porque tenho medo — respondeu Cutshaw, apenas.

— Medo?

— Isso mesmo, senhor. — O astronauta estava lutando para conter o tremor na voz. E olhou para o céu. — Está vendo as estrelas? Tão frias. Tão distantes. E tão, tão solitárias… tão solitárias. Todo esse espaço, apenas espaço vazio e tão… longe de casa. — Lágrimas escorriam por seu rosto. Ele continuou com a voz rouca. — Dei muitas voltas ao redor desta casa, uma órbita depois da outra. E, às vezes, eu me pergunto como seria nunca parar; somente dar voltas sozinho lá em cima… para sempre.

A luz das estrelas se refletiu contra a umidade dos olhos de Cutshaw enquanto palavras súbitas vinham de sua alma.

— Então, e se eu chegasse lá, chegasse até a lua, e não conseguisse voltar? Sei que todo mundo morre, mas tenho medo de morrer sozinho… tão longe de casa. E se Deus não estiver vivo, isso é estar sozinho *de verdade*.

Soou uma sirene policial. Cutshaw olhou pela janela e viu a luz vermelha na estrada. O carro parou no portão da guarda, como um farol afastando a esperança.

— Não… Não resta muito tempo — disse Kane. Sua voz soou ansiosa, difícil. — Tempo. Não há muito tempo. Mas vou mostrar… Deus… existe.

— Sim, tudo bem, senhor.

A viatura estava se aproximando da mansão.

— E os outros — disse Kane com olhos brilhantes. — Talvez ajude. Tentar curar… Tentar curá-los. Não sei. Não tem outro jeito agora. Tempo. Não há mais tempo. Precisava tentar… tentar… tratamento de choque.

Cutshaw não se mexeu. Então, devagar, virou-se para encontrar o olhar silencioso e penetrante. E perguntou:

— O que foi isso, senhor?

— Cansado. — Kane encostou a cabeça no braço da cadeira. — Cansado — repetiu. Então ele fechou os olhos e, em uma voz delicada e sonolenta, murmurou: — Um… exemplo. — E não disse mais nada. Cutshaw continuou encarando-o.

— O quê, senhor?

Kane se manteve em silêncio. O astronauta o observou por um tempo, depois foi até a cadeira. Kane parecia dormir.

Cutshaw notou um brilho em seu pescoço. Quando se inclinou para examinar mais de perto, conteve um soluço. Kane estava usando sua medalha.

O astronauta saiu correndo do quarto, com medo de acordar Kane com seu choro. Assim que ele saiu, uma faca deslizou de baixo das dobras do cobertor cáqui e caiu sobre um pedaço coberto de sangue embaixo da cadeira. Sangue vermelho escuro continuou pingando de um canto do cobertor.

Cutshaw andou até o patamar da escada. E olhou para baixo. Alguns internos haviam acordado. Saíram do dormitório e foram até o *hall*, onde estavam murmurando, reunidos, vestindo roupões e pijamas. Dois policiais rodoviários entraram e ficaram parados conversando com Groper. O auxiliar estava com uma expressão sombria e balançou a cabeça. Em seguida, com relutância, levou os dois até a clínica. Cutshaw ficou olhando a porta se fechar. Sentou-se onde estava. Alguma coisa estava errada. O que era? Havia algo. Olhou para a porta do quarto de Kane, com o cenho franzido. Quando se virou, olhou para os próprios pés e, por um instante, não conseguiu registrar a substância em seu sapato. Então estendeu o dedo e a tocou. De repente, ficou horrorizado: era sangue.

— Oh, meu Deus!

Levantou-se de um salto e voltou correndo para o quarto de Kane.

* * *

GROPER, CHRISTIAN, KREBS E HUDSON KANE estavam de pé, juntos na clínica, de frente para os guardas.

— Onde ele está? — perguntou o guarda mais alto.

— Não posso deixar vocês o levarem — disse Kane com cuidado. — Sinto muito.

— Vamos lá, coronel.

— Vocês mesmo admitiram que ele foi provocado.

— Isso mesmo, mas…

— *Não*, maldição! *Ele fica!*

O guarda estava aflito.

— Veja, vamos levá-lo, senhor. Sinto muito. Mas vamos. E se você não apresentá-lo, vamos procurá-los nós mesmos. — O policial olhou para o parceiro e disse: — Venha. Vamos, Frank. — Juntos, os dois foram em direção à saída.

O psiquiatra encostou as costas na porta.

— Escutem, pensem nas chances — disse, friamente. — Todos os homens nesta sala são especialistas em caratê.

Por um instante fugaz, Krebs pareceu surpreso.

— Vão em frente — desafiou Hudson Kane os guardas. — Tentem levá-lo. E estas serão as manchetes de amanhã cedo: "Guardas Rodoviários Atiram em Oficiais Fuzileiros!" E, um aviso, rapazes: é melhor atirarem para matar!

Por um momento, os guardas pareceram indecisos. O mais alto avançou na direção de Kane, parou de repente, olhou para o parceiro e foi até o telefone sobre a mesa com uma expressão sutil e inarticulada de desgosto. Irritado, tirou o fone do gancho, olhou feio para Kane e rosnou:

— Posso usar seu telefone?

— Claro, vá em frente.

O policial rodoviário mudou de ideia. E desligou. — Podemos falar com o outro? — perguntou.

— Está falando de Cutshaw?

— Isso. Só nos deixe falar com ele.

— Vocês prometem não aprontar nada?

— Prometemos, senhor, nada — respondeu o guarda, com uma expressão sombria. — Não dá para aprontar nada com um homicídio quádruplo.

* * *

QUANDO O GRUPO SAIU DA CLÍNICA, os internos curiosos se juntaram ao redor deles.

— Que diabos está acontecendo? — quis saber Bennish.

— Por que os policiais estão aqui? — perguntou Fairbanks.

— É por causa do Fell — comentou Reno, em tom de astúcia. — Quinhentas multas por estacionar em local proibido.

— Não tem nada de errado — informou o psiquiatra. — Nada. Foi um erro. Agora, onde está Cutshaw? — perguntou. — Alguém o viu? — Ninguém. — Krebs, procure no dormitório — ordenou. — E, Christian, vá ver se ele está com…

— Meu Deus! — exclamou Groper.

Estava olhando por sobre o ombro do psiquiatra. Hudson Kane virou para ver e a rapidez da perda o deixou sem fôlego. Cutshaw estava saindo do quarto carregando Vincent Kane nos braços. Lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto. Ele parou na balaustrada.

— Ele está morto — disse o astronauta, chorando. — Ele se matou. — Seus olhos marejados olharam para baixo, e ele envolveu o rosto do homem em seus braços. Cutshaw balançou a cabeça. — Ele desistiu da vida.

TREZE

Os pinheiros e os abetos que cercavam a mansão revelaram com um lampejo as asas dos pássaros que refletiram os raios do pôr do sol de abril. Um carro oficial da Marinha entrou no pátio deserto e parou diante da casa. Um cabo surgiu de repente do banco do motorista e abriu a porta do passageiro. Cutshaw saiu do carro. Estava usando a farda azul dos fuzileiros e a insígnia de major. Fazia quase três anos desde a morte de Kane.

Cutshaw respirou fundo e olhou em volta. O ar estava doce. Quando olhou para o pátio, a ternura tomou conta de seu rosto, e lembranças o invadiram, vozes sussurrando, ecoando, sumindo. Por um instante, ele fechou os olhos.

— O mestre mandou… O mestre mandou…

O cabo ficou observando, surpreso, confuso, enquanto Cutshaw balançou a cabeça, com um sorrisinho triste. Então abriu os olhos e, com gentileza, deu uma ordem para o homem:

— Espere aqui.

Cutshaw foi até a entrada da mansão. A porta estava fechada. O cabo ficou observando enquanto ele olhava em volta e tentava as janelas. Uma delas estava aberta, e Cutshaw entrou, sumindo de vista.

Em menos de um mês depois da morte de Kane, o centro foi desativado. Doze dos internos foram transferidos para outros hospitais e outras clínicas quando o Projeto Freud foi declarado desativado, mas, de repente, os remanescentes do Centro Dezoito pareciam ter sido restaurados a uma relativa normalidade. Quer tenham simplesmente abandonado o fingimento, quer, de fato, tenham recuperado a saúde mental com o choque da morte de Kane, ninguém se deu ao trabalho de especular, nem mesmo

Hudson Kane, que suspeitava que a teoria de Hamlet sobre a doença deles provavelmente estivesse certa. Com uma exceção — Cutshaw — o psiquiatra escreveu relatórios atestando cada um dos homens que voltaram a si como “irremediavelmente incapacitados para serviço militar futuro” e recomendando sua despensa “com honras”. Ele não mandaria esses homens de volta ao combate. Por Vincent.

* * *

CUTSHAW OLHOU AO REDOR DO HALL principal vazio. Ele não havia sido restaurado. Buracos grandes ainda adornavam o gesso das paredes e do teto, exatamente como Gomez os deixara. Um sorriso caloroso e triste surgiu no rosto de Cutshaw. Quando olhou para a escadaria curva que levava ao andar superior, seus olhos se encheram de melancolia e seriedade. Por muitos momentos, ele não se mexeu. Então foi até a escada e subiu os degraus lentamente até o andar superior. No topo da escada, ele hesitou, continuou até a porta do quarto de Kane e parou. Tirou o quepe e, por um tempo, ficou em silêncio parado diante da porta, de cabeça baixa. De repente, um impulso o fez bater na porta. E foi o que fez, com muito cuidado e gentileza, quatro vezes. Em seguida, entrou no quarto. Ficou ali parado, na entrada, por mais um instante, lembrando, sentindo, sorvendo. Seu olhar capturou a janela, e Cutshaw foi até onde a cadeira estivera.

O astronauta olhou para baixo, procurando a mancha da poça de sangue que havia escorrido da ferida grande e profunda no estômago de Kane. Mas não viu nada ali. Uma morte coberta com cera para piso e polimento.

Cutshaw procurou e sacou de seu bolso um envelope amassado. Seu nome estava escrito na parte da frente. Groper o encontrara sobre uma escrivaninha no quarto, na manhã do dia seguinte à morte de Kane. O astronauta tirou a carta do coronel de dentro do envelope. A desdobrou com cuidado. Fora escrita em uma folha de caderno; as linhas azul-claras estavam desbotadas. O astronauta ficou maravilhado mais uma vez com a firmeza da mão que produziu

a caligrafia firme e bela, a escrita graciosa que tinha o floreio de um convite de casamento.

“Para o capitão Cutshaw”, a carta começava. “Pensei bastante sobre um de seus problemas, aquele no qual você questionava por que Deus não dá fim à confusão sincera do homem quanto ao que Ele espera que seja feito, simplesmente aparecendo e se pronunciando de modo inequívoco. E se um homem usando vestes brilhantes aparecesse amanhã pairando no ar sobre uma cidade grande e declarasse para todos que fora enviado por Deus e, como prova de sua afirmação, realizasse qualquer milagre que lhe fosse solicitado? E imagine que fosse pedido a ele que fizesse o sol desenhar a forma do oito no céu por precisamente 26 minutos, começando ao meio-dia do dia seguinte. E imagine que ele fizesse exatamente isso. Acreditaríamos nele? Bem, acho que por um tempo todos acreditariam, todos os que tivessem visto o que ele fizera. Mas, depois de mais ou menos uma semana, temo que só aqueles de boa vontade continuariam a acreditar. Todos os outros falariam em autossugestão, histeria coletiva, hipnose coletiva, coincidência, forças desconhecidas e coisas assim. Não é o que vemos no céu que ajuda, é o que está no coração: uma esperança, uma boa vontade. Espero que isso ajude você.” A carta continuava com um tom corriqueiro: “Estou dando fim à minha vida na esperança de que minha morte proporcione um choque de valor curativo. Em todo caso, agora você tem um exemplo. Se eu o machuquei em algum momento, peço desculpas. Sempre tive afeto por você. Sei que algum dia vou vê-lo de novo.”

Ele assinara como “Vincent Kane”.

Cutshaw olhou pela janela. Um brilho castanho-avermelhado ateara fogo ao céu e banhara as árvores com uma gloria tremulante. Cutshaw ficou olhando maravilhado e reverente.

Cutshaw estava voltando para a entrada da mansão quando seus olhos flagraram a entrada do antigo escritório de Kane. Por um instante, ele hesitou; em seguida, entrou, colocou a mão na maçaneta e escancarou a porta com tanta força que ela bateu contra a parede e balançou o gesso do teto. Parou onde a mesa ficava e disse em voz baixa:

— Posso ir?

O cabo estava encostado no carro quando ouviu a pancada vinda de dentro da mansão e ficou alerta. Cutshaw atravessou pela porta e a fechou. Foi até ao carro e virou para uma última olhada. O cabo seguiu seu olhar.

— Ouvi histórias sobre esse lugar, senhor — comentou. — Um psiquiatra melhor que a encomenda… um assassino.

Cutshaw olhou o homem nos olhos e disse:

— Ele era um cordeiro.

O astronauta entrou no carro. Quando passaram pelo velho portão da guarda, o cabo pigarreou.

— Se o senhor não se importa em falar disso… — começou a falar. — Acho que todo mundo deve lhe perguntar isso…

Cutshaw o encarou pelo retrovisor.

— O quê? — perguntou com calma.

— Bem, como é, de fato, estar lá na lua, senhor? Quero dizer... qual é a sensação?

Por um instante, Cutshaw não respondeu. Em seguida, olhou pela janela e sorriu.

— Depende de quem está com você — respondeu. Então ele suspirou, tirou o quepe, recostou a cabeça no assento e fechou os olhos. Em pouco tempo, estava dormindo.

* * *

FAIRBANKS VOLTOU A MORAR COM OS PAIS EM PLAINVILLE, no Kansas, onde ajudava no armazém e então assumiu os negócios quando o pai morreu, muitos meses depois. Ele se estabeleceu pacificamente, cuidando da mãe viúva e das duas irmãs mais novas, com dez e 13 anos. Costumava sentar-se na varanda e ler notícias sobre o Vietnã.

Reno, cuja família era muito abastada, voltou para Nova York e tentou uma carreira de ator sem sucesso. Então, começou praticar “patinação artística séria” todo dia, no ringue do Central Park. Enquanto patinava um dia, conheceu uma jovem enfermeira que trabalhava na ala de câncer do Fordham Hospital.

— Isto é como *O retrato de Jennie* — disse a ela. — Não cresça ou estamos perdidos. — Ela riu, os dois namoraram e, depois de um

breve cortejo, se casaram. Os pais de Reno foram fortemente contra: a garota, Maria, era porto-riquenha, uma cria da periferia. Reno estava trabalhando em uma peça, e o casal vivia do salário dela. Os pais dele não ajudavam. No fim das contas, Maria gastava boa parte de seu pagamento em presentes para os pacientes da ala: todos eles eram crianças que não tinham pais. Reno achava isso maravilhoso. Um dia, a mãe dele viu Reno e Maria na calçada procurando guimbas, que abriam para enrolar seus próprios cigarros. Ela havia acabado de sair da Bergdorf Goodman e fingiu não vê-los. Depois disso, os pais começaram a ajudar.

Fromme apenas vagou sem rumo por um tempo, dormindo até tarde enquanto a esposa, uma caixa de cassino em Las Vegas, era a única fonte de sustento, exceto sua aposentadoria por invalidez. À noite, ele acordava com um grito, sem conseguir lembrar o que o assustara nos sonhos. A esposa se divorciou dele e se casou com um vendedor de ar-condicionado. Fromme começou a trabalhar como crupiê de um dos maiores cassinos da cidade. Ele era muito criticado por ser simpático demais com os jogadores.

Um ano depois da dispensa, tanto Nammack quanto Gomez tentaram se realistar, mas foram rejeitados. Agora Nammack trabalhava em um bar na ilha de Maui, no Havaí. Gomez tinha voltado para a vida de civil e descobriu que sua noiva havia se casado. À noite da rejeição do realistamento, Gomez ficou profundamente bêbado e violento, e atirou no marido da ex-namorada na entrada da casa deles com sua ponto 45 de serviço. Agora aguardava seu julgamento.

Bennish era diretor de relações públicas de uma universidade de Los Angeles e levava uma vida tranquila em San Fernando Valley com a esposa e o filho, que era muito precoce.

Krebs voltou para a equipe de neurologia do Sepulveda Veterans Hospital, onde trabalhou por muitos anos até ser transferido para o centro. Christian se casou e deixou o serviço militar. Groper pediu para ser enviado à guerra. E conseguiu. Em 10 de novembro de 1969, foi morto em combate. Ele deliberadamente se jogou na frente de uma granada sem pino para impedi-la de matar dois soldados jovens que estavam parados ali perto em estado de choque. Recebeu uma Medalha de Honra ao Mérito do Congresso, entregue

à sua mãe, em Pulaski, Nova York. Ela guardou a medalha em uma caixa com as cartas de Groper.

Publisher
Kaíke Nanne

Editora executiva
Carolina Chagas

Editora de aquisição
Renata Sturm

Coordenação de produção
Thalita Aragão Ramalho

Produção editorial
Jaciara Lima

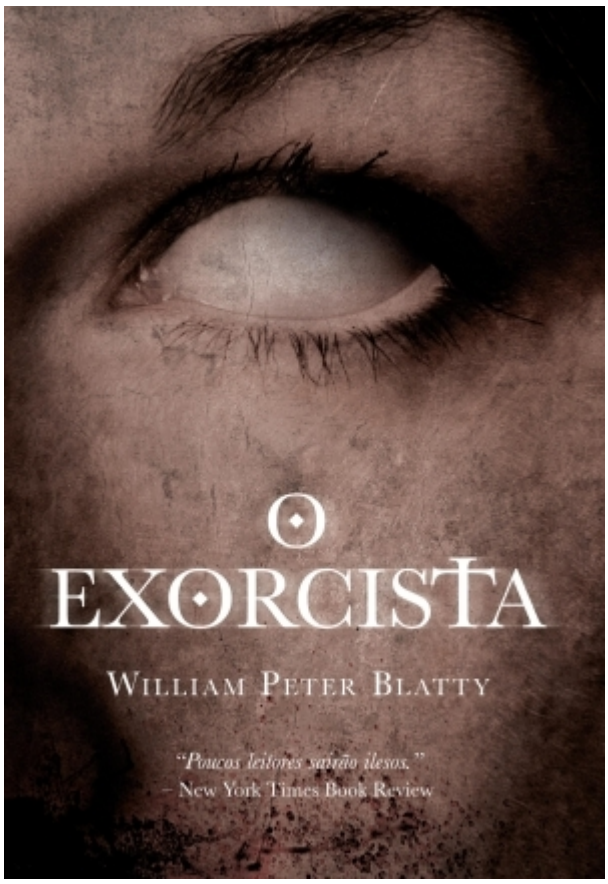
Copidesque
Rafael Surgek

Revisão
Daniel Borges
Daniel Pinton Schilklaper

Produção de eBook
Caio Fidry

Diagramação
Filigrana

Capa
Maquinaria Studio


O
EXORCISTA
WILLIAM PETER BLATTY
"Poucos leitores sairão ilesos."
– New York Times Book Review

O exorcista

Blatty, William Peter
9788522015443
336 páginas

Compre agora e leia

Quatro décadas após chocar o mundo inteiro, a obra-prima de terror de William Peter Blatty permanece uma metáfora moderna do combate entre a fé e o profano na forma de um dos romances mais macabros já escritos. Edição comemorativa aos 40 anos do livro em 2012 e 40 do filme em 2013. O livro apresenta um capítulo inédito."Uma história incrível... intensa, forte e completamente viciante, uma combinação hipnótica de lição de moral e história de investigação sobrenatural. Uma parábola de nossos tempos, uma conquista surpreendente." — The London Sunday Express"Poucos leitores não se deixarão afetar. Bem-escrito, O exorcista está para a maioria das histórias do tipo, como uma equação de Einstein está para as planilhas de um contador." — New York Times Book Review"Um livro que não dá para parar de ler. Poe e Mary Shelley reconheceriam [Blatty] como integrante do limbo ambíguo entre o natural e o sobrenatural... De arrepiar." — LifeO mal toma várias formas. E a literatura e o cinema parecem se desafiar a criar inúmeras personificações desse mal. Seja com monstros, formas deformadas de nós mesmos, ou demônios, a indústria do entretenimento sempre foi bem-sucedida em representar a essência do nosso lado mais reprovável. O exorcista, no entanto, conseguiu

ultrapassar esse limite.Inspirado em uma matéria sobre o exorcismo de um garoto de 14 anos, o escritor William Peter Blatty publicou em 1971 a perturbadora história de Chris MacNeil, uma atriz e mãe que está filmando em Georgetown e sofre com as inesperadas mudanças de comportamento de sua filha de 11 anos, Regan. Quando a ciência não consegue descobrir o que há de errado com a menina e uma nova personalidade demoníaca parece vir à tona, Chris busca a ajuda da Igreja no que parece ser um raro caso de possessão demoníaca. Cabe a Damien Karras, um padre da universidade de Georgetown, salvar a alma de Regan, enquanto tenta restabelecer sua fé, abalada desde a morte de sua mãe.

Compre agora e leia


AGIR
NOW
calafrio
maggie stiefvater
O primeiro volume da série
Os lobos de Mercy Falls

Calafrio

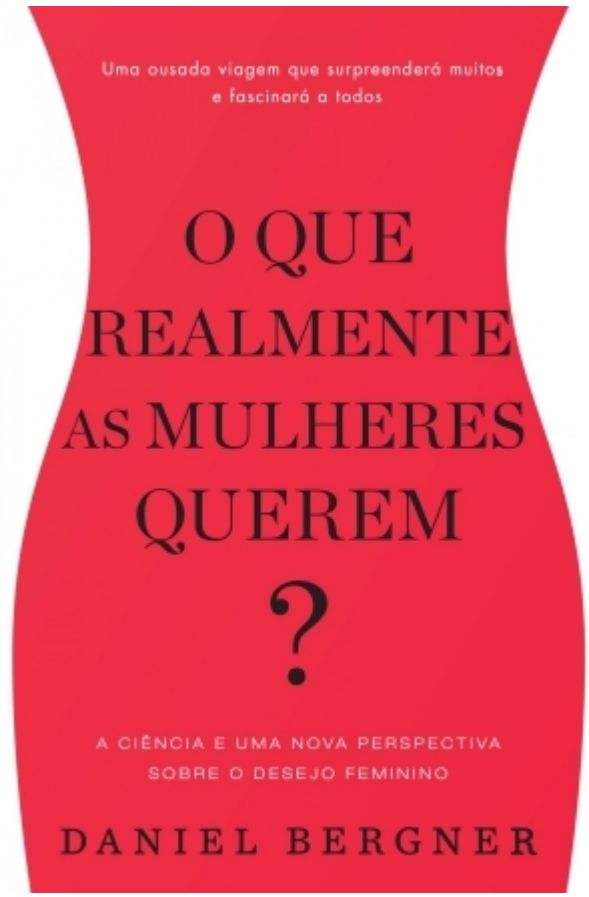
Stiefvater, Maggie
9788522029600
344 páginas

Compre agora e leia

"Se você é fã de Crepúsculo, vai amar Calafrio." — The ObserverBEST-SELLER DO NEW YORK TIMESO frio.Grace passou anos observando os lobos no bosque próximo à sua casa. Um deles, um belo lobo de olhos amarelos, a observa também. Ele parece familiar, mas ela não sabe por quê.O calor.Sam vive duas vidas. Como lobo, ele é um companheiro silencioso da garota que ama. E, por um curto período a cada ano, ele é humano, embora nunca tenha coragem suficiente para falar com Grace… até agora.O calafrio.Para Grace e Sam, o amor sempre foi mantido a distância. Mas, uma vez revelado, não pode ser negado. Sam precisa lutar para continuar humano, e Grace precisa lutar para ficar ao seu lado — mesmo que isso signifique enfrentar os traumas do passado, a fragilidade do presente e as impossibilidades do futuro.Grace Brisbane tem 17 anos e os mesmos desejos e inseguranças das outras meninas de sua idade. Entrar na faculdade é uma de suas preocupações, mas ultimamente ela anda dispersa durante as aulas na escola de Mercy Falls, perdida num mundo só seu.Há seis anos, ela foi levada por um bando de lobos que vive num bosque vizinho à sua casa. Em meio a uma paisagem congelada e sombria, um lobo de profundos olhos amarelos, deslumbrado por sua beleza, a salvou

do ataque. Desde então, Grace nunca conseguiu esquecer aqueles olhos. Fascinada por esses animais, todo ano ela espera ansiosamente pela chegada do inverno para reencontrar o "seu lobo", com quem trava um diálogo silencioso.Os anos se passam, e quando um rapaz da escola de Grace é assassinado por uma matilha, a cidade inteira se mobiliza para caçar os lobos. Homens armados entram na floresta, e Grace não consegue impedir que eles atirem. Agora era tarde demais, pensou. No entanto, no silêncio do crepúsculo, ao voltar para casa, depara-se com um garoto nu, caído na soleira de casa. Ao fitar seus olhos brilhantes, ela não tem dúvida de que está diante de seu lobo em forma humana.

Compre agora e leia


Uma ousada viagem que surpreenderá muitos
e fascinará a todos
O QUE
REALMENTE
AS MULHERES
QUEREM
?
A CIÊNCIA E UMA NOVA PERSPECTIVA
SOBRE O DESEJO FEMININO
DANIEL BERGNER

O que realmente as mulheres querem

Bergner, Daniel
9788522015788
176 páginas

Compre agora e leia

"Tudo o que você queria saber sobre sexo, mas não sabia como perguntar. Daniel Bergner derruba mitos de longa data sobre mulheres e sexo, a natureza da atração e os tabus e as fantasias sobre a monogamia feminina."New York Post"O que realmente as mulheres querem? acrescenta vapor e explosivos no debate mundial sobre o que significa ser uma mulher hoje em dia." Vogue"Acessíveis e informativas, as páginas deste livro farão com que os leitores questionem algumas de suas crenças mais arraigadas sobre as mulheres, os homens, a sociedade e o sexo."Publishers Weekly"Bergner estabelece a história dessa lavagem cerebral e, em seguida, a desmascara em seu divertido novo livro. Ele recapitula estudos engenhosos que sondam nossos desejos, incluindo aqueles que negamos ou escondemos de nós mesmos."ElleO aclamado jornalista Daniel Bergner divulga as últimas pesquisas científicas e pinta um retrato inédito do desejo feminino: as fantasias, a conexão entre mente e corpo (e a desconexão), as razões por trás da perda da libido e, o mais revelador, a confirmação de que esta perda não é inevitável. Esclarecedor, O que realmente as mulheres querem? é uma

investigação jornalística profunda da história que irá estimular debates e discussões sobre o desejo feminino nos próximos anos.

Compre agora e leia


Renato
O filho da revolução
RUSSO
Carlos Marcelo
COM ENSAIO INÉDITO SOBRE A MÚSICA
FAROESTE CABOCLO
EDIÇÃO ESPECIAL

Renato Russo

Marcelo, Carlos
9788522011681
440 páginas

Compre agora e leia

A música e o trabalho de Renato Russo estão enraizados na minha memória. A minha relação com eles começou bem cedo, pois a minha mãe sempre foi uma fã apaixonada da Legião Urbana. Cresci ouvindo Renato Russo na minha casa.Fiquei muito feliz em ser escolhida, depois de uma dura disputa, para encarnar a Maria Lúcia, em Faroeste caboclo. Faço a minha estreia no cinema realizando um grande desejo: encontrar um desafio e me sentir pronta e com energia para enfrentá-lo. Cheguei a ele: dar vida a essa menina tão cheia de conflitos e causas.Muita gente me pergunta: por que as pessoas devem assistir ao filme Faroeste caboclo. A música faz parte de uma geração inteira. É uma história que ocorre em meio à ditadura militar, mostrando a reação dos jovens àquilo tudo. E não posso deixar de destacar os personagens complexos criados pelo Renato. Quem não tem a curiosidade de saber como a Maria Lúcia, o João e o Jeremias eram, como eram suas vidas, seus hábitos? E por que "Maria Lúcia com Jeremias se casou"? É claro que no cinema o mecanismo é diferente, mas acredito que deu certo, e a Maria Lúcia passou a existir na sua forma completa, assim como o João e o Jeremias.Viva Renato Russo! Isis Valverde, abril de 2013.Nenhum homem vive solto no tempo e no espaço. Muito

menos o gênio paira acima das coisas terrenas. Embora tenha nascido no Rio de Janeiro, Renato Manfredini Jr. tornou-se Renato Russo num tempo e num espaço precisos, de meados da década de 1970 a meados da década de 1980, em Brasília. O líder da Legião Urbana, conjunto de rock mais popular da história do país, não poderia ter emergido de outro momento ou lugar.Jornalista em Brasília, como Renato foi um dia, Carlos Marcelo rastreia a energia criadora do ídolo pela cidade. Com finíssimo texto e colossal apuração, ele reconstrói a Brasília da Turma da Colina. Que cidade linda, tediosa e insurgente.

Compre agora e leia


RODRIGO TRESPACH
HISTÓRIAS
NÃO (OU MAL) CONTADAS
• SEGUNDA GUERRA MUNDIAL 1939-1945 •
Harper Collins

Histórias não (ou mal) contadas - Segunda Guerra Mundial

Trespach, Rodrigo
9788595081079
240 páginas

Compre agora e leia

Através de um ponto de vista pouco convencional - que não segue a ordem cronológica dos fatos, não narra campanhas militares, nem tampouco almeja ser a biografia oficial de generais e de líderes políticos -, o historiador Rodrigo Trespach nos leva a conhecer um pouco mais sobre o maior conflito bélico de todos os tempos. Baseado em fontes primárias e vasta bibliografia, com uma linguagem simples, ágil e precisa, Rodrigo nos convida a conhecer a Segunda Guerra Mundial por uma perspectiva inédita: a história de personagens ocultos e menosprezados, como as minorias étnicas, os homossexuais e as mulheres. Tudo sem deixar de lado a história sobre nazistas, judeus e a vida íntima de Hitler, Churchill, Roosevelt e Stálin. Sempre destacando os fatos surpreendentes e pouco conhecidos relacionados a eles. Em Histórias não (ou mal) contadas: Segunda Guerra Mundial 1939-1945 será possível entender que não existe uma única versão a ser contada, mas diferentes narrativas alternativas. Você não pode deixar de conhecer histórias que muitos resolveram esconder.

Compre agora e leia